



TOM CLANCY

A CAÇADA AO
OUTUBRO VERMELHO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TOM CLANCY

A CAÇADA AO OUTUBRO VERMELHO

Digitalização de Carlos Lopes
Formatação de LeYtor

Europa-América

Este livro foi digitalizado e corrigido por Carlos Lopes para uso exclusivo de pessoas com deficiência visual.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Titulo original: The Hunt for Red October

Tradução de Carolina de Oliveira

Capa: Eatúdios P.E.A.

© 1874 by the United States Naval Institute

Direitos reservados por Publicações Europa-América, Lda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas ontológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA. LDA.

Apartado 8

2726 MEM MARTINS CODEX

PORTUGAL

Edição n.º 325414016

Execução técnica: Gráfica Europam, Lda., Mira-Sintra — Mem Martins

Para Ralph Chatham,
comandante de submarinos que dizia a verdade,
e para todos os homens que usam os golfinhos como insígnia.

PRIMEIRO DIA

Sexta-feira, 3 de Dezembro

O “Outubro Vermelho”

O capitão-de-mar-e-guerra Marko Ramius, da Marinha soviética, estava vestido para as condições árticas habituais na base de submarinos da Esquadra do Norte, em Polyarnyy. Envolviam-no cinco camadas de lã e de oleado. Um rebocador sujo guiava a proa do seu submarino para norte, apontando-a ao canal. A doca que albergara o seu Outubro Vermelho durante dois intermináveis meses era agora uma caixa de cimento cheia de água, uma das muitas especialmente construídas para abrigar submarinos providos de mísseis estratégicos das inclemências do tempo. Na borda, marinheiros e operários do cais assistiam à saída do barco, à maneira russa, impassíveis, sem um aceno ou um aplauso.

— Marcha lenta à frente, Kamarov — ordenou.

O rebocador saiu do caminho. Ramius olhou para a popa e viu a água agitada pela força das hélices gémeas de bronze. O comandante do rebocador acenou-lhe. Ramius retribuiu-lhe o gesto. O rebocador fizera um trabalho simples, mas depressa e bem. O Outubro Vermelho, um submarino da classe Typhoon, navegava autonomamente em direcção ao canal principal do Fiorde Kola.

— Lá está o Purga, comandante.

Gregoriy Kamarov apontou para o quebra-gelos que os escoltaria até ao mar. Ramius limitou-se a acenar de cabeça. As duas horas necessárias para percorrer o canal poriam à prova não a sua arte de marinharia, mas a sua resistência. Soprava um vento frio do norte, a única espécie de vento norte naquela parte do mundo. O fim do Outono fora surpreendentemente ameno e quase não tinha caído neve numa área que a conhecia com altura de metros; porém, uma semana antes, uma violenta tempestade devastara a costa de Murmansk, soltando blocos de gelo ártico. O quebra-gelos não era, pois, uma formalidade. O Purga afastaria os blocos que, de noite, pudessem ter sido arrastados para o canal. O mais aperfeiçoado submarino nuclear da Marinha soviética não podia correr o risco de ser danificado por qualquer massa errante de água congelada.

As águas do fiorde estavam agitadas, batidas pelo vento agreste. Começaram a lambar a proa esférica do Outubro, envolvendo-a, escorrendo pela coberta plana dos mísseis à frente da altaneira torre negra. A água apresentava-se coberta do óleo sujo de inúmeras embarcações, sujidade que não se evaporava devido às temperaturas baixas, a qual deixava um anel preto nas paredes rochosas do fiorde como sinal do banho de um gigante pouco asseado. Comparação bastante a propósito, pensou Ramius. O gigante soviético pouco se importava com o lixo que deixava na face da Terra, resmungou consigo. Aprendera a arte de marear na juventude, em barcos de pesca costeiros, e sabia o que era estar de bem com a natureza.

— Aumentar a velocidade para um terço — disse.

Kamarov repetiu a ordem do seu comandante pelo telefone da ponte. A água agitou-se mais à proa do Outubro, na esteira do Purga. O capitão-tenente Kamarov era o navegador. Servira antes como piloto de barra para os grandes vasos de guerra fundeados nas duas margens da vasta enseada. Os dois oficiais não perdiam de vista o quebra-gelos armado, trezentos metros adiante;

as condições de navegabilidade exigiam atenção. Na coberta da popa do Purga um punhado de tripulantes deambulava ao frio, um deles usando o avental branco de cozinheiro. Queriam testemunhar a partida do Outubro Vermelho para o seu primeiro cruzeiro operacional e aproveitavam também o pretexto, como outro qualquer, para quebrar a monotonia, inimiga dos marinheiros.

Noutra altura, o facto de lhe escoltarem o submarino — o canal era amplo e profundo, ali — teria irritado Ramius; naquele dia, não. O gelo era realmente motivo de preocupação. E para Ramius não era o único.

— Então, meu comandante, lá vamos outra vez para o mar, servir e proteger a Rodina!

O capitão Ivan Yurievich Putin meteu a cabeça pela escotilha — sem permissão, como de costume — e subiu a escada desajeitadamente — não era um marinheiro. O pequeno centro de controle estava já apinhado com o comandante, o navegador e um vigia silencioso. Putin era o zampolit (comissário político) do barco. Dedicava-se exclusivamente a servir a Rodina (Mãe-Pátria), palavra que possuía conotações místicas para um russo e que, juntamente com V. I. Lenin, era o substituto da divindade inventado pelo Partido Comunista.

— Pois vamos, Ivan — respondeu Ramius mais bem-disposto do que realmente estava. — Duas semanas no mar. É bom deixar o cais. Um marinheiro pertence ao mar, não foi feito para estar atracado, a aturar burocratas e operários de botas sujas. E estaremos mais quentes.

— Acha isto frio? — perguntou Putin, incrédulo.

Pela centésima vez, Ramius disse a si próprio que Putin era o perfeito comissário político. Falava sempre demasiado alto, o seu humor era sempre demasiado afectado. Nunca permitia a ninguém que esquecesse quem ele era. Perfeito comissário político. Putin era um homem facilmente temível.

— Navego em submarinos há muito tempo, meu amigo. Habituei-me a temperaturas moderadas e a uma coberta estável debaixo dos pés.

Putin não se apercebeu do insulto velado. Fora colocado nos submarinos após uma primeira comissão nos contratorpedeiros, interrompida por um enjoo crónico — e talvez porque ele não se ressentia da reclusão nos submarinos, coisa que muitos homens não suportavam.

— Ah, Marko Aleksandrovich, em Gorkiy, num dia como este, as flores abrem-se!

— E que flores serão essas, camarada comissário político? Ramius examinou o fiorde pelo binóculo. Ao meio-dia, o Sol mal cavalgava o horizonte a sudeste, lançando luz laranja e sombra púrpura pelas paredes rochosas.

— Flores da neve, evidentemente — disse Putin, rindo alto. — Num dia como este, os rostos das crianças e das mulheres ficam muito rosados, a gente respira e o bafo parece uma nuvem, e o vodca sabe particularmente bem. Ah! Quem me dera estar em Gorkiy num dia assim!

O patife devia trabalhar para o Intourist, disse Ramius consigo, se Gorkiy não fosse uma cidade fechada a estrangeiros. Já lá estivera duas vezes. Vira-a como uma típica cidade soviética, cheia de edifícios periclitantes, ruas sujas e cidadãos mal vestidos. Como na maior parte das cidades russas, o Inverno era a melhor estação em Gorkiy. A neve escondia o lixo todo. Ramius, meio lituano, possuía recordações de infância de melhores sítios, uma aldeia costeira cuja origem hanseática persistia em conjuntos de casas apresentáveis.

Era raro que alguém não sendo grande-russo andasse a bordo — muito menos comandasse um vaso soviético. O pai de Marko, Aleksandr Ramius, fora herói do Partido, um comunista dedicado e convicto que servira Estaline fielmente e bem. Quando os soviéticos tinham ocupado pela primeira vez a Lituânia, em 1940, Ramius fora eficiente na repressão dos dissidentes políticos, dos proprietários de lojas, dos sacerdotes e de quem quer que pudesse resistir ao novo

regime. Da sorte que lhes fora reservada nem Moscou fazia agora ideia. Quando os alemães invadiram a Lituânia, um ano mais tarde, Aleksandr lutara heroicamente como comissário político e distinguira-se, depois, na batalha de Leninegrado. Em 1944, tinha regressado como ponta-de-lança do Décimo Primeiro Exército para fazer uma vingança sangrenta sobre os que haviam colaborado com os alemães ou disso eram suspeitos. O pai de Marko fora um verdadeiro herói soviético — e Marko sentia uma profunda vergonha de ser seu filho. A saúde da mãe soçobrara durante o interminável cerco de Leninegrado. Morrera ao dá-lo à luz e, por isso, Marko tinha sido criado pela avó paterna, na Lituânia, enquanto o pai se pavoneava no Comité Central do Partido, em Vilnius, aguardando a sua promoção para Moscou. Conseguira-a, também, e era candidato a membro do Politburo quando um ataque cardíaco lhe pusera termo à vida, prematuramente.

A vergonha de Marko não era total. A proeminência do pai possibilitara os seus objectivos presentes e Marko planeava vingar-se da União Soviética o suficiente, talvez, para satisfazer os milhares de compatriotas seus que tinham morrido ainda antes de ele ter vindo ao mundo.

— Para onde vamos, Ivan Yurievich, ainda faz mais frio.

Putín bateu no ombro do seu comandante. Seria um afecto fingido ou real? Marko não saberia dizê-lo. Real, provavelmente. Ramius era um homem honesto e reconhecia que aquele pateta baixinho e barulhento possuía alguns sentimentos humanos.

— Não percebo, camarada comandante, por que motivo parece sempre feliz quando deixa a Rodina e vai para o mar...

Ramius sorriu por trás do binóculo.

— Um marinheiro tem uma pátria, Ivan Yurievich, mas duas esposas. Você nunca compreenderá isso. Agora vou para a minha outra esposa, a fria e cruel que é dona da minha alma. — meno e quase não tinha caído neve numa área que a conhecia com altura de metros; porém, uma semana antes, uma violenta tempestade devastara a costa de Murmansk, soltando blocos de gelo ártico. O quebra-gelos não era, pois, uma formalidade. O Purga afastaria os blocos que, de noite, pudessem ter sido arrastados para o canal. O mais aperfeiçoado submarino nuclear da Marinha soviética não podia correr o risco de ser danificado por qualquer massa errante de água congelada.

As águas do fiorde estavam agitadas, batidas pelo vento agreste. Começaram a lamber a proa esférica do Outubro, envolvendo-a, escorrendo pela coberta plana dos mísseis à frente da altaneira torre negra. A água apresentava-se coberta do óleo sujo de inúmeras embarcações, sujidade que não se evaporava devido às temperaturas baixas, a qual deixava um anel preto nas paredes rochosas do fiorde como sinal do banho de um gigante pouco asseado. Comparação bastante a propósito, pensou Ramius. O gigante soviético pouco se importava com o lixo que deixava na face da Terra, resmungou consigo. Aprendera a arte de marear na juventude, em barcos de pesca costeiros, e sabia o que era estar de bem com a natureza.

— Aumentar a velocidade para um terço — disse.

Kamarov repetiu a ordem do seu comandante pelo telefone da ponte. A água agitou-se mais à proa do Outubro, na esteira do Purga. O capitão-tenente Kamarov era o navegador. Servira antes como piloto de barra para os grandes vasos de guerra fundeados nas duas margens da vasta enseada. Os dois oficiais não perdiam de vista o quebra-gelos armado, trezentos metros adiante; as condições de navegabilidade exigiam atenção. Na coberta da popa do Purga um punhado de tripulantes deambulava ao frio, um deles usando o avental branco de cozinheiro. Queriam testemunhar a partida do Outubro Vermelho para o seu primeiro cruzeiro operacional e aproveitavam também o pretexto, como outro qualquer, para quebrar a monotonia, inimiga dos

marinheiros.

Noutra altura, o facto de lhe escoltarem o submarino — o canal era amplo e profundo, ali — teria irritado Ramius; naquele dia, não. O gelo era realmente motivo de preocupação. E para Ramius não era o único.

— Então, meu comandante, lá vamos outra vez para o mar, servir e proteger a Rodina!

O capitão Ivan Yurievich Putin meteu a cabeça pela escotilha — sem permissão, como de costume — e subiu a escada desajeitadamente — não era um marinheiro. O pequeno centro de controle estava já apinhado com o comandante, o navegador e um vigia silencioso. Putin era o zampolit (comissário político) do barco. Dedicava-se exclusivamente a servir a Rodina (Mãe-Pátria), palavra que possuía conotações místicas para um russo e que, juntamente com V. I. Lenin, era o substituto da divindade inventado pelo Partido Comunista.

— Pois vamos, Ivan — respondeu Ramius mais bem-disposto do que realmente estava. — Duas semanas no mar. É bom deixar o cais. Um marinheiro pertence ao mar, não foi feito para estar atracado, a aturar burocratas e operários de botas sujas. E estaremos mais quentes.

— Acha isto frio? — perguntou Putin, incrédulo.

Pela centésima vez, Ramius disse a si próprio que Putin era o perfeito comissário político. Falava sempre demasiado alto, o seu humor era sempre demasiado afectado. Nunca permitia a ninguém que esquecesse quem ele era. Perfeito comissário político. Putin era um homem facilmente temível.

— Navego em submarinos há muito tempo, meu amigo. Habituei-me a temperaturas moderadas e a uma coberta estável debaixo dos pés.

Putin não se apercebeu do insulto velado. Fora colocado nos submarinos após uma primeira comissão nos contratorpedeiros, interrompida por um enjoo crónico — e talvez porque ele não se ressentia da reclusão nos submarinos, coisa que muitos homens não suportavam.

— Ah, Marko Aleksandrovich, em Gorkiy, num dia como este, as flores abrem-se!

— E que flores serão essas, camarada comissário político? Ramius examinou o fiorde pelo binóculo. Ao meio-dia, o Sol mal cavalgava o horizonte a sudeste, lançando luz laranja e sombra púrpura pelas paredes rochosas.

— Flores da neve, evidentemente — disse Putin, rindo alto. — Num dia como este, os rostos das crianças e das mulheres ficam muito rosados, a gente respira e o bafo parece uma nuvem, e o vodka sabe particularmente bem. Ah! Quem me dera estar em Gorkiy num dia assim!

O patife devia trabalhar para o Intourist, disse Ramius consigo, se Gorkiy não fosse uma cidade fechada a estrangeiros. Já lá estivera duas vezes. Vira-a como uma típica cidade soviética, cheia de edifícios periclitantes, ruas sujas e cidadãos mal vestidos. Como na maior parte das cidades russas, o Inverno era a melhor estação em Gorkiy. A neve escondia o lixo todo. Ramius, meio lituano, possuía recordações de infância de melhores sítios, uma aldeia costeira cuja origem hanseática persistia em conjuntos de casas apresentáveis.

Era raro que alguém não sendo grande-russo andasse a bordo — muito menos comandasse um vaso soviético. O pai de Marko, Aleksandr Ramius, fora herói do Partido, um comunista dedicado e convicto que servira Estaline fielmente e bem. Quando os soviéticos tinham ocupado pela primeira vez a Lituânia, em 1940, Ramius fora eficiente na repressão dos dissidentes políticos, dos proprietários de lojas, dos sacerdotes e de quem quer que pudesse resistir ao novo regime. Da sorte que lhes fora reservada nem Moscou fazia agora ideia. Quando os alemães invadiram a Lituânia, um ano mais tarde, Aleksandr lutara heroicamente como comissário político e distinguira-se, depois, na batalha de Leninegrado. Em 1944, tinha regressado como ponta-de-lança do Décimo Primeiro Exército para fazer uma vingança sangrenta sobre os que

havia colaborado com os alemães ou disso eram suspeitos. O pai de Marko fora um verdadeiro herói soviético — e Marko sentia uma profunda vergonha de ser seu filho. A saúde da mãe soçobrava durante o interminável cerco de Leninegrado. Morrera ao dá-lo à luz e, por isso, Marko tinha sido criado pela avó paterna, na Lituânia, enquanto o pai se pavoneava no Comité Central do Partido, em Vilnius, aguardando a sua promoção para Moscou. Conseguira-a, também, e era candidato a membro do Politburo quando um ataque cardíaco lhe pusera termo à vida, prematuramente.

A vergonha de Marko não era total. A proeminência do pai possibilitara os seus objectivos presentes e Marko planeava vingar-se da União Soviética o suficiente, talvez, para satisfazer os milhares de compatriotas seus que tinham morrido ainda antes de ele ter vindo ao mundo.

— Para onde vamos, Ivan Yurievich, ainda faz mais frio.

Putín bateu no ombro do seu comandante. Seria um afecto fingido ou real? Marko não saberia dizê-lo. Real, provavelmente. Ramius era um homem honesto e reconhecia que aquele pateta baixinho e barulhento possuía alguns sentimentos humanos.

— Não percebo, camarada comandante, por que motivo parece sempre feliz quando deixa a Rodina e vai para o mar...

Ramius sorriu por trás do binóculo.

— Um marinheiro tem uma pátria, Ivan Yurievich, mas duas esposas. Você nunca compreenderá isso. Agora vou para a minha outra esposa, a fria e cruel que é dona da minha alma. — Ramius interrompeu-se e o sorriso morreu-lhe nos lábios. — A minha única esposa, agora.

Putín calara-se finalmente, observou Marko. O comissário político tinha lá estado, chorara lágrimas verdadeiras quando o caixão de pinho polido desaparecera no forno crematório. Para Putin, a morte de Natalia Bogdanova Ramius fora um motivo de desgosto e, além disso, o acto de um Deus indiferente cuja existência sistematicamente negava. Para Ramius, fora um crime, cometido não por Deus, mas pelo Estado. Um crime desnecessário, monstruoso, que exigia castigo.

—Gelo— disse o vigia, apontando.

—Gelo solto, a estibordo do canal, ou talvez gelo abandonado pelo glaciador do lado oriental. Passaremos sem dificuldade — disse Kamarov.

— Comandante! — A voz, da ponte, soou metálica pelo altifalante. — Mensagem do quartel-general da esquadra.

— Leia.

—Área de exercício livre. Não há vasos inimigos nas proximidades. Execute as ordens. Assinado, Korov, comandante da esquadra.

— Está bem — disse Ramius antes de desligado o altifalante. — Então não temos por aí nenhum Amerikantsi...

— Duvida do comandante da esquadra? — perguntou Putin.

— Oxalá ele não se engane—respondeu Ramius mais sinceramente do que o seu comissário político teria apreciado. — Lembra-se das informações que nos deram, espero.

Putín mudou de posição; talvez estivesse a sentir frio.

— Esses submarinos americanos da classe 688, Ivan, os Los Angeles. Lembra-se daquilo que um dos oficiais deles contou ao nosso espião? Que eram capazes de se meter por baixo de uma baleia e de a encher de microfones antes que ela desse por isso? Pergunto a mim próprio como foi que o KGB obteve essa informação... Um esplêndido agente soviético, treinado no estilo decadente ocidental, magrizela como os imperialistas gostam das mulheres, de cabelo

louro... — O comandante resmungou, divertido. — Provavelmente, o oficial americano era um gabarola, queria imitar o nosso agente, não? E se calhar estava bêbado, como acontece com a maior parte dos marinheiros. Bom... A classe americana Los Angeles e os novos Trafalgars britânicos, desses temos de nos proteger. São uma ameaça para nós.

— Os americanos são bons técnicos, camarada comandante — disse Putin—, mas não são gigantes. A tecnologia deles não é assim tão espantosa. Nasha lutchá (A nossa é melhor) — concluiu.

Ramius concordou de cabeça, pensativo, dizendo a si próprio que os zampolits deviam realmente perceber qualquer coisa dos barcos que supervisavam, conforme instruções do partido.

— Ivan, os agricultores de Gorkiy não lhe ensinaram que é o lobo invisível que devemos temer? Mas não se preocupe excessivamente. Com este barco, dar-lhes-emos uma lição, penso.

— Como disse à Administração Política — Putin tornou a bater nas costas de Ramius—, o Outubro Vermelho não podia estar mais bem entregue!

Ramius e Kamarov sorriram ao ouvir isto. “Filho da mãe!”, pensou o comandante. A dizer na frente dos meus homens que a minha competência para comandar precisa do seu aval!

Um homem que não saberia comandar um barco de borracha num dia de Verão! Uma pena não viveres o suficiente para engolires essas palavras, camarada comissário político, e não passares o resto da vida no gulag por esse equívoco. Quase valia a pena deixar-te vivo.

Minutos mais tarde, a agitação das águas aumentou, fazendo balouçar o submarino. O movimento era acentuado por se encontrarem acima da coberta, e Putin desculpou-se e desceu. Sempre um marinheiro de água doce. Ramius partilhou, em silêncio, a observação com Kamarov, que lhe exprimiu acordo num sorriso. Este desdém mudo pelo zampolit era profundamente anti-soviético.

A hora seguinte passou rapidamente. As águas tornavam-se mais bravias à medida que se aproximavam do mar alto, e o quebra-gelos começou a chafurdar nas ondas. Ramius observava-o, interessado. Nunca andara num quebra-gelos; fizera toda a sua carreira em submarinos. Os submarinos eram mais confortáveis, mas também mais perigosos. Estava habituado ao perigo, contudo, e os anos de experiência permitiam-lhe enfrentar agora todas as situações com calma.

— Bóia à vista, comandante — disse Kamarov, apontando. A bóia vermelha, iluminada, cavalgava activamente as ondas.

— Centro de controle, qual é a profundidade? — perguntou Ramius pelo telefone da ponte.

— Cem metros abaixo da quilha, camarada comandante.

— Aumentar a velocidade para dois terços, dez graus à esquerda. — Ramius olhou Kamarov. — Avise o Purga da nossa mudança de rota. Vamos lá ver se eles não se enganam.

Kamarov estendeu a mão para a pequena luz intermitente, instalada debaixo da braçola da ponte. O Outubro Vermelho começou a acelerar a pouco e pouco, o casco de trinta mil toneladas resistindo à força dos motores. A vaga da proa transformou-se num arco permanente de três metros; as ondas assim provocadas rolavam pela coberta dos mísseis, rebentando contra a torre. O Purga virou a estibordo, deixando o submarino passar à vontade.

Ramius olhou para a popa, para as falésias do Fiorde Kola. Havia sido esculpidas, milénios atrás, pela pressão implacável de glaciares monumentais. Quantas vezes, nos seus vinte anos de serviço na Esquadra do Norte Bandeira Vermelha olhara a ampla reentrância em forma de U? Aquela seria a última. Fosse como fosse, não regressaria. Como iriam acabar as coisas? Ramius admitiu que pouco lhe importava. Talvez as histórias que a avó lhe tinha contado fossem verdadeiras, acerca de Deus e do prémio por uma vida decente. Oxalá... Seria tão bom que

Natalia não estivesse verdadeiramente morta. De uma maneira ou de outra, porém, não haveria regresso. Deixara uma carta no último saco de correio, levantado antes da partida. Não podia haver regresso.

— Kamarov, informe o Purga: “Mergulhar às... — Verificou o relógio. —... às 13 e 20! Exercício OUTUBRO GELADO começa conforme o previsto. Estão livres para outras missões que devam executar. Regressaremos no dia marcado.”

Kamarov accionou a luz intermitente a fim de passar a mensagem. O Purga respondeu de imediato, e Ramius leu sem ajuda os sinais de luzes: “SE AS BALEIAS NÃO VOS COMEREM. BOA SORTE, OUTUBRO VERMELHO!” Ramius pegou outra vez no telefone e carregou no botão de ligação ao centro de comunicações do submarino. Mandou transmitir a mesma mensagem ao comando da esquadra, em Severomorsk. Falou depois para o centro de controle.

— Profundidade abaixo da quilha?

— Cento e quarenta metros, camarada comandante.

— Preparar para mergulhar.

Mandou descer o vigia. O rapaz encaminhou-se para a escotilha. Agradava-lhe provavelmente o regresso ao calor de baixo, mas deteve-se a olhar pela última vez o céu enevoadado e as falésias a afastarem-se dos seus olhos. Partir num submarino era sempre excitante e também, sempre, um pouco triste.

— Abandonar a ponte. Tome o comando quando descer, Gregoriy. Kamarov aceitou a ordem com um gesto de cabeça e desapareceu pela escotilha, deixando o comandante sozinho.

Ramius observou pela última vez o horizonte com atenção. O Sol mal se via à popa, o céu estava cor de chumbo, o mar era negro, tirando a espuma branca das vagas. Estaria a despedir-se do mundo? Nesse caso, teria preferido dele imagem mais animadora.

Antes de descer, inspeccionou à escotilha, que fechou com um cadeado, e verificou se o mecanismo automático funcionava em condições. Desceu depois oito metros até ao casco de pressão, a seguir mais dois até ao centro de controle. Um michman (graduado) fechou a segunda escotilha e, com um vigoroso movimento rotativo, fez girar o volante do fecho, apertando-o ao máximo.

— Gregoriy? — perguntou Ramius.

— Escotilhas fechadas — disse o navegador em voz seca, apontando para o quadro de mergulho. Todos os indicadores luminosos das aberturas no casco apresentavam a cor verde; tudo em ordem. — Todos os sistemas preparados e verificados para mergulhar. Compensação accionada. Estamos prontos para mergulhar.

O comandante examinou os indicadores mecânicos, eléctricos e hidráulicos. Fez um sinal de cabeça e o michman de quarto abriu os escapes de ar.

— Mergulhar— ordenou Ramius, dirigindo-se ao periscópio para substituir Vasily Borodin, o seu starpom (imediato). Kamarov accionou o alarme de mergulhar e, no casco, ecoou o clamor metálico de um besouro.

— Inundar os tanques principais de lastro. Armar os hidroplanos de mergulho. Dez graus de inclinação para baixo — ordenou Kamarov, verificando se todos os tripulantes executavam com precisão o seu trabalho.

Ramius escutava-o, atento, mas não olhava. Kamarov era o melhor marinheiro que jamais comandara; conquistara havia muito a confiança do seu comandante.

O casco do Outubro Vermelho encheu-se com o ruído do escape de ar, quando as válvulas

no topo dos tanques de lastro foram abertas e a água começou a expulsar o ar de flutuação. Era um processo demorado, porque o submarino tinha muitos tanques destes, cada um deles rigorosamente dividido por numerosos reflectores celulares. Ramius ajustou as lentes do periscópio para olhar para baixo e viu a água escura transformar-se momentaneamente em espuma.

O Outubro Vermelho era o vaso maior e melhor que Ramius já comandara, mas tinha uma grande falha. Possuía grande força de motores e um novo sistema de propulsão que, esperava ele, confundiria os submarinos americanos... e soviéticos, mas era tão grande que se movimentava como uma baleia ferida. Subia devagar e descia mais devagar ainda.

— Profundidade? — Ramius afastou-se do instrumento, após o que pareceu longa demora.
— Baixar periscópio.

— Passamos os quarenta metros — disse Kamarov. — Estabilizar a cem metros.

Ramius observou então os seus tripulantes. O primeiro mergulho podia levar homens experientes a estremecer, e metade da sua tripulação era constituída por jovens camponeses que mal tinham concluído a instrução. O casco estalava sob a pressão da água circundante, coisa a que uma pessoa demorava a habituar-se. Alguns dos tripulantes mais jovens empalideceram, mantendo-se, porém, rigidamente firmes.

Kamarov começou a manobra de estabilização à profundidade escolhida. Ramius observava-o com o orgulho que teria sentido pelo próprio filho, vendo o tenente dar as ordens necessárias com precisão. Era o co-piloto, que Ramius recrutara. A tripulação no centro de controle respondia impecavelmente ao seu comando. Cinco minutos depois, o submarino abrandava a descida aos noventa metros e mergulhava os dez seguintes para as deter exactamente a cem.

— Muito bem, camarada tenente. O comando é seu. Reduza a velocidade para um terço. Que os homens do sonar se mantenham atentos a todos os sistemas passivos.

Ramius virou-se para deixar o centro de controle, fazendo sinal a Putin para que o seguisse. E foi assim que tudo começou.

Ramius e Putin dirigiram-se à popa, à sala de oficiais do submarino. O comandante segurou a porta para o comissário político passar e fechou-a, depois, por dentro. A sala de oficiais do Outubro Vermelho era ampla para um submarino e localizava-se logo adiante da cozinha e atrás dos camarotes dos oficiais. Tinha paredes à prova de fogo, e a porta podia ser fechada por dentro porque quem a concebera sabia que nem tudo o que os oficiais diziam se destinava a ser ouvido pelos tripulantes. Dispunha de espaço bastante para todos os oficiais do Outubro comerem ao mesmo tempo — embora pelo menos três estivessem sempre de serviço. O cofre que continha as ordens do barco guardava-se nesta sala e não no camarote do comandante, onde um homem estimulado pela solidão poderia tentar abri-lo. Possuía dois segredos. Ramius conhecia uma combinação, Putin a outra — precaução desnecessária porque Putin sabia já, sem dúvida, a missão do barco. O mesmo acontecia com Ramius, que ignorava, porém, alguns pormenores.

Putin serviu chá enquanto o comandante acertava o relógio pelo cronometro montado na antepara. Faltavam quinze minutos para que pudesse abrir o cofre. A cortesia de Putin enervava-o.

— Mais duas semanas de reclusão — disse o zampolit, mexendo o chá.

— Os americanos fazem isto durante dois meses, Ivan. Claro que os submarinos deles são muito mais confortáveis.

A despeito do seu tamanho, enorme, as acomodações para a tripulação do Outubro teriam envergonhado um carcereiro de gulag. A tripulação era constituída por quinze oficiais instalados

em camarotes razoavelmente decentes, à popa, e cem homens, cujos beliches se encaixavam em cantos e grades por toda a proa, adiante da sala dos mísseis. O tamanho do Outubro era enganador. O interior do casco duplo estava pejado de mísseis, torpedos, um reactor nuclear e equipamento de apoio, uma enorme unidade de alimentação diesel de emergência e um conjunto de baterias de níquel-cádmio fora do casco de pressão, cujo tamanho era dez vezes o do seu equivalente americano. A direcção e a manutenção do submarino constituía tarefa ingente para uma tripulação tão pequena, não obstante o nível de automação fazer dele o mais moderno dos vasos de guerra soviéticos. Talvez os homens não precisassem de beliches em condições; só tinham quatro ou seis horas por dia para descansar. O facto constituía uma vantagem para Ramius. A tripulação era composta por recrutas que faziam o primeiro cruzeiro operacional, e mesmo os homens mais experientes não possuíam habilitação bastante. A força da sua tripulação, ao contrário das tripulações ocidentais, resultava muito mais dos onze michmany (graduados) do que dos glavnyy starshini (oficiais subalternos). Eram todos homens que faziam — tinham sido especificamente treinados para fazerem — exactamente o que os seus oficiais lhes ordenassem. E Ramius escolhera os oficiais.

— Quer navegar durante dois meses? — perguntou Putin.

— Já o fiz em submarinos a diesel. Um submarino pertence ao Mar, Ivan. A nossa missão consiste em levar o medo ao coração dos imperialistas. Ora, não a cumprimos atacadados à nossa toca de Polyarnyy, mas também não podemos andar no mar por mais tempo, visto que a partir das duas semanas a tripulação perde eficiência. Em duas semanas, faremos desta miudagem um destacamento de robots estupidificados.

Ramius contava com isso.

— E resolveríamos esse problema se tivéssemos luxos capitalistas?

— escarneceu Putin.

— Um verdadeiro marxista é objectivo, camarada comissário político — ensinou Ramius, saboreando esta sua última discussão com Putin. — Objectivamente, aquilo que concorre para levarmos a bom termo a nossa missão é bom, aquilo que funcione em sentido contrário é mau. A adversidade deve servir para aguçar o espírito e o talento, não para os embotar. O simples facto de andar a bordo de um submarino já é provação suficiente, não concorda?

— Para si não, Marko — disse Putin, sorrindo e levando a chávena à boca.

— Eu sou marinheiro. Os nossos tripulantes não o são, a maior parte nunca o será. Não passam de um bando de filhos de camponeses e de rapazes que anseiam trabalhar numa fábrica. Temos de nos adaptar aos tempos, Ivan. Estes jovens são diferentes de nós.

— Isso é verdade. concordou Putin. — Nunca está satisfeito, camarada comandante. Em minha opinião, são homens como o senhor que nos fazem progredir a todos.

Sabiam os dois por que razão os submarinos nucleares soviéticos passavam tão pouco do seu tempo — quinze por cento, no máximo

— no mar, o que nada tinha a ver com o conforto da tripulação. O Outubro Vermelho dispunha de vinte e seis mísseis Seahawk SS-N-20, cada um deles com oito ogivas múltiplas de orientação independente de 500 quilotoneladas — MIRV —, o suficiente para destruir duzentas cidades. Os bombardeiros, após algumas horas de voo, tinham de regressar às bases. Os mísseis terrestres instalados, ao longo da principal rede ferroviária soviética Leste-Oeste encontravam-se sempre onde tropas paramilitares do KGB lhes pudessem chegar, no caso de algum comandante de um regimento de mísseis se lembrar, de repente, de pôr à prova o poder dos seus dedos. Mas os mísseis submarinos estavam, por definição, fora de qualquer controle de terra. A sua missão cumpria-se na invisibilidade.

O facto de o seu Governo os possuir surpreendia, assim, Marko. A tripulação dos submarinos equipados com mísseis tinha de ser digna de toda a confiança. Por isso, navegavam menos que os seus equivalentes ocidentais e, quando o faziam, era com um comissário político a bordo, junto do comandante, um segundo comandante a quem competia aprovar todas as acções.

— Acha que poderemos navegar durante dois meses com estes camponeses, Marko?

— Prefiro rapazes com algum treino, bem sabe. Sempre têm menos para desaprender. Depois já posso ensiná-los a serem marinheiros como deve ser, à minha maneira. Será isto o culto da personalidade?

Putin riu e acendeu um cigarro.

— Já fizeram essa observação no passado, Marko. Mas você é o nosso melhor professor e a confiança que nos merece bem conhecida.

Era verdade. Ramius mandara centenas de oficiais e marinheiros para outros submarinos, cujos comandantes apreciavam tê-los. Eis outro paradoxo: um homem poder suscitar a confiança numa sociedade que mal reconhecia este conceito. Claro que Ramius era um membro leal do Partido, o filho de um herói do Partido que fora transportado até ao túmulo por três membros do Politburo. Putin disse, agitando o indicador:

— Devia ser comandante de uma das nossas escolas superiores navais, camarada comandante. As suas capacidades serviriam melhor o Estado nessa qualidade.

— Eu sou marinheiro, Ivan Yurievich. Apenas um marinheiro, não um professor... apesar do que dizem a meu respeito. Um homem sensato conhece as suas limitações.

E um homem ousado não desperdiça oportunidades. Todos os oficiais a bordo tinham já servido com Ramius, exceptuando três jovens tenentes que obedeceriam às suas ordens tão prontamente como qualquer moiros (marinheiro) imberbe ou o médico, que não servia para nada.

O cronómetro bateu quatro badaladas.

Ramius pôs-se de pé e marcou os três elementos da sua combinação. Putin fez o mesmo. O comandante accionou a alavanca para abrir a porta circular do cofre. No interior, estavam um sobrescrito grosso, quatro livros com chaves de código e coordenadas de alvos para os mísseis. Ramius tirou o sobrescrito e fechou a porta, desfazendo os segredos antes de se sentar.

— Que acha, Ivan, que as nossas ordens nos dirão para fazer? — perguntou Ramius teatral.

— O nosso dever, camarada comandante — respondeu Putin, sorrindo.

— Claro.

Ramius quebrou o selo do sobrescrito e retirou dele a ordem de operações, de quatro páginas. Leu-as rapidamente. Não era nada de complicado.

— Vamos avançar para as coordenadas 54-90, ao encontro do nosso submarino de ataque V. K. Konovalov — o novo comando do capitão Tupolev. Conhece Viktor Tupolev? Não? Viktor proteger-nos-á de intrusos imperialistas. Realizaremos um exercício de quatro dias, de perseguição, com ele atrás de nós... se puder. — Ramius riu por entre dentes. — Os camaradas do comando de submarinos de ataque ainda não descobriram como nos seguir com o nosso novo sistema de propulsão. E os americanos também não. Confinaremos as nossas operações à grelha 54-90 e às grelhas imediatamente circundantes. Viktor verá assim facilitada a sua tarefa.

— Mas não vai deixar que nos encontrem?

— Claro que não — resmungou Ramius. — Deixar? Viktor foi meu aluno. Não se dá nada a um inimigo, Ivan, nem mesmo num exercício. Os imperialistas certamente não dão! Procurando encontrar-nos, também praticará na missão de encontrar os submarinos nucleares deles. Mas acho que vai ter uma razoável possibilidade de nos localizar. O exercício confina-se a nove grelhas,

quarenta mil quilómetros quadrados. Veremos o que aprendeu desde que serviu connosco... Oh, sim, você não estava comigo então. Foi quando eu comandeie o Suslov.

— Será que o vejo desapontado?

— Não propriamente. O exercício de quatro dias com o Konovalov vai ser um divertimento interessante.

Patife, disse consigo, já sabias exactamente quais eram as nossas ordens... e conheces muito bem Viktor Tupolev, mentiroso. Era tempo. Putin acabou o cigarro e o chá antes de se pôr de pé.

— Portanto, vou ter outra vez o privilégio de observar o mestre comandante em funções... a trocar as voltas a um pobre diabo. — Virou-se para a porta. — Penso...

Ramius rasteirou Putin quando este se afastava da mesa. Putin caiu para trás, enquanto Ramius se punha de pé de um salto e agarrava a cabeça do comissário político nas suas vigorosas mãos de marinheiro. Ó comandante bateu-lhe com o pescoço no canto vivo e metálico da mesa da sala de oficiais. No ponto exacto. No mesmo instante, Ramius desferiu um golpe contra o peito do homem. Gesto desnecessário — com arrepiante estalar de ossos, o pescoço de Ivan Putin quebrou-se, a sua medula partiu-se ao nível da segunda vértebra cervical, a perfeita fractura do enforcado.

O comissário político não teve tempo para reagir. Os nervos do seu corpo abaixo do pescoço ficaram imediatamente desligados dos órgãos e músculos que controlavam. Tentou gritar, dizer qualquer coisa, mas a sua boca apenas se abriu e fechou sem um som, excepto para exalar o último suspiro. Tentou inspirar como um peixe fora de água, sem o conseguir. Depois, os seus olhos levantaram-se para Ramius, muito abertos, chocados — não havia dor neles, nem emoção, apenas surpresa. O comandante estendeu-o cuidadosamente no chão ladrilhado.

Ramius viu a cara iluminar-se de compreensão e logo escurecer. Baixou-se para tomar o pulso de Putin. Passaram quase dois minutos antes que o coração parasse por completo. Quando Ramius se certificou de que o seu comissário político estava morto, pegou no bule, em cima da mesa, e despejou aproximadamente o conteúdo de duas chávenas no chão, tendo o cuidado de verter algum chá sobre os sapatos do homem. Depois puxou o corpo para junto da mesa e escancarou a porta.

— O doutor Petrov à sala de oficiais, imediatamente!

O médico do submarino estava perto, à popa. Compareceu em segundos, juntamente com Vasily Borodin, que acorrera do centro de controle.

— Escorregou no chá que eu entornei — disse Ramius, ofegante, enquanto massajava o coração de Putin. — Ainda tentei impedi-lo de cair, mas bateu com a cabeça na mesa...

Petrov afastou o comandante, rodou o corpo e saltou por cima da mesa para se ajoelhar sobre ele. Rasgou a camisa e observou os olhos de Putin. As pupilas estavam dilatadas e fixas. O médico apalpou a cabeça do homem, da nuca para o pescoço. As suas mãos pararam aí, investigando. O médico abanou lentamente a cabeça.

—O camarada Putin está morto. Tem o pescoço partido.

O médico retirou as mãos da cabeça do zampolit e fechou-lhe os olhos.

—'Não! — gritou Ramius. — Ainda agora estava vivo! — O comandante soluçava. — A culpa é minha. Tentei segurá-lo, mas não consegui. A culpa é minha! — Deixou-se cair numa cadeira e escondeu o rosto entre as mãos. — A culpa é minha — gemeu, sacudindo a cabeça, enfurecido consigo próprio, lutando visivelmente para se recompor, numa excelente representação.

Petrov pousou a mão no ombro do comandante.

—Foi um acidente, camarada comandante. Estas coisas acontecem, mesmo a homens

experientes. A culpa não foi sua. Acredite, camarada.

Ramius praguejou, arfando, readquirindo o controle de si próprio.

— Não há nada que possa fazer?

Petrov abanou a cabeça.

— Nem na melhor clínica da União Soviética se poderia fazer fosse o que fosse. Uma vez fracturada a espinal medula, não há esperança. A morte é virtualmente instantânea... mas também sem dor — acrescentou o médico, como consolo.

Ramius ergueu-se com esforço, suspirando, a expressão parada.

— O camarada Putin era um bom companheiro, um membro leal do Partido e um belo oficial. — Pelo canto do olho, viu a boca de Borodin contorcer-se.—Camaradas, continuaremos a nossa missão! Doutor Petrov, transportará o corpo do nosso camarada para o frigorífico. É... macabro, bem sei, mas ele merece, e terá um funeral militar, com todas as honras, com os seus companheiros a assistir, quando regressarmos ao porto. Assim deve ser.

— Devo comunicar o acidente ao comando da esquadra? — perguntou Petrov.

— Não podemos. Temos ordens para manter silêncio rádio absoluto. — Ramius passou ao médico um maço de ordens de operações que tirou do bolso, não as que retirara do cofre. — Página três, camarada doutor.

Os olhos de Petrov arregalaram-se ao ler a directiva operacional.

— Preferiria relatar o acidente, mas as ordens são explícitas: uma vez submersos, não há transmissões de qualquer espécie, seja por que razão for.

Petrov devolveu os papéis.

— Uma pena... O nosso camarada esperaria outra coisa. Mas ordens são ordens.

—’E devemos cumpri-las.

— Putin não admitiria outra coisa — concordou Petrov.

— Borodin, veja bem: tiro a chave do controle dos mísseis do pescoço do camarada comissário político, em obediência aos regulamentos—’disse Ramius, guardando no bolso a chave e o cordão.

— Vi e assim registarei no diário — disse o imediato, solenemente. Petrov mandou entrar um ajudante. Juntos, levaram o corpo para o gabinete médico, à popa, onde o introduziram num saco com um fecho éclair. O ajudante e dois marinheiros transportaram-no, depois, para a proa, através do centro de controle e em direcção ao compartimento dos mísseis. A entrada para o frigorífico era na cobertura inferior dos mísseis e os homens fizeram passar o corpo pela porta. Enquanto dez cozinheiros retiravam alimentos para arranjar espaço, o corpo foi pousado a um canto, respeitosamente. À popa, o médico e o imediato fizeram o necessário inventário dos artigos pessoais, uma cópia para o arquivo médico do barco, outra para o diário de bordo, uma terceira para uma caixa que foi selada e fechada à chave, no gabinete médico.

À proa, Ramius assumiu o comando num centro de controle deprimido. Colocou o submarino numa rota de dois-nove-zero graus, oeste-noroeste. A grelha 54-90 ficava a leste.

SEGUNDO DIA

Sábado, 4 de Dezembro

O “Outubro Vermelho”

Era costume, na Marinha soviética, o comandante anunciar as ordens operacionais e exortar a tripulação a executá-las à verdadeira maneira soviética. As ordens eram depois afixadas para todos verem — e nelas se inspirarem — no exterior da Sala Lenine. Nos grandes barcos de superfície, esta sala era uma divisão onde funcionavam aulas de política; no Outubro Vermelho, tratava-se de uma biblioteca do tamanho de um armário, contígua à sala de oficiais, onde eram guardados livros do Partido e outro material ideológico para os homens lerem. Ramius anunciou as ordens no dia seguinte ao da partida, para dar aos seus homens oportunidade de se adaptarem às rotinas do submarino. Ao mesmo tempo, fez-lhes um discurso estimulante. Ramius era sempre bom nisso; tinha muita prática. Às oito horas, no início do quarto da manhã, entrou no centro de controle e tirou uns cartões de um bolso ulterior do casaco.

— Camaradas — começou, falando ao microfone — fala o comandante. Já todos sabem que o nosso querido amigo e camarada capitão Ivan Yurievich Putin morreu ontem num trágico acidente. As nossas ordens não nos permitem informar do acontecido o comando da esquadra. Camaradas, dedicaremos os nossos esforços, o nosso trabalho, à memória do nosso camarada Ivan Yurievich Putin, um óptimo companheiro, um distinto membro do Partido e um corajoso oficial.

“Camaradas! Oficiais e homens do Outubro Vermelho! Temos ordens do Alto Comando da Esquadra do Norte Bandeira Vermelha, ordens dignas deste barco e desta tripulação!

“Camaradas! As nossas ordens visam realizar o teste definitivo do nosso novo sistema silencioso de propulsão. Rumaremos a ocidente, passaremos o cabo Norte, no Estado fantoche da América imperialista, a Noruega, depois rodaremos para sudoeste, em direcção ao oceano Atlântico. Passaremos todas as redes imperialistas de sonar e não seremos detectados! Trata-se de um verdadeiro teste do nosso submarino e das suas virtualidades. Os nossos próprios barcos empenhar-se-ão num grande exercício para nos localizar e, ao mesmo tempo, para confundir os arrogantes navios imperialistas. A nossa missão, em primeiro lugar, consiste em iludir a detecção, seja por quem for. Daremos aos americanos uma lição acerca da tecnologia soviética que não esquecerão tão cedo! As nossas ordens levar-nos-ão para sudoeste, ao longo da costa americana, onde desafiaremos e derrotaremos os seus mais recentes e melhores submarinos. Prosseguiremos em direcção a Cuba, pátria dos nossos irmãos socialistas, e seremos o primeiro barco a utilizar uma nova e supersecreta base de submarinos nucleares que construímos há dois anos, mesmo debaixo dos narizes imperialistas, na costa sul de Cuba. Um navio de reabastecimento está já a caminho, para se encontrar lá connosco.

“Camaradas! Se conseguirmos chegar a Cuba sem sermos detectados pelos imperialistas — e conseguiremos! — os oficiais e homens do Outubro Vermelho terão uma semana — uma semana—de licença para visitarem os nossos fraternos camaradas socialistas na bela ilha de Cuba. Já lá estive, camaradas, e confirmarão exactamente tudo o que leram a seu respeito: um paraíso de brisas amenas, palmeiras e bela companhia e camaradagem. — Com isto referia-se Ramius a mulheres. — Depois, regressaremos à Mãe-Pátria pela mesma rota. Entretanto, claro, os

imperialistas saberão quem somos e o que somos, através dos seus traidores espíões e dos seus cobardes aviões de reconhecimento. Desejamos que assim seja, porque mais uma vez iludiremos a detecção no regresso à pátria. Os imperialistas ficarão assim a saber que não podem brincar com os homens da Marinha soviética, que podemos aproximar-nos das suas costas quando quisermos, que têm de respeitar a União Soviética!

“Camaradas! Faremos do primeiro cruzeiro do Outubro Vermelho um cruzeiro memorável!

Ramius levantou os olhos do discurso preparado. Os homens de quarto no centro de controle trocavam sorrisos. Raras vezes um marinheiro soviético era autorizado a visitar outro país, e uma visita de um submarino nuclear a um país estrangeiro, mesmo aliado, quase não tinha precedentes. Além disso, para os russos, a ilha de Cuba era tão exótica como Tahiti, uma terra prometida de praias de areia branca e raparigas morenas. Ramius sabia que não era assim. Lera artigos no Estrela Vermelha e noutros jornais do Estado acerca das maravilhas das licenças em Cuba. E também lá tinha estado.

Ramius trocou de cartões. Dera-lhes as boas notícias.

—’Camaradas! Oficiais e homens do Outubro Vermelho! — Eram agora as más notícias por que todos esperavam. — Esta missão não será fácil. Exigirá os nossos melhores esforços. Teremos de manter absoluto silêncio rádio e as nossas operações terão de ser perfeitas! A recompensa premiará apenas aqueles que verdadeiramente a merecerem. Cada oficial e cada homem a bordo, desde o vosso comandante ao mais jovem moiros, terá de desempenhar o seu dever socialista e bem! Se trabalharmos juntos como camaradas, como os Novos Homens Soviéticos que somos, triunfaremos. Jovens camaradas novos no mar: escutai os vossos oficiais, os vossos michmany, os vossos starshini. Aprendei a executar os vossos deveres e executai-os rigorosamente. Não há tarefas pequenas neste barco, não há pequenas responsabilidades. A vida de cada camarada depende de todos os camaradas. Cumpri o vosso dever, cumpri as ordens que vos derem, e quando tivermos completado esta viagem sereis verdadeiros marinheiros soviéticos!

Ramius largou o interruptor do microfone e colocou este no descanso. Não fora mau o discurso, concluiu—uma boa cenoura e um pequeno espinho.

Na cozinha, à popa, um marinheiro, muito quieto, segurava uma fatia quente de pão e olhava, curioso, para o altifalante montado na antepara. Mas não eram aquelas ordens, pois não? Teria havido uma alteração nos planos? O michman lembrou-lhe os seus deveres, sorrindo e comentando a perspectiva de uma semana em Cuba. Ouvira muitas histórias acerca de Cuba e das mulheres cubanas, e ansiava por verificar se eram verdadeiras.

No centro de controle, Ramius reflectia.

—Não andarão por aí submarinos americanos?

— Sabe-se lá, camarada comandante — respondeu o capitão-tenente Borodin, de quarto. — Ligamos o caterpillar?

— Com certeza, camarada.

— Parar os motores — ordenou Borodin.

— Motores parados.

O contramestre, um starshini (subalterno), colocou o indicador na posição STOP. Um instante passado, a ordem era confirmada pelo mostrador interno e, segundos depois, o ronco surdo dos motores cessava.

Borodin pegou no telefone e ligou para as máquinas.

— Camarada engenheiro-chefe, prepare-se para ligar o caterpillar.

Não era este o nome oficial do novo sistema de propulsão. O sistema não tinha ainda nome,

apenas um numero de projecto. A alcunha “caterpillar” fora-lhe dada por um jovem engenheiro que trabalhara na concepção do submarino. Nem Ramius nem Borodin sabiam porquê, mas, como muitas vezes acontece com tais nomes, ficara.

— Preparado, camarada Borodin — respondeu logo o engenheiro-chefe.

— Abrir portas à proa e à popa — ordenou Borodin a seguir. O michman de quarto estendeu a mão para o painel de controle e accionou quatro interruptores. As luzes mudaram de vermelho para verde.

—Tortas abertas, camarada.

— Ligar Caterpillar. Aumentar lentamente a velocidade para treze nós.

— Aumentar lentamente a velocidade para treze nós, camarada — repetiu o engenheiro-maquinista.

O casco, que momentaneamente ficara silencioso, foi invadido por um novo som. Os ruídos do motor eram mais baixos e muito diferentes dos anteriores. O barulho do complexo do reactor, proveniente, sobretudo, das bombas que faziam circular a água de arrefecimento, era quase imperceptível. O caterpillar não necessitava de muita energia. No posto do michman, o indicador de velocidade, que baixara para cinco nós, começou novamente a subir. Adiante da sala dos mísseis, num espaço encravado nas instalações da tripulação, um punhado de homens sonolentos mexeu-se nos beliches, ao notar um ruído intermitente à popa e o zumbido de motores eléctricos a poucos metros de distância, separados deles pelo casco de pressão. Estavam cansados de mais do primeiro dia completo no mar para prestarem atenção ao ruído e tornaram a adormecer. Loucas horas podiam dedicar ao sono que era, assim, precioso.

— O caterpillar funciona normalmente, camarada comandante — anunciou Borodin.

— Ótimo. Leme a dois-seis-zero — ordenou Ramius.

— Dois-seis-zero, camarada.

O piloto virou a roda para a esquerda.

O USS “Bremerton”

Trinta milhas a nordeste, o USS Bremerton seguia numa rota de dois-dois-cinco e acabava de emergir do gelo. Um submarino de ataque da classe 688 estivera numa ELINT — missão de espionagem electrónica — no mar de Kara quando recebera ordens para rumar a ocidente, em direcção à península de Kola. O submarino russo só deveria, em princípio, partir dali a uma semana, e o comandante do Bremerton aborreceu-se com aquela imprevista missão de segurança. Estaria preparado para seguir o Outubro Vermelho se este se fizesse ao mar conforme o previsto. Fosse como fosse, os homens do sonar haviam detectado o submarino soviético minutos antes, a despeito de navegarem a catorze nós.

— Comandante, sonar.

O comandante Wilson pegou no telefone.

—Fala o comandante.

— Contacto perdido, sir. As hélices pararam há uns minutos e não se tornaram a fazer ouvir. Há qualquer outra coisa a leste, mas o submarino calou-se.

— Muito bem. Provavelmente navega devagar. Continuaremos atrás dele. Mantenha-se alerta, chefe.

O comandante Wilson aproximou-se, pensativo, da mesa dos mapas. Os dois oficiais do grupo de detecção e tiro que acabavam de assinalar o contacto procuraram com os olhos a

opinião do comandante.

— No lugar dele, aproximava-me do fundo e rodava lentamente para a direita, aqui. — Wilson traçou um círculo no mapa, envolvendo a posição do Outubro Vermelho. — Vamos continuar em cima dele. Reduziremos a velocidade para cinco nós. Veremos se conseguimos aproximar-nos e ouvir o barulho do reactor. — Wilson virou-se para o oficial de quarto. — Reduzir a velocidade para cinco nós.

— Muito bem, comandante.

Severomorsk, URSS

No edifício dos Correios de Severomorsk, um separador de correspondência viu, desanimado, o condutor de um camião largar um grande saco de lona em cima da sua mesa e tornar a sair. Chegara tarde — bem, não propriamente, corrigiu-se o empregado, porque o idiota não chegara uma vez a horas em cinco anos. Era sábado e custava-lhe trabalhar. Havia poucos anos que a semana de quarenta e quatro horas fora introduzida na União Soviética. Infelizmente, este progresso nunca afectara serviços públicos vitais, como a entrega de correspondência. Lá estava ele, portanto, fazendo ainda uma semana de seis dias — e sem horas extraordinárias! Uma miséria, pensou, como tantas vezes pensava e dizia no seu apartamento, a jogar cartas com os companheiros de trabalho, bebendo vodca e comendo pepino.

Desatou a corda e despejou o saco. Dele saíram vários sacos mais pequenos. Para quê apressar-se? Era apenas o princípio do mês e tinham ainda semanas para deslocarem a sua parte de cartas e embrulhos de uma ponta do edifício para a outra. Na União Soviética, todo o trabalhador é trabalhador do Governo e costuma dizer: enquanto os patrões fingirem que nos pagam, nós fulgiremos de trabalhar.

Num pequeno saco de correio havia um sobrescrito oficial, dirigido à Administração Política da Marinha, em Moscovo. O empregado parou, apalpando o sobrescrito. Vinha provavelmente de um dos submarinos fundeados em Polyarnyy, do outro lado do fiorde. “Que diria a carta”, perguntou-se o homem, entregando-se ao jogo mental que entretinha carteiros de todo o mundo. Seria o anúncio de que tudo estava pronto para o ataque final contra o Ocidente imperialista? Uma lista de membros do Partido atrasados no pagamento de quotas ou uma requisição para mais papel higiénico? Podia ser tudo. Marinheiros de submarino! Eram todos primas-donas — mesmo os recrutas camponeses, ainda a retirar trampa de entre os dedos dos pés, pavoneando-se como membros da elite partidária!

O funcionário dos Correios tinha sessenta e dois anos. Na Grande Guerra Patriótica servira como tanquista de protecção, integrado na Primeira Frente Ucraniana, de Konev. Isso sim, era trabalho de homem — avançar atrás dos grandes tanques de batalha, saltando à caça da infantaria alemã, agachada nos seus buracos. Quando era preciso combater esses bandidos, combatia-se! Agora, que era feito dos combatentes soviéticos? Viviam a bordo de paquetes luxuosos, a abarrotar de boa comida e com camas quentinhas. A única cama quente que ele conhecera era por cima do escape do motor do seu tanque — e como tinha de lutar para poder saboreá-la! Que loucura aquilo em que o mundo se tornara! Agora os marinheiros comportavam-se como príncipes czaristas, passavam a vida a escrever cartas e chamavam a isso trabalho. Uns meninos mimados que não sabiam o que era uma provação. E os privilégios de que gozavam? Cada palavra que lançavam ao papel tinha prioridade sobre todo o outro correio. Cartas lamechas para as namoradas, na maior parte, e ele ali a separá-las a um sábado para que chegassem às meninas...

mesmo que não recebessem resposta senão daí por duas semanas. Não, não era como nos velhos tempos.

O homem lançou o sobrescrito, com um movimento negligente do pulso, para o saco no extremo da mesa de trabalho, onde entrava a correspondência com destino a Moscovo. Falhou, e o sobrescrito caiu no chão de cimento. A carta chegaria ao comboio com um dia de atraso. O homem não se importou. Havia um jogo de hóquei naquela noite, o maior jogo do início da temporada, o Exército Central contra os Asas. Apostara um litro de vodka nos Asas.

Morrow, Inglaterra

A maior vitória de Halsey foi o seu maior erro. Ao firmar-se como herói popular de lendária agressividade, o almirante cegou as gerações vindouras para as suas notáveis capacidades intelectuais e um fino instinto de jogador que...

Jack Ryan franziu o sobrolho perante o computador. O texto soava-lhe muito a dissertação de doutoramento e já fizera uma. Pensou em apagar todo aquele passo da memória, mas não o fez. Devia seguir aquela linha de raciocínio na introdução. Por má que fosse,

era um guia para o que pretendia dizer. Por que motivo as introduções pareciam ser sempre a parte mais difícil de um livro de História? Havia três anos que trabalhava no Marinheiro Combatente, uma biografia autorizada do almirante William Halsey. Quase toda a obra estava contida em meia dúzia de discos junto do seu computador

Apple.

— Papá?

A fíha de Ryan fitava-o.

— Como está hoje a minha pequenina Sally?

— Bem.

Ryan pegou nela e sentou-a no colo, tendo o cuidado de afastar a cadeira do teclado. Sally estava familiarizada com jogos e programas educativos, e pensava ser capaz de se entender também com o Wordstar. Esta convicção levara, uma vez, à perda de vinte mil palavras de um manuscrito electronicamente registado. E a uma tarefa.

Sally encostou a cabeça ao ombro do pai.

— Estás mesmo bem? Não parece... Que tem a minha menina? —'Sabes, papá, é que é quase Natal e... eu não tenho a certeza

se o Pai Natal sabe onde estamos. No ano passado, estávamos noutra sítio.

— Compreendo... E tens medo que ele não venha cá, é?

— É...

—'Porque não disseste logo? Claro que o Pai Natal vem cá. Prometo!

— Prometes?

— Prometo. —Está bem.

Sally beijou o pai e saiu da sala. Foi outra vez ver desenhos animados na televisão. Ryan apreciara a interrupção. Não podia esquecer-se de levar umas coisas quando voasse para Washington. Onde estaria... oh, sim. Tirou um disco da gaveta da secretária e introduziu-o no receptor livre. Depois de ter limpo o écran, reproduziu a lista de Natal, coisas que tinha ainda que comprar. Accionando uma tecla, obteve uma cópia da lista no printer. Ryan rasgou o papel e guardou-o na carteira. Não estava com vontade de trabalhar naquela manhã de sábado. Resolveu ir brincar com os filhos. No fim de contas, iria passar quase toda a semana seguinte metido em

Washington.

O “V. K. Konovalov”

O submarino soviético V. K. Konovalov navegava junto do leito arenoso e duro do mar de Barents, a três nós. Encontrava-se no canto sudoeste da grelha 54-90 e passara as últimas dez horas deslocando-se 254-3 para trás e para diante, no sentido norte-sul, à espera que o Outubro Vermelho chegasse, a fim de iniciar o exercício OUTUBRO GELADO. O capitão-tenente Viktor Alexievich Tupolev passeava lentamente em redor do periscópio, no centro de controle do seu pequeno submarino de ataque rápido. Aguardava o aparecimento do seu velho mestre, desejoso de lhe pregar algumas partidas. Servira com o Professor durante dois anos. Anos bons tinham sido; e embora achasse o seu antigo comandante um tanto cínico, principalmente acerca do Partido, jamais hesitaria em testemunhar as capacidades e a competência de Ramius.

E as suas também. Tupolev, agora no seu terceiro ano de comando, fora um dos mais brilhantes alunos do Professor. O seu barco era um Alfa, novo em folha, um submarino rápido como nunca houvera. Um mês antes, preparava Ramius o Outubro Vermelho após o lançamento à água, Tupolev e três dos seus oficiais haviam mergulhado para verem o modelo do submarino no qual fora testado um sistema de propulsão. Com trinta e dois metros de comprimento e alimentado a electricidade fornecida por uma unidade a diesel, tinha a sua base no mar Cáspio, bem longe dos olhos imperialistas, numa doca coberta que o ocultava dos seus satélites espiões. Ramius contribuía para a concepção do caterpillar e Tupolev reconheceu nele a marca do mestre. Seria difícilimo de detectar, mas não impossível. Depois de, durante uma semana, ter seguido o modelo pelo extremo norte do mar Cáspio, numa lancha eléctrica dispondo do melhor equipamento de sonar que o seu país já construía, achava ter descoberto uma falha. Não muito grande, mas que valia a pena explorar.

Claro que não havia garantia de êxito. Não competiria apenas com uma máquina, mas também com o homem que a comandava. Tupolev conhecia aquela área como as suas mãos. A água era quase perfeitamente isotérmica; não havia nenhuma camada térmica sob a qual um submarino pudesse esconder-se. Estavam suficientemente longe dos rios da costa norte da Rússia para não terem de se preocupar com lagos e paredes de salinidade variável que interferissem com o sonar. O Konovalov fora equipado com os melhores sistemas de sonar que a União Soviética já produzira, copiados de perto do francês DUUV-23 e um pouco melhorados, diziam os técnicos da fábrica>

Tupolev tencionava imitar a táctica americana de navegação lenta, apenas à velocidade bastante para o submarino obedecer ao leme, sem fazer barulho, e esperar que o Outubro Vermelho cruzasse a sua rota. Seguiria então a sua presa de perto, e anotaria cada mudança de rumo e de velocidade para que quando comparassem os diários de bordo, dentro de semanas, o Professor verificasse que o seu antigo

aluno jogara o seu próprio jogo de vitória. Era tempo de alguém o fazer.

— Algo de novo no sonar?

Tupolev começava a ficar tenso, impaciente.

— Nada de novo, camarada comandante. — O starpom apontou o X, no mapa, que assinalava a posição do Rokossovskiy, um submarino equipado com mísseis da classe Delta que perseguiam havia algumas horas na mesma área de exercício. — O nosso amigo continua a navegar em círculo, lentamente. Pensa que o Rokossovskiy está a tentar confundir-nos? Teria

combinado com o comandante Ramius vir para aqui complicar a nossa missão?

Tupolev já pensara nisso.

—Talvez. Mas não é provável. Este exercício foi planeado pelo próprio Korov. As nossas ordens estavam seladas e as de Marko também deviam estar. Mas o almirante Korov é um velho amigo do nosso Marko... — Tupolev interrompeu-se por um momento e abanou a cabeça. — Não. Korov é um homem honrado. Acho que Ramius vem para cá o mais devagar que pode para nos enervar, para nos obrigar a estas especulações. Sabe que o perseguiremos e, portanto, adoptou uma tática em conformidade. Tentará provavelmente entrar no quadrado numa direcção imprevista... ou levar-nos a pensar que é por aí que entra. Você nunca serviu com Ramius, camarada tenente. É uma raposa, uma velha raposa. Em minha opinião, vai continuar a navegar como nós mais umas quatro horas. Se não o tivermos localizado então, atravessaremos para o campo sudeste do quadrado e, a partir daí, navegaremos para o centro. É isso...

Tupolev nunca esperara que a sua missão fosse fácil. Nunca o comandante de um submarino de ataque embarçara Ramius. Tupolev estava decidido a ser o primeiro e as dificuldades da missão confirmariam a sua proeza. Tupolev decidira que, dentro de um ou dois anos, seria ele o mestre.

TERCEIRO DIA

Domingo, 5 de Dezembro

O “Outubro Vermelho”

Para o Outubro Vermelho, o tempo não existia. Para o Outubro Vermelho, o Sol nunca nascia nem se punha, e os dias da semana pouco significado possuíam. Ao contrário dos barcos de superfície que acertavam os relógios de acordo com o local onde se encontravam os submarinos pautavam-se, em geral, por uma única referência horária. Para os submarinos americanos, era Zulu, ou tempo médio dí Greenwich. Para o Outubro Vermelho, era a hora de Moscou, a qual por convenção, estava uma hora adiantada relativamente ao tempo padrão, para economizar despesas nos serviços públicos.

Ramius entrou no centro de controle a meio da manhã. A rota era agora de dois-cinco-zero e a velocidade de três nós. O submarino navegava trinta metros acima do fundo, pela orla ocidental do mar de Barents. Mais umas horas e o fundo transformar-se-ia numa planície abissal, permitindo-lhes mergulhar bastante mais. Ramius examinou primeiro o mapa, depois numerosos painéis de instrumentos que cobriam as anteparas da sala. Por fim, tomou algumas notas no livro de ordens.

— Tenente Ivanov!

Chamava, em voz autoritária, o jovem oficial de quarto.

—’Sim, camarada comandante!

Ivanov era o mais novo oficial a bordo, acabado de sair da Escola Komsomol de Lenine, em Leninegrado, pálido, magrizela e ansioso

—’Vou convocar uma reunião de oficiais. Será você o oficial dquarto. É o seu primeiro cruzeiro, Ivanov. Que tal?

— Melhor do que eu esperava, camarada comandante—respondeu Ivanov com maior confiança do que aquela que lhe era possível sentir.

— Ainda bem, camarada tenente. Costumo dar aos subalternos o máximo de responsabilidade que possam assumir. Enquanto nós os oficiais mais velhos, vamos ter a nossa discussão política semanal você fica a comandar este barco! A segurança deste barco e de toda a sua tripulação fica ao seu encargo! Ensinaaram-lhe tudo o que precisa saber, e as minhas instruções estão no livro de ordens. Se detectarmos outro submarino ou barco de superfície, informar-me-á imediatamente e accionará logo o plano de evasão. Alguma pergunta?

—.Não, camarada comandante — respondeu Ivanov, de pé, em sentido.

— Muito bem. — Ramius sorriu. —’ Pavel Ilych, vai recordar para sempre este momento como um dos grandes momentos da sua vida. Ainda me lembro do meu primeiro quarto. Não esqueça as suas ordens nem as suas responsabilidades!

O orgulho brilhava nos olhos do rapaz. Era péssimo o que lhe ia acontecer, pensou Ramius, sempre o mestre. À primeira vista, Ivanov parecia indiciar um bom oficial.

Ramius dirigiu-se em passo rápido para a popa, em direcção ao gabinete médico.

— Bom dia, doutor.

—Bom dia, camarada comandante. São horas da nossa reunião política, não é verdade?

Petrov estava a ler um manual da nova máquina de raios X do submarino.

— São, camarada doutor, mas não venho dizer-lhe para assistir. Queria que me fizesse outra coisa. Enquanto os oficiais estão reunidos, tenho três novatos no comando e no reactor.

— Sim?

Petrov arregalou os olhos. Era a primeira vez que embarcava num submarino em vários anos. Ramius sorriu.

— Tranquelize-se, camarada. Preciso apenas de vinte segundos para ir da sala de oficiais ao centro de controle, como sabe, e o camarada Melekhin não demora mais a chegar junto do seu precioso reactor. Mais tarde ou mais cedo, os nossos jovens oficiais têm de aprender a assumir as suas responsabilidades. Quanto mais depressa melhor, em minha opinião. Quero que os vigie. Sei que todos estão habilitados a cumprir o seu dever, mas quero saber se têm a fibra necessária. Se Borodin ou eu estivermos a tomar conta deles, não agirão normalmente. E, de qualquer modo, trata-se de um julgamento médico, não?

— Ah, quer que observe como é que reagem às suas responsabilidades?

— Sem estarem sujeitos à pressão que decorreria de serem observados por um oficial mais velho — confirmou Ramius. — É preciso dar aos jovens oficiais espaço para se desenvolverem... mas não demasiado. Se vir qualquer coisa que não lhe pareça bem, informe-me imediatamente. Não deve haver problemas. Estamos no mar alto, não há tráfego e o reactor trabalha a uma fracção mínima da sua Potência. O primeiro teste para jovens oficiais deve ser fácil. Arranje uma desculpa para andar de um lado para o outro, e traga-me os garotos debaixo de olho. Interrogue-os sobre o que fazem.

Petrov riu.

— Ah, também quer que eu aprenda qualquer coisa, camarada comandante? Falaram-me de si em Severomorsk... Muito bem, farei como diz. Mas é a primeira reunião política que perco há muitos anos.

— Pelo que sei da sua ficha, você seria capaz de ensinar doutrina partidária ao Politburo, Yevgeni Konstantinovich.

O que pouco dizia acerca da sua competência como médico, pensou Ramius.

O comandante dirigiu-se à proa, à sala de oficiais, para se juntar aos camaradas que o aguardavam. Um criado deixara vários bules de chá em cima da mesa, com pão escuro e manteiga. Ramius olhou para o canto da mesa. A mancha de sangue fora lavada havia muito, mas lembrava-se ainda rigorosamente do seu aspecto. Eis uma diferença entre o homem que assassinara e ele próprio: Ramius tinha consciência. Antes de se sentar, virou-se para fechar a porta à chave. Os oficiais estavam sentados em silêncio, visto que a sala não tinha espaço bastante para que pudessem permanecer de pé, uma vez os bancos deitados abaixo.

O domingo era o dia habitual da sessão política no mar. Em regra, Putin teria perorado e lido alguns editoriais do Pravda seguidos de citações das obras de Lenine. Depois, extraíam-se lições das leituras, tudo muito parecido com um serviço religioso.

Na ausência do zampolit, esta tarefa competia ao comandante, mas Ramius duvidava de que os regulamentos previssem o tipo de discussão na agenda do dia. Cada oficial na sala fazia parte da sua conspiração. Ramius expôs os planos — tinha havido algumas alterações menores, das quais não falara a ninguém. Contou-lhes da carta.

— Portanto, não podemos voltar atrás — observou Borodin.

— Todos concordamos nesta acção. Agora estamos todos presos a ela.

As reacções às palavras do comandante foram exactamente aquelas que ele esperava — sóbrias. Como era natural. Eram todos solteiros; ninguém deixara mulher nem filhos, eram todos membros do Partido, onde ocupavam boas posições, tinham as quotas em dia até ao fim do ano,

os cartões de filiados onde deviam estar, “junto ao coração”. E cada um deles partilhava com os camaradas uma profunda insatisfação que, em alguns casos, era ódio, relativamente ao Governo soviético.

Os planos haviam começado logo após a morte da sua Natalia. A raiva que quase inconscientemente suprimira durante toda a vida irrompera com uma violência e uma paixão que tivera dificuldades em conter. Uma existência de recalcamientos permitira-lhe ocultá-la, uma vida de treino naval habilitara-o a escolher um objectivo digno

Ramius ainda não entrara para a escola quando pela primeira vez ouvira histórias, contadas por outras crianças, acerca do que seu pai, Aleksandr, fizera na Lituânia em 1940, e, depois, da duvidosa libertação do país dos alemães, em 1944. As crianças contavam aquilo que ouviam aos pais, dito em segredo. Uma rapariguinha contou a Marko uma história que ele, por sua vez, repetiu a Aleksandr; para horror atónito do rapaz, o pai da rapariguinha desapareceu. Por este erro involuntário, Marko passou a ser conhecido como informador. Magoado com o nome que lhe davam, visto ter cometido um crime — o qual, para o Estado, não era crime nenhum — cuja enormidade nunca deixara de lhe aguilhoar a consciência, nunca mais tornou a contar fosse o que fosse.

Nos anos formativos da sua personalidade, enquanto o pai dirigia, em Vilnius, o Comité Central do Partido Lituano, Ramius, órfão de mãe, fora criado com a avó paterna, prática comum num país devastado por quatro anos de guerra brutal. O único filho dela saíra de casa muito novo para se alistar nos Guardas Vermelhos de Lenine e, na sua ausência, a avó de Ramius mantinha os velhos costumes; ia à missa todos os dias até 1940 e nunca esquecera a educação religiosa que lhe tinham dado. Ramius recordava-a como uma velha senhora de cabelo cor de prata que lhe contava histórias maravilhosas para o adormecer. Histórias religiosas. Teria sido demasiado perigoso se levasse Marko às cerimónias religiosas que nunca haviam sido por completo abolidas; mesmo assim, a avó conseguira baptizá-lo numa igreja católica romana, mal o pai lho tinha entregue. Nunca contara isto a Marko; o risco teria sido grande de mais. O catolicismo romano fora brutalmente suprimido nos Estados bálticos. Era uma religião e, à medida que foi crescendo, Marko aprendeu que o marxismo-leninismo era um deus ciumento que não tolerava concorrentes.

A avó Hilda contava-lhe, à noite, histórias da Bíblia, cada uma delas com uma lição sobre o bem e o mal, o castigo e a recompensa. Criança, Ramius achava-as meramente para entreter, mas nunca falava nisso ao pai, pois já sabia que Aleksandr poria objecções. Depois de Aleksandr ter retomado o controle da vida do filho, esta educação religiosa perdeu-se na memória de Marko, nunca em absoluto recordada, nunca em absoluto esquecida.

Em rapaz, Ramius pressentia mais do que pensava que o comunismo soviético ignorava uma necessidade humana básica. Na adolescência, os seus pressentimentos começaram a tomar forma coerente. O bem do povo era um objectivo bastante louvável, mas, ao negar a alma, parte imperecível do ser, o marxismo destruía os fundamentos da dignidade humana e do valor individual. Ignorava também a medida objectiva da justiça e da ética, a qual, pensava Ramius, constituía o principal legado da religião à vida civilizada. A partir do início da idade adulta, Marko já possuía as suas próprias ideias acerca do bem e do mal, ideias que não partilhava com o Estado e lhe permitiam avaliar as suas acções e as dos outros. Tinha o cuidado de as ocultar. Serviam-lhe de âncora para a alma e, como uma âncora, permaneciam escondidas muito abaixo da superfície visível.

Nem quando, rapaz, enfrentava as suas primeiras dúvidas acerca do seu país alguém poderia suspeitar disso. Como todas as crianças soviéticas, Ramius integrou-se nos Pequenos Outubristas,

depois nos Jovens Pioneiros. Desfilou nos fatais e sagrados campos de batalha de botas polidas e lenço vermelho, e perfilou-se perante os restos de um soldado desconhecido, empunhando contra o peito uma pistola-metralhadora PPSH sem munições, as costas erguidas diante da chama eterna. A solenidade deste dever não era casual. Em rapaz, Marko tinha a certeza de que os homens corajosos, cujos túmulos honrava tão intensamente, haviam cumprido o seu destino com o mesmo tipo de heroísmo altruísta que via retratado nos intermináveis filmes de guerra no cinema local. Eram homens que tinham combatido os abomináveis alemães para proteger as mulheres, as crianças e os velhos atrás das linhas. E, como o filho de um nobre de uma Rússia antiga, sentia um particular orgulho por ser filho de um chefe do Partido. O Partido, ouvira-o dizer centenas de vezes ainda não tinha cinco anos, era a Alma do Povo; a unidade que o Partido, o Povo e a Nação formavam era a Santíssima Trindade da União Soviética, se bem que um segmento fosse mais importante do que os outros. Seu pai cabia perfeitamente na imagem cinematográfica de um apparatchik do Partido. Firme, mas justo, para Marko era um homem rude que se ausentava muitas vezes e que trazia ao filho todos os presentes que podia, que velava por que ele gozasse de todas as vantagens a que o filho de um secretário do Partido tinha direito.

Embora na aparência fosse o modelo da criança soviética, no íntimo perguntava-se por que razão aquilo que o pai e a escola lhe ensinavam contradizia as outras lições da sua juventude. Porque seria que alguns pais não deixavam os seus filhos brincar com ele? Porque seria que os seus companheiros de escola, quando passavam por ele, murmuravam *stukach*, o cruel e amargo epíteto de informador? O pai e o Partido ensinavam que informar era um acto de patriotismo, mas, por ter informado uma vez, haviam-no marcado. Magoavam-no os insultos dos companheiros; porém, nem uma vez se queixou ao pai, por saber que prevaricaria se o fizesse.

Havia qualquer coisa de muito errado., mas que coisa? Decidiu procurar as respostas sozinho. Marko tornou-se deliberadamente individualista no seu pensamento, cometendo, assim, sem querer, o mais grave pecado do panteão comunista. Na aparência um modelo de filho de um membro do Partido, fingia com todo o cuidado, observando todas as regras. Cumpria os seus deveres para com todas as organizações do Partido e era sempre o primeiro a oferecer-se para as tarefas servis atribuídas aos jovens que aspiravam a ser membros do partido, único caminho, Marko sabia-o, que levava ao êxito ou mesmo ao conforto, na União Soviética. Tornou-se bom desportista. Não em desportos de equipa — dedicava-se a modalidades individuais em que podia pôr à prova as suas capacidades e avaliar as dos outros. Ao longo dos anos, foi aprendendo a fazer o mesmo em tudo aquilo em que se empenhava, a observar e a julgar as acções dos seus concidadãos e chefes com frio distanciamento, por detrás de uma expressão neutra que escondia as suas conclusões.

No Verão do seu oitavo ano, o curso da sua vida mudou para sempre. Como ninguém quisesse brincar com o “pequeno *stukach*”, Marko vagueava pelo cais da pequena aldeia piscatória onde a avó residia. Uma colecção desordenada de velhos barcos de madeira zarpava todas as manhãs, sempre protegida por barcos-patrolhas tripulados por guardas fronteiriços do MGB—como então se chamava o KGB — para uma safra modesta no golfo da Finlândia. A pesca suplementava a dieta local com as proteínas indispensáveis e permitia um minúsculo rendimento aos pescadores. Um dos capitães era o velho Sasha. Oficial da Armada do czar, tinha-se revoltado com a tripulação do cruzador *Aurora* e ajudado, assim, a desencadear os acontecimentos que haviam mudado a face do mundo. Só muitos anos depois Marko veio a saber que os tripulantes do *Aurora* tinham rompido com Lenine—e sido brutalmente reprimidos pelos Guardas Vermelhos. Sasha passara vinte anos em campos de trabalho por ter participado nessa imprudência colectiva e só fora solto no princípio da Grande Guerra Patriótica. A Rodina

necessitava de marinheiros experimentados para pilotar barcos nos portos de Murmansk e Árchanget, nos quais os aliados desembarcavam armas, alimentos e as miudezas que permitiam o funcionamento de um exército moderno. Sasha aprendera a lição no gulag: cumprir o seu dever eficientemente, sem nada pedir em troca. Depois da guerra, haviam-lhe dado uma espécie de liberdade em paga dos seus serviços, o direito de desempenhar um trabalho extenuante sob suspeita perpétua.

Quando Marko o conheceu, Sasha tinha mais de sessenta anos. Era um homem quase careca, com velhos músculos quais cordas, olho de marinheiro e um talento para contar histórias que deixava o rapaz maravilhado. Fora aspirante de Marinha em Port Arthur, em

1906, sob o comando do famoso almirante Marakov, talvez o maior marinheiro da História russa. (A reputação de Marakov como patriota e combatente inovador não ficaria manchada pelo facto de um Governo comunista decidir dar o seu nome a um cruzador equipado com mísseis). Desconfiando, a princípio, do rapaz por causa da sua reputação, Sasha viu nele algo que aos outros faltava. O rapaz sem amigos e o marinheiro sem família tornaram-se camaradas. Sasha passava horas contando e recontando a história de como servira no navio-almirante, o Petropavlovsk, e participara na única vitória russa sobre os aliados japoneses — para ver o seu barco afundado e o seu almirante morto por uma mina, no regresso ao porto. Depois, Sasha comandara os seus marinheiros como unidade de infantaria naval e conquistara três condecorações por bravura debaixo de fogo. A experiência — espetava, muito sério, o dedo para o rapaz — abria-lhe os olhos para a estúpida corrupção do regime czarista e convencera-o a aderir aos primeiros soviets da Armada, quando tal gesto significava morte certa às mãos da polícia secreta do czar, a okhrana. Contava a sua própria versão da Revolução de Outubro, na perspectiva emocionante de uma testemunha ocular. Sasha, porém, tinha o cuidado de não se referir aos acontecimentos posteriores.

Deixou que Marko navegasse com ele e ensinou-lhe o fundamental da marinharia; isto convenceu o rapaz, que não tinha ainda nove anos, de que o seu destino estava no mar. No mar havia uma liberdade de que jamais poderia usufruir em terra. O romance do mar entusiasmava o homem que crescia dentro do rapaz. Havia perigos também, mas através de uma série de lições simples e eficazes que duraram todo um Verão, Sasha ensinou ao rapaz que o treino, o conhecimento e a disciplina podiam enfrentar todas as formas de perigo; que o perigo devidamente enfrentado é algo que um homem não deve temer. Anos mais tarde, Marko reflectiria muitas vezes nos ensinamentos desse Verão e perguntaria a si próprio até onde não teria ido a carreira de Sasha se outros acontecimentos não a tivessem cortado cedo.

Marko falou ao pai em Sasha, estava esse longo Verão do Báltico no fim, e levou-o mesmo a conhecer o velho marinheiro. Aleksandr ficou impressionado com Sasha e com aquilo que este fizera pelo filho, a ponto de lhe ter conseguido o comando de um barco maior e melhor, e um salto na lista para um novo apartamento. Marko quase acreditou que o Partido era capaz de fazer uma boa acção, que ele próprio fizera a sua primeira boa acção como um homem. O velho Sasha, porém, morreu no Inverno seguinte e a boa acção ficou em nada. Muito tempo depois, Marko compreendeu que ignorava o apelido do seu amigo. Mesmo após anos de leal serviço prestado à Rodlna, Sasha nunca tinha sido uma pessoa.

Aos treze anos, Marko viajou para Leninegrado, a fim de frequentar a Escola Nakhimov. Aí decidiu tornar-se também oficial de Marinha; Marko responderia ao apelo da aventura que, ao longo dos séculos, chamava os jovens ao mar. A Escola Nakhimov era um estabelecimento de ensino preparatório, cujo curso de três anos se destinava aos rapazes vocacionados para a vida marítima. A Marinha soviética possuía, na época, pouco mais do que uma força de defesa

costeira; Marko, porém, queria muito fazer parte dela. O pai instava-o a dedicar a vida ao trabalho do Partido, prometendo-lhe uma promoção rápida, confortos e privilégios. Todavia, Marko queria merecer tudo o que recebesse, não queria ser recordado como um apêndice do “libertador da Lituânia. E a vida no mar oferecia aventura e excitação que chegavam a tornar suportável a decisão de servir o Estado. A Marinha não tinha grandes tradições constrangedoras. Marko sentia que dispunha de espaço para crescer e verificava que muitos aspirantes a cadetes eram como ele próprio, jovens à procura de um destino tanto quanto isso era possível numa sociedade estreitamente controlada como aquela em que viviam. O adolescente delirou com a sua primeira experiência de camaradagem. Perto do fim do curso, a sua classe tomou contacto com os vários componentes da frota russa. Ramius apaixonou-se de imediato pelos submarinos. Nessa época, os barcos eram pequenos, sujos e deitavam mau cheiro dos porões abertos, que as tripulações utilizavam como latrinas. Por outro lado, os submarinos eram a única arma ofensiva que a Marinha possuía e, desde o princípio, Marko procurara as emoções fortes. Recebera lições bastantes de história naval para saber que os submarinos quase tinham por duas vezes estrangulado o império marítimo inglês e castrado com êxito a economia do Japão. Isto agradava-lhe muito; agradava-lhe que os americanos tivessem esmagado a Armada japonesa, que por pouco matara o seu mentor.

Foi o primeiro da sua classe na Escola Nakhimov e conquistou o sextante com banho de ouro pelos seus conhecimentos de teoria da navegação. Como primeiro da turma, Marko pôde escolher a escola que frequentaria a seguir. Escolheu a Escola Naval Superior de Navegação Submarina, a Komsomol de Lenine, WMUPP, que é ainda a principal escola de submarinos da União Soviética.

Os seus cinco anos na WMUPP foram os mais exigentes da sua vida, sobretudo porque estava decidido não apenas a ser bom, mas o melhor. Foi o primeiro da sua classe em todas as disciplinas, em todos os anos. O seu estudo sobre o significado político do poder naval soviético foi enviado a Sergey Georgiyevich Gorshkov, à época comandante-chefe da Esquadra do Báltico e futuro expoente, como todos sabiam, da Marinha soviética. Gorshkov tinha visto o ensaio publicado no Morskoi Sbornik (Artigos Navais), o principal jornal da Marinha soviética. Era um modelo de pensamento partidário progressista, com seis citações diferentes de Lenine.

Por esta altura, o pai de Marko era candidato ao Presidium, como então se chamava o Politburo, e tinha grande orgulho no filho. Aleksandr não era tonto; acabou por reconhecer que a Armada Vermelha era uma flor desabrochando e que o filho acabaria por desfrutar nela de uma posição importante. A sua influência fez progredir rapidamente a carreira de Marko.

Pelos trinta anos, Marko tinha o seu primeiro comando e uma nova esposa. Natalia Bogdanova era filha de outro membro do Presidium, cujas missões diplomáticas o tinham levado, e à família, a percorrer o mundo. Natalia nunca fora saudável. Não tinham filhos; três tentativas feitas nesse sentido haviam terminado em aborto, o último dos quais quase a matara. Natalia era uma mulher delicada e bonita, sofisticada para os padrões russos, que polia o inglês sofrível do marido com livros americanos e britânicos — politicamente aprovados, claro—, sobretudo os pensamentos de esquerdistas ocidentais, mas também amostras de literatura genuína, incluindo Hemingway, Twain e Upton Sinclair. Natalia fora, ao lado da carreira naval, o centro da vida de Marko. O casamento, assinalado por ausências prolongadas e regressos festivos, tornara o amor ainda mais precioso do que noutras circunstâncias.

Quando começou a construção dos submarinos soviéticos de primeira classe movidos a energia nuclear, Marko correu aos estaleiros para se inteirar de como os tubarões de aço eram planeados e construídos. Não tardou a ser conhecido como exigente de mais para agradar

enquanto jovem inspetor de controle de qualidade. A sua vida, tinha consciência disso, confundir-se-ia com o trabalho dos soldados e montadores, tantas vezes bêbados. Tornou-se perito em engenharia nuclear, passou dois anos como starpom e recebeu, depois, o seu primeiro comando num submarino nuclear. Era um submarino de ataque da classe Novembro, a primeira tentativa tosca dos soviéticos de construir um vaso de guerra de longo alcance que ameaçasse os navios e as linhas de comunicação ocidentais. Menos de um mês mais tarde, um barco gémeo sofria um grave acidente provocado pelo reactor ao largo da costa norueguesa, e Marko foi o primeiro a chegar ao local. Conforme lhe haviam ordenado, salvou a tripulação e afundou o submarino inutilizado para que os navios ocidentais não descobrissem os seus segredos. Executou as duas tarefas com perícia e eficácia, realização notável para um jovem comandante. Sempre pensara que era importante recompensar a eficácia dos seus subordinados e o comandante da esquadra, nesse tempo, pensava da mesma maneira. Marko passou rapidamente para um novo submarino da classe Charlie 1.

Eram homens como Ramius que iriam desafiar os americanos e os britânicos. Marko alimentava poucas ilusões. Os americanos, sabia-o, possuíam uma longa experiência de guerra naval — o maior combatente que tinham tido, Jones, servira a Marinha russa no reinado da czarina Catarina. Os submarinos que possuíam eram lendários pelas suas virtualidades e Ramius sentia-se desafiado pelos últimos americanos treinados na guerra, homens que tinham resistido ao suor do medo do combate submarino e derrotado inapelavelmente uma armada moderna. O jogo mortalmente perigoso da cabra-cega que jogava com eles não era fácil, sobretudo porque eles dispunham de submarinos com anos de avanço relativamente às concepções soviéticas. Isso não significava, porém, que não fossem possíveis algumas vitórias.

Ramius foi aprendendo a jogar o jogo segundo as regras americanas, a treinar os seus oficiais e homens com cuidado. As suas tripulações raramente estavam preparadas quanto ele desejava — o maior problema, ainda, da Marinha soviética —, mas quando outros comandantes amaldiçoavam as tripulações pelos seus malogros, Marko corrigia os malogros das suas tripulações. O seu primeiro submarino da classe Charlie chamava-se Academia de Vilnius. Em parte, isto equivalia a uma afronta contra o seu sangue meio lituano — embora tivesse nascido em Leninegrado, de um grande-russo, o seu passaporte interno atestava-o como lituano —, mas era sobretudo o reconhecimento de que os oficiais lhe chegavam mal preparados e o deixavam prontos para fazer carreira e para, eventualmente assumir o comando. O mesmo se podia dizer do contingente geral. Ramius não permitia a escravatura nem o terrorismo de baixo nível, normais em toda a estrutura militar soviética. Via a sua tarefa como a formação de marinheiros e produzia uma percentagem maior de realistamentos do que qualquer outro comandante de submarinos. A nona parte dos michmany da força de submarinos da Esquadra do Norte era constituída por profissionais treinados por Ramius. Os comandantes de submarinos seus colegas adoravam embarcar os seus starshini; muitos destes se matricularam na escola de oficiais.

Após dezoito meses de trabalho duro e treino diligente, Marko e o seu Academia de Vilnius estavam prontos para jogar o jogo da cabra-cega. Foi com o USS Trítón, no mar da Noruega, que perseguiu impiedosamente durante doze horas. Mais tarde, observaria, não sem satisfação, que o Trítón não tardara a retirar-se porque, dizia-se, o vaso, descomunal, se demonstrara incapaz de enfrentar os submarinos soviéticos, mais avançados. Aos submarinos a diesel britânicos e noruegueses que ocasionalmente encontrava enquanto renovava o ar, perseguia sem descanso, submetendo-os, muitas vezes, a cruel flagelação Por sonar. Uma vez, chegou mesmo a encurrular um submarino americano equipado com mísseis; conseguiu manter contacto com ele durante quase duas horas, antes de o ver desaparecer como um fantasma nas águas escuras.

O rápido crescimento da Marinha soviética e a falta de oficiais qualificados durante os princípios da sua carreira impediram Ramius de frequentar a Academia de Frunze. Esta academia era, em princípio, um sine qua non de promoção em todos os ramos das Forças Armadas soviéticas. Frunze, em Moscou, perto do velho convento de Novodevichiy, tinha o nome de um herói da Revolução. Era a primeira escola para os que aspiravam ao alto comando e, embora Ramius não a tivesse frequentado como estudante, o seu comportamento como comandante operacional permitiu-lhe ser nomeado instrutor da academia. Conquistara o cargo apenas por mérito; o pai, apesar de altamente colocado, não interferira na nomeação. Isto era importante para Ramius.

O comandante do Departamento Naval de Frunze gostava de apresentar Marko como “o nosso piloto de ensaios de submarinos”. As suas classes tornaram-se uma atracção sem paralelo, não apenas para os oficiais da Armada da academia, mas também para os muitos outros que vinham assistir às suas aulas sobre história naval e estratégia marítima. Nos fins-de-semana, que passava na dacha oficial do pai, na aldeia de Zhukova-1, escrevia manuais de operações submarinas e treino de tripulações, e especificações para o submarino de ataque ideal. Algumas das suas ideias eram suficientemente controversas para perturbar o seu antigo protector, Gorshkov, nesse tempo comandante-chefe de toda a Marinha soviética — mas não desagradavam em absoluto ao velho almirante.

Ramius propunha que os oficiais dos submarinos deviam trabalhar numa única classe de barco — melhor ainda, no mesmo barco — durante anos, para assim melhor aprenderem a sua profissão e as possibilidades dos seus vasos. Comandantes habilitados, dizia, não deviam ser obrigados a abandonar o comando em virtude de promoções que os amarrariam a secretárias. Louvava aqui à prática do Exército Vermelho de deixar um comandante operacional no seu posto enquanto ele quisesse, opondo-se deliberadamente, neste aspecto, à prática das Armadas imperialistas. Sublinhava a necessidade de treino prolongado na esquadra, de aumento do tempo de serviço militar obrigatório e de melhores condições de vida nos submarinos. Para algumas destas ideias encontrou no Alto Comando receptividade; para outras, não. Ramius convenceu-se de que nunca chegaria a almirante. Nesse tempo, isto não o entristecia. Gostava de mais dos submarinos para os trocar por um esquadrão ou mesmo pelo comando de uma esquadra.

Depois de sair de Frunze, tornou-se realmente piloto de ensaios de submarinos. Marko Ramius, capitão-de-mar-e-guerra, comandava o primeiro barco de todas as classes de submarinos para “escrever o livro” sobre os seus pontos fortes e fracos, para estabelecer rotinas operacionais e orientações de treino. O primeiro dos Alfas foi seu, bem como o primeiro dos Deltas e dos Typhoons. Tirando um extraordinário revés com um Alfa, a sua carreira consistia numa ininterrupta sucessão de êxitos.

Tornou-se, pelo caminho, mentor de muitos jovens oficiais. Perguntava muitas vezes a si próprio o que teria Sasha pensado, enquanto ensinava a arte exigente das operações submarinas a vintenas de rapazes ansiosos. Muitos tinham-se já tornado oficiais comandantes; a maior parte falhara. Ramius era um comandante que se preocupava com os que lhe agradavam — e com os que não lhe agradavam. Outro motivo pelo qual nunca chegara a almirante estava na sua indisponibilidade para promover oficiais cujos pais eram tão poderosos quanto o seu, mas cujas capacidades eram insatisfatórias. Não conhecia favoritismos em questões de dever, e os filhos de meia dúzia de altos funcionários do Partido receberam notas de insuficiência, a despeito de participarem activamente nas discussões partidárias semanais. A maior parte tornara-se zampolit. Com esta integridade, conquistara a confiança do comando da esquadra. Na presença de uma missão difícil, o nome de Ramius era geralmente o primeiro a ser lembrado. Pelo caminho,

também, chamara a si vários jovens oficiais a quem, com Natalia, virtualmente adoptara. Eram sucedâneos da família que Marko e a mulher não tinham. Ramius viu-se a orientar homens muito parecidos consigo, com dúvidas desde cedo reprimidas acerca da chefia do país. Era um homem franco, desde que confiasse no seu interlocutor. Aos que tinham dúvidas políticas, aos que apenas tinham queixas, dava o mesmo conselho: “Entra para o Partido.” Eram já quase todos membros do Komsomol, claro, e Marko insistia para que dessem o passo seguinte. Era este o preço de uma carreira no mar e, impelidos pela sua própria ânsia de aventura, os oficiais, na maior parte, pagavam esse preço. Ramius fora autorizado a entrar para o Partido aos dezoito anos, a idade mínima, devido à influência do pai. As suas ocasionais intervenções nas reuniões semanais do Partido constituíam recitações perfeitas da linha oficial. Não era difícil, conforme pacientemente explicava aos oficiais. Tudo o que havia a fazer era repetir o que o Partido dizia — mudando apenas ligeiramente as palavras. Muito mais fácil do que navegar — bastava olhar o comissário político para o compreender! Ramius tornou-se conhecido como um bom comandante, cujos oficiais eram ao mesmo tempo obedientes e modelos de conformidade política. Era um dos melhores recrutadores do Partido na Marinha.

Então, a mulher de Ramius morreu. Ramius estava em terra na altura, coisa normal para um comandante de submarinos atómicos.

Possuía a sua dacha nos bosques a ocidente de Polyarnyy, o seu automóvel Zhiguli, o carro oficial e o motorista atribuídos a militares na sua posição, e numerosos outros confortos devidos pela sua patente e origem. Fazia parte da elite do Partido; por isso, quando Natalia se queixou de dores abdominais, a consulta numa clínica do Quarto Departamento, que atendia apenas os privilegiados, fora um erro natural. Costumava dizer-se na União Soviética: “Chão de tacos, médicos óptimos.” Viu a mulher viva pela última vez numa maca, a sorrir-lhe enquanto era conduzida para a sala de operações. O cirurgião de serviço chegara tarde ao hospital, e bêbado, e perdera muito tempo a respirar oxigénio puro para ficar sóbrio antes de iniciar a simples remoção de um apêndice inflamado. O órgão tumefacto rebentou precisamente quando ele afastava os tecidos para o alcançar. Sucedeu-se de imediato uma peritonite, complicada por uma perfuração intestinal que o cirurgião provocara na pressa desajeitada de reparar o erro.

Natalia foi submetida a antibioterapia, mas havia falta de medicamentos. Os remédios estrangeiros — em geral franceses — usados na clínica do Quarto Departamento tinham-se esgotado. Houve que recorrer aos antibióticos soviéticos, às medicações “plano”. Era prática comum da indústria soviética os trabalhadores ganharem bónus pelo fabrico de artigos para além da quota usual, artigos que iludiam o controle de qualidade, fosse qual fosse, existente na indústria soviética. Aquela particular remessa de medicamentos nunca fora inspeccionada ou testada. E os frascos tinham sido provavelmente cheios com água destilada em vez de antibiótico, descobriu Marko no dia seguinte. Natalia entrara em choque profundo, depois em coma. Morreria antes que a série de erros pudesse ser corrigida.

O funeral foi solene, como convinha, lembrava-se Ramius amargamente. Oficiais do seu comando e mais de uma centena de outros homens da Marinha que protegera ao longo dos anos, juntamente com nomes da família de Natalia e representantes do Comité Central local do Partido. Marko estava no mar quando o pai morrera, mas, como sabia da extensão dos crimes de Aleksandr, a perda pouco o afectara. A morte da mulher, contudo, constituiu uma catástrofe pessoal. Pouco depois de terem casado, Natalia dissera que todo o marinheiro precisa de ter alguém à sua espera, que toda a mulher precisa de ter alguém por quem esperar. Tão simples como isto — e infinitamente mais complexo, o casamento de duas pessoas inteligentes que, ao longo de quinze anos, haviam aprendido as forças e as fraquezas uma da outra e se tinham

tornado cada vez mais íntimas.

Marko Ramius viu o caixão desaparecer no forno crematório aos acordes pesados de um requiem clássico e desejou saber rezar pela alma de Natalia, desejou que a avó Hilda tivesse razão, que existisse algo para além da porta de ferro e das chamas. Foi então que todo o peso da realidade se abateu sobre ele: o Estado não lhe roubara apenas a mulher; roubara-lhe também o meio de adoçar o seu desgosto com a prece, roubara-lhe a esperança — nem que fosse uma ilusão — de a tornar a ver. Natalia, meiga e gentil, fora a sua única felicidade desde aquele Verão no Báltico, tão antigo. Agora, a felicidade desaparecera para sempre. À medida que as semanas e os meses passavam, a memória dela atormentava-o; um certo penteado, um certo andar, uma certa gargalhada que via nas ruas ou nas lojas de Murmansk, tudo lhe devolvia Natalia à zona clara da consciência, e quando pensava na sua perda deixava de ser um marinheiro profissional.

A vida de Natalia Bogdanova Ramius perdera-se nas mãos de um cirurgião que se embebedava, não obstante de serviço — crime que dava direito a julgamento em conselho de guerra na Marinha soviética; porém, Marko não podia castigar o médico. O cirurgião era filho de um dirigente do Partido e os seus protectores defendiam-lhe a posição. A vida de Natalia podia ter sido salva através de medicamentos adequados, mas não existiam em quantidade suficiente drogas estrangeiras, e as soviéticas não eram dignas de confiança. O médico não seria responsabilizado, os trabalhadores do laboratório não seriam responsabilizados. Esta ideia atormentava, a espaços, Ramius, e alimentava a sua fúria. Até que um dia tomou uma decisão: o Estado pagaria por eles.

A ideia levava semanas a formar-se, modelada por uma carreira de treino militar e de domínio de planos de contingência. Quando a construção do Outubro Vermelho recomeçou, após um intervalo de dois anos, Ramius soube logo que o ia comandar. Ajudara a conceber o seu revolucionário sistema de propulsão e inspeccionara o modelo, que manobrava no mar Cáspio, durante anos, em absoluto segredo. Pediu escusa do seu comando para se poder concentrar na construção e apuro do Outubro, para seleccionar e treinar os seus oficiais antecipadamente, para ter o submarino operacional o mais depressa possível. O pedido foi satisfeito pelo comandante da Esquadra do Norte Bandeira Vermelha, um homem sentimental que chorara também no funeral de Natalia.

Ramius já sabia quem iriam ser os seus oficiais. Todos da Academia de Vilnius, muitos dos “filhos” de Marko e Natalia, homens que deviam a Ramius o seu posto e a sua posição; homens que praguejavam contra a incapacidade do seu país para construir submarinos dignos das suas capacidades; homens que tinham entrado para o Partido, conforme Ramius lhes havia dito e, depois, se haviam tornado ainda mais descontentes com a Mãe-Pátria, à medida que iam aprendendo que o preço da promoção era a prostituição do espírito e da alma, o tornarem-se papagaios altamente pagos de dólman azul, para quem cada cerimónia do Partido constituía um exercício doloroso de autodomínio. Na maior parte, eram homens para os quais esse passo degradante não produzira frutos. Na Marinha soviética existiam três vias de promoção. Um homem tornar-se zampolit e ser um pária entre os camaradas; podia ser oficial de navegação e aceder ao seu próprio comando; ou podia ser desviado para uma especialidade na qual ganharia galões e dinheiro — mas nunca comando. Assim, um engenheiro-chefe da Marinha soviética podia ter uma patente superior à do seu comandante e continuar a ser seu subordinado.

Ramius olhou em redor da mesa para os seus oficiais. A maior parte não pudera perseguir os seus objectivos de carreira, não obstante a proficiência e a filiação no Partido. Infracções menores na juventude — num dos casos, um acto cometido aos oito anos — impedia dois deles de merecerem novamente confiança. Quanto ao oficial de mísseis, era por ser judeu; apesar de os

pais serem, desde sempre, comunistas dedicados e empenhados, não mereciam, como o filho, confiança. O irmão mais velho de outro oficial manifestara-se contra a invasão da Checoslováquia, em 1968, e desgraçara toda a família. Melekhin, engenheiro-chefe da mesma patente de Ramius, nunca pudera aspirar ao comando, simplesmente porque os seus superiores queriam que ele fosse engenheiro. Borodin, que estava pronto para assumir o comando, acusara, uma vez, um zampolit de homossexualidade; o homem sobre quem recaía a acusação era filho do zampolit-chefe da Esquadra do Norte. Existem muitos caminhos para a traição.

— E se eles nos localizam? — perguntou Kamarov.

— Duvido que mesmo os americanos nos passam encontrar quando o Caterpillar estiver em funcionamento. Tenho a certeza de que os nossos submarinos não o conseguirão. Camaradas, ajudei a conceber este barco — disse Ramius.

— Que irá ser de nós? — murmurou o oficial de mísseis.

—Primeiro, temos de cumprir a nossa missão imediata. Um oficial que olha longe de mais tropeça nas próprias botas.

— Eles vão pôr-se à nossa procura — disse Borodin.

— Claro — concordou Ramius, sorrindo—, mas quando souberem onde procurar será já demasiado tarde. A nossa missão, camaradas, é impedir que nos detectem. E impediremos.

QUARTO DIA

Segunda-feira, 6 de Dezembro

Quartel-General da CIA

Ryan desceu o corredor no último piso do quartel-general da Central Intelligence Agency, em Langley, na Virginia. Passara já por três controles de segurança, nenhum dos quais o obrigara a abrir a pasta, fechada à chave, embrulhada agora nas dobras do anorak amarelo, presente de um oficial da Marinha inglesa.

Por baixo, trazia um fato caro, de Savile Row; a culpa era, sobretudo, da mulher. O fato era de corte inglês, nem conservador nem excessivamente integrado na moda contemporânea. Tinha vários fatos assim, dispostos no seu armário, por cores, que usava com camisas brancas e gravatas às riscas. Como jóias, trazia apenas a aliança de casamento e o anel da Universidade, mais um modesto, embora rigoroso relógio digital numa pulseira de ouro, esta de preço. Ryan não era homem que desse grande valor às aparências; o seu trabalho era mesmo o de descobrir, para lá delas, a verdade nua e crua.

Fisicamente, era vulgar, com um metro e oitenta e dois, e o seu aspecto sofria um pouco, na cintura, da falta de exercício, estimulada pelo clima inglês, uma miséria. Os seus olhos azuis possuíam uma enganadora expressão de ausência; perdia-se, muitas vezes, em pensamentos, os olhos entregues a si próprios, enquanto o cérebro se debatia com dados ou material de pesquisa para o livro que estava a escrever. As únicas pessoas que Ryan tinha necessidade de impressionar eram aquelas que o conheciam; as outras pouco lhe importavam. Não ambicionava a celebridade. A sua vida, pensava, era já suficientemente complicada — um pouco mais até do que muitos suspeitariam. Dela faziam parte uma esposa que amava e dois filhos que adorava, uma Profissão que punha à prova o seu intelecto, e independência financeira bastante para escolher o seu próprio caminho. A divisa oficial da agência era “A verdade apertar-te-á”. O desafio, dizia a si próprio pelo menos uma vez por dia estava em descobrir essa verdade; e, embora duvidasse de que alguma vez viesse a atingir tão sublime estado de graça, orgulhava-se da sua capacidade para o mordiscar, um bocadinho de cada vez. O gabinete do director-adjunto dos Serviços Secretos, o DD] ocupava todo um canto no último piso, e dava para Potomac Vallej coberto de árvores. Ryan passou mais um controle de segurança.

— Bom dia, doutor Ryan.

— Olá, Nancy.

Ryan sorriu-lhe. Nancy Cummings desempenhava as suas funções de secretária havia vinte anos, servira com oito directores-adjuntos e bem vistas as coisas, possuía talvez tanto talento para a espionagem como os funcionários políticos do gabinete contíguo. Passava-se o mesmo que nas grandes empresas — os patrões entravam e saíam, mas as boas secretárias executivas eram eternas.

— Como vai a família, doutor? A pensar no Natal?

— Obrigado... A minha Sally está um tanto preocupada. Recei-a que o Pai Natal não saiba para onde nos mudamos e que não se d ao trabalho de ir a Inglaterra por causa dela. Mas há-de ir — confidenciou Ryan.

— São umas idades tão bonitas, não são? — Carregou num botão escondido. — Pode

entrar, doutor Ryan.

— Obrigado, Nancy.

Ryan accionou a maçaneta electronicamente protegida e entrou no gabinete do director-adjunto.

O vice-almirante James Greer recostava-se na sua cadeira de juis de espaldar alto, a ler um dossier. A secretária enorme, de mogno estava coberta com maços impecáveis de dossiers, as capas marcadas com fita vermelha e apresentando várias palavras em código.

— Viva, Jack!—cumprimentou-o através da sala. — Café?

— Está bem, obrigado, sir.

James Greer tinha sessenta e seis anos. Oficial da Marinha que] passara a idade da reforma, continuava a trabalhar com notável competência, tal como Hyman Rickover trabalhara, embora fosse um homem bastante mais fácil. Era um “cavalo selvagem”, um homem que entrara para a Marinha como recruta e, por direito próprio para a Academia Naval. Ao fim de quarenta anos esforçados, conquistara a sua bandeira de três estrelas, primeiro como comandante de submarinos, depois como especialista dos Serviços Secretos a tempo inteiro. Greer era um patrão exigente, mas preocupava-se com aqueles que lhe agradavam. Ryan era um destes.

De certo modo para desgosto de Nancy, Greer gostava de fazer o seu café numa máquina West Bend que tinha em cima da credência, atrás da secretária, mesmo à mão. Ryan serviu-se de uma chávena — rigorosamente uma caneca sem asa, estilo Marinha. Era o tradicional café dos marinheiros, forte e com uma pitada de sal.

— Tens fome, Jack? — Greer tirou uma caixa de bolos de uma gaveta da secretária. — Tenho aqui uns bolinhos de leite com passas.

.Obrigado, sir. Realmente comi pouco no avião.

Ryan pegou num bolo, juntamente com um guardanapo de papel.

— Continuas a não gostar de voar? — perguntou Greer, bem humorado.

Ryan sentou-se numa cadeira, em frente do chefe.

Acho que já era tempo de me habituar... Gosto mais do Concorde do que dos lentos. Uma pessoa tem menos tempo para se assustar.

Como está a família?

— Bem, obrigado, sir. Sally está na primeira classe, felicíssima. E Jack corre a casa toda, uma barafunda. São muito bons, os bolos.

— Feitos numa padaria que abriu há pouco, perto de minha casa. Passo por lá todas as manhãs. — O almirante endireitou-se na cadeira. — Então que te traz por cá hoje?

— Fotografias do novo submarino soviético equipado com mísseis, o Outubro Vermelho — disse Ryan com naturalidade, enquanto sorvia o café.

— Sim? E que pretendem os nossos primos britânicos em troca? — perguntou Greer, desconfiado.

— Querem dar uma espreitadela aos novos dispositivos de ampliação de Barry Somers. Não às máquinas em si — para já—, mas ao produto acabado. Parece-me razoável, sir.

Ryan sabia que a CIA não tinha fotografias do novo submarino. A directoria de operações não possuía ninguém no estaleiro de Severodvinsk nem um homem de confiança na base de Polyarnyy. Pior, as séries de “barcos palheiros” construídos para ocultar os submarinos equipados com mísseis, inspirados nas protecções dos submarinos alemães da Segunda Guerra Mundial, impossibilitavam a fotografia por satélite.

— Temos dez imagens baixas e oblíquas, cinco da proa e cinco da popa. Uma de cada perspectiva está por revelar, para Somers poder trabalhá-las. Não há compromisso nenhum, sir,

mas eu disse a Sir Basil que o senhor ia pensar no assunto.

O almirante resmungou. Sir Basil Charleston, chefe dos Serviços Secretos britânicos, era um mestre no quiproquó que, às vezes, oferecia a partilha de fontes aos seus primos mais ricos e um mês depois pedia algo em troca. O jogo da espionagem assemelhava-se muito a Un* mercado primitivo.

— Para usarmos o novo sistema, Jack, precisamos da máquina com que foram tiradas as fotografias.

— Bem sei. — Ryan tirou a máquina do bolso do casaco. — É uma máquina Kodak de disco, modificada. Sir Basil diz que é o último grito em máquinas de espionagem, perfeítíssima e muito pequena, diz ele, foi escondida numa bolsa de tabaco.

— Como é que sabes que... que precisamos da máquina?

— Bem, como Somers utiliza lasers para...

— Ryan! — ralhou Greer. — Que é que tu sabes, afinal?

— Calma, sir. Lembra-se de quando vim cá por causa daquelas novas rampas para os SS-20 na fronteira chinesa, em Fevereiro? Somers estava aqui e o senhor pediu-me que o levasse ao aeroporto Pelo caminho, ele começou a falar acerca do motivo da sua viagem e da grande ideia em que trabalhava. Não falou de outra coisa cou Dulles. Do pouco que compreendi, fiquei com a ideia de que ele dispara raios laser através das lentes da máquina para obter un modelo matemático delas. A partir daí, suponho, pega no negativo exposto, decompõe a imagem através dos raios laser e depois, com um computador, trata-a por meio de lentes teóricas obtidas também por computador e produz uma imagem perfeita. Se calhar não entendi bem.

Pela expressão de Greer, Ryan compreendeu que tinha entendido

— Somers tem a mania de falar de mais.

— Também lhe disse isso, sir. Mas quando ele começa a falar ninguém o cala!

— E que sabem os britânicos?

— Sei tanto como o senhor. Sir Basil fez-me perguntas sobre o processo e eu disse-lhe que não era a pessoa indicada para lhe responder. Sou formado em Economia e História, não em física. Disse-lhe que precisávamos da máquina... mas ele já sabia. Tirou-a da gaveta da secretária e lançou-ma para as mãos. Não falei nisto a ninguém, sir

— A quantas mais pessoas terá ele contado tudo! Estes génios? Vivem lá naquele mundo maluco deles... Somers, às vezes, parece um garoto. E tu conheces a primeira regra da segurança: a probabilidade de um segredo ser descoberto é proporcional ao quadrado de número de pessoas que o conhecem.

Esta era a máxima favorita de Greer. O telefone tocou.

— Greer... Está bem. — Desligou. — Charlie Davenport vem aí por tua sugestão. Já devia cá estar à meia hora. Deve ter sido a neve

O almirante apontou para a janela. A neve atingia já quatro centímetros e chegaria aos seis ao cair da noite.

— Cai um floco nesta cidade e já ninguém se entende.

Ryan riu. Eis uma coisa que Greer, um homem do Maine, no baixo Leste, jamais entenderia.

— Achas então que isto vale o preço?

— Há uns tempos que procuramos obter estas fotografias do ar, para juntar aos dados contraditórios que temos coligido acerca do submarino. A decisão é sua, mas sim, acho que valem o preço. Estas imagens são muito interessantes. Temos de ter os nossos próprios homens nesse maldito esta ,ejro — disse Greer, irritado.

Ryan não sabia como tinham as Operações desencantado aquilo, pouco lhe interessava o

trabalho de campo. Ryan era um analista. Não lhe importava saber como chegavam os dados à sua secretária, e tinha o cuidado de não perguntar.

— Basil não te contou nada acerca do homem deles, claro? Ryan sorriu, abanando a cabeça.

— Não, sir, e eu também não perguntei. Greer aprovou de cabeça.

— Bom dia, James!

Ryan virou-se e viu o contra-almirante Charlie Davenport, director dos Serviços Secretos Navais, acompanhado de um capitão.

— Viva, Charlie. Conheces Jack Ryan, não conheces?

— Olá, Ryan.

— Já nos encontrámos — disse Ryan. — Este é o capitão Casimir.

Ryan cumprimentou os dois homens. Conhecera Davenport anos antes, quando fazia uma conferência na Academia Militar Naval de Newport, em Rhode Island. Davenport fizera-o passar um mau bocado no período de perguntas e respostas. Tinha fama de ser patrão insuportável, o antigo aviador que deixara de poder voar depois de cair. Diziam alguns que nunca se conformara, que continuava ressentido. Contra quem? Ninguém sabia ao certo.

— O tempo, na Inglaterra, deve estar tão mau como aqui, Ryan — disse Davenport, pondo o casaco em cima do de Ryan. — Vejo que roubou um sobretudo da Marinha inglesa.

Ryan gostava muito do seu anorak e disse:

— Foi um presente, sir. É quentíssimo.

— Senhor, você fala mesmo como um inglês. James, temos de levar este rapaz a casa.

— Não sejas antipático, Charlie. Ele tem um presente para ti. Serve-te de café. ’

Casimir correu a encher uma caneca para o seu superior e sentou-se, depois, à sua direita. Ryan deixou passar um momento antes de abrir a pasta. Tirou dela quatro dossiers. Ficou com um e distribuiu os restantes.

— Consta-me que você tem desenvolvido um trabalho razoável, Ryan — disse Davenport.

Jack sabia que Davenport era um homem temperamental, ora afável, ora rude. Provavelmente para surpreender os seus subordinados.

— E... Meu Deus!

Davenport tinha aberto o dossier.

— Meus senhores, entrego-lhes o Outubro Vermelho. Uma gentileza dos Serviços Secretos britânicos — disse Ryan, formal.

Os dossiers continham as fotografias aos pares, quatro, de quatro por quatro. Por trás, ampliações de cada uma delas, de dez por dez. As fotografias haviam sido tiradas de um ângulo oblíquo baixo, talvez da borda da doca seca onde o submarino estivera para revisão após o lançamento à água. As imagens agrupavam-se aos pares, proa e popa, proa e popa.

— Meus senhores, como podem ver, a luz não era famosa. Não há aqui nada de retoques. Foram tiradas com uma máquina de bolso, carregada com filme colorido de velocidade 400. O primeiro par foi revelado normalmente para se obterem níveis de luz. O segundo foi puxado para aumentar a luz através de processos normais. O terceiro foi ampliado por computador para decomposição da cor e o quarto foi ampliado pelo mesmo sistema, para decomposição da imagem. Tenho negativos de cada fotografia para Barry Somers brincar.

— Sim? — exclamou Davenport, erguendo momentaneamente os olhos. — É muito gentil da parte dos britânicos. Qual é o preço? — Greer disse-lhe. — Paga que vale a pena.

— É o que Jack diz.

— Que admiração! — gracejou Davenport. — Bem sabes que ele trabalha para eles.

Ryan enfureceu-se com isto. Gostava dos ingleses, gostava de trabalhar com os seus

especialistas dos Serviços Secretos, mas sabia qual era o seu país. Respirou fundo. Davenport gostava de provocar as pessoas e, se Jack reagisse, Davenport venceria.

— Ao que sei, Sir John Ryan continua bem relacionado do outro lado do oceano—disse Davenport, estendendo a rede.

Ryan era cavaleiro honorário. Recebera o título como recompensa por ter frustrado um acto terrorista que o surpreendera em St. James Park, em Londres. Na altura, era um simples turista, o inocente americano no estrangeiro, e só muito depois viria a ser convidado para a CIA. O facto de, sem saber, ter impedido o assassinio de duas personalidades de grande proeminência, trouxera-lhe mais publicidade do que alguma vez desejara, mas pusera-o também em contacto com muitas pessoas em Inglaterra, na maior parte interessantes. Esses contactos tinham-no valorizado o suficiente para a CIA lhe ter pedido que fizesse parte de um grupo de ligação conjunto americano-britânico. Assim estabelecera uma boa relação de trabalho com Sir Basil Charieston.

— Temos lá muitos amigos, sir, e alguns deles tiveram a amabilidade de lhe oferecer isto — respondeu Ryan friamente.

Davenport amansou.

— Muito bem, Jack. Então, peço-lhe um favor. Quem fez isto merece uma boa recompensa. Meta-lhe coisa que se veja no bolso. Isto vale muito. Ora vamos lá a ver o que temos aqui...

Para um observador desprevenido, as fotografias mostravam um submarino nuclear típico. O casco, de aço, era cortado num dos extremos e cónico no outro. Os operários, na doca, permitiam avaliar-lhe o tamanho: era enorme. Tinha duas hélices gémeas, de bronze, à popa, uma de cada lado de uma saliência estreita a que os russos chamavam “rabo de castor” — pelo menos era o que diziam os relatórios secretos. Com as duas hélices, a popa nada tinha de especial, salvo um pormenor.

— Para que servem estas portas? — perguntou Casimir.

— É muito grande... — Davenport não o ouvira. — Mais doze metros do que pensávamos, parece.

— Treze metros e vinte, mais ou menos. — Ryan não gostava muito de Davenport, mas o tipo sabia do seu ofício. — Somers pode calibrar isto. E tem mais largura, mais dois metros do que os outros Typhoons. Sem dúvida que é um desenvolvimento da classe Typhoon, mas...

— Tem razão, capitão — interrompeu Davenport. — Que são estas portas?

— Foi por isso que vim. — Ryan perguntou a si próprio quanto tempo mais estaria ali; dera por elas nos primeiros cinco segundos. — Não sei, e os ingleses também não.

O Outubro Vermelho tinha duas portas à popa e à proa, com cerca de dois metros de diâmetro, embora não fossem rigorosamente circulares. Estavam fechadas no momento em que as fotografias haviam sido obtidas e só se viam bem no par número quatro.

— Tubos de torpedo? Não... Quatro deles estão no interior. Greer procurou na gaveta e tirou uma lupa. Na era da ampliação

por computador, o gesto de Greer surpreendeu Ryan como encantadoramente anacrónico.

— Tu é que és o homem dos submarinos, James — observou Davenport.

— Fui, há vinte anos, Charlie.

Trocara a Marinha pelos Serviços Secretos no princípio dos anos 60. O capitão Casimir, reparou Ryan, exibia as asas de aviador da Marinha e tinha o bom senso de estar calado. Não era um marinheiro.

— Não podem ser tubos de torpedo. Têm os quatro normais à Proa, atrás destas aberturas... Devem ter aí um metro e oitenta ou dois metros de largura. E se forem os tubos de lançamento

do novo míssil de cruzeiro que eles conceberam?

— É o que a Marinha inglesa pensa. Conversei casualmente acerca disto com os especialistas deles, mas não acredito. Porquê equipar uma arma antivaso de superfície numa plataforma estratégica? Nós, não temos disso e aperfeiçoamos os nossos submarinos muito mais do que eles. As portas são simétricas relativamente ao eixo do barco. Não se pode lançar um míssil da popa, sir. As aberturas mal deixam espaço às hélices.

— Equipamento de sonar rebocavel — alvitrou Davenport.

— Podia ser, se recolhessem uma hélice. Mas porquê duas? — perguntou Ryan.

Davenport olhou-o, agastado.

— Eles gostam de redundâncias.

— Duas portas à proa, duas portas à popa. Admito que sejam tubos de mísseis de cruzeiro. Admito que sirvam para recolher um equipamento qualquer. Mas os dois conjuntos de portas exactamente do mesmo tamanho? — Ryan abanou a cabeça. — É coincidência a mais. Para mim, trata-se de algo de novo. Foi por isso que a construção do submarino esteve interrompida durante tanto tempo. Inventaram qualquer coisa nova e gastaram os últimos dois anos a adaptar o modelo Typhoon para lá meterem a tal coisa nova. Não sei se viram que instalaram mais seis mísseis para o que desse e viesse.

— É uma opinião — observou Davenport.

— É para isso que me pagam.

— Diz lá, Jack! Que pensas que seja? — perguntou Greer.

— Não sei, sir, não sou engenheiro.

O almirante Greer examinou os seus visitantes durante alguns segundos. Sorriu e recostou-se na cadeira.

— Meus senhores, que é que nós temos? Noventa anos de experiência naval nesta sala, mais um jovem amador. — Apontou para Ryan. — Não há dúvida, Jack, de que queres alguma coisa de nós. Porque foi que trouxeste isto pessoalmente?

— Quero mostrar as fotografias a uma pessoa.

— A quem? — perguntou Greer, inclinando, desconfiado, a cabeça.

— Ao capitão Tyler. Conhecem-no?

— Eu conheço — respondeu Casimir. — Andava um ano atrás de mim, em Annapolis. Teve um acidente ou coisa parecida, não foi?

— Teve — disse Ryan. — Perdeu uma perna num acidente de automóvel, há quatro anos. Estava prestes a assumir o comando do Los Angeles e um condutor bêbado atropelou-o. Agora, ensina engenharia na Academia e trabalha como consultor do Comando dos Sistemas Marítimos. Faz análise técnica, estuda as concepções dos barcos... Doutorou-se em Engenharia no MIT e sabe pensar sem preconceitos.

— E quanto a segurança? — perguntou Greer.

— A máxima, sir, porque ele trabalha na Crystal Qty. — Objecções, Charlie?

Davenport franziu o sobrolho. Tyler não fazia parte da comunidade dos Serviços Secretos.

— Foi o tipo que estudou o novo Kirov?

Esse mesmo, sir, agora me lembro — disse Casimir.—Ele e Saunders, nos Sistemas Marítimos.

— Um belo trabalho. Por mim, está bem.

Quando queres vê-lo? — perguntou Greer a Ryan.

— Hoje ainda, se concordar, sir. Tenho de ir a Annapolis, de qualquer modo, buscar uma coisa a casa e... fazer umas compras de Natal também.

— Sim? Umas bonecas? — perguntou Davenport. Ryan olhou o almirante nos olhos.

— É verdade, sir, umas bonecas. A minha filha quer uma Barbie Esquiadora e mais complementos da Jordache. Ainda brinca ao Pai Natal, almirante?

Davenport compreendeu que Ryan já não recuaria. Não era subordinado que se deixasse intimidar. Ryan saía sempre por cima. Mudou de conversa.

— Disseram-lhe que o Outubro se fez ao mar na sexta-feira passada?

— Sim? — Não tinham dito; Ryan foi colhido de surpresa. — Pensava que só devia largar esta sexta-feira.

— Também nós. O comandante chama-se Marko Ramius. Sabe alguma coisa dele?

— Só informações em segunda mão. Os ingleses dizem que é muito bom.

— Bom é pouco — corrigiu Greer. — Deve ser o melhor comandante de submarinos que eles têm, um verdadeiro combatente. Possuíamos uma boa ficha a seu respeito quando eu estive na DIA. Quem é que anda atrás dele?

— O Bremerton. Estava fora de posição, em missão de espionagem electrónica, quando Ramius partiu, mas já recebeu ordens para o perseguir. O comandante chama-se Bud Wilson. Lembras-te do Pai dele?

Greer riu alto.

— Red Wilson? Um comandante de submarinos bem humorado! O filho é bom?

— Dizem que sim. Ramius é do melhor que os soviéticos têm, mas Wilson anda num 688. Lá para o fim da semana poderemos começar um novo livro sobre o Outubro Vermelho. — Davenport kvantou-se. — Temos de ir embora, James. — Casimir pegou logo nos casacões. — Posso ficar com isto?

— Acho que sim, Charlie. Vê lá não os pendures na parede, nem mesmo para tiro ao alvo. Também queres ir, não queres, Jack?

— Pois quero, sir. Greer pegou no telefone:

— Nancy, o doutor Ryan precisa de um carro e de um motorista dentro de quinze minutos. Está bem. — Desligou e esperou que Davenport saísse. — Não vale a pena matares-te aí na neve. E, se calhar, conduzes pelo lado errado, depois de teres vivido um ano em Inglaterra. Com que então Barbie Esquiadora?

— O senhor só tem rapazes, não é? As raparigas são diferentes. — Ryan sorriu. — Não conhece a minha Sally.

— A menina do papá?

— É... Deus ajude quem casar com ela. Posso deixar as fotografias com Tyler?

— Oxalá saibas o que estás a fazer, meu filho. Sim, podes deixar-lhas... se ele tiver onde as guardar em condições.

— Compreendo, sir.

— Quando voltares... Vais chegar tarde, provavelmente. As estradas estão impossíveis. Estás no Marriott?

— Estou, sir. Greer reflectiu.

— Devo trabalhar até tarde. Passa por cá antes de te ires deitar. Posso querer discutir umas coisas contigo.

— Muito bem, sir. Obrigado pelo carro — agradeceu Ryan, levantando-se.

— Vai lá comprar as tuas bonecas, rapaz.

Greer seguiu-o com os olhos. Gostava de Ryan. Ryan não tinha medo de dizer o que pensava. Parte desta atitude devia-se ao facto de ter dinheiro e uma mulher rica — vantajosa independência. Ryan não podia ser comprado, nem subornado, nem intimidado. A todo o tempo

poderia tornar a dedicar-se por inteiro aos seus livros de História. Ganhara dinheiro durante quatro anos como corretor, aplicando os seus próprios fundos em operações de alto risco e obtendo grandes lucros; depois cortara com tudo — não quisera, dizia, forçar a sorte. Greer não acreditava em tal. Achava que Jack se cansara — se cansara de ganhar dinheiro. Abanou a cabeça. O talento que lhe permitira enriquecer na Bolsa aplicava-o agora Ryan à CIA. Era já um dos mais brilhantes analistas de Greer, e as suas relações britânicas tornavam-no duplamente valioso. Ryan era capaz de folhear um maço de dados e extrair dele os três ou quatro factos que realmente tinham interesse — coisa rara na CIA. A agência continuava a gastar dinheiro de mais a coligir dados, pensava Greer, sem os conferir como devia ser. Os analistas nada tinham do suposto fascínio — ilusão criada em Hollywood — de um agente secreto em terra estrangeira. Jack, porém, sabia analisar os relatórios desses homens e os dados de fontes técnicas. Sabia tomar uma decisão e não receava dizer o que pensava, quer os seus patrões gostassem ou não. Isto, às vezes, irritava o velho almirante que, todavia, apreciava ter subordinados a quem respeitasse. A CIA abarrotava de gente cujo único talento consistia em lambar as botas ao chefe.

A Academia Naval dos EUA

A amputação da perna esquerda acima do joelho não roubara a Oliver Wendell Tyler o seu bom aspecto, o seu feitio malicioso ou o seu gosto pela vida. A mulher podia testemunhá-lo — desde que abandonara o serviço activo, quatro anos antes, haviam acrescentado mais três filhos aos dois que já tinham, e preparavam-se para o sexto. Ryan encontrou-o sentado à secretária, numa sala de aula vazia, em Rickover Hall, no Departamento de Ciência e Engenharia da Academia Naval dos EUA. Classificava papéis.

— Como vai isso, capitão? — cumprimentou Ryan, encostado à ombreira da porta, tendo deixado o motorista da CIA no corredor.

— Viva, Jack! Pensei que estivesses em Inglaterra.

Tyler ergueu-se nos dois pés — como dizia — e avançou, coxeando, para cumprimentar Ryan. A extremidade da perna artificial era quadrada, revestida a borracha, e não um pé fingido. Dobrava pelo joelho, mas não muito. Tyler tinha jogado rãguebi dezasseis anos atrás, como avançado nas reservas da selecção americana, e o resto do seu corpo era tão duro como o alumínio e a fibra de vidro da perna esquerda. O seu aperto de mão faria gemer um gorila.

— Então que te traz por cá?

— Tive de vir tratar de umas coisas e fazer umas compras também. Como está Jean e os teus... cinco miúdos?

— Cinco e dois terços.

— Outra vez? Jean devia meter-te na ordem.

— É o que ela diz, mas eu sou um desordenado dos diabos! — Tyler riu. — Acho que estou a desferrar-me dos anos de eremita que passei como marinheiro. Vá, puxa de uma cadeira!

Ryan sentou-se num canto da secretária e abriu a pasta. Passou a Tyler um dossier.

— Tenho aqui uns retratos que gostava que visses.

— Está bem.— Tyler abriu a pasta. — Que... Um russo! Enorme! Tem a configuração básica do Typhoon, porém muito modificada. Vinte e seis mísseis em vez de vinte... Parece mais comprido. O casco parece mais achatado também. É mais largo?

— Dois ou três metros.

— Soube que trabalhavas para a CIA. Isto é segredo, claro?

— É. E nunca viste estes retratos, capitão. Entendes?

— Entendo. — Tyler pestanejou. — Mas para que queres que eu os veja?

Ryan mostrou-lhe as ampliações.

— Estas portas, à proa e à popa.

— Hum... — Tyler pousou as ampliações lado a lado. — Enormes. Têm para aí dois metros... Duas à proa, duas à popa... Parecem simétricas relativamente ao eixo central. Não são tubos de mísseis de cruzeiro, pois não?

— Num submarino? Num submarino estratégico?

— Os russos são muito disparatados, sabes, Jack... Fazem as coisas lá à maneira deles. São os mesmos que construíram a classe Kirov com um reactor nuclear e uma unidade de propulsão a vapor alimentada a gásóleo. Hélices gémeas... As portas da popa não podem ser para um equipamento de sonar. Destruíam as hélices.

— E se eles recolhem uma hélice?

— Fazem isso com navios de superfície, para poupar combustível, e, às vezes, com barcos de ataque. Mas operar um brinquedo destes, de hélices gémeas, só com uma seria provavelmente arriscado. Parece que os Typhoons tinham problemas de manobra, e barcos com problemas de manobra costumam ser sensíveis a alterações de força. Acabam por andar à roda de tal maneira que é difícil manter a rota. Já viste como as portas convergem à popa?

— Não, não vi.

— Raios! — exclamou Tyler, tirando os olhos das fotografias. — Devia ter visto imediatamente. É um sistema de propulsão. Apanhaste-me a classificar papéis, Jack. Não há nada pior para esvaziar a cabeça de uma pessoa.

— Um sistema de propulsão?

— Olhando para isto... Deve ter sido aí há vinte anos, quando vim aqui para a escola... Nunca mais lhe pegámos. Funciona mal.

— Explica-me lá isso.

— Chamavam-lhe túnel de propulsão. Estás a ver as centrais hidroeléctricas do Oeste? São sobretudo barragens. A água acciona rodas que, por sua vez, accionam geradores. Agora há uns sistemas novos para fazer funcionar os geradores. Recolhe-se a água em rios subterrâneos e a água acciona impulsores que, por seu turno, accionam geradores em vez da roda de moinho modificada. Um impulsor é como um propulsor, só que a energia é produzida pela injeção da água. Há outras diferenças técnicas menores, nada de importante. Até aqui percebeste? “Ora bem! Com este sistema, sugas água à proa e os teus impulsores injectam-na na popa, o que faz mover o barco. — Tyler interrompeu-se, franzindo o sobrolho. — Lembro-me que é preciso mais do que um propulsor Por túnel. eles estudaram isso no princípio dos anos 60 e chegaram ainda a fazer modelos antes de porem a ideia de parte. Uma das coisas que descobriram foi que vários impulsores dão mais resultado do que um só. O problema tem a ver com a contrapressão. Era um princípio novo, uma coisa inesperada que se lhes deparava. Acabaram por utilizar quatro, penso. O aspecto geral era parecido com o dos compressores de um motor a jacto.

— Porque foi que abandonaram a ideia? — perguntou Ryan, tomando rapidamente notas.

— Por uma questão de eficiência, sobretudo. Independentemente da força dos motores, há um limite para a água que circula nos túneis. E o sistema de transmissão ocupava muito espaço. Resolveram, em parte, este problema com um novo tipo de motor de indução eléctrica, creio; porém, mesmo assim, havia uma série de maquinas para arrumar no casco. Os submarinos não dispõem de muito espaço, nem mesmo um monstro destes. A velocidade máxima andaria pelos dez nós, o que era pouco, não obstante o sistema eliminar virtualmente os sons de cavitação.

— Cavitação?

— Quando se tem um propulsor, uma hélice, a rodar na água a alta velocidade, cria-se uma área de baixa pressão atrás do bordo de saída da lâmina. Esta pressão provoca a vaporização da água, o que, por sua vez, provoca pequenas bolhas. As bolhas não duram muito, devido à pressão da água e, quando rebentam, a água bate nas lâminas. Isto faz três coisas. Primeiro, faz barulho, e nós, os homens dos submarinos, detestamos barulho. Segundo, pode provocar vibração, coisa de que também não gostamos. Os velhos paquetes, por exemplo, vibravam com uma amplitude de vários centímetros à popa, tudo por causa da cavitação e do deslizamento. E é preciso muita força para fazer vibrar um barco de cinquenta mil toneladas; uma força capaz de partir tudo. Em terceiro lugar, destrói as hélices. As hélices duravam poucos anos. Por isso, antigamente, as lâminas eram cravadas DO cubo, em vez de serem fundidas numa só peça. A vibração é, no fundo, um problema dos barcos de superfície, e a degradação das hélices acabou por ser resolvida com as novas tecnologias metalúrgicas.

”Portanto, este sistema de transmissão evita o problema da cavitação? Continua a haver cavitação, mas o ruído perde-se quase todo nos túneis. Bem concebido, não há dúvida. O problema é que não consegue obter grande velocidade, a não ser com túneis de um Calibre demasiado grande para serem práticos. Enquanto uma equipa balhava nisto, outra trabalhava no aperfeiçoamento das hélices. A hélice típica de um submarino de hoje é muito grande e, por isso, trabalha mais lentamente a uma dada velocidade. Quanto mais lenta é a velocidade de rotação, menos cavitação existe. O problema é também minorado pela profundidade. A umas centenas de metros de profundidade, a pressão da água, mais elevada, retarda a formação de bolhas.

— Então, porque é que os soviéticos não copiam o nosso modelo de hélice?

— Deve haver vários motivos. Uma hélice é concebida para um determinado casco, para um determinado motor; as nossas hélices não se adaptariam automaticamente aos barcos deles. E muito deste trabalho é ainda empírico. Cometem-se muitos erros, é preciso fazer várias experiências... Muito mais difícil, digamos, do que concebi um aerofólio, porque a secção da lâmina muda radicalmente de um ponto para o outro. Suponho que outro motivo está em que a tecnologia metalúrgica deles não é tão boa como a nossa — a mesma razão pela qual os motores a jacto e os foguetões que eles têm são menos eficientes. Os novos modelos dependem muito da resistência das ligas, mas isso é matéria especializadíssima e eu só conheço generalidades

— Está bem. Dizes que se trata de um sistema de propulsão silencioso e que a velocidade máxima é de dez nós, não é assim? — perguntou Ryan para se certificar.

— Dez nós, mais ou menos. Precisaria de um modelo computadorizado para estabelecer rigorosamente a velocidade. Ainda devemos ter por aí os dados no Laboratório Taylor. — Tyler referia-se ao laboratório do Comando dos Sistemas Marítimos, na margem norte do Severn River. — Provavelmente ainda é material classificado e não poderia confiar nele por aí além.

— Como é isso?

— Não te esqueças de que todo este trabalho tem vinte anos. Fizemos apenas modelos de quatro metros e meio, muito pequenos para se chegar a uma conclusão. Não te esqueças também de que depararam com um novo princípio, essa história da contrapressão E com outras coisas, se calhar. Oxalá tenham experimentado modelos computadorizados. Todavia, mesmo que o tenham feito, há vinte anos as técnicas dos modelos matemáticos eram muito primitivas. Para fazer isso hoje preciso dos velhos dados e programas do Taylor, de verificar tudo e de fazer um novo programa baseado nesta configuração. — Tocou com o dedo nas fotografias. — E, depois, preciso de um grande computador integrado.

— Mas farias isso?

— Com certeza. Terei de obter as dimensões exactas deste bichinho, mas já fiz disso em Crystal City. O mais difícil é o acesso a” computador. Tem de ser uma grande máquina.

— Talvez eu consiga arranjar-te acesso ao nosso. Tyler riu.

— Não deve servir, Jack. Isto é trabalho muito especializado. Estou a pensar num Cray-2, um dos maiores. Terei de simular matematicamente o comportamento de milhões de pequenas partículas de água, água que cerca, e que atravessa, neste caso, todo o casco. Mais ou menos a mesma coisa que a NASA faz com o Space Shuttle. O trabalho em si é bastante fácil; obter a escala é que é muito complicado. Os cálculos são simples, mas tens de os fazer aos milhões por segundo. Só pode ser num Cray, e não há muitos. A NASA tem um, em Houston, penso. A Marinha tem alguns em Norfolk, a trabalharem no ASW, mas nesses nem pensar. A Força Aérea tem um no Pentágono, creio, e os restantes estão na Califórnia.

— Mas serias capaz de fazer isso?

— Claro.

— Então começa a tratar do assunto, capitão, que eu vou ver se te arranjo um computador. Quanto tempo demora?

— Depende da qualidade do material do Taylor. Talvez uma semana, talvez menos...

— Quanto queres pelo trabalho?

— Deixa-te disso, Jack! — respondeu Tyler, fazendo um gesto de recusa.

— Hoje é segunda-feira, capitão. Fornece-nos os dados na sexta-feira e ganharás vinte mil dólares. Tu mereces o dinheiro e nós queremos os dados. Combinado?

— Combinado. — Apertaram as mãos. — Posso ficar com as fotografias?

— Só se tiveres um sítio seguro para as guardar. Ninguém as pode ver, capitão. Ninguém.

— No gabinete do superintendente há um bom cofre.

— Está bem, mas ele não as vê.

O superintendente era um antigo marinheiro de submarinos.

— Ele não vai gostar — disse Tyler, mas está bem.

— Se ele puser problemas, diz-lhe que fale com o almirante Greer.

— Toma lá o número. — Ryan passou-lhe um cartão. — Apanhas-me aqui se precisares de alguma coisa. Se eu não estiver, chamas o almirante.

— Isto é assim tão importante?

— O suficiente. És o primeiro tipo que apresenta uma explicação para estes buracos. Foi por isso que cá vim. Se conseguires arranjar-nos um modelo, nem imaginas como nos serás útil. Mais uma coisa — capitão... isto é pólvora. Se alguém deita os olhos a estas fotografias, é o meu pescoço que vai para o cepo.

- Compreendo, Jack. Está descansado. Bem, agora... como me marcaste um prazo tão curto, acho melhor começar já a trabalhar. Adeus!

Após as despedidas, Tyler pegou num bloco e começou a apontar as coisas que devia fazer. Ryan saiu do edifício com o motorista Lembrou-se de uma Toys-R-Us na Estrada 2 de Annapolis e queria comprar a boneca para Sally.

Quartel-General da CIA

Ryan regressou à CIA pelas oito da noite. Passou rapidamente os controles de segurança e entrou no gabinete de Greer.

— Então sempre compraste a Barbie que faz surjl— perguntou Greer, olhando-o.

— A Barbie Esquiadora — corrigiu Ryan. — Comprei, sir. — Vá lá! Já não brinca ao Pai Natal?

— Eles crescem depressa de mais, Jack. Até os meus netos já passaram a idade do Pai Natal. — Virou-se para se servir de café e Ryan perguntou a si próprio se Greer teria dormido. — Temos mais novidades acerca do Outubro Vermelho. Parece que os russos estão a efectuar um grande exercício ASW no nordeste do mar de Barents, Meia dúzia de aviões de reconhecimento, fragatas, um submarino da classe Alfa, tudo a operar em círculo.

— Provavelmente manobras. Tyler diz que as portas são de um novo sistema de propulsão.

— Sim? — Greer recostou-se. — Explica lá...

Ryan puxou das suas notas e resumiu o que aprendera sobre tecnologia de submarinos. — O capitão diz que pode obter uma simulação, em computador, do seu funcionamento.

Greer arregalou os olhos.

— Quando?

— Talvez lá para o fim da semana. Disse-lhe que se tivesse acabado o trabalho na sexta-feira lhe pagaríamos vinte mil dólares. Acha bem?

— E valerá a pena?

— Se ele obtiver os dados de que precisa, vale com certeza, sir. O capitão é um homem inteligentíssimo. Os doutorados pelo MB não andam por aí aos pontapés e ele foi dos cinco primeiros da sua classe na Academia.

— Valerá vinte mil dólares do nosso dinheiro? — insistiu Greer conhecido sovina.

Ryan sabia como responder-lhe:

— Sir, para adoptarmos os processos normais teremos de contratar um dos Bandidos da Beltway — Ryan referia-se às firmas de consultores que cercavam Washington, D.C. —, que nos levarão cinco ou dez vezes mais pelo trabalho. E muita sorte se o tivermos pronto na páscoa. Assim, poderemos ter o modelo ainda com o submarino no mar. Se a coisa falhar, pagarei eu. Pensei que queria os dados depressa, e ele é a pessoa indicada.

— Tens razão.

Não era a primeira vez que Ryan iludia os procedimentos normais. Das outras vezes, saíra-se razoavelmente bem. Greer era um homem interessado em resultados.

— Sim, senhor! Os soviéticos têm um novo submarino equipado com mísseis e com um novo sistema de propulsão silencioso. Que significa tudo isso?

— Nada de bom. Dependemos da nossa capacidade para localizarmos os submarinos deles. Foi por isso que concordaram, há uns anos, com a nossa proposta de manter os submarinos a quinhentas milhas das costas uns dos outros, e é por isso que têm os submarinos equipados com mísseis nas respectivas bases a maior parte do tempo. Ora isto pode alterar a situação. Agora me lembro... Não sei de que é feito o casco do Outubro.

— De aço. É grande de mais para ter um casco de titânio. Pelo menos custaria uma fortuna. Sabes o que gastaram com os Alfas.

— De mais para os resultados que obtiveram. Uma fortuna gasta num casco superforte com um sistema de propulsão barulhento como os diabos. Que estupidez!

— Será... mas eu não me importava nada de ter uma velocidade assim. De qualquer modo, se esse sistema de propulsão silencioso funcionar mesmo, eles podem muito bem penetrar na plataforma continental.

— Tiro de trajectória baixa — disse Ryan.

Era este um dos mais perturbadores cenários da guerra nuclear, no qual um míssil montado num submarino era disparado contra o alvo a centenas de milhas de distância. Washington ficava

a cerca de cem milhas aéreas do oceano Atlântico. Embora um míssil numa trajectória baixa e rápida perca muita da sua precisão, podem ser lançados vários, a fim de explodirem sobre Washington em menos de cinco minutos — tempo demasiado curto para um presidente reagir. Se os soviéticos conseguissem matar o presidente assim tão depressa, a ruptura da cadeia de comando deste modo provocada, dar-lhes-ia tempo de sobra para disparar os mísseis baseados em Terra. pois não haveria ninguém autorizado a ripostar. Este cenário é uma requintada versão estratégica de um simples estrangulamento, Pensou Ryan. Um estrangulador não ataca os braços da vítima, procura-lhe o pescoço.

— Pensa que o Outubro foi construído com essa intenção? Não tenho dúvidas de que, pelo menos, se lembraram disso- observou Greer. — Quem não se lembraria? Bom, temos o Bremerton a tomar conta dele e se estes dados vierem a demonstrar-se úteis veremos se é possível conceber uma resposta. Como te sentes

— Ainda não parei desde as cinco e meia, hora de Londres. Um dia muito comprido, sir.

— Imagino. Está bem, discutiremos o problema do Afeganistão amanhã de manhã. Agora vai dormir, filho.

— É para já, sir — Ryan pegou no casacão. — Boa noite.

Dali ao Marriott eram quinze minutos. Ryan cometeu o erro de ligar o televisor no início da Noite de Râguebi de segunda-feira. O Cin cinnati jogava contra o San Francisco, os dois melhores defesas da Liga, acirrados um contra o outro. Sentia muito a falta do futebol americano na Inglaterra e conseguiu ficar acordado quase três horas antes de adormecer com o televisor em funcionamento.

Controle do SOSUS

Tirando o facto de toda a gente andar fardada, um visitante facilmente confundiria a sala com um centro de controle da NASA. Havia seis largas fileiras de consolas, cada uma com o seu écran de TV e teclado, mais botões de plástico iluminados, mostradores, auscultadores e controles digitais e analógicos. O chefe técnico de oceanografia Deke Franklin estava sentado à consola quinze.

A sala era a do controle SOSUS (sistema de vigilância de sonar do Atlântico. Ficava num edifício bastante inconspícuo, um edifício governamental no vulgar estilo dos blocos modernos, com parede de cimento sem janelas, um poderoso sistema de ar condicionado no terraço e uma tabuleta azul com um nome em código constituído por iniciais numa relva bem tratada, mas já amarelecida. Marines armados guardavam discretamente as três entradas, pelo lado de dentro. Na cave havia dois supercomputadores Cray-2, vigiados por vint acólitos e, atrás do edifício, três estações de rastreio de satélite COB ligações em todos os sentidos. Os homens, as consolas e os computadores estavam electronicamente ligados por satélite e por via terrestre ao sistema SOSUS.

Através dos oceanos do mundo, especialmente nas passagens que os submarinos soviéticos tinham de atravessar para chegarem ao seu alvo, os Estados Unidos e outros países da NATO haviam instalado conjuntos de receptores de sonar altamente sensíveis. As centenas de sensores do SOSUS recebiam e emitiam uma quantidade inimaginável de informação e, para ajudar os operadores de sistema a classificar e analisar essa informação, fora necessário conceber uma nova família de computadores, os supercomputadores. O SOSUS desempenhava admiravelmente bem as suas funções. Muito pouco poderia atravessar a barreira sem ser detectado. Mesmo os

submarinos americanos e britânicos, ultra-silenciosos, eram, em geral, surpreendidos. Os sensores instalados no leito do mar, eram periodicamente substituídos por outros mais modernos; muitos tinham já processadores de sinal que faziam a pré-selecção dos dados que emitiam, aliviando o trabalho dos computadores centrais e permitindo uma mais rápida e rigorosa classificação dos alvos.

A consola do chefe Franklin recebia dados de um conjunto de sensores instalados ao largo da costa da Islândia. Franklin era o responsável por uma área de quarenta milhas náuticas e o seu sector sobrepunha-se aos de leste e oeste, de tal maneira que, em teoria, três operadores controlavam em permanência todos os segmentos da barreira. Se recebesse um sinal, avisava, em primeiro lugar, os seus companheiros operadores e, depois, escrevia um relatório de contacto no terminal do computador que seria projectado no quadro principal de controle, ao fundo da sala. O oficial de serviço tinha autoridade, que exercia frequentemente, para perseguir um contacto com ampla variedade de meios, desde barcos de superfície até aviões anti-submarinos. Duas guerras mundiais haviam ensinado a britânicos e americanos a necessidade de manter as suas rotas marítimas de comunicação — SLOC — abertas.

Embora aquelas instalações, tranquilas como um túmulo, nunca tivessem sido mostradas ao público nem conhecessem o ambiente típico da vida militar, os homens que ali trabalhavam contavam-se entre os mais importantes ao serviço do seu país. Numa guerra, sem eles, nações inteiras poderiam sucumbir.

Franklin recostava-se na cadeira giratória, fumando contemplativamente um velho cachimbo de roseira. Em seu redor, era o silêncio. Mesmo que não fosse, os seus auscultadores de quinhentos dólares tê-lo-iam eficazmente isolado do mundo exterior. De vinte e seis anos, Franklin fizera toda a sua carreira em contratorpedeiros e fragatas. Os submarinos e os homens dos submarinos eram para ele o inimigo, independentemente da bandeira sob que navegassem ou do uniforme que pudessem usar.

Ergueu uma sobancelha e inclinou a cabeça, quase calva, para um lado. As fumaças do cachimbo tornaram-se irregulares. Estendeu a mão direita para o painel de controle e desligou os processadores ”e sinal para poder ouvir o som sem interferência computarizada. O som era mau, todavia; o ruído de fundo era grande. Tornou a ligar os filtros. Depois, experimentou os controles de azimute. Os Sensores do SOSUS eram concebidos para indicar coordenadas através do uso selectivo de receptores individuais que Franklin podia regular electronicamente, registando primeiro uma coordenada e, depois, utilizando um conjunto de sensores próximos, mediante triangulação, obtendo a posição. O contacto era muito débil, mas não muito longe da linha, calculou Franklin, que interrogou o terminal do seu computador. O USS Dallas estava no local. “Ótimo!”, disse, esboçando um sorriso. Ouviu outro ruído de baixa frequência que durou poucos segundos. O silêncio não era, portanto, total. Porque não ouvira ruído antes de afinar o azimute de recepção? Pousou o cachimbo e procedeu a ajustamentos no painel de controle.

— Chefe?

Era a voz do oficial de serviço que lhe chegava pelos auscultadores.

— Sim, comandante?

— Pode vir ao controle? Gostava que ouvisse uma coisa.

— Vou imediatamente, sir.

Franklin ergueu-se devagar. Quentin era um antigo comandante de contratorpedeiros que trabalhava em tempo parcial, depois de ter vencido uma batalha contra o cancro. Depois de quase ter vencido uma batalha contra o cancro, corrigiu-se Franklin. A quimioterapia, matara o cancro à custa de quase todo o seu cabelo e de lhe transformar a pele numa espécie de pergaminho

transparente. Uma pena pensou; Quentin era um homem fantástico.

A sala de controle ficava uns metros acima do piso para que os seus ocupantes pudessem ver todos os operadores de serviço e quadro táctico principal, na parede oposta. Estava isolada por vidro a fim de que pudessem falar uns com os outros sem perturbar os operadores. Franklin foi ter com Quentin, no posto de comando donde podia contactar com qualquer consola.

— Viva, comandante. — Franklin reparou que o oficial começava a recuperar algum peso, o que já não era sem tempo. Que se passa, Sir?

— É a rede do mar de Barents.

Quentin passou-lhe um par de auscultadores. Franklin escutou durante vários minutos, sempre de pé. Como muitas pessoas, tinha a suspeita instintiva de que o cancro era contagioso.

— Estão muito ocupados, sim, senhor... Ouço dois Alfas, um Charlie, um Tango e alguns barcos de superfície. Que é isto, sir?

— Também está lá um Delta, mas acabou de subir à superfície ' parou os motores.

— Subiu à superfície, comandante?

— É. Estavam a, persegui-lo activamente com sonar e depois entraram em contacto com ele.

— Compreendo. Andam em manobras e o submarino fintou-o'

— Talvez.

Quentin esfregou os olhos. Parecia cansado. Cansava-se de mais e a sua resistência não era já metade do que fora.

Os Alfas continuam a ouvir-se e rumam agora a ocidente, como ... oh... — Franklin reflectiu por momentos. — Então procuram outro barco. O Typhoon que devia ter partido no outro dia, talvez?

Foi o que pensei... só que rumam a ocidente e a área do exercício é a nordeste do fiorde. Perdemos-lo o outro dia no SOSUS. O Brenerton anda agora a ver se o descobre.

— Comandante manhoso — observou Franklin. Desligou os motores e navega arrastado pela corrente.

— É — concordou Quentin. — Quero que vás ao quadro de supervisão da barreira do cabo Norte ver se o descobres por lá, chefe. Ainda deve ter o reactor a funcionar e, portanto, fará algum barulho. Os operadores que temos nesse sector são ainda novatos. Ponho um no teu lugar e tu vais para o dele.

— Está bem, comandante.

A equipa da barreira do cabo Norte estava ainda verde, habituada a trabalhar só em barcos. O SOSUS exigia outra sensibilidade. Quentin não precisou de dizer que esperava que Franklin verificasse os quadros de todas as equipas do cabo Norte e aproveitasse para lhes ensinar alguma coisa enquanto escutava os seus canais.

— Apanhaste o Dallas?

— Apanhei, sir. Fraquinho, mas penso que o apanhei a atravessar o meu sector, rumo a noroeste, para Toll Booth. Se tivermos lá Orion, poderemos encurralá-lo. Envergonhamos-los, s/r?

Quentin gargalhou. Também não apreciava muito os homens dos submarinos.

— Não, a GOLFINHO ELEGANTE acabou, chefe. Vamos apenas localizá-lo e dizer isso ao comandante, quando ele voltar. Foi um bom trabalho. Com a reputação que ele tem... Não se previa que o ouvíssemos.

— Pois ouvimo-lo hoje!

— Diz-me o que descobrires, Deke.

— Está bem, comandante. E olhe por si, ouviu?

QUINTO DIA

Terça-feira, 7 de Dezembro

Moscou

Não era o mais luxuoso gabinete do Kremlin, mas o suficiente para as suas necessidades. O almirante Yuri Ilych Padorin compareceu para trabalhar, como de costume, às sete da manhã, vindo do seu apartamento de seis divisões na Kutuzovskiy Prospekt. As janelas amplas do gabinete davam para os muros do Kremlin; não fora isso. veria o rio Moscou, agora gelado. Padorin não sentia falta da paisagem, embora tivesse ganho as suas esporas a comandar canhoneiras fluviais quarenta anos antes, transportando abastecimentos, através do Volga, para Estalinegrado. Padorin era agora o primeiro comissário político da Marinha soviética. Lidava com homens, não com barcos. Pelo caminho, acenou, cortês, ao seu secretário, um homem de quarenta anos. A ordenança pôs-se imediatamente de pé e seguiu o seu almirante até a um gabinete interior, para o ajudar a tirar o casacão. O casacão azul-marinho de Padorin refulgia de cordões e exibia a estrela dourada, a mais cobiçada condecoração militar soviética, a medalha de Herói da União Soviética. Conquistara-a em combate, era ainda um jovem sardento de vinte anos, navegando no Volga. Bons tempos, dizia a si próprio, esses em que se furtava às bombas dos Stukos alemães e ao fogo de artilharia, mais casual, com que os fascistas tentavam submeter o seu esquadrão... Como a maior parte dos homens, era incapaz de recordar o terror absoluto do combate.

Era uma terça-feira de manhã e Padorin tinha um maço de carta* à sua espera, na secretária. A ordenança foi buscar-lhe um bule de chá e uma chávena — a típica chávena de vidro russa, num suporte de metal, prata pura neste caso. Padorin lutara arduamente pelos requintes adstritos ao seu cargo. Sentou-se e leu, primeiro, os relatórios dos Serviços Secretos, cópias dos dados enviados todas as manhãs e todas as noites aos comandantes operacionais da Marinha soviética. Um comissário político tinha de estar ao corrente de tudo, de saber aquilo que os imperialistas congeminavam, para poder prevenir os seus homens contra a ameaça.

A seguir, vinha o correio oficial do Comissariado do Povo da marinha e do Ministério da Defesa. Tinha acesso a toda a correspondência do primeiro, enquanto a do último era cuidadosamente Seleccionada, visto que as Forças Armadas soviéticas só dispunham já informação indispensável. De um e de outro lado, o correio não era muito. Na habitual reunião das tardes de segunda-feira, tratara da maior parte do que havia a fazer durante a semana, e praticamente tudo aquilo que era da alçada de Padorin estava já nas mãos dos seus subordinados. Serviu-se de uma segunda chávena de chá, abriu um maço de cigarros sem filtro — hábito de que não conseguia libertar-se, a despeito de um ataque de coração, brando embora, três anos antes. Verificou a agenda: óptimo, só tinha compromissos a partir das dez. Quase no fim do maço havia um sobrescrito de aspecto oficial, da Esquadra do Norte. O número do código, no canto superior esquerdo, indicava que provinha do Outubro Vermelho. Não tinha já visto qualquer coisa acerca do submarino?

Padorin tornou a passar os olhos pelos relatórios operacionais. Com que então, Ramius não aparecera na área de exercício... Encolheu os ombros. Não deviam os submarinos equipados com mísseis iludir toda a vigilância? O velho almirante não se surpreenderia nada se Ramius andasse a

pregar-lhes uma partida. O filho de Aleksandr Ramius era uma prima-dona, com o perturbador hábito de parecer construir o seu próprio culto da personalidade: mantinha alguns dos homens que treinava e dispensava outros. Padorin era de opinião que os dispensados dariam excelentes zampolits e mostravam mais conhecimentos operacionais do que o habitual. Mesmo assim, Ramius era um comandante que precisava de ser vigiado. Às vezes, Padorin suspeitava de que ele era marinheiro de mais e comunista de menos. Por outro lado, o pai fora um modelar membro do Partido e um herói da Grande Guerra Patriótica. Um comunista consideradíssimo, lituano ou não. E o filho? Anos de carreira impecável, muitos anos de Partido, de militância firme. Era conhecido pela sua espirituosa participação nas reuniões e, por vezes, pelas suas brilhantes análises. O ramo naval do GRU, os Serviços Secretos militares soviéticos, dizia <que os imperialistas o consideravam um inimigo perigoso e talentoso. Ainda bem, achava Padorin; esses bandidos devem temer os nossos homens. Tornou a olhar o sobrescrito.

Outubro Vermelho. Finalmente, um nome adequado para um vaso de guerra soviético! Não só uma homenagem à Revolução que para sempre alterara a história do mundo, mas também à fábrica de tractores Outubro Vermelho. Quantas madrugadas Padorin olhara para este, para Estalinegrado, a fim de verificar se a fábrica estava ainda de pé, um símbolo dos combatentes soviéticos que resistiam aos bandidos hitlerianos! O sobrescrito trazia a indicação de “Confidencial” e a ordenança não o abria como ao outro correio de rotina. O Almirante tirou da gaveta o abre-cartas. Era um objecto sentimental, a faca do seu equipamento de muitos anos. Quando a sua primeira canhoneira fora afundada numa noite quente de Agosto de 1942, tinha nadado para a praia e sido atacado por um soldado de infantaria alemão que não esperava resistência de um marinheiro meio morto. Padorin surpreendera-o, enterrando-lhe a faca no peito e partindo metade da lâmina ao roubar a vida ao inimigo. Depois, um mecânico arranjara-lhe a lâmina. Já não era uma faca em condições, mas Padorin jamais sonharia em desfazer-se da recordação.

“Camarada almirante”, começava a carta, mas a dactilografia fora riscada e substituída por um “Tio Yuri”, escrito à mão. Ramius tratava-o assim, gracejando, anos atrás, quando Padorin era comissário político da Esquadra do Norte. “Obrigado pela sua confiança e pela oportunidade que me deu de comandar este magnífico barco!” Ramius tinha boas razões para estar grato, pensou Padorin. Apesar da sua fulgurante carreira, não se dava um comando daqueles a...

— Quê? Padorin interrompeu a leitura e recomeçou desde o princípio. Esqueceu o cigarro que ardia no cinzeiro ao chegar ao fim da primeira folha. Uma brincadeira. Ramius era conhecido pelas suas brincadeiras... mas por esta pagaria. As brincadeiras tinham limites e ele estava a ir longe de mais! Virou a folha.

— Não estou a brincar, tio Yuri, Marko.

Padorin olhou pela janela. O muro do Kremlin era, naquela perspectiva, uma colmeia de nichos para as cinzas dos fiéis do Partido Não lera bem a carta. Leu-a outra vez. As suas mãos começaram a tremer. Possuía uma linha directa com o almirante Gorshkov, sem que ordenanças ou secretários lhe barrassem o caminho.

— Camarada almirante, fala Padorin.

— Bom dia, Yuri—Adisse Gorshkov, amável.

— Preciso de lhe falar imediatamente. Tenho aqui um problema.

— Que tipo de problema? — perguntou Gorshkov, cauteloso.

— Falaremos pessoalmente. Vou já para aí.

Não podia discutir o assunto pelo telefone; sabia que o telefone se encontrava sob escuta.

O USS “Dallas”

O técnico de sonar de segunda classe Ronald Jones, reparou o oficial de Divisão, estava perdido no êxtase habitual. O jovem recém-licenciado debruçava-se sobre a mesa de trabalho, o corpo mole, os olhos fechados, no rosto a mesma expressão neutra que exibia quando escutava uma das muitas gravações de Bach no seu gravador de cassetes de alto preço. Jones era do género dos que classificavam as gravações pelas suas falhas — um piano dissonante, uma flauta antes de tempo* uma trompa insegura. Escutava os sons do mar com a mesma intensidade discriminatória. Em todos os navios do mundo os homens dos submarinos eram olhados como uma raça curiosa, e eles próprios olhavam os operadores de sonar como aves raras. As suas excentricidades, porém, contavam-se entre as mais toleradas no serviço militar. O imediato gostava de contar a história de um chefe de sonar com quem servira durante dois anos, um homem que tinha patrulhado as mesmas áreas em submarinos equipados com mísseis praticamente durante toda a sua carreira. Familiarizara-se a tal ponto com as baleias corcundas que passavam o Verão na zona que se habituara a tratá-las pelo nome. Reformado, fora trabalhar para o Instituto Oceanografia) Woods Hole, onde o seu talento provocava mais o espanto do que o riso.

Três anos antes, Jones fora obrigado a deixar o Instituto de Tecnologia da Califórnia a meio do seu primeiro ano. Ensaíara um engenhoso estratagema, daqueles que tornam justamente famosos os estudantes do Cal Tech, o qual, porém, não resultara. Cumpria agora o serviço militar na Marinha, para financiar o regresso à vida civil. Sabia-se que pretendia doutorar-se em cibernética e processamento de dados. Em troca de um tempo mais curto de serviço, iria trabalhar, após ter recebido o seu grau, para o Laboratório de Investigação Naval; pelo menos, o tenente Thompson acreditava nisso. Ao entrar no Dallas, seis meses antes, tinha lido as fichas de todos os seus homens. O QI de Jones era 158, o mais elevado do barco, e de longe. Jones tinha um rosto tranquilo e uns olhos castanhos tristes que as mulheres achavam irresistíveis. Na praia, movimentava-se com tal ímpeto que esfalfaria uma esquadra de marines. Isto não fazia sentido para o tenente; Thompson fora herói do rãguebi em Annapolis e Jones era um garoto magrizona que gostava de Bach. Incompreensível.

O USS Dallas, um submarino da classe 688, encontrava-se a quarenta milhas das costas da Islândia e aproximava-se da sua posição, Toll Booth em código. Levava um atraso de dois dias. Uma semana antes, tinha participado num exercício da NATO, GOLFINHO ELEGANTE, que fora adiado por vários dias devido ao facto de o pior tempo no Atlântico Norte dos últimos vinte anos ter atrasado outros barcos participantes. No exercício, o Dallase o HMS Swiftsure haviam aproveitado as péssimas condições climáticas para penetrarem e devastarem a formação inimiga simulada. Fora mais uma proeza do Dallase do seu comandante, Bart Mancuso, um dos mais jovens comandantes de submarino da Marinha dos Estados Unidos. A missão fora seguida de uma visita de cortesia à base da Marinha inglesa do Swijtsure, na Escócia, e os marinheiros americanos ainda lutavam contra a ressaca da celebração... Tinham agora uma missão diferente, um novo desenvolvimento no jogo de submarinos no Atlântico. Durante três semanas, o Dallas iria informar sobre o trânsito, num e noutro sentido, na Rota Vermelha Um.

Nos últimos catorze meses, os mais recentes submarinos soviéticos utilizavam uma estranha e eficaz táctica para iludir os seus perseguidores americanos e britânicos. A sudoeste da Islândia, os barcos russos desciam a alta velocidade a cordilheira de Reykjanes, um dedo de montanhas submarinas apontado à profunda bacia atlântica. A intervalos de cinco a meia milha, estas

montanhas, com as suas cumeadas, como facas de rocha quebradiça, rivalizavam com os Alpes, em tamanho. Os seus picos tinham cerca de trezentos metros de altitude, abaixo da tormentosa superfície do Atlântico Norte. No fim dos anos 60, os submarinos mal se podiam aproximar dos picos e muito menos penetrar na miríade dos seus vales. Durante os anos 70, apareciam barcos de reconhecimento soviéticos a patrulhar a cordilheira — em todas as estações, fosse qual fosse o tempo —, cruzando a zona em todos os sentidos, atravessando-a em milhares de linhas. Depois, catorze meses antes da patrulha do Dallas, o USS Los Angeles localizara um submarino de ataque soviético da classe Victor U. O Victor rodeara a costa da Islândia e mergulhara ao aproximar-se da cordilheira. O Los Angeles tinha-o perseguido. O Victor navegava a oito nós, até passar entre o primeiro par de montanhas vulgarmente conhecidas por Gémeos Thor. Passara então imediatamente à velocidade máxima, rumo a sudoeste. O comandante de Los Angeles decidira-se a perseguir o Victor e acabara por desistir, muito abalado. Embora os submarinos da classe 688 fossem mais rápidos do que os Victors, mais antigos, o submarino russo não abrandara a velocidade— durante quinze horas viria a determinar-se posteriormente. A princípio, a perseguição não fora perigosa. Os submarinos possuíam sistemas de navegação por inércia muito perfeitos que lhes permitiam navegar à distância de poucas centenas de metros uns dos outros; mas o Victor ladeava penhascos como se o seu comandante os pudesse ver, como o caça mergulha num desfiladeiro para evitar mísseis terra-ar. O Los Angeles não conseguia detectar os penhascos. Acima dos vinte nós, tanto o sonar activo como o passivo, incluindo o ecofatómetro, tornavam-se praticamente inúteis. O Los Angeles viu-se, assim, a navegar completamente às cegas. Era, diria mais tarde o comandante, como guiar um carro com os vidros pintados, recorrendo a um mapa e a um cronometro. Em teoria era possível, mas o comandante não tardou a compreender que o sistema de navegação por inércia possuía um factor de erro incorporado de várias centenas de metros; agravavam a circunstância perturbações gravitacionais que afectavam a “vertical local”, a qual, por sua vez, afectava a posição de inércia. Para cúmulo, os seus mapas tinham sido feitos para barcos de superfície. A uma profundidade de algumas centenas de metros, sabia-se que havia diferenças de milhas entre a posição dos objectos, coisa que só muito recentemente foi tomada em consideração. O intervalo entre as montanhas tornara-se rapidamente inferior ao erro acumulado de navegação e, mais tarde ou mais cedo, o Los Angeles chocaria com uma montanha, a mais de trinta nós. O comandante desistiu; o Victor desapareceu.

De início, supôs-se que os soviéticos haviam, de algum modo, marcado uma determinada rota que os seus submarinos podiam seguir a alta velocidade. Sabia-se que os comandantes russos eram dados a insensatas acrobacias; talvez dependessem de uma combinação de sistemas de inércia, e de bússulas magnéticas e giroscópicas sintonizadas para uma determinada rota. Esta teoria não teve grandes seguidores, e depressa se apurou que os submarinos soviéticos que penetravam a cordilheira a alta velocidade seguiam uma multiplicidade de rotas. A única coisa que os submarinos americanos e britânicos podiam fazer era parar, de vez em quando, para obterem a posição por sonar e continuar, depois, a corrida. Mas os submarinos soviéticos nunca abrandavam, e os 688 e os Trafalgors ficavam sempre para trás.

O Dallas estava na posição de Toll Booth para registar a passagem de submarinos soviéticos, para vigiar a entrada da passagem que a Marinha dos Estados Unidos chamava agora a Rota Vermelha Um e para detectar qualquer sinal de um novo dispositivo que permitisse aos soviéticos atravessar a cordilheira tão afoitamente. Enquanto os americanos não pudessem copiá-lo, existiam três alternativas, qual delas a mais insatisfatória: continuar a perder o contacto com os russos; estacionar valiosos submarinos de ataque nas saídas conhecidas da rota; ou montar uma nova linha de SOSUS.

O êxtase de Jones durou dez minutos — mais do que o costume. Em geral, fixava um contacto em menos tempo. O marinheiro recostou-se e acendeu um cigarro.

—'Apanhei qualquer coisa, Mr. Thompson.

— Que é? — perguntou Thompson, encostado à antepara.

— Não sei. — Jones pegou num par de auscultadores sobresselentes e passou-os ao seu oficial. — Escute, ar...

Thompson era diplomado em engenharia electrotécnica e perito em concepção de sistemas de sonar. Fechou os olhos ao concentrar-se no som. Era um ruído muito fraco, de baixa frequência, ou um silvo; não saberia dizê-lo. Escutou durante vários minutos, antes de tirar os auscultadores. Abanou a cabeça.

— Apanhei-o à meia hora no dispositivo lateral — disse Jones.

Referia-se a um subsistema do sonar multifuncional BQQ-5. O seu principal componente era uma calota de quatro metros e meio de diâmetro, localizada na proa, utilizada para operações activas e passivas. Uma parte nova do sistema consistia num conjunto de sensores passivos que se alongava por sessenta metros de cada lado do casco, um sistema mecânico análogo aos órgãos sensoriais do corpo de um tubarão.

— Perdi-o, apanhei-o, tornei a perdê-lo, tornei a apanhá-lo — continuou Jones. — Não é som de hélice, nem de baleia, nem de peixe. Parece mais água a correr por um tubo, tirando o ruído que vai e vem. Esquisito... Seja como for, a posição é mais ou menos dois-cinco-zero, portanto entre nós e a Islândia. Não pode estar muito longe. — Vamos ver o aspecto que tem. Talvez descubramos alguma coisa... Jones pegou, de um gancho, num fio com duas fichas. Meteu uma ficha na tomada do painel do sonar e a outra num osciloscópio. Os dois homens passaram vários minutos a trabalhar com os controles do sonar para isolarem o sinal. Obtiveram, por fim, uma onda sinusóide irregular que só conseguiam manter por poucos segundos de cada vez.

—É irregular — disse Thompson.

—Tem graça... O som é regular, mas a imagem não é. Sabe o que quero dizer, Mr. Thompson?

— Não. As suas orelhas são melhores do que as minhas.

— Porque ouço música de melhor qualidade, sir. Essa droga do rock dá-lhe cabo dos ouvidos.

Thompson sabia que ele tinha razão, mas um graduado de Annapolis não tem de ouvir coisas destas de um recruta. As suas fabulosas gravações de Janis Joplin eram assunto que só a ele dizia respeito.

— Adiante.

— Muito bem, sir.

Jones retirou a ficha do osciloscópio e ligou-a a um painel à esquerda do sonar, perto de um terminal de computador.

Durante a última inspecção, o Dallasrecebera um brinquedo especialíssimo para acoplar ao sistema de sonar BQQ-5. Chamava-se BC-10 e era o mais poderoso computador já instalado a bordo de um submarino. Embora tivesse apenas o tamanho de uma secretária de escritório, custava para cima de cinco milhões de dólares, e executava oitenta milhões de operações por segundo. Utilizava chips de sessenta e quatro bits e o mais moderno sistema de processamento. A sua memória guardava facilmente as necessidades computadorizadas de toda uma esquadra de submarinos. Dentro de cinco anos, todos os submarinos de ataque teriam um. O objectivo, semelhante ao do vasto sistema SOSUS, era o de processar e analisar sinais de sonar; o BC-10 isolava o ruído ambiente e outros sons naturais do mar para classificar e identificar ruídos

provocados pelo homem. Identificava os barcos pelos nomes, a partir das suas assinaturas acústicas, tal como se identifica a impressão digital ou a voz de um ser humano.

Tão importante como o computador eram os seus programas. Quatro anos antes, um doutorando em geofísica que trabalhava no laboratório geofísico do Cal Tech completara um programa de seiscentas mil fases destinado a prever tremores de terra. O problema que o programa abordava era o do sinal versus ruído; ultrapassou a dificuldade que os sismólogos tinham em separar o ruído casual, constantemente registado nos sismógrafos, e os sinais verdadeiramente especiais que anunciam um sismo.

O Departamento da Defesa utilizou pela primeira vez o programa no Comando das Aplicações Técnicas da Força Aérea (AFTAQ, que o achou em absoluto satisfatório para a sua missão de registar eventos nucleares através do mundo segundo os tratados de controle de armamento. O Laboratório de Investigação Naval também o reorganizou para os seus próprios fins. Embora inadequado para previsões sísmicas, resultava muito bem na análise de sinais de sonar. O programa era conhecido na Marinha por sistema de processamento aglorítmico de sinal (SAPS).

— ENTRADA DE SINAL SAPS — escreveu Jones no terminal de vídeo (VDT).

— PRONTO — respondeu logo o BC-10.

— OPERAR.

— EM OPERAÇÃO.

Não obstante a fantástica velocidade do BC-10, as seiscentas mil fases do programa pontuadas por numerosas espirais GOTO, levaram tempo a passar, enquanto a máquina eliminava sons naturais com os seus critérios de perfil aleatório, até se fixar no sinal anómalo. Demorou vinte segundos, uma eternidade em tempo de computador. A resposta surgiu no VDT. Jones carregou numa tecla para obter uma cópia no prínter adjacente.

— Hum... — Jones rasgou a folha. — “SINAL ANÓMALO CONSIDERADO COMO DESLOCAÇÃO DE MAGMA”. É o SAPS a dizer para tomarmos duas aspirinas e o chamarmos no fim do quarto.

Thompson soltou uma risada. Apesar de toda a gama que rodeava o novo sistema, ele não era nada popular na esquadra.

— Lembra-se do que os jornais disseram quando estávamos em Inglaterra? Qualquer coisa acerca de actividade sísmica ao redor da Islândia, como quando a ilha tornou a irromper, nos anos 60.

Jones acendeu outro cigarro. Conhecia o estudante que tinha cono o aborto chamado SAPS. Uma das suas falhas era o péssimo hábito de analisar o sinal errado — e não se dava por isso nos resultados. E como havia sido originalmente pensado para prever abalos de terra, Jones suspeitava que o sistema possuía uma tendência para interpretar anomalias como acontecimentos sísmicos. Não gostava desta parcialidade, que o laboratório de pesquisa não tinha inteiramente removido. Uma coisa era utilizar computadores como um instrumento, outra deixá-los pensar por nós. Além disso, estavam sempre a descobrir novos sons marítimos que ninguém ouvira antes e muito menos classificara.

— Sir, a frequência está errada. É impossível que seja tão baixa. Que me diz a tentar seguir este sinal com o R-15?

Jones referia-se aos sensores passivos que o Dallasrebocava a baixa velocidade.

O comandante Mancuso entrou nesse momento, com a habitual caneca de café na mão. Se algo havia de assustador no comandante, pensava Thompson, era a sua arte de aparecer quando algo acontecia. Teria todo o barco sob escuta?

— Ia a passar — disse casualmente. — Alguma novidade neste belo dia?

O comandante encostou-se à antepara. Era um homem baixo, de cerca de um metro e sessenta, que toda a vida travara uma batalha contra a barriga e perdia agora, devido à boa alimentação e à falta de exercício num submarino. Os seus olhos escuros estavam cercados por rugas que o riso provocava, sempre mais fundas quando pregava uma partida a outro barco.

“Seria dia?”, perguntou-se Thompson. Os quartos de um em cada três por um período de seis horas constituíam um bom horário de trabalho, mas, após algumas rendições, era preciso carregar no botão do relógio para se saber que dia era, caso contrário não se poderia escrever correctamente o diário de bordo.

— Comandante, Jones detectou um sinal esquisito no lateral. O computador diz que é uma deslocação de magma.

—E Jones não concorda com isso. Mancuso nem precisava de perguntar.

— Pois não, sir, não concordo. Não sei o que é, mas isso não é com certeza.

— Está outra vez contra a máquina?

— Comandante, o SAPS funciona quase sempre muito bem, mas, às vezes, é um autêntico pastelão.—O epíteto de Jones era a mais pejorativa imprecação dos técnicos de electrónica. — É que a frequência está errada.

— Então que lhe parece?

— Não sei, comandante. Não é som de hélice, nem som natural que eu já tenha ouvido. Por outro lado...

Jones surpreendeu-se pela informalidade da conversa com o seu comandante, mesmo após três anos em submarinos nucleares. A tripulação do Dallasera como uma grande família, se bem que uma velha família da fronteira, pois todos trabalhavam duramente. O comandante era o pai. O imediato, todos concordariam sem esforço, era a mãe. Os oficiais eram os filhos mais velhos e os recrutas os mais novos. O importante era que quando alguém tinha alguma coisa a dizer, o comandante o ouvia. Para Jones, isto significava muito.

Mancuso acenou de cabeça, pensativo.

— Bem, continue à procura. Não faz sentido desperdiçar o trabalho de máquinas tão caras.

Jones sorriu. Uma vez, tinha explicado ao comandante, com todo o pormenor, de que modo poderia converter aquelas máquinas no melhor equipamento estereofónico do mundo. Mancuso salientara que a proeza não seria por aí além, visto a aparelhagem de sonar naquela sala ter custado para cima de vinte milhões de dólares.

— Meu Deus! — O técnico subalterno saltara na cadeira. — Alguém deve ter perdido a cabeça.

Jones era o supervisor de sonar de quarto. Os outros dois técnicos de serviço detectaram o novo sinal e Jones sintonizou os auscultadores para os sensores a reboque, enquanto os dois oficiais se afastavam. Pegou num quadro de apagar e tomou nota da hora antes de accionar os controles individuais. O BQR-15 era o equipamento de sonar mais sensível do barco, mas a sua sensibilidade não era necessária para aquele contacto.

— Raios—’murmurou Jones.

— Charlie — disse o técnico subalterno. Jones abanou a cabeça.

— Victor. Classe Victor, de certeza. Circula a trinta nós. Forte ruído de cavitação. Abre grandes buracos na água e não se importam que o ouçam. Coordenadas zero-cinco-zero. Comandante, temos boa água à nossa volta e o sinal é fraquíssimo. Longínquo.

Era o cálculo mais aproximado a que Jones podia chegar. LonSúiquo significava para além das dez milhas. Tornou aos seus controles.

— Penso que conhecemos este tipo. É aquele que traz uma pá dobrada na hélice. Soa como se tivesse um cadeado à volta dela.

— Ligue o altifalante—’disse Mancuso a Thompson.

Não queria perturbar os operadores. O tenente estava já a introduzir o sinal no BC-10.

O altifalante montado na antepara teria um preço com muitos em qualquer loja de estereofonia pela sua clareza e perfeição ; como tudo o mais nos submarinos da classe 688, era o que o dinheiro podia comprar. Jones manobrou os controles “J4-6 de som e ouviu-se o chilreio estridente da cavitação, um silvo associado ao ruído de uma pá de hélice dobrada e ao som mais profundo do reator de um Victor, trabalhando em pleno. Logo a seguir, Mão. cuso ouviu o prínter.

— Classe Victor-I, número seis — anunciou Thompson.

— Exacto — concordou Jones. — Vic-6, coordenadas zero-cinco. -zero, as mesmas. — Ligou o microfone dos auscultadores. — Torre aqui sonar. Temos um contacto. Um classe Victor, coordenadas zero -cinco-zero, velocidade calculada trinta nós.

Mancuso meteu a cabeça no corredor para ordenar ao tenente Pat Mannion, o oficial de quarto:

—Pat, prepare o grupo de detecção e tiro.

— Muito bem, comandante. s seus próprios fins. Embora inadequado para previsões sísmicas, resultava muito bem na análise de sinais de sonar. O programa era conhecido na Marinha por sistema de processamento aglorítmico de sinal (SAPS).

— ENTRADA DE SINAL SAPS — escreveu Jones no terminal de vídeo (VDT).

— PRONTO —respondeu logo o BC-10.

— OPERAR.

— EM OPERAÇÃO.

Não obstante a fantástica velocidade do BC-10, as seiscentas mil fases do programa pontuadas por numerosas espirais GOTO, levaram tempo a passar, enquanto a máquina eliminava sons naturais com os seus critérios de perfil aleatório, até se fixar no sinal anómalo. Demorou vinte segundos, uma eternidade em tempo de computador. A resposta surgiu no VDT. Jones carregou numa tecla para obter uma cópia no prínter adjacente.

— Hum... —Jones rasgou a folha. — “SINAL ANÓMALO CONSIDERADO COMO DESLOCAÇÃO DE MAGMA”. É o SAPS a dizer para tomarmos duas aspirinas e o chamarmos no fim do quarto.

Thompson soltou uma risada. Apesar de toda a gama que rodeava o novo sistema, ele não era nada popular na esquadra.

— Lembra-se do que os jornais disseram quando estávamos em Inglaterra? Qualquer coisa acerca de actividade sísmica ao redor da Islândia, como quando a ilha tornou a irromper, nos anos 60.

Jones acendeu outro cigarro. Conhecia o estudante que tinha cono o aborto chamado SAPS. Uma das suas falhas era o péssimo hábito de analisar o sinal errado — e não se dava por isso nos resultados. E como havia sido originalmente pensado para prever abalos de terra, Jones suspeitava que o sistema possuía uma tendência para interpretar anomalias como acontecimentos sísmicos. Não gostava desta parcialidade, que o laboratório de pesquisa não tinha inteiramente removido. Uma coisa era utilizar computadores como um instrumento, outra deixá-los pensar por nós. Além disso, estavam sempre a descobrir novos sons marítimos que ninguém ouvira antes e muito menos classificara.

— Sir, a frequência está errada. É impossível que seja tão baixa. Que me diz a tentar seguir

este sinal com o R-15?

Jones referia-se aos sensores passivos que o Dallasrebocava a baixa velocidade.

O comandante Mancuso entrou nesse momento, com a habitual caneca de café na mão. Se algo havia de assustador no comandante, pensava Thompson, era a sua arte de aparecer quando algo acontecia. Teria todo o barco sob escuta?

— Ia a passar — disse casualmente. — Alguma novidade neste belo dia?

O comandante encostou-se à antepara. Era um homem baixo, de cerca de um metro e sessenta, que toda a vida travara uma batalha contra a barriga e perdia agora, devido à boa alimentação e à falta de exercício num submarino. Os seus olhos escuros estavam cercados por rugas que o riso provocava, sempre mais fundas quando pregava uma partida a outro barco.

“Seria dia?”, perguntou-se Thompson. Os quartos de um em cada três por um período de seis horas constituíam um bom horário de trabalho, mas, após algumas rendições, era preciso carregar no botão do relógio para se saber que dia era, caso contrário não se poderia escrever correctamente o diário de bordo.

— Comandante, Jones detectou um sinal esquisito no lateral. O computador diz que é uma deslocação de magma.

—E Jones não concorda com isso. Mancuso nem precisava de perguntar.

— Pois não, sir, não concordo. Não sei o que é, mas isso não é com certeza.

— Está outra vez contra a máquina?

— Comandante, o SAPS funciona quase sempre muito bem, mas, às vezes, é um autêntico pastelão.—O epíteto de Jones era a mais pejorativa imprecisão dos técnicos de electrónica. — É que a frequência está errada.

— Então que lhe parece?

— Não sei, comandante. Não é som de hélice, nem som natural que eu já tenha ouvido. Por outro lado...

Jones surpreendeu-se pela informalidade da conversa com o seu comandante, mesmo após três anos em submarinos nucleares. A tripulação do Dallasera como uma grande família, se bem que uma velha família da fronteira, pois todos trabalhavam duramente. O comandante era o pai. O imediato, todos concordariam sem esforço, era a mãe. Os oficiais eram os filhos mais velhos e os recrutas os mais novos. O importante era que quando alguém tinha alguma coisa a dizer, o comandante o ouvia. Para Jones, isto significava muito.

Mancuso acenou de cabeça, pensativo.

— Bem, continue à procura. Não faz sentido desperdiçar o trabalho de máquinas tão caras.

Jones sorriu. Uma vez, tinha explicado ao comandante, com todo o pormenor, de que modo poderia converter aquelas máquinas no melhor equipamento estereofónico do mundo. Mancuso salientara que a proeza não seria por aí além, visto a aparelhagem de sonar naquela sala ter custado para cima de vinte milhões de dólares.

— Meu Deus! — O técnico subalterno saltara na cadeira. — Alguém deve ter perdido a cabeça.

Jones era o supervisor de sonar de quarto. Os outros dois técnicos de serviço detectaram o novo sinal e Jones sintonizou os auscultadores para os sensores a reboque, enquanto os dois oficiais se afastavam. Pegou num quadro de apagar e tomou nota da hora antes de accionar os controles individuais. O BQR-15 era o equipamento de sonar mais sensível do barco, mas a sua sensibilidade não era necessária para aquele contacto.

— Raios—’murmurou Jones.

— Charlie — disse o técnico subalterno. Jones abanou a cabeça.

— Victor. Classe Victor, de certeza. Circula a trinta nós. Forte ruído de cavitação. Abre grandes buracos na água e não se importam que o ouçam. Coordenadas zero-cinco-zero. Comandante, temos boa água à nossa volta e o sinal é fraquíssimo. Longínquo.

Era o cálculo mais aproximado a que Jones podia chegar. LonSúiquo significava para além das dez milhas. Tornou aos seus controles.

— Penso que conhecemos este tipo. É aquele que traz uma pá dobrada na hélice. Soa como se tivesse um cadeado à volta dela.

— Ligue o altifalante—'disse Mancuso a Thompson.

Não queria perturbar os operadores. O tenente estava já a introduzir o sinal no BC-10.

O altifalante montado na antepara teria um preço com muitos em qualquer loja de estereofonia pela sua clareza e perfeição ; como tudo o mais nos submarinos da classe 688, era o que o dinheiro podia comprar. Jones manobrou os controles “J4-6 de som e ouviu-se o chilreio estridente da cavitação, um silvo associado ao ruído de uma pá de hélice dobrada e ao som mais profundo do reactor de um Victor, trabalhando em pleno. Logo a seguir, Mão. cuso ouviu o prínter.

— Classe Victor-I, número seis — anunciou Thompson.

— Exacto — concordou Jones. — Vic-6, coordenadas zero-cinco. -zero, as mesmas. — Ligou o microfone dos auscultadores. — Torre aqui sonar. Temos um contacto. Um classe Victor, coordenadas zero -cinco-zero, velocidade calculada trinta nós.

Mancuso meteu a cabeça no corredor para ordenar ao tenente Pat Mannion, o oficial de quarto:

—Pat, prepare o grupo de detecção e tiro.

— Muito bem, comandante. izou para

— Um momento! — disse Jones, erguendo a mão. — Apanhei outro! — Manobrou alguns botões. — Este é da classe Charlie. E anda também a abrir buracos. Mais a leste, coordenadas zero-sete-três, velocidade cerca de vinte e oito nós. Também conhecemos o tipo. Sim. é um Charlie II, número onze. — Jones retirou um auscultador do ouvido e olhou para Mancuso. — Comandante, os russos teriam programado para hoje corridas de submarinos?

— Não me disseram nada. Claro, não temos aqui a página desportiva— gracejou Mancuso, agitando o café na chávena e ocultando os seus verdadeiros pensamentos: que diabo se estará a passar? — Bem. vou à proa ver como correm as coisas. Bom trabalho, rapazes.

Dirigiu-se ao centro de ataque. A azáfama era a costumeira. Mannion comandava, com um subalterno de quarto e sete marinheiros do contingente geral. Um controlador de fogo de primeira classe introduzia dados do analisador de movimento do alvo no computador de controle de fogo Mark 117. Outro oficial controlava o exercício de detecção do alvo. Nada havia de invulgar nestas operações. Os homens de serviço executavam a sua missão atentamente, mas tranquilos, com a calma derivada de anos de treino e de experiência. Enquanto os outros ramos militares executavam, por rotina, exercícios contra aliados ou contra si próprios, simulando táticas do bloco oriental, a Marinha permitia aos submarinos defrontarem-se com o inimigo — e constantemente. Os homens dos submarinos operavam tipicamente no limiar da guerra.

— Então, temos companhia — observou Mannion.

— Ainda está longe — disse o tenente Charles Goodman. — As coordenadas praticamente não se alteraram.

— Torre, aqui sonar.

Era a voz de Jones. Mancuso atendeu-o.

— Aqui, torre. Que se passa, Jones?

Apanhámos outro, sir. Um Alfa 3, coordenadas zero-cinco-cinco.

Navega a pouca profundidade. Parece um tremor de terra, mas fraco, sir.

Um Alfa-31 O nosso velho amigo, o Politovskiy. Há uns tempos que não nos encontrávamos. Mais alguma coisa?

— Um palpite, sir. O som deste flutuou, depois estabilizou, como se o submarino estivesse a descrever uma curva. Eu diria que vem na nossa direcção. Mas não sei ao certo. E há mais ruídos, a nordeste. Por enquanto, é tudo muito confuso. Continuaremos a tentar perceber melhor o que se passa.

— Está bem. Bom trabalho, Jones. Continuem.

— Claro, comandante.

Mancuso sorriu ao pousar o telefone e olhou para Mannion.

— Sabe, Pat, às vezes pergunto a mim próprio se Jones não é bruxo.

Mannion olhou as rotas que Goodman desenhava para alimentar o processo de detecção por computador.

— É muito bom, é. O problema é que pensa que trabalhamos para ele.

— Exactamente o que acontece agora.

Jones era os olhos e os ouvidos do submarino, e Mancuso não o trocava por ninguém.

— Então? — perguntou Mancuso ao tenente Goodman.

— Mantêm-se as coordenadas dos três contactos, sir.

Isto significava provavelmente que os submarinos se dirigiam para o Dallas. Significava também que, no Dallas, não podiam obter os dados necessários para determinar uma solução de fogo. Não que alguém tencionasse disparar, mas nisso consistia a essência do exercício.

— Pat, vamos criar um pouco de espaço. Vamo-nos afastar umas dez milhas para leste — ordenou Mancuso calmamente.

Existiam duas razões para esta ordem. Primeiro, atingiriam uma Posição a partir da qual poderiam calcular a distância provável do alvo. Segundo, as águas mais profundas ofereciam melhores condições acústicas, abrindo-lhes as zonas distantes de convergência de sonar. O comandante estudou o mapa, enquanto o navegador dava as ordens Decessárias, avaliando a situação táctica.

Bartolomeo Mancuso era filho de um barbeiro que fechava a sua loja, em Cícero, no Ilinóis, todos os Outonos, para ir caçar veados na Península Superior do Michigão. Bart acompanhara o pai nessas caçadas, matara o seu primeiro veado aos doze anos e todos os anos repetira a proeza até à entrada na Academia Naval. Depois, a caça deixara de o entusiasmar. Como oficial de submarinos nucleares, aprendera um jogo muito mais divertido: agora perseguia pessoas.

Duas horas mais tarde, calou-se o alarme no rádio BLF, no centro de comunicações do submarino. Como todos os submarinos nucleares, o Dallasrebecava uma longa antena sintonizada para o transmissor de frequência extremamente baixa no centro dos Estados Unidos, O canal possuía uma banda de dados com uma largura desesperadamente estreita. Ao contrário dos canais de TV, que transmitiam milhares de bits de dados por quadro, trinta quadros por segundo, o rádio ELF transmitia os dados lentamente, mais ou menos uma letra cada trinta segundos. O radiotelegrafista de serviço esperou pacientemente o registo da informação na fita. Terminada a mensagem, passou a fita a alta velocidade e transcreveu aquela, que entregou ao oficial de comunicações, munido do seu livro de código.

A informação não era propriamente um código, mas uma “cifra em blocos”. Um livro publicado todos os seis meses e distribuído a todos os submarinos nucleares encerrava transposições obtidas ao acaso para cada letra da mensagem. Cada grupo de três letras deste livro

correspondia a uma palavra ou frase pré-seleccionada noutro livro. A decifração manual da mensagem demorou menos de três minutos e, quando completada, foi entregue ao comandante, no centro de ataque.

NHG JPR YTR
DE COMSUBLANT PARA SUBS ATLANT NO MAR STANDBY
OPY TBD QEQ GER
POSSÍVEL ORDEM RECOLOCAÇÃO LARGA ESCALA
MAL ASF NME
INESPERADA OPERAÇÃO ESQUADRA VERMELHA EM MARCHA
TYQ ORV
NATUREZA DESCONHECIDA PRÓXIMA MENSAGEM ELF
HWZ COMUNICAR SSIX

O COMSUBLANT.—Comandante da Força de Submarinos do Atlântico — era o chefe de Mancuso, o vice-almirante Vincent Gallery. O velho estava, sem dúvida, a pensar numa recolocação de toda a sua força, manobra complexa. A mensagem seguinte, AAA — em cifra, evidentemente—, ordenar-lhes-ia que descessem à profundidade da antena do periscópio para obterem instruções mais pormenorizadas do SSIX, um satélite de comunicações geossíncrono utilizado exclusivamente pelos submarinos.

A situação táctica tornava-se mais clara, apesar de Mancuso não poder avaliar ainda as suas implicações estratégicas. A deslocação de dez milhas para leste dera-lhe a margem de informação indispensável sobre os três contactos iniciais e outro Alfa detectado minutos mais tarde. O primeiro dos contactos, o Vic 6, estava agora ao alcance de um torpedo. Tinha apontado um Mark 48, e o seu comandante não tinha processo de saber da presença do Dallas. O Vic 6 era um veado na mira de Mancuso—'mas não era ainda a época da caça.

Embora não muito mais rápido do que os Victors e os Charlies, e dez nós mais lento do que os Alfas, mais pequenos, o Dallase os seus irmãos podiam navegar quase em silêncio a cerca de vinte nós. Era um triunfo da engenharia e da inventiva, o produto de décadas de trabalho. Porém, a deslocação em silêncio só era útil se o caçador pudesse, ao mesmo tempo, detectar a sua presa. O sonar perdia eficácia quando o vaso em que estava instalado aumentava de velocidade. O BQQ-5 do Dallasconservava vinte por cento de eficácia a vinte nós, nada de reconfortante. Os submarinos navegando a alta velocidade eram cegos e incapazes de assustar fosse quem fosse. Em resultado disto, o estilo de ataque de um submarino era muito semelhante ao de um atirador de infantaria. Com o atirador, implicava a corrida e a camuflagem alternadamente; com o submarino, a corrida e a paragem. Após detectar um alvo, o submarino corria para uma posição mais vantajosa, parava para confirmar a da sua presa e tornava a correr até alcançar uma posição de fogo. A presa do submarino deslocava-se também e, se este conseguisse colocar-se na frente dela, tinha apenas que esperar, como um gato selvagem, o momento do ataque.

A manobra de um submarino exigia mais do que competência. Exigia instinto e um toque de artista, confiança monomaniaca e a agressividade de um pugilista profissional. Mancuso possuía todas estas qualidades. Passara quinze anos a preparar-se, observando uma geração de comandantes como subalterno, escutando atentamente as frequentes mesas-redondas que faziam do serviço nos submarinos uma profissão humaníssima, cujas lições eram transmitidas por tradição oral. Em terra, treinara-se em vários simuladores computarizados, participara em seminários, comparara ideias e notas com os seus Pares. A bordo de barcos de superfície e de

aviões ASW aprendera como o “inimigo” — os marinheiros de superfície — planeavam a sua Própria caçada.

A divisa dos marinheiros de submarino era simples: existem duas de barcos, os submarinos... e os alvos. Quem andaria o a perseguir?”, perguntou-se Mancuso. “Submarinos russos?” se era esse o jogo e os russos insistissem nas suas correrias, a coisa era fácil. Ele e c Swiftsure acabavam de derrotar uma equipa de alistas ASW da NATO, homens cujos países dependiam da sua Opacidade para manterem abertas as rotas marítimas. O seu barco e a sua tripulação actuavam com o máximo de eficácia. Tinha em Jones um dos dez melhores operadores de sonar da esquadra. Mancuso estava pronto, fosse qual fosse o jogo. Tal como na abertura da época da caça, tudo o mais passava a segundo plano. Mancuso transformava-se numa arma.

Quartel-General da CIA

Eram 4 e 45, e Ryan dormitava a espaços no banco de trás de um Chevy da CIA, que o levava do Marriott para Langley. Há quantas horas estaria em Washington? Vinte? Falara com o seu chefe e com Tyler, comprara os presentes para Sally e vira a casa. A casa parecia em ordem. Alugara-a a um instrutor da Academia Naval Poderia ter obtido de outra pessoa uma renda cinco vezes superior, mas não queria festas malucas em sua casa. O oficial era um puritano do Cansas e podia confiar-lhe a residência.

Cinco horas e meia de sono nas últimas... trinta? Mais ou menos; estava cansado de mais para olhar o relógio. Era perigoso; a falta de sono mata o raciocínio, mas pouco adiantava dizer isto a si próprio e ainda menos ao almirante. Chegou ao gabinete de Greer cinco minutos mais tarde.

— Lamento ter-te acordado, Jack.

— Não faz mal, Sir. — disse Ryan, retribuindo a mentira. — Que se passa?

— Toma um pouco de café. Vamos ter um dia comprido.

Ryan tirou o casacão, que pousou no sofá, e encheu uma caneca de café feito à moda da Marinha. Não quis mistura nem açúcar. Era preferível engoli-lo sem artificios, deixar que a cafeína exercesse, sem atenuantes, todo o seu poder.

— Poderia barbear-me, sir?

— Há um espelho atrás da porta, ali ao canto. — Greer passou-lhe uma folha amarela, arrancada de um telex. — Vê isto.

ULTRA-SECRETO

*102200Z ***** 38976 BOLETIM NSA SJOINT OPS MARINHAVERM SEGUE MENSAGEM*

ÀS 083145Z AS ESTAÇÕES DE RASTREIO DA NSA DE (APAGADO) (APAGADO) E (APAGADO) REGISTRARAM UMA TRANSMISSÃO ELF DO CENTRO ELF DE SEMIPOLIPINSK DA ESQUADRA VERMELHA XX DURAÇÃO DA MENSAGEM 10 MINUTOS XX 6 ELEMENTOS XX

A MENSAGEM ELF FOI TOMADA COMO EMISSÃO “PREP” PARA OS SUBMARINOS DA ESQUADRA VERMELHA NO MAR XX ÀS 090000Z A ESTAÇÃO CENTRAL DE TULA DO QUARTEL-GENERAL DA ESQUADRA VERMELHA E OS SATÉLITES TRÊS B CINCO EMITIRAM UMA MENSAGEM PARA “TODOS OS

BARCOS" XX BANDAS USADAS: HF VHF UHF XX DURAÇÃO DA MENSAGEM 39
SEGUNDOS COM 2 REPETIÇÕES DE CONTEÚDO IDÊNTICO FEITAS ÀS 091000Z E
092000Z XX GRUPOS CIFRA 475

5 ELEMENTOS XX

COBERTURA DA MENSAGEM: ÁREA DA ESQUADRA DO NORTE DA
ESQUADRA DO BÁLTICO E ÁREA DO ESQUADRÃO DO MEDITERRÂNEO XX
ESQUADRA DO EXTREMO ORIENTE NÃO REPITO NÃO FOI AFECTADA POR
ESTA EMISSÃO XX NUMEROSAS MENSAGENS DE RECEPÇÃO EMITIDAS A
PARTIR DE UNIDADES NAS ÁREAS ACIMA CITADAS XX SEGUE ANALISE DE
ORIGEM E TRAFEGO XX AINDA INCOMPLETA XX A PARTIR DAS 100000Z AS
ESTAÇÕES DE RASTREIO DA NSA DE (APAGADO) (APAGADO) E (APAGADO)
REGISTARAM AUMENTO DE TRÁFEGO HF E VHF NAS BASES DA ESQUADRA
VERMELHA DE POLYARNYY SEVEROMORSK PECHENGA TALLINN
KRONSTADT E ÁREA DO MEDITERRÂNEO ORIENTAL XX TRÁFEGO HF E VHF
ADICIONAL DE UNIDADES DA ESQUADRA VERMELHA NO MAR XX SEGUE
AMPLIFICAÇÃO XX

AVALIAÇÃO: FOI ORDENADA UMA GRANDE OPERAÇÃO NÃO
PLANEADA DA ESQUADRA VERMELHA COM UNIDADES DA ESQUADRA
INFORMANDO SOBRE DISPONIBILIDADE E POSIÇÃO XX

FIM DE MENSAGEM FONTE NSA

102115Z TERMINADO TERMINADO

Ryan olhou o relógio.

— Os rapazes da NSA trabalham depressa e os nossos oficiais de turno também. Puseram a pé toda a gente. — Bebeu o café e tornou a encher a caneca.

— Que temos quanto a análise de tráfego da mensagem?

— Isto.

Greer passou-lhe um segundo telex. Ryan leu-o rapidamente. — São muitos barcos. Praticamente todos os que têm no mar, calculo. Os que estão atracados são menos.

— Comunicam por via terrestre — observou Greer. — Os que estão Braçados podem receber ordens de operações por telefone, de Moscou. Repara que se trata de todos os barcos que têm no mar no hemisfério ocidental. Todos! Alguma ideia?

Vejam... Temos o aumento de actividade no mar de Barents. um exercício ASW de envergadura média. Talvez estejam a envolvê-lo. Isso não explica o aumento de actividade no Báltico e no Mediterrâneo. Andarão em manobras?

— Não. Terminaram a TEMPESTADE ESCARLATE há um mês. -Pois... Costumam levar dois meses a estudar todos os dados...

Quem se lembraria de fazer manobras nesta época do ano? Sabe-se que o tempo é péssimo. Eles já fizeram manobras em grande escala em Dezembro?

— Em grande escala, não. Mas a maior parte das confirmações de recepção da mensagem provém de submarinos, filho, e os submarinos querem lá saber do mau tempo!

— Bem, tendo em conta outras condições pré-existentes, eu diria que isto é de mau augúrio. Sabe-se o que dizia a mensagem?

— Não. Eles utilizam cifras computarizadas, como nós. Se os fantasmas da NSA as lêem, a

mim não me dizem nada.

Em teoria, a Agência Nacional de Segurança, NSA, estava sob o controle do director da CIA; na realidade, era autónoma.

— A análise de tráfego não diz mais nada, Jack. Terás de adivinhar as intenções de quem fala com quem.

— Compreendo, sir, mas quando toda a gente fala com toda a gente...

— Pois é...

— Têm mais alguma coisa em estado de alerta? O Exército? A Voyska PVO?

Ryan referia-se à rede de defesa aérea soviética.

— Não, só a Marinha. Submarinos, barcos e aviação naval. Ryan espreguiçou-se.

— Parece um exercício, sir. Precisamos, todavia, de mais alguns dados sobre o que estão a fazer. Já falou com o almirante Davenport?

— A seguir. Ainda não pude. Mal tive tempo para me barbear e fazer o café!

Greer sentou-se e ligou o altifalante do telefone instalado na secretária, antes de marcar o número.

— Vice-almirante Davenport — atendeu uma voz seca.

— Bom dia, Charlie. James está aqui. Recebeste a NSA-976?

— Claro que recebi, mas não foi isso que me acordou. A nossa rede SOSUS perdeu a cabeça há meia dúzia de horas.

— Sim?

Greer olhou para o telefone, depois para Ryan.

— É verdade. Praticamente todos os submarinos que os soviéticos têm no mar meteram o prego ao fundo e quase ao mesmo tempo!

— Com que objectivo, Charlie? — perguntou Greer.

— Ainda estamos a ver se percebemos. Parece que há muitos barcos a dirigirem-se para o Atlântico Norte. As unidades soviéticas do mar da Noruega navegavam a toda a velocidade para sudoeste. Três do Mediterrâneo Ocidental rumam no mesmo sentido também. Mas ainda não possuímos um quadro claro da situação. Só daqui por mais umas horas.

Quantos têm eles a operar ao largo da nossa costa, sir? — perguntou Ryan.

Acordaram-no, Ryan? Ótimo! Dois velhos Novembros. Um deles modificado para operações de espionagem electrónica, ao largo do Cabo; a outra coisa ao largo de Kings Bay, a fazer um barulho dos diabos.

Ryan sorriu consigo. Em inglês, barco era um substantivo feminino; em russo, era masculino; para os Serviços Secretos, um barco soviético era sempre uma “coisa”.

— Há um Yankee — continuou Davenport — mil milhas a sul da Islândia e as primeiras informações dizem que ruma a norte. É erro, provavelmente. Coordenadas recíprocas, erro de transmissão, qualquer coisa assim. Estamos a verificar. Deve ser engano porque, antes, dirigia-se para sul.

— E os outros submarinos equipados com mísseis? — perguntou Ryan.

— Os Deltas e os Typhoons estão no mar de Barents e no mar de Okhotsk, como de costume. Não há novidades. Temos lá submarinos, claro, mas Gallery não quer que eles quebrem o silêncio rádio, e faz bem. Portanto, de momento tudo o que temos é a informação sobre o Yankee desgarrado.

— Que vamos nós fazer, Charlie? — perguntou Greer.

— Gallery lançou um alerta geral, e todas as suas unidades estão preparadas para o caso de terem de se recolocar. O NORAD passou ao grau imediatamente superior de alerta, dizem-me.

— Davenport referia-se ao Comando da Defesa Aeroespacial dos Estados Unidos. — As unidades do CINCLANT e do CINCPAC estão a circular, como é natural. Alguns P-3 suplementares vigiam ao largo da Islândia. Pouco mais, para já. Primeiro temos de descobrir o que é que eles querem.

— Está bem, mantém-me informado.

— Roger, se soubermos alguma coisa eu informo-te e espero que...

— Com certeza.

Greer desligou o telefone e apontou o indicador a Ryan.

— Agora nada de sono, Jack.

— Depois desta droga? — perguntou Ryan, apontando a caneca.

— Vejo que não estás lá muito preocupado.

— Ainda não há motivos para preocupação, sir. Que horas são a> agora? Uma da tarde, mais ou menos. Provavelmente um almirante, talvez o velho Sergey em pessoa, que decidiu espevitatar os seus rapazes. Não deve ter ficado nada satisfeito com os resultados da TEMPESTADE ESCARLATE e, se calhar, decidiu pô-los à prova... a nós também, claro. O Exército e a Força Aérea estão quietos, e não há dúvida de que se estivessem a planear uma patifaria qualquer outros ramos estariam envolvidos. Claro que temos de estar alerta, mas para já não vejo nada que... — Ryan ia para dizer “que justifique manter-se uma pessoa acordada” — nada que deva afligir-nos.

— Que idade tinhas tu em Pearl Harbor?

— O meu pai tinha dezanove anos, sir. Só casei depois da guerra e não fui o primeiro pequeno Ryan. — Jack sorriu; Greer sabia a história toda. — O senhor também não era assim muito velho, creio.

— Era subalterno no velho Texas.

Greer nunca participara na guerra. Logo após esta ter começado, entrara para a Academia Naval; quando se formou e acabou o treino na escola de submarinos, a guerra estava praticamente acabada. Chegou à costa japonesa no seu primeiro cruzeiro um dia após o fim das hostilidades.

— Mas sabe o que quero dizer — continuou Greer.

— Pois sei, e é por isso que temos a CIA, a DIA, a NSA e o NRO, entre outros. Se os russos conseguirem enganar-nos, então talvez seja melhor estudarmos bem o nosso Marx.

— Todos esses submarinos a caminho do Atlântico...

— Fico mais tranquilo ao saber que o Yankee ruma a norte. Tiveram tempo suficiente para saber o que dizem. Davenport, provavelmente, não quer acreditar sem confirmação. Se Ivan estivesse a pensar num confronto, o Yankee dirigir-se-ia para sul. Os mísseis desses velhos barcos são de alcance curto. Bem... Vamos ficar a pé e alerta. Felizmente, sir, o senhor faz um ótimo café.

— Que me dizes a um pequeno-almoço?

— Digo que acho muito bem. Se conseguíssemos acabar com a história do Afeganistão, talvez eu pudesse regressar a casa ainda... esta noite.

— Pode ser. Talvez assim aprendas a dormir num avião.

O pequeno-almoço foi servido vinte minutos mais tarde. Os dois homens estavam habituados a pequenos-almoços suculentos, e o que lhes ofereceram era surpreendentemente bom. Em geral, o Governo não inscrevia na sua agenda a cafetaria da CIA, e Ryan perguntou a si próprio como havia o pessoal da noite, com tão poucas pessoas de serviço, conseguido apresentar uma refeição assim. Se calhar, tinham mandado buscá-la fora... Os dois homens sentaram-se a

comer até que Davenport telefonou, era um quarto para as sete.

— Não há dúvida. Todos os submarinos se dirigem para as bases. Detectámos perfeitamente dois Yankees, três Deltas e um Typhoon. O Memphis informou que o que vigiava se retirou a vinte nós, depois de ter estado cinco dias no mesmo sítio, e Gallery falou com o Queenfish. A mesma história. Parece que vão todos a caminho de casa. Também temos umas fotografias de um Grande Pássaro sobre o fiorde que, por uma vez, não estava coberto de nuvens, e um conjunto de barcos de superfície com assinaturas bem nítidas de infravermelhos. Navegam a todo o vapor.

— O Outubro Vermelho? — perguntou Ryan.

— Nada. Se calhar, a nossa informação era má e o submarino não saiu. Não seria a primeira vez.

— E se eles o perderam? — reflectiu Ryan em voz alta. Davenport já pensara nisso.

— Estaria explicada a actividade a norte, mas... e a azáfama no Báltico e no Mediterrâneo?

— Há dois anos apanhámos o mesmo susto com o Tullibee — lembrou Ryan —, e o CNO ficou tão atarantado que montou uma operação de salvamento com tudo o que havia nos dois oceanos.

— Talvez — concedeu Davenport.

Em Norfolk, parece que tinham ficado sem pinta de sangue depois desse fiasco. O USS Tullibee, um pequeno submarino de ataque, arrastava consigo havia muito a pouca sorte. Dessa vez, a pouca sorte afectara muita gente.

— De qualquer modo, a coisa parece muito menos preocupante do que há duas horas. Não estariam a mandar regressar às bases os submarinos se planeassem algo contra nós, pois não? — disse Ryan.

— Vejo que Ryan ainda tem a tua bola de cristal, James.

— É para isso que lhe pago, Charlie.

— Mesmo assim, é estranho... — comentou Ryan. — Porque estão eles a chamar todos os submarinos equipados com mísseis? Já fizeram isto alguma vez? E os do Pacífico?

— Desses não sei ainda nada — respondeu Davenport. — Solicitei dados ao CINCPAC, mas ainda não me responderam. Quanto à outra Pergunta, não. Nunca chamaram todas as unidades ao mesmo tempo, mas, de vez em quando, mudam de repente todas as posições. Se calhar é do que se trata. Eu disse que eles rumavam em direcção as bases, não para as bases. Só dentro de dias saberemos o que se passa.

E se eles receiam ter perdido um? — arriscou Ryan. Era sorte de mais para nós — disse Davenport, cínico. — Não Perdem um submarino desde aquele Golf que recuperámos no Havai, ndava você ainda no liceu, Ryan. Ramius não é comandante para deixar acontecer tal coisa.

O comandante Smith, do Titanic, também não era, pensou Ryan.

— Obrigado pela informação, Charlie. — Greer desligou. — Parece que não há nada, Jack. Por enquanto não há motivo para nos preocuparmos. Vamos ver então o que há sobre o Afeganistão e depois, por descargo de consciência, daremos uma olhadela aos retratos que Charlie tem da Esquadra do Norte.

Dez minutos mais tarde, chegou um mensageiro com um carrinho dos Arquivos Centrais. Greer era dos que gostava de ver com Os próprios olhos o material todo, o que agradava a Ryan. Conhecia alguns analistas que baseavam os seus relatórios em dados pré-seleccionados e que Greer dispensara por isso. A informação do carrinho provinha de várias fontes, mas, para Ryan, a mais significativa consistia em intercepções rádio feitas por postos de escuta na fronteira paquistanesa e, apurou depois, no próprio Afeganistão. A natureza e o momento das operações

soviéticas não indicavam uma retirada como pareciam sugerir dois artigos recentes do Estrela Vermelha e algumas fontes dos Serviços Secretos no interior da União Soviética. Passaram três horas a analisar os dados.

— Penso que Sir Basil está a dar importância de mais às informações provenientes da União Soviética e de menos aquilo que os nossos postos de escuta recolhem na zona. Não era a primeira vez que os soviéticos mantinham os seus comandantes operacionais na ignorância do que se passava em Moscovo, claro, mas, no conjunto, é difícil dizer o que é que eles querem — concluiu Ryan. O almirante fitou-o.

— Eu pago-te para obter respostas, Jack.

— Sir, a verdade é que Moscovo cometeu um erro ao invadir o Afeganistão. Sabemos isso através de relatórios secretos civis e militares. Os dados são, a esse respeito, claríssimos. Com os elementos que possuo, não me parece que eles saibam o que querem. Num caso destes, um espírito burocrático prefere não fazer nada. Os comandantes operacionais recebem ordens para continuar a missão, enquanto os chefões do Partido se afadigam à procura de uma saída e de uma justificação para se terem metido em tal sarilho.

— Muito bem. Portanto, sabemos que não sabemos.

— É verdade, sir. Também não me agrada, mas se lhe dissesse o contrário mentiria.

O almirante bufou. Havia muito disso em Langley, agentes que davam respostas quando nem sequer sabiam as perguntas. Como Ryan era ainda inexperiente, quando não sabia dizia que não sabia. Greef perguntou a si próprio se, com o tempo, o seu comportamento sofreria alterações. Oxalá não sofresse.

Depois do almoço, chegou um embrulho, por mão própria, do Gabinete Nacional de Reconhecimento. Continha as fotografias, tiradas ao princípio do dia em duas passagens sucessivas, por um satélite KH-11. Tão cedo não havia outras, devido às restrições impostas pela mecânica orbital e o tempo péssimo que fazia na península de Kola. O primeiro conjunto de imagens visíveis, obtidas uma hora depois de Moscovo ter enviado a mensagem FLASH, mostrava a esquadra amarrada ao largo ou nos cais. Rios infravermelhos revelavam algumas unidades brilhando de calor interno, o que indicava que as suas caldeiras ou turbinas a gás se encontravam em funcionamento. O segundo conjunto de fotografias fora tirado na segunda passagem orbital, de um ângulo muito baixo. Ryan examinou as imagens — Ena! Kírov, Moskva, Kiev, três Karas, cinco Krestas, quatro Krivaks, oito Udaloys e cinco Sovremennys.

— Um exercício de busca e salvamento, não é? — Greer fitou Ryan com olhar trocista. — Vê aqui em baixo... Vão atrás deles todos os petroleiros rápidos que possuem. Está aqui a maior parte da força de ataque da Esquadra do Norte e se precisam de petroleiros é porque pensam demorar-se por fora.

— Davenport podia ter sido mais específico. No entanto, vê-se que os submarinos estão a regressar às bases. Não há aqui barcos anfíbios; só de combate. E só os novos também, aqueles que andam depressa e possuem grande autonomia.

— E as melhores armas.

— Claro — concordou Ryan. — E todos reunidos em poucas horas. Sir, se eles tinham isto já planeado, teríamos sabido. A coisa deve ter sido preparada hoje. Curioso...

— Adquiriste o hábito inglês da redundância, Jack. — Greer ergueu-se para se espreguiçar. — Quero que fiques cá mais um dia. ter sido preparada hoje. Curioso...

— Muito bem, Sir. — Olhou o relógio. — Importa-se que telefone à minha mulher? Não quero que ela vá ao aeroporto esperar um avião em que não viajo.

— Com certeza, e depois quero que desças para falar com uma pessoa da DIA que

costumava trabalhar para mim. Vê os dados operacionais que eles já têm sobre este caso. Se não for nada de especial, não tardaremos a sabê-lo, e ainda poderás levar para casa amanhã a tua Barbie que faz surf.

Era uma Barbie Esquiadora, mas Ryan não disse nada.

SEXTO DIA

Quarta-feira, 8 de Dezembro

Quartel-General da CIA

Ryan tinha estado no gabinete do director da CIA por várias vezes, para entregar relatórios e mensagens pessoais de Sir Basil Charleston a sua alteza o DCI. Era maior que o de Greer, com uma melhor vista de Potomac Valley e fora com certeza decorado por um profissional, em estilo compatível com as origens do DCI. Arthur Moore era um juiz do Supremo Tribunal do Texas, e o gabinete reflectia a sua herança do Sul ocidental. Ele e o almirante Greer sentavam-se num sofá junto das amplas janelas. Greer mandou Ryan entrar e passou-lhe uma pasta.

A pasta era de plástico vermelho, com um fecho de mola. Tinha os bordos debruados a fita branca e, na capa, uma simples etiqueta com as inscrições SÓ PARA A e SALGUEIRO. Nenhuma das inscrições era invulgar. O computador na cave do quartel-general de Langley seleccionava nomes ao acaso, através de uma tecla; isto impedia um agente estrangeiro de deduzir fosse o que fosse do nome de uma operação. Ryan abriu a pasta e olhou primeiro para o índice. Existiam apenas três cópias do documento SALGUEIRO, cada uma delas com as iniciais do destinatário. Aquela tinha as iniciais do perfil' prio DCI. Um documento da CIA só com três cópias era raro e Ryan, cujo grau máximo de acesso era NBBULA, nunca vira nenhum. Pelos olhares solenes de Moore e Greer, suspeitou de que eram um dos que tinham acesso ao grau A; o outro devia ser o director-adjunto de operações (DDO), outro texano chamado Robert Ritter.

Ryan virou a folha do índice. O relatório era uma fotocópia de algo que fora dactilografado numa máquina manual e tinha muitas emendas para ter sido feito por uma autêntica secretária. Se Cummings e as outras secretárias executivas de alto nível não tinham podido ver aquilo... Ryan ergueu os olhos.

— Há dois anos apanhámos o emdash lembrou Ryan—, e o CNO ficou tão atarantado que montou uma operação de salvamento com tudo o que havia nos dois oceanos.

— Talvez — concedeu Davenport.

Em Norfolk, parece que tinham ficado sem pinta de sangue depois desse fiasco. O USS Tullibee, um pequeno submarino de ataque, arrastava consigo havia muito a pouca sorte. Dessa vez, a pouca sorte afectara muita gente.

— De qualquer modo, a coisa parece muito menos preocupante do que há duas horas. Não estariam a mandar regressar às bases os submarinos se planeassem algo contra nós, pois não? — disse Ryan.

— Vejo que Ryan ainda tem a tua bola de cristal, James.

— É para isso que lhe pago, Charlie.

— Mesmo assim, é estranho... — comentou Ryan. — Porque estão eles a chamar todos os submarinos equipados com mísseis? Já fizeram isto alguma vez? E os do Pacífico?

— Desses não sei ainda nada — respondeu Davenport. — Solicitei dados ao CINCPAC, mas ainda não me responderam. Quanto à outra Pergunta, não. Nunca chamaram todas as unidades ao mesmo tempo, mas, de vez em quando, mudam de repente todas as posições. Se calhar é do que se trata. Eu disse que eles rumavam em direcção as bases, não para as bases. Só dentro de dias saberemos o que se passa.

— E se eles receiam ter perdido um? — arriscou Ryan. Era sorte de mais para nós — disse Davenport, cínico. — Não Perdem um submarino desde aquele Golf que recuperámos no Havai, ndava você ainda no liceu, Ryan. Ramius não é comandante para deixar acontecer tal coisa.

O comandante Smith, do Titanic, também não era, pensou Ryan.

— Obrigado pela informação, Charlie. — Greer desligou. — Parece que não há nada, Jack. Por enquanto não há motivo para nos preocuparmos. Vamos ver então o que há sobre o Afeganistão e depois, por descargo de consciência, daremos uma olhadela aos retratos que Charlie tem da Esquadra do Norte.

Dez minutos mais tarde, chegou um mensageiro com um carrinho dos Arquivos Centrais. Greer era dos que gostava de ver com Os próprios olhos o material todo, o que agradava a Ryan. Conhecia alguns analistas que baseavam os seus relatórios em dados pré-seleccionados e que Greer dispensara por isso. A informação do carrinho provinha de várias fontes, mas, para Ryan, a mais significativa consistia em intercepções rádio feitas por postos de escuta na fronteira paquistanesa e, apurou depois, no próprio Afeganistão. A natureza e o momento das operações soviéticas não indicavam uma retirada como pareciam sugerir dois artigos recentes do Estrela Vermelha e algumas fontes dos Serviços Secretos no interior da União Soviética. Passaram três horas a analisar os dados.

— Penso que Sir Basil está a dar importância de mais às informações provenientes da União Soviética e de menos aquilo que os nossos postos de escuta recolhem na zona. Não era a primeira vez que os soviéticos mantinham os seus comandantes operacionais na ignorância do que se passava em Moscovo, claro, mas, no conjunto, é difícil dizer o que é que eles querem — concluiu Ryan. O almirante fitou-o.

— Eu pago-te para obter respostas, Jack.

— Sir, a verdade é que Moscovo cometeu um erro ao invadir o Afeganistão. Sabemos isso através de relatórios secretos civis e militares. Os dados são, a esse respeito, claríssimos. Com os elementos que possuo, não me parece que eles saibam o que querem. Num caso destes, um espírito burocrático prefere não fazer nada. Os comandantes operacionais recebem ordens para continuar a missão, enquanto os chefões do Partido se afadigam à procura de uma saída e de uma justificação para se terem metido em tal sarilho.

— Muito bem. Portanto, sabemos que não sabemos.

— 'É verdade, sir. Também não me agrada, mas se lhe dissesse o contrário mentiria.

O almirante bufou. Havia muito disso em Langley, agentes que davam respostas quando nem sequer sabiam as perguntas. Como Ryan era ainda inexperiente, quando não sabia dizia que não sabia. Greef perguntou a si próprio se, com o tempo, o seu comportamento sofreria alterações. Oxalá não sofresse.

Depois do almoço, chegou um embrulho, por mão própria, do Gabinete Nacional de Reconhecimento. Continha as fotografias, tiradas ao princípio do dia em duas passagens sucessivas, por um satélite KH-11. Tão cedo não havia outras, devido às restrições impostas pela mecânica orbital e o tempo péssimo que fazia na península de Kola. O primeiro conjunto de imagens visíveis, obtidas uma hora depois de Moscovo ter enviado a mensagem FLASH, mostrava a esquadra amarrada ao largo ou nos cais. Rios infravermelhos revelavam algumas unidades brilhando de calor interno, o que indicava que as suas caldeiras ou turbinas a gás se encontravam em funcionamento. O segundo conjunto de fotografias fora tirado na segunda passagem orbital, de um ângulo muito baixo. Ryan examinou as imagens — Ena! Kírov, Moskva, Kiev, três Karas, cinco Krestas, quatro Krivaks, oito Udaloys e cinco Sovremennys.

— Um exercício de busca e salvamento, não é? — Greer fitou Ryan com olhar trocista. —

Vê aqui em baixo... Vão atrás deles todos os petroleiros rápidos que possuem. Está aqui a maior parte da força de ataque da Esquadra do Norte e se precisam de petroleiros é porque pensam demorar-se por fora.

— Davenport podia ter sido mais específico. No entanto, vê-se que os submarinos estão a regressar às bases. Não há aqui barcos anfíbios; só de combate. E só os novos também, aqueles que andam depressa e possuem grande autonomia.

— E as melhores armas.

— Claro — concordou Ryan. — E todos reunidos em poucas horas. Sir, se eles tinham isto já planeado, teríamos sabido. A coisa deve ter sido preparada hoje. Curioso...

— Adquiriste o hábito inglês da redundância, Jack. — Greer ergueu-se para se espreguiçar. — Quero que fiques cá mais um dia. ter sido preparada hoje. Curioso...

— Muito bem, Sir. — Olhou o relógio. — Importa-se que telefone à minha mulher? Não quero que ela vá ao aeroporto esperar um avião em que não viajo.

— Com certeza, e depois quero que desças para falar com uma pessoa da DIA que costumava trabalhar para mim. Vê os dados operacionais que eles já têm sobre este caso. Se não for nada de especial, não tardaremos a sabê-lo, e ainda poderás levar para casa amanhã a tua Barbie que faz surf.

Era uma Barbie Esquiadora, mas Ryan não disse nada.

— Não há problema, Jack — disse Greer. — Passa a ter acesso a SALGUEIRO.

Ryan sentou-se e, a despeito da sua excitação, começou a ler o documento lenta e cuidadosamente.

O nome de código do agente era, na actualidade, CARDINAL, o mais graduado agente em campo que a CIA já tivera, formava-o aquela massa de que se fazem as lendas. CARDINAL fora recrutado havia mais de vinte anos por Oleg Penkovskiy. Outra lenda — esta morta—, Penkovskiy era, na época, coronel do GRU, os Serviços Secretos militares soviéticos, o similar mais poderoso e mais activo da Agência de Contra-Espionagem da América (DIA). A sua posição dera-lhe acesso à informação diária sobre todos os aspectos da vida militar soviética desde a estrutura do comando do Exército Vermelho ao estatuto operacional dos mísseis intercontinentais. A informação, que passava através do seu contacto britânico, Greville Wynne, era extremamente valiosa, e os países ocidentais acabaram por depender dela—demasiadamente. Penkovskiy fora descoberto durante a crise dos mísseis cubanos de 1962. Os seus dados, pedidos e entregues sobre grande pressão, permitiram ao Presidente Kennedy saber que os sistemas estratégicos soviéticos não estavam preparados para a guerra. Esta informação habilitara o presidente a encurralar Khrushchev; não havia saída fácil para o líder soviético. O famoso bloqueio, atribuído à firmeza e aos nervos de aço de Kennedy, foi, como muitos acontecimentos semelhantes através da História, facilitado pelo conhecimento que o presidente tinha das cartas do outro homem. Esta vantagem deveu-a a um corajoso agente que nunca chegaria a conhecer. A resposta de Penkovskiy, já sob suspeita, ao pedido FLASH de Washington fora demasiado imprudente; liquidara-o. Tinha pago pela sua traição com a vida. Fora CARDINAL quem primeiro soubera que ele estava a ser vigiado mais de perto do que era normal numa sociedade em que todos eram vigiados. Avisara Penkovskiy — tarde de mais. Ao verificar-se que não podia ser retirado da União Soviética, o próprio coronel insistira com CARDINAL para que o traísse. Era o último acto irónico de um homem valente—a sua própria morte favorecendo a carreira do agente a quem recrutara.

A missão de CARDINAL era necessariamente tão secreta quanto o seu nome. Qualificado conselheiro e confidente de um membro do Politburo, CARDINAL representava-o muitas vezes

junto do poder nltar soviético. Tinha, assim, acesso a informações políticas e militares da mais alta qualidade. Isto tornava os seus relatórios extraordinariamente valiosos—e, paradoxalmente, suspeitssimos. Os poucos agentes da CIA experimentados na matéria ao corrente da sua existência achavam impossível acreditar que ele não tivesse sido, em dado momento, “virado” por um dos milhares de agentes de contra-espionagem do KGB, cuja única função consistia em vigiar tudo e toda a gente. por este motivo, o material qualificado de CARDINAL era confrontado com os relatórios de outros espes e de outras fontes. Mas CARDINAL sobrevivera a muitos agentes insignificantes.

O nome CARDINAL era conhecido em Washington apenas dos três directores máximos da CIA. No primeiro dia de cada mês, escolhia-se um novo nome de código para as suas informações, nome que só estava na posse dos agentes e analistas da CIA do mais elevado escalão. Naquele mês era SALGUEIRO. Antes de serem passadas, de má vontade, a estranhos, as informações de CARDINAL eram reformuladas tão cuidadosamente como os rendimentos da Mafia para disfarçar a sua origem. Havia também diversas medidas de segurança que protegiam o agente e eram exclusivas dele. Por medo de exposição criptográfica da sua identidade, as informações de CARDINAL eram entregues em mão; nunca eram transmitidas por rádio ou telefone. O próprio CARDINAL era um homem muito cuidadoso— a sorte de Penkovskiy ensinara-lhe a necessidade de cautelas. As suas informações eram enviadas através de intermediários para o chefe do posto da CIA em Moscou. Sobrevivera a doze chefes de posto; um deles, um oficial superior reformado, tinha um irmão que era jesuíta. Todas as manhãs, o sacerdote, professor de Filosofia e Teologia na Fordham University de Nova Iorque, dizia missa pela segurança e pela alma de um homem cujo nome jamais conheceria. Eis uma explicação tão boa como outra qualquer para a sobrevivência de CARDINAL. Por quatro vezes lhe haviam oferecido a saída da União Soviética; sempre recusara. Para alguns, isto era prova de que ele estava “virado”, mas, para outros, era prova de que,  semelhança da maior parte dos agentes bem sucedidos, CARDINAL era um homem guiado por algo que só ele conhecia e, portanto, como a maior parte dos agentes bem sucedidos, era provavelmente um tanto louco.

O documento que Ryan lia demorava vinte horas a chegar ao seu destino. Haviam sido precisas cinco para o filme chegar à Embaixada americana em Moscou, onde fora logo entregue ao chefe de posto. experiente oficial superior e antigo repórter do New York Times que actuava sob o disfarce de adido de imprensa. Ele próprio revelara o filme na sua câmara escura particular. Trinta minutos após a chegada, examinara  lupa as cinco imagens reveladas e enviara uma mensagem FLASH para Washington, a dizer que as informações de CAR’ DINAL iam a caminho. A seguir, transcrevera a mensagem do filme para papel de combustão instantânea na sua máquina de escrever portátil, traduzindo ao mesmo tempo do russo. Esta medida de segurança eliminava a caligrafia do agente e, pela estrutura da tradução, quaisquer peculiaridades da sua linguagem. O filme fora depois quei’ mado e o relatório introduzido numa caixa de metal semelhante a uma cigarreira. O invólucro possuía uma pequena carga pirotécnica que incendiaria o conteúdo, no caso de a caixa ser mal aberta ou subitamente sacudida; duas informações de CARDINAL tinham-se Perdido por as caixas terem sido deixadas acidentalmente cair. O chefe do posto entregara a caixa ao mensageiro da Embaixada, que já marcara passagem no voo de três horas da Aeroflot para Londres. No Aeroporto de Heathrow, o mensageiro correria a tomar o voo 747 de pan Am para o Aeroporto Internacional Kennedy, de Nova Iorque, onde embarcara no avião que fazia a ponte com o Aeroporto de Washington. Pelas oito da manhã, a mala diplomática estava na Secretaria de Estado. Aí, um agente da CIA retirara a caixa e partira imediatamente para Langley, a entregá-la ao DCI. Fora aberta por um instrutor dos serviços

técnicos da CIA. O DCI fizera três fotocópias na sua Xerox pessoal e queimara o papel de combustão instantânea, que não deixara vestígios no cinzeiro. Estas medidas de segurança espantavam alguns dos homens que tinham ascendido ao cargo de DCI e que as consideravam risíveis. As gargalhadas acabavam sempre com o primeiro relatório de CARDINAL.

Quando Ryan acabou a leitura tornou à segunda página, que leu novamente, abanando a cabeça devagar. O documento SALGUEIRO era a mais forte confirmação que já tivera do seu desejo de não saber como lhe chegavam informações secretas. Fechou a pasta e devolveu-a ao almirante Greer.

— Meu Deus, sir!

— Jack, bem sei que não preciso de dizer isto... mas aquilo que acabas de ler ninguém, nem o presidente, nem Sir Basil, nem Deus, se pedir, ninguém lê sem autorização do director. Entendido?

Greer não perdera a sua voz de comando.

— Com certeza, sir — respondeu Ryan, baixando a cabeça como um colegial.

O juiz Moore tirou um charuto do bolso do casaco e acendeu-o,

fitando, por sobre a chama, os olhos de Ryan. O juiz, todos o diziam, fora, nos seus tempos, um invulgar agente secreto. Servira com Hansloft durante a guerra da Coreia e tinha sido decisivo na execução de uma das missões lendárias da CIA, o desaparecimento de um barco norueguês que transportava pessoal médico e víveres para os chineses, e assim, adiara uma ofensiva chinesa por vários meses, poupando milhares de vidas americanas e aliadas; mas fora uma operação simples. Todo o pessoal chinês e toda a tripulação norueguesa havia desaparecido. Em termos simples de matemática de guerra, não passara de uma operação, avaliados os lucros e as perdas; em termos de oralidade, a questão era outra. Por este motivo, ou talvez por outro, Moore deixara, pouco depois, o serviço do Governo para se tornar advogado no seu Texas natal. Fizera uma carreira espectacularmente bem sucedida e passara de próspero advogado a distinto juiz de pelação. Fora chamado novamente à CIA três anos antes, devido a possuir uma combinação única de integridade absoluta e experiência em operações de alto risco. O juiz Moore escondia um diploma em leis de Harvard e um espírito altamente ordenado sob a fachada de um cowboy do Texas ocidental, algo que não fora, mas que fingia com naturalidade.

— Então, doutor Ryan, que pensa disto? — perguntou Moore quando o director-adjunto de operações entrou. — Olá, Bob, chega aqui. Acabamos de mostrar a Ryan a pasta SALGUEIRO.

— 'Sim? — Ritter puxou uma cadeira, encurralando Ryan no seu canto. — Que pensa disto o rapaz louro do almirante?

— 'Meus senhores, presumo que todos consideram esta informação como genuína — disse Ryan, cauteloso, obtendo confirmações de cabeça. — Sir, se esta informação tivesse sido entregue em mão pelo arcanjo S. Miguel, teria dificuldade em acreditar nela... Mas como os senhores dizem que é digna de confiança...

Queriam a sua opinião. O problema estava em que as suas conclusões eram demasiado incríveis. Bem, decidiu, cheguei até onde cheguei, dando honestamente as minhas opiniões... Ryan respirou fundo e disse-lhe o que pensava do assunto.

— Muito bem, doutor Ryan — disse o juiz Moore, acenando de cabeça, sagaz. — Primeiro, quero que me diga que outra coisa pode ser, depois que defenda a sua análise.

— 'Sir, a alternativa mais óbvia não merece grande reflexão. Por outro lado, estão em condições de fazer isto desde sexta-feira e não o fizeram — disse Ryan, em voz baixa e tranquila.

Ryan treinara-se para ser objectivo. Analisou em pormenor as quatro alternativas que tinha

considerado. Não era altura de permitir que opiniões pessoais se intrometessem no seu raciocínio. Falou durante dez minutos.

— Suponho que há mais uma possibilidade, juiz — concluiu. — Isto pode ser desinformação destinada a inutilizar a fonte. Essa possibilidade não posso avaliá-la.

— Também nos lembrámos disso. Muito bem, agora que já nos disse o que pensa, pode dar-nos também a sua recomendação operacional.

— Sir, o almirante pode dizer-lhe o que a Marinha dirá.

— Isso calculo eu o que seja, rapaz — riu Moore. — Que pensa você?

— Juiz, adoptar a decisão três não será fácil — há demasiadas variáveis, demasiadas contingências possíveis. Mas diria que sim. Se for possível, se pudermos esmiuçar os pormenores, devemos tentar. A grande questão é a disponibilidade dos nossos próprios meios. Teremos as unidades necessárias?

Não dispomos de grande coisa — respondeu Greer. — Um porta-aviões, o Kennedy. Já verifiquei. O Saratoga está em Norfolk com uma avaria. Por outro lado, o HMS Invincible, que esteve aqui para o exercício da NATO, partiu para Norfolk na segunda-feira à noite. O almirante White, creio, comandando um pequeno grupo de combate.

— Lord White, Sir? — perguntou Ryan. — O conde de Weston?

— Conhece-o? — perguntou Moore.

— Conheço, sir. As nossas mulheres são amigas. Andei com ela à caça dos galos silvestres, em Setembro passado, na Escócia. Tem fama de bom operacional e uma óptima reputação, ao que sei.

— Pensa que podemos pedir-lhes os barcos emprestados, James? - perguntou Moore. — Para isso, teremos de lhes contar tudo. Mas, primeiro, teremos de pôr o nosso lado ao corrente do que se passa. Há uma reunião do Conselho Nacional de Segurança à uma da tarde. Ryan, prepare a informação. Será você mesmo a dá-la.

Ryan pestanejou.

— Tenho pouco tempo, sir.

— James diz que você trabalha bem sob pressão. Prove-o! — Olhou para Greer. — Arranje uma cópia da informação e prepare-se para voar para Londres. Manda o presidente. Se quisermos os barcos deles, teremos de lhes explicar porquê. Isso significa informar o primeiro-ministro, missão que lhe compete. Bob, quero que confirmes este relatório. Faça o que tem a fazer, mas não envolve o SALGUEIRO.

— Muito bem — respondeu Ritter. Moore olhou para o relógio.

— Tornaremos a encontrar-nos aqui às 15 e 30, se a reunião nos der tempo. Ryan, tem noventa minutos. Despache-se.

“Quem pensarão que sou?”, perguntou-se Ryan. Dizia-se na CIA que o juiz Moore seria em breve colocado numa confortável embaixada, talvez na Corte de St. James, recompensa cabal para um homem que trabalhara longa e duramente com o objectivo de restabelecer uma íntima relação entre americanos e britânicos. Se o juiz se fosse embora, o almirante Greer suceder-lhe-ia provavelmente. Possuía as Virtudes da idade — já não teria assim muitos anos de vida — e contava amigos em Capitol Hill. Ritter não tinha nem uma coisa nem outra. Queixara-se muito e demasiado abertamente de congressistas responsáveis por fugas de informação sobre as suas operações e os seus agentes, provocando a morte de homens na ânsia de demonstrar a sua importância na ronda dos cocktails. Andava também à disputa com o presidente da Comissão de Selecção de Informação secretas.

Com esta remodelação no topo e o seu repentino acesso a novas fantásticas informações...

“Que significará isto para mim?”, perguntou-se Ryan. Era impossível que estivessem a pensar nele para o cargo de DDI. Sabia que não possuía a experiência necessária para a missão — embora talvez dali por uns cinco ou seis anos...

Cordilheira de Reykjanes

Ramius examinou os dados de navegação. O Outubro Vermelho rumava a sudoeste na pista oito, a rota vigiada mais a ocidente, que os homens dos submarinos da Esquadra do Norte chamavam Estrada de Gorshkov. A sua velocidade era de treze nós. Nunca lhe ocorrera que se tratava de um número aziago, uma superstição anglo-saxónica. Manteriam a rota e a velocidade por mais vinte horas. Imediatamente atrás dele, Kamarov sentava-se aos comandos do gravitómetro de submarino, um grande mapa nas costas. O jovem tenente fumava seu cigarro. Com aspecto tenso, marcou a posição no mapa. Ramius não o perturbou. Kamarov sabia do seu ofício e Borodin substituí-lo-ia dentro de duas horas.

Instalado na quilha do Outubro Vermelho, existia um aparelho altamente sensível, chamado gradiómetro, constituído essencialmente por dois grandes pesos de chumbo à distância de cem metros um do outro. Um sistema laser computadorizado media o espaço entre os pesos até a uma fracção de angstrom. Distorções desta distância ou movimentos laterais dos pesos indicavam variações no campo gravitacional local. O navegador comparava estes valores altamente precisos com os valores no seu mapa. Utilizando cuidadosamente gravitómetros no sistema de navegação por inércia do barco, obtinha a localização do submarino com um erro máximo de cem metros, metade do comprimento do vaso.

O sistema sensor de massa fora instalado em todos os submarinos que o podiam conter. Jovens comandantes, Ramius sabia-o, tinham-no utilizado para percorrer a Estrada a alta velocidade. Bom para os comandantes se vangloriarem do feito, pensava Ramius, mas uma provação para o navegador. Não via necessidade de imprudências. Talvez a carta tivesse sido um erro... Não, eliminava a possibilidade de reverem os planos. E os sensores destinados a detectar submarinos não eram capazes de localizar o Outubro Vermelho enquanto mantivesse a sua rotina silenciosa. Disto estava Ramius certo; experimentara-os a todos. Chegaria aonde queria, fazia o que queria e ninguém, nem os seus próprios compatriotas, nem mesmo os americanos, poderiam impedi-lo. Por isso escutara havia pouco a passagem de um Alfa trinta milhas a leste, e sorria.

A Casa Branca

O carro do juiz Moore era uma limusina Cadillac com motorista um agente de segurança que guardava uma pistola-metralhadora debaixo do painel de instrumentos. O motorista virou à direita, saindo da Pensilvânia Avenue e entrando em Executive Drive. Mais um parque de estacionamento do que uma rua, Executive Drive destinava-se aos altos funcionários e jornalistas que trabalhavam na Casa Branca e no edifício do Executivo, “Old State”, esse brilhante exemplar do grotesco institucional que sobrepujava a residência do presidente. O motorista parou com suavidade num lugar vago reservado a VIP e apressou-se a abrir as portas, depois de o agente da segurança ter varrido a área com os olhos. O juiz saiu primeiro e afastou-se; Ryan seguiu-o e deu por si caminhando à esquerda do homem, meio passo atrás. Demorou ainda um momento a

recordar-se de que esse seu gesto instintivo era exactamente o que os marines lhe haviam ensinado em Quântico, a maneira correcta de um subalterno acompanhar os seus superiores. Ryan pôde, assim, reconhecer quão subalterno era.

— Já aqui esteve, Jack?

— Não, sir, nunca estive.

— Claro — disse Moore, divertido —, você é daqui de perto. Se fosse de longe, já teria cá vindo várias vezes.

Um marine segurou a porta para que entrassem. No interior, um agente dos Serviços Secretos pediu-lhes que passassem adiante. Moore acenou-lhe de cabeça e avançou.

— É no gabinete, sir?

— Na Sala da Situação, no rés-do-chão. É mais confortável e está melhor equipada para este tipo de coisa. Os slides de que precisa já lá estão. Tudo pronto a funcionar. Nervoso?

— Estou, sir, de facto...

— Acalme-se, rapaz — disse Moore, risonho. — O presidente já há tempos que queria vê-lo. Gostou daquele relatório sobre o terrorismo

que fez há uns anos e eu mostrei-lhe mais alguns dos seus trabalhos. O relatório sobre as operações dos submarinos russos equipados com Asseis, aquele outro sobre práticas administrativas nas indústrias de armamento soviéticas... Vai ver que o acha um sujeito normalíssimo. Esteja é preparado quando ele lhe fizer perguntas. Ouvirá cada palavra que disser. E tem uma habilidade especial para atirar com perguntas daquelas que nos deixam boquiabertos.

Moore começou a descer uma escada. Ryan seguiu-o, descendo os lanços. Chegaram a uma porta que dava para um corredor. O juiz virou à esquerda e dirigiu-se a outra porta, esta guardada também por um agente dos Serviços Secretos.

— Boa tarde, juiz. O presidente desce já.

— Obrigada Este é o doutor Ryan. Fico por ele.

— Muito bem.

O agente pediu-lhes que entrassem. Não era tão espectacular quanto Ryan esperava. A Sala da Situação não devia ser maior do que a Sala Oval, no andar de cima. Havia lambris de madeira de aspecto caro sobre o que eram provavelmente paredes de cimento. Aquela parte da Casa Branca datava da reconstrução completa feita por Trumann. A estante para Ryan ficava à esquerda, em frente e ligeiramente à direita de uma mesa mais ou menos em forma de diamante por detrás estava o écran. Um bilhete sobre a estante dizia que o projector de slides, no meio da mesa, estava já carregado e focado, e indicava a ordem das imagens fornecidas pelo Gabinete Nacional de Reconhecimento.

A maior parte das pessoas já se encontrava na sala, todos os chefes de Estado-Maior e o secretário da Defesa. O secretário de Estado, lembrou-se Ryan, andava ainda entre Atenas e Ancara, tentando resolver a última crise de Chipre. Este permanente espinho no flanco sul da NATO inflamara-se semanas antes, quando um estudante grego atropelara uma criança turca com um automóvel e fora morto por um grupo, minutos depois. Ao fim do dia, havia cinquenta pessoas feridas e os países putativamente aliados discutiam uma vez mais acaloradamente. Agora, dois porta-aviões americanos cruzavam o mar Egeu, enquanto o secretário de Estado tentava acalmar ambas as partes. Era lamentável que dois jovens tivessem morrido, pensou Ryan, isso não justificava, porém, a mobilização do Exército.

À mesa, encontrava-se também o general Thomas Hilton, presidente dos Estados-Maiores Conjuntos, e Jeffrey Pelt, o conselheiro nacional de segurança do presidente, um homem pomposo que Ryan conhecera anos antes no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais da

Universidade de Georgetown. Pelt folheava papéis e relatórios. Os chefes de Estado-Maior conversavam amigavelmente uns com os outros, quando o comandante do corpo de marines ergueu os olhos e viu Ryan. Levantou-se e aproximou-se dele.

— Você é Jack Ryan? — perguntou o general David Maxwell

— Exactamente, sir.

Maxwell era um homem baixo e forte, de aspecto duro, cujo cabelo cortado muito curto parecia faiscar de energia agressiva. Examinou Ryan antes de lhe apertar a mão.

— Prazer em conhecê-lo, rapaz. Gostei do que fez em Londres. Foi bom para o corpo. — Referia-se ao incidente terrorista em que Ryan quase fora morto. — Foi bom. Uma acção rápida a sua, tenente — Obrigado, sir. Tive sorte.

— Os bons oficiais costumam ter sorte. Dizem-me que nos traz novidades interessantes.

É verdade, sir. Penso que não dará o seu tempo por mal empregue.

Nervoso? — O general viu a resposta e esboçou um sorriso. —

Acalme-se, rapaz. Neste maldito buraco, toda a gente senta o rabo no mesmo sítio que você.

Deu uma palmada amigável, com as costas da mão, no estômago de Ryan e tornou ao seu lugar. O general murmurou qualquer coisa ao almirante Daniel Foster, chefe das operações navais. O CNO olhou Ryan por um momento, antes de tornar ao que fazia.

O presidente chegou passado um minuto. Todos se levantaram quando ele se encaminhou para a sua cadeira, à direita de Ryan. Disse algumas palavras ao Dr. Pelt, depois fitou o DCI.

— Meus senhores, se pudermos começar a reunião, penso que o juiz Moore tem algumas novidades para nós.

— Obrigado, senhor presidente. Meus senhores, tivemos hoje uma interessante alteração com respeito à operação naval soviética que começou ontem. Pedi ao doutor Ryan que os elucidasse.

O presidente virou-se para Ryan. Este sentiu-se passado em revista.

— Pode começar.

Ryan tomou um gole de água gelada de um copo escondido na estante. Tinha à disposição um aparelho de controle remoto para o projector de slides e vários ponteiros. Uma luz de alta intensidade iluminava os seus apontamentos. As páginas estavam cheias de erros e de correcções manuscritas. Não tivera tempo de passar as notas a limpo.

— Obrigado, senhor presidente. Meus senhores, chamo-me Jack Ryan e o tema desta informação é a recente actividade naval soviética no Atlântico Norte. Antes, porém, devo habilitá-los com alguns dados básicos. Peço a vossa paciência durante alguns minutos e, por favor, interrompam-me sempre que quiserem com quaisquer perguntas.

Ryan ligou o projector de slides. As luzes por cima do écran foram imediatamente reduzidas.

— Estas fotografias chegaram até nós por amabilidade dos britânicos — disse Ryan, já presa a atenção de todos. — O vaso que ali vêem é o submarino soviético equipado com mísseis Outubro Vermelho, fotografado por um agente britânico no cais da base de Polyarniy, perto de Murmansk, no Norte da Rússia. Como podem ver, é uma unidade de grande envergadura, com cerca de cento e noventa e cinco metros de comprimento e vinte e cinco de largura, deslocando, submersa, trinta e duas mil toneladas. Estes números são, digamos, comparáveis aos de um couraçado da Primeira Guerra Mundial.

Ryan pegou num ponteiro.

— Além de ser consideravelmente maior do que os nossos submarinos Trident da classe Ohio, o Outubro Vermelho possui várias singularidades técnicas. Dispõe de vinte e seis mísseis

em vez dos nossos vinte e quatro. Os primeiros vasos da classe Typhoon, a partir do qual foi desenvolvido, tinham apenas vinte. O Outubro está armado com o novo míssil balístico SS-N-20 mar-ar, o Seahawk. Trata-se de um míssil de combustível sólido e um alcance de cerca de seis mil milhas náuticas, com oito ogivas múltiplas que podem ser apontadas independentemente, as MIRV, cada uma delas com uma carga calculada de quinhentas quilotoneladas. É a mesma ogiva dos SS-18, mas em menor número por foguete.

“Como podem ver, os tubos dos mísseis estão localizados à proa e não à popa, caso dos nossos submarinos. Os hidroplanos de mergulho da proa formam, aqui, no casco, as clivagens; nos nossos, as clivagens prolongam-se pelo casco até à torre. Tem hélices gémeas; os nossos só têm uma. E, por fim, o casco é achatado. Em vez de cilíndrico, como os nossos, é acentuadamente achatado em cima e em baixo.

Ryan projectou outro slide que mostrava duas imagens sobrepostas da proa sobre a popa.

— Estas fotografias foram-nos entregues por revelar. Foram reveladas pelo Gabinete Nacional de Reconhecimento. Observem, por favor, as portas aqui, na proa, e aqui, na popa. Os ingleses ficaram um pouco perplexos com isto. Eis a razão por que me autorizaram a trazer as fotografias no princípio da semana. Na CIA também não conseguimos descobrir para que serviam as portas e decidiu-se procurar a opinião de um consultor externo.

— Quem decidiu? — perguntou, irritado, o secretário da Defesa, — Eu ainda nem sequer vi isso!

— Só as recebemos na segunda-feira, Bert — respondeu o juiz Moore, apaziguador. — Estas duas têm apenas quatro horas. Ryan sugeriu que consultássemos um perito e James Greer concordou. Eu também.

— Chama-se Oliver W. Tyler. O doutor Tyler é um antigo oficial da Marinha. Actualmente, é professor convidado de engenharia na Academia Naval e consultor do Comando dos Sistemas Marítimos. É especialista na análise da tecnologia naval soviética. O capitão. O doutor Tyler concluiu que estas portas são as aberturas de admissão e exaustão de um novo propulsor silencioso. Está agora a construir um modelo de computadorizado do sistema e esperamos ter informações no fim da semana. O sistema é em si próprio bastante interessante

Ryan explicou em resumo a análise de Tyler.

— Muito bem, doutor Ryan — disse o presidente. — Acaba de nos dizer que os soviéticos construíram um submarino equipado com mísseis que os nossos homens terão dificuldade em localizar. Não me parece que sejam essas as novidades. Continue.

— O comandante do Outubro Vermelho é um homem chamado Marko Ramius. É um nome lituano, embora pensemos que o seu passaporte interno lhe atribui a nacionalidade de grande-russo. É filho de um alto funcionário do Partido e o melhor comandante de submarinos que eles têm. Distinguiu-se, nos últimos dez anos, no comando de todas as classes de submarinos soviéticos.

“O Outubro Vermelho fez-se ao mar na última sexta-feira. Não sabemos exactamente qual a sua missão, mas, em geral, os submarinos soviéticos equipados com mísseis — isto é, os equipados com os mais recentes mísseis de longo alcance — limitam as suas actividades ao mar de Barents e zonas adjacentes, nas quais podem ser protegidos dos nossos vasos por aviões ASW baseados em terra, barcos de superfície e submarinos de ataque. Cerca do meio-dia, hora local, de domingo, registámos aumento de actividade de busca no mar de Barents. Na altura, pensámos tratar-se de um exercício ASW local e, na segunda-feira, ao fim do dia, parecia estarmos perante o ensaio do novo sistema de propulsão do Outubro.

“Como sabem, ontem registou-se, desde cedo, um importante aumento da actividade naval

soviética. Quase todos os barcos da Esquadra do Norte estão agora no mar, acompanhados por todos os vasos de reabastecimento rápido que eles possuem. Outras unidades auxiliares saíram das bases do Báltico e do Mediterrâneo Ocidental. Mais perturbador ainda é o facto de que quase todos os submarinos nucleares integrados na Esquadra do Norte se dirigirem para o Atlântico Norte, incluindo três do Mediterrâneo, visto que os submarinos desta zona pertencem à Esquadra do Norte e não à Esquadra do mar Negro. Ora, julgamos saber o motivo de toda esta actividade.

Ryan projectou outro slide, que mostrava o Atlântico Norte desde a Florida ao Pólo, com as unidades soviéticas assinaladas a vermelho.

— No dia em que o Outubro Vermelho largou, o comandante Ramius enviou uma carta ao almirante Yuri Ilych Padorin. Padorin é o chefe da Administração Política da Marinha. Não sabemos o que a carta dizia, mas podemos ver aqui os seus resultados. Isto começou a acontecer menos de quatro horas após a carta ter sido aberta. Cinquenta e oito submarinos nucleares e vinte e oito barcos de superfície de grande envergadura navegam na nossa direcção. Trata-se de uma reacção notável em quatro horas. Esta manhã soubemos que missão lhes foi confiada. “Meus senhores, estes barcos têm ordens para localizar o Outubro Vermelho e, se necessário, afundá-lo. — Ryan interrompeu-se para tirar efeito das suas palavras. — Como vêem, a força soviética de superfície está aqui, mais ou menos a meio caminho entre o continente europeu e a Islândia. Os submarinos soviéticos, sobretudo estes, navegam todos rumo a sudoeste, em direcção à costa dos Estados Unidos. Observem, por favor, que não há nenhuma actividade anormal ao largo das nossas costas do Pacífico — tirando o facto de sabermos que os submarinos soviéticos equipados com mísseis nos dois oceanos receberam ordens para regressar às bases.

“Embora não saibamos exactamente o que o comandante Ramius disse, podemos tirar algumas conclusões desta manobra. Dir-se-ia que eles pensam que o Outubro Vermelho se dirige para nós. Dado que a sua velocidade é calculada entre dez e trinta nós, poderia encontrar-se entre este ponto, abaixo da Islândia, e este, ao largo da nossa costa. Reparem que, em qualquer caso, conseguiu evitar com êxito a detecção pelas quatro barreiras SOSUS...

— Um momento! Diz que eles ordenaram o afundamento de um dos seus próprios submarinos?

— É verdade, senhor presidente. O presidente olhou o DCI.

— Isto é informação digna de confiança, juiz?

— É, senhor presidente. Estamos convencidos de que é informação segura.

— Muito bem, doutor Ryan, continue. Que pretende esse Ramius?

— Senhor presidente, tanto quanto podemos deduzir destes dados, o Outubro Vermelho tenta desertar para os Estados Unidos.

A sala caiu no silêncio. Ouvia-se o zumbido da ventoinha do projectador de slides enquanto o Conselho Nacional de Segurança reflectia. Ryan pousou as mãos sobre a estante para impedir que tremessem sob o olhar fixo dos dez homens.

— É uma conclusão muito interessante, doutor. — O presidente sorriu. — Demonstre-a.

— Senhor presidente, não há outra conclusão a tirar dos dados. O ponto verdadeiramente crucial, claro, é a ordem de regresso das outras unidades equipadas com mísseis às respectivas bases. Nunca fizeram isso antes. Isto, as ordens para afundar o mais recente e poderoso submarino nuclear que possuem e o facto de o perseguirem nesta direcção leva-nos a pensar que o Outubro Vermelho abandonou a sua zona e se dirige para aqui.

— Muito bem. E não sendo isso que outra coisa pode ser?

— Ele pode ter-lhes dito, sir, que ia disparar os seus mísseis Contra nós, contra eles, contra

os chineses, contra seja quem for.

— E não acredita nisso, pois não?

Não, senhor presidente. O SS-N-20 tem um alcance de seis mil milhas. Isso significa que ele podia atingir qualquer alvo no Hemisfério Norte desde o momento em que abandonou o cais. Teve seis dias para fazer isso, mas não fez. Por outro lado, se tivesse ameaçado lançar os seus pássaros teria considerado a possibilidade de os soviéticos pedirem a nossa ajuda para o localizar e afundar. Se os nossos sistemas de vigilância detectassem o lançamento de mísseis nucleares em qualquer direcção, as coisas poderiam agravar-se rapidamente.

— O senhor sabe que ele podia disparar os mísseis nas duas direcções e desencadear, assim, a Terceira Guerra Mundial — observou o secretário da Defesa.

— Sim, senhor secretário. Nesse caso, estaríamos perante um louco — mais do que um, na realidade. Nos nossos submarinos nucleares, a ordem para disparar os mísseis tem de merecer a concordância de cinco oficiais. Os soviéticos adoptam o mesmo sistema. Por motivos de ordem política, os sistemas de segurança das ogivas nucleares soviéticas são ainda mais rigorosos do que os nossos. Cinco ou mais pessoas resolvidas a acabar com o mundo? — Ryan abanou a cabeça. — Parece-me muito improvável, sir, e, mais uma vez, os soviéticos com certeza nos teriam informado e pedido ajuda.

— Está realmente convencido de que eles nos informariam? — perguntou o Dr. Pelt, num tom de voz que não deixava dúvidas quanto à sua opinião.

— Trata-se de uma questão mais psicológica do que técnica, sir, e eu trabalho sobretudo com informações técnicas. Algumas das pessoas que se encontram nesta sala conhecem os seus homólogos soviéticos e estão em melhores condições para responder do que eu. A minha resposta à sua pergunta é, no entanto, sim. Seria a única atitude sensata a tomar e, embora não considere os soviéticos como absolutamente sensatos segundo os nossos padrões, eles são sensatos Pelos deles. Não se entregam a jogos de tão alto risco.

— Quem se entrega? — observou o presidente. — E que outra coisa Poderá ser?

— Várias, sir. Pode tratar-se simplesmente de manobras navais em larga escala, com vista a testar a capacidade soviética para encerrar as nossas linhas marítimas de comunicação e a nossa capacidade Para responder rapidamente. Rejeitámos esta possibilidade por várias razões. O exercício naval que realizaram no Outono, TEMPESTADE ESCARLATE, terminou ainda há pouco tempo e só mobilizaram submarinos nucleares; não há barcos movidos a diesel nesta operação. Vê-se bem que a velocidade, neste momento, é fundamental. E, por outro lado, os soviéticos não costumam realizar grandes manobras nesta época do ano.

— Porquê? — perguntou o presidente.

O almirante Foster respondeu por Ryan:

— Senhor presidente, o tempo, lá em cima, nesta época do ano, é extremamente mau. Nós próprios não programamos exercícios em tais condições.

— Se me não engano, acabámos de fazer um exercício da NATO, almirante — observou Bob.

— É verdade, sir, ao sul da Bermuda, onde o tempo é muito melhor. À excepção de um exercício de luta anti-submarina, ao largo das Ilhas Britânicas, toda a operação GOLFINHO ELEGANTE decorreu do nosso lado do lago.

— Muito bem, voltemos então às hipóteses quanto ao que a esquadra soviética poderá andar a fazer — ordenou o presidente.

— Portanto, sir não pode tratar-se de manobras. Que poderá ser então? A guerra. Podia ser o princípio de uma guerra convencional contra a NATO, o bloqueio das vias de comunicação

marítimas. Nesse caso, teriam conseguido uma absoluta surpresa estratégica e vangloriavam-se agora disso, operando tão abertamente que não podemos deixar de saber nem de reagir. Por outro lado, não há actividade correspondente nos outros ramos das Forças Armadas soviéticas. O Exército e a Força Aérea — tirando os aparelhos de vigilância marítima—e a Esquadra do Pacífico entregam-se a operações de treino rotineiras.

“Por fim, podia tratar-se de uma tentativa para nos provocar ou distrair, concentrando-nos nesta operação, enquanto eles preparavam uma surpresa algures. Nesse caso, comportam-se de uma maneira estranha. Quando se quer provocar alguém, não se escolhe a porta da frente. O Atlântico, senhor presidente, continua a ser o nosso oceano. Como podem ver por este mapa, temos bases na Islândia, nos Açores, em toda a nossa costa. Temos aliados nos dois lados do oceano e podemos manter superioridade aérea sobre todo o Atlântico, se for preciso. A Marinha soviética é, em número de vasos, maior do que a nossa nalguns sectores fundamentais, mas não pode exhibir-se em força tanto quanto nós — pelo menos por enquanto — e ainda menos ao largo da nossa costa.

Ryan tomou um gole de água.

—Portanto, meus senhores, temos um submarino soviético equipado com mísseis no mar, enquanto todos os outros, nos dois oceanos, receberam ordens para regressar às bases. Temos a esquadra soviética no mar com ordens para afundar esse submarino, navegando, sem dúvida, na nossa direcção. Como disse, é esta a única conclusão que os dados permitem logicamente extrair.

— Quantos homens estão a bordo do submarino, doutor? — perguntou o presidente.

—Pensamos que à volta de cento e dez, sir.

— Cento e dez homens que decidem desertar para os Estados Unidos ao mesmo tempo. Uma ideia interessante — observou o presidente, cínico—mas altamente improvável.

Ryan estava preparado para a observação.

— Há um precedente, sir. Em 8 de Novembro de 1975, o Storozhevoy, uma fragata soviética equipada com mísseis da classe Krivac, tentou desertar de Riga, na Letónia, para a ilha sueca de Gotland. O comissário político a bordo, Valery Sablin, amotinou-se com os homens do contingente geral. Fecharam os oficiais nos camarotes e largaram a toda a velocidade da base. Por pouco conseguiam. Unidades aéreas e navais atacaram-nos e obrigaram-nos a parar a cinquenta milhas das águas territoriais suecas. Mais duas horas e teriam conseguido. Sablin e mais vinte e seis homens foram julgados em conselho de guerra e fuzilados. Mais recentemente, temos tido informações de motins em várias unidades soviéticas — especialmente submarinos. Em 1980, um submarino soviético da classe Ecko emergiu no Japão. O comandante alegou ter fogo a bordo, mas fotografias tiradas por aviões de reconhecimento naval — nossos e japoneses — não mostravam fumo nem materiais danificados pelo fogo libertados do submarino. Todavia, a tripulação da cobertura mostrava, sem margem para dúvidas, pelo seu aspecto, que ocorrera a bordo um motim. Desde há anos que recebemos relatórios semelhantes, aludindo a informações do mesmo género. Embora admita que se trata de um exemplo extremo, a nossa conclusão tem precedentes.

O almirante Foster tirou do bolso do casaco um charuto com boquilha plástica. Os seus olhos faiscaram atrás do fósforo.

— Sabem, eu quase acredito nisto.

— E quer dizer-nos porquê, almirante? — pediu o presidente — Eu ainda não acredito.

— Senhor presidente, os motins são quase sempre chefiados por oficiais, não por homens do contingente geral. A razão está, muito simplesmente, em que os homens não sabem como dirigir o barco. Por outro lado, os oficiais não ignoram que a rebelião com êxito é uma

possibilidade. Estes dois factores mais verdadeiros serão ainda na Marinha soviética. Admito perfeitamente que os oficiais a bordo do submarino soviético se tenham revoltado. E que o resto da tripulação os acompanhe? — perguntou — Sabendo o que lhe aconteceria e à família? Foster tirou algumas fumaças do charuto.

— Já alguma vez andou no mar, doutor Pelt? Não? Então imagine que vai num cruzeiro à volta do mundo, no Queen Elizabeth H, por exemplo. Um belo dia, está no meio do oceano Pacífico... mas como sabe exactamente onde está? Não sabe. Sabe aquilo que os oficiais lhe dizem. Claro que se souber um pouco de astronomia talvez seja capaz de calcular a latitude com um erro de algumas centenas de milhas. Munido de um bom relógio e de alguns conhecimentos de trigonometria esférica, poderá mesmo calcular a longitude, também com um erro de algumas centenas de milhas. Isto num barco de superfície, donde pode olhar o céu e as águas.

“Estes sujeitos estão num submarino. De um submarino não se pode ver grande coisa. Se os oficiais — não fatalmente todos os oficiais — se revoltarem, como poderá a tripulação saber do que se passa? — Foster abanou a cabeça. — Não pode. Nem os nossos rapazes saberiam e recebem um treino muito melhor do que o deles. Os marinheiros soviéticos são quase todos do contingente geral, não se esqueça. Num submarino nuclear, o isolamento do mundo exterior é absoluto. Não há rádios, tirando o ELF e o VELF, e é tudo em cifra; todas as mensagens passam pelo oficial de comunicações. Portanto, este tem de fazer parte da conspiração. A mesma coisa com o navegador. Eles utilizam sistemas de navegação por inércia, tal como nós. Conhecemos um deles, o do Golf, que recuperámos ao largo do Havai. Os dados da máquina são também codificados. O contramestre lê os números da máquina e o navegador obtém a posição, consultando o livro. No Exército Vermelho, em terra, os mapas são documentos classificados. A mesma coisa na Marinha. Os homens do contingente geral não podem ver os mapas, nem são encorajados a saber onde estão. Num submarino nuclear, estas práticas devem ser ainda mais rigorosas, não acha?”

“Finalmente, estes rapazes são marinheiros de convés. Trabalham mesmo. No mar, há sempre que fazer, e faz-se. Isto significa catorze a dezoito horas por dia de trabalho. São recrutadas com uma preparação muito elementar. Aprendem a desempenhar-se de uma, duas tarefas... e a cumprir rigorosamente as ordens que recebem. Os soviéticos treinam as pessoas para trabalhar automaticamente, pensando o menos possível. É por isso que nas reparações de envergadura se vêem oficiais manejando ferramentas. Os homens não têm tempo nem predisposição para interrogar os oficiais sobre o que se passa. Faz-se o que se tem a fazer e depende-se de toda a gente para fazer isso. É assim a disciplina do mar. — Foster sacudiu a cinza do charuto num cinzeiro. — É verdade, Sir. Se os oficiais se empenharem seja no que for, não digo todos, mas a maior parte, a coisa resulta. Juntar dez ou doze dissidentes é muito mais fácil do que reunir uma centena.

— Mais fácil, mas pouco fácil, Dan — objectou o general Hilton. — Por amor de Deus! Eles têm pelo menos um comissário político a bordo, mais os espiões dos Serviços Secretos. Está mesmo convencido de que um fanático do Partido alinha num plano desses?

Porque não? Não ouviu Ryan? O motim da fragata foi comandado por um comissário político.

Sim, e desde então não pára de mexer, essa directoria — respondeu Hilton.

— Estão sempre a aparecer desertores do KGB, todos bons membros do Partido — disse Foster, que apreciava visivelmente a perspectiva de deserção de um submarino soviético.

O presidente reflectiu sobre o que ouvira e voltou-se para Ryan:

— Doutor Ryan, conseguiu convencer-me de que o seu cenário é uma possibilidade teórica.

Agora, que pensa a CIA que devemos fazer?

— Senhor presidente, eu sou um analista de informação, não... Sei muito bem o que o senhor é, doutor Ryan. Conheço bem o seu trabalho. Sei que tem uma opinião. Quero ouvi-la.

Ryan nem sequer olhou para o juiz Moore antes de responder.

— Apoderamo-nos dele, sir.

— É assim, sem tirar nem pôr?

— Não, senhor presidente, provavelmente não. No entanto, Ramius pode subir à superfície ao largo dos cabos da Virgínia dentro de um ou dois dias e pedir asilo político. Devemos estar preparados para essa contingência, sir, e a minha opinião é que devemos recebê-lo de braços abertos.

Ryan obteve acenos de cabeça de todos os chefes de Estado-Maior; tinha, finalmente, alguém do seu lado.

— Verifico que está disposto a arriscar tudo — observou o presidente, amável.

— O senhor pediu-me opinião. Provavelmente não será fácil. Os Alfas e os Victors navegam em direcção às nossas costas, quase certamente com intenção de armarem um bloqueio, um bloqueio da nossa costa atlântica.

— Bloqueio — repetiu o presidente. — Uma palavra feia... — Juiz — disse o general ffilton —, com certeza que se lembrou de que isto pode ser uma manobra de desinformação tendo em vista desacreditar a fonte altamente colocada donde provêm estes dados?

O juiz Moore esboçou um sorriso sonolento e disse:

— Lembrei-me com certeza, general. Se se trata de um embuste, é um embuste muito bem congeminado. O doutor Ryan recebeu instruções para preparar esta informação na presunção de que os dados são autênticos. Se não forem, a responsabilidade é minha.

“Deus te abençoe, juiz”, disse Ryan para consigo, perguntando a si Próprio quão fidedigna seria a fonte SALGUEIRO. O juiz continuou:

— Seja como for, meus senhores, teremos de responder a esta actividade soviética seja a nossa análise correcta ou não.

— Certamente que procuram obter confirmação dos dados, não é verdade, juiz? — perguntou o presidente.

— É verdade, sir. Estamos a tratar disso.

— Muito bem. — O presidente endireitou-se na cadeira e Ryan reparou que a sua voz se tornara mais áspera. — O juiz tem razão. Temos de reagir, seja o que for que se esteja a passar. Meus senhores, a Marinha soviética ruma à nossa costa. Que vamos fazer?

O almirante Foster foi o primeiro a responder:

— Senhor presidente, a nossa esquadra saiu já para o mar. Todas as nossas unidades estão no mar ou estarão amanhã à noite. Mandámos regressar os nossos porta-aviões do Atlântico Sul e estamos a recolocar os nossos submarinos nucleares, com vista a enfrentar a ameaça. Começámos esta manhã a saturar o ar sobre a força de superfície soviética, com patrulhas de aparelhos P-3C Orion, assistidos por Nimrods britânicos, operando ao largo da Escócia. General? — Foster virou-se para Hilton.

— Neste momento, temos aviões tipo AWACS-3A no ar, juntamente com Orions de Dan, acompanhados por caças Eagle F-15, ao largo da Islândia. Na sexta-feira, por esta hora, teremos um esquadrão de B-52 operando a partir da Base da Força Aérea de Loring, no Maine, armados com mísseis Harpoon, sobrevoando os soviéticos por turnos. Nada de agressivo, compreendem — disse Hilton, sorrindo. — Só para que saibam que estamos atentos. Se continuarem a navegar na nossa direcção, colocaremos meios aéreos tácticos na costa leste e, se achar bem, poderemos

activar alguns esquadrões da Guarda Nacional e da Reserva sem dar nas vistas.

— Como conseguirá fazer isso sem dar nas vistas? — perguntou Pelt.

— Doutor Pelt, algumas forças da Guarda Nacional devem comparecer, este domingo, na nossa base Bandeira Vermelha, de Nellis, no Nevada, para exercícios que lá fazemos rotativamente. Podem ir para o Maine, em vez do Nevada. As bases são bastante grandes e eles pertencem ao SAC. — Hilton referia-se ao Comando Estratégico Aéreo. — E, em matéria de segurança, são a toda a prova.

— De quantos porta-aviões dispomos? — perguntou o presidente.

— De momento só um, sir, o Kennedy. O Saratoga ficou com uma turbina avariada na última semana e será preciso um mês para a substituir. O Nimitz e o America estão no Atlântico Sul — o America regressando do oceano indico, o Nimitz a caminho do Pacífico. Pouca sorte... Poderemos chamar um porta-aviões do Mediterrâneo Oriental'.

— Não. — O presidente abanou a cabeça. — A crise de Chipre está ainda em evolução. Será mesmo preciso? Se... se acontecer qualquer coisa, poderemos enfrentar a força soviética com aquilo que temos neste momento?

— Com certeza, sir! — disse logo o general Hilton. — O doutor Ryan Pôs o problema tal qual é: o Atlântico é o nosso oceano. Só a Força Aérea disporá de mais de quinhentos aparelhos para esta operação, e outros trezentos ou quatrocentos na Marinha. Se chegarmos mesmo a vias de facto, a esquadra soviética terá vida curta.

— Tentaremos evitar isso, naturalmente — disse o presidente, tranquilo. — As primeiras notícias na imprensa apareceram esta manhã. Recebemos uma chamada de Bud Wilkini", do Times, pouco antes do almoço. Se o povo americano descobre o que se passa... Jeff?

— Senhor presidente, partamos do princípio de que, neste momento, a análise do doutor Ryan é correcta. Não vejo o que possamos fazer — disse Pelt.

— Quê? — explodiu Ryan. — Desculpe, sir...

— Nós não podemos roubar um submarino soviético equipado com mísseis.

— Porque não? — perguntou Foster. — Já possuímos um bom número de tanques e aviões soviéticos.

Os outros chefes de Estado-Maior concordaram.

— Um avião com um ou dois tripulantes é uma coisa, almirante; um submarino nuclear com vinte e seis mísseis e uma tripulação de mais de cem homens, é outra. Claro que podemos dar asilo aos oficiais desertores.

— Portanto, o que você diz é que se a coisa aparecer em Norfolk — interveio Hilton — nós devemos rejeitá-la! Homem! São duzentas ogivas nucleares! Sabe muito bem que, a todo o tempo, eles podem utilizar essas coisas contra nós. Tem mesmo a certeza de que não as quer?

— Um bilião de dólares, general — disse Pelt, acanhado.

Ryan viu o sorriso do presidente. Sabia-se que ele apreciava discussões vivas.

— Juiz, quais são as ramificações legais?

— Quem manda é a lei do Almirantado, senhor presidente. — Moore pareceu pouco à vontade pela primeira vez. — Não tenho prática de almirantado, mas, se bem me lembro do que aprendi na Faculdade de Direito, o Almirantado é jus gentium — os mesmos códigos legais aplicam-se teoricamente a todos os países. Os tribunais do Almirantado americano e britânico citam habitualmente a jurisprudência um do outro. Quanto aos direitos de uma tripulação amotinada... não faço ideia.

— Juiz, não se trata de um motim ou de um acto de pirataria — fez notar Foster. — O termo correcto é barataria, creio. Fala-se num motim quando a tripulação se revolta contra a

autoridade legal. A conduta irregular dos oficiais chama-se barataria. Seja como for, não penso que devamos preocupar-nos com a cobertura legal de uma situação que envolve armas nucleares.

— Teremos provavelmente que o fazer — disse o presidente, pensativo. — Como Jeff salientou, o que está em causa é extremamente valioso. Legalmente, é propriedade deles e não poderemos esconder que a temos. Creio que todos concordam que nem toda a tripulação deve estar envolvida nisto. Nesse caso, aqueles que não estão implicados no motim ou na barataria ou seja lá no que for, quererão regressar ao seu país quando tudo estiver acabado. E teremos de os deixar partir, não é verdade?

— Teremos? — perguntou o general Maxwell, que rabiscava num bloco. — Teremos?

— General — disse o presidente, firme —, não contribuiremos, repito, não contribuiremos para a prisão ou assassinio de homens cujo único desejo é regressar à pátria e à família. Estamos entendidos? — Olhou em redor da mesa. — Se eles souberem que temos o submarino, exigi-lo-ão de volta. E saberão que o temos pelos tripulantes que desejam regressar a casa. E como poderíamos esconder uma coisa tão grande?

— Talvez fôssemos capazes — respondeu Foster em voz neutra — mas, como diz, a tripulação complica tudo. Suponho que teremos oportunidade de falar com ela?

— Está a pensar numa inspeção, numa quarentena, num exame às suas condições de aguentar o mar, talvez à certificação de que não pretendem introduzir droga no país? — O presidente sorriu. — Creio que podemos arranjar isso. Mas já estamos a adiantar-nos de mais. Há muita coisa a fazer antes de chegarmos a esse ponto. Os nossos aliados?

— Os ingleses têm cá agora um porta-aviões. Poderíamos utilizá-lo, Dan? — perguntou o general Hilton.

— Se eles no-lo emprestarem, podemos. Acabámos há pouco o exercício ASW ao sul da Bermuda e os ingleses saíram-se muito bem. Poderíamos utilizar o Invincible, os quatro navios-escolta e os três submarinos de ataque. A força recebeu ordens de regresso a toda a velocidade por causa disto.

— Eles sabem do que se está a passar, juiz? — perguntou o presidente.

— Não, salvo se o descobriram pelos próprios meios. Estas informações têm poucas horas.

Moore não revelou que Sir Basil possuía o seu próprio espião no Kremlin. Ryan também não sabia grande coisa acerca do assunto, ouvira apenas uns rumores desconexos.

— Pedi ao almirante Greer que se preparasse para voar para Inglaterra, a fim de informar o primeiro-ministro, se não vir inconveniente.

— Porque não mandar...

O juiz Moore abanou a cabeça.

— Senhor presidente, esta informação... esta informação só pode ser entregue pessoalmente, digamos.

À volta da mesa, os presentes arquearam os sobrolhos.

— Quando é que ele parte?

— Esta noite, se achar bem. Esta noite partem de Andrews uns voos com VIP. Congressistas.

Era o termo habitual da sessão, marcado pelas festividades — o Natal na Europa, aproveitado para missões de investigação.

— General, não temos nada mais rápido? — perguntou o presidente a Hilton.

— Podemos arranjar um VC-141. Um Lockheed Jeistar, quase tão rápido como um 135. Preciso apenas de meia hora.

— Então trate disso.

— Muito bem, s/r, vou telefonar imediatamente.

Hilton levantou-se, dirigindo-se ao telefone, a um canto da sala.

— Juiz, diga a Greer que faça as malas. Encontrará no avião uma carta para entregar ao primeiro-ministro. Quer o Invincible, almirante?

— Quero, sir.

— Eu trato-lhe disso. Outra coisa: que vamos dizer aos nossos homens no mar?

— Se o Outubro entrar, não teremos de dizer nada de especial; se for preciso comunicar com ele...

— Desculpe-me, juiz — disse Ryan —, essa hipótese é a mais provável. Os vasos soviéticos barrar-lhe-ão o caminho antes que ele cá chegue. Se assim for, teremos de avisar o submarino, quanto mais não seja para salvar os oficiais desertores. Não nos esqueçamos de que andam à procura do Outubro Vermelho para o afundarem.

— Ainda não o detectamos. Porque pensa que eles serão capazes de o fazer? — perguntou Foster, mal-humorado.

— Eles construíram-no, almirante. Conhecem certamente pormenores da sua concepção e terão, por consequência, mais facilidade em localizá-lo do que nós.

— É lógico — disse o presidente. — Nesse caso, é preciso instruir os comandantes das esquadras. Não podemos difundir esta informação, pois não, juiz?

— Senhor presidente, a nossa fonte é demasiado valiosa para que a possamos comprometer seja a que título for. Não posso dizer mais sir.

— Muito bem. Enviaremos alguém de avião. Outro assunto: teremos de conversar com os soviéticos acerca disto. De momento, podem dizer que operam em águas territoriais. Quando é que eles passam a Islândia?

— Amanhã à noite, salvo se mudarem de rota — respondeu Foster. — Vamos dar-lhes, então, um dia para acabarem com isto... e

para nós confirmarmos a informação. Juiz, quero algo de consistente que apoie este conto de fadas dentro de vinte e quatro horas. Se eles não voltarem para trás pela meia-noite de amanhã, convocarei o embaixador Arbatov para o meu gabinete, sexta-feira de manhã.

— Voltou-se para os chefes de Estado-Maior. — Meus senhores, amanhã à tarde quero ter planos de contingência para enfrentar esta situação. Encontrar-nos-emos aqui às duas horas. Mais uma coisa: nada de jogos! Esta informação não sai desta sala sem o meu consentimento. Se a imprensa sabe disto, rolarão cabeças. Sim, general?

— Senhor presidente, com vista a desenvolver os nossos planos

— disse Ritter, que tornou a sentar-se — precisamos de trabalhar com os nossos comandantes operacionais e com alguns dos nossos especialistas em operações. Precisaremos, certamente, do almirante Blackburn.

Blackburn era o CINCLANT, comandante-chefe do Atlântico.

— Pensarei nisso. Falar-lhe-ei dentro de uma hora. Quantas pessoas na CIA estão ao corrente do que se passa?

— Quatro, sir. Ritter, Greer, Ryan e eu próprio, sir. Mais ninguém. —E chega.

O presidente andava, havia meses, furioso com fugas de informação.

— Muito bem, senhor presidente. —'A reunião está suspensa.

O presidente levantou-se. Moore deu a volta à mesa para o impedir de sair logo. O Dr. Pelt também ficou. Os outros abandonaram a sala. Ryan esperou no corredor.

— Foi muito bem — disse o general Maxwell, apertando-lhe a mão. Esperou que todos se afastassem no corredor, antes de prosseguir:

— Estou convencido de que você não regula bem da cabeça, meu filho, mas não há dúvida de que conseguiu espicaçar Dan Foster. Não, melhor do que isso: pôs-lhe mesmo o rabo a arder!

— O general, baixinho, gargalhou. — E se apanharmos o submarino talvez consigamos levar o presidente a mudar de ideias e a arranjar maneira de fazer desaparecer a tripulação. O juiz já fez isso uma vez, bem sabe.

Ryan sentiu-se arrepiado com a ideia, enquanto via Maxwell a afastar-se pelo corredor, bamboleante.

— Jack, quer vir aqui um instante? — perguntou a voz de Moore.

— O senhor é historiador, não é? — indagou o presidente, relendo as suas notas.

Ryan não se lembrava de o ter visto com a caneta na mão.

— Sou, senhor presidente. Sou realmente formado em História. Ryan apertou a mão do presidente, que disse:

— Sabe representar, não há dúvida, Jack. Poderia ter sido um ótimo advogado.

O presidente fizera a sua reputação como procurador temível. Sobrevivera a uma tentativa de assassinio da Máfia no princípio da carreira, o que nem por sombras lhe refreara as ambições políticas.

— Magnífica intervenção a sua.

— Obrigado, senhor presidente — agradeceu Ryan, abrindo-se num sorriso.

— O juiz disse-me que conhece o comandante da força britânica que ainda se encontra cá.

Foi como se um saco de areia lhe tivesse atingido a cabeça.

— Conheço, sir. É o almirante White. Cacei com ele e as nossas mulheres são amigas. O almirante White é íntimo da família real.

— Ótimo. Alguém tem de tomar um avião para ir informar o comandante da nossa esquadra e, depois, os ingleses, se conseguirmos que nos emprestem o porta-aviões, como espero. O juiz acha que o almirante Davenport deve acompanhá-lo. Portanto, irá esta noite ao Kennedy e, depois, ao Invincible.

— Senhor presidente, eu...

— Então, doutor Ryan—disse Pelt, esboçando um sorriso. —O senhor é a única pessoa indicada para esta missão. Tem acesso a informações secretas, conhece o comandante britânico e é especialista em espionagem naval. Como vê... Diga-me... A Marinha está muito interessada em apoderar-se desse Outubro Vermelho, não está?

— Claro que está, sir. É a oportunidade de o ver, melhor ainda, de navegar nele, de o desmontar, de o montar novamente... Será, sem dúvida, o maior golpe de sempre na história da espionagem.

— Isso é verdade. Mas talvez andem um pouco ansiosos de mais...

— Não compreendo o que quer dizer — respondeu Ryan, embora compreendesse perfeitamente (Pelt era o favorito do presidente, mas não era o favorito do Pentágono).

— Terão uma oportunidade que talvez nós não queiramos que eles tenham.

— Doutor Pelt, se está a querer dizer que um oficial iria...

— Não, não é isso que ele está a dizer. Não é exactamente isso, Pelo menos. O que ele diz é que eu posso ter interesse em dispor de alguém que me dê um ponto de vista independente, um ponto de vista civil...

— Sir, o senhor não me conhece.

— Já li muitos relatórios seus.

O presidente sorria. Contava-se que acendia e apagava um encanto ofuscante como quem acende e apaga um holofote. Cegava Ryan, e Ryan sabia-o, mas não podia evitá-lo.

— Gosto do seu trabalho. O senhor tem intuição para apreciar as coisas, os factos. E bom senso. Uma das razões por que cheguei aonde cheguei é o bom senso, e estou convencido de que poderá desempenhar-se daquilo que tenho em mente. Quer ou não quer fazer isso?

— Fazer o quê exactamente, sir?

— Depois de sair daqui, fica por cá uns dias e fala directamente comigo. Sem intermediários; directamente comigo. Obterá a ajuda de que precisar. Eu próprio tratarei disso.

Ryan não respondeu. Tornava-se um espião, um agente secreto por ordem presidencial. Pior, espiaria por conta do presidente.

— Não lhe agrada informar sobre a sua gente, não é verdade? Não terá de o fazer, bem vistas as coisas. Como lhe disse, quero uma opinião de civil, independente. Teríamos preferido encarregar desta missão um agente experimentado, mas queremos reduzir ao máximo o número de pessoas envolvidas no caso. Se escolhêssemos Ritter ou Greer, todos desconfiavam; ora você, que é, de certo modo, um...

— Ninguém? — concluiu Jack.

— Sim, para eles sim — respondeu o juiz Moore. — Os soviéticos têm a sua ficha. Já vi partes dela. Consideram-no um preguiçoso da alta burguesia, Jack.

“Sou um preguiçoso”, pensou Ryan, indiferente ao desafio implícito na acusação. “Nesta companhia, sou-o com certeza.”

— Muito bem, senhor presidente. Desculpe-me, por favor, a hesitação. Nunca fiz trabalho de campo.

— Compreendo. — O presidente era magnânimo na vitória. — Só mais uma coisa: se bem entendo como opera um submarino, Ramius podia ter fugido sem dizer nada a ninguém. Porquê informá-los? Porquê a carta? A meu ver, é contraproducente.

Foi a vez de Ryan sorrir.

— Conhece algum comandante de submarinos, sir? Não? E um astronauta?

— Sim, conheço alguns pilotos do Shuttle.

— São da mesma raça, senhor presidente. Quanto à razão da carta, ela divide-se em duas partes. Primeiro, deve haver qualquer coisa que o fez perder a cabeça — e que viremos a descobrir quando falarmos com ele. Segundo, Ramius pensa que levará a bom termo o seu plano, mesmo que eles tentem detê-lo... e quer que saibam disso. Senhor presidente, os homens que comandam submarinos, os profissionais dos submarinos, são agressivos, confiantes e muito, muito inteligentes.

O que mais apreciam na vida é obrigar os outros, por exemplo o comandante de um vaso de superfície, a fazer figura de parvo.

— Acaba de marcar outro ponto, Jack. Os astronautas que conheci são de uma extrema humildade em tudo, tirando o voo. Nisso, julgam-se deuses! Não me esquecerei do seu esclarecimento. Jeff, vamos voltar ao trabalho. Jack, mantenha-me informado.

Ryan tornou a cumprimentá-lo. Depois de o presidente e o seu principal conselheiro se terem retirado, virou-se para o juiz Moore. — Juiz, que diabo foi que lhes disse a meu respeito?

— Apenas a verdade, Jack.

O juiz queria realmente que a operação fosse dirigida por um agente de elite da CIA. Ryan não fazia parte dos seus planos, mas os presidentes costumam estragar planos cuidadosamente elaborados. O juiz aceitava a situação filosoficamente.

— Bom, para si, significa um grande salto, desde que se saia bem da missão. E até pode gostar...

Ryan tinha a certeza de que não gostaria, e não se enganava.

Quartel-General da CIA

Não falou todo o caminho até Langley. O carro do director parou na garagem da cave. Saíram e entraram num elevador privado que os levou directamente ao gabinete de Moore. A porta do elevador estava disfarçada num painel da parede — muito conveniente, embora melodramático, achou Ryan. O DCI dirigiu-se à secretária e pegou num telefone.

— Bob, vem cá imediatamente. — Olhou Ryan, de pé, no meio da sala. — Ansioso, não, Jack?

— Claro, juiz — respondeu Ryan sem entusiasmo.

— Compreendo o que pensa acerca deste caso de espionagem mas, sabe, isto pode dar origem a uma situação verdadeiramente perigosa. Devia sentir-se muito lisonjeado pela confiança que depositam em si.

Ryan captava a mensagem implícita quando Ritter entrou, apressado.

— Que há, juiz?

— Vamos desencadear uma operação. Ryan vai de avião ao Kennedy, com Charlie Davenport, informar os comandantes da esquadra sobre este caso do Outubro. O presidente concordou.

— Imagino. Greer partiu para Andrews, pouco antes de o senhor chegar. Ryan vai então voar?

— Vai. Jack, a regra é esta: pode informar o comandante da Quadra e Davenport. Mais ninguém. A mesma coisa com os ingleses; só o comandante. Se Bob puder confirmar SALGUEIRO, os dados podem ser fornecidos, mas apenas na medida estritamente necessária. Entendido?

— Com certeza, sít. Suponho que alguém deve ter dito ao presidente que é difícil fazer seja o que for se ninguém sabe o que se passa. Sobretudo as pessoas de quem se espera acção.

— Percebo o que quer dizer, Jack. Temos de levar o presidente a mudar de ideias a esse respeito. E conseguiremos. Entretanto, porém, não se esqueça de que é ele quem manda. Bob, precisamos de lhe vestir qualquer coisa para ele passar.

— Um uniforme de oficial da Marinha? Vamos fazer dele um comandante! Três listas e as fitas da ordem. — Ritter olhou Ryan de alto a baixo. — Tamanho 42, mais ou menos... Dentro de uma hora tê-lo-emos pronto. A operação tem nome?

— Vamos já tratar disso. — Moore pegou outra vez no telefone e marcou cinco algarismos. — Preciso de duas palavras... Sim, está bem. — Tomou uns apontamentos. — Meus senhores, vamos desencadear a operação MANDGLIM. Você, Ryan, é Magj. Não se esquecerá, dada a época do ano. Trataremos de estabelecer uma série de palavras em código, baseadas nestas últimas, enquanto você se arranja. Bob, leva-o lá abaixo. Eu telefono a Davenport por causa do voo.

Ryan seguiu Ritter até ao elevador. Corria tudo depressa de mais, eram todos espectacularmente dinâmicos e eficazes, pensou. A operação MANDGLIM estava em marcha antes que soubessem o que iam fazer e ainda menos como. E a escolha do seu nome de código achava-a Ryan singularmente despropositada. Ele não era o mago de ninguém. Deviam ter escolhido antes “Halloween”.

SÉTIMO DIA

Quinta-feira, 9 de Dezembro

O Atlântico Norte

Quando Samuel Johnson comparava o andar de barco com “estar na cadeia e tendo a perspectiva de morrer afogado”, tinha, pelo menos, a consolação de viajar até ao seu barco numa carruagem segura, pensou Ryan. Dirigia-se agora para o mar e, antes de chegar ao seu barco, corria o risco de ser reduzido a picado, no caso de o avião se despenhar. Jack sentava-se dobrado num banco semelhante a um balde, do lado de bombordo de um Grumman Greyhound, a que os marinheiros chamavam, sem afecto, CGD (transporte de mercadorias para o porta-aviões), um camião voador. Os bancos, virados para a popa, eram muito juntos e Ryan tocava com os joelhos no queixo. A cabina era muito mais própria para carga do que para pessoas. Seguiam três toneladas de motores e componentes electrónicos, protegidos por grades, à popa — à popa, sem dúvida, para que o impacte de uma queda sobre o valioso equipamento fosse amortecido pelos quatro corpos dos passageiros. A cabina não tinha aquecimento nem janelas. Uma fina anteparo de alumínio separava Ryan de um vento de duzentos nós, que zunia a compasso com os dois motores de turbina. Pior do que tudo, voavam através de uma tempestade, a mil e quinhentos metros de altitude, e o COD balouçava em poços de trinta metros como uma montanha-russa descontrolada. A única coisa era a falta de luz, achava Ryan — pelo menos, ninguém pode ver estou pálido. Mesmo atrás dele, sentavam-se dois pilotos, falando alto para se poderem fazer ouvir sobre o ruído dos motores. Os patifes iam divertidos!

O barulho diminuiu um pouco ou assim pareceu; era difícil dizer. Tinham-lhe dado protectores de espuma de borracha para os ouvidos, um colete salva-vidas amarelo, pneumático, e uma lição sobre o que fazer em caso de queda. A lição fora superficial, pois não era preciso esperteza para avaliar as possibilidades de sobrevivência se numa noite daquelas. Ryan detestava voar. Fora segundo da Marinha e a sua carreira no activo terminara logo três meses depois, quando o helicóptero do seu pelotão se despenhou em Creta, durante um exercício da NATO. Ficara com as costas feridas, quase aleijado para toda a vida e, desde então, olhava os aviões como algo a evitar. O COD prosseguia aos solavancos, mas, achava Ryan, descendo; deviam estar perto do Kennedy. A alternativa não justificava reflexões. Tinham saído havia apenas noventa minutos da Estação Naval Aérea de Oceana, em Virgínia Beach. Parecia um mês, e Ryan jurou a si próprio que nunca mais teria medo de andar num avião comercial.

O nariz do aparelho inclinou-se cerca de vinte graus. O avião parecia voar direito a qualquer coisa. Aterravam, a parte mais perigosa das operações de voo num porta-aviões. Lembrou-se de um estudo realizado durante a guerra do Vietname, no qual se haviam aplicado a pilotos de porta-aviões electrocardiógrafos portáteis para registarem o stress; muita gente tinha ficado surpreendida ao verificar que o período causador de maior stress para os pilotos dos porta-aviões não era aquele em que estavam submetidos a fogo... mas aquele em que aterravam, sobretudo de noite.

“Meu Deus, estás cheio de ideias felizes!”, murmurou Ryan Fechou os olhos. Acontecesse o que acontecesse, tudo estaria acabado dentro de segundos.

A pista estava escorregadia da chuva. Balouçava, um buraco preto rodeado de luzes. Aterror

num porta-aviões equivalia a um embate controlado. Eram precisos fortes apoios para o trem de aterragem e absorventes do choque, com vista a reduzir o impacte, ameaça certa para os ossos. O aparelho fez-se à pista e foi detido com um sacão pelo arame de paragem. Tinha pousado. Em segurança. Talvez. Passado um momento, o COD começou a rolar. Ryan ouviu ruídos estranhos, enquanto o avião estacionava, e compreendeu que os ruídos provinham das asas a dobrarem-se. O único perigo em que não pensara era o de voar num aparelho de asas articuladas. Ainda bem que não pensara. O avião parou finalmente e a escotilha traseira foi aberta.

Ryan desapertou o cinto e pôs-se rapidamente de pé, batendo com a cabeça no tecto baixo. Não esperou por Davenport. Com o saco de lona chegado ao peito, saiu a correr pela parte de trás do aparelho. Olhou em redor e a sua atenção foi dirigida para a superestrutura do Kennedy, por um tripulante de camisa amarela. Chovia fortemente, e Ryan sentiu mais do que viu o porta-aviões a deslocar-se naqueles mares com vagas de cinco metros. Correu para uma escotilha aberta e iluminada a uns cinquenta metros de distância. Teve de esperar que Davenport o alcançasse. O almirante não corria. Caminhava com um passo rigoroso de meio metro, digno, como deve deslocar-se um oficial-general da Armada, e Ryan calculou que ele devia estar aborrecido pelo facto de a sua chegada semi-secreta impedir a cerimónia habitual dos apitos de formatura e do abrir de alas. Via um marine no outro lado da escotilha, um cabo resplandecente, calças azuis às riscas, camisa de caqui e gravata, um coldre branco de neve à cinta. O marine fez a continência, dando-lhes as boas-vindas a bordo.

— Cabo, quero ver o almirante Painter.

— O almirante está na sala de oficiais, sir. Precisa de escolta? — Não, rapaz, já comandi este barco. Vamos, Jack.

Ryan baixou-se para pegar nos dois sacos.

— Meu Deus! O senhor viveu mesmo numa coisa destas? — perguntou Ryan.

— As aterragens de noite num porta-aviões, não é? Claro! Fiz centenas delas. Que espanto é esse?

Davenport parecia surpreendido perante o pasmo de Ryan. Jack calculou que ele estivesse a representar.

O interior do Kennedy era muito semelhante ao interior do USS Guam, o porta-helicópteros em que Ryan prestara serviço durante a sua breve carreira militar.

Era o habitual emaranhado de anteparas e tubos de aço, tudo pintado no mesmo tom cinzento-escuro. Os tubos tinham faixas coloridas e abreviaturas que provavelmente significavam algo para os homens que operavam o navio; para Ryan, podia muito bem tratar-se de pinturas rupestres. Davenport seguiu por um corredor, dobrou uma esquina, desceu uma escada de ferro tão íngreme que Ryan quase se desequilibrou, atravessou outro corredor e dobrou outra esquina. Por esta altura, já Ryan estava completamente perdido. Chegaram a uma porta guardada por um marine. O sargento fez uma continência impecável e abriu a porta.

Ryan seguiu Davenport e abriu a boca de espanto. Na sala de oficiais do USS Kennedy podia ver-se, transportada em bloco, uma mansão de Beacon Hill. À direita, um mural suficientemente grande para dominar um espaçoso living. Seis quadros a óleo, um deles um retrato do presidente John Fitzgerald Kennedy, que dava o nome ao navio, decoravam as outras paredes, luxuosamente apaineladas. No chão, uma espessa tapete de lã escarlate. O mobiliário nada tinha de militar; era francês rústico, de carvalho e brocado. Quase se podia imaginar que o ambiente não pertencia a um barco, não fora o tecto com a habitual colecção de tubos, todos pintados de cinzento e formando um contraste verdadeiramente insólito com o resto da sala.

— Viva, Charlie! — O contra-almirante Joshua Painter surgiu, vindo a sala contígua,

limpando as mãos a uma toalha. — Que tal a viagem?

Um bocado turbulenta — concedeu Davenport, cumprimentando-o. — Este é Jack Ryan.

Ryan nunca falara com Painter, mas conhecia a sua reputação. Piloto de Phantom durante a guerra do Vietname, escrevera um livro, Paddystrikes, sobre a conduta nas campanhas aéreas, um livro verdadeiro, não daqueles com que se conquistam amigos. Era um homem baixo, exuberante, que não pesaria mais de sessenta e cinco quilos. Era também um tático notável e um homem de integridade absoluta.

— Um dos teus, Charlie?

— Não, almirante, trabalho para James Greer. Não sou oficial da Marinha. Aceite, por favor, as minhas desculpas. Não gosto de fingir o que não sou. O uniforme foi ideia da CIA.

Painter franziu o sobrolho e respondeu:

— Sim? Bem, suponho que isso significa que me vai contar o que Ivan anda a fazer. Espero que alguém saiba, diabo! É a primeira vez que entra a bordo de um porta-aviões? Que tal o voo?

— Deve ser um excelente processo para interrogar prisioneiros de guerra — disse Ryan, o mais à vontade de que foi capaz.

Os dois oficiais soltaram uma boa gargalhada à custa dele e Painter mandou servir uma refeição.

As portas duplas que davam acesso ao corredor abriram-se minutos mais tarde e dois criados—”especialistas da administração da messe”—entraram, um com uma bandeja de comida, os outros dois com cafeteiras. Os três homens foram servidos no estilo adequado às suas patentes. Ryan achou a comida, servida em pratos com orla de prata, simples, mas apetitosa; não comia há doze horas. Serviu-se de salada de couve e batata e de duas sanduíches de carne.

—Obrigado. Por agora, mais nada — disse Painter. — Vamos, então, ao trabalho.

Os criados perfilaram-se antes de sair. Ryan engoliu metade de uma sanduíche.

—Almirante, esta informação tem apenas vinte horas.

Tirou as pastas do saco e distribuiu-as. Falou vinte minutos, durante os quais conseguiu engolir as duas sanduíches e uma boa parte da salada, e entornar café sobre os apontamentos manuscritos. Os dois oficiais constituíam uma audiência perfeita. Não o interromperam uma só vez, limitando-se a fitá-lo com expressão incrédula.

— Deus nos valha! — disse Painter quando Ryan acabou. Davenport mostrava-se impassível ao contemplar a possibilidade de examinar um submarino nuclear soviético por dentro. Jack concluiu que Davenport seria um parceiro temível ao póquer; nunca se traía. Painter prosseguiu:

— Acredita mesmo nisso tudo?

— Acredito, sir.

Ryan serviu-se de mais café. Teria preferido uma cerveja com as sanduíches. De qualquer modo, não fora mau, e uma boa carne enlata era coisa que não podia encontrar em Londres. Painter recostou-se e olhou Davenport.

— Charlie, tens de dizer a Greer para ensinar umas coisas a este rapaz... por exemplo, que um burocrata não deve meter tanto o nariz numa embrulhada como esta. Não achas que tudo isto é um pouco exagerado?

—Josh, Ryan foi quem informou, em Junho passado, sobre os esquemas de patrulha dos submarinos nucleares soviéticos.

— Sim? Um belo trabalho. Confirmou uma coisa que eu andava a dizer há dois ou três anos. — Painter levantou-se e aproximou-se de um canto da sala, para ver o mar tempestuoso. — Bom! Então que vamos nós fazer?

— Os pormenores exactos da operação não foram ainda decididos. Calculo que vais receber ordens para localizar o Outubro Vermelho e tentar estabelecer contacto com o comandante. Depois? Temos de descobrir uma maneira de o levar até lugar seguro. Sabes, o presidente pensa que não seremos capazes de o reter quando o apanharmos... se o apanharmos.

— Quê?

Painter rodou nos calcanhares e falou um décimo de segundo antes de Davenport. Ryan explicou o objectivo da operação durante vários minutos.

—Valha-me Deus! Dão-me uma tarefa impossível e, depois, dizem-me que se a levarmos a bom termo teremos de lhes devolver o maldito submarino!

— Almirante, a minha opinião — o presidente pediu-ma — foi a de que devíamos conservar o submarino. Os chefes de Estado-Maior estão do nosso lado também, juntamente com a CIA, se isso, de algum modo, o conforta. No entanto, se os tripulantes quiserem voltar Para casa, teremos de os entregar e, nessa altura, os soviéticos saberão que temos o barco. Compreendo a posição do presidente. O submarino vale uma fortuna e é deles. Por outro lado, como poderemos esconder Um submarino de trinta mil toneladas?

— Um submarino esconde-se afundando-se — disse Painter, irritado. — É o que eles tencionam fazer, como disse. É deles! Parece que estamos a falar de um navio de passageiros! Um submarino destina-se a matar pessoas — neste caso, as nossas!

— Almirante, estou do seu lado — disse Ryan, tranquilo. — Disse-lhe que lhe atribuíamos uma tarefa impossível, sir. Porquê?

—Ryan, detectar um submarino que não quer ser detectado não é a coisa mais fácil do mundo. Nós praticamos com os nossos. -Falhamos quase sempre e você acaba de dizer que este passou todas as linhas do SOSUS a nordeste. O Atlântico é um oceano bastante vasto e o ruído de um submarino nuclear é muito discreto.

— Compreendo, sir.

Ryan disse consigo que talvez estivesse a ser excessivamente optimista quanto às possibilidades de êxito.

— Em que forma estás tu, Josh?—> perguntou Davenport.

— Muito boa. O exercício que acabamos de fazer, o GOLFINHO ELEGANTE, resultou plenamente. Pela nossa parte — acrescentou Painter, corrigindo-se. — O Dallascomplicou bem as coisas, por outro lado. As minhas tripulações ASW estão a funcionar perfeitamente. Que tipo de ajuda esperam de nós?

— Quando deixei o Pentágono, o CNO estava a ver de quantos P-3 dispunha no Pacífico, portanto, provavelmente, vais ver mais alguns por aqui. Tudo o que mexe está a sair para o mar. Como o único porta-aviões de que podemos dispor é o teu, terás o comando táctico de toda a operação, certo? Vá lá, Josh, és o nosso melhor homem de ASW.

Painter serviu-se de café.

— É, só temos um porta-aviões. O America e o Nimitz não chegarão antes de uma semana. Ryan, você disse que vai daqui para o Invincible. Temo-lo connosco também, não é verdade

— O presidente está a fazer os possíveis. Interessa-lhe?

— Claro, o almirante White tem um bom nariz para ASW e os seus homens tiveram realmente sorte no GOLFINHO. Afundaram dois dos nossos submarinos, e Vince Gallery está danado com isso. A sorte é fundamental neste jogo. Teríamos assim dois porta-aviões em vez de um. Se pudéssemos arranjar mais alguns S-3...

Painter referia-se aos Lockheed Vikings aparelhos de luta anti-submarina que operavam a partir de porta-aviões.

— Porquê? — perguntou Davenport.

— Posso transferir os meus F-18 para terra, ficando, assim, com espaço para mais vinte Vikings. Não gosto de perder o poder de ataque, mas vamos precisar de mais potência ASW. Por outras palavras, mais 5-3. Jack, sabe que se estiver enganado a força de superfície russa vai-nos dar muito que fazer. Sabe quantos mísseis terra-terra têm eles?

— Não, sir.

Ryan estava convencido de que eram muitos, muitos.

— Somos um porta-aviões, o que nos torna um alvo principal. Se começam a disparar, dar-nos-ão todas as honras. Seremos um alvo terrivelmente solitário... numa situação terrivelmente excitante—O telefone tocou. — Painter... Sim. Obrigado. O Invincible acaba de dar a volta. Emprestam-nos o porta-aviões com duas latas de conserva. O resto dos navios-escolta e os três submarinos seguem para casa. — Franziu o sobrolho. — Não os podemos censurar. Quer isto dizer

que temos nós de dar os navios-escolta. Mesmo assim, é bom. O Invincible faz-me falta.

— Podemos mandar lá Jack, de helicóptero?

Ryan perguntou a si próprio se Davenport sabia o que o presidente lhe ordenara que fizesse. O almirante parecia interessado em vê-lo fora do Kennedy. Painter abanou a cabeça.

— Longe de mais para um helicóptero. Talvez eles possam mandar um Harrier buscá-lo.

—O Harrier é um caça, sir—'Observou Ryan.

—Eles têm uma versão experimental de dois lugares para as patrulhas ASW. Comporta-se razoavelmente, em princípio, fora do perímetro dos helicópteros. Foi assim que apanharam um dos nossos submarinos, à traição.

Painter acabou de beber o café e disse:

— Muito bem, meus senhores, vamos ao controle ASW ver se descobrimos maneira de executar este número. O CINCLANT vai querer saber a minha ideia. Acho melhor decidir sozinho. Falaremos também para o Invincible e pedir-lhe-emos que mandem um pássaro buscá-lo, Ryan.

Ryan saiu da sala com os dois almirantes. Passou duas horas a ver Painter deslocar barcos no oceano como um mestre de xadrez com as suas peças.

O USS "Dallas"

Bart Mancuso estivera no centro de ataque mais de vinte horas. Poucas horas de sono separavam esta tirada da anterior. Comera sanduíches, e bebera café e duas tigelas de sopa, trazidas pelos cozinheiros, para variar. Observou a última tigela de liofilizado, sem pena.

— Comandante?

Virou-se. Era Roger Thompson, o seu oficial de sonar.

— Que foi?

Mancuso afastou-se do quadro táctico que ocupava a sua atenção havia vários dias. Thompson encontrava-se ao fundo da sala, acompanhado de Jones, com um bloco e o que parecia ser uma fita de máquina.

— Sir, Jonesy tem uma coisa que eu gostava que o senhor visse. Mancuso não queria ser incomodado — o prolongamento das horas de serviço fazia-lhe sempre perder a paciência — mas Jones mostrava-se tão ansioso e excitado, que disse:

— Está bem, cheguem-se aqui à mesa dos mapas.

A mesa dos mapas do Dallasera uma novidade ligada ao BC-10 e Projectada num écran de vidro tipo TV, de 1,20 metros quadrados.

A imagem acompanhava a deslocação do Dallas. O dispositivo tornava os mapas de papel obsoletos, os quais, todavia, continuavam a ser actualizados. Os mapas não se avariavam.

— Obrigado, comandante — disse Jones, mais humilde do que o costume. — Sei que está muito ocupado, mas penso que tenho aqui uma coisa interessante. Aquele contacto esquisito que fizemos outro dia continua a intrigar-me. Tive de o abandonar por causa da barulheira que os outros submarinos russos faziam, mas consegui retomá-lo três vezes para me certificar de que ainda lá estava. Da quarta vez, perdi-o; desapareceu. Quero mostrar-lhe o que deduzi. Pode chamar a nossa rota ao écran, a partir da altura em que fizemos o primeiro contacto, sir?

A mesa dos mapas estava ligada, através do BC-10, ao sistema de navegação por inércia do barco, Sim. Mancuso carregou numa tecla. Os computadores tomavam conta de tudo, já não se sabia fazer nada sem eles... A rota do Dallasapareceu no écran, uma linha vermelha convoluta, com marcas a intervalos de quinze minutos.

— Fantástico! — observou Jones. — Nunca tinha visto. Muito bem! — Jones tirou uma mão-cheia de lápis do bolso das calças.

— Ora, o primeiro contacto foi às 0915, mais ou menos, e as coordenadas eram aproximadamente dois-seis-nove. — Pousou um lápis, a borracha na posição do Dallas, a ponta na direcção oeste do alvo. — Depois, às 0930, as coordenadas eram dois-seis-zero. Às 0948, eram dois-cinco-zero. Há aqui um erro qualquer, comandante. O sinal era forte, mas os erros não serão mais que os acertos. Nesta altura, registou-se toda a outra actividade e eu tive de tomar conta dela, mas, por volta das 1000, tornei a apanhá-lo nas coordenadas dois-quatro-dois. — Jones pousou outro lápis, virado para leste, na rota que o Dallastomara ao abandonar a costa islandesa. — Às 1015, as coordenadas eram dois-três-quatro, e às 1030 dois-dois-sete. As duas últimas são pouco seguras, sir porque o sinal já era muito fraco e não consegui prendê-lo lá muito bem.

Jones olhou o comandante. Parecia nervoso.

— Até aqui tudo bem. Acalme-se, Jonesy. Fume um cigarro, se quiser.

— Obrigado, comandante.

Jones acendeu um cigarro com um isqueiro a gás. Nunca antes se aproximara do comandante com tanto à-vontade. Sabia que Mancuso era um chefe tolerante, simples — quando se tinha algo para lhe dizer. Não gostava de perder tempo e, naquele momento, era óbvio que não estava mesmo disposto a perdê-lo.

— Na altura, sir, pensámos que o submarino não podia estar muito longe de nós, não foi, sir? Tinha de estar entre nós e a Islândia?

Digamos que estava a meio caminho. Levaria, portanto, uma rota mais ou menos assim.

Jones pousou mais alguns lápis.

— Calma aí, Jones. A rota vem de onde?

— Ah, sim... — Jones abriu a pasta. — Ontem de manhã, ou à noite, sei lá, depois de sair de serviço, a coisa continuava a intrigar-me e servi-me da rota que tomámos a partir da Islândia como ponto de referência para lhe estabelecer uma rota. Sei como se faz, comandante. Vi o manual. É fácil. É como fazíamos no Cal Tech para registar o movimento das estrelas. Tirei um curso de astronomia no meu ano de caloiro.

Mancuso reteve um resmungo. Era a primeira vez que ouvia classificar de fácil aquele cálculo, mas, ao observar os números e as diagramas de Jones, ficou convencido de que estavam certos.

— Continue.

Jones tirou do bolso um computador científico Hewlitt Packard e o que parecia um mapa geográfico nacional, abundantemente coberto de marcas e notas feitas a lápis.

— Quer verificar os meus números, sir?

— Mais tarde. Para já, confio em si. Que mapa é esse?

— 'Comandante, sei que é contra os regulamentos e tudo, mas guardo isto como registo pessoal das notas que os safados usam. Nunca sai do barco, sir, palavra. Pode haver um ligeiro erro, sir, mas isto dá uma rota de dois-dois-zero e uma velocidade de dez nós, aproximadamente. O que o leva direitinho à entrada da Rota Um. Certo?

— Continue.

Mancuso já concluíra o mesmo; Jones devia ter descoberto mais qualquer coisa.

— Não consegui dormir. Voltei ao sonar e passei a gravação do contacto. Tive de a passar no computador várias vezes para a limpar—ruídos marítimos, outros submarinos — e, depois, regravei-a a uma velocidade dez vezes superior à normal. — Pousou o gravador de cassetes sobre a mesa dos mapas. — Ouça isto, comandante.

A gravação era roufenha, mas, de tantos em tantos segundos, puvia-se um trrum. Dois minutos de escuta permitiram apurar um intervalo regular de cerca de cinco segundos. O tenente Mannion olhava por cima do ombro de Thompson, ouvindo e acenando especulativamente.

— Comandante, este ruído só pode ser de origem humana. É demaseado regular para poder ser outra coisa. À velocidade normal, não percebia bem, mas em gravação acelerada apanhei o ladrão.

— Está bem, Jones, acabe lá!—disse Mancuso.

— Comandante, o que acaba de ouvir é a assinatura acústica de um submarino russo. Dirigia-se para a Rota Um, seguindo a pista ao largo da costa islandesa, perto de terra. Pode apostar, comandante.

— Roger?

— Ele convenceu-me, comandante — respondeu Thompson. Mancuso estudou de novo a rota, tentando descortinar uma alternativa. Não havia.

— A mim também. Roger, Jones é técnico de sonar de primeira classe a partir de hoje. Quero a promoção para o próximo quarto, com um louvor para eu assinar. Bon — bateu no ombro do técnico de sonar — muito bem! MUITÍSSIMO BEM!

— Obrigado, comandante. Jones sorria de orelha a orelha.

— Pat, chame, por favor, o tenente Butler, aqui ao centro de ataque.

Mannion pegou no telefone para chamar o engenheiro-chefe.

— Faz ideia do que é, Jonesy? — perguntou Mancuso. O técnico de sonar abanou a cabeça.

— Não é som de hélice. Nunca ouvi nada parecido. Enrolou a fita e passou-a outra vez.

Passados dois minutos, o tenente Earl Butler entrou no centro de ataque.

— 'Chamou, comandante?

— Ouça isto, Earl.

Mancuso passou a fita pela terceira vez. Butler era formado pela Universidade do Texas e por todas as escolas da Marinha dedicadas ao ensino de sistemas de propulsão para submarinos.

— Que é isto?

— Jones diz que é um submarino russo. Penso que tem razão — 'Como foi que obteve a gravação? — perguntou Butler a Jones.

— Aumentei dez vezes a velocidade, sir, e limpei-a cinco vezes no BC-10. À velocidade normal não se ouve nada.

Com uma modéstia que não o caracterizava, Jones absteve-se de revelar que ele ouvira

“qualquer coisa”.

—Um som harmónico, não é? Se fosse uma hélice, ouviríamos uma pá de cada vez e um som contínuo. O intervalo regular sugere um som harmónico. Butler franziu o sobrolho. — Mas que som?

— Fosse o que fosse, ia para aqui — disse Mancuso, batendo com o lápis nos Gémeos Thor.

— É um russo, não há dúvida — concordou Butler. — Descobrirão1 outra engenhoca qualquer. Mais uma vez.

— Mr. Butler tem razão — disse Jones. — É um ruído harmónico Outra coisa engraçada era o ruído de fundo. Parecia água a passar por um cano. Não sei, não está aqui. O computador deve tê-lo apagado. De qualquer modo, era muito traço para se trabalhar e não é a minha especialidade.

— Muito bem. Já ganhou o dia. Como se sente? — perguntou Mancuso.

—Um pouco cansado, comandante. Há já umas horas que não largo isto.

— Se ele se aproximar outra vez, acha que é capaz de o apanhar? — perguntou Mancuso, sabendo embora a resposta.

— Pode apostar, comandante! Agora que já sabemos do que andamos à procura, aposto em como apanho o ladrão!

Mancuso olhou a mesa dos mapas.

— Está bem... Se ele ia para os Gémeos a vinte e oito ou trinta nós e, depois, rumou à base a uma velocidade de mais ou menos dez nós... deve andar por aqui. Longe... Se navegarmos à velocidade máxima, estaremos aqui dentro de quarenta e oito horas, na frente dele. Pat?

— Acho que sim — concordou o tenente Mannion. — Parte do princípio de que ele percorreu a rota à velocidade máxima e, depois, abrandou... Faz sentido. Não precisaria de navegar em silêncio neste maldito labirinto. Teve quatrocentas ou quinhentas milhas para correr à vontade. Porque não teria corrido? Era o que eu faria.

— Então é o que vamos fazer. Pediremos autorização via rádio para abandonar Toll Booth e perseguir esse tipo. Jonesy, a navegação à velocidade máxima significa que vocês, os homens do sonar, vão poder descansar. Prepare o simulador para gravação de contacto e meta nos ouvidos dos operadores o som deste tipo. Depois, repouse. Você e os outros. Quero-o em plena forma quando tentarmos apanhar novamente o sujeito. Tome um duche. Um duche à Hollywood — você merece—e deite-se. Quando dermos com este tipo, vai ser uma caçada difícil.

— Não se aflija, comandante. Apanhá-lo-emos, pode apostar. Quer ficar com a minha gravação?

— Quero. — Mancuso retirou a fita do gravador e fitou, surpreendido, Jones. — Você sacrificou um Bach por causa disto?

— Não era grande coisa, sir. Tenho uma interpretação desta peça, Por Christopher Hogwood, muito melhor.

Mancuso guardou a cassete no bolso.

— Pode ir, Jonesy. Belo trabalho. — Foi um prazer, comandante.

Jones saiu do centro de ataque a fazer contas ao que ia ganhar com a promoção.

Roger, veja que os seus homens descansem bem nos próximos dias. Quando dermos com o tipo, vai ser duro. Muito bem, comandante.

— Pat, subimos à altura do periscópio. Vamos chamar já Norfolk. Earl, quero que você ponha a cabeça a funcionar e me descubra que ruído é este.

— Está bem, comandante.

Enquanto Mancuso redigia a mensagem, o tenente Mannion colocou o Dallas à profundidade da antena do periscópio, com um ângulo ascendente nos hidroplanos de mergulho. Em cinco minutos, o submarino subiu de cento e cinquenta metros ao nível imediatamente anterior à superfície agitada do mar e, embora fosse bastante estável, comparado com barcos de superfície, a tripulação notou o balanço. Mannion levantou o periscópio e a antena ESM (medidas electrónicas de apoio) usada com o receptor de banda larga, destinado a detectar eventuais emissões de radar. Nada existia à vista — via a uma distância de cinco milhas — e os instrumentos ESM nada acusavam, excepto sinais de aviões, longe de mais para interessarem. A seguir, Mannion subiu dois mastros. Um era uma antena receptora flexível de UHF (frequência ultra-alta); o outro era um novo transmissor laser rotativo que procurava o sinal do Atlantic SSIX, o satélite de comunicações para uso exclusivo de submarinos. Com o laser, podiam fazer transmissões de alta densidade sem revelarem a posição do submarino.

—Tudo pronto, sir — disse o radiotelegrafista de serviço.

— Transmita.

O radiotelegrafista carregou num botão. A mensagem, enviada numa fracção de segundo, foi recebida por células fotovoltaicas, passada a um transmissor UHF e conduzida por uma antena parabólica de disco ao Centro de Comunicações da Esquadra do Atlântico. Em Norfolk, outro radiotelegrafista registou a mensagem e carregou num botão que transmitiu a mesma mensagem ao satélite e, de novo, ao Dallas. Era um processo simples de identificar falsificações.

O operador do Dallas comparou a mensagem recebida com a que enviara.

— Confere, sir.

Mancuso ordenou a Mannion que baixasse tudo menos as antenas ESM e UHF.

Centro de Comunicações da Esquadra do Atlântico

Em Norfolk, a primeira linha da mensagem revelou a página Q a linha da sequência do bloco cifrado, gravado em memória de computador na secção de segurança máxima do centro de comunicações. Um oficial introduziu os números adequados no seu terminal e, um instante passado, a máquina produziu um texto decodificado. O oficial certificou-se, mais uma vez, de que a mensagem era autêntica e dirigiu-se com o texto ao outro extremo da sala, onde uma ordenança se sentava a um telex. O oficial entregou-lhe a mensagem.

A ordenança chamou o posto desejado e transmitiu a mensagem por via terrestre directa ao Centro de Operações do COMSUBLANT, a um quilómetro de distância. A linha era de fibra óptica, protegida por uma conduta de aço enterrada numa rua. Verificavam-na três vezes por semana, por questões de segurança. Nem mesmo os segredos da tecnologia das armas nucleares eram tão bem guardados como as comunicações tácticas diárias.

Centro de Operações do COMSUBLANT

A campanha calou-se na sala de operações, quando a mensagem saiu do printer de urgência. Tinha o prefixo Z, que indicava prioridade FLASH.

Z0904114ZDEZ

ULTRA-SECRETO THEO

DE: USS DALLAS
PARA: COMSUBLANT
INFO: ESQCINCLANT
//NOOOOO//

OPSSUB ESQUADRA VERMELHA

1. CONTACTO SONAR ANÓMALO CERCA DAS 0900Z 7DEZ PERDIDO APÓS AUMENTO DA ACTIVIDADE SUBMARINA DA ESQUADRA VERMELHA. CONTACTO SUBSEQUENTE IDENTIFICADO COMO SSN/SSBN DA ESQUADRA VERMELHA TRANSITANDO NA PISTA DA ISLÂNDIA EM DIRECÇÃO à ROTA UM. ROTA SUDOESTE VELOCIDADE DEZ PROFUNDIDADE DESCONHECIDA.

2. O CONTACTO EVIDENCIOU INVULGARES REPITO INVULGARES CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS. ASSINATURA DIFERENTE DE QUALQUER OUTRA CONHECIDA DOS SUBMARINOS DA ESQUADRA VERMELHA.

3. PEÇO AUTORIZAÇÃO PARA DEIXAR TOLL BOOTH E PERSEGUIR E INVESTIGAR. PENSO QUE UM NOVO SISTEMA DE PROPULSÃO COM INVULGARES CARACTERÍSTICAS SONORAS É USADO POR ESTE SUBMARINO. PENSO QUE HÁ BOAS PROBABILIDADES DE O LOCALIZAR E IDENTIFICAR.

Um segundo-tenente levou a mensagem ao gabinete do vice-almirante Vincent Gallery. O COMSUBLANT estava de serviço desde que os submarinos soviéticos haviam começado a movimentar-se, e bastante mal-disposto.

— Uma prioridade FLASH do Dallas, sir.

Hum. — Gallery pegou no papel amarelo e leu-o duas vezes. — acha que isto quer dizer?

— Não sei, sir. Parece que ele ouviu qualquer coisa, especulou calmamente sobre o que seria e quer fazer outra tentativa. Aparentemente, está convencido de que apanhou algo de invulgar.

— Muito bem. Que lhe respondo? Vá lá, senhor. Um dia você pode chegar a almirante e ter de tomar decisões. Perspectiva improvável, pensava Gallery.

— Sir, o Dallas está em posição ideal para cobrir a força de superfície russa quando ela chegar à Islândia. Precisamos dele onde está.

— Bela resposta de manual. — Gallery sorriu para o jovem, preparando-se para o desiludir. — Por outro lado, o Dallas é comandado por um homem bastante competente, que não nos incomodaria se não pensasse que descobrira algo importante. Não entra em pormenores, provavelmente porque isso seria complicado de mais para uma mensagem táctica FLASH e também porque pensa que nós sabemos que ele é suficientemente seguro para acreditarmos na sua palavra. “Novo sistema de propulsão com invulgares características sonoras”. Pode não ter interesse nenhum, mas ele é que está lá e quer uma resposta. Vamos dizer-lhe que sim.

— Muito bem, sir — respondeu o tenente, perguntando a si próprio se o velho magrizona não tomaria decisões atirando a moeda ao ar quando estava de costas.

O “Dallas”

Z090432Z DEZ

ULTRA-SECRETO

DE: COMSUBLANT

PARA: USS DALLAS

A. USS DALLAS Z090414ZDEZ

B: COMSUBLANT INST 2000.5

ÁREAOP //N04220//

1. AUTORIZAÇÃO REF A CONCEDIDA.

2. ÁREAS BRAVO ECO GOLFE REF B PARA OPS SEM RESTRIÇÕES 0905000Z A 140001 Z. COMUNIQUE SE NECESSÁRIO. *VicEnt* GALLERY.

— Assim é que é! — observou Mancuso, rindo.

Era uma das coisas boas que Gallery tinha. Quando se lhe fazia uma pergunta, obtinha-se uma resposta, lá isso, sim ou não, antes que se tivesse tempo para recolher a antena. Claro que se Jones estivesse enganado e a perseguição em vista se demonstrasse sem objecto, teria de lhe dar explicações. Não seria o primeiro comandante de submarino que Gallery punha a tomar banhos de sol na praia.

Era esse, aliás, o seu destino, acontecesse o que acontecesse, Mancuso sabia-o. Desde o seu primeiro ano em Annapolis, não sonhara outra coisa, salvo comandar um submarino. Tinha-o agora e não ignorava que o resto da sua carreira se processaria na descendente. Tal como outras especialidades da Marinha, o primeiro comando era exactamente isso, um primeiro comando. Podia subir-se a escada e acabar no comando de uma esquadra, com sorte e categoria. Nos submarinos, não. Comandasse bem ou mal, o Dallas perdê-lo-ia em breve. Não teria outra oportunidade. E depois? O melhor que podia esperar era o comando de um barco equipado com mísseis. Servira num antes e tinha a certeza de que comandar um, mesmo um novo Ohio, era tão excitante como olhar para uma porta trancada. A missão de um submarino era permanecer escondido. Mancuso queria ser o caçador, disso provinha a excitação do comando. E depois de comandar um barco equipado com mísseis? Talvez um “comando importante de superfície”, um belo petroleiro — e morreria de pasmo. Ou dar-lhe-iam o comando de um esquadrão e sentá-lo-iam num gabinete flutuante — oh, que estimulante missão! Na melhor das hipóteses, iria para o mar uma vez por mês, com o principal objectivo de irritar comandantes de submarino que não o quereriam lá. Ou poderia arranjar uma secretária no Pentágono—que engraçado! Mancuso compreendia por que motivo alguns astronautas se haviam ido abaixo depois de regressarem da Lua. Também ele lutara muitos anos pelo seu comando e dentro de um ano perderia o seu submarino; teria de entregar o Dallas a outro. Mas, por enquanto, o Dallasera seu.

— Pat, vamos baixar todos os mastros e descer a trezentos e sessenta metros.

— Muito bem, sir. Baixar os mastros — ordenou Mannion. Um subalterno accionou as alavancas de controle hidráulico.

— Mastros ESM e UHF baixados, sir — respondeu o electricista de serviço.

— Muito bem. Oficial de mergulho, trezentos e sessenta metros de profundidade.

— Trezentos e sessenta metros — repetiu o oficial de mergulho. — Ângulo descendente de quinze graus nos hidroplanos.

— Quinze graus descendentes.

— Vamos embora, Pat.

— Muito bem, comandante. Em frente a toda a velocidade.

O timoneiro ligou o anunciador. Mancuso observou a sua tripulação em actividade. Trabalhavam com precisão mecânica, mas não eram máquinas. Eram homens. Os seus.

Na zona do reactor, à popa, o tenente Butler confirmou a recepção da ordem pelos seus homens e deu as instruções necessárias. As bombas de arrefecimento do reactor começaram a trabalhar mais rapidamente. Uma maior quantidade de água quente sob pressão entrou no transformador onde o calor passava a vapor na serpentina exterior.

Quando o refrigerante tornava ao reactor, estava mais frio e, portanto, mais denso. Mais denso, retinha mais neutrões na pilha do reactor! aumentando a violência da fissão e libertando mais energia. No extremo da popa, o vapor saturado na serpentina “exterior”, ou não radiactiva, do sistema de transformação de calor em energia através de cachos de válvulas de controle para accionar as pás da turbina de alta pressão. A enorme hélice de bronze do Dallas começou a rodar mais depressa, conduzindo o submarino em frente e para baixo.

Os maquinistas executavam as suas tarefas sem pressa. O barulho na zona das máquinas cresceu apreciavelmente, à medida que os sistemas forneciam mais energia. Os técnicos vigiavam continuamente os painéis de instrumentos sob as suas mãos. A rotina era discreta e exacta. Não havia conversas alheias ao trabalho, nenhuma distracção. Comparado com a zona do reactor de um submarino, a sala de operações de um hospital era um covil de libertinos.

À proa, Mannion viu o indicador de profundidade marcar cento e oitenta metros. O oficial de mergulho esperaria que atingissem os duzentos e setenta antes de começar a estabilização, para que o submarino alcançasse exactamente a profundidade ordenada. O comandante Mancuso queria o Dallas abaixo da termoclina, a fronteira entre diferentes temperaturas. A água concentra-se em camadas isotérmicas de estratificação uniforme. A zona relativamente tranquila onde a água superficial mais quente encontrava a água profunda mais fria era uma barreira semipermeável que tendia a reflectir as ondas sonoras. As ondas que conseguiam penetrar a termoclina eram, na maioria, retidas abaixo dela. Assim, embora o Dallas navegasse abaixo da termoclina a mais de trinta nós e fazendo o máximo de barulho, seria difícil de detectar com o sonar de superfície. Navegava também, podia dizer-se, às cegas, mas, dada a profundidade, não corria grande risco de embate.

Mancuso pegou no microfone do sistema Para comunicação interna).

— Fala o comandante. Acabamos de iniciar um percurso rápido que durará quarenta e oito horas. Dirigimo-nos a um ponto onde esperamos localizar um submarino russo que passou por nós há dois dias. Esse submarino utiliza, sem dúvida nenhuma, um novo sistema de propulsão muito silencioso que ninguém conhece ainda. Vamos tentar ultrapassá-lo e segui-lo quando tornar a passar por nós. Agora sabemos o que procuramos e certamente ficaremos a saber do que se trata. Quero que toda a gente descance bem. Quando lá chegarmos, a caçada vai ser demorada e difícil. Quero toda a gente em plena forma. Vai ser uma caçada interessante.

Desligou o microfone e perguntou:

— Qual é o filme esta noite?

O oficial de mergulho viu o indicador de profundidade parar antes de responder. Era também o responsável pelo sistema de TV por bo do Dallas, três video-gravadores na mesa, ligados a televisores na sala de oficiais e em várias outras acomodações da tripulação. — Pode escolher, comandante. O Regresso de Jedi ou dois jogos de rugby: Oklahoma-Nebraska e Miami-Dallas. Foram disputados enquanto andávamos em manobras, sir. É como se fossem ao vivo.

— Com anúncios e tudo. Os cozinheiros já estão a fazer pipocas.

— óptimo. Quero toda a gente descontraída e satisfeita. Porque seria que nunca tinham gravações da Marinha? Claro, o Exército açambarcava as melhores naquele ano...

— Bom dia, comandante — cumprimentou o imediato, Wally Chambers, entrando no centro de ataque. — Então?

— Vamos à sala de oficiais, Wally. Quero que ouça uma coisa. Mancuso tirou a cassette do bolso da camisa e dirigiu-se, com Chambers, à popa.

O “V. K. K. Konovalov”

B: COMSUBLANT INST 2000.5

ÁREAOP //N04220//

1. AUTORIZAÇÃO REF A CONCEDIDA.

2. ÁREAS BRAVO ECO GOLFE REF B PARA OPS SEM RESTRIÇÕES 0905000Z A 140001 Z. COMUNIQUE SE NECESSÁRIO. VicEnt GALLERY.

— Assim é que é! — observou Mancuso, rindo.

Era uma das coisas boas que Gallery tinha. Quando se lhe fazia uma pergunta, obtinha-se uma resposta, lá isso, sim ou não, antes que se tivesse tempo para recolher a antena. Claro que se Jones estivesse enganado e a perseguição em vista se demonstrasse sem objecto, teria de lhe dar explicações. Não seria o primeiro comandante de submarino que Gallery punha a tomar banhos de sol na praia.

Era esse, aliás, o seu destino, acontecesse o que acontecesse, Mancuso sabia-o. Desde o seu primeiro ano em Annapolis, não sonhara outra coisa, salvo comandar um submarino. Tinha-o agora e não ignorava que o resto da sua carreira se processaria na descendente. Tal como outras especialidades da Marinha, o primeiro comando era exactamente isso, um primeiro comando. Podia subir-se a escada e acabar no comando de uma esquadra, com sorte e categoria. Nos submarinos, não. Comandasse bem ou mal, o Dallas perdê-lo-ia em breve. Não teria outra oportunidade. E depois? O melhor que podia esperar era o comando de um barco equipado com mísseis. Servira num antes e tinha a certeza de que comandar um, mesmo um novo Ohio, era tão excitante como olhar para uma porta trancada. A missão de um submarino era permanecer escondido. Mancuso queria ser o caçador, disso provinha a excitação do comando. E depois de comandar um barco equipado com mísseis? Talvez um “comando importante de superfície”, um belo petroleiro — e morreria de pasmo. Ou dar-lhe-iam o comando de um esquadrão e sentá-lo-iam num gabinete flutuante — oh, que estimulante missão! Na melhor das hipóteses, iria para o mar uma vez por mês, com o principal objectivo de irritar comandantes de submarino que não o queriam lá. Ou poderia arranjar uma secretária no Pentágono—que engraçado! Mancuso compreendia por que motivo alguns astronautas se haviam ido abaixo depois de regressarem da Lua. Também ele lutara muitos anos pelo seu comando e dentro de um ano perderia o seu submarino; teria de entregar o Dallas a outro. Mas, por enquanto, o Dallasera seu.

— Pat, vamos baixar todos os mastros e descer a trezentos e sessenta metros.

— Muito bem, sir. Baixar os mastros — ordenou Mannion. Um subalterno accionou as alavancas de controle hidráulico.

— Mastros ESM e UHF baixados, sir — respondeu o electricista de serviço.

— Muito bem. Oficial de mergulho, trezentos e sessenta metros de profundidade.

— Trezentos e sessenta metros — repetiu o oficial de mergulho. — Ângulo descendente de quinze graus nos hidroplanos.

— Quinze graus descendentes.

— Vamos embora, Pat.

— Muito bem, comandante. Em frente a toda a velocidade.

O timoneiro ligou o anunciador. Mancuso observou a sua tripulação em actividade. Trabalhavam com precisão mecânica, mas não eram máquinas. Eram homens. Os seus.

Na zona do reactor, à popa, o tenente Butler confirmou a recepção da ordem pelos seus homens e deu as instruções necessárias. As bombas de arrefecimento do reactor começaram a trabalhar mais rapidamente. Uma maior quantidade de água quente sob pressão entrou no transformador onde o calor passava a vapor na serpentina exterior.

Quando o refrigerante tornava ao reactor, estava mais frio e, portanto, mais denso. Mais denso, retinha mais neutrões na pilha do reactor! aumentando a violência da fissão e libertando mais energia. No extremo da popa, o vapor saturado na serpentina “exterior”, ou não radiactiva, do sistema de transformação de calor em energia através de cachos de válvulas de controle para accionar as pás da turbina de alta pressão. A enorme hélice de bronze do Dallas começou a rodar mais depressa, conduzindo o submarino em frente e para baixo.

Os maquinistas executavam as suas tarefas sem pressa. O barulho na zona das máquinas cresceu apreciavelmente, à medida que os sistemas forneciam mais energia. Os técnicos vigiavam continuamente os painéis de instrumentos sob as suas mãos. A rotina era discreta e exacta. Não havia conversas alheias ao trabalho, nenhuma distracção. Comparado com a zona do reactor de um submarino, a sala de operações de um hospital era um covil de libertinos.

À proa, Mannion viu o indicador de profundidade marcar cento e oitenta metros. O oficial de mergulho esperaria que atingissem os duzentos e setenta antes de começar a estabilização, para que o submarino alcançasse exactamente a profundidade ordenada. O comandante Mancuso queria o Dallas abaixo da termoclina, a fronteira entre diferentes temperaturas. A água concentra-se em camadas isotérmicas de estratificação uniforme. A zona relativamente tranquila onde a água superficial mais quente encontrava a água profunda mais fria era uma barreira semipermeável que tendia a reflectir as ondas sonoras. As ondas que conseguiam penetrar a termoclina eram, na maioria, retidas abaixo dela. Assim, embora o Dallas navegasse abaixo da termoclina a mais de trinta nós e fazendo o máximo de barulho, seria difícil de detectar com o sonar de superfície. Navegava também, podia dizer-se, às cegas, mas, dada a profundidade, não corria grande risco de embate.

Mancuso pegou no microfone do sistema (Para comunicação interna).

— Fala o comandante. Acabamos de iniciar um percurso rápido que durará quarenta e oito horas. Dirigimo-nos a um ponto onde esperamos localizar um submarino russo que passou por nós há dois dias. Esse submarino utiliza, sem dúvida nenhuma, um novo sistema de propulsão muito silencioso que ninguém conhece ainda. Vamos tentar ultrapassá-lo e segui-lo quando tornar a passar por nós. Agora sabemos o que procuramos e certamente ficaremos a saber do que se trata. Quero que toda a gente descance bem. Quando lá chegarmos, a caçada vai ser demorada e difícil. Quero toda a gente em plena forma. Vai ser uma caçada interessante.

Desligou o microfone e perguntou:

— Qual é o filme esta noite?

O oficial de mergulho viu o indicador de profundidade parar antes de responder. Era também o responsável pelo sistema de TV por bo do Dallas, três video-gravadores na mesa, ligados a televisores na sala de oficiais e em várias outras acomodações da tripulação. — Pode escolher, comandante. O Regresso de Jedi ou dois jogos de rugby: Oklahoma-Nebraska e Miami-Dallas. Foram disputados enquanto andávamos em manobras, sir. É como se fossem ao vivo.

— Com anúncios e tudo. Os cozinheiros já estão a fazer pipocas.

— Ótimo. Quero toda a gente descontraída e satisfeita. Porque seria que nunca tinham

gravações da Marinha? Claro, o Exército açambarcava as melhores naquele ano...

— Bom dia, comandante — cumprimentou o imediato, Wally Chambers, entrando no centro de ataque. — Então?

— Vamos à sala de oficiais, Wally. Quero que ouça uma coisa. Mancuso tirou a cassete do bolso da camisa e dirigiu-se, com Chambers, à popa.

A norte do Dallas, no mar da Noruega, o Konovalov corria para sudoeste a quarenta e um nós. O comandante Tupolev sentava-se sozinho na sala de oficiais, a reler a mensagem que recebera dois dias antes. As suas emoções alternavam entre a raiva e a mágoa. O Professor fizera aquilo! A estupefacção emudecia-o. Mas que fazer? As ordens de Tupolev eram explícitas, tanto mais que fora, como salientara o seu zampolit, aluno do traidor Ramius. Também ele se poderia ver numa situação muito difícil se a fuga resultasse.

Marko pregara uma partida a toda a gente, não apenas ao Konovalov. Tupolev a circular no mar de Barents, feito parvo, e Marko a navegar na outra direcção! A rir-se de todos, tinha Tupolev a certeza. Que traição, que ameaça diabólica contra a Rodina! Era inconcebível —e, no entanto, perfeitamente concebível. Marko desfrutava de todos os privilégios. Um apartamento de quatro divisões, uma dacha, o seu Zhiguli. Tupolev ainda não possuía automóvel. Como lutara por um Sando! E, agora, tudo ameaçado por... aquilo! Muita sorte teria se não perdesse o que tinha conquistado.

“Tenho de matar um amigo”, pensou. Amigo? Sim, Marko fora Uln bom amigo e um óptimo professor. Que mal lhe acontecera?

Natalia Bogdanova.

Sim, fora ela. Uma vergonha, o modo como tudo acontecera, quantas vezes jantara com eles, quantas vezes Natalia gracejara acerca dos seus belos filhos, fortes e saudáveis? Abanou a cabeça. Uma bela mulher morta por um raio de um cirurgião incompetente. Nada se pudera fazer — ele era filho de um membro do Comité Central... Uma vergonha acontecerem ainda coisas assim, após três gerações de construtores do socialismo. Nada, contudo, podia justificar aquela loucura. Tupolev debruçou-se sobre o mapa. Estaria no seu posto dali a cinco dias, mais cedo se os motores aguentassem, e Marko não levava grande pressa—nem levaria. Marko era uma raposa, não um touro. Os outros Alfas chegariam primeiro que o seu, mas isso não interessava. Tinha de ser ele a derrotá-lo. Adiantar-se-ia a Marko e esperaria, Marko tentaria escapular-se e o Konovalov estaria à sua espera. O Outubro Vermelho estava condenado.

O Atlântico Norte

O Harrier FRS. 4 britânico apareceu um minuto mais cedo. Pairou brevemente ao aproximar-se, por estibordo, do Kennedy, quando o piloto avaliou o vento e as condições do mar, e apontou à pista. Mantendo uma velocidade de trinta nós para compensar a do porta-aviões, o piloto inclinou o caça para a direita, com perícia, e fê-lo aterrar suavemente a meio do barco, um pouco à frente da ponte do Kennedy, mesmo ao centro da pista. Logo um grupo de tripulantes correu para o avião, três deles com pesados calços metálicos, outro com uma escada também metálica que prendeu à carlinga, cuja cobertura se abria já. Uma equipa de quatro arrastou uma mangueira de abastecimento de combustível até ao aparelho, ansiosa por demonstrar a rapidez com que a Marinha dos EUA assistia aviões. O piloto vestia um fato cor de laranja e usava um colete salva-vidas amarelo. Pousou o capacete nas costas do banco da frente e desceu a escada. Certificou-se de que o seu caça estava em mãos capazes, antes de correr para a

ponte. Encontrou Ryan na escotilha.

— Chama-se Ryan? Eu sou Tony Parker. Onde é a retrete? Jack indicou-lhe o caminho e o piloto afastou-se, sempre a correr.

Ryan ficou sozinho, o fato de voo vestido, o saco na mão, e sentiu-se estúpido. Da sua outra mão pendia um capacete de plástico branco. Apreciou os tripulantes a reabastecer o Harrier. Saberiam o que estavam a fazer?

Parker reapareceu passados três minutos.

— Comandante — disse —, há uma coisa que nunca põem num caça: um raio de uma retrete!... Enchem-nos de café e de chá, mandam-nos para o ar sem retrete!

— Estou a ver... Falta mais alguma coisa?

— Não, sir. O seu almirante falou comigo pela rádio. Parece que os seus amigos acabaram de reabastecer o meu pássaro. Vamos?

— Vamos. Que faço com isto?

Ryan ergueu o saco, que julgava ter de levar no regaço. Os documentos iam no fato de voo, bem junto ao seu peito.

— Vai na mala, claro. Vamos, sir.

Parker dirigiu-se com desenvoltura para o avião. Amanhecia timidamente. Havia nuvens espessas a quinhentos ou seiscentos metros. Não chovia, mas ameaçava chuva. O mar, com vagas de três metros, era uma superfície cinzenta enrugada, aqui e ali tinta de espuma. Ryan sentia o Kennedy a deslocar-se, surpreendido por uma coisa tão descomunal poder mexer-se. Quando chegaram ao Harrier, Parker pegou no saco e procurou um manipulo escondido sob o caça. Rodou-o, puxou-o e revelou um espaço do tamanho de um pequeno frigorífico. Parker guardou nele o saco, fechou a porta e certificou-se de que o manipulo a fixara firmemente. Um tripulante de camisa amarela conferenciou com o piloto. À popa, um helicóptero fazia girar as suas pás, e um caça Tornei aproximava-se de uma catapulta a meio do barco. Soprava um vento de trinta nós. O porta-aviões era um sítio barulhento.

Parker fez sinal a Ryan para que subisse a escada. Jack, que gostava tanto de escadas como de voar, quase caiu no assento. Sentou-se com dificuldade, enquanto um tripulante o ligava ao sistema de segurança em quatro pontos. O homem pôs o capacete na cabeça de Ryan e apontou a tomada do sistema de intercomunicação. Os americanos pareciam, afinal, perceber qualquer coisa acerca de Harriers... Junto à tomada havia um interruptor. Ryan ligou-o.

— Ouve-me, Parker?

— Ouço, comandante. Tudo pronto?

— Acho que sim.

— Ótimo. — Parker virou a cabeça para verificar a admissão do motor. — Ligar o motor.

A capota da carlinga permanecia levantada. Três tripulantes, munidos de grandes extintores de dióxido de carbono, mantinham-se perto, presumivelmente para o caso de o motor explodir. Cerca de uma dezena de outros observava, de junto da ponte, o estranho aparelho. O motor Pegasus despertou. A capota foi baixada.

— Pronto, comandante? — Eu, por mim...

O Harrier não era um caça espaçoso, mas era certamente o mais barulhento. Ryan sentiu o ruído do motor sacudir-lhe o corpo todo, enquanto Parker ajustava os controles de admissão. O aparelho balançou, mergulhou o nariz, depois ergueu-se, trémulo, no ar. Ryan viu um homem junto da ponte apontar para eles e acenar-lhes. O Harrier guinou para bombordo, afastando-se do porta-aviões à medida que ganhava altura.

— Não foi mau — disse Parker.

Ajustados os controles, o Harrier começou verdadeiramente a voar a direito. Pouco se sentia a aceleração, mas Ryan via o Kennedy ficar rapidamente para trás. Segundos mais tarde, encontravam-se para lá do anel dos navios-escolta.

— Vamos lá para cima desta porcaria — disse Parker.

Puxou a alavanca e rumou às nuvens. Segundos passados, as nuvens envolveram-nos e o campo de visão de Ryan passou de oito quilómetros para dois metros, num instante.

Jack olhou em redor da carlinga, que tinha controles e instrumentos de voo. Voavam a cento e cinquenta nós, e subiam. Altitude, cento e vinte metros. O Harrier fora, via-se bem, um aparelho de instrução, mas o painel fora modificado para incluir os instrumentos de leitura e do Dallas, no mar da Noruega, o Konovalov corria para sudoeste a quarenta e um nós. O comandante Tupolev sentava-se sozinho na sala de oficiais, a reler a mensagem que recebera dois dias antes. As suas emoções alternavam entre a raiva e a mágoa. O Professor fizera aquilo! A estupefacção emudecia-o. Mas que fazer? As ordens de Tupolev eram explícitas, tanto mais que fora, como salientara o seu zampolit, aluno do traidor Ramius. Também ele se poderia ver numa situação muito difícil se a fuga resultasse.

Marko pregara uma partida a toda a gente, não apenas ao Konovalov. Tupolev a circular no mar de Barents, feito parvo, e Marko a navegar na outra direcção! A rir-se de todos, tinha Tupolev a certeza. Que traição, que ameaça diabólica contra a Rodina! Era inconcebível — e, no entanto, perfeitamente concebível. Marko desfrutava de todos os privilégios. Um apartamento de quatro divisões, uma dacha, o seu Zhiguli. Tupolev ainda não possuía automóvel. Como lutara por um Sando! E, agora, tudo ameaçado por... aquilo! Muita sorte teria se não perdesse o que tinha conquistado.

“Tenho de matar um amigo”, pensou. Amigo? Sim, Marko fora Uln bom amigo e um óptimo professor. Que mal lhe acontecera?

Natalia Bogdanova.

Sim, fora ela. Uma vergonha, o modo como tudo acontecera, quantas vezes jantara com eles, quantas vezes Natalia gracejara acerca dos seus belos filhos, fortes e saudáveis? Abanou a cabeça. Uma bela mulher morta por um raio de um cirurgião incompetente. Nada se pudera fazer — ele era filho de um membro do Comité Central... Uma vergonha acontecerem ainda coisas assim, após três gerações de construtores do socialismo. Nada, contudo, podia justificar aquela loucura. Tupolev debruçou-se sobre o mapa. Estaria no seu posto dali a cinco dias, mais cedo se os motores aguentassem, e Marko não levava grande pressa—nem levaria. Marko era uma raposa, não um touro. Os outros Alfas chegariam primeiro que o seu, mas isso não interessava. Tinha de ser ele a derrotá-lo. Adiantar-se-ia a Marko e esperaria, Marko tentaria escapular-se e o Konovalov estaria à sua espera. O Outubro Vermelho estava condenado.

O Atlântico Norte

O Harrier FRS. 4 britânico apareceu um minuto mais cedo. Pairou brevemente ao aproximar-se, por estibordo, do Kennedy, quando o piloto avaliou o vento e as condições do mar, e apontou à pista. Mantendo uma velocidade de trinta nós para compensar a do porta-aviões, o piloto inclinou o caça para a direita, com perícia, e fê-lo aterrar suavemente a meio do barco, um pouco à frente da ponte do Kennedy, mesmo ao centro da pista. Logo um grupo de tripulantes correu para o avião, três deles com pesados calços metálicos, outro com uma escada também metálica que prendeu à carlinga, cuja cobertura se abria já. Uma equipa de quatro

arrastou uma mangueira de abastecimento de combustível até ao aparelho, ansiosa por demonstrar a rapidez com que a Marinha dos EUA assistia aviões. O piloto vestia um fato cor de laranja e usava um colete salva-vidas amarelo. Pousou o capacete nas costas do banco da frente e desceu a escada. Certificou-se de que o seu caça estava em mãos capazes, antes de correr para a ponte. Encontrou Ryan na escotilha.

— Chama-se Ryan? Eu sou Tony Parker. Onde é a retrete? Jack indicou-lhe o caminho e o piloto afastou-se, sempre a correr.

Ryan ficou sozinho, o fato de voo vestido, o saco na mão, e sentiu-se estúpido. Da sua outra mão pendia um capacete de plástico branco. Apreciou os tripulantes a reabastecer o Harrier. Saberiam o que estavam a fazer?

Parker reapareceu passados três minutos.

— Comandante — disse —, há uma coisa que nunca põem num caça: um raio de uma retrete!... Enchem-nos de café e de chá, mandam-nos para o ar sem retrete!

— Estou a ver... Falta mais alguma coisa?

— Não, sir. O seu almirante falou comigo pela rádio. Parece que os seus amigos acabaram de reabastecer o meu pássaro. Vamos?

— Vamos. Que faço com isto?

Ryan ergueu o saco, que julgava ter de levar no regaço. Os documentos iam no fato de voo, bem junto ao seu peito.

— Vai na mala, claro. Vamos, sir.

Parker dirigiu-se com desenvoltura para o avião. Amanhecia timidamente. Havia nuvens espessas a quinhentos ou seiscentos metros. Não chovia, mas ameaçava chuva. O mar, com vagas de três metros, era uma superfície cinzenta enrugada, aqui e ali tinta de espuma. Ryan sentia o Kennedy a deslocar-se, surpreendido por uma coisa tão descomunal poder mexer-se. Quando chegaram ao Harrier, Parker pegou no saco e procurou um manipulo escondido sob o caça. Rodou-o, puxou-o e revelou um espaço do tamanho de um pequeno frigorífico. Parker guardou nele o saco, fechou a porta e certificou-se de que o manipulo a fixara firmemente. Um tripulante de camisa amarela conferenciou com o piloto. À popa, um helicóptero fazia girar as suas pás, e um caça Tornei aproximava-se de uma catapulta a meio do barco. Soprava um vento de trinta nós. O porta-aviões era um sítio barulhento.

Parker fez sinal a Ryan para que subisse a escada. Jack, que gostava tanto de escadas como de voar, quase caiu no assento. Sentou-se com dificuldade, enquanto um tripulante o ligava ao sistema de segurança em quatro pontos. O homem pôs o capacete na cabeça de Ryan e apontou a tomada do sistema de intercomunicação. Os americanos pareciam, afinal, perceber qualquer coisa acerca de Harriers... Junto à tomada havia um interruptor. Ryan ligou-o.

— Ouve-me, Parker?

— Ouço, comandante. Tudo pronto?

— Acho que sim.

— Ótimo. — Parker virou a cabeça para verificar a admissão do motor. — Ligar o motor.

A capota da carlinga permanecia levantada. Três tripulantes, munidos de grandes extintores de dióxido de carbono, mantinham-se perto, presumivelmente para o caso de o motor explodir. Cerca de uma dezena de outros observava, de junto da ponte, o estranho aparelho. O motor Pegasus despertou. A capota foi baixada.

— Pronto, comandante? — Eu, por mim...

O Harrier não era um caça espaçoso, mas era certamente o mais barulhento. Ryan sentiu o ruído do motor sacudir-lhe o corpo todo, enquanto Parker ajustava os controles de admissão. O

aparelho balançou, mergulhou o nariz, depois ergueu-se, trémulo, no ar. Ryan viu um homem junto da ponte apontar para eles e acenar-lhes. O Harrier guinou para bombordo, afastando-se do porta-aviões à medida que ganhava altura.

— Não foi mau — disse Parker.

Ajustados os controles, o Harrier começou verdadeiramente a voar a direito. Pouco se sentia a aceleração, mas Ryan via o Kennedy ficar rapidamente para trás. Segundos mais tarde, encontravam-se para lá do anel dos navios-escolta.

— Vamos lá para cima desta porcaria — disse Parker.

Puxou a alavanca e rumou às nuvens. Segundos passados, as nuvens envolveram-nos e o campo de visão de Ryan passou de oito quilómetros para dois metros, num instante.

Jack olhou em redor da carlinga, que tinha controles e instrumentos de voo. Voavam a cento e cinquenta nós, e subiam. Altitude, cento e vinte metros. O Harrier fora, via-se bem, um aparelho de instrução, mas o painel fora modificado para incluir os instrumentos de leitura de uma rede de sensores que podia ser ligada ao bojo do avião. Modo improvisado de fazer as coisas, mas que, dissera o almirante Painter, funcionava bem. Calculou que o écran tipo televisão fosse o mostrador FLIR, um sensor térmico de infravermelhos. O indicador de velocidade marcava agora trezentos nós e o de subida um ângulo de ataque de vinte graus. Parecia mais.

— Devemos estar a chegar ao cimo disto — disse Parker. — Agora! O altímetro marcava sete mil e oitocentos metros, quando Ryan deparou com um sol brilhante. Nunca se habituara a essa particularidade dos voos pela qual, fosse qual fosse o tempo que fazia em terra, no alto havia sempre sol. A luz era intensa, mas o azul do céu era visivelmente mais escuro do que o tom suave visto de baixo. Ao abandonarem a turbulência das regiões inferiores, a serenidade do voo era semelhante à de um avião comercial. Ryan tapou desajeitadamente os olhos com o visor.

— Assim é melhor, não é, 5zV?

— É ótimo, tenente. Melhor do que eu esperava.

— Do que esperava?

— Acho que é melhor do que voar na carreira. Vê-se mais ao longe. É bom...

— Lamento não dispor de gasolina suficiente para lhe mostrar umas acrobacias. O Harrier faz tudo o que se lhe pede, ou quase.

— Assim está bem.

— E o seu almirante — continuou Parker com naturalidade — disse-me que o senhor não gosta de voar.

Ryan agarrou-se aos braços do assento quando o Harrier executou três voltas completas. Surpreendeu-se com a própria gargalhada.

— Ah, o humor britânico...

— Ordens do seu almirante — disse Parker, em tom de desculpa. — Não queremos que pense que o Harrier é mais um daqueles autocarros. ..

“Que almirante?”, perguntou-se Ryan. Painter ou Davenport? Provavelmente os dois. O topo das nuvens era como um campo ondulado de algodão. Nunca antes apreciara a paisagem, olhando pela janela estreita de um avião comercial. No banco de trás, era como se fosse sentado no exterior.

— Posso fazer uma pergunta, sir?

— Claro.

— Que barafunda vem a ser esta?

— Barafunda?

— É que, s/r, eles mandaram o meu barco dar meia volta. Depois, recebo ordens para transportar um VIP do Kennedy para o Invencible.

— Ah, sim... Não posso dizer-lhe, Parker. Vou entregar uma mensagem ao seu comandante. Não passo de um moço de recados — mentiu Ryan.

— Toma, em paga das três voltas.

— Desculpe, comandante, mas, sabe, a minha mulher está à espera de um filho, o primeiro, para depois do Natal, e eu... eu gostava de lá estar.

— Onde mora?

— Chatham, no...

— Eu sei. Também estou a viver em Inglaterra, agora. Em Marlow, a montante de Londres. O meu segundo filho é de lá.

— Nasceu lá?

— Foi lá feito. A minha mulher diz que a culpa é das camas de hotel. Se eu fosse homem de apostar, Parker, apostava em como tudo vai correr bem. Os primeiros filhos vêm sempre mais tarde, sabe...

— Diz que vive em Marlow?

— É. Construámos lá uma casa, no princípio do ano.

— Jack Ryan... John Ryan? O mesmo tipo que... — Nem mais. Mas não diga a ninguém, tenente.

— Compreendo, s/r. Não sabia que era oficial da Marinha.

— Precisamente por isso não deve dizer a ninguém.

— Claro, s/r. Desculpe o atrevimento de há pouco.

— Não faz mal. Os almirantes também precisam de se divertir. Vocês acabaram de fazer um exercício com os nossos rapazes, não foi?

— Pois foi, comandante. Afundei um dos seus submarinos, o Tullibee. O meu operador de sistemas e eu. Apanhámo-lo quase à superfície, de noite, com o nosso FLIR, e largámos produtores de ruído à volta dele. Nós não podemos falar a ninguém no nosso novo equipamento, compreende... Parece que o comandante ficou danado.

Estava à espera de o encontrar em Norfolk, mas quando partimos de lá ainda não tinha chegado.

— Foi boa a estada em Norfolk?

— Foi, foi, comandante. Fomos à caça, um dia, em Chesapeake Bay. Na Praia Leste, creio que é assim que lhe chamam.

— Sim? Costumava lá caçar, também. Que tal foi?

— Nada mau. Matei os meus três gansos em meia hora. O saco não levava mais... Uma estupidez...

— Você matou três gansos em meia hora, assim sem mais nem menos, no fim da época?

— É a disparar que ganho a vida, modestamente, comandante — observou Parker.

— Andei lá aos galos com o seu almirante, em Setembro passado. Obrigaram-me a disparar com uma arma de cano duplo. Se uma pessoa aparece com a minha arma — uso uma Remington automática — tomam-na por terrorista. Fiquei encravado com um par de cartuchos que não serviam. Matei quinze bichos. Mas pareceu-me uma maneira de caçar muito preguiçosa, com um tipo a carregar-me a arma e um pelotão de batedores a levantar a caça. íamos dando cabo da passarada toda!

— Nós temos mais caça por hectare do que os senhores. — Foi o que o almirante disse. Quanto falta para o Invencible? — Quarenta minutos.

Ryan olhou para os indicadores de combustível. Os depósitos estavam já meio vazios. Se fosse de automóvel, pensaria em reabastecer-se. Tanto combustível gasto em meia hora! Bom, Parker não parecia alarmado...

A aterragem no HMS Invincible foi diferente da do COD no Kennedy. A descida através das nuvens foi turbulenta e Ryan lembrou-se que voavam na direcção principal da tempestade que suportara na noite anterior. Sobre a capota abatia-se a chuva e Ryan ouvia o impacte de milhares de gotas de água na fuselagem — ou seria granizo? Olhou os instrumentos e verificou que Parker estabilizara a trezentos metros, ainda entre nuvens, e começava a descer mais devagar, irrompendo em céu aberto a trinta metros. O Invincible não chegaria a ter metade do tamanho do Kennedy e balouçava activamente num mar com vagas de cinco metros. Parker usou a mesma técnica que no Kennedy. Pairou por breves instantes sobre o lado de bombordo do porta-aviões, depois guinou para a direita e, descendo seis metros, pousou num círculo pintado. A aterragem foi dura, mas Ryan ia prevenido. A carlinga ergueu-se imediatamente.

— Pode sair aqui — disse Parker. — Tenho de estacionar junto do elevador.

A escada já estava posta. O piloto desapertou o cinto e saiu. Um tripulante retirava já o saco. Ryan seguiu-o até à torre e foi recebido por um guarda-marinha.

— Bem-vindo a bordo, sir. — O rapaz não teria mais de vinte anos. — Deixe-me ajudá-lo a tirar o fato de voo.

O guarda-marinha esperou que Ryan corresse o fecho écler e tirasse o capacete, o colete salva-vidas e o fato. No entanto, Ryan oscilou contra a antepara várias vezes. O Invincible parecia rodopiar num mar que se lhe abria. Vento pela popa e mar fácil? No Inverno, no Atlântico Norte, nada havia de excessivamente disparatado. O guarda-marinha pegou no saco e Ryan conservou a documentação.

— Vamos lá então — disse Ryan com um gesto.

O jovem subiu a correr três lanços de escada, deixando Ryan para trás, ofegante, a pensar no jogging que devia fazer e não fazia. O balouçar do barco e a tontura que lhe ficara do voo faziam-no perder o equilíbrio; chocava com as coisas. Como se aguentariam os pilotos profissionais?

— Estamos na ponte, sir — disse o guarda-marinha, abrindo a porta.

— Viva, Jack! — cumprimentou na sua voz altissonante o vice-almirante John White, oitavo conde de Weston.

Era um homem alto e robusto, de cinquenta anos, de rosto corado que um lenço branco ao pescoço punha em destaque. Jack conhecera-o no princípio do ano e, desde então, a mulher, Cathy, e a condessa, Antonia, haviam-se tornado amigas íntimas, partilhando o mesmo círculo de amadores de música. Cathy Ryan tocava piano clássico e Toni White, uma atraente mulher de quarenta e quatro anos, possuía um violino “Guarnieri dei Jesu”. O marido era um homem em cuja vida a fidalguia ocupava um lugar discreto; toda a sua carreira na Marinha Real fora construída por mérito próprio. Jack avançou para lhe apertar a mão.

— Bom dia, almirante.

— Que tal o voo?

— Diferente. Nunca antes tinha voado num caça, muito menos num caça disposto a concorrer com um colibri — disse Ryan, sorrindo.

A ponte estava sobreaquecida, confortável.

— Ainda bem. Vamos ao meu camarote, à popa.

White mandou retirar o guarda-marinha, que entregou a Ryan o saco antes de desaparecer. O almirante dirigiu-se à popa, através de uma curta passagem e entrou num pequeno

compartimento.

Era surpreendentemente austero, tendo em atenção que os ingleses apreciavam o conforto de White era par do reino. Tinha duas escotilhas com cortinas, uma secretária e duas cadeiras. Uma fotografia da mulher dava ao ambiente o único toque de calor. A parede de bombordo estava totalmente coberta por um mapa do Atlântico Norte.

— Parece cansado, Jack— disse White, indicando-lhe a cadeira estofada.

— Estou cansado. Ando nisto desde... desde as seis da manhã de ontem. Não sei bem a quantas ando, ainda tenho o relógio pela hora europeia.

— Pediram-me para lhe dar um recado...

White tirou um pedaço de papel do bolso e passou-o a Ryan.

“—Greer a Ryan. SALGUEIRO confirmado”, leu Ryan. “Cumprimentos de Basil. Terminado.”

Alguém confirmara SALGUEIRO. Quem? Talvez Sir Basil, talvez Ritter, Ryan não saberia dizê-lo. Guardou o papel no bolso e disse:

— Boas notícias, sir.

— Porquê o uniforme?

—A ideia não foi minha, almirante. Sabe para quem trabalho, não sabe? Achavam que assim eu passava mais despercebido.

— Pelo menos fica-lhe bem. — O almirante pegou num telefone e pediu refrescos. — Que tal vai a família, Jack?

— Bem, obrigado, sir. Na véspera da minha chegada, Cathy e Toni tocaram em Nigel Ford. Não pude assistir. Por este andar, ainda temos de gravar um disco. Poucos violinistas tocarão melhor que a sua esposa.

Um criado entrou com uma bandeja de sanduíches. Jack nunca percebera porque gostavam os ingleses de pepino com pão.

— Então que temos?

— Almirante, o significado da mensagem que acaba de me entregar é que posso contar isto ao senhor e a três outros oficiais. A matéria é explosiva, sir. Terá de tomar as suas decisões em conformidade.

— Suficientemente explosiva para obrigar a minha pequena esquadra a fazer meia volta. — White reflectiu antes de pegar no telefone e de chamar três oficiais ao seu camarote. — O capitão Carstairs, o capitão Hunter e o comandante Barclay são, respectivamente, o comandante do Invincible, o oficial de operações da minha esquadra e o meu oficial de informações.

— Não tem chefes de Estado-Maior?

— Voou para casa, teve uma morte na família. Quer álcool com o café?

White tirou o que parecia ser uma garrafa de brande de uma gaveta da secretária.

— Obrigado, almirante.

Ainda bem que havia brande; o café precisava de ajuda. Viu o almirante servi-lo com generosidade, talvez com o objectivo de lhe soltar a língua. White era marinheiro britânico há mais tempo do que amigo de Ryan. Os três oficiais chegaram juntos, dois deles transportando cadeiras articuladas de metal.

— Almirante — começou Ryan—, é melhor deixar a garrafa cá fora. Depois de ouvir a história que tenho para contar, precisaremos todos de uma bebida.

Distribuiu os dois dossiers que lhe restavam e começou a falar de memória. Demorou quinze minutos a expor a situação.

— Meus senhores — concluiu — insisto em que esta informação é rigorosamente

confidencial. Para já, ninguém fora desta sala pode conhecê-la.

— É uma pena — disse Carstairs. — Histórias tão fantásticas como a que acaba de nos contar não andam por aí aos pontapés.

— E a nossa missão?

White segurava as fotografias. Serviu outro brande a Ryan, olhou a garrafa e tornou a guardá-la na secretária.

— Obrigado, almirante. De momento, a nossa missão consiste em localizar o Outubro Vermelho. Depois, não se sabe ao certo. Penso que localizá-lo já é tarefa bem difícil.

— Astuta observação, comandante Ryan — disse Hunter.

— Vamos às boas notícias: o almirante Painter pediu ao CINCLANT que lhe dê, almirante White, autoridade sobre vários barcos da Marinha dos EUA, provavelmente três fragatas da classe 1052 e dois Perrys FFG 7. Dispõem todos de um ou dois helicópteros.

— Que lhe parece, Geoffrey? — perguntou White.

— Para começar... — disse Hunter.

— Chegam dentro de um dia ou dois. O almirante Painter pediu-me que lhe exprimisse a sua confiança na sua esquadra e no seu pessoal.

— Um raio de um submarino nuclear russo... — disse Barclay como se falasse sozinho.

Ryan riu e perguntou:

— Agrada-lhe a ideia, comandante? Tinha pelo menos um convertido.

— E se o submarino ruma em direcção a Inglaterra? Não passa toda esta operação a ser britânica? — perguntou Barclay pertinentemente.

— Suponho que sim, mas, olhando para o mapa, se Ramius se dirigisse a Inglaterra já lá estaria. Vi uma cópia da carta do presidente para o primeiro-ministro. Em troca da vossa ajuda, a Marinha Real terá acesso aos dados que os nossos homens forem obtendo. Estamos do mesmo lado, meus senhores. O problema é: seremos ou não capazes?

— Hunter? — perguntou o almirante.

— Se a informação é correcta... diria que temos boas hipóteses, cinquenta por cento de probabilidades. Por um lado, temos um Submarino nuclear tentando fugir à detecção; por outro, dispomos de uma vasta força de ASW preparada para o localizar. Não há muitos pontos para onde o submarino possa dirigir-se. Norfolk, claro, Newport, Groton, King's Bay, Port Everglades, Charleston. Um porto civil como Nova Iorque já é menos provável, penso. O problema é que os Alfas que Ivan mandou a correr para a nossa costa chegarão primeiro que o Outubro. Podem ter um determinado porto em mente. Mais um dia e já saberemos. Eu diria, portanto, que eles têm as mesmas possibilidades do que nós. Poderão manobrar suficientemente longe da vossa costa para impedir o vosso Governo de tomar quaisquer medidas legalmente justificadas. Admitamos que os soviéticos levam vantagem em relação a nós... Conhecem o submarino e têm uma missão mais simples. Isso compensa de certo modo a menor sensibilidade dos seus sensores.

— Porque será que Ramius navega tão devagar? — perguntou Ryan. — É a única coisa que não percebo. Mal ultrapasse as linhas do SOSUS ao largo da Islândia, está na bacia profunda... Porque não abre o gás e corre para a nossa costa?

— Pelo menos por dois motivos — respondeu Barclay. — A que volume de informação operacional tem acesso?

— Eu lido com sectores específicos. Salto de uma coisa para outra. Conheço bastante acerca dos submarinos soviéticos, por exemplo, mas já não tanto sobre os barcos de superfície.

Ryan não tinha de revelar pertencer à CIA.

— Bem, sabe como os soviéticos têm uma estrutura compartimentada. Provavelmente, Ramius não sabe onde estão todos os submarinos de ataque. Portanto, se acelerasse corria o risco de deparar com um Victor desgarrado e de ir para o fundo sem sequer ter tempo de saber o que lhe acontecia. Em segundo lugar, os soviéticos podiam pedir o auxílio dos americanos, dizendo, por exemplo, que uma tripulação de contra-revolucionários maoístas se amotinara e apoderara de um submarino nuclear... A vossa Marinha detecta um submarino nuclear a correr pelo Atlântico Norte em direcção à costa americana e que faz o vosso presidente?

— Compreendo — disse Ryan. — Estourávamos com ele.

— Ora aí tem. Ramius tem de agir pela calada, não pode correr riscos, tem de confiar apenas naquilo que sabe — concluiu Barclay. •— Felizmente ou infelizmente, é muito bom nisso.

— Quando é que teremos dados sobre o funcionamento desse sistema de propulsão silencioso? — quis saber Carstairs.

— Esperamos tê-los dentro de dois dias.

— Onde é que o almirante Painter nos quer? — perguntou Whiter.

— O plano que ele apresentou a Norfolk posiciona-vos no flanco direito. Quer o Kennedy junto à costa para enfrentar a ameaça da força de superfície soviética. O Invincible manobraria mais ao largo Painter pensa que há uma possibilidade de Ramius entrar directamente, vindo do sul, pelo estreito de G-I-R.U. na bacia do Atlântico que manter-se aí por algum tempo. Corre menos riscos de ser detectado, e se os soviéticos o perseguirem tem tempo e víveres para se manter nessa posição por um período mais longo do que aquele durante o qual a força de superfície soviética se pode manter ao largo da nossa costa por motivos de ordem técnica e política. Além disso, Painter quer o vosso poder de fogo aqui para conter o flanco soviético. O plano tem de ser aprovado pelo comandante-chefe da Esquadra do Atlântico e falta ainda determinar uma série de pormenores. Por exemplo, Painter pediu uns Seníris E-3 para vos apoiar.

— Um mês no meio do Atlântico Norte, no Inverno? Carstairs pestanejou. Fora imediato do Invincible durante a guerra das Malvinas e navegara no violento Atlântico Sul semanas intermináveis.

— É muita sorte se tivermos os E-3. — O almirante sorriu. — Hunter, quero planos para utilização de todos estes barcos que os ianques põem ao nosso dispor e para cobertura de uma área o mais vasta possível. Barclay, quero que se antecipe ao que o nosso amigo Ramius pensa fazer. Parta do princípio de que continua a ser um patife inteligente que aprendemos a conhecer e a admirar.

— Muito bem, sir.

Barclay levantou-se com os outros.

— Jack, quanto tempo fica connosco?

— Não sei, almirante. Até me chamarem novamente ao Kennedy, suponho. A meu ver, esta operação foi desencadeada muito à pressa. Ninguém sabe realmente o que diabo vamos fazer.

— Porque é que não nos deixa pensar nisso agora? Parece exausto. Durma um pouco.

— Isso é verdade, almirante.

Ryan começava a sentir os efeitos do brande.

— Há uma cama ali no armário. Vou mandar fazê-la. Durma à vontade. Se chegar alguma mensagem para si, acordá-lo-ei.

— É muito amável, sir.

O almirante White era um bom homem, disse consigo Jack, e a mulher algo de muito especial. Dez minutos depois, Ryan deitava-se e adormecia.

O “Outubro Vermelho”

De dois em dois dias, o starpom recolhia os distintivos de radiação no âmbito de uma inspecção semiformal. Depois de ter verificado os sapatos dos tripulantes reluziam, que os beliches estavam feitos devia ser e que todos os armários se encontravam arrumados de acordo com as regras, o imediato recolhia os distintivos e entregava outros aos marinheiros, geralmente com uma recomendação severa para que adoptassem o porte garboso adequado aos Novos Homens Soviéticos. Borodin executava esta formalidade com rigor científico. Naquele dia, como sempre, a passagem de um a outro compartimento demorou duas horas. No fim, o saco que trazia à cinta, do lado esquerdo, estava cheio de distintivos usados e o do lado direito, o dos novos, vazio. Levou os distintivos usados ao gabinete médico.

— Camarada Petrov, trago-lhe um presente.

Borodin pousou o saco de couro sobre a secretária do médico.

— Muito bem. — O médico sorriu ao imediato. — A rapaziada é tão saudável que pouco mais tenho que fazer, salvo ler as minhas revistas.

Borodin deixou Petrov entregue à sua tarefa. Primeiro, o médico colocou os distintivos por ordem; cada um deles tinha um número de três algarismos. O primeiro identificava a série para que se se detectasse alguma radiação, houvesse uma referência temporal; o segundo dizia onde o marinheiro trabalhava; e o terceiro onde dormia. Era mais fácil trabalhar com este sistema do que com o antigo, que utilizava números individuais para cada homem.

O processo de revelação era simplíssimo. Petrov executava-o já sem pensar. Primeiro, desligou a luz branca do tecto e substituiu-a por uma vermelha. Depois, fechou a porta do gabinete. A seguir, retirou o suporte de revelação do gancho na antepara, rasgou os invólucros plásticos dos distintivos e prendeu estes ao suporte.

Petrov levou o suporte para o laboratório contíguo e pendurou-o no fecho do arquivo. Encheu três recipientes quadrados com produtos químicos. Apesar de ser um médico qualificado, tinha esquecido a maior parte dos seus conhecimentos de química inorgânica e já não se lembrava exactamente de quais eram os produtos de revelação. Encheu o recipiente número um do frasco número um, o número dois do frasco dois e o número três, isso lembrava-se, com água. Petrov não tinha pressa. Faltavam duas horas para o almoço e a sua actividade era verdadeiramente maçadora. Passara os últimos dois dias a reler os seus tratados sobre doenças tropicais. O médico sonhava com a visita a Cuba, como toda a gente a bordo. Quase de certeza apareceria um tripulante a sofrer de uma doença estranha e, com sorte, já teria algo de interessante com que se ocupar.

Petrov regulou o cronometro do laboratório para setenta e cinco segundos e submergiu as tiras de filme no primeiro banho, carregando ao mesmo tempo no botão do relógio. Ficou-se a olhar o cronometro à luz vermelha, perguntando a si próprio se os cubanos ainda faziam rum. Estivera lá anos antes e ficara a gostar da exótica bebida. Como todos os bons soviéticos, adorava o seu vodka, mas, de vez em quando, gostava de variar.

O cronometro tocou e Petrov agitou cuidadosamente o suporte do filme sobre o recipiente. Não estava para salpicar o uniforme com o produto químico — nitrato de prata ou coisa parecida. Colocou o filme no segundo banho e tornou a regular o cronometro. Uma pena as ordens terem sido mantidas tão em segredo... Poderia ter trazido o seu uniforme tropical. Ia suar como um porco ao maldito sol cubano. Claro que aqueles selvagens nunca pensavam em lavar-se. Teriam aprendido alguma coisa nos últimos quinze anos? Ver-se-ia.

O cronometro tocou novamente e Petrov tornou a sacudir o filme antes de o colocar no recipiente com água. Mais uma maçadora tarefa terminada. Porque diabo um marinheiro não caía por uma escada abaixo e partia qualquer coisa? Gostava de experimentar a sua máquina de raios X leste-alemã num doente vivo. Não confiava nos alemães, fossem ou não marxistas; mas produziam bom equipamento médico, incluindo aparelhos de raios X, autoclaves e a maior parte dos medicamentos, lá isso... Tempo. Petrov ergueu o filme contra a placa de leitura do raios X, que ligou.

— Nichevo! — murmurou Petrov.

Tinha de pensar. O seu distintivo apresentava-se turvo. O número era 3-4-8: terceira série, zona cinquenta e quatro (gabinete médico, cozinha, acomodações à popa (oficiais).

Embora tivessem apenas dois centímetros de largura, os distintivos possuíam várias sensibilidades. Dez colunas verticais quantificavam o nível de exposição. Petrov verificou que o seu estava velado até ao segmento quatro. Os distintivos dos tripulantes da casa das máquinas apresentavam-se turvos até ao segmento cinco e os dos torpedeiros, que passavam todo o tempo à proa, mostravam-se apenas contaminados no segmento um.

— Filho da mãe...

Petrov conhecia os níveis de sensibilidade de cor. Mesmo assim, pegou no manual para se certificar. Felizmente, os segmentos eram logarítmicos. A sua exposição equivalia a doze rads. A dos maquinistas andava entre os quinze e os vinte e cinco. Doze a vinte e cinco rads em dois dias não era propriamente perigoso. Não punha realmente a vida em perigo, mas Petrov tornou ao gabinete, tendo o cuidado de deixar os filmes no laboratório. Pegou no telefone.

— Comandante Ramius? Fala Petrov. Pode vir ao meu gabinete, Por favor?

— Vou já, camarada doutor.

Ramius não se apressou. Sabia a razão do telefonema. Na véspera da partida, enquanto Petrov se encontrava em terra, tratando de se abastecer em medicamentos, Borodin contaminara os distintivos com a máquina de raios X.

— Sim, Petrov? — perguntou Ramius, fechando a porta atrás de si.

— Camarada comandante, temos uma fuga de radiação.

— Disparate! Os nossos instrumentos tê-la-iam detectado imediatamente.

Petrov foi buscar os filmes ao laboratório e passou-os ao comandante.

— Veja.

Ramius ergueu-os à luz, examinando as películas de cima a baixo. Franziu o sobrolho.

— Quem sabe disto?

— O senhor e eu, camarada comandante.

— Não diga a ninguém... A ninguém. — Ramius interrompeu-se. — Alguma possibilidade de os filmes estarem... de terem algum defeito, de o senhor ter cometido algum erro ao revelá-los?

Petrov abanou energicamente a cabeça.

— Não, camarada comandante. Apenas o senhor, o camarada Borodin e eu temos acesso às películas. Como sabe, ensaiei amostras escolhidas ao acaso de cada remessa, três dias antes de partirmos.

Petrov não confessaria, como ninguém confessava, que retirara as amostras do cimo da caixa onde os distintivos eram guardados; não tinham sido nada escolhidas ao acaso.

— A exposição máxima que aqui vejo é de... dez a vinte, não é? — Ramius reduzia a variação. — A quem pertencem os números?

— Bulganin e Surzpoi. Os torpedeiros apresentam todos menos de três rads.

— Muito bem. O que aqui temos, camarada doutor, é uma possível e insignificante —

insignificante, Petrov — fuga na zona do reactor. No pior dos casos, uma fuga de gás. Já aconteceu antes e ninguém morreu. Descobriremos a fuga e repará-la-emos. Este pequeno segredo fica entre nós. Não há motivo para alarmar os homens. É uma insignificância.

Petrov concordou de cabeça, sabendo que tinha havido mortes em 1970, num acidente ocorrido a bordo do submarino Voroshilov e no quebra-gelos Lenin. Todavia, passara já muito tempo sobre os dois acidentes e não duvidava de que Ramius sabia enfrentar as situações. Não duvidava?

O Pentágono

O anel E era o maior e mais exterior dos anéis do Pentágono e, como as suas janelas permitiam ver outras coisas que não pátios sem sol, era aí que a maioria dos altos funcionários da Defesa tinha os seus gabinetes. Um deles era o do director de operações do Estado-Maior Conjunto, o J-3. Não estava lá; estava numa sala no segundo nível da cave, conhecida por “Tanque”, devido ao facto de as suas paredes metálicas estarem providas de aparelhos electrónicos produtores de ruído, com vista a despistar outros dispositivos electrónicos. Encontrava-se no Tanque havia vinte e quatro horas, embora o seu aspecto não o dissesse. As suas calças verdes continuavam vincadas, a camisa de caqui apresentava ainda os festos das dobras feitas na lavandaria, o colarinho engomado mantinha-se absolutamente impecável e a gravata permanecia bem no seu lugar, segura por um alfinete de ouro com o emblema dos marines. O tenente-general Edwin Barris não era diplomata nem professor da Academia, mas actuava, naquele momento, como moderador — estranha posição para um marine.

— Raios partam isto! — Era a voz do almirante Blackburn, CINCLANT, acompanhado do seu oficial de operações, contra-almirante Pete Stanford. — Mas é isto maneira de dirigir uma operação?

Os chefes de Estado-Maior estavam também presentes e nenhum deles partilhava da opinião de Blackburn.

— Ouça, Blackie, já lhe disse donde vêm as ordens.

O general Milton, chefe do Estado-Maior Conjunto, parecia cansado.

— Bem sei, general, mas isto é fundamentalmente uma operação submarina, não é verdade? Precisamos de meter nisto Vince Gallery, e você já devia ter recorrido a Sam Dodge. Dan e eu somos aviadores e Pete é especialista em ASW. Precisamos de um comandante de submarinos.

— Meus senhores — disse Harris calmamente—, de momento, o plano que temos de levar ao presidente contempla apenas a ameaça soviética. Por enquanto, vamos deixar de parte essa história do submarino desertor, está bem?

— Concordo — disse Stanford.—Já aqui temos muito com que nos preocupar.

A atenção dos oito oficiais-generais concentrou-se na mesa dos mapas. Cinquenta e oito submarinos e vinte e oito vasos de guerra de superfície soviéticos, mais diversos petroleiros e unidades de reabastecimento, rumavam indubitavelmente à costa americana. Para enfrentar esta ameaça, a Marinha dos EUA dispunha apenas de um Porta-aviões. O Invincible não contava. A ameaça era considerável, os vasos soviéticos transportavam mais de trezentos mísseis de cruzeiro. Embora principalmente concebidos como armas antibarco, um terço deles dispunha, ao que se pensava, de ogivas nucleares suficientes para destruir as cidades da costa Leste. De uma posição ao largo de Nova Jérnia, estes mísseis possuíam um raio de acção de Norfolk a Boston.

— Josh Painter propõe que mantenhamos o Kennedy junto à costa — disse o almirante

Blackburn. — Quer dirigir a operação de ASW a partir deste porta-aviões, transferindo as esquadrilhas de ataque para terra e substituindo-as pelo Invincible no flanco direito soviético, ao largo.

— Não me agrada — disse o general Harris.

A Pete Stanford também não agradava. Tinham combinado antes que o J-3 lançaria o contraplano.

— Meus senhores, se vamos apenas dispor de uma coberta, precisamos é de ter um porta-aviões e não uma plataforma descomunal de ASW.

— Somos todos ouvidos, Eddie — disse EBlton.

— Pomos o Kennedy aqui. — Deslocou o marcador para uma posição a ocidente dos Açores. — Josh mantém as suas esquadrilhas de ataque. Deslocamos o Invincible para a costa com a responsabilidade pelo ASW. Foi para isso que os britânicos o conceberam, não foi? Parece que são bons, aliás. O Kennedy é uma arma ofensiva, a sua missão consiste em ameaçá-los. Se nos posicionarmos assim, a ameaça é o Kennedy. Poderá alcançar a força de superfície soviética de fora do perímetro dos mísseis...

— Melhor ainda — interveio Stanford, apontando alguns vasos no mapa —, pode ameaçar a força auxiliar. Se eles perderem estes petroleiros, não poderão regressar a casa. Para enfrentar esta ameaça, terão de ocupar novas posições. Antes do mais, terão de afastar o Kiev para o largo, a fim de disporem minimamente de defesa aérea contra o Kennedy. Podemos utilizar os S-3 sobrantes a partir de bases em terra. Podem perfeitamente continuar a patrulha da mesma área — disse, traçando uma linha cerca de quinhentas milhas ao largo da costa.

— Assim, o Invincible fica um pouco desprotegido — disse o CNO, almirante Foster.

— Josh pediu cobertura de E-3 — disse Blackburn, olhando o chefe de Estado-Maior da Força Aérea, general daire Barnes.

— Pede-se ajuda, dá-se ajuda — disse Barnes. — Amanhã, ao alvorecer, teremos um Sentry a operar sobre o Invincible e se o porta-aviões se aproximar da costa poderemos lá mantê-lo continuamente. Se quiserem, destaco uma esquadrilha de F-16.

— Que pretende em troca, Max? — perguntou Foster. Ninguém o tratava por Qaire.

— Da maneira que eu vejo a situação, temos a esquadrilha do Saratoga sem fazer nada. No sábado, eu desloco quinhentos caças tácticos de Dover para Loning. Os meus rapazes sabem pouco de combate anti-barco e terão de aprender depressa. Quero que mande os seus trabalhar com os meus, e também quero os seus Torneais Gosto da combinação caça-míssil. Pomos uma esquadrilha ao largo da Islândia e outra ao largo de Nova Inglaterra, para tomar conta dos Ursos que Ivan lançar contra nós. Se quiserem, enviaremos alguns petroleiros para as Lajes, a fim de manter no ar os pássaros do Kennedy.

— Blackie? — perguntou Foster.

— Concordo — respondeu Blackburn. — A única coisa que me preocupa é o Invincible não ter assim tanta capacidade de ASW.

— Arranjamos mais — disse Stanford. — Almirante, que diz a retirarmos o Tarawa de Little Creek e juntá-lo ao grupo do New Jersey, com mais uma dúzia de helicópteros ASW a bordo e sete ou oito Harriers?

— Acho bem — disse logo Harris. — Teremos dois porta-aviões com uma apreciável força de ataque, mesmo em frente deles. O Kennedy alerta a oriente e umas centenas de caças tácticos a ocidente. Terão de se aproximar atentos a três frentes. Isto dá-nos maior capacidade de patrulha ASW.

— O Kennedy desembaraça-se sozinho? — perguntou Hilton.

— Depende — respondeu Blackburn. — Podemos eliminar qualquer um, talvez dois desses quatro grupos, numa hora. Os mais perto da costa são para si, Max.

— Há quanto tempo andam vocês a ensaiar isto? — perguntou o general Maxwell, comandante do corpo de marines, aos oficiais de operações.

Todos riram.

O “Outubro Vermelho”

O engenheiro-chefe Melekhin evacuou o compartimento do reactor antes de começar a procurar a fuga. Ramius e Petrov estavam também presentes, mais os oficiais maquinistas de serviço e um dos jovens tenentes, Svyadov. Três dos oficiais seguravam contadores geiger.

A sala do reactor era bastante grande. Tinha de ser, para albergar a compacta unidade em forma de tubo, em aço. O objecto apresentava-se quente ao tacto, a despeito de inactivo. Em todos os cantos da sala havia detectores automáticos de radiação, cada um deles no exterior de um círculo vermelho. Outros encontravam-se suspensos das anteparas, à proa e à popa. De todos os compartimentos do submarino era este o mais limpo. A coberta e as anteparas metálicas estavam pintadas de branco, imaculadas. A razão era óbvia: a menor fuga do refrigerante do reactor devia ser instantaneamente visível, mesmo que todos os detectores falhassem.

Svyadov subiu uma escada de alumínio fixada numa das faces do reactor para aplicar o contador a todas as soldaduras dos tubos. O volume do amplificador do aparelho estava no máximo para que todos pudessem ouvir, e Svyadov tinha um auscultador no ouvido, por precaução. Jovem de vinte e um anos, estava nervoso. Só um inconsciente se sentiria completamente tranquilo à procura de uma fuga de radiação. Na Marinha soviética conta-se esta anedota: como se conhece um marinheiro da Esquadra do Norte? Brilha no escuro. Em terra tinha muita graça, mas agora não. O rapaz não ignorava que conduzia a busca por ser o mais novo, o menos experiente e o menos insubstituível. Custava-lhe manter os joelhos quietos, enquanto percorria com esforço o reactor.

O contador não estava inteiramente silencioso e o estômago de Svyadov contraía-se a cada clique provocado pela passagem de uma partícula casual no tubo de gás ionizado. Quase de segundo a segundo, os olhos de Svyadov fitavam o mostrador que media a intensidade. A intensidade estava mais do que dentro da margem de segurança, quase não era indicada pela agulha. O reactor possuía quatro camadas envolventes, cada uma com vários centímetros de aço inoxidável. Os três espaços interiores estavam cheios de uma mistura de água e bário e, depois, havia uma barreira de chumbo e outra de polietileno, tudo concebido para impedir a fuga de neutrões e partículas gama. A combinação de aço, bário, chumbo e plástico continha realmente os elementos perigosos da reacção, permitindo que apenas alguns graus de calor escapassem, e o mostrador indicava, para alívio de Svyadov, que o nível de radiação era inferior ao da praia de Sochi. A leitura mais alta verificou-se junto de uma lâmpada. Isto fez o tenente sorrir.

— Todas as leituras dentro dos limites normais, camaradas — disse Svyadov.

— Recomece — ordenou Melekhin — desde o princípio.

Vinte minutos mais tarde, Svyadov, a suor do ar quente que se acumulava no alto do compartimento, produzia idêntica informação. Desceu, trémulo, os braços e as pernas cansados.

— Fume um cigarro — sugeriu Ramius. — Bom trabalho, Svyadov. — Obrigado, camarada comandante. Está quente lá em cima, das luzes e dos tubos de arrefecimento.

O tenente passou o contador a Melekhin. A leitura acumulada estava perfeitamente dentro da margem de segurança.

— Os distintivos deviam estar contaminados — disse o engenheiro-chefe de mau humor. — Não seria a primeira vez. Um brincalhão qualquer na fábrica ou nos abastecimentos do cais... Uma gracinha para os nossos amigos do GRU investigarem. Patifes! Uma brincadeira destas merece um tiro!

— Talvez — concordou Ramius, rindo por entre dentes.—Lembram-se do incidente no Lenin! — Referia-se ao quebra-gelos nuclear que ficara dois anos imobilizado por causa de uma deficiência no reactor. — Um cozinheiro tinha umas panelas muito surradas e um doido de um engenheiro sugeriu-lhe que as lavasse a vapor. O idiota foi ao gerador de vapor e abriu uma válvula de inspecção!

Melekhin arregalou os olhos.

— Lembro-me disso! Era oficial de engenharia do Estado-Maior, nessa altura. O comandante tinha pedido um cozinheiro de Kazakh...

— Gostava de carne de cavalo com kaska — disse Ramius.

— ...e o palerma não fazia a menor ideia do que era um barco. Matou-se e a mais três homens, e contaminou o raio do compartimento por vinte meses. O comandante só saiu do gulag no ano passado.

— Mas o cozinheiro deve ter ficado com as panelas limpas — observou Ramius.

— Ah, sim, Marko Aleksandrovich... Devem estar em perfeito uso pelo menos mais cinquenta anos — disse Melekhin, em voz rouca e gargalhando.

Era um disparate dizer semelhante coisa na presença de um jovem oficial, achava Petrov. Não havia nada, absolutamente nada de engraçado na fuga de um reactor. Melekhin, porém, era conhecido pelo seu humor grosseiro, e o médico pensava que vinte anos de trabalho com reactores lhe permitiam, e ao comandante, encarar fleumaticamente os perigos potenciais. E, depois, havia a lição implícita na história: nunca deixar na zona do reactor quem a ela não pertence.

— Muito bem — disse Melekhin —, agora vamos verificar os tubos na sala do gerador. Svyadov, continuamos a precisar das suas pernas jovens.

O compartimento, à popa, continha o transformador de calor/ /gerador de vapor, turbo-alternadores e equipamento auxiliar. As turbinas principais encontravam-se no compartimento contíguo, agora Wactivo, enquanto o caterpillar, movido electricamente, trabalhava. De Qualquer modo, o vapor que as accionava tinha de ser limpo; só na serpentina interior era permitida radiactividade. O refrigerante do reactor, que transportava radiactividade de curta vida, mas perigosa, nunca se transformava em vapor. Este circulava na serpentina exterior e provinha de água não contaminada. As duas fontes de água encontravam-se, mas nunca se misturavam no transformador de calor, o local mais provável de uma fuga de refrigerante, devido às numerosas soldaduras e válvulas.

A tubagem mais complexa levou cinquenta minutos a verificar. Estes tubos não estavam tão bem isolados como os da proa. Svyadov quase se queimou por duas vezes e, quando acabou a primeira vistoria tinha o rosto banhado em suor.

— Todas as leituras dentro da margem de segurança, camaradas

— Ótimo — disse Melekhin. — Desça e descanse um pouco antes de repetir a verificação.

Svyadov quase esteve para agradecer ao seu chefe a condescendência; teria, porém, dado uma má imagem de si próprio. Como jovem, dedicado oficial e membro do Komsomol, não conhecia esforços excessivos. Desceu com cuidado e Melekhin passou-lhe outro cigarro. O

engenheiro-chefe era um perfeccionista grisalho que se preocupava com os seus homens.

— Obrigado, camarada — agradeceu Svyadov.

Petrov foi buscar uma cadeira articulada.

— Sente-se, camarada tenente, descanse as pernas.

O tenente sentou-se e estendeu as pernas para combater as câibras. Os oficiais da VUMUPP tinham-lhe dito da sorte que o bafejava ao ser colocado no Outubro Vermelho. Ramius e Melekhin eram os dois melhores professores da esquadra, homens cuja afabilidade e competência eram apreciadas pelas tripulações.

— Deviam realmente isolar estes tubos — disse Ramius. Melekhin abanou a cabeça.

— Seriam muito mais difíceis de inspeccionar — disse, passando o contador ao comandante.

— Absolutamente seguro — concluiu o comandante da leitura acumulada. — Está-se mais exposto a cuidar de um jardim.

— É verdade — concordou Melekhin. — Os mineiros de carvão estão mais expostos do que nós, devido à libertação de rádon nas minas. Distintivos em mau estado, é o que é. Porque é que não examinamos toda uma caixa?

— Eu podia fazer isso, camarada — respondeu Petrov —, mas, devido à duração do cruzeiro, teríamos de ficar vários dias sem nenhum, o que é contra os regulamentos.

— Tem razão. De qualquer modo, os distintivos são apenas uma medida de segurança dos nossos instrumentos — disse Ramius, apontando para os detectores no círculo vermelho por todo o compartimento.

— Quer mesmo tornar a vistoriar os tubos? — perguntou Melekhin

— Acho melhor - respondeu Ramius.

Svyadov praguejou para dentro, de olhos no chão.

— A segurança nunca é excessiva — disse Petrov, citando doutrina. — Tenha paciência, tenente.

O médico não estava minimamente condoído; preocupara-se seria mente e sentia-se agora muito melhor.

Uma hora mais tarde, terminava a segunda verificação. Petrov levou Svyadov à proa para lhe dar comprimidos de sal e chá, a fim de que se reidratasse. Os oficiais retiraram-se e Melekhin mandou pôr o reactor em funcionamento.

Os marinheiros tornaram aos seus postos, entreolhando-se. Os oficiais acabavam de vistoriar os compartimentos “quentes” com detectores de radiação. O ajudante do médico, que empalidecera, recusava-se a falar. Mais de um maquinista apalpou o distintivo e olhou o relógio, a ver quanto tempo lhe faltava para terminar o quarto.

OITAVO DIA

Sexta-feira, 10 de Dezembro

HMS “Invincible”

Ryan despertou no escuro. As duas pequenas escotilhas do camarote tinham as cortinas corridas. Abanou a cabeça para clarear as ideias e começou a tomar consciência do que acontecia em seu redor. O Invincible balouçava nas águas, menos, porém, do que antes. Ryan levantou-se, espreitou por uma escotilha e viu o último clarão vermelho do Sol, à popa, sob nuvens fugazes. Olhou o relógio, fez um rápido e duvidoso cálculo mental e concluiu que eram seis da tarde, hora local. Dormia, portanto, cerca de seis horas. Sentia-se bastante bem, apesar de tudo. Uma leve dor de cabeça do brande — não obstante a teoria segundo a qual uma boa bebida não dá ressaca — e os músculos rígidos. Fez umas flexões para combater as câibras.

Havia uma pequena casa de banho — um lavatório, melhor — pegado ao camarote. Ryan deitou água na cara e lavou a boca. Não queria olhar para o espelho, mas tinha de olhar. Com vontade ou sem ela, usava o uniforme do seu país e não podia apresentar-se de qualquer maneira. Compôs rapidamente o cabelo e o uniforme. A CIA fizera um belo trabalho de corte, atendendo à pressa. Pronto, saiu a porta em direcção à ponte.

— Sente-se melhor, Jack?

O almirante White apontou-lhe uma bandeja com chávenas. Era apenas chá, mas, enfim...

— Obrigado, almirante. Estas horas de sono fizeram-me realmente bem. Acho que estou pronto para jantar.

— Para tomar o pequeno-almoço — corrigiu-o White com uma gargalhada.

— Que... desculpe, almirante?

Ryan tornou a abanar a cabeça. Sentia-se ainda um pouco tonto

— É o nascer do Sol, comandante. Houve alteração de ordens? Vamos outra vez para ocidente. O Kennedy navega para leste a toda a velocidade e nós vamos para junto da costa.

— Quem mandou, sir?

— O CINCLANT. Suponho que Joshua não gostou nada. Terá de ficar connosco por enquanto e foi por isso que achei melhor deixá-lo dormir. Estava a precisar, via-se.

Devia ter dormido dezoito horas. Não admirava que se sentisse empenado.

— Está com muito melhor aspecto — observou o almirante White da sua cadeira giratória de couro.

Levantou-se, tomou Ryan pelo braço e levou-o à popa.

— Agora vamos tomar o pequeno-almoço. Estava à sua espera. O capitão Hunter explicar-lhe-á as nossas novas ordens. O tempo vai melhorar por uns dias, ao que me informam. As missões de escolta estão também a ser revistas. Vamos operar com o vosso grupo do New Jersey. As nossas operações anti-submarinas vão começar em pleno dentro de doze horas. Foi bom ter dormido umas horas a mais, meu caro. Vai precisar bem delas.

Ryan passou a mão pela cara.

— Posso barbear-me?

— As barbas não são proibidas. Primeiro, o pequeno-almoço.

A zona de oficiais do HMS Invincible não possuía o requinte da do Kennedy, mas andava

por perto. White dispunha de sala de jantar privativa. Um criado de casaco branco serviu-os impecavelmente e pôs um terceiro talher para Hunter, que chegou minutos mais tarde. Quando começaram a falar, o criado foi dispensado.

— Encontramo-nos com duas das vossas fragatas da classe Knox dentro de duas horas. Já as temos no radar. Mais duas 1052, um petroleiro e dois Perrys juntar-se-nos-ão dentro de trinta e seis horas. Regressavam a casa, do Mediterrâneo. Com os nossos navios-escolta, um total de nove vasos. Conjunto apreciável, penso. Operaremos a quinhentas milhas da costa com a força constituída pelo New Jersey e o Tarawa, duzentas milhas a ocidente.

— O Tarawcfl Para que precisamos de um regimento de marines? — perguntou Ryan.

Hunter explicou em poucas palavras.

— Não é má ideia. O engraçado é que, com o Kennedy a correr Para os Açores, ficamos nós a guardar a costa americana. — Hunter sorriu. — É a primeira vez que a Marinha Real faz isto... desde que a América deixou de ser nossa, pelo menos.

— Mas estamos à espera de quê?

— O primeiro Alfa chegará à vossa costa esta noite. Vêm quatro a frente dos outros. A força de superfície soviética passou a Islândia ontem à noite. Está dividida em três grupos. Um centrado no porta-aviões Kiev, com dois cruzadores e quatro contratorpedeiros; o

provavelmente o comando, com o Kirov, três cruzadores e contratorpedeiros; e o terceiro com o Moskva, três cruzadores e sete contratorpedeiros. Parece que os soviéticos tencionam operar com os grupos do Kiev e do Moskva junto à costa, e com o Kirov ao largo... mas a recolocação do Kemededy obrigá-los-á a repensar o esquema. Além disso, a força soviética dispõe de um número considerável de mísseis, e potencialmente estamos muito expostos. Para enfrentar a situação, a vossa Força Aérea vai mandar para aqui um Sentry E-3, a fim de colaborar com os nossos Harriers, e quando nos afastarmos mais para ocidente teremos mais apoio aéreo a partir de bases terrestres. No conjunto, a nossa posição não é nada invejável, mas a de Ivan pouco mais será. Até que ponto a questão tem a ver com a busca do Outubro Vermelho! — Hunter encolheu os ombros. — O modo como conduziremos a nossa operação dependerá de como Ivan se mover. De momento, executamos manobras de perseguição. O primeiro Alfa está oitenta milhas a noroeste da nossa posição, navegando a mais de quarenta nós, e temos um helicóptero atrás dele... pouco mais — concluiu o oficial de operações. — Desce conosco?

— Almirante?

Ryan queria ver o centro de informação de combate do Invincible.

— Com certeza.

Trinta minutos mais tarde, Ryan encontrava-se numa sala tranquila e penumbrosa, cujas paredes eram constituídas por sólidos painéis de instrumentos electrónicos e mostradores de diagramas em vidro. O oceano Atlântico estava cheio de submarinos russos.

A Casa Branca

O embaixador soviético entrou na Sala Oval um minuto antes, às 10 e 59. Era um homem baixo e pesado, com rosto grande, eslavo, e olhos que poderiam pertencer a um altivo jogador profissional: não revelavam nada. Era um diplomata de carreira que servira em vários países por todo o mundo ocidental, e pertencia havia trinta anos ao Departamento dos Negócios Estrangeiros do Partido Comunista.

— Bom dia, senhor presidente, doutor Pelt.

Alexei Arbatov inclinou delicadamente a cabeça aos dois homens. O presidente, reparou logo, estava sentado à secretária. Das outras vezes, o presidente levantava-se para lhe apertar a mão e sentava-se a seu lado.

— Sirva-se de café, senhor embaixador — ofereceu Pelt

O assistente especial do presidente para questões de segurança nacional era bem conhecido de Arbatov, Jeffrey Pelt era professor do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais da Universidade de Georgetown — um inimigo, mas um inimigo com boas maneiras, kulturny. Arbatov apreciava os requintes da formalidade. Pelt ficou de pé ao lado do patrão, sem vontade de se aproximar do urso russo. Arbatov não se serviu de café.

— Senhor embaixador — começou Pelt—, temos notado um perturbador aumento de actividade naval soviética no Atlântico Norte.

— Sim? — Arbatov franziu o sobrolho numa manifestação de surpresa que não enganava ninguém, e ele sabia-o. — Não tenho conhecimento de nada. Como sabe, nunca fui marinheiro.

— Deixemo-nos de disparates, está bem, senhor embaixador? — disse o presidente.

Arbatov não se deixou surpreender pela vulgaridade. Tornava o presidente americano muito russo, o qual, à semelhança dos funcionários soviéticos, parecia necessitar de um profissional como Pelt para limar arestas.

— Os senhores têm neste momento cerca de cem vasos de guerra a operar no Atlântico Norte ou a navegar nesta direcção. O presidente Narmonov e o meu antecessor concordaram, há anos, em que operações desta natureza não se realizariam sem notificação prévia. O objectivo deste acordo, como sabe, era o de impedir actos que pudessem apresentar-se como provocatórios para uma ou outra parte. Este acordo foi respeitado... até agora.

“Agora, os meus conselheiros militares dizem-me que aquilo que parece ser um exercício militar pode ser, de facto, um acto precursor de guerra. Como estabelecer a diferença? Os vossos barcos estão a passar a leste da Islândia e em breve estarão numa posição da qual podem ameaçar as nossas rotas comerciais para a Europa. A situação é, no mínimo, perturbadora e, no máximo, uma grave provocação contra a qual não temos a menor garantia. A envergadura desta acção ainda não foi tornada pública. Mas será e, quando for, Alex, o povo americano exigirá que eu tome uma atitude.

O presidente interrompeu-se, à espera de uma resposta; só obteve um aceno de cabeça.

Pelt continuou o discurso:

— Senhor embaixador, o seu país não hesita em ignorar um acordo durante anos, foi um modelo da cooperação Leste-Oeste. Como pode esperar que pensemos noutra coisa salvo numa provocação?

— Senhor presidente, Dr. Pelt, assegurou-lhes que não sei do que se passa. — Arbatov mentia com a maior sinceridade. — Falarei imediatamente com Moscovo para me informar. Há alguma mensagem que Pretendem que eu transmita?

— Há. Como o senhor e os seus superiores em Moscovo compreenderão — disse o presidente —, ordenaremos aos nossos barcos e aviões que vigiem os vossos; a prudência manda fazê-lo. Não temos a menor intenção de interferir em qualquer operação legítima em que as vossas forças estejam empenhadas. Não temos a menor intenção de vos provocar, mas, ao abrigo do nosso acordo, temos o direito de saber o que se passa, senhor embaixador. Enquanto não soubermos, não poderemos instruir os nossos homens em conformidade. O seu Governo faria bem em pensar que, estando tantos barcos vossos e nossos, os vossos aviões e os nossos, tão perto uns dos outros, se cria uma situação perigosa. Os acidentes acontecem. Uma acção de qualquer dos lados que noutra altura pareceria de todo inofensiva, pode parecer uma coisa muito

diferente. Houve guerras que começaram assim, senhor embaixador. — O presidente recostou-se, dando tempo a Arbatov para digerir as palavras, antes de continuar em tom mais, cordato: — Claro que considero tal possibilidade remota, mas não será irresponsável correr um risco assim?

— Senhor presidente, a sua argumentação é, como sempre, convincente, mas bem sabe que o mar é livre e...

— Senhor embaixador — interrompeu Pelt —, vejamos uma comparação simples. O seu vizinho começa a patrulhar o seu jardim com uma espingarda, enquanto os seus filhos brincam. Nos EUA, isso seria absolutamente legal. Mesmo assim, porém, não ficaria preocupado?”

— Com certeza, doutor Pelt, mas a situação que descreve é muito diferente...

O presidente interrompeu-o:

— Pois é. A situação com que nos defrontamos é muito mais perigosa. É a quebra de um acordo, o que interpreto como particularmente inquietante. Eu tinha a esperança de que havíamos entrado numa nova era das relações soviético-americanas. Resolvemos os nossos diferendos comerciais, firmámos mesmo um novo acordo sobre cereais, no qual o senhor desempenhou papel fundamental. Estávamos a progredir, senhor embaixador. Vai tudo voltar para trás? — O presidente abanou vigorosamente a cabeça. — Espero que não, mas a escolha é vossa. As relações entre os nossos dois países só podem basear-se na confiança.

“Senhor embaixador, não quis de modo algum alarmá-lo. Belt sabe que tenho o hábito de falar com franqueza. Detesto as hipocrisias diplomáticas. Estamos perante uma situação perigosa e devemos agir em conjunto, rapidamente, para a resolver. Os meus comandantes militares estão preocupadíssimos e eu preciso de saber—hoje, que intenção têm as vossas forças navais. aguardo uma resposta até às sete da tarde. Se a não obtiver do senhor embaixador, pedi-la-ei directamente a Moscovo. .

— Senhor presidente — disse Arbatov, levantando-se —, transmitirei a sua mensagem ao meu Governo imediatamente. Agradeço-lhe, no entanto, que tenha em atenção a diferença horária entre Washington e Moscovo...

— Bem sei que entramos em fim de semana e que a União Soviética é o paraíso dos trabalhadores, mas espero, apesar de tudo, que alguns dos seus chefes estejam a trabalhar. Não o demoro mais. Bom dia.

Pelt acompanhou Arbatov até à saída e regressou à sala, sentando-se.

— Se calhar, fui duro de mais — disse o presidente. — Pois foi, sir.

Pelt achara que tinha sido duríssimo. Não gostava dos russos, mas apreciava a delicadeza do comércio diplomático.

— Acho que podemos dizer que se explicou muito bem. — Ele sabe.

— Sabe. Mas não sabe que nós sabemos.

— Julgamos nós. — O presidente fez um trejeito. — Que jogo mais louco! E pensar eu que tinha uma bela e sossegada carreira à minha espera, a meter mafiosos na prisão... Acha que ele morde a isca que lhe lancei?

— “Operações legítimas”? Não o viu torcer as mãos? Vai engoli-la como um peixe engole uma minhoca. — Pelt serviu-se de meia chávena de café, saboreando também a louça de porcelana com orla dourada. — Que será que lhe vão chamar? Operações legítimas... Talvez uma missão de salvamento. Se admitirem tratar-se de um exercício, violarão o protocolo de notificação. Uma operação de salvamento justifica o nível de actividade, a rapidez com que foi desencadeada e a ausência de publicidade. A imprensa deles nunca se refere a este género de coisas. Palpita-me que vão dizer que é uma operação de salvamento, que desapareceu um submarino, por exemplo. Talvez vão ao ponto de dizer que se trata de um submarino nuclear.

— Não, não irão tão longe. Também temos aquele acordo para manter os nossos submarinos nucleares quinhentas milhas ao largo. Arbatov, se calhar, já tem instruções sobre o que nos deve dizer, mas procura ganhar tempo. Também é possível que não saiba de nada. Da maneira que eles compartimentam as informações... Não estaremos a sobreavaliar o talento fingidor de Arbatov?

— Acho que não, sir. Um dos princípios da diplomacia é o de que é preciso saber alguma coisa para mentir convincentemente. O presidente sorriu.

— Bom, já tiveram tempo de mais para brincar. Oxalá a minha reacção, dando-lhes tempo, os não desaponte.

— Não, sir. Alex estava com certeza à espera de ser corrido a Pontapé.

— Tive vontade de o fazer mais de uma vez. Nunca apreciei o diplomático de Arbatov. Há uma coisa nos russos... Lembram-me os patrões da Mafia que eu acusava em tribunal. A mesma cultura e boas maneiras, a mesma ausência de moralidade.

— O presidente abanou a cabeça; falava outra vez como um falcão. — Fique por perto, Jeff. George Farmer está a chegar, mas quero-o aqui quando o nosso amigo reaparecer.

Pelt tornou ao seu gabinete, reflectindo na observação do presidente. Era, disse consigo, cruelmente verdadeira. O mais violento insulto que se podia fazer a um russo instruído era chamar-lhe nekultwny, inculto — o termo não tem tradução rigorosa; todavia, os mesmos homens que se sentavam nos camarotes dourados da Ópera Estatal de Moscovo e choravam no fim da representação de Bons Gudunov eram capazes de rodar nos calcanhares e ordenar a execução ou o encarceramento de uma centena de homens sem pestanejar. Povo estranho, a quem a filosofia política tornava mais estranho ainda. Mas o presidente tinha muitas arestas a limar e Pelt desejava que ele aprendesse a limá-las. Discursar perante a Legião Americana era uma coisa, discutir com o embaixador de uma potência estrangeira era outra, completamente diferente.

Quartel-General da CIA

—CARDINAL está metido em sarilhos, juiz — disse Ritter, sentando-se.

— Não admira.

Moore tirou os óculos e esfregou os olhos. Uma coisa que Ryan não vira era a mensagem secreta do chefe de posto em Moscovo, dizendo que, para enviar a sua última informação, CARDINAL ladeara parte do circuito de comunicação que ligava o Kremlin à Embaixada dos Estados Unidos. O agente, com a idade, tornava-se mais ousado.

— Que diz exactamente o chefe de posto?

— Parece que CARDINAL está hospitalizado com pneumonia. Talvez seja verdade, mas...

— Já é velho, e com um Inverno daqueles... Quem acredita, porém, em coincidências? — Moore pousou os olhos na secretária. — Que acha você que eles farão se o desmascararam?

— Vai morrer sem dar nas vistas. Depende de quem o desmascarou. Se foi o KGB, podem querer tirar partido da proeza, sobretudo agora que o nosso amigo Andropov levou com ele, ao sair, muito do prestígio da organização. Mas acho que não será assim. Tendo o protector que tem, o escândalo seria grande de mais. E o mesmo se passa se tiver sido desmascarado pelo GRU. Não, vão assá-lo durante uma5 semanas e, depois, desfazem-se discretamente dele. Um julgamento público seria contraproducente.

O juiz Moore franziu o sobrolho. Pareciam médicos a falar sobre um doente às portas da morte. Nem sequer imaginava o aspecto de CARDINAL. Havia, algures, um retrato dele nos

arquivos, mas nunca o tinha visto. Era melhor assim. Como juiz de apelação, nunca tivera de olhar um réu nos olhos; competia-lhe apenas examinar a sentença em posição de imparcialidade. Tentava dirigir a CIA no mesmo estilo. Moore não ignorava que este comportamento podia ser assimilado a cobardia, que era muito diferente daquele que as pessoas esperavam de um DCI, mas até os espiões envelhecem, e os velhos cultivam consciências e dúvidas que raramente perturbam os jovens. Era tempo de abandonar a “Companhia”. Quase três anos chegavam. Tinha feito o que esperavam que fizesse.

— Diga ao chefe de posto que esteja quieto. Nada de investigações sobre CARDINAL. Se estiver mesmo doente, teremos notícias dele mais tarde. Se não estiver, também não tardará que o saibamos.

— Muito bem.

Ritter conseguira confirmar o relatório de CARDINAL. Um agente informara que a esquadra tinha partido com suplemento de comissários políticos, outro que a força de superfície era comandada por um professor da Escola Naval e amigo íntimo de Gorshkov que voara para Severomorsk e embarcara no Kirov minutos antes de a esquadra zarpar. O arquitecto naval que se supunha ter concebido o Outubro Vermelho acompanhava-o, tanto quanto se julgava. Um agente britânico informara que os detonadores para as várias armas que guarneciam os barcos de superfície tinham sido retirados à pressa dos seus depósitos em terra. Por fim, havia uma informação não confirmada segundo a qual o almirante Korov, comandante da Esquadra do Norte, não se encontrava no seu posto de comando; o seu paradeiro era desconhecido. Todas estas informações bastavam para confirmar o relatório SALGUEIRO e mais estava ainda para vir.

A Academia Naval dos EUA

— Capitão?

— Como está, almirante? Não quer sentar-se?

Tyler indicou-lhe uma cadeira do outro lado da mesa.

— Tenho uma mensagem do Pentágono para si. — O superintendente da Academia Naval, antigo oficial de submarinos, sentou-se. — Tem um encontro, esta noite, às 19 e 30. A mensagem não diz mais nada.

— Ótimo!

Tyler acabava de almoçar. Trabalhava no programa de simulação desde segunda-feira, praticamente sem descanso. A mensagem significava que teria acesso, naquela noite, ao Cray-2 da Força Aérea, o programa estava quase pronto.

— Que quer isto dizer, afinal?

— Desculpe, sir, mas não posso explicar-lhe. Sabe como é...

A Casa Branca

O embaixador soviético regressou às quatro da tarde. Para impedir que a imprensa soubesse do encontro, fora introduzido no edifício do Tesouro, do outro lado da rua, em frente à Casa Branca, e levado até esta por um túnel cuja existência poucas pessoas conheciam. O presidente esperava abalar-lhe os nervos com estas precauções. Pelt entrou a tempo de poder receber

Arbatov.

— Senhor presidente — disse Arbatov, perfilado (o presidente não lhe conhecia experiência militar) —, recebi instruções para lhe manifestar quanto o meu Governo lamenta não ter tido tempo de o informar do seguinte: um dos nossos submarinos nucleares desapareceu e presumimos que esteja perdido. Neste momento, procedemos a uma operação de busca de emergência.

O presidente acenou de cabeça, discreto, indicando uma cadeira ao embaixador. Pelt sentou-se a seu lado.

— A situação é, de certo modo, embaraçosa, senhor presidente. Na nossa Marinha, como na vossa, as missões atribuídas à guarnição de um submarino nuclear são da maior importância e, por consequência, os escolhidos para as desempenhar contam-se entre os homens mais bem preparados e mais dignos de confiança. Neste caso particular, vários membros da tripulação — isto é, os oficiais—são filhos de altos funcionários do Partido. Um deles é mesmo filho de um membro do Comité Central... Não posso dizer o nome, evidentemente. O grande esforço da Marinha soviética para encontrar os seus homens é compreensível, embora um pouco indisciplinado, tenho de admitir. — Arbatov representava magnificamente o embaraço, falando como se revelasse um importante segredo de família. — O resultado de tudo isto foi uma operação na qual empenhamos todos os nossos meios. Como compreenderá, a decisão foi praticamente tomada de um momento para o outro.

— Estou a ver — disse o presidente, compreensivo. — Assim já me sinto um pouco mais tranquilo, Alex. Jeff, já é tarde, não é? Se nos arranjasse uma bebida? Bourbon, Alex?

— Está bem, obrigado, sir.

Pelt aproximou-se de um armário de pau-rosa, encostado à parede. A peça, antiga, continha um pequeno bar com um balde de gelo, cheio todas as tardes. O presidente gostava de tomar uma ou duas bebidas antes de jantar, coisa que fazia Arbatov sentir-se em casa.

Pelt estava habituado a desempenhar as funções de bormon do presidente. Tornou ao sofá com três copos na mão.

— Para lhe dizer a verdade, já suspeitávamos de que se tratava de uma operação de salvamento — disse Pelt.

— Não percebo como é que se confiam missões tão delicadas a novatos.

O presidente provou a sua bebida; Arbatov tomou um bom gole. (Costumava dizer nas recepções que preferia o bourbon americano ao seu vodka. Talvez fosse verdade.

— Já perdemos dois submarinos nucleares, se me não engano — continuou o presidente. — E vocês? Três, quatro?

— Não sei, senhor presidente. As suas informações a esse respeito devem ser melhores do que as minhas. — O presidente registou para consigo que Arbatov dissera pela primeira vez a verdade naquele dia. — É claro que concordo com o senhor. São missões perigosas e exigentes.

— Quantos homens a bordo, Alex? — perguntou o presidente.

— Não faço ideia. Mais ou menos cem, suponho. Nunca estive a bordo de um vaso de guerra.

— Na maioria garotos, se calhar, como acontece connosco. É, sem dúvida, triste ter de dizer que os nossos países, devido a suspeitas mútuas, condenam tantos dos nossos melhores jovens a tais riscos. E sabemos que alguns nunca mais regressam. Mas... como poderia ser de outra maneira?

O presidente interrompeu-se e virou-se para olhar pela janela. A neve derretia em South Lawn. Era altura de passar à segunda fase.

— Talvez possamos ajudar — sugeriu. — Sim, talvez possamos utilizar esta tragédia como uma oportunidade para reduzir em alguma medida as tais suspeitas. Talvez possamos fazer algo de bom para demonstrar que as nossas relações realmente melhoraram.

Pelt desligou-se da conversa, à procura do cachimbo. A sua amizade com o presidente levava já muitos anos, mas nunca percebera a sua ousadia. Pelt conhecera-o na Universidade de Washington, quando se diplomava em Ciências Políticas e o presidente frequentava os Preparatórios de Direito. Nessa época, o chefe do Executivo presidia ao grupo dramático. Sem dúvida que a sua experiência de amator teatral o ajudara na carreira de jurista. Dizia-se que pelo menos um Patrão da Mafia progredira à custa de pura retórica. O presidente considerava esta qualidade como a única apreciável no mafioso.

— Senhor embaixador, ofereço-lhe o auxílio e os recursos dos Estados Unidos para a operação de busca dos seus compatriotas desaparecidos.

— É muito amável, senhor presidente, mas...

— Não há mas, Alex — disse o presidente, erguendo a mão. — Se não podemos cooperar numa situação destas, como o poderemos fazer em questões mais graves? Devo recordar-lhe que, no ano passado quando um dos nossos aviões de patrulha se despenhou ao largo das Aleutas, um dos vossos barcos de pesca — uma traineira espia, na realidade — recolheu a tripulação, salvando-lhes a vida. Alex, estamos em dívida para com o seu país, uma dívida de honra, e os Estados Unidos não são ingratos. — Interrompeu-se, dramatizando o discurso. — Provavelmente estão todos mortos, bem sabe. Creio que as possibilidades de sobreviver a um acidente submarino não são maiores do que as de sobreviver à queda de um avião. Mas, pelo menos, as famílias dos tripulantes saberão que nos esforçamos. Jeff, temos equipamento especializado para operações de salvamento submarinas, não temos?

— Com tanto dinheiro que damos à Marinha, temos de ter. Tratarei disso com Foster.

— Muito bem — disse o presidente. — Alex, bem sei que não será legítimo esperar que um gesto tão insignificante desfaça as nossas suspeitas mútuas. A vossa história e a nossa conspiram contra nós. Mas por algum lado se há-de começar. Se apertamos as mãos no espaço ou sobre uma mesa de conferências, em Viena, certamente o poderemos também fazer neste caso. Darei as necessárias instruções aos meus comandantes, mal terminemos este encontro.

— Obrigado, senhor presidente — disse Arbatov, ocultando o seu nervosismo.

— E, por favor, apresente os meus respetos ao presidente Narmonov e a minha solidariedade às famílias dos homens desaparecidos. Agradeço-lhe e a si também o ter-nos informado do que se passa.

— Com certeza, senhor presidente.

Arbatov levantou-se e saiu, depois de ter cumprimentado o presidente e o Dr. Pelt. Que pretendiam realmente os americanos? Prevenira Moscou: digam que se trata de uma missão de salvamento e verão como eles querem logo ajudar. Era a estúpida época do Natal e os americanos eram doidos por dar a todas as histórias um fim feliz. Um disparate não lhe terem chamado outra coisa — o protocolo que fosse para o diabo.

Ao mesmo tempo, não podia deixar de admirar o presidente americano. Um homem estranho, muito aberto, todavia cheio de astúcia. Quase sempre amigável, mas sempre pronto a tirar partido das situações. Lembrou-se das histórias que a avó lhe contava acerca das ciganas que roubavam bebês. O presidente americano era muito russo.

— Bom — disse o presidente, depois de fechada a porta—, agora podemos trazê-los debaixo de olho sem que eles se possam queixar. Mentem e sabemos disso — mas eles não sabem que nós sabemos. E nós mentimos e eles certamente desconfiam, mas não sabem porquê. Meu

Deus! E eu que lhe disse esta manhã que a ignorância do que se passava era perigosa! Jeff, tenho estado a pensar... Não me agrada nada ver tantos barcos nossos a operar ao largo da nossa costa. Ryan tinha razão: o Atlântico é o nosso oceano. Quero que a Força Aérea e a Marinha o cubram palmo a palmo! É o nosso oceano e eles têm de saber isso! — O presidente acabou a sua bebida. — Quanto ao submarino, quero que os nossos especialistas o estudem bem. E cá estaremos para os tripulantes que pretenderem desertar. Tudo muito discreto, claro.

— Claro. Bem vistas as coisas, ficar com os oficiais é o mesmo que ficar com o submarino. Um golpe de mestre.

— Mas a Marinha não vai querer largá-lo.

— Não sei como isso será possível sem eliminar os tripulantes... coisa que não podemos fazer.

— Pois não. — O presidente chamou o secretário pelo intercomunicador. — Quero falar com o general Hilton.

O Pentágono

O centro de computadores da Força Aérea ficava na subcave do Pentágono. A temperatura da sala era inferior a vinte e um graus. O suficiente para que Tyler sentisse a perna doer no contacto com a prótese de metal e plástico. Já estava, porém, habituado.

Tyler sentava-se à consola de controle. Acabava de ensaiar o programa chamado MOREJA, do nome do feroz animal que habita os rochedos oceânicos. O capitão Tyler orgulhava-se do seu talento como programador. Retirara o velho programa dos arquivos do Laboratório Taylor, adaptara-o à linguagem de computador do Departamento da Defesa, ADA—do nome de Lady Ada Lovelace, filha de Lord Byron— e, depois, actualizara-o. Para a maior parte dos técnicos, este trabalho demoraria um mês; ele fizera-o em quatro dias, trabalhando praticamente sem interrupção, não só porque o dinheiro constituía um atraente incentivo, mas também porque o projecto equivalia a um desafio profissional. Concluiu-o, satisfeito consigo próprio, tendo verificado que era capaz de resolver o impossível e ainda lhe sobrar tempo. Eram oito da noite. O MOREIA acabava de ser submetido a um teste de uma variável e resistira. Estava pronto.

Tyler nunca tinha visto o Cray-2, excepto em fotografia, e agradava-lhe a oportunidade de o poder utilizar. O Cray-2 era constituído por cinco unidades de forma mais ou menos pentagonal, com cerca de um metro e oitenta de altura e um metro e vinte de largura. A unidade maior era o processador principal; as outras quatro eram memórias dispostas em cruz. Tyler escreveu no teclado, para introduzir as diversas variáveis. Para cada uma das principais dimensões do Outubro Vermelho — comprimento, largura e altura — introduziu dez valores numéricos discretos. Introduziu, depois, seis valores subtilmente diferentes, relativos à forma do casco e aos coeficientes prismático e de velocidade. Eram cinco os conjuntos das dimensões do túnel, o que dava origem a mais de trinta mil permutações possíveis. Escreveu depois dezoito variáveis de energia para cobrir a gama de sistemas de propulsão admissíveis. O Cray-2 absorveu esta informação e colocou cada número na posição devida. Estava pronto para funcionar.

— Okay — anunciou Ryan ao operador de sistemas, um sargento-ajudante da Força Aérea.

— Muito bem.

O sargento escreveu “XQT” no terminal e o Cray-2 começou a trabalhar. Tyler aproximou-se da consola do sargento.

— É um programa muito demorado, sít. — O sargento pousou uma nota de dez dólares

em cima da consola. — Aposto dez dólares em como o meu pequenino responde em dez minutos.

— Nem pensar. — Tyler pousou a sua nota ao lado da do sargento. — Quinze minutos.

— Ganha o que ficar mais perto?

— Está bem. Onde é a casa de banho?

— Saindo a porta, vira à direita, sir, desce o corredor e é à esquerda.

Tyler encaminhou-se para a porta. Desgostava-o não poder deslocar-se sem coxear, mas quatro anos depois do acidente o defeito já não o incomodava muito. Estava vivo e isso é que interessava. O acidente ocorrera numa noite fria e clara, em Groton, no Connecticut, a um quarteirão da entrada principal do estaleiro. Numa sexta-feira, às três da manhã, regressava a casa de carro, após um dia de vinte e quatro horas ocupado em preparar o submarino que comandaria para se fazer ao mar. O técnico civil tivera também um longo dia e parara para beber, conforme a polícia apurara mais tarde, coisa que fazia com excessiva frequência. Tinha entrado no carro, passado um sinal vermelho e batido de lado no Pontiac de Tyler, a oitenta quilómetros por hora. Para ele, o acidente havia sido fatal; o capitão tivera mais sorte. Estava num cruzamento e tinha luz verde; quando viu a frente do Ford a menos de meio metro da sua porta esquerda, era demasiado tarde. Não se lembrava de ter mergulhado contra a montra de uma loja de penhores; na semana seguinte, lutando contra a morte no hospital de Yale-New Haven, não se lembrava de nada. A única recordação que possuía era a de ter despertado oito dias depois, como viria posteriormente a saber, e de ver a mulher, Jean, a segurar-lhe a mão. Até essa altura, o seu casamento tinha sido difícil, coisa vulgar para oficiais de submarinos nucleares. A visão que teve não fora agradável — Jean de olhos injectados e cabelo desgrenhados mas nunca lhe parecera tão bela. Nunca antes tivera a noção de como Jean lhe fazia falta. Muito mais do que metade de uma perna.

— Capitão! Capitão Tyler!

O antigo comandante de submarinos virou-se, inseguro, e viu um oficial da Marinha, correndo na sua direcção.

— Johnnie Coleman! Como diabo estás tu?

Coleman era agora capitão, reparou Tyler. Tinham servido juntos por duas vezes, um ano no Tecumseh, outro no Shark. Coleman, perito em armas, comandara dois submarinos nucleares.

— Como vai a família, capitão?

— Jean está ótima. Tenho cinco filhos e outro a caminho.

— Fantástico! — Apertaram as mãos com entusiasmo. — Foste sempre um garanhão. Ouvei dizer que ensinavas em Annapolis.

— É verdade, e também me dedico um pouco à engenharia. — Que fazes aqui?

— Estou a trabalhar no computador da Força Aérea. A verificar uma nova configuração de barco para o Comando dos Sistemas Marítimos. — A versão era razoavelmente verdadeira. — E tu que fazes?

— Estou no gabinete do OP-02. Sou chefe de Estado-Maior do almirante Dodge.

— Sim?

Tyler ficou impressionado. O vice-almirante Sam Dodge era o OP-02. O gabinete do chefe-adjunto das operações navais da guerra submarina possuía controle administrativo sobre todos os aspectos das operações submarinas.

— E tens muito que fazer?

— Se tenho! Isto está a ficar feio.

— Feio? A que te referes? — Tyler não ouvia noticiários nem lia os jornais desde segunda-

feira.

— Estás a brincar ou quê?

— Tenho estado a trabalhar neste programa de computador vinte e quatro horas por dia desde segunda-feira e já não recebo informações operacionais.

Tyler franziu o sobrolho. Ouvira qualquer coisa na Academia, mas não prestara grande atenção. Era do género de se concentrar apenas numa coisa de cada vez.

Coleman olhou o corredor num e noutra sentido. Era um fim de tarde de sexta-feira e estavam os dois sozinhos.

— Acho que te posso dizer. Os nossos amigos russos estão a realizar um exercício de grande envergadura. Têm toda a Esquadra do Norte no mar, ou quase. E submarinos por toda a parte.

— Para quê, Não sabemos ao certo. Parece que se entregam a uma grande operação de busca e salvamento. Não se sabe é do que andam à procura. Têm quatro Alfas a navegar a toda a velocidade em direcção à nossa costa, mais uma série de Victors e Charlies atrás deles. A princípio, pensámos que pretendiam bloquear as rotas comerciais, mas qual quê! Não quiseram saber delas para nada. Dirigem-se mesmo para a nossa costa e, seja lá o que for que tenham em mente, estamos a receber toneladas de informações.

— Quantas unidades deslocam? — perguntou Tyler.

— Cinquenta e oito submarinos nucleares e aí uns trinta vasos de superfície.

— Meu Deus! O CINCLANT deve estar doido!

— Claro. Sabes como é, capitão. Temos toda a esquadra no mar. Os nossos marinheiros foram todos tirados da cama e correm a tomar posição. Os nossos Lockheed P-3 sobrevoam o Atlântico ou para lá se dirigem. — Coleman interrompeu-se. — Ainda tens acesso a informações secretas, não tens?

— Tenho. Como trabalho em Crystal City... Fiz um estudo sobre o novo Kirov.

— Sun, para isso é que tens jeito. Foste sempre um engenheiro de primeira. Sabes que o velho ainda fala daquele trabalho que fizeste no Tecumsehl Talvez consiga levar-te a falar com ele para ficares a saber o que se passa. Vou pedir-lhe.

Tyler fizera com Dodge o seu primeiro cruzeiro, após ter concluído o curso na Escola Naval. Procedera a uma delicada reparação no equipamento auxiliar de um reactor duas semanas antes do previsto, com um pouco de esforço criativo e algumas peças sobresselentes obtidas por baixo de mão. O feito valera-lhe, e a Dodge, um bonito louvor.

— Aposto em como o velho gostará de te ver. Quando é que acabas o trabalho aqui?

— Dentro de meia hora, mais ou menos. — Sabes onde estamos?

— Mudaram o OP-02?

— Não, está no mesmo sítio. Telefona-me quando acabares. A minha extensão é o 78730. Agora tenho de ir.

— Está bem.

Tyler viu o seu velho amigo desaparecer no corredor e continuou em direcção à casa de banho, perguntando a si próprio que estariam os russos a fazer. Fosse o que fosse, era o suficiente para obrigar um almirante de três estrelas e um capitão de quatro listas a trabalhar numa noite de sexta-feira, na época do Natal.

— Onze minutos, cinquenta e três segundos e dezoito décimos, sir — disse o sargento, guardando as duas notas.

O computador produzira mais de duzentas páginas de dados. A folha de cima apresentava uma curva sinusoidal de soluções de velocidade por baixo, a curva de previsão de ruído. As

soluções individuais estavam inscritas nas outras folhas. As curvas eram, conforme previra, confusas. A curva de velocidade mostrava a maioria das soluções entre os dez e os doze nós, variando a gama total entre os sete e os dezoito. A curva de ruído era surpreendentemente baixa.

— Sargento, tem aqui uma máquina formidável.

— A quem o diz, sir. É digna de confiança. Nem uma única falha electrónica durante o mês todo.

— Posso telefonar?

— Com certeza, sir.

— Obrigado, sargento. — Tyler pegou no telefone mais próximo. — Ah... anule o programa.

— Muito bem. — O sargento dactilografou instruções. — O MOREIA... desapareceu. Guardou cópia, sir?

Tyler confirmou de cabeça e marcou um número.

— OP-02A, capitão Coleman. Johnnie, fala Tyler.

— Até que enfim! O velho quer ver-te. Podes vir já.

Tyler guardou a folha do computador na pasta, que fechou à chave. Agradeceu mais uma vez ao sargento antes de sair, coxeando e lançando um último olhar ao Cray-2. Precisaria de tornar ali.

Como não conseguisse encontrar um elevador em funcionamento, teve de subir, com algum esforço, uma pequena rampa. Cinco minutos depois, achou um marine a guardar o corredor.

— É o comandante Tyler, sir? — perguntou o guarda. — Pode identificar-se, por favor?

Tyler mostrou ao cabo o passe do Pentágono, perguntando a si próprio quantos antigos oficiais de submarinos só com uma perna existiriam ali.

— Obrigado, comandante. Ao fundo do corredor, por favor. Conhece a sala, sir?

— Conheço. Obrigado, cabo.

O vicenalmirante Dodge estava sentado ao canto de uma secretária, a ler mensagens em papel fino. Dodge era um homem baixo e combativo, que fizera a sua reputação no comando de três barcos e a orientar o longo programa de desenvolvimento dos submarinos de ataque da classe Los Angeles. Era agora “Grande Golfinho”, o almirante que travava todas as batalhas com o Congresso.

— Capitão Tyler! Que bom aspecto o seu, rapaz.—Dodge olhou furtivamente a perna de Tyler, ao aproximar-se para o cumprimentar. — Dizem-me que está a fazer um belo trabalho na Academia.

— Corre tudo bem, sir. Até me deixam espiar o rãguebi.

— Uma pena não o deixarem espiar o Exército.

Tyler ergueu a cabeça, teatral.

— Mas eu espiei o Exército, sir. Este ano foram duríssimos. Ouviu falar no médio, não ouviu?

— Não. Que aconteceu? — perguntou Dodge.

— Meteu-se em brios, como era seu dever, e eles mandaram-uo para Fort Knox... não para estudar tanques, mas para ser um tanque.

— Ah, ah! — riu Dodge. — Johnnie diz que você tem uma data de filhos.

—O sexto deve nascer em Fevereiro — respondeu Tyler, orgulhoso.

— O sexto? Será você católico ou mórmon? Onde vai você parar com tanta incubação?

Tyler olhou de mau humor o seu antigo chefe. Nunca compreendera tal preconceito na Marinha nuclear. O responsável era Rickover, que tinha inventado o aviltante termo incubação

para designar a procriação de mais de um filho. Que mal havia em ter filhos?

— Almirante, como já não sou marinheiro, tenho de fazer qualquer coisa à noite e nos fins-de-semana. — Tyler ergueu o sobrolho, lúbrico. — Dizem-me que os russos andam a brincar connosco.

Dodge assumiu de imediato uma expressão séria.

— Pois andam. Cinquenta e oito submarinos — todos os submarinos nucleares da Esquadra do Norte — navegando para aqui, mais um enorme grupo de superfície e a maior parte das unidades de apoio que têm.

— Para quê?

— Se souber, diga-me. Venha cá ao meu santuário.

Dodge levou Tyler a uma sala onde havia outro novo dispositivo, um écran que mostrava o Atlântico Norte desde o Trópico de Câncer ao gelo polar. Nele estavam assinaladas centenas de barcos. Os mercantes eram brancos, com bandeiras identificando a nacionalidade; os soviéticos eram vermelhos e as suas formas indicavam o tipo de vaso; os americanos e os aliados eram azuis. O oceano começava a ficar atafalhado.

— Senhor!

— Pois é — corroborou Dodge, sombrio. — Que está você autorizado a saber?

— Informações ultra-secretas e algumas coisas especiais, sir. Vejo tudo o que temos sobre o equipamento militar soviético e trabalho para os Sistemas Marítimos.

— Johnnie disse-me que foi você quem fez o estudo do novo Kirov que eles acabam de mandar para o Pacífico. Nada mau, aliás.

— Estes dois Alfas rumam a Norfolk?

— Parece. E queimam neutrões que é uma beleza. — Dodge apon* tou-os. — Este navega para o estreito de Long Island como para bloquear a entrada de New London; este vai para Boston, penso. Estes Victors seguem-nos de perto. Já têm a maior parte dos portos britânicos debaixo de olho. Na segunda-feira, terão dois ou mais submarinos ao largo dos nossos principais portos.

— Não gosto nada disto, sir.

— Nem eu. Como vê, temos praticamente tudo no mar. O curioso é que... aquilo que eles pretendem não faz sentido. Eu...

O capitão Coleman entrou.

— Vejo que recebeu o filho pródigo, sir — disse Coleman.

— Seja simpático com ele, Johnnie. Acho que ainda me lembro de quando ele era um razoável comandante de submarinos. Bom... A princípio, parecia que iam bloquear as SLOC, mas passaram adiante. Agora, com estes Alfas, podem tentar bloquear a nossa costa.

— E a ocidente qual é o panorama?

— A ocidente, nada. Absolutamente nada, apenas rotina.

— Isso não faz sentido — objectou Tyler. — Pôr de parte metade da Armada... Claro que quando se parte para a guerra não se avisa o inimigo pondo todos os barcos a correr...

— Os russos são muito especiais, capitão — disse Coleman. — Almirante, se começássemos a disparar...

— Aleijávamo-los — disse Dodge. — Com tanto barulho que fazem, sabemos perfeitamente onde estão todos, ou quase. Ora, eles não ignoram isso. É o que me leva a pensar que não se trata de um acto de guerra. São suficientemente espertos para não se exporem assim... salvo se quiserem que pensemos o contrário.

— Já disseram alguma coisa? — perguntou Tyler.

— O embaixador diz que perderam um submarino e, como estão a bordo filhos de grandes chefões, que lançaram uma operação de salvamento, recorrendo a tudo o que têm. Se é verdade ou mentira...

Tyler pousou a pasta e aproximou-se do écran.

— Hun, admito que se trate de uma operação de busca e salvamento, mas... para quê bloquear os nossos portos? — Interrompeu-se, pensando rapidamente, enquanto corria os olhos pela parte de cima da imagem. — Sir, não vejo nenhum submarino equipado com mísseis.

— Estão atracados, todos, nos dois oceanos. O último Delta amarrou há poucas horas. É curioso, não é? — observou Dodge, tornando a olhar o écran.

— Todos, sir? — perguntou Tyler o mais naturalmente possível. Algo lhe viera à ideia. A imagem mostrava o Bremerton no mar de Barents, mas nem sinal da sua presa. Esperou um momento pela resposta. Como não obtivesse nenhuma, virou-se e viu os dois oficiais a fitá-lo.

— Porque pergunta? — disse Dodge em voz afável.

A afabilidade, em Sam Dodge, podia ser uma luz vermelha de aviso. Tyler reflectiu rapidamente. Dera a sua palavra a Ryan. Poderia responder sem a pôr em causa e descobrir o que pretendia? Sim. Havia uma faceta de investigador no carácter de Tyler e, uma vez no limiar de uma descoberta, já não podia parar.

— Almirante, eles têm algum novo submarino no mar, um submarino equipado com mísseis?

Dodge empertigou-se. Mesmo assim, tinha de erguer os olhos para encarar Tyler. Falou em tom glacial.

— Onde foi, exactamente, que obteve essa informação, comandante? Tyler abanou a cabeça.

— Lamento, almirante, mas não posso dizer. É reservada, sir. Penso, no entanto, que o senhor deveria conhecê-la e farei por que assim aconteça.

Dodge mudou de tática.

— Você trabalhou para mim...

O almirante sentia-se magoado. Quebrara as regras para mostrar uma coisa a um antigo subordinado, porque o conhecia bem e lamentava que não tivesse recebido o comando pelo qual tanto lutara. Tyler, tecnicamente, era um civil, não obstante vestir de azul-marinho. O que agravava a situação era o facto de Tyler saber qualquer coisa. Dodge facultara-lhe informações e Tyler não retribuía.

— Sir, dei a minha palavra — desculpou-se Tyler. — Tentarei que o senhor seja também informado, prometo. Posso telefonar?

Havia quatro telefones na sala. Dodge respondeu de mau modo:

— Lá fora,

Tyler saiu e sentou-se a uma secretária. Tirou a agenda do bolso do casaco e marcou o número do cartão que Ryan lhe dera. — Acres—respondeu uma voz feminina.

— Posso falar com o doutor Ryan, por favor?

— O doutor Ryan não se encontra aqui de momento.

— Então... com o almirante Greer, por favor. — Um momento, por favor.

— James Greer? — Dodge estava atrás dele. — É para ele que você trabalha?

— Fala Greer. Você chama-se Tyler?

— Chamo, sir.

— Tem informações para me dar?

— Tenho, sir.

— Onde está?

— No Pentágono, sir.

— Venha para cá imediatamente. Sabe onde é? Os guardas da entrada principal estarão à sua espera. Despache-se, rapaz.

Greer desligou.

— Você trabalha para a CIA? — perguntou Dodge.

— Sir... não posso dizer. Agora, se me desculpa, tenho de dar umas informações...

— As minhas?

— Não, sir. Já as conhecia quando aqui entrei. É verdade, almirante. Tentarei pô-lo ao corrente do que se passa.

— Telefone-me — ordenou Dodge. — Estarei aqui toda a noite.

Quartel-General da CIA

A subida da Avenida George Washington foi mais fácil do que esperara. A velha auto-estrada abarrotava de pessoas que faziam compras, mas se deslocavam sem parar, embora lentamente. Saiu pela direita e viu-se frente ao posto da guarda da entrada principal da CIA. A barreira estava descida.

— Chama-se Tyler, Oliver W.? — perguntou o guarda. — Identifique-se, por favor.

Tyler passou-lhe o cartão de acesso ao Pentágono.

— Muito bem, comandante. Pare o carro em frente da entrada principal. Esperam-no lá.

Gastou dois minutos a atravessar zonas de estacionamento quase todas desertas, reluzindo da neve derretida na véspera, feita gelo. O guarda armado que o aguardava quis ajudá-lo a sair do automóvel. Tyler detestava ser ajudado. Dispensou-o com um gesto. Esperava-o outro homem sob o toldo da entrada. Indicaram-lhes o elevador.

O almirante Greer estava sentado no seu gabinete, diante do fogão de sala, meio adormecido, parecia. Tyler ignorava que o DDI acabava de regressar de Inglaterra havia poucas horas. O almirante abriu os olhos e ordenou ao seu agente de segurança, trajando à civil, que se retirasse.

— Deve ser o capitão Tyler. Sente-se aqui.

— Que belo fogo, sir.

— Devia apagá-lo. Olhar para o lume faz-me sono. Claro que era muito capaz de dormir agora mesmo. Então que tem para me dizer?

— Posso perguntar onde está Jack?

— Pode. Não está cá.

— Oh...

Tyler abriu a pasta e tirou as folhas do computador.

— Sir, fiz o programa para um modelo de comportamento deste Submarino russo. Posso saber como se chama?

Greer riu por entre dentes.

— Está bem, você merece. Chama-se Outubro Vermelho. Vai desculpar-me, mas... Há dois dias que não paro e o cansaço faz-me esquecer as boas maneiras. Jack diz que você é um génio. E a sua ficha pessoal diz a mesma coisa. Diga lá, então. Como é que funciona?

— Bem, almirante, temos aqui uma grande variedade de dados para escolher e...

— Um resumo, comandante. Eu não brinco com computadores. Tenho quem me faça isso.

— Entre sete e dezoito nós, a melhor opção é de dez a doze. Nesta gama de velocidades, o

nível de ruído é semelhante ao de um Yankee a seis nós, mas devemos ter em conta o ruído do reactor. Além disso, o tipo de ruído será diferente daquele a que estamos habituados. Estes modelos de impulsores múltiplos não produzem ruídos normais de propulsão; parecem gerar um ruído irregular harmónico. Jack falou-lhe nisto? Provém de uma onda de contrapressão nos túneis. Ao opor-se ao fluxo de água, provoca o ruído. Claro que não há maneira de o evitar. Os nossos especialistas gastaram dois anos tentando, e o que descobriram foi um novo princípio da hidrodinâmica. A água funciona praticamente como o ar num motor a jacto a baixa velocidade ou em ponto morto, só que a água não se comprime como o ar. Portanto, os nossos técnicos serão capazes de detectar qualquer coisa, mas uma coisa diferente daquelas a que estão habituados. Terão de se habituar a uma nova assinatura acústica. Isto mais a baixa intensidade do sinal faz o barco mais difícil de detectar do que todos os que eles actualmente possuem.

— Portanto, é isso...—disse Greer, folheando os papéis.

—'É, sir. Valia a pena os seus técnicos estudarem o modelo. O modelo — quer dizer, o programa — pode ser melhorado. Tive pouco tempo. Jack disse-me que o senhor estava com pressa. Posso fazer uma pergunta, sir?

— Experimente.

Greer recostou-se e esfregou os olhos.

— O... o Outubro Vermelho está no mar? Está, não está? Tentam localizá-lo, não é? — perguntou Tyler, inocente.

— Mais ou menos isso. Não conseguíamos descobrir para que serviam as tais portas. Ryan disse-nos que você era capaz de descobrir e parece que tinha razão. Merece o dinheiro, comandante. Estes dados talvez nos permitam encontrar.

— Almirante, penso que o Outubro Vermelho se prepara para qualquer coisa, provavelmente para desertar para os Estados Unidos.

Greer rodou a cabeça.

— Que o leva a pensar isso?

— Os russos têm em marcha uma operação naval de grande envergadura. Têm submarinos por todo o Atlântico e parece que tentam bloquear a nossa costa. A versão oficial é que se trata de uma operação de busca de um submarino desaparecido. Muito bem; só que, na segunda-feira, aparece-me Jack com fotografias de um novo submarino equipado com mísseis... e hoje venho a saber que todos os outros submarinos soviéticos do mesmo tipo foram mandados regressar à base. — Tyler sorriu. — São coincidências a mais, sir.

Greer virou-se e olhou o fogo. Acabava de entrar para a DIA quando o Exército e a Força Aérea tinham concluído o ousado ataque ao campo de prisioneiros de Song Tay, trinta e dois quilómetros a oeste de Hanói. O ataque saldara-se num malogro porque os norte-vietnamitas haviam reunido todos os pilotos capturados uma semana antes, algo que a fotografia aérea não podia determinar. Tudo o mais, porém, decorrera perfeitamente. Após ter penetrado centenas de quilómetros em território inimigo, a força atacante apareceu completamente de surpresa e apanhou muitos guardas do campo literalmente com as calças na mão. Os Boinas Verdes executaram uma perfeita manobra de cerco e limpeza. Mataram várias centenas de militares inimigos e sofreram apenas uma baixa ligeira, um tornozelo partido. O mais impressionante da missão, contudo, fora o segredo. A operação PARAFUSO tinha sido ensaiada durante meses e, a despeito da sua natureza e do seu objectivo, nem amigo nem inimigo suspeitava dela — até ao dia do assalto. Nesse dia, um jovem capitão dos serviços secretos da Força Aérea entrara no gabinete do seu general a perguntar se havia sido lançada uma operação no Vietname do Norte contra o campo de prisioneiros de guerra de Song Tay. O comandante, atónito, sondara

detidamente o capitão e viera a saber que o jovem e brilhante oficial, tendo apanhado uma coisa aqui, uma coisa ali, acabara por obter um quadro integral do que se preparava. Factos desta natureza criavam úlceras pépticas aos oficiais de segurança.

— O Outubro Vermelho vai desertar, não vai? — insistiu Tyler. Se o almirante tivesse dormido o suficiente teria iludido a questão;

assim, a sua resposta foi um erro. — Foi Ryan quem lhe disse isso? — Não vejo Jack desde segunda-feira, sir. Palavra.

— Então onde obteve essa informação?

— Almirante, eu já vesti de azul-marinho. A maior parte dos meus amigos ainda veste. Tenho ouvidos — disse Tyler, fugindo à pergunta. — Percebi tudo há uma hora. Os russos nunca mandaram regressar à base todos os seus submarinos com mísseis ao mesmo tempo. Eu sei, costumava persegui-los.

— Jack pensa o mesmo que você — disse Greer, suspirando. — Ele está no mar, agora. Comandante, se disser isso a mais alguém, garanto-lhe que a sua outra perna vai ali para cima do fogão. Percebeu?

— Percebi, sir. Que vamos fazer ao submarino?

Tyler sorriu consigo, pensando que, como qualificado consultor do Comando dos Sistemas Marítimos, teria certamente oportunidade de ver um submarino russo por dentro.

— Devolvê-lo. Depois de o espiolharmos, claro. Mas podem acontecer muitas coisas que nos impeçam de o ver.

Tyler demorou algum tempo a entender o que ouvira.

— Devolvê-lo? Valha-me Deus! Mas porquê?

— Comandante, que pensa que está realmente a passar-se? Pensa que toda a tripulação de um submarino decidiu, de repente, cair nos nossos braços? — Greer abanou a cabeça. — O mais certo é serem apenas os oficiais, e talvez nem todos. E estarem a fazer os possíveis para a tripulação não se aperceber de que vem para aqui.

— Oh... — Tiller reflectiu. — Sim, isso faz sentido, mas... porquê devolvê-lo? Isto não é o Japão. Se alguém pousar aqui com os MiG-25 não vamos devolver o aparelho.

— Isto é muito diferente de apanharmos um caça desgarrado. O submarino vale um bilião de dólares, mais, se contar com os mísseis e as ogivas nucleares. E legalmente, diz o presidente, pertence-lhes. Portanto, se descobrem que o temos, pedi-lo-ão de volta e nós teremos de o entregar. Como vão saber que o temos? Pelos tripulantes que, não querendo desertar, pedirem para voltar a casa. Quem quiser regressar, regressa,

— Quem quiser regressar, sir, vai ver-se metido num penico de sarilhos, bem sabe... Desculpe, sir.

— Um grande penico. — Tyler não sabia que Greer era um “cavalo selvagem”, capaz de praguejar como um marinheiro. — Alguns quererão ficar, a maioria não. Têm família. Já sei o que me vai perguntar. Se não o podemos fazer desaparecer.

— Não foi ideia que não tivesse tido — respondeu Tyler.

— Nós também tivemos. Mas é impossível. Matar uma centena de homens? Mesmo que estivéssemos dispostos a fazê-lo, não o poderíamos esconder. No nosso tempo não se ocultam coisas dessas. Duvido até de que os soviéticos pudessem. Por outro lado, não é coisa que se faça em época de paz. Eis uma diferença entre nós e eles. Ponha estas razões pela ordem que lhe apetecer.

— Portanto, se não fosse a tripulação, ficávamos com ele...

— Sim, se pudséssemos escondê-lo. E se um porco tivesse asas, voava.

— Há muitos sítios para o esconder, almirante. Sou capaz de lhe dizer já uma série deles, aqui em Chesapeake. E se o submarino contornasse o Horn, poderíamos utilizar milhões de pequenos atóis, todos nossos.

— Mas a tripulação saberia e, quando regressasse a casa, diria aos chefes — explicou Greer, paciente. — E Moscou pediria a sua devolução. Claro que teremos uma semana ou duas para realizar, digamos, inspecções de segurança e quarentena, para nos certificarmos de que não tentam introduzir cocaína no país. — O almirante riu. — Um almirante britânico sugeriu que invocássemos o velho tratado sobre tráfico de escravos. Não sei quem o invocou, na Segunda Guerra Mundial, para deitar a mão a um navio alemão que furara o bloqueio, pouco antes de entrarmos no conflito. De qualquer modo, ficaremos a saber muita coisa.

— O melhor era ficar com ele, operá-lo, desmontá-lo...—disse Tyler em voz baixa, os olhos fitos nas chamas branco-alaranjadas do carvalho.

“Como poderíamos ficar com ele?”, perguntou a si próprio. Um ideia começou a formar-se na sua cabeça.

— Almirante, e se pudéssemos despachar a tripulação sem esta saber que tínhamos o submarino?

—Você chama-se Oliver Wendell Tyler, não é? Se você descendesse de Harry Houdini e não de um juiz do Supremo, eu... — Greer fitou o engenheiro. — Em que está a pensar?

Greer escutou atentamente a explicação de Tyler.

— Para isso, sir, a Marinha terá de actuar depressa. Precisamos da cooperação do almirante Dodge, e se os meus números relativamente à velocidade do submarino estiverem correctos, teremos de nos mexer sem perda de tempo.

Greer levantou-se e deu a volta ao sofá várias vezes para activar a circulação.

— Interessante... Mas praticamente não teremos tempo.

— Eu não disse que seria fácil, sir, disse que era possível.

— Ligue para casa, Tyler. Diga à sua mulher que fica aqui. Se eu não durmo esta noite, você também não. Há café ali atrás da secretária. Primeiro, tenho de telefonar ao juiz. Depois, falaremos com Sam Dodge.

O USS “Pogy”

— Pogy, aqui Black Gull 4. Estamos a ficar sem combustível. Temos de regressar à base— disse o coordenador táctico do Orion, sspreguiçando-se após dez horas de serviço à consola de controle. — Querem que levemos alguma coisa? Escuto.

— Sim, duas grades de cerveja — respondeu o comandante Wood, repetindo uma brincadeira habitual entre os P-3C e as tripulações dos submarinos. — Obrigado pelos dados. Vamos utilizá-los. Terminado.

Por cima, o Lockheed Orion acelerou e rodou para sudoeste. Os tripulantes a bordo beberiam mais uma ou duas cervejas ao jantar, em nome dos camaradas do submarino.

— Mr. Dyson, estabilize nos sessenta metros. Um terço da velocidade.

O oficial de quarto deu as ordens devidas, enquanto o comandante Wood examinava o quadro táctico.

O USS Pogy encontrava-se trezentas milhas a nordeste de Norfolk, aguardando a chegada de dois submarinos soviéticos da classe Alfa que sucessivas patrulhas aéreas anti-submarinas seguiam desde a Islândia. O Pogy tinha o nome de um famoso submarino da Segunda Guerra

Mundial, o qual, por sua vez, o recebera de um peixe vulgar, a savelha. Achava-se no mar havia dezoito horas, acabado de sofrer minuciosa remodelação no estaleiro de Newport News. Praticamente tudo a bordo saíra direitinho da embalagem do fabricante ou fora produzido pelos hábeis operários navais de James River. Não queria isto dizer que tudo funcionasse impecavelmente. Muitos dispositivos tinham falhado de uma maneira ou outra no lançamento à água posterior à remodelação, na semana anterior, facto menos usual do que lamentável, pensava o comandante Wood. A tripulação do Pogy era também nova. Wood cumpria a sua primeira missão como comandante, depois de ter passado um ano à secretária, em Washington, e muitos dos marinheiros eram novatos, acabados de sair da escola de submarinos de New London, ainda a habituarem-se ao primeiro cruzeiro. Homens acostumados ao céu azul e ao ar livre levam tempo a adaptar-se ao regime vigente num canudo de aço com dez metros de diâmetro. Mesmo os homens experimentados tinham de se aclimatar ao novo barco e aos novos oficiais.

O Pogy atingira a velocidade máxima de trinta e três nós nos ensaios posteriores ao lançamento à água. Era muito para um submarino, mas pouco relativamente aos Alfas que aguardava. Como todos os submarinos americanos, a sua característica mais notável era o silêncio. Os Alfas não podiam saber da sua presença e constituíam alvos fáceis para as suas armas, tanto mais que o Orion fornecera ao Pogy dados exactos para o tiro, algo que, em geral, leva tempo a calcular a partir do sonar passivo.

O capitão de corveta Tom Reynolds, imediato e coordenador de tiro, encontrava-se de pé junto do quadro táctico, com ar displicente.

— O mais próximo a trinta e seis milhas, o mais afastado a quarenta.

No quadro, os Alfas eram designados por Isca Pogy 1 e 2. Todos achavam divertida esta denominação.

— Velocidade quarenta e dois? — perguntou Wood.

— Sim, comandante. — Reynolds estivera em contacto com o Black Gull 4 até este anunciar a sua intenção de regressar à base. — Poem aqueles barcos a dar tudo por tudo. Para nós não há problema. Temos soluções adequadas para os dois... Zás! Que pretenderão eles?

— Segundo o CINCLANT, o embaixador diz que andam à procura de um barco perdido.

A voz de Wood mostrava o que o comandante pensava desta versão.

— Busca e salvamento? — Reynolds encolheu os ombros. — Devem pensar que perderam um submarino ao largo de Point Comfort, porque se não abrandam é lá que vão parar. Não tenho ideia de ver Alfas a operar tão perto da nossa costa. E o senhor?

— Também não.

Wood franziu o sobrolho. As duas grandes características dos Alfas eram a rapidez e o barulho. A doutrina táctica soviética utilizava-os sobretudo em missões defensivas: como “submarinos de intercepção”, protegiam os submarinos equipados com mísseis e, devido à alta velocidade que atingiam, eram capazes de atrair os submarinos de ataque americanos e fugir ao contra-ataque. Wood não dava grande coisa por esta doutrina, mas por ele estava bem.

— Se calhar pretendem bloquear Norfolk — sugeriu Reynolds.

— É muito possível. De qualquer modo, ficamos quietinhos e deixamo-los passar! Terão de abrandar ao atravessarem a plataforma continental e nós iremos atrás deles, sem fazer barulho.

— Muito bem — disse Reynolds.

Se tivessem de disparar, pensaram os dois homens, descobririam finalmente o que valia um Alfa. Falava-se muito da resistência do titânio usado no casco, se realmente aguentaria o impacto de várias centenas de quilos de potente explosivo. Fora concebida uma ogiva de novo formato para o torpedo Mark 48, tendo em vista aquela resistência e também a do casco dos Typhoon,

igualmente notável. Os dois oficiais puseram de parte a ideia. À missão que lhes fora cometida era a de perseguir, pela calada, os submarinos soviéticos.

O “E. S. Politovskiy”

O Isca Pogy 2 chamava-se, na Marinha soviética, E. S. Politovskiy. Este submarino de ataque da classe Alfa devia o seu nome ao oficial engenheiro da esquadra russa que circumnavegara o mundo ao encontro com o destino nos estreitos de Tsushima. Evgeni Sigismondavich Politovskiy tinha servido a Armada do czar com devoção e competência equivalente à de qualquer oficial da História; porém, no seu diário, descoberto anos mais tarde em Leninegrado, o brilhante oficial criticara, nos termos mais violentos, a corrupção e os excessos do regime em contraponto ao patriotismo altruísta que demonstrara navegando conscientemente para a morte. Deste modo se tornara um autêntico herói, cujo exemplo os marinheiros soviéticos deviam seguir; e o Estado baptizara em sua memória a obra-prima da engenharia soviética. Infelizmente, o Politovskiy não tivera melhor sorte do que Evgeni perante as armas de Togo.

A assinatura acústica do Politovskiy era, para os americanos, Alfa 3. Tratava-se de uma designação incorrecta, pois o submarino era o primeiro dos Alfas. Pequeno e afilado, atingira quarenta e três nós na terceira hora dos ensaios promovidos pelo construtor. Estes ensaios haviam sido interrompidos um minuto mais tarde, devido a um incrível contratempo: uma baleia de cinquenta toneladas atravessara-se-lhe no caminho e o Politovskiy chocara lateralmente com a monstruosa criatura. O impacte tinha destruído dez metros quadrados da chapa da proa, arruinado o sonar, torcido um tubo de torpedo e quase inundado o compartimento dos torpedos. Isto sem falar no abalo de praticamente todos os sistemas internos, desde o equipamento electrónico ao fogão da cozinha — e dizia-se que, fora outro o comandante que não o famoso professor de Vilnius, o submarino se teria perdido. Um fragmento de dois metros das costelas da baleia era agora objecto de museu no clube de oficiais de Severomorsk, testemunho dramático da resistência dos submarinos soviéticos. Os danos haviam demorado mais de um ano a reparar e quando o Politovskiy tornou ao mar já existiam outros dois Alfas. Dois dias após o segundo lançamento à água, nova e grave avaria no submarino: a turbina de alta pressão deixou por completo de funcionar. Foram precisos seis meses para a substituir. Desde então, mais três pequenos incidentes se tinham registado no submarino que para sempre conquistara a reputação de aziago.

O engenheiro-chefe Vladimir Petchukocov era membro leal do Partido e ateu confesso, mas era também marinheiro e, assim, profundamente supersticioso. Nos velhos tempos, o seu barco teria sido abençoado no lançamento à água e de cada vez que se fizesse ao mar. Uma cerimónia importante, com um sacerdote de barbas, nuvens de incenso e hinos evocativos. Navegava sem nada disso e lamentava-o. Precisava de sorte. Petchukocov tinha problemas com o reactor.

O reactor do Alfa era pequeno. Tinha de caber num casco relativamente pequeno. Era também muito potente para o seu tamanho e, nos últimos quatro dias, trabalhava a cem por cento. Coariam em direcção à costa americana a 42,3 nós, o máximo que o reactor de oito anos permitia. O Politovskiy tinha já marcada uma remodelação completa para os próximos meses: novo sonar, novos computadores e um novo sistema de controle do reactor. Petchukocov considerava uma irresponsabilidade — uma imprudência — puxar tanto pelo seu submarino, mesmo que tudo funcionasse na perfeição. Nunca um fora tão esforçado, nem sequer um novo. E, naquele, o material começava a ceder.

A bomba principal de arrefecimento de alta pressão do reactor começava a vibrar de modo sinistro, o que preocupava muito o engenheiro. Havia uma sobresselente, mas de potência inferior, e pô-la a trabalhar significava perder oito nós de velocidade. O reator do Alfa atingia a força máxima não através de um sistema de arrefecimento por sódio — como os americanos pensavam — mas através do funcionamento a uma pressão mais alta do que a de qualquer outro reactor flutuante e de um sistema revolucionário de transformação de calor que potenciava a eficiência térmica total do reactor em quarenta e um por cento, muito superior à de qualquer outro submarino. O preço disto, porém, era um reactor que, trabalhando à potência máxima, encostava o ponteiro ao risco vermelho de todos os indicadores— e, neste caso, o risco vermelho não era um mero símbolo. Significava perigo autêntico.

Este facto, somado à vibração da bomba, preocupava seriamente Petchukocov; uma hora antes, pedira insistentemente ao comandante que reduzisse a velocidade por umas horas, a fim de que a sua habilitada equipa de engenheiros pudesse efectuar reparações. Provavelmente não era mais do que um apoio deficiente e dispunham de peças sobressalentes. A bomba fora concebida para ser facilmente reparada. O comandante hesitara, disposto a concordar, mas o comissário político tinha lembrado que as ordens eram urgentes e explícitas: deviam chegar ao local determinado o mais depressa possível; fazer outra coisa seria “politicamente inconsistente”. E pronto.

Petchukocov lembrava-se do olhar raivoso do comandante. Para que servia um comandante se todas as ordens tinham de ser aprovadas por um lacaio político? Petchukocov era um comunista fiel desde que entrara para os Outubristas, em rapaz, mas... raios! De que serviam então os especialistas e os engenheiros? Pensaria o Partido que as leis da física podiam ser distorcidas pelos caprichos de um qualquer apparatchik com secretária de luxo e dacha nos arredores de Moscou? O engenheiro praguejou consigo.

Encontrava-se sozinho junto do quadro principal de controle, na casa das máquinas, à popa do compartimento do reactor e do gerador/transformador de calor, este último instalado mesmo no centro de gravidade do submarino. O reactor tinha uma pressão de vinte quilos por centímetro quadrado. Só uma pequena parte desta pressão derivava da bomba. A pressão elevada provocava um ponto mais alto de ebulição no refrigerante. Neste caso, a água era aquecida acima de 900 graus centígrados, temperatura suficiente para produzir vapor, que acumulava no topo da câmara do reactor. As bolhas de vapor pressionavam a água, por baixo, impedindo a produção de mais vapor.

O vapor e a água participavam num delicado equilíbrio. A água era perigosamente radiactiva em resultado da reacção de fissão que ocorria nas pilhas de urânio. A função dos controles das pilhas era regular a reacção, coisa delicada. No máximo, as pilhas absorviam menos de um por cento do fluxo de neutrões, o que, porém, era suficiente para permitir ou impedir a reacção.

Petchukocov seria capaz de recitar todos estes dados a dormir. Sabia desenhar de cor um diagrama rigorosíssimo de todo o sistema e compreender imediatamente o significado da mais pequena alteração nos instrumentos de leitura. Mantinha-se alerta no quadro de controle, os olhos atentos à miríade de mostradores e válvulas, uma das mãos no interruptor SCRAM, outra nos comandos do arrefecimento de emergência.

Ouvia a vibração. Era com certeza um apoio deficiente, deficiência que o funcionamento ia agravando; o apoio gastava-se cada vez mais. Se as chumaceiras cedessem, a bomba griparia e teriam de parar. Seria uma emergência, embora não propriamente perigosa. Significaria reparar a bomba, se pudessem — o que levaria dias e não horas, consumindo tempo precioso e peças

sobresselentes. A situação não era brilhante — e Petchukocov não sabia que a vibração gerava ondas de pressão no refrigerante. Para utilizar o novo transformador de calor, o reactor do Alfa tinha de fazer circular rapidamente a água através das serpentinas e dos reflectores. Isto exigia uma bomba de alta pressão que respondia por setenta e cinco quilos do sistema total de pressão — quase dez vezes o que era considerado seguro nos reactores ocidentais. Com uma bomba tão potente, a casa das máquinas, já normalmente barulhenta a alta velocidade, era como uma caldeira gigante e a vibração da bomba perturbava o funcionamento dos instrumentos de controle. Os ponteiros oscilavam, reparou Petchukocov. Tinha e não tinha razão. Os indicadores de pressão vacilavam realmente devido às ondas de sobrepressão que percorriam o sistema. O engenheiro-chefe não se apercebeu do que verdadeiramente se passava. Estava de serviço havia demasiado tempo.

Na câmara do reactor, três ondas de pressão aproximavam-se da frequência à qual uma peça de equipamento produzia ressonância. Mais ou menos a meio da superfície interior da câmara, havia um anel de titânio, parte do sistema de arrefecimento de emergência. Havendo uma fuga de refrigerante e após um SCRAM bem sucedido, abriam-se válvulas no interior e no exterior da câmara, que arrefeciam esta com uma mistura de água e bário ou, em última instância, com água salgada que podia circular no reactor — destruindo-o. Já uma vez se recorrera a tal expediente e, não obstante o seu custo, a decisão, tomada por um jovem engenheiro, permitira salvar um submarino da classe Victor de uma catastrófica fusão.

A válvula interior estava agora fechada, juntamente com o anel de titânio. As válvulas eram também de titânio, pois tinham de funcionar em condições, mesmo após prolongada exposição a alta temperatura e ainda porque o titânio era muito resistente à corrosão — a água, a alta temperatura era terrivelmente corrosiva. Um facto, porém, não fora tido na devida conta: o metal estava exposto a intensa radiação nuclear e aquela liga de titânio não era absolutamente estável sob prolongado bombardeamento de neutrões. O metal tornara-se quebradiço com os anos. As minúsculas ondas de pressão hidráulica batiam contra o obturador da válvula. A frequência da vibração da bomba foi-se alterando e começou a aproximar-se da frequência de vibração do obturador. Isto fez com que o obturador batesse cada vez com mais força contra o anel de retenção. O metal começou a estalar nos bordos.

Um michman no extremo da proa do compartimento foi o primeiro a ouvir um zumbido surdo que passava a antepara. A princípio, julgou tratar-se do ruído de fundo do altifalante do sistema PA e tardou a certificar-se. O obturador soltou-se do bocal de válvula. Era pequeno, apenas dez centímetros de diâmetro e cinco milímetros de espessura. Este tipo de válvula chama-se de borboleta e o obturador parecia realmente uma borboleta, flutuando e rodopiando no fluxo aquático. Se fosse de aço inoxidável, teria ido, com o peso, ao fundo; mas era de titânio, mais forte do que o aço e muito mais leve. O fluxo do refrigerante empurrou-o para cima, no sentido do tubo de exaustão.

A água arrastou o obturador para o tubo, que tinha um diâmetro interior de quinze centímetros e era feito de aço inoxidável, em secções de dois metros, para facilitar a substituição naquele espaço acanhado. O obturador foi rapidamente transportado até ao transformador de calor. Aqui, o tubo descrevia um ângulo de quarenta e cinco graus, para baixo, e o obturador foi momentaneamente retido. Metade da tubagem estava assim bloqueada e antes que um aumento de pressão pudesse desalojar o obturador, muitas coisas aconteceram — coisas de mais. Ao ser bloqueado, o fluxo de água gerou uma onda de contrapressão no tubo. A pressão total atingiu momentaneamente cento e setenta quilos, o que fez o tubo entortar uns milímetros. A pressão aumentada, a deslocação lateral de uma soldadura e o efeito Cumulado de anos de erosão do aço

provocada por alta temperatura danificaram a junta. Abriu-se um orifício do tamanho de um ponto de lápis. A água que se escapou transformou-se instantaneamente em vapor, pondo em funcionamento alarmes no compartimento do reactor e nos espaços vizinhos. O orifício foi-se alargando na solda, aumentando rapidamente a fuga até que o refrigerante do reactor começou a jorrar como de uma fonte. Um dos jactos de vapor destruiu os fios indutores do controle do reactor.

Principiava uma catastrófica fuga de refrigerante.

O reactor ficou completamente despressurizado em três segundos. Os seus muitos galões de refrigerante explodiram em vapor, que se libertou pelo compartimento. Doze alarmes soaram ao mesmo tempo no quadro principal de controle e, num relance, Vladimir Petchukocov enfrentou o seu último pesadelo. A reacção automática do engenheiro foi accionar o SCRAIM, mas o vapor na câmara do reactor tinha danificado o sistema de controle das pilhas e não havia tempo para resolver o problema. Petchukocov compreendeu de imediato que o seu barco estava condenado. Abriu os controles de refrigeração de emergência, deixando entrar água salgada na câmara do reactor. Começaram a soar alarmes por todo o submarino.

No centro de controle, à proa, o comandante apercebeu-se imediatamente do que se passava. O Politovskiy navegava a cento e cinquenta metros de profundidade. Devia trazê-lo para a superfície sem demora. Gritou ordens para o esvaziamento dos tanques de lastro e a colocação dos hidroplanos em posição de subida rápida.

O comportamento de emergência do reactor era regulado por leis físicas. Sem refrigerante para absorver o calor das pilhas de urânio a reacção nuclear parava—não havia água para atenuar o fluxo de neutrões. Isto, porém, nada resolvia porque o calor residual era suficiente para derreter tudo no compartimento. A água fria admitida na câmara combatia o calor, mas também retinha demasiados neutrões no núcleo do reactor. Assim se gerava uma reacção descontrolada que produzia ainda mais calor, mais do que qualquer porção de refrigerante poderia submeter. Aquilo que começara como uma fuga de refrigerante transformava-se em algo mais grave. Um acidente de água fria. Dentro de minutos, o núcleo do reactor derreter-se-ia e o Politovskiy tinha, entretanto, que subir à superfície.

Petchukocov manteve-se no seu posto, na casa das máquinas, fazendo o que podia. A sua vida, não o ignorava, estava perdida. Precisava de dar tempo ao comandante para trazer o barco à superfície.

Havia uma actuação prevista para aquele tipo de emergência. Berrou ordens com vista a pô-la em prática. Só agravou a situação.

O electricista de serviço percorreu os painéis de controles eléctricos, accionando a alimentação de emergência, desligando a principal, porque a energia residual de vapor nos turboalternadores não duraria mais do que poucos segundos. Num movimento, o submarino ficou em absoluto dependente de baterias.

No centro de controle, os compensadores accionados por energia eléctrica no bordo de saída dos hidroplanos passavam automaticamente a controle electro-hidráulico. Este alimentava não só os pequenos compensadores, mas também os hidroplanos, que formaram logo um ângulo para cima, de quinze graus — e o submarino continuava a navegar a trinta e nove nós. Com todos os tanques de lastro livres de água por acção do ar comprimido, o submarino tornou-se muito leve e começou a subir como um avião que descola. Segundos passados, a tripulação, atónita, no centro de controle, sentiu o submarino formar um ângulo de quarenta e cinco graus com tendência para aumentar. Um momento mais tarde, procuravam enfrentar a situação. O Alfa subia quase na vertical, a cinquenta quilómetros por hora. Os homens e as coisas a bordo caíram

para a popa.

No centro de controle das máquinas, à popa, um tripulante chocou contra o quadro eléctrico principal, provocando um curto-circuito com o corpo, e o submarino ficou sem energia. Um cozinheiro que estivera a inventariar equipamento de emergência na sala de torpedos, à proa, conseguiu introduzir-se no tubo de salvamento, enquanto se esforçava por enfiar o fato anti-radiação. Embora tivesse apenas um ano de experiência, não tardou a compreender o significado dos estridentes alarmes e do estranho comportamento do submarino. Fechou precipitadamente a escotilha e começou a manobrar os controles de fuga, conforme aprendera na escola naval.

O Politovskiy emergiu na superfície do Atlântico como uma baleia perfurante e mostrou três quartos do seu comprimento antes de se despenhar.

O USS “Pogy”

— Comando, sonar.

— Fala o comandante.

— É melhor ouvir isto, comandante. O Isca 2 endoideceu.

Wood entrou na sala do sonar segundos mais tarde. Levou ao ouvido um auscultador ligado a um gravador. O comandante Wood ouviu o som de água a correr. O ruído dos motores parou. Momentos depois houve uma explosão de ar comprimido e uma sucessão de estalos de casco, anunciando um submarino a mudar rapidamente de nível.

— Que se passa? — perguntou Wood, alarmado.

O “E. S. Politovskiy”

No reactor do Politovskiy a fissão descontrolada aniquilara já virtualmente a água do mar e as pilhas de urânio. Os despojos acumulavam-se na parede da proa da câmara do reactor. Num minuto, formou um charco de um metro de largo de escória radiactiva, o suficiente para constituir a sua própria massa crítica. A reacção continuou sem abrandar, atacando desta vez directamente o duro aço inoxidável da câmara. Nada que tivesse saído das mãos do homem poderia resistir a cinco mil graus de calor directo. Em dez segundos, a parede da câmara cedeu. A massa de urânio libertou-se contra a antepara da popa.

Petchukocov percebeu que estava morto. Viu a tinta da antepara da proa escurecer e a sua última imagem foi a de uma massa negra cercada de azul brilhante. O corpo do engenheiro vaporizou-se passado um instante, e a massa de escória avançou até à antepara seguinte da popa.

À proa, o ângulo quase vertical do submarino atenuou-se. O ar, a alta pressão, nos tanques de lastro jorrou das comportas do fundo; os tanques encheram-se de água, anulando o ângulo do barco e submergindo este. À proa do submarino, homens gritavam. O comandante ergueu-se, vacilante, ignorando a perna partida, tentando comandar, organizar os seus homens, abandonar o submarino antes que fosse demasiado tarde, mas a sorte de Evgeni Sigismondavich Politovskiy impor-se-ia uma última vez ao barco que o homenageava. Só um homem escapou. O cozinheiro abriu a escotilha do tubo de salvamento e saiu. Executando o que aprendera nos exercícios, começou a fechar a escotilha para outros camaradas seus poderem utilizar o tubo, mas uma vaga arrastou-o para longe do casco, enquanto o submarino se afundava.

Na casa das máquinas, a mudança de ângulo fez o núcleo derretido do reactor cair sobre a

coberta. A massa quente atacou primeiro a cobertura de aço, consumiu esta e chegou ao casco de titânio. Cinco segundos depois, a casa das máquinas estava exposta ao mar. O maior compartimento do Politovskiy foi rapidamente inundado. A água destruiu a já reduzida capacidade de flutuação do barco e o ângulo agudo de descida foi repostado. O Alfa iniciou o seu último mergulho.

A popa mergulhou exactamente quando o comandante conseguia que a tripulação do centro de controle reagisse outra vez às suas ordens. O comandante bateu com a cabeça numa consola de instrumentos. As ténues esperanças que a tripulação pudesse ter morreram com ele. O Politovskiy despenhava-se de popa, a hélice rodando ao contrário, ao encontro do fundo do mar.

O USS “Pogy”

— Comandante, eu estive no Chopper, em sessenta e nove — disse o chefe de sonar do Pogy, referindo-se a um horrível acidente num submarino a diesel.

— É o que parece ser — disse o comandante.

Wood escutava agora o sonar directo. Não podia haver engano. O submarino estava a ser inundado. Tinham ouvido o reenchimento dos tanques de lastro, o que só podia significar estarem os compartimentos interiores cheios de água. Se estivessem mais perto, teriam talvez escutado os gritos dos homens no casco condenado. Wood felicitou-se por não ouvir. A entrada em jorro da água era já um som pavoroso de mais. Morriam homens. Russos, o inimigo, porém homens como ele — e não podia fazer nada.

O Isca 1, verificou, avançava, ignorante do que acontecera ao seu irmão.

O “E. S. Politovskiy”

O Politovskiy demorou nove minutos a percorrer os seiscentos metros até ao leito oceânico. Chocou violentamente contra a areia dura no bordo da plataforma continental. As anteparas inferiores resistiram, numa homenagem aos construtores. Todos os compartimentos da zona do reactor, à popa, foram inundados, e metade da tripulação sucumbiu aí, mas os compartimentos da proa mantiveram-se secos — maldição e não bênção. Inutilizadas as reservas de ar à popa e apenas dispondo de baterias de emergência para alimentar os complexos sistemas de controle ambiental, os quarenta homens tinham uma quantidade limitadíssima de ar. Haviam sido poupados à morte rápida por despenhamento no Atlântico Norte para enfrentarem a morte, mais lenta, por asfixia.

NONO DIA

Sábado, 11 de Dezembro

O Pentágono

Uma ordenança feminina de primeira classe abriu a porta a Tyler. O general Harris encontrava-se de pé junto da mesa dos mapas, reflectindo sobre o posicionamento de pequenos modelos de barcos.

— Deve ser o capitão Tyler — disse Harris, erguendo os olhos.

— Exactamente, sir.

Tyler mantinha-se tão rigidamente em sentido quanto a perna postiça lhe permitia. Harris aproximou-se logo para o cumprimentar.

— Greer disse-me que você jogava rãguebi.

— É verdade, general, fui médio direito em Annapolis. Bons tempos!

Tyler sorriu, flexionando os dedos. Harris parecia um monstro de aço.

— Se jogou rãguebi, pode tratar-me por Ed. — Harris socou-o amigavelmente no peito. — O seu número era o setenta e oito e fez parte da selecção, não fez?

— Na segunda série. É bom saber que ainda há quem se lembre.

— Eu estive temporariamente em serviço na Academia, por uns meses, nessa época, e vi alguns jogos. Nunca esqueço um bom avançado. Eu joguei com as equipas federadas, em Montana. Que aconteceu à perna?

— Um condutor bêbado levou-ma. Tive sorte. O bêbado, não. — Bem feito.

Tyler concordou de cabeça, mas lembrou-se de que o operário naval bêbado tinha mulher e filhos, segundo a polícia. — Não está cá mais ninguém?

— Os chefes estão na habitual — bem, habitual num dia de semana, não ao sábado — sessão de informação. Não tardam a descer. Então você ensina engenharia em Annapolis?

— É verdade, sir. Doutorei-me.

— Chamo-me Ed, capitão. E vem hoje explicar-nos de que modo podemos ficar com esse vagabundo submarino russo, não é?

— É, sir... Ed.

— Já me vai explicar tudo. Primeiro, tomemos café.

Os dois homens dirigiram-se a uma mesa de canto, com café e donuts. Harris escutou Tyler durante cinco minutos, sorvendo o seu café e devorando dois donuts com doce. Precisava de comer bem para alimentar aquele corpo.

— Sim, senhor — observou o J-3 quando Tyler acabou, aproximando-se do mapa. — É interessante... A sua ideia depende muito da nossa capacidade de prestidigitação. Teremos de os manter afastados do sítio onde vamos executar a manobra. Por aqui, diz você?

Apontou um local no mapa e Tyler respondeu:

— Sim, general. Pelo modo como eles parecem operar, podemos fazer a coisa para o largo...

— E trocamos-lhe duplamente as voltas. Gosto! Gosto disso! Dan póster é que não vai gostar de perder um dos nossos barcos.

— Acho que vale a pena.

— Eu também, mas os barcos não são meus. E, depois, onde o escondemos... se o

apanharmos?

— Há óptimos sítios mesmo aqui em Chesapeake Bay, general. Há um local fundo no York River e outro no Patuxent, ambos sob a alçada da Marinha, ambos assinalados com “Zona Proibida” nos mapas. Não esqueçamos que os submarinos são feitos para não se verem. Arranja-se um sítio fundo e enchem-se os tanques. Temporariamente, claro. Para uma permanência mais longa, temos Truk ou Kwajalein, no Pacífico, por exemplo. Sítios bons e isolados.

— E os soviéticos não dariam pelo aparecimento de um submarino e de trezentos técnicos de submarinos assim de repente? Por outro lado, essas ilhas já não são propriamente nossas.

Tyler não esperara que Harris fosse ingénuo e preparara-se para as objecções.

— Admitamos que o descubrem daqui por uns meses; que farão? Anunciarão a descoberta ao mundo? Não acredito. Nessa altura, já teremos toda a informação que nos interessa e podemos sempre apresentar os oficiais desertores numa vistosa conferência de imprensa. Teriam interesse nisso? E, depois, vamos desmontá-lo, acho eu, não vamos ficar sempre com ele. O reactor irá para Idaho, para ser testado. Os mísseis e as ogivas serão retirados. A aparelhagem electrónica irá ser submetida a exame na Califórnia, e a dA, a NSA e a Marinha andarão à bulha para ficarem com a aparelhagem cripto. O casco nu afundamo-lo num sítio conveniente. Desaparecem as provas. Não precisamos de guardar segredo para sempre; só por uns meses.

Harris pousou a chávena.

— Terá de me desculpar por eu fazer o papel de advogado do diabo. Vejo que pensou em tudo. Óptimo, acho que merece ser estudado. Vai implicar a coordenação de muitos meios, mas isso não interferirá com o que já estamos a fazer. Pronto, tem o meu voto. Os chefes de Estado-Maior chegaram três minutos depois. Tyler nunca vira tantas estrelas numa sala.

— Queria falar connosco em conjunto, Eddie? — perguntou Hilton.

— Queria, general. Este é o doutor Tyler.

O almirante Foster aproximou-se para o cumprimentar.

— Ah, foi o senhor que arranjou os dados sobre o comportamento do Outubro Vermelho que acabamos de conhecer. Bom trabalho, comandante.

— O doutor Tyler pensa que devemos ficar com ele, se lhe pudermos deitar a mão — explicou Harris sem rodeios. — E pensa também que há maneira de o conseguir.

— Já pensámos em matar a tripulação — disse o comandante Maxwell —, mas o presidente não deixa.

— Meus senhores, e se eu lhes dissesse que há um processo de mandar os tripulantes para casa sem saberem que nós ficamos com o submarino? A questão é esta. Temos de devolver os tripulantes à Mãe-Rússia. Eu digo que isso é possível. Resta saber onde ocultar o submarino.

— Somos todos ouvidos — disse Hilton, desconfiado.

— Teremos de andar depressa para arranjar tudo. Precisamos do Avalon, da Costa Oeste. O Mystic já está a bordo do Pigeon, em Charleston. Precisamos dos dois e de um velho submarino que já não nos faça falta. Estes são os meios. O verdadeiro segredo da operação tem a ver com a programação e... precisamos de o encontrar. Talvez seja isto o mais difícil.

— Talvez não — disse Foster. — O almirante Gallery informou esta manhã que o Dallaspode muito bem estar em cima dele. O relatório encaixa perfeitamente no seu modelo de comportamento. Saberemos mais pormenores dentro de dias. Continue.

Tyler explicou. Durante dez minutos respondeu a perguntas e serviu-se do mapa para traçar limites de espaço e de tempo. Quando acabou, o general Barnes ligou para o chefe do Comando Aéreo Militar. Foster saiu para falar com Norfolk e Hilton partiu para a Casa Branca.

O “Outubro Vermelho”

Exceptuando os que estavam de quarto, todos os oficiais se encontravam na sala. Em cima da mesa havia bules de chá, intactos. A porta foi fechada à chave.

— Camaradas — anunciou Petrov —, a segunda série de distintivos estava contaminada, mais do que a primeira.

Ramius notou a inquietação de Petrov. Não era a primeira série de distintivos, nem a segunda; era a terceira e a quarta, desde a partida. Escolhera bem o seu médico.

— Distintivos falsificados — resmungou Melekhin. — Algum safado de um brincalhão em Severomorsk... ou um espião imperialista que se lembrou de uma gracinha típica do inimigo. Quando apanharem o filho da mãe, hei-de matá-lo eu próprio... seja quem for! Isto é traição!

— Os regulamentos exigem que eu informe do sucedido — lembrou Petrov. — Mesmo que os instrumentos indiquem níveis seguros.

— Registo a sua fidelidade às regras, camarada doutor. Agiu correctamente — disse Ramius. — E agora os regulamentos mandam que façamos outra vistoria. Melekhin, quero que a faça pessoalmente, com Borodin. Verifiquem primeiro os instrumentos de radiação. Se estiverem a trabalhar bem, teremos a certeza de que os distintivos são defeituosos... ou foram falsificados. Se assim for, o meu relatório sobre o caso exigirá a cabeça de alguém. — Os operários navais bêbados sabiam o que era serem encarcerados no gulag. — Camaradas, na minha opinião não há motivo para preocupação. Se houvesse uma fuga, o camarada Melekhin tê-la-ia descoberto há dias. Bom! Agora temos trabalho a fazer.

Regressaram à sala de oficiais meia hora depois. Tripulantes que passavam repararam e, a seguir, vieram os murmúrios.

— Camaradas — anunciou Melekhin —, temos um grave problema. Os oficiais, em particular os mais jovens, chegaram a empalidecer.

Sobre a mesa via-se um contador Geiger desmontado numa vintena de peças. Junto estava um detector de radiação retirado da antepara do compartimento do reactor, a tampa de inspecção removida.

— Sabotagem — sibilou Melekhin.

A palavra era suficientemente terrível para fazer que qualquer cidadão soviético estremecesse. A sala caiu num silêncio mortal e Ramius notou que Svyadov se esforçava por controlar a expressão.

— Camaradas, mecanicamente falando, estes instrumentos são do toais simples que há. Como sabem, este contador tem dez posições. Podemos escolher entre dez gamas de sensibilidade, usar o mesmo instrumento para detectar uma fuga menor ou para quantificar uma grande fuga. Fazemos isso regulando este selector que põe em funcionamento um de dez resistores eléctricos de valor crescente. Uma criança podia perfeitamente conceber isto, reparar este aparelho e assegurar a sua manutenção. — O engenheiro-chefe tocou no lado de baixo do selector. — Ora, neste caso, os resistores foram substituídos. Os resistores um a oito têm a mesma impedância. Todos os nossos contadores foram inspecionados pelo mesmo técnico, três dias antes de largarmos. Aqui está a folha de inspecção.

Melekhin lançou-a para cima da mesa com desdém.

— Ele ou outro espião sabotaram este e todos os contadores que examinei: um homem habilidoso não teria precisado de mais de uma hora para o fazer. No caso deste instrumento — o engenheiro virou o detector fixo ao contrário — podem ver que os componentes eléctricos

foram desligados, excepto o circuito de ensaio, que foi reconstituído. Borodin e eu tirámos isto da antepara da proa. Isto é trabalho de especialista, não é de amador. Estou convencido de que um agente imperialista sabotou o nosso barco. Primeiro, danificou os nossos instrumentos de controle de radiação, depois, provavelmente, provocou uma pequena fuga na nossa tubagem quente. Parece, portanto, que o camarada Petrov tinha razão. Podemos mesmo ter uma fuga. As minhas desculpas, doutor.

Petrov sacudiu a cabeça, nervoso. Dispensava bem cumprimentos daqueles.

— Exposição total, camarada Petrov? — perguntou Ramius.

— A maior é para os homens das máquinas, claro. O máximo é de cinquenta rads para os camaradas Melekhin e Svyadov. Os outros tripulantes do sector têm entre vinte e quarenta e cinco rads. A exposição acumulada cai rapidamente, à medida que nos deslocamos para a proa. Os homens dos torpedos só apresentam cerca de cinco rads, na maior parte um valor inferior a este. Os oficiais-engenheiros andam entre dez e vinte e cinco. — Petrov interrompeu-se, impondo-se uma atitude mais positiva. — Camaradas, as doses não são letais. Na verdade, pode-se tolerar uma dose até cem rads sem efeitos fisiológicos a curto prazo e pode-se sobreviver a várias centenas. Enfrentamos um problema grave, mas que está ainda longe de pôr em perigo as nossas vidas.

— Melekhin? — perguntou o comandante.

— É o meu sector, a responsabilidade é minha. Ainda não sabemos se temos uma fuga. Os distintivos podem ser realmente defeituosos ou ter sido sabotados. Pode tratar-se de uma perversa manobra psicológica, architectada pelo inimigo principal para minar o nosso moral. Borodin ajudar-me-á. Repararemos os instrumentos e procederemos a uma vistoria completa de todos os sistemas do reactor. Já sou velho de mais para ter filhos. Para já, sugiro que desactivemos o reactor e continuemos com bateria. A vistoria levará, no máximo, quatro horas. Concorda, comandante?

— Certamente, camarada. Sei que não há nada que não saiba reparar.

— Desculpe, comandante — interveio Ivanov. — Informamos da situação o comando da esquadra?

— Temos ordens para não quebrar o silêncio rádio — disse Ramius.

— Se os imperialistas foram capazes de sabotar os nossos instrumentos... E se eles já conheciam as nossas ordens e tentam obrigar-nos a usar a rádio para nos localizarem? — perguntou Borodin.

— É uma possibilidade — admitiu Ramius. — Primeiro, vamos apurar se temos um problema, depois a sua gravidade. Camaradas, temos uma ótima tripulação e os melhores oficiais da esquadra. Enfrentaremos os nossos problemas, vencê-los-emos e continuaremos a nossa missão. Temos um encontro marcado em Cuba e não tenciono faltar. Para o diabo com as maquinações imperialistas!

— Bem dito — apoiou Melekhin.

— Camaradas, isto ficará entre nós. Não há motivo para alarmar a tripulação por causa do que pode não ser nada ou um problema que estamos em perfeitas condições de resolver.

Ramius encerrou a reunião. Petrov estava menos seguro do que o comandante e Svyadov esforçava-se por não tremer. Deixara uma namorada na pátria e queria ter filhos. O jovem tenente fora cuidadosamente treinado para compreender tudo o que acontecia nos sistemas do reactor e para actuar quando algo corresse mal. E, de certo modo, era uma consolação saber que a maior parte das soluções para os problemas dos reactores que se encontravam nos manuais deviam-se a alguns dos homens presentes naquela sala. Mesmo assim, algo que não podia ser nem

visto nem sentido invadia-lhe o corpo e ninguém no seu juízo gostava disso.

Suspensa a reunião, Melekhin e Borodin dirigiram-se à popa, ao armazém de peças. Acompanhava-os um núchman electricista para escolher os componentes. O núchman reparou que consultavam, no manual de manutenção, a parte relativa aos detectores de radiações. Quando saiu de serviço, uma hora mais tarde, toda a tripulação ficou a saber que o reactor fora de novo desactivado. O electricista conversou com o companheiro de beliche, um técnico de manutenção de mísseis. Falaram sobre os motivos que impunham o conserto de seis contadores Geiger e outros instrumentos, e a conclusão a que chegavam foi óbvia,

O contramestre do submarino ouviu a conversa e reflectiu na conclusão. Andava em submarinos havia dez anos. Apesar disso, não era um homem instruído e considerava a actividade na zona do reactor como coisa de bruxas. O reactor fazia funcionar o barco; como, não sabia, embora estivesse certo de que havia naquilo tudo algo de diabólico. Começou a pensar se os demónios que nunca vira dentro do tambor de aço não teriam fugido. Duas horas passadas, a tripulação sabia que algo corria mal e que os oficiais ainda ignoravam como resolver o problema.

Os cozinheiros que levavam a comida da cozinha para a zona dos tripulantes detinham-se o mais que podiam à proa. Os homens de quarto no centro de controle mexiam-se mais do que o costume, reparou Ramius, ansiando por saírem de serviço.

O USS “New Jersey”

Uma pessoa custava a habituar-se, reflectiu o comodoro Zachary Eaton. Quando o seu navio-almirante fora construído, brincava ele com barquinhos na banheira. Então, os russos eram aliados, mas aliados de conveniência, que partilhavam um inimigo comum, não um objectivo comum. Como os chineses, agora. Então, os inimigos eram alemães e japoneses. Na sua carreira de vinte e seis anos, estivera nos dois países muitas vezes, e o seu primeiro comando, um contratorpedeiro, atracara em Yokosuka. Um mundo estranho.

O seu navio-almirante tinha belas qualidades. Grande como era, o seu movimento em mares com vagas de três metros quase o fazia esquecer-se de que navegava. A visibilidade era de cerca de dez milhas e algures, a oitocentas milhas, encontrava-se a esquadra russa. O seu couraçado ia enfrentá-la como nos velhos tempos, como se os porta-aviões não existissem. Os contratorpedeiros Caron e Stumps estavam à vista, a cinco milhas de cada lado da proa. Mais à frente, os cruzadores Biddle e Waínwright faziam pesquisa de radar. A sua força de superfície marcava passo em vez de avançar como desejaria. Ao largo da costa, de Nova Jérsia, o porta-helicópteros Tarawa e duas fragatas corriam ao seu encontro, trazendo dez caças Harrier AV-8B e catorze helicópteros ASW para reforçarem o seu poder aéreo. Era útil, mas Eaton não ficaria excessivamente preocupado se não aparecessem. A esquadilha do Saratoga operava agora ao largo do Maine, juntamente com uma boa colecção de aviões da Força Aérea, trabalhando no duro para aprenderem a combater no mar. O HMS Invindble encontrava-se duzentas milhas a leste, executando agressivas patrulhas de ASW, e oitocentas milhas a leste desta força havia o Kennedy, oculto por uma frente de nuvens, ao largo dos Açores. Era, de certo modo, aborrecido para o comodoro ver os ingleses a ajudar. Desde quando a Marinha dos EUA precisava de ajuda para defender a costa americana? Claro que nos devem favores...

Os russos tinham-se dividido em três grupos, com o porta-aviões Kiev a leste, para enfrentar o grupo de batalha do Kennedy. A Eaton competia, em princípio, haver-se com o grupo do Moskva; o do Kirov seria para o Invinsible. Os seus oficiais de operações digeriam,

perante o quadro tático, os dados que constantemente chegavam ao navio-almirante sobre os grupos soviéticos. Que pretendiam os soviéticos?

Estava ao corrente da história de que procuravam um submarino, mas acreditava tanto nela como se eles tivessem explicado que queriam vender-lhe uma ponte. Provavelmente, pensou, querem é demonstrar que são capazes de se aproximar da nossa costa sempre que lhes der na gana, mostrar que são capazes de pôr no mar uma esquadra em tempo record e estabelecer um precedente.

Eaton não gostava disto.

Também não apreciava muito as ordens que lhe haviam dado. Devia executar duas missões não de todo compatíveis. Vigiar a actividade dos submarinos russos já era difícil. Os Vikings do Saratoga não operavam na sua zona, apesar de os ter pedido, e a maior parte dos Orions voavam longe, junto do Invincible. Os seus meios de ASW mal chegavam para defesa local, quanto mais para luta anti-submarina. O Tarawa modificaria a situação, mas também aumentaria as suas necessidades de protecção. A sua outra missão consistia em estabelecer e manter contacto por sensores com o grupo do Moskva e informar imediatamente sobre alguma actividade anormal C CINCLANTELT, o comandante-chefe da Esquadra do Atlântico. Bem, isto já fazia algum sentido. Se os barcos russos de superfície se tornassem agressivos, tinha meios para os enfrentar. Estava agora a ser decidido a que distância os devem seguir.

O problema residia em saber se devia manter-se perto ou longe deles. Perto significava vinte milhas — alcance de tiro. O Moskva tinha dez navios-escolta, nenhum dos quais poderia sobreviver a mais de dois dos seus projecteis de dezasseis polegadas. A vinte milhas poderia optar entre munições de calibre máximo ou reduzido, estas últimas guiadas até ao alvo por um orientador de raios laser, montado na torre principal. Testes realizados no ano anterior haviam demonstrado que poderia manter uma cadência de tiro de vinte em vinte segundos, com o laser a orientar o fogo de um alvo para outro até à destruição total. Isto, porém, exporia o New Jersey e os seus navios-escolta aos torpedos e aos mísseis dos barcos russos.

Mais longe, poderia sempre disparar tiros de cinquenta milhas, orientados para o alvo por um laser a bordo do helicóptero do couraçado. Isto exporia o helicóptero a mísseis disparados dos barcos e a helicópteros soviéticos que dispunham, ao que se pensava, de mísseis ar-ar. Para enfrentar este risco, o Tarawa trazia dois helicópteros Apache, com lasers e mísseis ar-ar e ar-terra; eram armas antitanque que se previam eficazes contra pequenos vasos de guerra.

Os barcos de Eaton ficariam expostos a mísseis, mas Eaton não temia pelo seu couraçado. Salvo se os russos transportassem ogivas nucleares, os mísseis antibarco não seriam capazes de danificar seriamente o seu navio — o New Jersey tinha mais de trinta centímetros de chapa blindada da classe B. Mas podiam destruir-lhe a aparelhagem de radar e de comunicações—e seriam mortíferos para os seus navios-escolta, de casco mais frágil. Os seus barcos transportavam mísseis antibarco, Harpoons e Tomahawks, embora não tantos quanto desejaria.

E se um submarino russo os perseguisse? Eaton não tinha informações sobre nenhum, porém nunca se sabia onde podia esconder-se um submarino. Bem, mas ia agora preocupar-se com tudo? Um submarino era capaz de afundar o New Jersey, mas teria de suar muito. Se os russos planeavam realmente algo de sujo, seriam os primeiros a disparar; no entanto, Eaton teria tempo bastante para lançar os seus mísseis e fazer fogo com os seus canhões, enquanto não dispusesse de apoio aéreo. Nada disso, porém, aconteceria, tinha a certeza.

Decidiu que os russos navegavam numa qualquer expedição de pesca. Competia-lhe mostrar-lhes que o peixe, naquelas águas, era perigoso.

Base Aérea Naval, North Island, Califórnia

O enorme tractor de reboque entrou, a três quilómetros por hora, no porão do Galaxy C-5A, sob o olhar atento do chefe de carga, de dois oficiais da Força Aérea e de seis oficiais da Marinha. Curiosamente, só estes últimos, nenhum dos quais usava as asas da aviação, eram versados na manobra. O centro de gravidade do veículo estava rigorosamente assinalado. Viram a marca aproximar-se de determinado número gravado na base do porão. A manobra devia ser perfeita; o mais pequeno erro podia afectar o equilíbrio do avião e pôr em perigo a vida dos tripulantes e dos passageiros.

—Aí! Parar mesmo aí — disse o oficial.

O condutor parou, aliviado. Deixou as chaves na ignição, puxou todos os travões e engatou uma velocidade antes de sair. Alguém o retiraria do cargueiro, do outro lado do país. O chefe de carga e seis ajudantes começaram imediatamente a trabalhar, passando cabos de aço por olhais no camião e no reboque, a fim de segurar a pesada carga. Carga instável era algo a que um avião raramente sobrevivia, e o C-5A não tinha assentos ejectáveis.

O chefe de carga certificou-se de que os seus ajudantes executavam o trabalho devidamente antes de se aproximar do piloto, um sargento de vinte e cinco anos que adorava o C-5, a despeito da sua má fama.

— Capitão, que diabo é isto?

— Chama-se um DSRV, sargento. Veículo de salvamento de profundidade.

— Tem escrito Avalon, sir — disse o sargento, apontando.

— É, tem nome. É uma espécie de barco salva-vidas para submarinos. Vai lá abaixo buscar a tripulação, quando há sarilho.

— Ah...

O sargento reflectiu. Já transportara tanques, helicópteros, carga em geral, de uma vez um batalhão inteirinho no seu — considerava o avião como seu — Galaxy. Mas era a primeira vez que transportava um barco. Se tinha nome, era barco. O Galaxy era fantástico, fazia tudo!

— Para onde o levamos, sir?

— Base Aérea Naval de Norfolk. Nunca lá estive.

O piloto observou atentamente a fixação da carga. Doze cabos tinham já sido passados. Quando mais doze fossem presos, esticá-los-iam a todos para impedir o menor movimento.

— A viagem deve demorar cinco horas e quarenta minutos, sem escala. Hoje temos o vento a favor, e previsão de bom tempo até chegarmos à costa. Ficamos lá um dia. Regressamos segunda-feira

de manhã.

— Os seus rapazes trabalham depressa — disse o oficial da Marinha, tenente Ames, aproximando-se.

— Mais vinte minutos e está pronto. — O piloto olhou o relógio. — Devemos descolar à hora prevista.

— Não há pressa, capitão. Se esta coisa se mexe durante o voo, ficamos com o dia estragado. Para onde mando os meus homens?

— Coberta superior, à proa. Há espaço para umas quinze pessoas à popa da cobertura de voo.

O tenente Ames sabia disto, mas nada disse. Voara com o seu DSRV sobre o Atlântico várias vezes e através do Pacífico uma vez, sempre num C-5 diferente.

— Posso saber o que se passa? — perguntou o piloto.

— Não sei — respondeu Ames. — Querem-me a mim e ao meu brinquedo em Norfolk.

— O senhor mete mesmo esta coisa debaixo de água? — perguntou o chefe de carga.

— É para isso que me pagam. Já andei com ela a cento e cinquenta metros de profundidade quase uma milha.

Ames olhou o seu veículo com afecto.

— Uma milha debaixo de água, siri Jesus... Desculpe, sir, mas... não é arriscado... com a pressão da água?

— Não. Já desci a seis mil metros com o Trieste. É uma beleza, lá em baixo. Vê-se toda a espécie de peixes esquisitos.

Apesar de ser um comandante oficial de submarinos, a paixão de Ames era a investigação oceanográfica. Possuía um diploma em oceanografia e comandava ou servira em todos os veículos da Marinha de submersão a grande profundidade, excepto o NR-1, movido a energia nuclear.

— Claro que a pressão da água, se algo correr mal, é mortífera, mas acontece tudo tão depressa que uma pessoa não dá por nada. Se quiserem dar um passeio para ver como é, talvez se arranje. Lá em baixo, o mundo é completamente diferente.

— Obrigado, sir — disse o sargento, tornando para junto dos seus homens, a espevitá-los.

— Não fala a sério — disse o piloto.

— Por que não? Grande coisa! Estamos fartos de transportar civis. E acredite que é muito menos arriscado do que viajar nessa sua maldita baleia branca durante um reabastecimento em pleno voo.

— Hum—fez o piloto, hesitante.

Fizera reabastecimentos centenas de vezes, pura rotina. Surpreendia-o que alguém a achasse perigosa. Era preciso ter cuidado, evidentemente, mas, cos diabos, não era também preciso ter cuidado ao sair de casa todas as manhãs? Tinha a certeza de que um acidente naquele submarino de bolso não deixaria, de um homem, o bastante para satisfazer o apetite de um camarão. Há gente para tudo, concluiu.

— Não vai nisto directamente para o mar, pois não?

— Não. Em geral, largamos de um barco preparado para o salvamento de submarinos, o Pigeon ou o Ortolan. Também podemos operar a partir de um submarino vulgar. Aquilo que ali vê no reboque é o nosso anel de acoplagem. Agarramo-nos ao fundo de um submarino, no tubo de salvamento da proa, e o submarino leva-nos aonde somos precisos.

— Isto tem a ver com a barafunda na Costa Leste?

— É muito possível, mas, oficialmente, não sabemos de nada. Os jornais dizem que os russos perderam um submarino. Se calhar vamos descer para o localizar e tentar salvar alguns sobreviventes. Podemos transportar vinte ou vinte e cinco homens de cada vez, e o nosso anel de acoplamento ajusta-se também aos submarinos russos.

— É do mesmo tamanho?

— Quase. — Ames arqueou um sobrolho. — Pensamos em todas as emergências.

— Interessante.

O Atlântico Norte

O Forger YAK+36 descolara do Kiev meia hora antes, guiado primeiro pela bússola giroscópica, agora pela antena ESM no curto leme do caça. A missão do tenente Viktor Shavrov

não era fácil, devia aproximar-se do avião Sentry E-3A, o radar aerotransportado ericano. Um destes aparelhos perseguia a sua esquadra havia três dias. O AWACS (sistema aerotransportado de aviso e controle) tinha o cuidado de voar bastante aquém do raio de alcance dos SAM, mas aproximava-se o suficiente para vigiar em permanência a esquadra soviética, informando de cada manobra e transmissão rádio a base de comando. Era como ter um ladrão a espiar o apartamento e nada poder fazer.

A Shavrov competia fazer alguma coisa. Não podia disparar, evidentemente. As ordens que recebera do almirante Stralbo, no Kirov, eram bem claras a este respeito. Mas levava consigo dois mísseis Atoll orientáveis pelo calor que não deixaria de mostrar aos imperialistas. Ele e o seu almirante esperavam dar-lhes uma lição: a Marinha soviética não gostava de metedições imperialistas e, às vezes, aconteciam acidentes... A missão valia bem o esforço que implicava.

Um esforço considerável. Para evitar a detecção pelo radar aerotransportado, Shavrov tinha de voar o mais baixo e lentamente que o seu avião permitia, uns vinte metros acima do turbulento Atlântico; assim se ocultava nas próprias vagas. A sua velocidade era de duzentos nós, o que lhe poupava combustível — a missão esgotaria praticamente a capacidade dos seus depósitos. Significava também um voo muito desconfortável, porque o caça balouçava na agitação do ar no topo das vagas. Havia uma névoa baixa que reduzia a visibilidade a poucos quilómetros. Tanto melhor, pensou. Fora a natureza da missão que o escolhera, não o contrário. Era um dos poucos pilotos soviéticos experimentados em voo rasante. Shavrov não começara como piloto da aviação naval; começara a pilotar helicópteros no Afeganistão e fora promovido a piloto de caça após um ano de pura aprendizagem. Era perito em voo baixo, em que se treinara por necessidade, Perseguindo os bandidos e contra-revolucionários que se acoitavam nas altas montanhas, como ratos hidrófobos. Esta prática tinha interessado a esquadra e Shavrov fora transferido para a aviação naval sem lhe pedirem opinião. Levava já uns meses nas suas novas funções e não tinha razão de queixa. O soldo e o complemento eram mais atraentes do que a base na fronteira chinesa. Como se contava entre as poucas centenas de pilotos soviéticos habilitados a operar a partir de um porta-aviões, eram menores as suas possibilidades de pilotar o novo MIG-27, embora, com sorte, se o monumental porta-aviões em instrução ficasse alguma vez pronto, pudesse vir a experimentar a versão naval daquele maravilhoso pássaro. Shavrov tinha razões para aspirar a tal e, após algumas missões bem sucedidas do tipo daquela em que agora se empenhava, mesmo ao comando de uma esquadilha.

Deixou de sonhar — a missão não se compadecia com sonhos, de tão exigente. Aquilo sim, era voar a sério! Nunca voara contra americanos, somente contra as armas que eles davam aos bandidos afegãos. Perdera amigos para essas armas, alguns dos quais haviam sobrevivido à queda dos seus aparelhos apenas para serem mortos pelos selváticos afegãos, de uma maneira que até um alemão acharia intolerável. Felizmente, ia poder dar uma lição aos imperialistas. Pessoalmente.

O sinal de radar tornava-se mais forte. Por baixo do seu assento ejetável, um gravador registava continuamente as características do sinal do avião americano para que os cientistas pudessem conceber meios de confundir e despistar o petulante olho voador americano. O aparelho não passava de um 707 transformado, um celebrado avião comercial que jamais se poderia opor a um exímio piloto de caça' Shavrov verificou o mapa. Não tardaria a encontrá-lo. Verificou depois o combustível. Esgotara havia minutos o depósito exterior e voava já com o interior. A turbo-ventoinha bebia-lhe o combustível, precisava de ter cuidado. Quando regressasse ao barco, não devia ter combustível para mais de cinco ou dez minutos. Isso não o preocupava. Já por mais de cem vezes pousara num porta-aviões.

Enfim! Os seus olhos de falcão surpreenderam um reflexo do sol em metal. Era uma da

tarde. Shavrov puxou para si a alavanca de comando e aumentou lentamente a velocidade, obrigando o seu Forger a subir. Um minuto depois voava a dois mil metros. Já via o Sentry, a pintura azul combinando-se perfeitamente com o céu a escurecer. Aproximava-se por detrás e, com sorte, a empenagem protegê-lo-ia da antena rotativa do radar. Perfeito! Passaria por ele algumas vezes, como uma seta, deixando que a tripulação visse os seus Atolls e...

Shavrov não se apercebeu logo de que tinha um companheiro. Dois companheiros.

Cinquenta metros à sua direita e à sua esquerda, dois caças americanos Eagle Fi/J. O rosto com viseira de um dos pilotos fitava-o.

— YAK-106, YAK-106, por favor identifique-se.

A voz no circuito rádio SSB (banda única) falava em russo impecável. Shavrov não se identificou. Tinham lido o número do aparelho gravado junto da turbina antes que ele se apercebesse da presença deles.

— YAK-106, YAK-106, aqui Sentry. Está a aproximar-se de nós. Por favor, identifique-se, diga o que pretende. Ficamos nervosos quando vemos um caça desgarrado a voar para nós e, por isso, nos últimos cem quilómetros, tem sido acompanhado por três dos nossos aviões.

Três? Shavrov virou a cabeça. Um terceiro Eagle com quatro is Sparrow pairava a cinquenta metros da sua cauda, do seu “seis”.

— Os nossos homens felicitam-no pela sua capacidade para voar baixo e lentamente, YAK-106.

O tenente Shavrov tremia de raiva ao passar os quatro mil metros, ainda a oito mil do AWACS americano. Verificara o seu seis de meio em meio minuto. Os americanos deviam tê-lo seguido, ocultos pelo nevoeiro, guiados pelo Sentry. Praguejou e manteve a rota. Daria ao AWACS uma lição!

— Inverta a marcha, YAK-106 — Era uma voz fria, sem emoção, talvez discretamente irónica. — YAK-106, se não inverter a marcha consideraremos a sua missão hostil. Pense bem, YAK-106. Está fora do alcance de radar dos seus barcos e ainda não entrou no raio de alcance dos nossos mísseis.

Shavrov olhou para a direita. O Eagle afastava-se. O da esquerda também. Seria um gesto de boa vontade, para o amansarem e suscitarem, em troca, boa vontade também? Ou estariam a deixar livre o espaço para que o caça que continuava atrás dele disparasse? Era impossível saber o que passava pela cabeça dos criminosos imperialistas; estava, no máximo, a um minuto do alcance dos seus mísseis. Shavrov não era cobarde, mas também não era louco. Moveu a alavanca, deslocando o caça alguns graus para a direita.

— Obrigado, 106 — agradeceu a voz. — Sabe, temos a bordo operadores em instrução. Dois são mulheres e não queremos estragar-lhes o primeiro voo.

Era de mais. Shavrov ligou o interruptor rádio na alavanca de comando.

— Quer que lhe diga o que deve fazer às suas mulheres, ianque?

— Você é nekultwny, 106 — respondeu a voz suavemente. — Talvez o longo voo sobre a água o tenha enervado. Deve estar quase a ficar sem combustível. Que raio de dia para voar, com estes ventos tão incertos! Quer que lhe dê a posição? Escuto!

— Não, ianque!

— A rota de regresso ao Kíev é umoitocinco. Não se esqueça da bússola, olha que está muito ao norte. Distância ao Kiev, trezentos e dezoito vírgula seis quilómetros. Cuidado... há uma frente fria a deslocar-se rapidamente, de sudoeste. Dentro de horas não vai ser nada agradável voar. Quer uma escolta?

— Porco!

Shavrov praguejou consigo. Desligou o rádio, amaldiçoando-se por tanta falta de disciplina. Permitira aos americanos que lhe ferissem o orgulho. Como a maioria dos pilotos, era muito orgulhoso.

— Cento e seis, não registamos a sua última transmissão. Dois dos meus Eagles vão ao seu encontro. Acompanhá-lo-ão em segurança até ao Kiev. Um dia feliz, camarada. Sentry-Novembro, terminado

O tenente americano virou-se para o seu coronel. Já não conseguia manter por mais tempo a expressão impávida.

— Senhor, por pouco não me enganava com a conversa! — Bebeu Coca de um copo de plástico. — Ele estava mesmo convencido de que ia surpreender-nos.

— Não sei se reparou que já estava ao alcance dos nossos mísseis. Mas como não temos autorização para disparar primeiro... Podia-nos ter estragado o dia — resmungou o coronel. — Você moeu-o bem, tenente.

— Foi um prazer, coronel. — O operador olhou o écran. — Vai outra vez para junto da mamã, com os Cobras três e quatro agarrados ao seu seis. Sentir-se-á muito infeliz quando chegar a casa... se chegar. Mesmo com os depósitos suplementares deve estar quase sem combustível. — Reflectiu por um momento. — Coronel, se isto tornar a acontecer, que me diz a oferecermo-nos para levar o rapaz connosco para casa?

— Um Forger... para quê? A Marulha era capaz de gostar de ter um para brincar, têm pouco material de Ivan, mas o Forger é uma sucata.

Shavrov sentiu-se tentado a puxar pelo motor, mas conteve-se. Já demonstrara fraqueza de sobra. Além disso, o seu YAK só ultrapassava Mach 1 em voo picado. Os Eagles ultrapassavam-no a subir e não lhes faltava combustível. Viu que ambos dispunham de células compactas FAST de combustível. Podiam assim cruzar oceanos! Malditos americanos, maldita a sua arrogância! Maldito o seu oficial de informações por lhe ter afiançado que poderia surpreender o Sentry Se disparassem os Backjires contra ele... Destruiriam aquele autocarro de passageiros antes que os caças seus guardiões se apercebessem.

Os americanos não mentiam sobre a frente fria. Uma linha de nuvens agressivas, correndo para nordeste, surgiu-lhe no horizonte ao aproximar-se do Kiev. Os Eagles retiraram-se. Um dos pilotos americanos voou a seu lado por momentos para lhe dizer adeus. Acenou de cabeça ao gesto de retribuição de Shavrov. Os Eagles emparelharam e rodaram para norte.

Cinco minutos depois, Shavrov estava a bordo do Kiev, ainda pálido de raiva. Mal as rodas foram calçadas, saltou para a coberta e deparou com o seu comandante de esquadrilha.

Kremlin

A cidade de Moscou era justamente famosa pelo seu metropolitano. Por uma ninharia, as pessoas podiam ir praticamente a toda a parte num comboio moderno, seguro, vistosamente decorado. Em caso de guerra, os túneis serviam de abrigo antiaéreo para os cidadãos de Moscou. Esta função secundária era resultado do esforço de Nikita Khrushchev, o qual, em meados dos anos trinta, quando a construção do metropolitano começara, tinha sugerido a Estaline uma escavação mais profunda. Estaline concordara. Na época, era prematuro pensar em abrigos antinucleares; a fissão do átomo não passava ainda de uma teoria, na fusão ainda mal se pensava.

Num ramal da linha entre a Praça Sverdlov e o antigo aeroporto, que corria perto do Kremlin, operários abriram um túnel que, mais tarde, seria fechado com uma parede de ferro e

cimento de dez metros de espessura. O espaço, de cem metros de comprimento, estava ligado ao Kremlin por dois elevadores e acabou por ser convertido num centro de comando de emergência de onde o Politburo podia controlar todo o império soviético. O túnel era também um óptimo meio de abandonar secretamente a cidade em direcção a um pequeno aeroporto, do qual os membros do Politburo podiam voar para o último reduto, no interior do monólito de granito de Zhiguli. Nenhum destes postos de comando era segredo para o Ocidente —existiam ambos havia muito tempo para que tal fosse possível —, mas o KGB afirmava convictamente que nada nos arsenais ocidentais podia penetrar as centenas de metros de rocha que, nos dois sítios, separava o Politburo da superfície.

O facto de pouco conforto servia ao almirante Yuri Ilych Padorin. Achava-se sentado no extremo de uma mesa de dez metros de comprimento, olhando os rostos sombrios dos dez membros do Politburo, o núcleo a quem exclusivamente competia tomar decisões estratégicas que afectassem o destino do país. Nenhum deles era militar. Os militares estavam sob o comando destes homens. Na outra extremidade da mesa, à esquerda de Padorin, sentava-se o almirante Sergey Gorshkov, que lavara as mãos daquele assunto com talento consumado, tendo mesmo exibido uma carta na qual se opunha à nomeação de Ramius para comandar o Outubro Vermelho. Padorin, como chefe da Administração Política, conseguira bloquear a transferência de Ramius, alegando que o candidato de Gorshkov se atrasava, às vezes, no pagamento das cotas ao Partido e não falava o suficiente nas reuniões para um oficial da sua patente. Na verdade, o candidato de Gorshkov não era tão competente quanto Ramius, a quem Gorshkov pretendia como oficial de operações, função que Ramius evitara durante anos.

O secretário-geral do Partido e presidente da União das Republicas Socialistas Soviéticas, André Narmonov, pousou os olhos em Padorin. A sua expressão nada dizia. Nunca dizia nada, salvo se ele quisesse — coisa rara. Narmonov sucedera a Andropov depois de este ter sofrido um ataque de coração. Corriam rumores acerca disto, mas, na União Soviética, correm sempre rumores. Nunca, desde os tempos de Lavrentí Beria, o patrão da Segurança chegara tão perto do Poder, e os mais categorizados funcionários do Partido haviam feito por esquecer tal facto. Não o tornariam a esquecer. Domar o KGB levava um ano, medida necessária para defender os privilégios da elite do Partido das supostas reformas da clique de Andropov.

Narmonov era o apparatchik por excelência. Distinguiu-se como director de uma fábrica, engenheiro que atingia as metas do Plano antes de tempo, um homem que apresentava resultados. Subira persistentemente à custa das suas qualidades e das dos outros, recompensando a quem devia recompensar, ignorando os restantes. A sua posição como secretário-geral do Partido Comunista não era absolutamente segura. Estava ainda de fresco na direcção do Partido e dependia de uma frágil coligação de colegas—não de amigos, que homens assim não fazem amigos. Ascendera ao posto mais em virtude de relações na estrutura do Partido do que por força de qualidades pessoais, e a sua posição dependeria, durante anos, de um consenso, até que pudesse impor a sua política.

Os olhos pretos de Narmonov, reparou Padorin, estavam vermelhos do fumo. O sistema de ventilação no tunel nunca funcionara bem. O secretário-geral semicerrou os olhos para Padorin, no outro extremo da mesa, enquanto decidia o que dizer, o que agradaria aos membros daquela cabala, àqueles dez homens velhos e impassíveis.

— Camarada almirante — começou em voz fria —, ouvimos do camarada Gorshkov quais são as possibilidades de encontrar e destruir esse submarino rebelde antes que possa consumir o seu inimaginável crime. Não estamos satisfeitos. E também não estamos satisfeitos com o fantástico erro de apreciação que deu o comando do nosso mais valioso barco a esse bandido. O

que pretendo saber de si, camarada, é o que aconteceu ao zampolit a bordo e que medidas de segurança foram tomadas pelo seu gabinete para impedir que esta infâmia ocorresse!

Não havia medo na voz de Narmonov, mas Padorin sabia que Narmonov o tinha. O “fantástico erro” podia, em última análise, ser atribuído ao presidente por membros do Partido que desejavam outro na cadeira — salvo se conseguisse de algum modo desresponsabilizar-se dele. Se tal significava a pele de Padorin, isso era problema do almirante. Não era o primeiro que Narmonov esfolava.

Padorin preparara-se para enfrentar a situação durante vários dias. Suportara meses de intensivos combates e afundara vários barcos à sua conta. Se fisicamente estava agora debilitado, mantinha pleno vigor de espírito. Fosse qual fosse a sua sorte, Padorin estaria decidido a enfrentá-la com dignidade. “Se me recordarem como um tonto”, disse consigo, “será como um tonto corajoso.” Pouca vida lhe restava, de qualquer modo.

— Camarada secretário-geral — começou —, o comissário político a bordo do Outubro Vermelho era o capitão Ivan Yurievich Putin, um valente e leal membro do Partido. Não posso imaginar...

— Camarada Padorin — interrompeu Ustinov, ministro da Defesa —, presumimos que também não podia imaginar a inacreditável traição desse Ramius. Espera que confiemos no juízo que faz do comissário político?

— O facto mais perturbador — acrescentou Mikhail Alexandrov, o teórico do Partido que substituirá Mikhail Suslov e era ainda mais intransigente do que o falecido ideólogo em matéria de pureza doutrinária — é a tolerância de que a Administração Política deu provas relativamente a esse renegado. É espantoso, tendo sobretudo em atenção os seus evidentes esforços para construir o culto da sua própria personalidade através do serviço nos submarinos, mesmo na esfera política, dir-se-ia. A sua criminosa indiferença, camarada, perante esta... esta aberração doutrinária tão óbvia não abona muito o juízo que faz do comissário político.

— Camaradas, têm razão em considerar que errei flagrantemente ao aprovar Ramius como comandante e também por lhe termos permitido escolher a maior parte dos oficiais do Outubro Vermelho. Por outro lado, decidimos, há uns anos, fazer as coisas assim, manter os oficiais ligados ao mesmo barco por longo tempo e dar ao comandante grande autoridade sobre as suas carreiras. Esta questão é operacional, não é uma questão política.

— Já analisámos isso — respondeu Narmonov. — É verdade que, Deste caso, a responsabilidade não pertence só a um homem.

Gorshkov não se mexeu, mas o recado era óbvio: os esforços que fizera para se desligar do escândalo tinham falhado. Narmonov não Queria saber de quantas cabeças eram precisas para calcar a sua cadeira.

— Camarada presidente — objectou Gorshkov —, a eficiência da Quadra...

— Eficiência? — repetiu Alexandrov. — Eficiência! Esse malhado Lituano está eficientemente a brincar com a nossa esquadra, ele e os seus escolhidos oficiais, enquanto os nossos barcos navegam à deriva como bois castrados!

Alexandrov aludia ao seu primeiro cargo, numa propriedade agrícola estatal. Princípio adequado, considerava-se geralmente, pois homem que detinha a posição de ideólogo-chefe era tão popular em Moscou como a peste, mas o Politburo precisava dele ou de outro como ele. O ideólogo-chefe era quem sagrava o rei. De que lado estaria agora — além do seu?

— A explicação mais provável é que Putin foi assassinado — continuou Padorin. — Só ele, dos oficiais, deixa mulher e filhos.

—’Essa é outra questão, camarada almirante — disse Narmonov, aproveitando a

oportunidade. — Por que motivo nenhum desses homens é casado? Isso não o fez desconfiar de nada? Será que nós, os membros do Politburo, temos de pensar em tudo? Os senhores não podem pensar pela própria cabeça?

Como se quisesse tal coisa, pensou Padorin.

— Camarada secretário-geral, a maior parte dos nossos comandantes de submarino prefere oficiais jovens e solteiros. Servir no mar é duro, e os homens solteiros têm menos distrações. Além disso, cada um dos oficiais a bordo é membro do Partido com posição de destaque e notável currículo. Ramius traiu, é inegável, e de boa vontade mataria esse filho da mãe com as próprias mãos... mas ele enganou mais homens honestos do que os que se encontram nesta sala.

— Lá isso... — observou Alexandrov. — E agora que estamos metidos neste sarilho como vamos sair dele?

Padorin respirou fundo. Esperava aquele momento.

— Camaradas, temos outro homem a bordo do Outubro Vermelho, sem que Putin ou Ramius saibam, Um agente da Administração Política.

— Quê? — exclamou Gorshkov. — E porque é que eu não sei disso?

— A primeira coisa inteligente que ouvimos hoje — disse Alexandrov, sorrindo. — Continua,

— Esse indivíduo está disfarçado de marinheiro. Responde directamente perante o nosso gabinete, ladeando todos os canais operacionais e políticos. Chama-se Igor Loginov. Tem vinte e quatro anos e...

— Vinte e quatro anos! — exclamou Narmonov. — Confia uma responsabilidade dessas a uma criança?

— Camaradas, a missão de Loginov consiste em misturar-se com os tripulantes do contingente geral, ouvir conversas, identificar traidores potenciais, espiões e sabotadores. De facto, parece ainda mais novo. Serve com rapazes e tem de ser um rapaz. Na realidade, é diplomado pela Escola Naval Superior de Comissários Políticos de Kiev e pela Academia do GRU. É filho de Arkady Ivanovich Logúiov, director da Siderurgia Lenine, de Kazan. Muitos dos que estão presentes conhecem o pai dele. — Narmonov contava-se entre os que acenavam de cabeça, um brilho interessado no olhar. — Os escolhidos para este tipo de missão saem de um grupo de elite reduzidíssimo. Eu próprio entrevistei esse rapaz. A sua ficha é impecável. É um patriota soviético acima de toda a suspeita.

— Conheço o pai — confirmou Narmonov. — Arkady Ivanovich é um homem honrado, que criou bons filhos. Quais são as ordens do rapaz?

— Como disse, camarada secretário-geral, em princípio a sua missão consiste em vigiar os tripulantes e em informar sobre o que vê. Faz isso há dois anos, e bem feito. Não informa o zampolit a bordo; informa Moscou ou um dos meus representantes. Numa emergência, tem ordens para informar o zampolit. Se Putin estiver vivo — no que não acredito, camaradas — fará parte da conspiração e Loginov não contactará, portanto, com ele. Numa emergência destas, por conseguinte, tem ordens para destruir o barco e fugir.

— Isso é possível? — perguntou Narmonov. — Gorshkov?

— Camaradas, todos os nossos barcos transportam poderosas cargas de afundamento, em particular os submarinos.

— Infelizmente — disse Padorin—, não estão, em geral, armadas, e só o comandante pode activá-las. Desde o incidente no Storozhevoy, nós, na Administração Política, reconhecemos que um incidente como este era, de facto, possível e que, num submarino equipado com mísseis, assumiria a sua forma mais grave.

— Ah! — observou Narmonov. — O rapaz é mecânico de mísseis.

— Não, camarada, é cozinheiro — respondeu Padorin.

— Ótimo! Passa o dia a cozer batatas! — Narmonov abriu os braços, a esperança morta num instante, substituída por indisfarçável cólera. — Quer ser fuzilado imediatamente, Padorin?

— Camarada presidente, trata-se de um disfarce melhor do que imagina. — Padorin não pestanejou, querendo mostrar àqueles homens a fibra de que era feito. — No Outubro Vermelho, as acomodações dos oficiais e a cozinha são à popa. A tripulação aloja-se à proa, onde come, também, pois não dispõe de refeitório separado, tendo de permeio a sala dos mísseis. Como cozinheiro, tem de andar de um lado para o outro muitas vezes ao dia, e a sua presença em qualquer zona não provoca suspeitas. O frigorífico está instalado num local contíguo à coberta inferior dos mísseis, à proa. Não lhe compete activar as cargas. Contamos com a possibilidade de o comandante desarmar. Camaradas, estas medidas foram cuidadosamente estudadas.

— Continue — resmungou Narmonov.

— Conforme o camarada Gorshkov já explicou, o Outubro Vermelho transporta vinte e seis mísseis Seahawk. São mísseis de combustível sólido e um tem uma carga de segurança,

— Carga de segurança? — repetiu Narmonov, confuso.

Até àquela altura, os outros militares presentes, nenhum deles membro do Politburo, tinham mantido o silêncio. Padorin ficou surpreendido quando o general V. M. Vishenkov, comandante das Forças Estratégicas com Mísseis, falou:

— Camaradas, estes pormenores foram estudados pelo meu gabinete há uns anos. Como sabem, quando ensaiamos os nossos mísseis estes dispõem de cargas de segurança que os fazem explodir no caso de se desviarem da rota prevista. De outro modo, poderiam cair sobre uma das nossas cidades. Os mísseis operacionais não têm, em geral, essas cargas, por uma razão óbvia: os imperialistas poderiam descobrir um processo de os fazer explodir em voo.

— Portanto, o nosso jovem camarada do GRU fará explodir o míssil. E as ogivas? — perguntou Narmonov.

Engenheiro por formação, entusiasmava-se sempre com um discurso técnico, deixava-se sempre impressionar por um discurso técnico inteligente.

— Camarada — prosseguiu Vishenkov —, as ogivas dos mísseis são armadas por acelerómetros. Só podem, portanto, ser armadas quando o míssil atinge a velocidade máxima programada. Os americanos usam o mesmo sistema e pelo mesmo motivo; impedir sabotagens. Estes sistemas de segurança são absolutamente dignos de confiança. Pode-se atirar uma ogiva do alto do emissor de televisão de Moscou sobre uma chapa de ferro que ela não explodirá.

O general referia-se à monumental antena de TV cuja construção Narmonov supervisara pessoalmente, enquanto responsável máximo da Direetoria das Comunicações Centrais. Vishenkov era um talentoso jogador político.

— No caso de um míssil de combustível sólido — continuou Padorin, reconhecendo a sua dívida para com Vishenkov, perguntando a si próprio o que lhe seria pedido em troca e desejando viver o suficiente para cumprir — a carga de segurança inflama os três andares do míssil ao mesmo tempo.

— Então, isso é o mesmo que lançar o míssil — observou Alexandrov.

— Não, camarada académico. O andar superior pode largar, se conseguir romper a escotilha do tubo, o que inundaria toda a sala de mísseis, afundando o submarino. Porém, mesmo que isso não aconteça, existe suficiente energia térmica nos dois primeiros andares para reduzir o submarino a um charco de ferro derretido... vinte vezes superior em tamanho ao necessário para o afundar. Loginov está treinado para desligar o sistema de alarme na escotilha do tubo do míssil,

activar a carga de segurança, regular o cronometro e fugir.

— Não para destruir o barco? — perguntou Narmonov.

— Camarada secretário-geral — disse Padorin —, seria de mais pedir a um jovem que cumprisse o seu dever, equivalendo isto a morte certa. Seríamos irrealistas se o fizéssemos. Ele deve ter, pelo menos, a possibilidade de escapar, caso contrário a fraqueza humana pode levar ao malogro.

— É razoável — concedeu Alexandrov. — Os jovens são motivados pela esperança, não pelo medo. Neste caso, o jovem Loginov sonhará com uma bonita recompensa.

— E tê-la-á — disse Narmonov. — Faremos tudo para salvar o rapaz, Gorshkov.

— Se ele for realmente digno de confiança — observou Alexandrov.

— Sei que a minha vida depende disto, camarada académico — disse Padorin, sempre de ombros erguidos.

Não obteve uma resposta verbal, apenas acenos de cabeça de metade dos presentes. Já antes enfrentara a morte e estava numa idade em que a morte é a última coisa que um homem tem de enfrentar.

A Casa Branca

Arbatov entrou na Sala Oval as 16 e 50. Encontrou o presidente e o Dr. Pelt sentados em sofás, diante da secretária do primeiro.

— Entre, Alex. Café?—O presidente apontou para uma bandeja sobre o canto da secretária.

Não iria beber álcool, concluiu Arbatov. —Não, obrigado, senhor presidente. Posso saber...

— Pensamos ter encontrado o vosso submarino, Alex — respondeu Pelt. — Acabam de nos trazer estas mensagens. Estamos a confirmá-las. O conselheiro ergueu um maço de papéis presos com uma mola.

— Onde, posso saber?

A expressão do embaixador era impávida.

— Mais ou menos trezentas milhas a nordeste de Norfolk, ainda não o localizámos exactamente. Um dos nossos barcos detectou uma explosão subaquática na área... não, não foi assim. Havia uma gravação e quando, mais tarde, foi passada, eles pensaram ouvir um submarino explodir e afundar-se. Lamento, Alex — disse Pelt. — Devia ter recorrido a um intérprete para ler esta papelada. A vossa Marinha também tem uma linguagem própria, não?

— Os militares não gostam que os civis os percebam — disse Arbatov, sorrindo. — É assim desde o princípio do mundo.

— Bom... Temos barcos e aviões a patrulhar a zona.

O presidente disse:

— Alex, acabo de falar com o chefe das operações navais, Foster. Ele disse que não deve haver sobreviventes. A água tem, local, mais de trezentos metros de profundidade, e o tempo, como sabe, está péssimo. Afundou-se mesmo na orla da plataforma continental.

— Norfolk Canyon, sir — acrescentou Pelt.

— Procedemos a buscas intensivas — continuou o presidente. — A Marinha vai utilizar equipamento especializado, aparelhagem de pesquisa, coisas assim. Se o submarino for localizado, mandaremos descer alguém para ver se há sobreviventes. Pelo que diz o CNO, se as divisórias interiores, anteparas, acho que é como lhe chamam, estiverem intactas, pode ser que alguém se tenha safado. O problema é o ar disponível, diz ele. O tempo joga contra nós, receio bem. O

dinheirão que gastámos nesse equipamento fabuloso e não são capazes de localizar um raio de um objecto mesmo ao largo da nossa costa!

Arbatov registou mentalmente estas palavras. Dariam uma valiosa informação secreta. O presidente dissera, sem querer, que...

— É verdade, senhor embaixador... Que fazia exactamente o submarino?

— Não faço ideia, doutor Pelt.

— Espero que não se trate de um submarino equipado com mísseis — disse Pelt. — Temos um acordo para os manter a quinhentas milhas da costa. Os destroços serão evidentemente examinados pelas nossas equipas de salvamento. Se viermos a descobrir que se trata, de facto, de um submarino com mísseis...

— Compreendo. Mas são águas internacionais. O presidente disse em tom afável:

— O golfo da Finlândia também, Alex, e o mar Negro, creio. — Deixou que a observação fizesse efeito. — Espero sinceramente que não voltemos a esse tipo de situação. Trata-se ou não de um submarino equipado com mísseis, Alex?

— Palavra, senhor presidente, que não faço ideia. Desejo sinceramente que não.

O presidente apreciou o cuidado com que a mentira fora expressa. Perguntou a si próprio se os russos admitiriam que um dos seus comandantes desrespeitara as ordens. Não; provavelmente diriam ter-se tratado de um erro de navegação.

— Muito bem. De qualquer modo, conduziremos as nossas operações de busca e salvamento. Não tardaremos a saber que tipo de barco era. — O presidente mostrou-se subitamente inquieto. — Foster disse mais uma coisa... Se encontrarmos corpos... desculpe-me falar-lhe assim tão cruamente numa tarde de sábado... com certeza pretenderá que sejam transportados para o seu país...

— Não recebi nenhuma instrução sobre isso — respondeu o embaixador sinceramente, desprevenido.

— Explicaram-me em pormenor como morre um homem nestas circunstâncias. Abreviando, são esmagados pela pressão da água, coisa nada agradável de ver, parece... Mas são homens e merecem respeito, mesmo na morte.

Arbatov cedeu:

— Se for possível, então, creio que o povo soviético apreciará esse gesto humanitário.

— Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance.

O alcance americano, lembrou-se Arbatov, incluía um barco chamado Glomar Explorer. Este notável navio explorador fora construído pela CIA com o objectivo específico de recuperar um submarino soviético equipado com mísseis da classe Golf do leito do oceano Pacífico. O navio fora arrumado, sem dúvida à espera da próxima oportunidade. A União Soviética nada podia fazer para impedir a operação, a poucas centenas de milhas da costa americana, a trezentas milhas da maior base naval dos Estados Unidos.

— Confio em que os preceitos da lei internacional serão respeitados, meus senhores... Relativamente aos destroços e aos corpos dos tripulantes.

— Claro, Alex.

O presidente sorriu e apontou para um memorando na secretária. Arbatov procurava controlar-se. Fora iludido como um colegial, esquecera-se de que o presidente americano fora um hábil tático em tribunal — coisa que, na União Soviética, a vida não prepara um homem para ser — e conhecia tudo sobre estratagemas legais. Por que era tão fácil subestimar aquele patife?

O presidente procurava também controlar-se. Era raro ver Alex agitado. Alex era um adversário inteligente, difícil de apanhar desprevenido. Se risse, estragaria tudo.

O memorando do procurador-geral chegara só de manhã. Dizia:

Senhor Presidente

Satisfazendo o seu pedido, solicitei ao chefe do nosso departamento legal do Almirantado que estudasse a lei internacional no respeitante à propriedade de vasos de guerra afundados ou abandonados, e a lei relativa ao destroços de tais vasos. Existe muita jurisprudência sobre o assunto. Um exemplo simples é o de Dalmas v Statbos (84FSup. 828, 1949 A.M.C. 770 S.D.N.y 1949):

Não há aqui nenhum problema de lei estrangeira, pois está perfeitamente estabelecido que “os destroços são uma questão do âmbito do jus gentium que ordinariamente não depende da lei municipal dos países”.

A base internacional desta doutrina é a Convenção sobre Destroços de 1910 (Bruxelas) que codifica a natureza transnacional da lei do Almirantado e sobre destroços. A convenção foi ratificada pelos Estados Unidos na Lei dos Destroços de 1912, 37 Estat. 242 (1912) 46 U.S.C.A. §§ 727-731; e também em 37 Estat. 1858 (1913).

— A lei internacional será respeitada, Alex — prometeu o presidente. — Em tudo. E tudo o que apanharmos será levado para o porto mais próximo, Norfolk, onde será entregue ao recebedor de destroços, um funcionário federal sobrecarregado de trabalhos. Se os soviéticos quisessem alguma coisa de volta teriam de pôr uma acção no tribunal do Almirantado, ou seja, o tribunal do distrito federal sediado em Norfolk onde, se a acção fosse julgada procedente, após determinação do valor dos destroços e após a Marinha dos Estados Unidos ter sido indemnizada das despesas feitas, também por determinação do tribunal, os destroços seriam devolvidos aos seus legítimos proprietários. Claro que os processos no tribunal federal tinham, segundo as últimas contas, onze meses de atraso.

Arbatov podia telegrafar para Moscovo, expondo a situação. De nada serviria, porém; tinha a certeza de que o presidente retiraria um prazer perverso da manipulação do grotesco sistema legal americano em seu proveito, sempre destacando que, como presidente, estava constitucionalmente impedido de interferir na esfera da Justiça.

Pelt olhou o relógio. Era tempo da surpresa seguinte. Não podia deixar de admirar o presidente. Para quem anos atrás possuía um conhecimento limitado dos assuntos internacionais, aprendera depressa. Aquele homem de aspecto simples, de fala tranquila, era extraordinário perante as situações que se lhe deparavam e, depois de uma longa experiência como procurador, continuara a gostar do jogo da negociação e da manobra táctica. Mostrava-se capaz de manipular as pessoas com uma assustadora naturalidade. O telefone tocou e BeM atendeu, conforme estava previsto.

— Fala o doutor Pelt. Sim, almirante... Onde? Quando? Só um? Compreendo... Norfolk? Obrigado, almirante, é uma boa notícia. Vou informar já o presidente. Por favor, mantenha-nos informados. — Pelt virou-se. — Apanhámos um vivo, graças a Deus!

—Um sobrevivente do submarino?

O presidente pôs-se de pé.

—Bem, é um marinheiro russo. Um helicóptero recolheu-o há uma hora. Vai a caminho do hospital da base de Norfolk. Recolheram-no duzentas e noventa milhas a nordeste de Norfolk, portanto deve ser do submarino. Está em estado muito grave, mas o hospital foi avisado.

O presidente dirigiu-se à secretária e levantou o telefone.

— Grace, quero falar imediatamente com Dan Foster... Almirante, fala o presidente. O homem que recolheram quanto tempo demora a chegar a Norfolk? Mais duas horas? — Fez um trejeito. — Almirante, ligue para o hospital e diga-lhe que eu disse para fazerem tudo o que puderem por esse homem. Quero-o tratado como se fosse meu filho, está a perceber? Bom...

Quero boletins médicos de hora a hora, e os melhores especialistas, os melhores! Obrigado, almirante. — Desligou. — Bem...

— Talvez tenhamos sido demasiado pessimistas, Alex — disse Pelt.

— Poderemos ver o nosso homem? — perguntou logo Arbatov.

— Com certeza — respondeu o presidente. — Têm médico na Embaixada, não têm?

— Temos, senhor presidente.

— Leve-o consigo. Gozará de todos os privilégios. Eu próprio tratarei disso. Jeff, continuam à procura de mais sobreviventes?

— Continuam, senhor presidente. A área está a ser sobrevoada por uma dúzia de aviões e vão mais dois barcos a caminho.

— Muito bem! — O presidente apertou as mãos, entusiasmado como um garoto num bazar. — Se conseguirmos recolher mais alguns sobreviventes, talvez possamos dar ao seu país um bom presente de Natal, Alex. Faremos tudo o que pudermos, tem a minha palavra.

— É muito amável, senhor presidente. Comunicarei imediatamente esta boa notícia ao meu país.

— Calma, Alex.—O presidente ergueu as mãos. — Acho que isto merece uma bebida.

DÉCIMO DIA

Domingo, 12 de Dezembro

Controle SOSUS

No controle SOSUS em Norfolk, o quadro apresentava-se cada vez mais difícil. Os Estados Unidos não dispunham, pura e simplesmente, de tecnologia adequada para perseguir submarinos em águas profundas. Os receptores do SOSUS estavam instalados sobretudo em pontos de passagem estreitos, em águas baixas, no fundo de vales subaquáticos. A estratégia dos países da NATO era consequência directa desta limitação tecnológica. Numa guerra em larga escala com os soviéticos, a NATO usaria a barreira do SOSUS da Gronelândia-Islândia-Reino Unido como um arame de tropeçar, um alarme contra ladrões. Os submarinos aliados e os aviões de patrulha ASW tentariam localizar, atacar e destruir os submarinos soviéticos antes que pudessem cruzar a barreira.

Nunca, porém, se esperava que a barreira detivesse mais de metade dos submarinos atacantes, e os que conseguissem atravessá-la deveriam ser enfrentados de outra maneira. As grandes bacias oceânicas eram vastas e fundas de mais — a profundidade média ultrapassava as duas milhas — para serem semeadas de sensores como os pontos de passagem estreita em águas baixas. Esta realidade era ao mesmo tempo favorável e desfavorável. A missão da NATO consistia em preservar a ponte atlântica e assegurar o fluxo do comércio transoceânico, e a missão soviética era, naturalmente, impedir esse comércio. Os submarinos teriam de se espalhar pelo vasto oceano, a fim de cobrirem o máximo possível de rotas. A estratégia da NATO para lá das barreiras do SOSUS era, pois, formar grandes comboios protegidos por contratorpedeiros, helicópteros e aviões. A escolta tentaria criar uma bolsa protegida de cerca de cem milhas. A presença de submarinos inimigos não seria permitida nesta bolsa; uma vez no seu interior, seriam perseguidos e destruídos — ou, simplesmente, escoraçados, para que o comboio pudesse passar. Assim, enquanto o SOSUS se destinava a neutralizar uma invasão dos mares, a impedir a conquista de uma área fixa, a estratégia para águas profundas baseava-se na mobilidade, na criação de sucessivas zonas protegidas para o tráfego, vital, no Atlântico Norte.

Era uma estratégia inteligente, impossível de testar, porém, em condições reais e, infelizmente, inútil, em grande medida, no momento. Com todos os Alfas e Victors soviéticos já na costa e os últimos Charlies, Echos e Novembers acabados de atingir as suas posições, o quadro principal que o comandante Quentin olhava já não estava cheio de pontinhos vermelhos, mas de grandes círculos. Cada ponto ou círculo indicava a posição de um submarino soviético. Um círculo representava uma posição, calculada a partir da velocidade a que um submarino podia deslocar-se sem fazer barulho suficiente para ser detectado pelos muitos sensores com esse fim. Alguns círculos tinham dez milhas de diâmetro, outros cinquenta; se o submarino fosse novamente detectado, haveria que pesquisar uma área entre setenta e oito e duas mil milhas quadradas. E eram muitos, os submarinos.

Perseguir submarinos competia, sobretudo, ao Orion P-3C. Cada Orion dispunha de sonobóias, conjuntos de sonar activo e passivo pneumáticos que eram largados do bojo do avião. Ao fazer uma detecção, a sonobóia entrava em contacto com o avião e afundava-se automaticamente para não cair em mãos inimigas. As sonobóias tinham energia eléctrica limitada

e, portanto, limitado alcance. Pior: o stock era também limitado; estava a diminuir assustadoramente e não tardariam a ter de reduzir o consumo. Além da sonobóia, os P-3C dispunham de FLIR, exploradores de infravermelhos que identificavam a assinatura térmica de um submarino nuclear, e de MAD, detectores de anomalias magnéticas que localizavam perturbações no campo magnético da terra, provocadas por uma grande massa de metal ferroso como um submarino. O MAD só poderia detectar uma perturbação magnética seiscentos metros à esquerda e à direita da rota do avião, e, para isso, o aparelho tinha de voar baixo, consumindo combustível e limitando a capacidade de busca visual. O FLIR possuía limitações semelhantes.

Portanto, a tecnologia usada para localizar um alvo detectado pelo SOSUS ou para limpar uma zona do oceano antes da passagem de um comboio não servia para pesquisar o mar profundo.

Quentin inclinou-se para a frente. Um círculo acabara de se transformar num ponto. Um P-3C largara uma carga explosiva e sonora, e localizara um submarino da classe Echo quinhentas milhas a sul de Grand Banks. Durante uma hora, poderiam disparar contra o Echo, praticamente sem receio de falhar. O seu nome estava escrito nos torpedos ASW MARK 46, do Orion.

Quentin sorveu o café. O seu estômago revoltava-se contra o excesso de caféina, lembrando-lhe o abuso, ao longo de quatro meses, de uma quimioterapia mortífera. Se uma guerra rebentasse, podia rebentar assim. De repente, os submarinos russos parariam, como aquele, talvez. Não visariam comboios em pleno oceano, atacariam mais perto da costa, como os alemães tinham feito... e todos os sensores americanos estariam no sítio errado. Os pontos passariam então a círculos cada vez maiores, tornando a localização dos submarinos difícilíssima. Com os motores parados, os submarinos seriam armadilhas invisíveis para os barcos mercantes e de guerra transportando abastecimentos indispensáveis para os europeus. Os submarinos eram como o cancro, como a doença que Quentin mal derrotara. Os barcos invisíveis e malignos escolheriam um sítio, parariam para o infectar e, no seu écran, os tumores cresceriam até serem atacados pelos aviões que controlava daquela sala. Mas agora não podia atacá-los; somente vigiá-los.

— PK EST 1 HORA — RUN—Descreveu no terminal do computador.

— Vinte e três — respondeu imediatamente o computador.

Quentin resmungou. Vinte e quatro horas antes, a PK, probabilidade de destruição, era de quarenta — quarenta destruições prováveis na primeira hora, após a autorização de tiro. Agora era praticamente metade, e o número devia ser interpretado com cautela, visto presumir que tudo resultaria pelo melhor — prodígio que só acontece nos romances. Em breve o número seria inferior a dez. Não incluía, evidentemente, as destruições provocadas pelos submarinos amigos que perseguiam os russos com ordens estritas para não revelarem as suas posições. Os seus ocasionais aliados nos Stwgeons, Permits e Los Angeles executavam a manobra de ASW segundo as suas próprias regras. Outra gente. Tentava pensar neles como amigos, mas nunca conseguia. Em vinte anos de serviço na Marinha, os submarinos tinham sido sempre, para Quentin, o inimigo. Na guerra seriam inimigos úteis, mas na guerra todos sabiam não haver coisa a que pudesse chamar-se um submarino amigável.

Um "B-52"

A tripulação do bombardeiro sabia exactamente onde os russos se encontravam. Os Oríons da Marinha e os Sentries da Força Aérea perseguiam-nos havia dias e, na véspera, tinham-lhes

dito, os soviéticos haviam mandado um caça armado do Kiev ao Sentry mais próximo. Talvez uma missão de ataque, talvez não, fora de qualquer modo um acto provocatório.

Quatro horas antes, às 3 e 30, a esquadrilha de catorze aparelhos descolara de Plattsburg, Nova Iorque, deixando atrás de si rastros de fumo que a claridade do alvorecer ocultava. Cada avião dispunha de combustível e de doze mísseis, cujo peso total ficava bastante aquém da capacidade do B-52, o que lhe permitia um voo de longo curso.

Era exactamente esta a faculdade de que precisavam. Saber onde estavam os russos era apenas metade da batalha; atingi-los era a outra. A missão era fácil de executar. Conforme a lição das missões sobre Hanói — nas quais o B-52 participara e sofrera os danos provocados pelos SAM (mísseis terra-ar)—, o melhor método para atacar um alvo fortemente defendido consistia em convergir de todos os pontos da bússola ao mesmo tempo, “como os braços envolventes de um urso perigoso” — dissera o comandante da esquadrilha ao explicar a missão, cedendo ao seu pendor poético. Deste modo, metade da esquadrilha seguiria rotas relativamente directas para o alvo e outra metade deveria voar em rotas circulares, mantendo-se sempre fora do alcance do radar. Todos teriam de rumar ao alvo no momento exacto.

Os B-52 haviam alterado a rota dez minutos antes, por ordem do Sentry que orientava a missão. O piloto permitira-se uma variação. A sua rota em direcção à formação soviética sobrepunha-se a uma rota comercial. Ao dar a volta, o piloto mudara o transponder IFF da posição normal para internacional. Voava oitenta quilómetros atrás de um 747 de carreira, cinquenta à frente de outro e, no radar soviético, os três Boeings pareciam exactamente iguais— inofensivos.

Fazia ainda escuro à superfície. Não havia ainda indicação de que os russos tivessem sido alertados. Os seus caças, ao que se supunha, eram apenas VFR (capazes de navegação à vista), e o piloto imaginou que descolar e pousar às escuras num porta-aviões era coisa muito arriscada, sobretudo com, mau tempo.

— Comandante — disse o especialista em guerra electrónica pelo intercomunicador—, estamos a receber emissões nas bandas L e S. Estão onde se presume que estejam.

—Entendido. Poderão mudar?

— Podem, mas pensam com certeza que somos da Pan-Am. Não há ainda controle de tiro, só vigilância aérea de rotina.

— Distância ao alvo?

— Dois-zero-oito quilómetros.

Eram quase horas. O perfil da missão impunha que atingissem o círculo de duzentos quilómetros no mesmo instante.

— Tudo pronto?

— Tudo pronto.

O piloto descontraíu-se, à espera do sinal.

— FLASHLIGHT, FLASHLIGHT, FLASHLIGHT. O sinal entrou no canal do rádio digital.

— Agora! Vamos mostrar-lhes que estamos cá — ordenou o comandante do bombardeiro.

— Certo.

O especialista em guerra electrónica retirou a cobertura de plástico transparente do painel de interruptores e botões que controlavam os sistemas de interferência rádio do avião. Primeiro activou os sistemas, o que demorou alguns segundos. Os dispositivos electrónicos do B-52 datavam dos anos setenta, de outro modo a esquadrilha não estaria integrada em missões de treino. Bons instrumentos de aprendizagem, todavia. O tenente tinha esperança de passar para os

novos B-1B que começavam a sair da linha de montagem de Rockwell, na Califórnia. Havia dez minutos que as antenas ESM no nariz e na ponta das asas do bombardeiro captavam os sinais do radar soviético, classificando as suas frequências exactas, ritmo de repetição de impulsos, força e características individuais de assinatura dos transmissores. O tenente não tinha experiência daquele jogo. Acabava de sair da escola de guerra electrónica, o primeiro do seu curso. Reflectiu primeiro no que devia fazer, depois seleccionou um modo de interferência, não o melhor, de uma gama de opções memorizadas.

O “Nikolayev”

A cento e vinte e cinco milhas de distância, no cruzador Nikolayev, da classe Kara, um michman do radar estudava uns blips que pareciam desenhar um círculo à volta da sua formação. Num instante, o seu écran ficou coberto por vinte manchas fantasmagóricas em rotas múltiplas, uma barafunda. Deu o alarme, repetido um segundo depois por outro operador. O oficial de quatro correu ao écran.

Quando chegou, já a interferência cessara, e seis linhas, como os raios de uma roda, giravam lentamente sobre um eixo central.

— Ligue o estroboscópio — ordenou o oficial. Viram-se manchas, linhas e chispas.

— Mais de um avião, camarada.

O michman tentou limpar a recepção.

— Aviso de ataque! — gritou outro michman.

O seu receptor ESM acabava de captar os sinais dos radares aéreos do tipo usado na fixação de alvos para mísseis ar-terra.

O “B-52”

— Temos bons alvos — anunciou o oficial de tiro do B-52. — Tenho sob mira os primeiros três pássaros.

— Entendido — respondeu o piloto. — Aguarde mais dez segundos.

— Dez segundos — repetiu o oficial. — Desligar interruptores, agora!

— Certo, anular interferência.

— Sistemas ECM desligados.

O “Nikolayev”

— Os radares de fixação de alvo foram desligados — anunciou o oficial do centro de informação de combate.

O comandante do cruzador acabava de chegar da ponte. À sua volta, a tripulação do Nikolayev corria a tomar posições de combate.

— A interferência também cessou.

— Mas que se passa? — perguntou o comandante.

Do céu azul e límpido, o seu belo cruzador rapidíssimo fora ameaçado .. e agora tudo estava calmo?

— Pelo menos oito aviões inimigos circulando à nossa roda.

O comandante observou o écran da banda S de busca aérea, já normal. Viam-se inúmeros blips, sobretudo de aviões civis. O semicírculo dos restantes só podia ser do inimigo.

— Podiam ter disparado mísseis?

— Não, camarada comandante, tê-los-íamos detectado. Interferiram nos nossos radares de busca durante trinta segundos e fixaram-nos com o radar deles durante vinte. Depois, parou tudo.

— Quer dizer: provocaram-nos e agora fingem que não se passou nada! — resmungou o comandante. — Quando estarão ao alcance dos SAM1

— Este e este dentro de quatro minutos, se não alterarem a rota.

— Fixe-os com o nosso sistema de controle de mísseis. Vamos dar uma lição a esses patifes!

O oficial deu as instruções necessárias, interrogando-se sobre quem receberia a lição. Seiscentos metros acima, um dos B-52 era um EC-135, cujos sensores electrónicos computarizados registavam todos os sinais do cruzador soviético e os decompunha para melhor se saber como interferir neles. Era a primeira vez que se podia analisar em pormenor o novo sistema de controle de mísseis SA-N-8.

Dois “Tomcats F-14”

O número de código com dois zeros, na fuselagem, identificava o Tomcat como o aparelho do comandante da esquadrilha; o ás de espadas na cauda de leme duplo indicava a Esquadrilha de Combate 41, os “Ases Negros”. O piloto era o comandante Robby Jackson, e o seu sinal de chamada era Espada 1.

Jackson comandava dois aviões sob as ordens de um dos Hawkeyes E-2C do Kennedy, a mais pequena versão naval do AWACS da Força Aérea e irmão quase gémeo do COD, um aparelho de dupla hélice, cuja protecção da antena de microndas o assemelhava a um aeroplano perseguido por um OVNI. O tempo estava mau — deprimente, mas normal no Atlântico Norte, em Dezembro —, porém supunha-se que melhoraria para ocidente. Jackson e o seu companheiro, o tenente Bud Sanchez, voavam através de nuvens quase sólidas e haviam aumentado um pouco a distância que os separava. Com a visibilidade reduzida, ambos se lembravam de que cada Tornei tinha dois tripulantes e custava para cima de trinta milhões de dólares.

Faziam aquilo para que o Tomcat estava melhor talhado. Um interceptor capaz de operar com quaisquer condições atmosféricas, o F-14 possuía raio de acção transoceânico, velocidade Mach 2 e um sistema computarizado de controle de tiro por radar que podia fixar e atacar seis alvos com mísseis Phoenix ar-ar de longo alcance. Os caças transportavam agora dois destes mísseis cada um, mais um par de Sidewinders AIM-9M, orientáveis pelo calor. A presa era uma esquadrilha de Forgers YAK-36, os malditos caças V/STOL que operavam a partir do porta-aviões Kiev. Após ter provocado o Sentry na véspera, Ivan decidira aproximar-se do grupo do Kennedy, sem dúvida guiado por dados obtidos através de um satélite de reconhecimento. Os aviões soviéticos tinham-se aproximado muito, a cinquenta milhas apenas do ponto a partir do qual poderiam avistar o Kennedy. Washington concluía que Ivan estava a exceder-se naquele lado do oceano. O almirante Painter autorizara a retribuição do favor, amigavelmente.

Jackson estava convencido de que, com Sanchez, era capaz de resolver o assunto, não obstante a inferioridade numérica. Nenhum avião soviético, muito menos o Forger, competia

com o Torneai — sobretudo pilotado por mim, pensou Jackson.

— Espada 1, o seu alvo está em frente, à mesma altitude, distância trinta e dois quilómetros — disse a voz de Zumbido 1, o Hawkeye cento e sessenta quilómetros atrás.

Jackson não respondeu. Perguntou ao seu oficial de intercepção por radar, tenente Christiansen:

— Apanhaste alguma coisa, Chris?

— Um flash de vez em quando, nada que sirva.

Seguiam os Forgers apenas com sistemas passivos, no caso um sensor de infravermelhos.

Jackson pensou em fixar os alvos com o poderoso controle de tiro por radar. As antenas ESM dos Forgers detectariam imediatamente o sinal e informariam os pilotos de que a sua sentença de morte fora escrita, mas ainda não estava assinada.

— E o Kiev?

— Nada. O grupo do Kiev está sob EMCON total

— Ótimo — comentou Jackson.

Suspeitava de que a missão SAC contra o grupo Kirov-Nikolayev os ensinara a ter mais cuidado. Ignorava-se geralmente que os vasos de guerra não utilizavam muitas vezes os seus sistemas de radar, medida de protecção para controle de emissão EMCON. Um raio de radar podia ser detectado a uma distância várias vezes superior àquela em que produzia um sinal de retorno ao seu transmissor e, assim, dizer mais ao inimigo do que aos operadores.

— Achas que estes tipos são capazes de descobrir o caminho para casa sem ajuda?

— Se não descobrirem, já sabes de quem é a culpa — gracejou Christiansen.

— Disso não há dúvida — concordou Jackson.

— Pronto, tenho sinal de infravermelhos. As nuvens devem estar a dissipar-se.

Christiansen concentrou-se nos instrumentos, indiferente à vista fora da carlinga.

— Espada 1, aqui Zumbido 1, o seu alvo está em frente, à mesma altitude, distância dezasseis quilómetros.

A informação chegava-lhe pelo circuito rádio protegido. Nada mau captar a assinatura térmica dos Forgers através de tantas nuvens, considerou Jackson, atendendo, sobretudo, a que tinham motores pequenos e ineficazes.

— Preparar fixação, comandante — aconselhou Christiansen. — O Kiev accionou uma banda S de busca. Já nos viram de certeza.

— Muito bem. — Jackson ligou o microfone. — Espada 2, fixar alvos... agora!

Os dois caças activaram os poderosos radares AN/AWG-9. Faltavam dois minutos para a intercepção.

Os sinais de radar captados pelos receptores ESM na cauda dos Forgers desencadearam um som musical nos auscultadores dos pilotos, que só podia ser desligado manualmente, e acenderam uma luz vermelha de aviso nos painéis de controle.

A Esquadrilha Pica-Peixe

— Esquadrilha Pica-Peixe, aqui Kiev—chamou o oficial de operações aéreas do porta-aviões. — Dois caças americanos aproximam-se de vocês a alta velocidade, por trás.

— Entendido.

O comandante da esquadrilha russa olhou o espelho. Desejava ter evitado aquela situação, embora poucas esperanças tivesse. Só estava autorizado a ripostar, não a desencadear qualquer

acção. Acabava de sair das nuvens. Uma pena, sentia-se mais seguro nelas.

O piloto do Pica-Peixe 3, o tenente Shavrov, estendeu o braço para armar os seus quatro Atolls. Desta vez não, ianque, disse consigo.

Os “Tomcats”

— Um momento, Espada 1, deve estar a ter contacto visual — disse Zumbido 1.

— Entendido... Ops!

Jackson e Sanchez saíram das nuvens. Os Forgers voavam poucos quilómetros adiante e os Tomcats, com 250 nós de vantagem em termos de velocidade, recuperavam rapidamente a diferença. Os pilotos russos mantinham uma perfeita formação cerrada, verificou Jackson, mas quem não era capaz de guiar um autocarro?

— Espada 2, aceleradores à minha voz. Três, dois, um... agora! Os dois pilotos accionaram os controles do motor e ligaram os

aceleradores da popa, que introduziam combustível nos tubos da cauda do novo motor F-110. Os caças saltaram em frente com súbito impulso e atingiram rapidamente Mach 1.

A Esquadrilha Pica-Peixe

— Pica-Peixe, atenção, os amerikantsi aumentaram a velocidade — avisou o Kiev.

O Pica-Peixe 4 virou-se no assento. Viu o Tomcats cerca de um quilómetro atrás de si, duas formas esguias correndo adiante de um rasto de fumo negro. O sol tirava chipas de uma das carlingas, pareciam quase os reflexos de...

— Vão atacar!

— Quê? — O comandante da esquadrilha tornou a olhar pelo espelho.—Não, não... manter formação!

Os Tomcats elevaram-se com um silvo quinze metros acima da esquadrilha russa, os estampidos sónicos semelhantes a explosões. Shavrov agiu absolutamente em função do seu instinto treinado para o combate. Puxou para si a alavanca de comando e disparou os seus quatro mísseis contra os caças americanos, que se afastavam.

— Três, que foi que fez? — perguntou o comandante da esquadrilha russa.

— Atacaram-nos, não ouviu? — protestou Shavrov.

Os “Tomcats”

— Merda! Esquadrilha Espada 1, têm quatro Atolls atrás de vocês — disse a voz do controlador do Hawkeye.

— Dois, sair pela direita — ordenou Jackson — Chris, activar contramedidas.

Jackson saiu pela esquerda, em rápida curva de fuga. Sanchez imitou para o outro lado.

No assento atrás de Jackson, o oficial de interceptação por radar activou os sistemas de defesa do aparelho. Enquanto o Tornei guinava nos ares, uma série de foguetes luminosos e balões foram ejectados da sua cauda, engodos de infravermelhos ou de radar para os mísseis que o perseguiam. Apontavam os quatro ao caça de Jackson.

— Espada 2, livre, Espada 2, livre. Espada 1, continua a ser perseguido pelos quatro mísseis — disse a voz do Hawkey.

— Entendido.

Jackson admirou-se da calma com que enfrentava a situação. O Tomcat fazia mais de mil e duzentos quilómetros por hora e acelerava. Qual seria o raio de alcance de um Atoll? A luz de aviso do radar traseiro acendeu-se.

— Dois, vá atrás deles! — ordenou Jackson.

— Entendido, comandante.

Sanchez rodou a subir na vertical e picou sobre os caças soviéticos, em retirada.

Quando Jackson rodou, dois dos mísseis perderam o alvo, prosseguindo a trajectória. Um terceiro, iludido por um foguete luminoso, explodiu sem causar danos. O quarto manteve o seu orientador de infravermelhos apontado à cauda reluzente do Espada 1 e acertou na base do leme de-estibordo.

O impacte descontrolou por completo o caça. A maior parte da força explosiva libertou-se quando o míssil rompeu a superfície de boro. O leme desapareceu, juntamente com o estabilizador do lado direito. O leme esquerdo ficou seriamente esburacado por fragmentos que atravessaram a traseira da carlinga, atingindo o capacete de Chrisfiansen. As luzes de aviso de incêndio do motor direito acenderam-se imediatamente.

Jackson ouviu o oomph pelo intercomunicador. Desligou por completo o motor direito e activou o extintor incorporado. A seguir, reduziu a força do motor de bombordo, ainda superacelerado. O Tomcat executava um parafuso invertido. As asas de geometria variável abriram-se em configuração de baixa velocidade. Jackson recuperou o controle do aileron e manobrou rapidamente para voltar à altitude Qonnal. Voava a mil e duzentos metros. Tinha pouco tempo.

— Vá, menino...

Uma breve aceleração devolveu-lhe o controle aerodinâmico. O antigo piloto de ensaio rompeu em frente—com demasiada força. Descreveu duas voltas completas antes de estabilizar.

— Safa! Chris?

Nada. Não podia olhar para trás e continuava a ter quatro caças hostis a persegui-lo.

— Espada 2, fala o comandante.

— Sim, comandante.

Sanchez tinha os quatro Forgers na sua mira. Os Forgers acabavam de disparar contra o seu comandante.

Zumbido 1

No Zumbido 1, o controlador pensava rapidamente. Os Forgers mantinham a formação e no rádio ouvia-se uma grande conversa em russo.

— Espada 2, fala Zumbido 1, afaste-se, repito, afaste-se, não, repito não faça fogo. Escuto. Espada 2, Espada 1 está à sua esquerda, seiscentos metros abaixo.

O oficial praguejou e olhou para um dos homens do contingente geral.

— Aconteceu tudo muito depressa, sir, depressa de mais. Temos gravações dos russos. Não percebo, mas parece que o Kiev está danado.

— Há mais quem esteja — disse o controlador, perguntando a si próprio se fizera bem em mandar afastar o Espada 2. Tinha muitas dúvidas.

Os “Tomcats”

Sanchez virou a cabeça, tomado de surpresa.

— Entendido, vou sair. — Retirou o dedo do interruptor. — Raios os partam! — Puxou para si a alavanca de comando, obrigando o Tomcat a executar um apertado loop. — Onde está, comandante?

Sanchez colocou o seu caça sob o de Jackson e descreveu lentamente um círculo para avaliar os danos visíveis.

— O fogo está extinto, comandante. O leme e o estabilizador direitos desapareceram. O leme esquerdo... merda, está todo esburacado, mas pode ser que se agüente. Espere... Chris está caído no assento, comandante. Já falou com ele?

— Não. Tentei, mas não posso. Vamos embora.

Nada agradaria mais a Sanchez do que rebentar com os Forgers, Q os seus quatro mísseis ter-lhe-iam dado facilmente esse prazer. Porém, como a maioria dos pilotos, era altamente disciplinado.

— Entendido, comandante.

— Espada 1, aqui Zumbido 1, diga em que condições se encontra. Escuto.

— Zumbido 1, conseguiremos voar a não ser que mais alguma coisa aconteça. Diga-lhes para terem médicos a postos. Chris está ferido. Não sei com que gravidade.

Demoraram uma hora a chegar ao Kennedy. O caça de Jackson voava muito mal, incapaz de manter a rota fosse a que altitude fosse. O piloto tinha permanentemente que o equilibrar. Sanchez detectou movimento na carlinga, atrás. Talvez só o intercomunicador tivesse sido atingido, pensou Jackson, esperançado.

Sanchez recebeu ordem para aterrar primeiro, a fim de que a pista ficasse livre para o comandante Jackson. À aproximação do porta-aviões, o Tornei começou a comportar-se ainda pior do que antes. O piloto lutava com o seu caça. A aterragem foi dura e apanhou o arame número um. O trem direito cedeu imediatamente e o caça de trinta milhões de dólares deslizou de lado e embateu na barreira entretanto erguida. Uma centena de homens munidos de aparelhos contra incêndios correu de todas as direcções.

A carlinga abriu hidraulicamente, de emergência. Jackson desapertou o cinto e tentou chegar ao companheiro. Eram amigos há muitos anos.

Chris estava vivo. Cerca de um quarto de litro de sangue derramara-se pela frente do fato de voo, e quando o primeiro enfermeiro lhe retirou o capacete, Jackson verificou que o sangue ainda saía. O segundo enfermeiro afastou Jackson do caminho e colocou um colar cervical no aviador ferido. Christiansen foi cuidadosamente retirado do avião e deitado numa maca. Os maqueiros correram para a superestrutura. Jackson hesitou um momento antes de os seguir.

Centro Médico Naval de Norfolk

O capitão Randall Tait, do Centro Médico Naval, desceu o corredor ao encontro dos russos. Parecia ter menos do que os seus quarenta e cinco anos, devido à farta cabeleira preta sem uma única branca. Tait era mórmon e estudara na Universidade de Brigham Young e na Escola Médica de Stanford. Entrara para a Marinha porque queria ver mais mundo do que lhe seria

permitido se ficasse num gabinete no sopé das Wasatch Mountains. Atingira o seu objectivo e evitara também, até ao presente, tudo o que pudesse assemelhar-se a missões diplomáticas. Como novo chefe do Departamento de Medicina do Centro Médico Naval de Bethesda, sabia que tal privilégio não duraria muito. Voara para Norfolk havia poucas horas, a fim de tomar conta do caso. Os russos tinham viajado de automóvel, sem pressas.

— Bom dia, meus senhores. Sou o doutor Tait. Cumprimentaram-se, e o tenente que os acompanhara tornou para o elevador.

— Doutor Ivanov — disse o mais baixo. — Sou médico da Embaixada.

— Capitão Smirnov.

Tait sabia tratar-se do adido naval, oficial de informações. O médico fora esclarecido, durante a viagem de helicóptero, por um funcionário do Pentágono que tomava café no bar do hospital.

— Vasily Petchkin, doutor. Sou segundo-secretário da Embaixada. — Este era agente qualificado do KGB, um espião “legal” disfarçado de diplomata. — Podemos ver o nosso homem?

— Com certeza. Querem seguir-me, por favor?

Tait conduziu-os pelo corredor. Não se deitava havia vinte horas, “privilégio” derivado de ser chefe de serviço de Bethesda. Os casos difíceis batiam-lhe todos à porta. Uma das primeiras coisas que um médico aprende é a não dormir.

O piso era todo reservado a cuidados intensivos — o Centro Médico Naval de Norfolk fora construído tendo em vista feridos em combate. A Unidade de Cuidados Intensivos Nr. 3 era uma sala com cinquenta metros quadrados. As únicas janelas abriam-se na parede do corredor e as cortinas estavam corridas. Tinha quatro camas, só uma ocupada. O jovem estava quase todo tapado. A única coisa que a máscara de oxigénio no rosto não ocultava era uma madeixa rebelde de cabelo cor de trigo. O resto do corpo encontrava-se totalmente escondido. Ao lado da cama, um suporte para fluidos intravenosos, com o conteúdo de dois frascos misturando-se num único tubo, cuja extremidade se perdia entre a roupa. Uma enfermeira de bata verde cirúrgica, como Tait, aos pés da cama, não tirava os olhos verdes do electrocardiógrafo por cima da cabeça do doente, salvo para tomar um apontamento gráfico. Afastada da cama, havia uma máquina, máquina cuja função não era, de imediato, perceptível. O jovem estava inconsciente.

— Qual é o estado dele? — perguntou Ivanov.

— Crítico — respondeu Tait. — Só por milagre chegou aqui vivo. Esteve na água pelo menos doze horas, talvez vinte. Mesmo com o fato de borracha, mesmo tendo em conta a temperatura do ar e da água, só por milagre sobreviveu. Quando entrou, a sua temperatura era trinta e quatro vírgula nove graus. — Tait abanou a cabeça. — A literatura relata casos gravíssimos de hipotermia, mas como este nunca vi.

— Prognóstico? — perguntou Ivanov, olhando em redor.

— É difícil de dizer — respondeu Tait, encolhendo os ombros. — Talvez cinquenta por cento de probabilidades, talvez menos. Está ainda em profundo estado de choque. É uma pessoa saudável. Agora não se pode ver, mas está em magnífica forma física, como um atleta. Tem um coração particularmente forte; foi decerto isso que o manteve vivo até chegar aqui. Neste momento, a hipotermia já está, pode dizer-se, sob controle. O problema é que com a hipotermia sobrevêm uma série de complicações. Temos de travar batalhas separadas, mas conjugadas, contra diferentes inimigos sistemáticos para impedir que destruam as defesas naturais do organismo. Só o choque o pode matar. Estamos a administrar-lhe electrólitos, a rotina, mas vai estar entre a vida e a morte vários dias, pelo menos...

Tait ergueu os olhos. Outro homem descia o corredor. Mais novo do que Tait, e mais alto, usava uma bata de laboratório sobre a bata verde. Segurava um gráfico com protecção metálica.

— Meus senhores, este é o doutor... o tenente Jameson. É o médico do nosso homem. Foi ele quem o admitiu. Que temos, Jameson?

— A amostra de expectoração revelou pneumonia. Más notícias... Pior, o hemograma não melhora nada e a contagem de glóbulos brancos está a descer.

— Bonito!

Tait encostou-se à janela e praguejou consigo.

— Está aqui a análise de sangue — disse Jameson, estendendo o gráfico.

— Posso ver, por favor? — pediu Ivanov.

— Com certeza.

Tait abriu o gráfico e ergueu-o para que todos pudessem ver. Ivanov nunca tinha trabalhado com um analisador de sangue computarizado e gastou vários segundos a orientar-se.

— Isto está mau.

— Bastante — concordou Tait

— Precisamos de atacar já a pneumonia — disse Jameson. — Este rapaz tem muitas coisas a andar para trás. Se a pneumonia se instala...

Abanou a cabeça. Tait perguntou:

— Kejlin?

— Sim. — Jameson tirou um frasco do bolso. — O mais que ele possa aguentar. Já devia ter feito uma pneumonia ligeira antes de ter caído à água, e ouvi dizer que, na Rússia, se têm desenvolvido estirpes resistentes à penicilina. Vocês usam sobretudo penicilina, não é? — perguntou Jameson a Ivanov. — 'E. Que é isso do keflin!

— Uma bomba. Um antibiótico sintético que actua contra estirpes resistentes.

— Não percamos tempo, Jamie — ordenou Tait.

Jameson dobrou a esquina a caminho do quarto. Injectou o antibiótico num frasco de 100 cc IV, que pendurou num suporte.

— É tão novo... — observou Ivanov. — Foi ele que tratou inicialmente o nosso homem?

— Chama-se Albert Jameson. Tratamo-lo por Jamie. Tem vinte e nove anos e foi o terceiro do seu curso em Harvard. Está aqui desde que se formou. Pós-graduado em medicina interna e virologia. Tão bom como os melhores.

De súbito, Tait compreendeu como se sentia mal lidando com os russos. A sua formação e os anos de serviço naval tinham-lhe ensinado que aqueles homens eram o inimigo. Isso não interessava. Jurara tratar os doentes sem entrar em linha de conta com outras considerações. Acreditariam nisso ou que deixaria o rapaz morrer por ser russo?

— Meus senhores, quero que entendam isto: estamos a dispensar ao vosso homem os melhores cuidados ao nosso alcance. Não nos poupamos a nenhum esforço. Se houver um processo de vo-lo entregar vivo, descobri-lo-emos. Mas não posso prometer nada.

Os soviéticos compreendiam. Enquanto aguardava instruções de Moscou, Petchkin investigara Tait e descobrira tratar-se, não obstante um fanático religioso, de um médico competente e honrado, um dos melhores ao serviço do Governo.

— Ele disse alguma coisa? — perguntou Petchkin sem demonstrar grande interesse.

— Desde que aqui estou, não. Jamie contou que depois de começarem a aquecê-lo ele ficou semiconsciente e balbuciou qualquer coisa durante uns minutos. Gravámos, claro, e pedimos a um intérprete que ouvisse. Qualquer coisa acerca de uma rapariga de olhos castanhos. Não fazia sentido nenhum. Provavelmente a namorada... Ele é bem parecido, deve ter deixado ficar uma

pequena na terra. Mas falava de maneira de todo incoerente. Uma pessoa no seu estado não pode saber o que diz.

— Podemos ouvir a gravação? — perguntou Petchkin.

— Com certeza. Vou mandar buscá-la. Jameson reapareceu.

— Pronto. Um grama de keflin de seis em seis horas. Esperemos que resulte.

— Como tem ele as mãos e os pés? — perguntou Smirnov, que aparentemente sabia alguma coisa de ulcerações causadas pelo frio.

— Não é isso que nos preocupa — respondeu Jameson. — Tem algodão entre os dedos para impedir a maceração. Se aguentar os próximos dias, vão-lhe aparecer bolhas e perderá talvez algum tecido, mas todos os problemas fossem esses. Sabem como ele se chama? - Petchkin olhou em redor. — Não trazia placa identificadora quando chegou. As roupas não têm o nome do barco. Nem carteira, nem identificação nenhuma. Nem sequer moedas nos bolsos. Não tem grande importância para o tratamento inicial, mas era melhor termos a sua ficha módic. Convém saber se tem alergias ou se teve doenças. Não queremos que entre em choque por reacção alérgica a um medicamento.

— Que trazia ele vestido? — perguntou Smirnov.

— Um fato de borracha — respondeu Jameson. — Os salva-vidas não lho despiram, graças a Deus. Cortei-lho quando aqui chegou. Por baixo trazia camisa, calças e um lenço. Os vossos homens não usam placa identificadora?

— Usam — respondeu Smirnov. — Como foi que o encontraram?

— Pelo que ouvi, foi sorte pura. Um helicóptero de uma fragata localizou-o na água. Como não tinham equipamento de socorro a bordo, marcaram o sítio com tinta e regressaram ao barco. Um contramestre ofereceu-se para os acompanhar. Meteram-no, e a uma jangada, no helicóptero, e tornaram ao local. A fragata rumava a sul. O contramestre largou a jangada, saltou... e partiu as pernas. Teve pouca sorte, mas conseguiu meter o vosso marinheiro na jangada. O helicóptero recolheu-os uma hora mais tarde e vieram os dois ter aqui.

— Como está o vosso homem?

— Vai ficar bem. A perna esquerda escapa, mas a tibia direita tem fracturas múltiplas — continuou Jameson. — Recuperará dentro de uns meses. Nos tempos mais próximos, não poderá dançar.

Os russos pensavam que os americanos tinham deliberadamente retirado a identificação ao jovem marinheiro. Jameson e Tait suspeitavam de que o homem se desfizera dela, tencionando possivelmente desertar. Havia uma marca vermelha no pescoço que indicava remoção violenta.

— Se fosse possível — disse Smirnov — gostaria de ver o vosso homem, para lhe agradecer.

— Faz favor, capitão — disse Tait — É muito amável. — Deve ser um homem corajoso.

— Um marinheiro que cumpre o seu dever. Os vossos fariam o mesmo. — Tait perguntou a si próprio se tal seria verdade. — Temos as nossas diferenças, meus senhores, mas o mar não quer saber disso. O mar... bem, o mar mata-nos sem fazer caso da cor da bandeira sob que navegamos.

Petchkin, de costas, olhava pela janela, tentando divisar a cara do doente.

— Poderíamos ver as roupas e os objectos pessoais? — perguntou.

— Claro, mas pouco vos dirão. Ele é cozinheiro. Isso sabemos nós — disse Jameson.

— Cozinheiro? — repetiu Petchkin, virando-se.

— O intérprete que ouviu a gravação... era um agente dos Serviços Secretos, não era?... olhou para o número na camisa e disse que o rapaz era cozinheiro.

O número de três algarismos indicava que o doente fizera parte do quarto de bombordo e que o seu posto de combate era controle de danos. Jameson perguntou a si próprio por que motivo os russos numeravam os seus homens. Para terem a certeza de que não entravam em sectores que não os seus? A cabeça de Petchkin, reparou o médico, quase tocava o vidro da janela.

— Doutor Ivanov, quer examinar o doente? — perguntou Tait.

— É permitido?

— É.

— Quando é que ele sai? — perguntou Petchkin. — Quando é que podemos falar com ele?

— Quando sai? — repetiu Jameson de mau modo. — Sir, em menos de um mês só dentro de um caixão. Quanto à recuperação da consciência, é difícil prever. Aquele garoto está muito doente.

— Mas temos de falar com ele! — protestou o agente do KGB. Tait fitou-o nos olhos.

— Mister Petchkin, compreendo o seu desejo de falar com o vosso homem... mas agora ele é meu doente. Não faremos nada, repito, nada que possa prejudicar o seu tratamento ou a sua recuperação. Mandaram-me para aqui para o tratar. Ordens, ao que me dizem, da Casa Branca. Os doutores Jameson e Ivanov assistir-me-ão, mas o doente é da minha responsabilidade e compete-me fazer tudo para que saia deste hospital pelo seu pé. Tudo o mais é secundário. Os senhores serão tratados com toda a deferência, mas quem manda aqui sou eu. — Tait interrompeu-se; a diplomacia não era o seu forte. — Se quiserem revezar-se aqui, por mim não há problemas. Mas têm de respeitar as regras. Isto é, terão de se lavar, de vestir roupas esterilizada e de seguir as instruções da enfermeira de turno. Está bem assim?

Petchkin concordou de cabeça. Os médicos americanos consideram-se deuses, disse consigo. Jameson, que estudava o hemograma, não prestava atenção ao sermão.

— Podem dizer-nos em que tipo de submarino navegava o rapaz?

— Não — disse logo Petchkin.

— Em que está a pensar, Jamie?

— A queda na contagem de glóbulos brancos e outros parâmetros podem significar exposição a radiações. Os sintomas mais evidentes terão sido mascarados pela hipotermia. — De súbito, Jameson fitou os soviéticos. — Meus senhores, precisamos de saber. Ele navegava num submarino nuclear?

— Sim — respondeu Smirnov. — Navegava num submarino nuclear.

— Jamie, leve as roupas para radiologia. Diga-lhes para examinarem os botões, os fechos, tudo o que for de metal.

— Está bem.

Jameson foi recolher as roupas do doente e Smirnov perguntou:

— Poderemos saber os resultados?

— Claro, sir — respondeu Tait.

Que tipo de gente seria aquela? O rapaz andava a bordo de um submarino nuclear, não andava? Por que não tinham dito logo? Não quereriam que recuperasse?

Petchkin reflectia. Então ignoravam que o rapaz andava a bordo de um submarino nuclear?

Claro! Estavam era a ver se Smirnov dizia que o submarino dispunha de mísseis, a disfarçar o objectivo com a história da contaminação. Nada de perigoso para o doente, mas o bastante para confundir o inimigo de classe. Inteligente. Sempre pensara que os americanos eram inteligentes. E ele que tinha de informar a Embaixada dentro de uma hora! Informar quê? Como ia ele saber quem era o marinheiro?

Estaleiro Naval de Norfolk

O USS Ethan Allen estava no fim da sua carreira. Armado em 1961, servira as suas tripulações e o seu país por mais de vinte anos, equipado com mísseis balísticos Polaris em intermináveis patrulhas através de mares sem sol. Suficientemente velho para ser abatido, tinha muita idade. Os tubos dos mísseis haviam sido cheios com lastro e selados meses antes. Possuía apenas uma tripulação simbólica, de manutenção, enquanto os burocratas do Pentágono discutiam o destino a dar-lhe. Falara-se num complicado sistema de mísseis de cruzeiro que o transformariam num SSGN semelhante aos novos Oscars russos, mas a reconversão fora julgada dispendiosa de mais. A tecnologia do Ethan Allen era da velha geração; o seu reactor SSW era demasiado antigo, não comportava muito mais tempo de uso. A radiação nuclear bombardeara a câmara metálica e os seus acessórios interiores com muitos biliões de neutrões. Conforme testes recentes de amostras revelavam, com o tempo a estrutura do metal alterara-se, tornando-o perigosamente quebradiço. O sistema teria, quando muito, três anos de vida útil. Um novo reactor seria demasiado caro. O Ethan Allen fora condenado por velhice.

A tripulação de manutenção era constituída por elementos da sua última equipa operacional, principalmente veteranos ansiando pela reforma, mais uns jovens que precisavam de se treinar em reparações. O Ethan Allen ainda servia como escola, sobretudo de reparações, pois grande parte do seu equipamento estava gasto.

O almirante Gallery entrara a bordo de manhã cedo. Os chefes achavam isto particularmente sinistro. Gallery fora o primeiro comandante do Ethan Allen muitos anos atrás e parecia que os almirantes visitavam sempre os seus primeiros comandos antes de serem postos de lado. Gallery reconheceu alguns chefes e perguntou-lhes se o velhote ainda conservava algum resto de vida. Responderam-lhe a uma só voz que sim. Um barco é mais do que uma máquina para os seus homens. De uma centena de barcos construídos pelos mesmos homens no mesmo estaleiro, segundo os mesmos planos, cada um tem as suas características — quase todas más, realmente, mas que, depois de a tripulação se habituar a elas, são referidas com afecto, sobretudo em retrospectiva. O almirante percorreu o casco do Ethan Allen, parando para tocar com as mãos ossudas e artríticas o periscópio que usara para ter a certeza de que havia um mundo fora do casco de ferro, para planear o raro “ataque” contra um barco que perseguisse o seu submarino... ou contra um petroleiro, só para praticar. Comandara o Ethan Allen durante três anos, alternando uma tripulação experiente com novatos de outro oficial, operando ao largo de Holy Loch, na Escócia. Tinham sido bons anos — quanto melhor do que passar o dia sentado a uma secretária com um séquito de ajudantes enfadonhos à volta. Era assim na Marinha: para cima ou para a rua. Quando finalmente se alcançava algo em que se era realmente bom, algo que dava realmente prazer... fim! Era, claro, uma questão de bom senso organizativo. Havia que dar lugar aos novos, permitir-lhes que subissem... mas, Senhor, ser outra vez jovem, comandar um dos novos submarinos, um daqueles em que, agora, só tinha oportunidade de navegar por algumas horas, gentileza do velho malandro escanzelado de Norfolk...

O Ethan Allen seria capaz, Gallery sabia-o. Teria preferido outro fim para o seu submarino de combate, mas, pensando bem, fim decente para um barco de combate era coisa rara. O Victory de Nelson, o Constitution no porto de Boston, o estranho couraçado mumificado em atenção ao seu nome — esses tinham merecido um tratamento decente. Na maior parte, porém, os barcos eram afundados alvos ou desmanchados para fazer lâminas de barba. O Ethan

em morreria por um objectivo. Um objectivo louco, talvez o suficiente para resultar, disse consigo no regresso ao quartel-general do COMSUBLANT.

Duas horas depois, chegou um camião à doca onde o Ethan Allen dormia. O primeiro-contramestre na cobertura reparou que o camião vinha da Base Aérea Naval de Oceana. Curioso... Mais curioso ainda, o oficial que dele se apeou não usava golfinhos nem asas. Saudou primeiro o contramestre, depois o chefe que comandava a cobertura enquanto os oficiais do Ethan Allen vigiavam uma reparação na casa das máquinas. O oficial da base aérea naval tomou providências para o embarque no submarino de quatro objectos em forma de bala que uma equipa de trabalho introduziu pelas escotilhas da cobertura. Eram grandes, mal cabendo nas escotilhas dos torpedos e de carga, e a sua colocação exigiu algum esforço. A seguir, entraram os suportes de plástico onde assentariam os quatro objectos, e apoios metálicos para os segurar. Pareciam bombas, pensou o chefe electricista enquanto homens mais novos faziam o trabalho pesado. Mas não podiam ser; eram demasiado leves, sem dúvida de metal fino, vulgar. Uma hora depois, chegou um camião com um tanque pressurizado. O submarino foi evacuado de pessoas e cuidadosamente ventilado. Então, três homens ligaram uma mangueira a cada um dos quatro objectos. Terminada a operação, ventilaram novamente o casco, deixando detectores de gás junto de cada objecto. Por esta altura, notou a tripulação, a doca do Ethan Allen e a adjacente eram já guardadas por marines armados para que ninguém pudesse aproximar-se e ver o que se passava no submarino.

Quando o carregamento, ou o enchimento, ou lá o que era terminou, um chefe desceu a examinar os contentores metálicos mais detidamente. Escreveu a sigla, PPB766/J6713, num bloco. Uma ordenança procurou a designação num catálogo e não gostou do que viu — Pave Pat Blue 76 era uma bomba e o Ethan Allen tinha quatro a bordo. Nada de tão poderoso como as ogivas nucleares que em tempos o armaram, porém bastante mais sinistro, achava a tripulação. A luz foi apagada por mútuo acordo antes que alguém mandasse.

Gallery não tardou a reaparecer para falar com os chefes. Os novatos receberam ordens para desembarcar com os seus equipamentos e foram prevenidos de que não tinham visto, sentido e ouvido nada de invulgar no Ethan Allen. O submarino ia ser afundado. Uma decisão política de Washington — e se contarem a alguém comecem a pensar numa estada de vinte e um anos no estreito de McMurdo, como disse um dos homens.

Em homenagem a Vincent Gallery, todos os chefes permaneceram a bordo. Em parte era a oportunidade de um último cruzeiro no velho brinquedo, a oportunidade de dizer adeus a um amigo, mas sobretudo porque Gallery dissera ser importante e os veteranos sabiam que Gallery os não enganava.

Os oficiais compareceram ao pôr do Sol. O de mais baixa patente era um tenente. Dois capitães de quatro listas encarregar-se-iam do reactor, com três chefes. Outros dois seriam os navegadores, e dois comandantes teriam a seu cargo a electrónica. Aos restantes competiriam as múltiplas tarefas especializadas necessárias à operação de um complexo vaso de guerra. A equipa completa, menos de um quarto do que seria normal, provocou alguns comentários adversos da parte dos chefes veteranos, que duvidavam da experiência dos oficiais.

Um oficial comandaria os hidroplanos de mergulho, soube, escandalizado, o primeiro-contramestre. O chefe electricista com quem discutiu o assunto achou natural. No fim de contas, observou, o que dava gozo era dirigir os barcos e os oficiais só podiam fazê-lo em New London. Que mal tinha? Eles só andam por aí com ar importante... Está bem, concordou o contramestre, mas saberão mexer nas coisas? Se não souberem, decidiu o electricista, tomariam eles conta da situação — para que serviam os chefes, salvo para proteger os oficiais dos seus próprios erros? Depois discutiram amigavelmente quem iria ser o chefe do barco. Ambos possuíam idêntica

experiência e o mesmo tempo de serviço.

O USS Ethan Allen fez-se pela última vez ao mar às 23 e 45. Não foi preciso rebocador para o tirar da doca. O comandante afastou-o ousadamente do cais com precisas manobras de motor e de leme que o contramestre não pôde deixar de admirar. Já antes servira com o comandante, no Shipjack e no Will Rogers. “Nem rebocadores nem nada”, disse, mais tarde, ao companheiro de beliche. “O velho sabe desta merda.” Uma hora depois, passavam os Cabos da Virgínia, prontos para mergulhar. Dez minutos após, desapareciam. Numa rota de um-um-zero, a pequena equipa de oficiais e chefes entregava-se à exigente rotina de manter o velho submarino a navegar. O Ethan Allen respondia como um campeão, bufando a doze nós, a sua velha maquinaria sem fazer praticamente o menor ruído.

DÉCIMO PRIMEIRO DIA

Sexta-feira, 13 de Dezembro

Um “Thunderbolt A-10”

Era muito mais interessante do que voar num DC-9. O major Andy Richardson tinha mais de mil horas de voo no DC-9 e apenas umas seiscentas no seu caça Thunderbolt U A-10, mas preferia o mais pequeno dos dois bimotores. Richardson pertencia ao 175.o Grupo Tático de Caças da Guarda Aérea Nacional de Maryland. Em geral, a sua esquadrilha voava a partir de um pequeno aeródromo militar a leste de Baltimore. Dois dias antes, porém, quando a esquadrilha fora activada, o 175 e seis outros grupos da guarda nacional e da reserva aérea tinham inundado a já pequena base SAC da Base da Força Aérea de Loring, no Maine. Haviam descolado à meia-noite e sido reabastecidos em voo uma hora antes, a mil e seiscentos quilómetros de distância, sobre o Atlântico. Richardson e a sua esquadrilha de quatro aparelhos voava agora a trezentos metros de altitude, por cima das águas negras, a quatrocentos nós.

Cento e sessenta quilómetros atrás dos quatro caças voavam noventa aviões, a nove mil metros, quadro que, para os soviéticos, se assemelharia muito a um assalto Alfa, uma missão de ataque em força de caças tácticos. Era exactamente isso — e também um embuste. A verdadeira missão pertencia aos quatro da frente, voando a baixa altitude.

Richardson adorava o A-10. Os homens que o pilotavam chamavam-lhe com duvidoso afecto o Warthog, ou simplesmente Hog1. Quase todos os aviões tácticos tinham linhas agradáveis, devido à necessidade de rapidez e capacidade de manobra em combate; o Hog, não. O Hog era talvez o mais feio avião da Força Aérea norte-americana. Os seus dois motores de turbina pendiam como se fossem soluções de recurso, tardiamente pensadas, da cauda de leme duplo, já de si uma reminiscência dos anos trinta. As asas estilo prancha não possuíam o mínimo de ângulo e dobravam ao meio para acomodar o trem de aterragem, pesadão. A parte inferior das asas apresentava muitos suportes para artilharia e a fuselagem envolvia a principal anua do aparelho, o canhão rotativo de trinta milímetros GAU-18, destinado especificamente a destruir tanques soviéticos.

Para a missão daquela noite, a esquadrilha de Richardson dispunha de uma carga completa de munições sem urânio para os canhões Avenger e duas bombas de dispersão Rokeye, armas antitanque suplementares. Directamente por baixo da fuselagem havia uma antena LANTIRN (para navegação a baixa altitude e detecção nocturna de alvo por infravermelhos); todos os outros suportes de artilharia, menos um, seguravam depósitos de combustível.

O 175.o fora a primeira esquadrilha da guarda nacional a receber a LANTIRN. Era um pequeno conjunto de sistemas electrónicos e ópticos que permitia ao Hog ver de noite, enquanto voava à altitude mínima em busca de alvos. Os sistemas projectavam uma imagem na parte superior do pára-brisas do caça HUD, transformando a noite em dia e tornando este tipo de missão menos sujeito a erros. Ao lado de cada antena LANTIRN havia um objecto mais pequeno, que, ao contrário das munições do canhão e das Rokeyes, se destinava a ser usado naquela noite.

Richardson não temia — até saboreava — os riscos da missão. Dois dos seus três camaradas eram, como ele, pilotos de carreira, e o terceiro um especialista em pulverização aérea

de culturas, todos homens experientes, com muita prática de voo rasante. E a missão que lhes havia sido confiada era boa.

As instruções, dadas por um oficial da Marinha, tinham levado mais de uma hora a transmitir. Iam fazer uma visita à Marinha soviética. Richardson lera nos jornais que os russos andavam a tramar alguma e quando soube que enviavam uma esquadra a roçar-se pela costa americana, ficou atónito perante tal atrevimento. Indignara-se ao saber que uma porcaria dos seus caças diurnos disparara à traição contra um Tomcat da Marinha, na véspera, quase matando um oficial. Por que seria que não deixavam a Marinha ripostar? A maior parte do grupo aéreo do Saratoga encontrava-se nos estacionamento de Loring, ao lado dos B-52, Intruders A-6E e Hornets F-18, com a respectiva artilharia a poucos metros de distância. Suspeitava de que a missão era apenas o primeiro acto, a parte delicada do conjunto. Enquanto os soviéticos se concentravam na força de ataque que acoitava o limiar do raio de acção dos SAM, a esquadrilha de Richardson rumaria, abrigada do radar, ao navio-almirante, o cruzador nuclear Kirov. Para dar um recado.

Era surpreendente que pilotos da guarda tivessem sido seleccionados para a missão. Perto de mil aviões tácticos estavam mobilizados na Costa Leste, cerca de um terço de reservistas, e Richardson suspeitava de que isso fazia parte do recado. Aviadores de segunda linha desenvolviam uma operação táctica muito difícil, enquanto as esquadrilhas regulares aguardavam ordens em Loring, McGuire, Dover, Pease e várias outras bases da Virginia ao Maine, com os depósitos cheios e as missões atribuídas, prontos. Perto de mil aviões! Richardson sorriu. Não haveria alvos que chegassem.

— Comandante Segunda Linha, aqui Sentry-Delta. Coordenadas do alvo, zero-quatro-oito, distância oitenta quilómetros. Rota um-oito-cinco, velocidade vinte.

Richardson não respondeu pelo circuito rádio não codificado. A esquadrilha voava sob EMCON. Qualquer ruído electrónico podia alertar os soviéticos. Mesmo o radar de fixação de alvo estava desligado; apenas os sensores passivos de infravermelhos e de televisão de luz reduzida se encontravam em operação. Richardson olhou de relance para a esquerda e para a direita. Aviadores de segunda linha uma treta! Os tripulantes da esquadrilha tinham pelo menos quatro mil horas de voo cada um, mais do que a maioria dos pilotos regulares chegaria a atingir, mais do que a maior parte dos astronautas, e os aparelhos eram assistidos por homens que mexiam em aviões por gosto. A verdade era que a sua esquadrilha dispunha de melhores condições operacionais do que qualquer esquadrilha regular e tivera menos acidentes do que os ases empertigados que haviam pilotado os Warthogs na Inglaterra e na Coreia. Os russos já veriam.

Sorriu consigo. Sim, era melhor do que voar no DC-9 de Washington para, Providence e Hartford e volta, todos os dias, na U.S. Air. Richardson, que tinha sido piloto de caça, abandonara a Força Aérea oito anos atrás em troca de melhor ordenado e do estilo de vida mais livre de um piloto comercial. Perdera o Vietname, e o voo comercial não exigia nada que se parecesse com as capacidades que possuía, designadamente a de roçar qual seta as copas das árvores.

Tanto quanto sabia, o Hog nunca fora utilizado em missões marítimas de assalto — outra parte do recado. Não admirava que fosse bom nisso. As suas munições antitanque seriam eficazes contra barcos. Os seus tiros de canhão e as bombas Rockeyes destinavam-se a destruir tanques de combate, e Richardson não duvidava do que fariam a vasos de guerra de casco fino. Uma pena que não fosse a sério. Era tempo de dar aos russos uma ensinadela.

A luz de um sensor de radar piscou no receptor de aviso; radar de banda S, provavelmente

operando em busca de superfície e ainda sem força bastante de retorno para ser referenciado. Os soviéticos não possuíam plataformas de radar aéreo e os radares flutuantes tinham a limitação da curvatura da terra. O raio andava mesmo por cima da sua cabeça; captava-o intermitentemente de raspão. Evitariam melhor os radares inimigos se voassem a quinze em vez de trinta metros, ordens eram ordens.

— Esquadrilha Segunda Linha, aqui Sentry-Delta. Afastem-se e prossigam — ordenou o AWACS.

Os A-10 alargaram o intervalo que os separava de alguns metros para alguns quilómetros, estendendo a formação de ataque. Tinham ordens de aumentar a distância relativa a quarenta e oito quilómetros do alvo. Faltavam cerca de quatro minutos. Richardson olhou o relógio digital: a esquadrilha Segunda Linha cumpria o horário. Atrás deles, os Phantoms e Corsairs em formação de ataque aproximavam-se dos soviéticos para os distrair. Devia estar a vê-los...

A HUD mostrava pequenos acidentes no horizonte projectado — a primeira barreira de contratorpedeiros, os Udaloys e Sovremennys. O oficial que os instruíra tinha-lhes mostrado silhuetas e fotos dos vasos de guerra.

Beep! — silvou o receptor de aviso. Um radar de orientação de mísseis de banda X acabava de varrer o espaço sobre o avião. Perdera o Hog e esforçava-se por retomar o contacto. Richardson ligou as BCM (contramedidas electrónicas) para interferir no sistema. Os contratorpedeiros estavam apenas a oito quilómetros. Quarenta segundos. Caladinhos, camaradas, disse consigo.

Começou a manobrar o aparelho ousadamente, subindo, descendo, guinando para a direita e para a esquerda, sem obedecer a nenhum esquema pré-estabelecido; não podia facilitar a vida a Ivan. Se aquilo fosse a sério, os seus Hogs reluziriam atrás de um enxame de mísseis anti-radar e seriam acompanhados por aparelhos Wild Weasel com a função de confundir e destruir os sistemas de controle dos mísseis soviéticos. As coisas agora sucediam-se muito depressa. Um contratorpedeiro surgiu na rota do Hog. Richardson deu um pequeno toque no leme e passou à distância de quatrocentos metros. Três quilómetros ao Kirov — dezoito segundos!

O sistema HUD apresentou uma imagem intensificada. A estrutura piramidal do radar do Kirov enchia-lhe o pára-brisas. Via sinais de luzes intermitentes em redor do cruzador. Richardson fez rodar mais o leme direito. Deveria passar a trezentos metros do barco, nem mais nem menos. O seu Hog teria de sobrevoar a proa, os outros a popa e cada lado do Kirov. Richardson não queria forçar a nota. O major certificou-se de que os comandantes do canhão e das bombas estavam em posição de segurança. Nada de entusiasmos. Num ataque real, era altura de disparar o canhão. Uma torrente de granadas destrocaria a frágil blindagem dos depósitos de mísseis à proa do Kirov, fazendo explodir os SAM e os mísseis de cruzeiro numa bola de fogo monumental, e rasgaria a superestrutura como se fosse papel de jornal.

A quinhentos metros, o comandante armou o sistema de iluminação, junto ao LANTIRN.

Agora! Accionou o interruptor, que soltava seis pára-quedas com foguetes luminosos de magnésio de alta intensidade. Os quatro aviões da esquadrilha executaram a manobra com diferença de segundos. De súbito, o Kirov ficou encurralado numa caixa de luz branco-azulada. Richardson puxou a alavanca de comando, executando uma curva em subida sobre o cruzador. A luz brilhante ofuscava-o, mas deixava-o ver as graciosas linhas do vaso soviético que rodava a toda a pressa no mar cavado, os homens correndo pela coberta como formigas.

Se fosse a sério, vocês estariam todos mortos — entenderam o recado?

Richardson ligou o rádio.

— Comandante Segunda Linha a Sentry-Delta — disse em linguagem clara. — Robin

Hood, repito, Robin Hood. Esquadrilha Segunda Linha, fala o comandante. Formem atrás de num. Vamos embora.

— Esquadrilha Segunda Linha, aqui Sentry-Delta. Notável! — respondeu o controlador. — Atenção, o Kiev tem dois Forgers no ar, cinquenta quilómetros para leste, na vossa direcção. Terão de se apressar para vos alcançar. Manteremos contacto. Terminado.

Richardson fez um rápido cálculo mental. Provavelmente não os alcançariam e, mesmo que alcançassem, doze Phantoms do 107.o Grupo de Caças de Intercepção estavam prontos a enfrentá-los.

— Em cheio, comandante! — disse Segunda Linha 4, o pulverizador, mexendo-se cautelosamente no assento. — Vê aqueles perus a apontar para nós? Sacudimos-lhe, a gaiola cá de uma maneira!

— Atenção aos Forgers — preveniu Richardson, sorrindo de orelha a orelha sob a máscara de oxigénio.

Pilotos de segunda linha uma treta!

— Deixe-os vir — respondeu o 4. — Se algum desses bandidos se aproximar de mais, será o último erro que cometel

O 4 era demasiado agressivo para o gosto de Richardson, mas sabia mexer no Hog, lá isso...

— Esquadrilha Segunda Linha, aqui Sentry-Delta. Os Forgers voltaram para trás. Escuto.

— Entendido, terminado. Atenção esquadrilha, vamos acalmar e rumar a casa. Acho que já ganhámos o mês. — Richardson certificou-se de que estava em frequência aberta. — Senhores passageiros, fala o comandante Barry Amigável — disse, repetindo o dito das relações públicas da U. S. Air, que era já tradicional no 175.o — Espero que tenham feito boa viagem e obrigado por terem voado Warthog Air.

O “Kirov”

No Kirov, o almirante Stralbo correu do centro de informação de combate para a ponte, tarde de mais. Tinham detectado os aviões em voo rasante só quando se encontravam a um minuto do cruzador. A caixa de luz ficara já para trás. Alguns foguetes ardiam ainda na água. A tripulação da ponte, reparou o almirante, não escondia a sua perplexidade.

— Sessenta a setenta segundos antes de estarem em cima de nós, camarada almirante — disse o capitão de bandeira —, seguíamos a força de ataque que nos sobrevoava, e estes quatro, pensamos que eram quatro, passaram sob a cobertura de radar. Tínhamos mísseis apontados a dois deles, apesar da interferência nos sistemas de controle.

Stralbo franziu o sobrolho. A reacção do Kirov não fora famosa. Se o ataque tivesse sido a sério, o Kirov teria, pelo menos, sofrido danos graves. Os americanos de boa vontade trocariam dois caças por um cruzador nuclear. Se todos os aviões americanos atacavam assim...

— A arrogância dos americanos é fantástica! — protestou o zampolit da esquadra.

— Foi um disparate provocá-los — observou Stralbo de mau modo. — Eu sabia que ia acontecer uma coisa destas, mas esperava que partisse do Kennedy.

— Isso foi um erro, um erro do piloto — respondeu o comissário político.

— Pois foi, Vasily. Mas isto não! Vieram dar-nos um recado. Que estamos a mil e quinhentos quilómetros da costa deles sem cobertura aérea adequada e que eles têm mais de quinhentos caças à espera de cair sobre nós, vindos de oeste. Entretanto, o Kennedy acossa-nos a leste como um cão raivoso. A nossa posição não é nada brilhante.

— Os americanos não seriam assim tão imprudentes.

— Tem a certeza, camarada comissário político? Tem? E se um avião dos deles comete um “erro de piloto”? E afunda um dos nossos contratorpedeiros? E se o presidente americano fala pela linha directa com Moscovo, a pedir desculpa, antes de nós próprios podermos informar do sucedido? Juram que foi um acidente e prometem castigar o estúpido piloto. E depois? Acha que o comportamento dos imperialistas é assim tão previsível, connosco quase em cima da costa deles? Eu não acho. Penso que estão a rezar para que lhes demos o menor pretexto de nos caírem em cima. Venha ao meu camarote. Temos de reflectir nisto.

Os dois homens dirigiram-se à popa. O camarote de Stralbo era espartano. A única decoração na parede era um retrato de Lenine a discursar perante os Guardas Vermelhos.

— Qual é a nossa missão, Vasily? — perguntou Stralbo.

— Apoiar os nossos submarinos, ajudá-los a conduzir a busca...

— Exactamente. A nossa missão é apoiar, não conduzir operações ofensivas. Os americanos não nos querem aqui. Objectivamente, compreendo-os. Com todos os nossos mísseis, somos uma ameaça para eles.

— Mas nós temos ordens para não os ameaçar — protestou o zampolit. — Porque haveríamos de querer atacar o território deles?

— E, claro, os imperialistas reconhecem que somos pacíficos socialistas! Então, Vasily, são os nossos inimigos! É evidente que não confiam em nós. É evidente que desejam atacar-nos, demos-lhes nós o mais insignificante pretexto. Já estão a interferir nas nossas buscas, fingindo ajudar. Não nos querem aqui... e se nos deixarmos provocar pelas suas acções agressivas, caímos na armadilha que nos estendem. — O comandante fitou a secretária. — Bom, vamos mudar isto tudo. Ordenarei que a esquadra suspenda tudo o que possa parecer minimamente agressivo. As operações que não sejam acções normais de patrulha serão suspensas. Deixaremos de importunar as unidades navais americanas. Usaremos apenas radares de navegação normais.

— E?

— E engoliremos o nosso orgulho e seremos mansos como cordeiros. Não reagiremos a nenhuma provocação.

— Não faltará quem chame a isso cobardia, camarada almirante — avisou o zampolit.

Stralbo já esperava a observação.

— Não compreende, Vasily? Ao fingir que nos atacavam já nos prejudicaram. Obrigam-nos a activar os nossos mais recentes e secretos sistemas defensivos para poderem reunir informações sobre os nossos radares e sistemas de controle de tiro. Estudam o comportamento dos nossos caças e helicópteros, a capacidade de manobra dos nossos barcos e, acima de tudo, o nosso comando e o nosso controle. Vamos acabar com isto. A nossa principal missão é demasiado importante. Se continuarem a provocar-nos, reagiremos como se a nossa missão fosse realmente pacífica — e é, tanto quanto lhes diz respeito — e protestaremos a nossa inocência. Serão eles os agressores. Se continuarem a provocar-nos, estaremos atentos às suas tácticas e não responderemos. Ou prefere que nos impeçam de executar a nossa missão?

O zampolit murmurou o seu consentimento. Se falhassem, a acusação de cobardia não teria grande significado; se encontrassem o submarino renegado, seriam heróis, acontecesse o que acontecesse.

O “Dallas”

Há quanto tempo estaria de serviço? — interrogou-se Jones. Bastar-lhe-ia, para saber, carregar no botão do relógio digital, mas o técnico de sonar não queria fazê-lo. Seria deprimente. Eu e a minha mania de falar de mais — pode apostar, comandante! Estúpido! Detectara o submarino a uma distância de cerca de vinte milhas, mal o detectara... e o maldito oceano Atlântico tinha três mil milhas de largura, pelo menos sessenta diâmetros de imagem. Agora precisava de algo mais que sorte.

Bem, ganharia um duche dos bons, à Hollywood. Em geral, um duche num barco que não nadava em água doce significava uns segundos para molhar, um minuto para ensaboar e mais uns segundos para tirar o sabão. Uma pessoa lavava-se, mas não ficava reconfortada. Já era um progresso relativamente aos velhos tempos, gostavam os veteranos de dizer. Também outrora, costumava Jones responder, os marinheiros tinham de remar ou de navegar a diesel ou bateria, o que ia dar no mesmo. Um chuveiro à Hollywood é algo em que um marinheiro começa a pensar poucos dias depois de entrar a bordo. Deixa-se a água correr, uma demorada, contínua corrente de água maravilhosamente aquecida. O comandante Mancuso costumava atribuir este sensual passatempo como prémio de um cumprimento do dever acima da média. As pessoas tinham algo de palpável por que lutar. Num submarino não há onde gastar dinheiro, não há cerveja nem mulheres.

Velhos filmes — estavam a fazer um esforço nesse sentido. A biblioteca não era má quando havia tempo para procurar — uma salgadeira. E o Dallastinha dois computadores Apple e uma dúzia de jogos computarizados. Jones era o campeão do submarino no Choplifter e no Zort. Os computadores serviam também para treino, claro, para exames prático e para aprendizagem programada de textos. A maior parte do tempo estavam nisso ocupados.

O Dallas pesquisava uma área a leste de Grand Banks. Os barcos que seguiam a Rota costumavam passar por aqui. Navegavam a cinco nós, rebocando o sonar BQR-15. Tinham feito todo o tipo de contactos. Primeiro, metade dos submarinos da Marinha russa havia passado por eles a alta velocidade, muitos seguidos por barcos americanos. Um Alfa fazia tanto barulho que poderia ser ouvido se uma pessoa encostasse um copo ao casco; Jones tivera de reduzir ao mínimo o volume dos amplificadores para não ficar sem ouvidos. Uma pena não terem podido disparar. A fixação era tão simples, o tiro tão fácil que até uma criança com uma régua de cálculo o teria conseguido. O Alfa teria sido canja! A seguir, vieram os Victors e os Charlies e, por fim, os Novembers, todos a correr. Jones escutara também barcos de superfície a ocidente, muitos, navegando a cerca de vinte nós, produzindo todo o tipo de ruídos ao atacarem as vagas. Estavam muito longe, não eram da sua conta.

Havia dois dias que tentavam fixar aquele alvo, e Jones dormira apenas uma hora, espaçadamente. Bem, é para isso que me pagam, reflectiu, triste. Não era a primeira vez, mas sentia-se sempre feliz quando o trabalho acabava.

O sonar de grande abertura era rebocado na extremidade de um cabo com trezentos metros. Jones dizia, referindo-se-lhe, que andava às baleias. Este equipamento de sonar, além de ser o mais sensível que possuíam, protegia o Dallas contra intrusos que o perseguissem. Em geral, um sonar de submarino trabalha em qualquer direcção excepto à popa — área chamada cone de silêncio, ou reflector. O BQR-15 resolvia este problema. Jones ouvia através dele todo o tipo de coisas, submarinos e barcos de superfície, constantemente, aviões voando baixo de vez em quando. Uma vez, durante um exercício na Florida, só conseguira identificar o ruído de pelicanos a mergulhar depois de o comandante ter mandado subir o periscópio. Depois, ao largo da Bermuda, tinham encontrado baleias acasalando — e que impressionante ruído faziam! Jones ficara com uma cópia da gravação para ouvir na praia; algumas mulheres achavam-na interessante

e bizarra. Jones sorriu.

Havia muitos ruídos de superfície. Os processadores de sinal filtravam a maior parte e, de vez em quando, Jones desligava-os para escutar o som integral e verificar se a filtração não era excessiva. As máquinas eram estúpidas. Jones perguntou a si próprio se o SAPS não deixaria que parte daquele sinal anómalo se perdesse nos chips do computador. Era um dos problemas com computadores, mais rigorosamente com os programas: dizia-se à máquina para fazer uma coisa e a máquina fazia outra. Jones costumava entreter-se a conceber programas. Conhecia gente da faculdade que elaborava programas com jogos para computadores individuais; uma dessas pessoas ganhava bom dinheiro na Sierra On — Line Systems...

Outra vez a sonhar, Jonesy, repreendeu-se. Não era fácil passar horas a fio sem ouvir nada. Seria boa ideia, pensou, permitir aos técnicos de sonar lerem durante o quarto. Nem se atrevia, porém, a sugerir a ideia; Mr. Thompson talvez concordasse, mas o comandante e os oficiais tinham sido especialistas em reactores e seguiam a habitual regra de ferro: devem observar-se todos os instrumentos, sempre, com absoluta concentração. Jones não achava a regra correcta. Com os homens do sonar era diferente; saturavam-se com muita facilidade. Para contrariar este stress, Jones utilizava gravações musicais e jogos. Isolava-se completamente a jogar o Choplifter. Um homem precisava de ter qualquer coisa para se distrair, pelo menos uma vez por dia.

E, em certos casos, quando de serviço. Até os motoristas de camião, que não eram propriamente intelectuais, tinham rádios e gravadores para não ficarem hipnotizados pela estrada. Mas os marinheiros de um submarino nuclear que custava um bilião...

Jones chegou-se para a frente, apertando os auscultadores contra os ouvidos. Rasgou uma folha do bloco cheia de bonecos e apontou a hora em folha nova. Ajustou os controles de volume, já perto do máximo, e tornou a desligar os processadores. A cacofonia do ruído de superfície quase lhe fez estourar a cabeça. Jones aguentou um minuto, manobrando os filtros para eliminar o pior do ruído de alta frequência. Ah! Se calhar o SAPS está a confundir-me... Ainda é cedo para dizer.

Quando Jones fora submetido ao primeiro exame sobre aquele equipamento, na escola de sonar, sentira o ardente desejo de o mostrar ao irmão, diplomado em engenharia electrónica, que trabalhava como consultor na indústria de gravação. Tinha onze patentes registadas em seu nome. O material do Dallas ter-lhe-ia feito saltar os olhos das órbitas. Os sistemas da Marinha para digitalizar o som estavam anos à frente de qualquer técnica comercial. Uma pena que fossem secretos, como o material nuclear...

— Mister Thompson — disse Jones em voz calma, sem se mexer —, quer pedir ao comandante para reduzir a velocidade um nó ou dois, e rodar um pouco mais para leste?

— Comandante — chamou Thompson, saindo para a passagem, a fim de transmitir o pedido.

As ordens para alterar a rota e a velocidade foram dadas em quinze segundos. Mancuso entrou no sonar dez segundos depois.

O comandante andava furioso. Era óbvio, havia dois dias, que o contacto não agira conforme o previsto, não seguira a rota, ou nunca tinha abrandado. O comandante Mancuso enganara-se em alguma coisa — ter-se-ia também enganado quanto ao rumo do visitante? E se o seu amigo não havia seguido a rota que significaria isso? Jones admitira desde sempre a possibilidade. Tratar-se-ia então de um submarino com mísseis. Os comandantes dos submarinos com mísseis nunca andam depressa.

Jones estava sentado como de costume, dobrado sobre a mesa, a mão esquerda no ar para impor silêncio, enquanto o sonar a reboque formava um preciso azimuth leste-oeste no extremo

do cabo. Um cigarro ardia esquecido no cinzeiro. Um gravador de bobina trabalhava continuamente na sala de sonar; as bobinas eram substituídas de hora a hora, e guardadas para análise posterior, em terra. Junto do primeiro havia um segundo aparelho, cujas gravações eram utilizadas a bordo do Dallas para reexame de contactos. Jones ligou-o. depois, virou-se e viu o comandante a fitá-lo. O rosto de Jones abriu-se num sorriso discreto e fatigado.

— Cá está—murmurou.

Mancuso apontou para o altifalante. Jones abanou a cabeça.

— Fraco de mais, comandante. Foi mesmo agora que o apanhei. Para norte mais ou menos, acho eu. Mas preciso de mais tempo.

Mancuso observou a agulha de intensidade do gravador. Mantinha-se quase no zero. De cinquenta em cinquenta segundos, aproximadamente, a agulha mexia. Pouco. Jones tomava notas furiosas.

“Os malditos filtros SAPS estão a apagar isto tudo! Precisamos de amplificadores mais suaves e de melhores filtros de controle manual!”, escreveu.

Mancuso disse consigo que estava a ser ridículo. Observava Jones como observara a mulher quando do nascimento de Dominic, e cronometrava os saltos da agulha como controlara as contracções da mulher. Mas não havia emoção que se comparasse àquela. Comparava-a, para a explicar ao pai, à emoção sentida no primeiro dia de caça, quando se ouvem as folhas sussurrar e se sabe que não é um homem o autor do sussurro. Mas era melhor do que isso. Mancuso perseguia homens, homens como ele próprio num submarino como o seu...

— Ouve-se melhor, comandante — disse Jones, recostando-se e acendendo um cigarro. — Vem na nossa direcção. Três-cinco-zero, para aí, talvez três-cinco-três. Ainda muito fraco, mas é o nosso amigo. Apanhámo-lo. — Jones decidiu arriscar uma impertinência; já ganhara direito a uma certa tolerância. — Esperamos ou vamos em cima dele, sir?

— Esperamos. Não interessa assustá-lo. Deixamo-lo aproximar-se calmamente, enquanto fazemos a nossa famosa imitação de um buraco na água. Depois vamos segui-lo de perto durante algum tempo. Quero outra gravação disto e quero uma decomposição do SAPS para o BC-10. Não interessa o processamento algorítmico; quero o contacto analisado, não interpretado. Passa-o de dois em dois minutos. Quero a assinatura gravada, digitalizada, mastigada, esticada, mutilada. Quero saber tudo sobre ele, os ruídos de propulsão, a assinatura do reactor, as máquinas. Quero saber exactamente quem é.

— É um russo, sir — observou Jones.

— Mas que russo? — perguntou Mancuso, sorrindo.

— Compreendo, comandante.

Estaria de serviço mais duas horas, mas o fim do quarto já estava à vista. Quase. Mancuso sentou-se, pegou num par de auscultadores e roubou um cigarro a Jones. Andava há um mês a ver se deixava o vício. Seria mais fácil em terra.

HMS “Invincible”

Ryan usava agora um uniforme da Marinha Real inglesa, solução de recurso. Outra prova da urgência com que a operação fora lançada estava no facto de só lhe terem dado uma farda e duas camisas. O seu guarda-roupa estava a ser limpo e, enquanto esperava, vestira um par de calças inglesas e uma camisola. Curioso, já ninguém se lembra de que estou aqui. Curioso? Típico! Tinham-no esquecido. Nenhuma mensagem do presidente—não que esperasse alguma — e

Painter e Greer esqueciam-se, com todo o prazer, de que ele continuava no Kennedy. Greer e o juiz estudavam com certeza uma loucura qualquer, gracejavam talvez sobre Jack Ryan que fazia um cruzeiro de férias à custa do Governo.

Não era um cruzeiro de férias. Jack redescobria a sua vulnerabilidade ao enjoo. O Invencible estava ao largo de Massachusetts, à espera da força de superfície russa e procurando activamente os submarinos vermelhos na área. Descrevia círculos constantes num mar sempre revolto. Toda a gente se achava ocupada, menos ele. Os pilotos voavam duas vezes por dia ou mais, com os seus colegas da Força Aérea e da Marinha dos EUA, a partir de bases em terra. Os barcos exercitavam táticas de guerra de superfície. Como o almirante White dissera ao pequeno-almoço, tratava-se de uma bela extensão do GOLFINHO ELEGANTE. Ryan não gostava de ser um supranumerário. Eram todos delicadíssimos, evidentemente. De facto, a hospitalidade era quase excessiva. Tinha acesso ao centro de comando, e quando se interessava pelo modo como os britânicos perseguiram os submarinos explicavam-lhe tudo com pormenor suficiente para perceber metade.

Encontrava-se sozinho, a ler, no camarote de White, que se tornara a sua residência a bordo. Ritter tivera a boa ideia de lhe meter no saco um estudo da CIA. Intitulado “Filhos Abandonados: Um Perfil Psicológico dos Desertores do Bloco de Leste”, o documento, de trezentas páginas, havia sido elaborado por uma comissão de psicólogos e psiquiatras que trabalhavam com a CIA e outras agências de espionagem, ajudando os desertores a integrarem-se na vida americana—e, tinha Ryan a certeza, a identificarem riscos de segurança para a CIA. Não existiriam muitos, mas tudo o que a Companhia fazia tinha duas facetas.

Ryan achou o estudo muito interessante. Nunca pensara naquilo que realmente faz um desertor; imaginava que muitas coisas aconteciam do outro lado da Cortina de Ferro suficientes para encorajar uma pessoa sensata a correr todos os riscos de fugir para o Ocidente. Mas as coisas não eram, pelos vistos, assim tão simples. Cada desertor era um caso único. Enquanto um reconhecia as iniquidades da vida do regime comunista e ansiava por justiça, liberdade religiosa, a possibilidade de se desenvolver como indivíduo, outro podia simplesmente desejar enriquecer, sabedor de como os capitalistas gulosos exploravam as massas e tendo concluído que ser explorador tem as suas vantagens. Ryan achou curioso o raciocínio, embora hipócrita. Outro tipo de desertor era o impostor, alguém colocado na CIA para desinformar. Este tipo de pessoa, contudo, podia surpreender, acabar por tornar-se um autêntico desertor. A América, reflectiu Ryan sorrindo, era extremamente sedutora para quem estava habituado à vida cinzenta da União Soviética. Na maior parte, todavia, os agentes clandestinos eram inimigos perigosos. Daí que um desertor nunca merecesse confiança. Nunca. Um homem que trocava de país uma vez podia trocar outra. Mesmo os idealistas tinham dúvidas, grandes problemas de consciência por terem abandonado a pátria. Numa nota de rodapé, um médico comentava que o mais doloroso castigo para Aleksander Solzhenitsyn era o exílio. Como patriota, estar vivo longe da pátria era mais cruel do que viver num gulag. Ryan achou isto curioso, mas um pouco incrível.

O resto do documento tratava do problema da integração dos desertores. Número apreciável de desertores soviéticos tinha cometido suicídio, passados alguns anos. Parte deles havia sido pura e simplesmente incapaz de se adaptar à liberdade, do mesmo modo que homens encarcerados durante muito tempo não conseguem viver sem um controle apertadíssimo sobre as suas vidas e cometem novos crimes na esperança de regressarem a um ambiente protegido. Ao longo dos anos, a CIA desenvolvera um método para enfrentar este problema, e um gráfico em apêndice mostrava que os casos de desadaptação grave diminuía acentuadamente. Ryan entregou-se à leitura com interesse. Enquanto se preparava para o doutoramento em História na

Universidade de Georgetown, empregara o pouco tempo livre assistindo a aulas de psicologia. Ficara com a suspeita de que os psicólogos não sabiam realmente grande coisa fosse do que fosse e que se juntavam à volta de ideias à toa... Abanou a cabeça. A mulher, às vezes, dizia o mesmo. Para Caroline Ryan, que ensinava cirurgia oftálmica como professora convidada no St. Guy's Hospital de Londres, as coisas eram ou não eram. Se uma pessoa tinha uma afecção ocular, ela curava-a ou não curava. Com a cabeça era diferente, concluiu Jack após ter lido o documento pela segunda vez. Cada desertor tinha de ser tratado como um caso particular por alguém que tivesse tempo e propensão para cuidar dele como devia ser. Seria ele capaz disso? O almirante White entrou.

— Aborrecido, Jack?

— Nem por isso, almirante. Quando é que contactamos com os soviéticos?

— Esta noite. Os seus compatriotas fizeram os soviéticos passar um mau bocado depois do incidente com o Torneai.

— Ainda bem. Talvez as pessoas acordem antes que aconteça alguma tragédia.

— Acha que acontecerá? — perguntou White, sentando-se.

— Se eles andam mesmo à procura de um submarino, almirante, acho. Se não andam, então o objectivo é outro e eu enganei-me. Ror: terei de viver com o meu erro... ou morrer com ele.

Centro Médico Naval de Norfolk

Trait sentia-se melhor. O Dr. Jameson substituíra-o durante várias horas, permitindo-lhe que dormisse durante cinco, num sofá, na sala de estar. Não conseguia dormir mais tempo de uma vez, mas era o suficiente para que parecesse ostensivamente fresco ao resto do pessoal. Fez um rápido telefonema e trouxeram-lhe leite. Sendo mórmon, Tait não tomava bebidas com cafeína — café, chá, mesmo cola —, e embora este género de autodisciplina fosse invulgar num médico — mais ainda num militar —, raramente pensava nisso, salvo nas raras ocasiões em que salientava aos colegas as virtudes do seu regime em termos de longevidade. Tait bebeu o leite e barbeou-se, reaparecendo em forma para mais um dia de trabalho.

— Alguma coisa sobre as radiações, Jamie?

— Mandaram vir um especialista nuclear de um submarino para examinar as roupas. Parece que há uma contaminação de vinte rads. insuficiente para produzir efeitos fisiológicos. Se calhar, a enfermeira fez a colheita de sangue nas costas da mão. As extremidades podem estar ainda afectadas pela constrição vascular. Pode ser essa a causa da queda na contagem de glóbulos brancos.

— Como é que ele está?

— Melhor. Pouco melhor, mas melhor. O keflin deve ter resultado. — O médico abriu o gráfico. — Os glóbulos brancos estão a regressar ao normal. O hemograma também. Pus-lhe sangue integral a correr, há duas horas. A tensão arterial é dez-seis e meio, o pulso noventa e quatro. Há dez minutos, a temperatura era trinta e oito vírgula dois. Mantém-se instável desde há umas horas.

“Bem, o coração não está nada mal. Acho que ele se safa se, entretanto, não acontecer nenhum imprevisto.

Jameson disse consigo que, em casos extremos de hipotermia, o imprevisto pode levar mais de um mês a surgir.

Tait examinou o gráfico, lembrando-se do que tinha sido anos atrás. Um jovem e brilhante

médico, como Jamie, certo de poder curar o mundo todo. Uma bela intenção. Pena que a experiência — no seu caso, dois anos em Danang — a mate. Jamie estava certo, porém; as melhoras eram suficientes para justificar um aumento das possibilidades de sobrevivência do rapaz.

— Que fazem os russos? — perguntou Tait.

— Petchkin está agora a tomar conta. Quando chegou a vez dele e teve de mudar de roupa, sabe que entregou o fato ao capitão Smirnov como se receasse que lhe roubássemos alguma coisa?

Tait explicou que Petchkin era agente do KGB.

— Palavra? Se calhar anda armado. — Jameson sorriu. — Se anda, o melhor é ter cuidado porque temos aqui três marines.

— Marines? Para quê?

— Esqueci-me de lhe dizer. Um jornalista descobriu que tínhamos cá um russo e tentou forçar a entrada. Uma enfermeira travou-lhe o passo. O almirante Blackburn soube e ficou furioso. O piso está todo isolado. Afinal, que raio de segredo é este?

— Sei lá! Que pensa desse Petchkin?

— Não sei. É o primeiro russo que conheço. São pouco sorridentes. Da maneira como se revezam para vigiar, dir-se-ia terem medo de que matemos o rapaz.

— Ou que ele diga qualquer coisa que não querem que ouçamos... Parece-lhe que eles preferem que o rapaz morra? Quando resistiram a dizer-nos que ele navegava num submarino nuclear...

Jameson reflectiu e respondeu:

— Não. Os russos têm a mania do secretismo, não têm? E Smirnov acabou por falar.

— Vá dormir um pouco, Jamie. — Vou, capitão.

Jameson encaminhou-se para a sala de estar.

Nós perguntámos-lhes que tipo de submarino, recordou o capitão, isto é, se era ou não nuclear. E se pensaram que queríamos saber se era um submarino equipado com mísseis? Faz sentido, pois... Um submarino equipado com mísseis mesmo ao largo da nossa costa e toda esta actividade no Atlântico Norte... Época de Natal. Meu Deus! Se tencionam fazê-lo, fá-lo-ão já! Atravessou o corredor. Uma enfermeira saiu da sala com uma amostra de sangue para o laboratório. Faziam análises de hora a hora, e Petchkin ficava sozinho com o doente por uns minutos.

Tait dobrou a esquina e viu Petchkin pela janela, sentado numa cadeira, junto da cama, observando o seu compatriota, que continuava inconsciente. Vestia uma bata verde. Feitas para serem postas depressa, as batas eram reversíveis, com um bolso de cada lado para que o cirurgião não perdesse tempo a verificar se estavam do direito ou do avesso. Enquanto Tait observava, Petchkin meteu a mão pela gola larga.

— Oh, meu Deus!

Tait dobrou a esquina a correr e entrou de rompante pelo guarda-vento. A surpresa de Petchkin transformou-se em expressão de pasmo quando o médico lhe fez saltar da mão um isqueiro e um cigarro e, depois, em expressão indignada ao ver-se erguido da cadeira e projectado porta fora. Tait era mais baixo, mas um súbito assomo de energia foi suficiente para expulsar o homem da sala.

— Segurança! — gritou Tait.

— Que significa isto? — perguntou Petchkin.

Tait agarrava-o com força. Logo ouviu pés correndo, vindos do átrio.

—Que foi, sir?

Um marine ofegante, empunhando um Colt 45 na mão direita, parou, derrapando, no chão de ladrilho.

— Este homem tentou matar o meu doente!

— Quê? — exclamou Petchkin, escarlate.

— Cabo, a partir de agora fica aqui à porta. Se este homem tentar entrar na sala, impedi-lo-á por todos os meios ao seu alcance. Compreendeu?

— Compreendi, sir! — o cabo fitou o russo. — Sir, importa-se de se afastar da porta?

— Mas que vem a ser isto?

— Sir, quer fazer o favor de se afastar da porta imediatamente? O marine guardou a pistola.

— Que se passa aqui?

Era Ivanov, que fazia sensatamente a pergunta a três metros de distância, em voz calma.

— Doutor, quer ou não quer que o seu marinheiro sobreviva? — perguntou Tait, procurando controlar-se.

— Que... é claro que queremos! Porque faz uma pergunta dessas?

— Então por que foi que o camarada Petchkin acaba de tentar matá-lo?

— Não fiz tal coisa!—gritou Petchkin.

— Que foi que ele fez exactamente? — perguntou Ivanov. Antes que Tait pudesse responder, Petchkin falou depressa em russo, depois em inglês.

— Ia fumar um cigarro, mais nada. Não estou armado, não quero matar ninguém. Só queria fumar um cigarro.

— Temos letreiros a proibir o fumo em todo este andar, menos no átrio, não viu? O senhor estava numa sala de cuidados intensivos com um doente a oxigénio, com a atmosfera e as roupas de cama saturadas de oxigénio, e ia acender a merda do seu Bic! — O médico raras vezes falava tão livremente. — Claro, provocava um incêndio, pareceria um acidente e o rapaz morreria! Sei muito bem quem você é, Petchkin, e não me queira convencer de que é analfabeto! Fora daqui!

A enfermeira, que assistia à cena, entrou na sala. Saiu com um maço de cigarros, dois cigarros soltos, um isqueiro de plástico e uma expressão curiosa. Petchkin estava cor de cinza.

— Doutor Tait, garanto-lhe que não tive a menor intenção de... Que disse que aconteceria?

— Camarada Petchkin — respondeu-lhe calmamente Ivanov em inglês—, haveria uma explosão, seguida de incêndio. Não se pode fazer lume na presença de oxigénio.

— Nichevo!

Petchkin compreendeu finalmente o que fizera. Esperara que a enfermeira sáísse porque o pessoal médico nunca deixava as pessoas fumar. Não conhecia a primeira regra dos hospitais e, como agente do KGB, estava habituado a fazer o que lhe apetecia. Começou a falar com Ivanov em russo. O médico soviético parecia um pai a ouvir um filho a desculpar-se por ter partido um copo. Respondeu-lhe bem-humorado.

Tait começou, entretanto, a recear ter reagido despropositadamente—'Os fumadores eram para ele, antes do mais, uns idiotas.

— Doutor Tait — disse, por fim, Petchkin—, juro-lhe que não fazia a menor ideia dessa história do oxigénio. Sou uma besta, pronto, mas...

— Enfermeira — ordenou Tait —, este doente não pode ficar sozinho nem por um segundo! Mande alguém buscar as amostras de sangue e fazer o que for preciso. Se tiver mesmo de sair, peça primeiro que a substituam.

— Está bem, doutor.

— E acabaram-se os disparates, Mister Petchkin. Torne a infringir as regras, sir, e nunca

mais porá aqui os pés. Percebeu?

— Com certeza, doutor, e aceite, por favor, as minhas desculpas.

— Você não sai daqui — disse Tait ao marine.

Afastou-se, abanando, furioso, a cabeça, indignado com os russos, embaraçado consigo próprio, desejando encontrar-se em Bethesda, onde pertencia... e saber praguejar a preceito. Desceu ao primeiro piso no elevador de serviço e passou cinco minutos à procura do oficial de informações que viajara com ele. Acabou por encontrá-lo numa sala de jogo, entretido com o Pac Man. Conversaram no gabinete do administrador do hospital, que estava vago.

— Pensa realmente que ele quer matar o rapaz? — perguntou o comandante, incrédulo.

— Que outra coisa podia eu pensar? Que pensa você?

— Que nunca lhe passou isso pela cabeça. Eles querem o rapaz vivo... Não, primeiro querem que fale mais do que você.

— Como sabe?

— Petchkin telefona para a Embaixada de hora a hora. Temos os telefones sob escuta, claro. Então?

— E se é tudo a fingir?

— Nesse caso, o homem é actor profissional. Safe o rapaz, doutor, e deixe o resto conosco. Boa ideia ter posto o marine à porta. Isso irrita-os. Nunca perca uma oportunidade de os irritar. Quando será que ele recupera a consciência?

— Não sei. Ainda tem febre e está muito fraco. Que interesse têm eles em que o rapaz fale?

— Querem saber a que submarino pertencia. O contacto de Petchkin deixou escapar essa ao telefone. Uns amadores! Muito amadores! Devem estar realmente ansiosíssimos.

— Sabe que submarino era?

— Claro — respondeu o oficial, castigador.

— Mas que se passa, por amor de Deus? — Não posso dizer, doutor.

O comandante sorriu como se soubesse, embora ignorasse tanto como os outros o que se passava.

Estaleiro Naval de Norfolk

Uma grua enorme pousou o Avalon no respectivo suporte, no USS Scamp, atracado. O comandante do Scamp observava, impaciente, a manobra do alto da ponte. Ele e o seu barco haviam sido obrigados a interromper uma perseguição aos Victors e não gostara nada disso. O comandante participara semanas antes num exercício DSRV e tinha agora coisas mais agradáveis em que pensar do que servir de ama seca àquele brinquedo inútil. Além disso, o mini-submarino acoplado no seu tubo de salvamento obrigá-lo-ia a reduzir em dez nós a velocidade máxima. E teria mais quatro homens para alojar e alimentar. O Scamp não era tão grande como isso.

Pelo menos iriam comer melhor. O Scamp andava no mar havia semanas quando recebeu ordem de regresso à base. A provisão de vegetais frescos esgotara-se e aproveitavam agora a oportunidade para se reabastecerem de um camião mandado à doca. Um homem cansa-se depressa de salada mista de feijão. À noite iriam ter alface, tomate e carne fresca em vez de enlatada. Mas isso não eliminava o facto de haver russos ao largo, preocupante.

— Está seguro? — perguntou o comandante, da ponte para a coberta da popa.

— Está, comandante. Quando quiser, estamos prontos — disse o tenente Ames.

— Casa das máquinas — chamou o comandante pelo intercomunicador —, prontos para

sair dentro de dez minutos.

— Já estamos, comandante.

Um rebocador preparava-se para ajudar o Scamp a afastar-se da doca. Ames era quem tinha as ordens, coisas de que o comandante não gostava. Não iam mais perseguir submarinos com aquele maldito Avalon a bordo.

O “Outubro Vermelho”

— Olhe aqui, Svyadov — chamou Melekhin. — Vou mostrar-lhe como raciocina um sabotador.

O tenente aproximou-se e olhou. O engenheiro-chefe apontava para uma válvula de inspecção no transformador de calor. Antes de se pronunciar, Melekhin levantou o telefone na antepara.

— Camarada comandante, fala Melekhin. Descobri. Peço autorização para desligar o reactor por uma hora. Podemos alimentar o caierpillar a bateria, não?

— Claro, camarada engenheiro-chefe — respondeu Ramius. — Faça favor.

Melekhin disse ao engenheiro-adjunto:

— Pare o reactor e ligue as baterias aos motores do Caterpillar.

— Imediatamente, camarada — respondeu o oficial, começando a manobrar os comandos.

Que angústia até descobrirem a fuga! Descoberta a sabotagem nos contadores Geiger, Melekhin e Borodin tinham reparado os aparelhos e começado uma vistoria completa da zona do reactor, tarefa diabolicamente complexa. Uma fuga de grande débito estava fora da questão, pois, nesse caso, Svyadov teria ido à procura dela com uma vassoura — mesmo uma pequena fuga facilmente lambia um braço. Admitiram tratar-se de uma fuga insignificante no troço de baixa pressão do sistema. Devia ser... O não saberem é que perturbara toda a gente.

Só que Melekhin não conseguia descobrir a fuga e, quando os distintivos tinham sido revelados na véspera, não havia nada neles! Como era possível?

— Diga-me lá o que vê, Svyadov — disse Melekhin. — A válvula de verificação de água.

Aberta apenas no cais, quando o reactor estava frio, servia para limpar o sistema de arrefecimento e verificar se a água estava contaminada acima do normal. Era uma peça vulgar, uma válvula forte com um largo volante. O tubo inferior, por baixo do segmento pressurizado do cano, era enroscado e não soldado.

— Uma chave, tenente, por favor.

Melekhin dava a lição, considerou Svyadov. Era o mais lento dos professores quando tentava comunicar algo de importante. Svyadov regressou com uma chave de tubos de um metro. O engenheiro-chefe esperou que o sistema fosse fechado e verificou duas vezes um indicador para se certificar de que os tubos estavam despressurizados. Era um homem cuidadoso. Aplicou a chave e rodou-a. A válvula cedeu facilmente,

— Como vê, camarada tenente, é a válvula que enrosca no tubo. Porque é que isto pode ser assim?

— A válvula é que suporta a pressão, camarada. A peça em que está enroscada não passa de um tubo direccionado. A natureza/a da união não compromete a pressão da serpentina.

— Correcto. Se o tubo enroscasse na válvula, a união não seria suficientemente forte para a pressão total do sistema.

Melekhin desapertou completamente a válvula, que se adaptava rigorosamente ao tubo. As

roscas reluziam ainda, como acabadas de sair da máquina.

— E aqui está a sabotagem.

— Não compreendo...

— Foi pensada com todo o rigor, camarada tenente. — A voz de Melekhin traduzia raiva e admiração. — À velocidade de cruzeiro, a pressão no sistema é de oito quilos por centímetro quadrado, certo?

— Sim, camarada, e à velocidade máxima é noventa por cento mais elevada.

Svyadov sabia tudo isto de cor.

— Raramente navegamos a toda a velocidade. O que aqui temos é uma secção terminal da serpentina de vapor. Ora, alguém abriu aqui um pequeno orifício, não tem sequer um milímetro... Veja... — Melekhin baixou-se para examinar o orifício, enquanto Svyadov se mantinha prudentemente afastado. — Nem sequer um milímetro. O sabotador retirou a válvula, abriu o buraco e recolocou-a. O orifício permite a fuga de uma minúscula quantidade de vapor, muito lentamente. O vapor não pode subir, porque o encaixe da válvula lhe veda a passagem. Repare neste trabalho! Perfeito, absolutamente perfeito! O vapor, portanto, não pode escapar-se para cima; só pode escoar-se para baixo, pela rosca, sempre à volta, até que chega ao tubo direccional. É o suficiente. O suficiente para contaminar esta zona, por pouco que seja. — Melekhin fitou Svyadov. — Quem fez isto foi um homem muito inteligente, um homem que sabe em pormenor como este sistema funciona. Quando reduzimos a velocidade para procurar a fuga, a pressão remanescente na serpentina não era bastante para forçar o vapor através da rosca e nós não descobríamos a fuga. Só existe pressão suficiente aos níveis normais de força. Quando se suspeita de uma fuga reduz-se a força do sistema. Pense no que poderia ter acontecido se navegássemos à velocidade máxima! — Melekhin abanou a cabeça, com admiração. — Alguém muito, muito inteligente. Oxalá o descubra! Oh, quem me dera conhecer esse homem tão inteligente! Pego num alicate — a voz de Melekhin reduziu-se a um murmúrio — e esmago-lhe os tomates! Dê-me o ferro eléctrico de soldar, camarada. Resolvo isto em poucos minutos.

O capitão-de-mar-e-guerra Melekhin juntou o gesto à palavra. Ninguém poria a mão no seu sector, no sector à sua responsabilidade. Svyadov aplaudiu secretamente. Uma pequenina gota de aço inoxidável foi aplicada ao orifício. Melekhin empurrou-a com ferramenta de joalheiro para não danificar a rosca. Depois, passou nesta um vedante à base de borracha e tornou a colocar a válvula no lugar. A reparação demorara vinte e oito minutos pelo relógio de Svyadov. Como lhe tinham dito em Leninegrado, Melekhin era o melhor engenheiro de submarinos.

— Teste de pressão estática, oito quilos — ordenou ao engenheiro-adjunto.

O reactor foi reactivado. Cinco minutos mais tarde, a pressão atingiu os valores normais. Melekhin colocou um contador debaixo do tubo durante dez minutos — e o contador não marcou nada, nem mesmo na posição dois. Melekhin dirigiu-se ao telefone para informar o comandante de que a fuga estava colmatada.

Melekhin mandou os marinheiros regressarem ao compartimento para reporem as ferramentas no lugar.

— Vê como se faz, tenente?

— Vejo, camarada. A fuga era suficiente para provocar toda a essa contaminação? — Evidentemente.

Svyadov reflectiu. A zona do reactor era uma colecção de tubos e válvulas, e aquela sabotagem não devia ter demorado muito a fazer. Não haveria outras bombas de relógio ocultas no sistema?

— Está a preocupar-se de mais, camarada — disse Melekhin. — Sim, também pensei nisso.

Quando chegarmos a Cuba, mandarei fazer um teste estático à pressão máxima para vistoriar todo o sistema, mas, para já, acho que não é boa ideia. Continuaremos o ciclo de quarto de duas horas. Pode ser que um dos nossos tripulantes seja o sabotador. Não terei aqui pessoas o tempo suficiente para cometerem mais sabotagens. Vigie atentamente a tripulação.

DÉCIMO SEGUNDO DIA

Terça-feira, 14 de Dezembro

O “Dallas”

— Loucura de Ivan! — exclamou Jones suficientemente alto para ser ouvido no centro de ataque. — Está a rodar para estibordo!

— Comandante!

Era Thompson a repetir o aviso.

— Tudo parado! — ordenou rapidamente Mancuso. — Barco em ultra-silêncio!

Mil metros à frente do Dallas, o submarino iniciava uma curva fechada para a direita. Executava esta manobra mais ou menos de duas em duas horas desde que o Dallas havia retomado o contacto com ele, embora não com regularidade bastante para que o Dallas pudesse prever em rigor a sua movimentação. Fosse quem fosse o comandante do submarino, sabia do seu ofício, considerou Mancuso. O submarino soviético descrevia um círculo completo para que o sonar da proa pudesse detectar quem se escondesse no cone de silêncio.

Contrariar esta manobra era mais do que complicado—era perigoso, especialmente do modo como Mancuso a contrariou. Quando o Outubro Vermelho mudava de rota, a popa, como a de todos os barcos, movia-se na direcção oposta ao sentido da rodagem. Constituía uma barreira de aço directamente no caminho do Dallas enquanto executava a primeira parte da curva, e o submarino de 7000 toneladas precisava de muito espaço para parar.

O número exacto de colisões ocorridas entre submarinos soviéticos e americanos era um segredo muito bem guardado; mas não era segredo a ocorrência de colisões. Uma característica táctica russa para manterem a distância relativamente aos seus perseguidores consistia numa curva estilizada conhecida na Marinha do EUA por Loucura de Ivan.

Durante as primeiras horas de perseguição, Mancuso tivera o cuidado de manter a distância ao submarino. Verificara que este curvava lentamente. Manobrava sem pressas e parecia subir quinze a vinte e cinco metros quando rodava, quase chegando a inclinar-se para o lado de dentro, como um avião. Suspeitava de que o comandante russo não utilizava toda a sua capacidade de manobra — decisão inteligente, a de manter de reserva, como surpresa, parte das virtualidades do seu barco. Estes factos permitiam ao Dallas segui-lo muito de perto e davam a Mancuso ocasião de reduzir a marcha e navegar quase em silêncio, praticamente tocando a proa do submarino russo. Esmerava-se neste tipo de perseguição—demasiadamente, murmuravam os oficiais. Da última vez haviam falhado as hélices russas apenas por cento e cinquenta metros. A rotação aberta do submarino fazia-o envolver completamente o Dallas quando este quase lhe tocava a cauda.

Evitar a colisão era a parte mais perigosa da manobra, mas não a única. O Dallas tinha também que permanecer invisível para os sistemas de sonar passivo da sua presa. Os engenheiros deviam, pois, reduzir a potência do reactor S6G a uma fracção mínima do total. Felizmente, o reactor podia funcionar a muito baixa potência sem recorrer à bomba de arrefecimento, visto que o refrigerante podia ser transferido por circulação de convecção. Quando as turbinas de vapor paravam, todos os ruídos de propulsão cessavam por completo. Além disso, impunha-se silêncio estrito na rotina do barco. Nenhuma actividade que pudesse provocar ruído era permitida, e a

tripulação levava a ordem tão a sério que até as conversas no refeitório se processavam em surdina.

— Velocidade em queda — anunciou o tenente Goodman. Mancuso decidiu que o Dallas não seria vítima de colisão e foi à popa, ao sonar.

— O alvo continua a rodar para a direita — disse Jones em voz tranquila. — Já devemos estar a salvo. Distância à popa, talvez duzentos metros, um pouco menos... Sim, já estamos a salvo. A rota altera-se mais rapidamente. Velocidade e ruídos de motor constantes. Uma volta lenta à direita. — Jones viu o comandante pelo canto do olho e arriscou uma observação. — Comandante, este tipo manobra realmente à confiança. Realmente.

— Explica lá—Adisse Mancuso, supondo conhecer a resposta.

— Comandante, ele não reduz a velocidade como nós, e nós rodamos muito mais rapidamente do que ele. É quase como se... como se ele não fizesse isto por rotina, está a ver?"Como se estivesse com pressa de chegar a determinado sítio, mas não pensasse que o seguem. Espere... sim, já inverteu quase a rota... Mais ou menos meia milha à nossa proa de estibordo... Continua a rodar lentamente. Vai rodear-nos... Sir, se ele sabe que está aqui alguém, comporta-se com uma frieza... Que pensas, Francês?

O chefe de sonar Javal abanou a cabeça.

— Ele não sabe que estamos aqui.

O chefe não queria dizer mais nada. Pensava que Mancuso, ao seguir o russo tão de perto, era imprudente. O homem era temerário, a brincar assim com um 688; um pequeno erro e acabaria na praia com um balde e uma pá.

— Está a passar por estibordo. Não silva. — Jones pegou no calculador e carregou em alguns números. — Sir, uma curva assim a esta velocidade dá um raio de cerca de mil metros. Será que o tal sistema de propulsão lhe desregula os lemes?

— É possível.

Mancuso colocou um par de auscultadores. O ruído era o mesmo. Um silvo e, de quarenta em quarenta segundos, mais ou menos, um estranho som de baixa frequência. Àquela distância, podiam ouvir também o gorgolejo e o pulsar da bomba do reactor. Havia um som áspero, talvez de um cozinheiro raspando com um tacho numa grade metálica. Naquele submarino não se impunha silêncio. Mancuso sorriu. Era como um ladrão escalador de muros, assim tão perto do inimigo — não, inimigo não, não exactamente — a ouvir tudo. Com melhores condições acústicas poderiam escutar até conversas. Não o suficiente para as entender, claro, mas como se estivessem numa festa a ouvir dezenas de casais falando ao mesmo tempo.

— Está a passar à popa e continua a circular. O raio deve ser superior a mil metros — observou Mancuso.

— Sim, comandante, mais ou menos — concordou Jones.

— Ele não pode servir-se de todo o leme, Jonesy: tens razão, ele faz isto muito displicentemente. Enfim, os russos têm fama de paranóicos— este não é.

Ainda bem, pensou Mancuso. Se ia ouvir o Dallas seria agora, com o sonar da proa apontado quase directamente a eles. Mancuso tirou os auscultadores para ouvir o seu barco. O Dallas era um túmulo. As palavras Loucura de Ivan tinham sido passadas de boca em boca e, segundos depois, a tripulação respondera. Como se premeia uma tripulação inteira? Mancuso sabia que os esforçava, às vezes de mais... diabo, eles empenhavam-se mesmo!

— Vai do lado de bombordo — disse Jones. — Exactamente a meio, agora. Velocidade sem alteração. Rota um pouco mais a direito, distância cerca de mil e cem metros, creio.

O técnico de sonar tirou um lenço do bolso de trás das calças e limpou as mãos.

Há tensão, claro, mas não se dá por ela enquanto se escuta, reflectiu o comandante. Todos os seus tripulantes agiam como profissionais.

— Já passou. Pela proa de bombordo. Deve ter completado a volta. Aposto que retomou a rota um-nove-zero. — Jones ergueu os olhos com um sorriso. — Mais uma vez conseguimos, comandante.

— Pois conseguimos. Bom trabalho, rapazes.

Mancuso regressou ao centro de ataque. Todos se mantinham na expectativa. O Dallas estava morto na água, mergulhando lentamente à deriva, ligeiramente desequilibrado.

— Ligar os motores. Aumentar a velocidade para treze nós, devagar.

Segundos mais tarde, começou a ouvir-se um ruído quase imperceptível, quando a potência do reactor cresceu. Um momento depois, o indicador de velocidade subiu. O Dallas estava outra vez em movimento.

— 'Atenção, fala o comandante — disse Mancuso pelo porta-voz.

O sistema de comunicação eléctrico estava desligado e as suas palavras seriam transmitidas de compartimento em compartimento.

— Tornaram a rodear-nos sem nos detectar. Parabéns a todos. Podemos respirar outra vez.

— Recolocou o porta-voz no lugar — Mister Goodman, vamos outra vez atrás dele.

— Muito bem, comandante. Cinco graus no leme esquerdo.

— Cinco graus no leme esquerdo — repetiu o timoneiro, fazendo girar a roda.

Dez minutos depois, o Dallas encontrava-se de novo à popa do submarino russo, permanentemente na mira de ataque. Os torpedos Mark 48 mal teriam espaço para se armar antes de atingirem o alvo em vinte e nove segundos.

Ministério da Defesa, Moscú

— Então como te sentes, Misha?

Mikhail Semyonovich Filitov ergueu os olhos de um grosso maço de documentos. Estava ainda febril e corado. Dmitri Ustinov, o ministro da Defesa, preocupava-se com o seu velho amigo. Devia ter ficado mais uns dias no hospital, conforme o conselho médico. Misha, porém, nunca ouvia conselhos de ninguém; só ordens.

— Sinto-me bem, Dmitri. Uma pessoa, quando sai do hospital, sente-se sempre melhor... mesmo que -saia morta — disse Filitov, sorrindo.

— Mas ainda estás com mau aspecto — observou Ustinov.

— Ora! Na nossa idade tem-se sempre mau aspecto. Uma bebida, camarada ministro da Defesa?

Filitov tirou uma garrafa de vodca Stolychnaya da gaveta da secretária.

— Bebes de mais, amigo — ralhou Ustinov.

— De menos. Um pouco mais de anticongelante e não teria apanhado esta constipação, na semana passada. — Encheu dois copos até meio e estendeu um à visita. — Bebe, Dmitri. Está frio lá fora.

Brindaram, tomaram um gole do líquido límpido e expeliram o ar com um pah explosivo.

— Já me sinto melhor — disse Filitov, soltando uma gargalhada rouca. — Diz-me cá... Que é feito do renegado lituano?

— Não sabemos bem — respondeu Ustinov.

— Ainda? Não me podes contar o que dizia a carta?

Ustinov tomou outro gole antes de explicar. Quando acabou a história, Filitov estava quase deitado sobre a secretária, atônito.

— Mãe de Deus! E ainda não o encontraram? Quantas cabeças?

— O almirante Korov morreu. Foi preso pelo KGB, claro, e morreu de hemorragia cerebral pouco depois.

— Uma hemorragia de nove milímetros, aposto — observou friamente Filitov.—Estou farto de dizer a mesma coisa! Para que raio nos serve a Marinha? Poderemos usá-la contra os chineses? Ou contra os países da NATO que nos ameaçam? Não! Quantos rublos gastamos na construção e no abastecimento desses lindos barcos de Gorshkov? E que lucrámos com isso? Nada! Agora perde um submarino e o estupor da Marinha não consegue encontrá-lo! Ainda bem que Estaline já morreu.

Ustinov concordou. Tinha idade suficiente para se lembrar do que acontecia nessa época a quem falhasse, minimamente que fosse.

— De qualquer modo, Padorin talvez salve a pele. Tem um agente suplementar de segurança a bordo do submarino.

— Padorin! — Filitov tomou outro gole de vodca. — Esse eunuco! Só falei com ele aí umas três vezes. Mesmo para comissário, que tipo frio! Nunca ri, nem quando bebe. É cá um russo! Por que é que Gorshkov mantém tanta porcária à volta dele, Dmitri?

Ustinov sorriu, fitando a bebida.

— Pela mesma razão que eu mantenho, Misha. Os dois homens riram.

— Então como vai o camarada Padorin salvar os nossos segredos e a sua pele? Descobriu a quadratura do círculo, foi?

Ustinov explicou tudo ao seu amigo. Não eram muitos os homens com quem o ministro da Defesa podia falar à vontade. Filitov era coronel de cavalaria reformado, mas continuava a usar orgulhosamente o uniforme. Enfrentara o combate pela primeira vez no quarto dia da Grande Guerra Patriótica, quando os invasores fascistas avançavam para leste. O tenente Filitov defrontara-os a sudeste de Brest Litovsk com um esquadrão de tanques T-45/76. Bom oficial, sobrevivera ao primeiro choque com os panzers de Guderian, retirara em boa ordem e lutara, apostando numa tática de grande mobilidade, durante dias, até cair no grande cerco de Minsk. Conseguira escapar da armadilha e depois de outra, em Vyasma, e tinha comandado um batalhão como ponta-de-lança de Zhukov no contra-ataque a partir dos arredores de Moscou. Em 1942, Filitov tomara parte na desastrosa contra-ofensiva sobre Kharkov, mas conseguira escapar de novo, desta vez a pé, afastando os restos destroçados do regimento do temível caldeirão do Dnieper. Ainda nesse ano, com outro regimento, comandara a manobra que tinha esmagado o exército italiano no flanco de Estalinegrado e cercado os alemães. Havia sido ferido duas vezes nessa campanha. Filitov adquirira a reputação de comandante competente e afortunado. A sorte fugira-lhe em Kursk, onde enfrentara a cavalaria da divisão SS Das Reich. À cabeça dos seus homens, numa furiosa batalha de tanques, Filitov e o seu veículo tinham caído direitos numa emboscada de armas de oitenta milímetros. Só por milagre sobrevivera. O seu peito mostrava ainda cicatrizes de queimaduras provocadas pelo tanque incendiado, e ficara praticamente com o braço direito inutilizado. Fora o suficiente para reformar um comandante que conquistara a medalha de ouro de Herói da União Soviética nada menos que três vezes, e mais uma dezena de outras condecorações.

Após meses de hospital em hospital, tornara-se representante do Exército Vermelho nas fábricas de armamento transferidas para os Urais, a leste de Moscou. O ânimo que fizera dele um soldado de excepção, demonstrar-se-ia ainda mais eficaz ao serviço do Estado na retaguarda.

Organizador nato, Filitov aprendeu a tyrannizar os directores fabris, impondo-lhes a eficiência e a economia, e convenceu os engenheiros a fazer pequenas, porém muitas vezes cruciais, mudanças no material que salvariam tripulações e venceriam batalhas.

Filitov e Ustinov tinham-se conhecido nestas fábricas, o veterano cheio de cicatrizes e o rude apparatchik que Estaline destacara para a produção de armas que repelisses os odiados invasores. Após alguns conflitos, o jovem Ustinov verificou que Filitov era um homem sem medo, não se deixando intimidar em questões que envolvessem controle de qualidade ou eficiência em combate. No meio de uma discussão, Filitov arrastara praticamente Ustinov para a torre de um tanque e levava-o a um campo de treino para fazer valer os seus argumentos. Ustinov era daqueles a quem bastava mostrarem uma coisa uma vez, e não tardaram a ficar amigos íntimos. Ustinov admirava a coragem de um soldado que dizia não ao comissário do povo para os Armamentos. Em meados de 1944, Filitov fazia parte do seu gabinete, como inspector especial — ou seja, um “bombeiro”. Quando havia um problema numa fábrica, Filitov resolvia-o rapidamente. As três estrelas de ouro e os ferimentos recebidos em combate eram, em geral, o bastante para persuadir os directores fabris a emendar a mão — e, se não fossem, Misha tinha voz grossa e vocabulário capaz de fazer pestanejar um sargento-ajudante.

Filitov, que nunca fora alto funcionário do Partido, fornecia ao seu chefe valiosas informações. Continuava a acompanhar de perto a concepção de tanques e as equipas de produção, e ensaiava muitas vezes um protótipo ou um modelo de série escolhido ao acaso com uma equipa de veteranos experimentados, para ver com os próprios olhos como as coisas funcionavam. Mesmo com um braço inutilizado, dizia-se que Filitov era um dos melhores atiradores da União Soviética. E um homem humilde. Em 1965, Ustinov resolveu fazer uma surpresa ao seu amigo: as estrelas de general. Ficou algo irritado com a reacção de Filitov: não as merecera no campo de batalha, único processo pelo qual um homem poderia conquistar estrelas. Observação bastante impolítica, pois Ustinov era marechal da União Soviética, patente que lhe havia sido dada em paga do trabalho desenvolvido em prol do Partido e da direcção industrial; demonstrava no entanto que Filitov era um verdadeiro Novo Homem Soviético, orgulhoso do que valia e indiferente às suas limitações.

Uma pena, achava Ustinov, que Misha tivesse tido, noutra aspecto, tão pouca sorte. Fora casado com uma mulher encantadora, Elena Filitova, modesta bailarina do Kirov quando o jovem oficial a conhecera. Ustinov recordava-a com uma ponta de inveja; Elena tinha sido a perfeita esposa do soldado. Dera ao Estado dois belos filhos. Estavam já os dois mortos. O mais velho morrera em 1956 ainda muito jovem, com dezassete anos incompletos, cadete enviado para a Hungria devido à confiança política que merecia, abatido por contra-revolucionários. Era soldado e corria os riscos de um soldado. O mais novo, porém, havia morrido num exercício, destruído por uma culatra defeituosa num tanque F-55 acabado de sair da fábrica, em 1959. Uma tragédia. Elena morreria pouco depois, mais de desgosto do que de doença. Uma tragédia.

Filitov não mudara grande coisa. Bebia de mais, como era vulgar entre militares, mas era um bêbado sossegado. Por volta de 1961, dedicara-se ao esquí. A prática fazia-lhe bem à saúde e cansava-o — provavelmente o que acima de tudo pretendia, além da solidão. Continuava a ser um óptimo ouvinte. Quando Ustinov tinha uma nova ideia a ventilar no Politburo, expunha-a primeiro a Filitov para conhecer a sua reacção. Não sendo um homem sofisticado, Filitov possuía uma invulgar argúcia, um instinto de soldado para descobrir pontos fracos e explorar pontos fortes. Como oficial de ligação, era inultrapassável. Poucos homens vivos ostentavam três estrelas de ouro ganhas no campo de batalha. O facto granjeava-lhe o respeito, mesmo de oficiais de muito mais alta patente.

— Achas que isso é possível, Dmítri Fedorovich? — perguntou Filitov. — Poderá um homem destruir um submarino? Tu percebes de mísseis, eu não.

— É. Resume-se tudo a uma questão de matemática. Há suficiente energia num míssil para destruir um submarino.

— E que será do nosso homem?

Sempre soldado, Filitov preocupava-se com a sorte de um jovem corajoso, sozinho em território inimigo.

— Faremos tudo o que pudermos, claro, mas não há grande esperança.

— Tem de ser salvo, Dmitri! Tem de ser! Olha que rapazes como esse têm um valor para lá dos seus feitos, não são máquinas, não são robots. São símbolos para os outros jovens militares e, vivos, valem por cem tanques ou barcos novos. Na guerra é assim, camarada. Esquecemo-nos disso... e vê o que acontece no Afeganistão!

— Tens razão, meu amigo, mas... a meia dúzia de centenas de quilómetros da costa americana?

— Gorshkov passa a vida a vangloriar-se da sua Marinha, ele que trate disso! — Filitov encheu outro copo. — Só mais um...

— Hoje não tornas a esquiar, Misha. — Ustinov sabia que era costume ele beber antes de se dirigir, no seu carro, para os bosques a leste de Moscovo. — Não te deixo.

— Hoje não, Dmitri; prometo... embora pense que me faria bem. Hoje vou ao banya, a ver se o vapor e uma suadela me lava o veneno desta velha carcaça. Queres vir comigo?

— Tenho de trabalhar até tarde.

— O banya fazia-te bem — insistiu Filitov.

Era uma perda de tempo e ambos o sabiam. Ustinov fazia parte da “nobreza” e não se misturava com a gente dos banhos públicos. Misha não tinha desses preconceitos.

O “Dallas”

Exactamente vinte e quatro horas após ter retomado o contacto com o Outubro Vermelho, Mancuso convocou uma reunião de oficiais. As coisas tinham, de certo modo, estabilizado. Mancuso conseguira mesmo dormir oito horas” quatro de cada vez, e sentia-se de novo vagamente humano. Dispunham agora de tempo para traçar um rigoroso quadro de sonar da presa, e o computador procedia à classificação da assinatura, a qual estaria à disposição dos outros barcos em poucas semanas. Da perseguição em linha recta haviam obtido um perfeito modelo das características de ruído do sistema de propulsão e do círculo executado duas vezes por hora pelo Outubro Vermelho, uma imagem do tamanho do barco e das especificações do reactor.

O imediato, Wally Chambers, rodava entre os dedos um lápis, como um ponteiro.

— Jonesy tem razão. É o mesmo tipo de reactor dos Oscars Q dos Thyphoons. Faz menos barulho, mas as características da assinatura são, no essencial, virtualmente idênticas. A questão é que é que o faz andar? Dir-se-ia que as hélices estão abafadas. Hélice direccionada, com anel, ou talvez uma espécie de túnel de propulsão. Já não experimentámos isso em tempos?

— Há muito tempo — disse o tenente Butler, o oficial de engenharia.—Ouvi falar nisso quando estava em Arco. Não resultou já não me lembro porquê. Seja o que for, reduz muitíssimo os ruídos de propulsão. Este barulho, no entanto... É um som harmónico, não há dúvida... mas de quê? Apanhámo-lo em primeiro lugar...

— Jonesy diz que os processadores de sinal filtram o ruído — disse Mancuso — como se os soviéticos soubessem como funciona o SAPS e tivessem concebido um sistema para o neutralizar. Mas não é de crer.

Todos concordavam neste ponto. Todos conheciam os princípios com os quais o SAPS operava, mas não haveria cinquenta pessoas em todo o país que conhecessem realmente os pormenores.

— Não há dúvida de que se trata de um submarino equipado com mísseis?—perguntou Mancuso.

— Não é possível integrar este reactor noutra tipo de barco — disse Butler. — E, acima de tudo, ele comporta-se como um submarino equipado com mísseis.

— Pode ser um Oscar — sugeriu Chambers.

— Não. Para quê mandar um Oscar tão a sul? O Oscar é uma plataforma antibarco. Não, este tipo comanda um submarino com mísseis. Percorreu a rota à velocidade a que navega agora... e comporta-se como um submarino equipado com mísseis — observou o tenente Mannion. — Mas que visam eles com toda a outra actividade? Esse é que é o problema. Se calhar, tentam aproximar-se da nossa costa... só para ver se são capazes. Não seria a primeira vez. Toda esta actividade constitui óptima manobra de diversão.

Reflectiram na possibilidade. Ambos os lados haviam experimentado o estratagema. Recentemente, em 1978, um submarino soviético equipado com mísseis, da classe Yankee, aproximara-se do bordo da plataforma continental da costa de Nova Inglaterra. O objectivo, evidente, fora o de verificar se os Estados Unidos eram ou não capazes de o detectar. Foram; a Marinha conseguira e o problema que se tinha posto era o de reagir ou não, e deixar que os russos soubessem.

— Bem, penso que o melhor é deixar grandes estratégias para o pessoal em terra. Vamos transmitir isto. Tenente Mannion, diga ao QOD para estabilizar à altura do periscópio em vinte minutos. Tentaremos passar por ele e voltar para trás sem sermos detectados.

Mancuso franziu o sobrolho. Tal manobra nunca era fácil. Meia hora mais tarde, o Dallas transmitia a sua mensagem.

*Z14092SZDEZ ULTRA-SECRETO THEO DE; USS DALLAS PARA:
COMSUBLANT INFO: CINCLANTFLT USS DALLAS 2090414DEZ*

1. CONTACTO ANÓMALO RETOMADO 0538Z 13DEZ. POSIÇÃO ACTUAL LAT 42= 35' LONG 49" 12'. ROTA 194 VELOCIDADE 13 PROFUNDIDADE 600. ACOMPANHAMENTO DURANTE 24 HORAS SEM CONTRADETECÇÃO. CONTACTO CONSIDERADO COMO SSBN DA ESQUADRA VERMELHA, GRANDE ENVERGADURA, CARACTERÍSTICAS DO MOTOR INDICATIVAS DA CLASSE THYFOON. CONTACTO USA POREM NOVO SISTEMA DE PROPULSÃO NÃO REPITO NÃO HÉLICES. PERFIL DE ASSINATURA ESTABELECIDO.

2. REATAMOS PERSEGUIÇÃO. PEDIMOS LIMITES PARA ÁREA ADICIONAL DE OPS. AGUARDAMOS RESPOSTA 1030Z.

Centro de Operações do COMSUBLANT

“No alvo!”, disse Gallery consigo. Tornou ao gabinete, tendo o cuidado de fechar a porta

antes de falar pela linha interferida para Washington.

— Sam, fala Vince. Ouça: o Dallas informa que está a seguir um submarino russo equipado com mísseis, utilizando um novo sistema de propulsão silencioso, cerca de seiscentas milhas a sudeste de Grand Banks, rota um-nove-quatro, velocidade treze nós.

— Ótimo! É Mancuso? — perguntou Dodge.

— Bartolomeo Vito Mancuso, a minha cobaia preferida — confirmou Gallery.

Não tinha sido fácil dar-lhe aquele comando, por causa da idade, mas Gallery vencera todas as resistências. —>Não lhe dizia que o tipo era bom, Sam?

— Mas estão pertíssimo do grupo do Kiev! — exclamou Dodge, olhando o seu quadro táctico.

— Sim, estão a aproximar-se — concordou Gallery. — O Invincible também não está longe e’ o Pogy anda igualmente por lá. Mandámo-lo para o largo quando chamámos o Scamp. Creio que o Dallas precisa de ajuda. O problema é saber que descrição devemos observar.

— Bastante. Vince, tenho de falar com Dan Foster acerca disto.

— Está bem. O Dallas espera uma resposta dentro de... diabo, dentro de cinquenta e cinco minutos! Sabe como é... Tem de interromper o contacto para falar connosco. Depressa, Sam.

— Está bem, Vince. — Dodge carregou nas teclas do telefone. — Fala o almirante Dodge. Preciso de falar com o almirante Foster imediatamente.

O Pentágono

— Ena! Entre o Kiev e o Kirov. Belo!

O general de Divisão Harris tirou um marcador do bolso para representar o Outubro Vermelho. Era um pequeno objecto de madeira com uma bandeira dos piratas. Harris tinha um estranho sentido de humor.

— O presidente diz que podemos tentar ficar com ele? — perguntou.

— Se conseguirmos levá-lo para onde queremos na altura que queremos — respondeu o general Hilton. — O Dallas não pode entrar em contacto com ele?

— Tinha piada, general. — Foster abanou a cabeça. — Vamos por partes. Primeiro, avançamos com o Pogy e o Invincible, depois arranjam processo de o avisar. Se mantiver esta rota, meu Deus, vai direitinho a Norfolk. Estão a ver a temeridade do rapaz? Bem, em último caso podemos sempre escoltá-lo.

— Mas assim teremos de devolver o submarino — objectou o almirante Dodge.

— Devemos estar preparados para tudo, Sam. Se não conseguirmos avisá-lo, podemos tentar cercá-lo com barcos nossos para impedir Ivan de disparar.

— Da lei do mar percebe você — disse o general Barnes, chefe do Estado-Maior da Força Aérea. — Mas, tanto quanto sei, isso pode ser interpretado como um acto de pirataria ou mesmo de guerra. Não lhe parece que a situação já é bastante complicada?

— Bem visto, general — disse Foster.

— Meus senhores, precisamos de tempo para estudar isto. E ainda o temos. Mas agora vamos dizer ao Dallas que não largue o tipo — propôs Harris. — E que nos informe de qualquer alteração de rota ou de velocidade. Penso que temos quinze minutos. A seguir, metemos o Pogy e o Invincible na rota deles.

— Acho bem, Eddie. — Hilton virou-se para o almirante Foster. — Se concordar, tratamos já disto.

— Envie a mensagem — ordenou Foster.

— Muito bem.

Dodge pegou no telefone e ordenou ao almirante Gallery a transmissão da mensagem.

Z141030ZDEZ

ULTRA-SECRETO

DE: COMSUBLANT

PARA: USS DALLAS

USS DALLAS Z140925ZDEZ

1. CONTINUE PERSEGUIÇÃO. INFORME DE QUAISQUER ALTERAÇÕES NA ROTA OU VELOCIDADE. AJUDA A CAMINHO.

2. MENSAGEM ELF "G" DIRECTIVA FLASH DE OPS PRONTA PARA SI.

3. ÁREA DE OP SEM RESTRIÇÕES. BRAVO ZULU DALLAS. NÃO DESISTA. VICAL GALLERY.

— Bom, vamos analisar a situação — disse Harris. — Ainda não se sabe o que os russos pretendem, pois não?

— Que quer dizer, Eddie? — perguntou Hilton.

— Vejamos, por exemplo, a composição da força soviética. Metade das unidades de superfície são antiaéreas e para combate naval, não são essencialmente meios ASW. E para quê o Kirovl Enfeita muito bem a esquadra, sim, senhor, mas o Kiev fazia o mesmo efeito.

— Já falámos acerca disso — observou Foster. — Mobilizaram tudo o que pudesse chegar até aqui a alta velocidade, à superfície, de utilização limitada contra submarinos. A razão, Eddie, está em que Gorshkov quer aqui tudo o que tem. Um barco mau é melhor do que barco nenhum. Até um dos velhos Echos pode ter sorte, e Sergey deve passar as noites de joelhos a pedir sorte.

— Mesmo assim, dividiram as forças de superfície em três grupos, cada um deles com unidades antiaéreas e anti-superfície, e não estão muito fortes em matéria de cascos ASW. Nem mandaram sair de Cuba a aviação ASW. É curioso — salientou Harris.

— Lá se ia por água abaixo a história que inventaram. Não se procura um submarino desaparecido com aviões... bem, podiam, mas se fizessem levantar de Cuba uma esquadilha de Bears, o presidente trepava pelas paredes — disse Foster. — Acossá-los-íamos de tal maneira que acabariam por não fazer nada. Para nós seria uma operação técnica, mas eles metem a política em tudo, bem sabem.

— Compreendo, mas isso não explica o que se passa. Os barcos e helicópteros ASW que eles têm andam de cabeça perdida. Pode-se procurar assim um submarino afundado, mas o Outubro não se afundou, pois não?

— Não percebo, Eddie — disse Hilton.

— Como procuraria um submarino desgarrado nestas circunstâncias? — perguntou Hilton a Foster.

— Não desta maneira — respondeu Foster após reflectir. — O sonar activo de superfície poria o submarino de sobreaviso muito antes de tomarem contacto com ele. Os submarinos equipados com mísseis têm bom sonar passivo. Ouvi-los-ia aproximar-se e alteraria a rota. Tem razão, Eddie, é um embuste.

— Portanto, que raio pretendem os barcos de superfície? — perguntou Barnes, confuso.

— A doutrina naval soviética impõe o uso de barcos de superfície em apoio às operações

submarinas — explicou Harris.—Gorshkov é um bom tático teórico e, às vezes, muito inovador. Disse há uns anos que os submarinos, para operarem eficazmente, precisam de ajuda, de meios aéreos ou de superfície em apoio directo ou próximo. Não podem utilizar meios aéreos tão longe da Rússia, a não ser que mobilizem os de Cuba, e descobrir no mar um barco que não quer ser descoberto não é tarefa fácil.

“Por outro lado, sabem para onde ele vai... um número restrito de áreas patrulhadas por cinquenta e oito submarinos. O objectivo das forças de superfície, portanto, não consiste em participar directamente na busca — embora, se tiverem sorte, não a desprezem. O objectivo das forças de superfície consiste em impedir-nos de interferir com os submarinos. Por isso cruzam as áreas onde, em princípio, nos encontramos, com as unidades de superfície, e tomam conta de nós. — Harris interrompeu-se por um momento. — Bem pensado. Temos, por conseguinte, de os cobrir. E como eles se encontram numa missão de “salvamento”, temos mais ou menos de fazer o que eles fazem; andamos também de um lado para o outro. Deste modo, eles usam a nossa própria capacidade de ASW contra nós para os seus próprios fins. Ajudámo-los em toda a linha!

— Porquê? — insistiu Barnes.

— A nossa missão é ajudar numa busca. Se encontrarmos o submarino estarão suficientemente perto para o localizar e disparar. E nós? Que poderemos nós fazer? Nada!

“Como disse, eles tentam localizá-lo e destruí-lo com os submarinos. Descobri-lo com a força de superfície só por pura sorte... e não se fazem planos a contar, sobretudo, com a sorte. Logo, o principal objectivo da força de superfície é o de manter a capacidade de tiro dos submarinos e o de manter as nossas forças à distância. Em segundo lugar, os barcos podem funcionar como batedores, empurrando a caça para os submarinos... e, mais uma vez, nós a ajudar. Constituímos uma trincheira adicional. — Harris abanou a cabeça, resmungando, com admiração. — Engraçado, não é? Se o Outubro Vermelho os ouve aproximar-se, corre para o porto que o comandante escolher.- direitinho a uma bela armadilha. Dan, que possibilidades têm eles de o destruir à entrada de Norfolk, por exemplo?

Foster estudou o mapa. Havia submarinos ao largo de todos os portos do Maine à Florida,

— Têm mais submarinos do que nós temos portos. Agora sabemos que o tipo pode ser detectado, e a área ao largo de cada porto é tão vasta, mesmo fora dos limites territoriais... Tem razão, Eddie. Eles têm muitas possibilidades de o afundar. Os nossos grupos de superfície estão demasiado longe para fazerem seja o que for. Os nossos submarinos não sabem o que se passa. Temos ordens para não lhes dizer nada e, mesmo que não tivéssemos, como poderíamos interferir? Disparar contra os submarinos russos antes que eles disparem... e desencadear uma guerra? — Foster suspirou. — Precisamos de o avisar.

— Como? — perguntou Hilton.

— Sonar, uma mensagem telefónica, não sei — sugeriu Harris.

— Ouve-se através do casco — disse o almirante Dodge, abanando a cabeça. — Se continuarmos a presumir que só os oficiais estão metidos na conspiração, a tripulação pode desconfiar do que se passa e será impossível prever as consequências disso. Acham que podemos usar o Ninútz e o America para os expulsar da nossa costa? Já estão suficientemente perto para entrarem na operação. Raios! Não quero que esse tipo se aproxime tanto para ir pelos ares mesmo ao largo da nossa costa!

— Isso não acontecerá — disse Harris. — Desde o rcàd ao Kirov, estão muito mansinhos. É muito arriscado. Aposto em como pensaram nisso tudo. Sabem que, com tantos barcos a operar ao largo da nossa costa, correm o risco de nos provocar. Por isso, tomaram a iniciativa, nós embarcámos, eles aguentaram caladinhos... e agora, se continuarmos a acozá-los, os maus

somos nós. Eles até estão empenhados numa operação de busca, não ameaçam ninguém... O Post noticiou esta manhã que temos um sobrevivente russo no hospital naval de Norfolk. De qualquer modo, há uma boa notícia: eles calcularam mal a velocidade do Outubro Vermelho. Os grupos do Kiev e do Kirov, com uma velocidade superior em sete nós, vão ultrapassá-lo pela esquerda e pela direita.

— Pomos então de parte os grupos de superfície? — perguntou Maxwell

— Não — respondeu Hilton. — Convém que saibam que já não vamos na história da operação de salvamento. Perguntar-se-ão porque não nos vamos embora. E temos de tomar conta dos barcos deles. São uma ameaça, portem-se ou não bem.

“O que podemos fazer é fingir que dispensamos o Invincible. Com o Ninútz e o America prontos para entrar em jogo, podemos mandá-lo embora. Quando eles ultrapassarem o Outubro, utilizaremos a manobra em nosso proveito. Colocamos o Invincible para lá dos grupos de superfície soviéticos, como se rumasse a Inglaterra, a interpomo-lo na rota do Outubro. Temos ainda de descobrir um processo de comunicar com ele, claro. Dispor os barcos, muito bem; agora arranjar maneira de o avisar... Bom, para já, concordam em preparar o Invincible e o Pogy para a intercepção?”

O “Invincible”

— A que distância está ele? — perguntou Ryan.

— A duzentas milhas. Chegaremos lá dentro de dez horas.

— O capitão Hunter marcou a posição no mapa. — O USS Pogy aproxima-se de leste e deve encontrar-se com o Dallas mais ou menos uma hora depois de nós. Ficaremos assim cerca de cem milhas a leste deste grupo de superfície, quando o Outubro chegar. O diabo é que o Kiev e o Kirov estão cem milhas a leste e a oeste dele.

— O comandante do submarino saberá disso? — perguntou Ryan, olhando o mapa e medindo as distâncias com os olhos.

— É improvável. Navega submerso, fundo, e os sonares passivos que tem não são tão bons como os nossos. As condições do mar também não ajudam. Um vento de vinte nós à superfície pode baralhar os sonares, mesmo a boa profundidade.

— Temos de o avisar. — O almirante White olhou a mensagem com a ordem de operações. — Sem recorrer a sistemas acústicos.

— Como diabo fará isso? Não atinge uma profundidade dessas com um rádio — observou Ryan. — Até eu sei disso. Meu Deus, o tipo navegou quatro mil milhas para estourar à vista do seu objectivo!

— Como comunicar com um submarino? O comandante Barclay interveio:

— Meus senhores, nós não tentaremos comunicar com um submarino; nós tentaremos comunicar com um homem.

— Está a pensar em quê? — perguntou Hunter.

— Que sabemos nós acerca de Marko Ramius? — perguntou Barclay, semicerrando os olhos.

— É um cowboy, o típico comandante de submarino, convencido de que pode andar sobre as águas — disse o capitão Carstairs.

— Que fez quase toda a sua carreira em submarinos de ataque — acrescentou Barclay. — Marko apostou a vida em como seria capaz de se introduzir num porto americano sem ser

detectado por ninguém. Temos de abalar essa confiança para o avisar.

— Precisaremos de falar com ele primeiro — disse Ryan, incisivo.

— E assim faremos — respondeu Barclay, sorrindo, já com a sua ideia completamente formada. — Ele é um antigo comandante de submarinos de ataque. Continua a raciocinar em termos de ataque contra os seus inimigos. Ora, como faz tal coisa um comandante de submarinos?

— Como? — perguntou Ryan.

A resposta de Barclay era óbvia. Discutiram a ideia por mais uma hora e, depois, Ryan transmitiu-a a Washington, para aprovação. Seguiu-se uma rápida troca de informações técnicas. O Invincible deveria chegar ao ponto de encontro de dia e não havia tempo para isso. A operação foi adiada por doze horas. O Pogy juntou-se ao Invincible, colocando-se como sentinela de sonar vinte milhas a leste. Às onze da noite, o transmissor ELF no norte do Michigão passou uma mensagem: “B”. Vinte minutos depois, o Dallas aproximou-se da superfície para receber as suas ordens.

DÉCIMO TERCEIRO DIA

Quinta-feira, 15 de Dezembro

O “Dallas”

— Loucura de Ivan — avisou Jones outra vez. — Roda para bombordo!

— Tudo parado — ordenou Mancuso.

Segurava uma mensagem que lia e relia há horas e cujo conteúdo não lhe agradava.

— Tudo parado, sír — respondeu o timoneiro. — Inverter tudo!

— Inverter tudo, sír.

O timoneiro executou, a expressão atónita.

Por todo o Dallas a tripulação ouviu barulho, barulho de mais, quando as válvulas de engate se abriram para injectar vapor nas pás de reversão das turbinas, impelindo a hélice em sentido contrário. À popa, geraram-se logo vibrações e cavitação.

— Leme direito todo.

— Leme direito todo.

— Comandante, aqui sonar, estamos a cavitatar — disse Jones pelo intercomunicador.

— Muito bem, sonar! — respondeu Mancuso em voz dura.

Não compreendia as suas novas ordens e as coisas que não entendia irritavam-no.

— Velocidade reduzida a quatro nós — anunciou o tenente Goodman.

— Leme de través, tudo parado.

— Leme de través, tudo parado — respondeu logo o timoneiro. — Sir, o meu leme está de través — acrescentou, não querendo que o comandante lhe ralhasse.

— Jesus! — disse Jones na sala de sonar. — Que está o comandante a fazer?

Mancuso entrou no sonar um segundo depois.

— Continua a virar para bombordo, comandante. Está à nossa popa por causa da volta que demos — informou Jones o mais tranquilamente que pôde.

Estava prestes a acusar o seu comandante, notou Mancuso.

— Isto vai animar, Jonesy — disse Mancuso friamente.

Quem manda és tu, disse Jones consigo, suficientemente precavido para não falar. O comandante parecia na iminência de degolar alguém, e Jones acabava de gozar um mês de tolerância. Ligou os auscultadores para o sonar a reboque.

— Ruídos do motor a diminuir, sir. Está a abrandar. — Jones interrompeu-se... mas não podia deixar de dizer tudo. — Sir, deve ter-nos ouvido.

— Era o que faltava se não tivesse — respondeu Mancuso.

O Outubro Vermelho”

— Comandante, um submarino inimigo — disse o núchman, aflito.

— Inimigo? — repetiu Ramius.

— Americano. Deve ter*vindo atrás de nós. Fui obrigado a travar para evitar uma colisão conosco, quando rodámos. É um americano, não há dúvida. Nítido à proa de bombordo, distância um quilómetro, penso.

Passou os auscultadores a Ramius.

— Um 688 — disse Ramius a Borodin. — Raios! Deve ter dado conosco há duas horas.

Pouca sorte.

— Procura-o, Jonesy.

Mancuso dava pessoalmente a ordem para uma busca com o sonar activo. O Dallas prosseguiu na volta antes de quase parar.

Jones hesitou por um momento, escutando ainda o ruído do reactor nos sistemas passivos. Ligou os transdutores activos na esfera principal do BQQ-5, à proa.

Ping! Uma onda sonora foi dirigida ao alvo.

Pong! A onda, reflectida no casco de aço, tornou ao Dallas.

— Distância ao alvo, mil e cinquenta metros — disse Jones.

O impulso reflectido era tratado pelo computador BC-10 e indicava alguns pormenores.

— Configuração do alvo consistente com um submarino equipado com os mísseis da classe Thyphoon. Ângulo à proa, cerca de setenta graus. Não há efeito Doppler, está parado.

Outros seis pings confirmaram a informação.

— Suspende pings — disse Mancuso.

Havia uma certa satisfação na sua voz por verificar que avaliara correctamente o contacto; não muita, porém.

Jones desligou o sistema. Para que diabo me mandou fazer isto? Ele já sabe tudo, só lhe falta ler o número gravado na proa.

O “Outubro Vermelho”

Toda a gente a bordo do Outubro sabia já que tinham sido descobertos. O chicote das ondas de sonar ressoara pelo casco. Não era som que um tripulante de submarino gostasse de ouvir. Principalmente depois de ter tido problemas com o reactor, concluiu Ramius. Talvez pudesse tirar partido disso...

O “Dallas”

— Alguém à superfície — disse Jones, de súbito. — De onde raio é que vieram? Comandante, não havia nada, nada, há um minuto e agora estou a captar ruído de motores. Dois, talvez mais... e uma coisa maior. Como se tivessem estado muito quietos à nossa espera. Há um minuto estavam quietos. Raios! Não ouvi nada!

O “Invincible”

— Cumprimos impecavelmente o horário — disse o almirante White.

— Sorte — observou Ryan.

— A sorte faz parte do jogo, Jack.

O HMS Bristol foi o primeiro a captar o som dos dois submarinos e da volta que o Outubro Vermelho descrevera. Mesmo a cinco milhas, os submarinos mal se ouviam. A manobra Loucura de Ivan terminara a três milhas de distância, e os barcos de superfície tinham podido fixá-lo perfeitamente, escutando as emissões do sonar activo do Dallas.

— Dois helicópteros a caminho, sir — anunciou o capitão Hunter. — Dentro de um minuto serão visíveis.

— Informe o Bristol e o Fife para ficarem do lado do vento relativamente a nós. Quero o Invincible entre eles e o contacto.

— Muito bem, sir.

Hunter transmitiu a ordem ao centro de comunicações. Os contratorpedeiros achariam a ordem singular — colocar um porta-aviões a tapar contratorpedeiros!

Segundos mais tarde, dois helicópteros Sea King imobilizaram-se a quinze metros de altitude, e começaram a descer sonares de mergulho na ponta de um cabo, esforçando-se por manter a posição. Estes sonares eram bastante menos poderosos do que os dos barcos e possuíam outras características. Os dados que captavam eram transmitidos por circuito digital ao centro de comando do Invincible.

O “Dallas”

— Ingleses — disse logo Jones. — Sonar de mergulho, sít. O 195, creio. Quer dizer que o barcalhão a sul é um dos porta-aviões deles sir, com dois navios-escolta.

— O HMS Invincible — confirmou Mancuso. — Estava do nosso lado, no lago, no GOLFINHO ELEGANTE. A universidade britânica, os melhores operadores de ASW que têm.

— Vem para aqui, sít. Dez nós. Os helicópteros — dois — já nos detectaram. Aos dois submarinos. Não há mais nenhum na zona, que eu ouça.

O “Invincible”

— Contacto sonar positivo — ouviu-se pelo altifalante. — Dois submarinos a duas milhas do Invincible, rota zero-dois-zero.

— Agora a parte mais difícil — disse o almirante White.

Ryan e os quatro oficiais da Marinha inglesa ao corrente da missão encontravam-se na ponte, com o oficial comandante da esquadilha de ASW no centro de comando, em baixo. O Invincible navegava lentamente para norte, um pouco à esquerda da rota dos contactos. Os cinco varriam a área com poderosos binóculos.

— Vamos, comandante Ramius — disse Ryan baixinho. — O senhor tem fama de ser corajoso. Prove-o.

O “Outubro Vermelho”

Ramius tornara ao centro de controle e olhava o mapa de cenho carregado. Um Los Angeles americano tropeçando nele era uma coisa; ser surpreendido por uma força especial era outra. Barcos ingleses. Porquê? Provavelmente um exercício. Americanos e ingleses treinavam muitas vezes juntos, e um puro acidente introduzira o Outubro no meio deles. Bem. Devia escapar-se para prosseguir a sua missão. Não seria difícil. Não? Um submarino, um porta-aviões e dois contratorpedeiros atrás dele. Que mais? Teria de descobrir, se quisesse despistá-los a todos. Trabalho para um dia quase inteiro. Primeiro, contudo, devia apurar contra quem se defrontava.

Ao mesmo tempo, mostrar-lhes-ia a sua autoconfiança, que, se lhe apetecesse, os poderia perseguir.

—Borodin, estabilizar à altura do periscópio. Tripulação aos postos de combate.

O “Invincible”

— Vamos, Marko — incitava Barclay — temos um recado para ti, velhote.

— Helicóptero três informa que o contacto está a subir — ouviu-se pelo altifalante.

— Ótimo! — exclamou Ryan, dando um soco na balaustrada. White pegou no telefone.

— Chame um dos helicópteros.

A distância ao Outubro Vermelho era inferior a milha e meia. Um dos Sea Kings ganhou altura e curvou, enrolando o transdutor de sonar.

— Profundidade do contacto, cento e cinquenta metros. Sobe lentamente.

O “Outubro Vermelho”

Borodin provocava a lenta saída de água dos tanques de compensação do Outubro. O submarino aumentou a velocidade para quatro nós; a maior parte da força necessária para o fazer subir provinha dos hidroplanos. O starpom tinha o cuidado de o trazer devagar acima e Ramius apontava o submarino ao Invincible.

O “Invincible”

— Hunter, como está o seu Morse? — perguntou o almirante White.

— Acho que não está mal, sir — respondeu Hunter.

A excitação apoderava-se de todos. Aquela era uma oportunidade única.

Ryan engoliu em seco. Nas últimas horas, enquanto o Invincible estivera parado no mar revolto, o seu estômago portara-se muito mal. As pílulas que o médico lhe dera tinham-no ajudado, mas, agora, a excitação punha-o outra vez pior. Eram vinte e quatro metros da ponte à água. Se tiver de vomitar, não sujo nada. Deixa lá isso...

O “Dallas”

— Ruídos de casco a subir, sir — disse Jones. — Ele vem para cima, sir.

— Para cima? — Mancuso reflectiu por instantes. — Sim, bate certo. Ele é um cowboy. Quer saber o que se passa antes de tentar fugir. Bate certo. Aposto em como não sabe onde estivemos nos últimos dois dias.

O comandante dirigiu-se à proa, ao centro de ataque.

— Parece que vem para cima, sir—disse Mannion, os olhos no controle de tiro. — Calado.

Mannion tinha uma opinião acerca da dependência dos periscópios que os comandantes de submarinos denotavam. Passavam quase todas demasiadas horas a espreitar o mundo. Seria, em parte, uma reacção instintiva à reclusão forçada da vida num submarino, uma maneira de

confirmar que existia realmente um mundo lá em cima, que os instrumentos não se enganavam. Perfeitamente humano, considerou Mannion, mas favorece a vulnerabilidade...

— Também vamos subir, comandante?

— Vamos. Devagarinho.

O “Invincible”

O céu estava parcialmente coberto de nuvens brancas e lanosas, as bases cinzentas com ameaça de chuva. Um vento de vinte nós soprava de sudoeste e as vagas eram de dois metros, escuras, rajadas de espuma. Ryan viu o Bristol e o Fije estacionados do lado do vento. Os seus companheiros estavam com certeza a murmurar palavras vernáculas acerca da posição. Os navios-escolta americanos que tinham sido separados do grupo na véspera navegavam agora ac encontro do USS New Jersey.

White falava de novo ao telefone.

— Comandante, quero ser informado do momento em que captarmos o retorno do radar da área do alvo. Concentre tudo a bordo nessa área. Também quero saber de quaisquer, repito, quaisquer sinais de sonar vindos dessa zona... Exacto. Profundidade do alvo? Muito bem. Chame o segundo helicóptero. Quero os dois colocados do lado do vento.

Tinham concordado em que a melhor maneira de transmitir a mensagem seria através de sinais de luz. Só quem estivesse em linha com a ponte poderia ler o sinal. Hunter aproximou-se da luz com Uma folha de papel que Ryan lhe dera. As ordenanças e os sinaleiros haviam abandonado o local.

O “Outubro Vermelho”

— Trinta metros, camarada comandante — informou Borodin. O centro de combate funcionava no centro de controle.

— Periscópio — disse Ramius calmamente.

O tubo oleado de metal subiu sibilante, movido por pressão hidráulica. O comandante entregou o boné ao subalterno de quarto e espreitou pelo óculo.

— Portanto, temos aqui três barcos imperialistas. HMS Invincible. Belo nome para um barco!—Riu por entre dentes.—Dois navios-escolta, o Bristol e um cruzador da classe County.

O “Invincible”

— Periscópio a estibordo, à proa! — ouviu-se pelo altifalante.

— Estou a vê-lo! — Barclay apontou com a mão. — Lá está ele! Ryan semicerrou os olhos.

—Vejo, vejo...

Era como uma pequena vassoura espetada na água, a cerca de uma milha de distância. Batida pelas ondas, a parte inferior visível do periscópio reluzia.

—Hunter— disse White em voz tranquila.

À esquerda de Ryan, o capitão começou a accionar a alavanca que controlava os obturadores da luz.

O “Outubro Vermelho”

Ramius não viu logo. Percorria o horizonte em toda a volta, à procura de outros barcos ou de aviões. Quando completou o círculo, captou a luz intermitente. Tentou de imediato interpretar o sinal. Não tardou a perceber que lho apontavam directamente.

AAA AAA AAA OUTUBRO VERMELHO LÊ ESTA MENSAGEM POR FAVOR ENVIE UM SÓ PINO PELO SONAR ACTIVO SE LÊ ESTA MENSAGEM POR FAVOR ENVIE UM SÓ PINO PELO SONAR ACTIVO SE LÊ ESTA MENSAGEM AAA AAA AAA OUTUBRO VERMELHO OUTUBRO VERMELHO LÊ ESTA MENSAGEM LÊ ESTA MENSAGEM.

A mensagem continuava a ser repetida. Os sinais eram trémulos e pouco precisos. Ramius não reparou nisto. Traduziu-os mentalmente, julgando a princípio tratar-se de uma mensagem para o submarino americano. Os nós dos seus dedos tornaram-se brancos nos punhos do periscópio, enquanto traduzia mentalmente os sinais.

— Borodin — disse por fim, depois de ter lido a mensagem pela quarta vez —, vamos preparar uma solução de tiro contra o Invincible. Diabo, o marcador de alcance do periscópio está encravado. Um ping, camarada. Só um para termos a distância.

Ping!

O “Invincible”

— Um ping da área de contacto, sir — ouviu-se pelo altifalante. — Parece soviético. White pegou no telefone.

— Obrigado. Mantenha-nos informados. — Desligou. — Bem, meus senhores...

— Ele respondeu! — exclamou Ryan. — Mande o resto, por amor de Deus!

— É para já!

Hunter sorria como um louco.

OUTUBRO VERMELHO OUTUBRO VERMELHO TODA A SUA ESQUADRA O PERSEGUE TODA A SUA ESQUADRA O PERSEGUE A SUA ROTA ESTÁ BLOQUEADA POR NUMEROSOS VASOS NUMEROSOS SUBMARINOS PRONTOS PARA O ATACAR REPITO NUMEROSOS SUBMARINOS PRONTOS PARA O ATACAR AVANCE PARA PONTO DE ENCONTRO 33N 75W TEMOS BARCOS À SUA ESPERA REPITO AVANCE PARA PONTO DE ENCONTRO 33N 75W TEMOS BARCOS À SUA ESPERA SE COMPREENDEU E CONCORDA POR FAVOR ENVIE OUTRA VEZ UM SÓ PING.*

O “Outubro Vermelho”

— Distância ao alvo, Borodin? — perguntou Ramius, desejando ter mais tempo, enquanto a mensagem era repetida uma e outra vez.

— Dois mil metros, camarada comandante. Um belo alvo, se... A voz do starpom caiu perante a expressão do comandante. Sabem o nosso nome, reflectia Ramius, sabem o nosso nome!

Como é possível? Sabiam onde encontrar-nos... exactamente! Como? De que instrumentos dispõem os americanos? Há quanto tempo o Los Angeles nos segue? Decide-te... tens de te decidir!

— Camarada, mais um ping no alvo. Só um.

O “Invincible”

— Mais um ping, almirante.

— Obrigado. — White olhou Ryan. — Bem, Jack, parece que o seu raciocínio estava certo. Muito bem.

— Muito bem, muito bem, muito bem, my Lord conde de Weston! Eu tinha razão! Filho da mãe!

Ryan sacudia os braços no ar, esquecido o enjoo. Acalmou-se. A ocasião exigia mais decoro.

— Desculpe, almirante. Temos coisas a fazer.

O “Dallas”

Toda a esquadra o persegue... Avance para 33N 75 W. Que diabo estava a passar-se? — perguntou Mancuso ao captar a segunda mensagem.

— Comandante, aqui sonar. Estamos a ouvir ruídos de casco em subida, do alvo. A profundidade altera-se. Aumenta o ruído dos motores.

— Baixar periscópio. — Mancuso pegou no telefone. — Muito bem, sonar. Mais alguma coisa, Jones?

— Não, Sir. Os helicópteros desapareceram e não há emissões dos vasos de superfície. Que se passa, sir?

— Quem me dera saber!

Mannion punha de novo o Dallas em perseguição do Outubro Vermelho. Mancuso abanou a cabeça. Mas que estaria a acontecer? Por que comunicava um porta-aviões britânico com um submarino russo, por que o mandaram para um ponto de encontro ao largo das Carolinas? Que esquadra o perseguia? Não, era impossível. Absolutamente impossível...

O “Invincible”

Ryan encontrava-se no centro de comunicações do Invincible”MAGI A OLYMPUS— Descreveu no teclado da máquina codificadora que a CIA lhe facultara

— *TOCO HOJE O MEU MANDOLIM*

SOA MUITO BEM. ESTOU A PENSAR NUM PEQUENO CONCERTO, NO SÍTIO DO COSTUME. PREVEJO BOAS CRÍTICAS. AGUARDO INSTRUÇÕES.”

Ryan tinha-se rido das palavras em código que deveria usar para as suas mensagens; agora ria-se por outro motivo.

A Casa Branca

— Portanto — observou Pelt —, Ryan espera que a missão seja bem sucedida. Corre tudo de acordo com os planos, mas ele não usou o grupo de código que indica êxito garantido.

O presidente recostou-se confortavelmente.

— É um homem honesto. As coisas podem sempre correr mal. Mas temos realmente de admitir que parece tudo bem encaminhado.

— Estes planos dos chefes, sir, não têm pés nem cabeça.

— Não terão, mas você anda há dias a ver se lhes descobre uma falha e ainda não conseguiu. Não tardará que todas as peças caiam no seu lugar.

O presidente era inteligente, reflectiu Pelt. O homem gostava de ser inteligente.

O “Invincible”

“OLYMPUS A MAGI. GOSTO DE VELHA MÚSICA DE MANDOLIM. CONCERTO APROVADO”

— dizia a mensagem. Ryan recostou-se confortavelmente, tomando o seu brande.

— Bem... Qual será a parte seguinte do plano?

— Espero que Washington nos ponha ao corrente. Para já — disse o almirante White — temos de navegar para oeste, a fim de nos colocarmos entre o Outubro e a esquadra soviética.

O “Avalon”

O tenente Ames examinou o local através da pequena escotilha na proa do Avalon. O Alfa estava deitado sobre bombordo. Batera, sem dúvida, primeiro com a popa, e violentamente. Uma pá saltara da hélice e o leme inferior fora esmagado. A popa podia, aliás, ter sido completamente arrancada; era difícil dizer, porque a visibilidade era má.

— Em frente, devagar — disse, ajustando os controles.

Atrás dele, dois subalternos vigiavam instrumentos e preparavam-se para estender o braço de manipulação, montado antes da partida, que dispunha de uma câmara de TV e de holofotes. Teriam assim um campo de visão ligeiramente maior do que através das escotilhas. O DSRV avançou a um nó. A visibilidade era inferior a vinte metros, a despeito do milhão de velas das luzes da proa.

Naquele ponto, o leito do mar era uma vertente traiçoeira aluvial, com grandes pedras. Aparentemente, a única coisa que impedira o Alfa de deslizar mais fora a torre, enterrada como uma cunha no fundo.

— Meu Deus! — exclamou um dos subalternos. Havia um rasgão no casco do Alfa, parecia.

— Acidente com reactor — disse Ames, a voz neutra de um médico que faz um

diagnóstico. — O casco derreteu. Senhor, e é de titânio! Algo que veio de dentro para fora. Há outro buraco... Este é maior, deve ter um bom metro de largura. Vê-se bem o que o matou. Dois compartimentos inundados. . . — Ames olhou o indicador de profundidade: 560 metros. — Está tudo a ser gravado?

— Está, comandante — respondeu o electricista de primeira classe. — Que morte horrível! Pobres diabos. . .

— Depende do que andavam a fazer.

Ames fez o Avalon rodear a proa do Alfa, manobrando a hélice direccional cuidadosamente e ajustando o equilíbrio para percorrer o outro lado, isto é, a parte superior do submarino.

— Algum sinal de fractura do casco?

— Não — respondeu um subalterno. — Só os dois buracos. — Que terá acontecido?

— Uma síndrome da China. Aconteceu finalmente a alguém. Ames abanou a cabeça. Se alguma pregação a Marinha fazia sobre reactores, era sobre a segurança.

— Encoste o transdutor ao casco para ver se ainda há alguém com vida.

O electricista manobrou o braço manipulador, enquanto Ames tentava imobilizar o Avalon. Nenhuma das tarefas era fácil. O DSRV pairava quase pousado sobre a torre do submarino. Se houvesse sobreviventes, seria no centro de controle ou à proa. À popa não podia haver vida.

— Contacto estabelecido.

Os três homens puseram-se atentamente à escuta, esperançados. A sua missão era a de busca e salvamento, e levavam-na a sério.

— Talvez estejam a dormir.

Um subalterno ligou o sonar de localização. As ondas de alta frequência ressoavam por ambos os barcos. Era um som capaz de acordar mortos, mas não obtiveram resposta. O ar no Politovskiy esgotara-se na véspera.

— Pronto. . . — disse Ames em voz baixa.

Iniciou a subida enquanto o electricista preparava o braço manipulador, à procura de um sítio onde largar um emissor de sonar. Voltariam quando o tempo estivesse melhor. A Marinha não desperdiçaria aquela oportunidade de examinar um Alfa, e o Glomar Explorer estava parado, algures na Costa Oeste. Iria utilizá-lo? Ames não o garantiria.

— Avalon, Avalon, aqui Scamp. — A voz era distorcida, mas entendia-se. — Regresse imediatamente. Escuto.

— Scamp, aqui Avalon. Vamos imediatamente.

O Scamp acabava de receber uma mensagem ELF e estabilizara brevemente à altura do periscópio para uma ordem FLASH operacional. “AVANCE À VELOCIDADE MÁXIMA PARA 33N 75W.” A mensagem não dizia porquê.

Quartel-General da CIA

— CARDINAL ainda está connosco — disse Moore a Ritter.

— Graças a Deus! — exclamou Ritter, sentando-se.

— Vem uma mensagem a caminho. Desta vez, decidi não arriscar a vida, enviando-a directamente. O hospital deve tê-lo assustado. Vou perguntar-lhe outra vez se quer que o tiremos de lá.

— Outra vez?

— Bob, temos de lhe perguntar.

— Bem sei. Eu próprio, há uns anos, lhe fiz a proposta, como sabe. O tipo não quer sair de lá. Há pessoas que gozam com o perigo. Ou então ainda não atingiu os limites do insuportável... Acabo de receber uma chamada do senador Donaldson.

Donaldson era o presidente da Comissão Restrita do Senado para os Serviços Secretos.

— Sim?

— Quer saber o quanto sabemos sobre o que se passa. Não engole a história da missão de salvamento e pensa que nós temos outras informações.

— Quem lhe terá metido essa ideia na cabeça? — perguntou o juiz Moore, recostando-se.

— Pois... Tenho uma ideia que podemos explorar. É mais que tempo e a oportunidade é ótima.

Os dois altos funcionários discutiram o assunto durante uma hora. Antes de Ritter sair para o Capitólio, pediram autorização ao presidente.

Washington, D.C.

Donaldson fez Ritter esperar quinze minutos na antecâmara, enquanto lia o jornal. Queria pôr Ritter no seu lugar. Algumas das observações do DDO acerca de fugas de informação do Capitólio haviam magoado o senador do Connecticut, e era importante que os funcionários nomeados compreendessem a diferença entre eles próprios e os representantes eleitos do povo.

— Desculpe tê-lo feito esperar, Mister Ritter. Donaldson não se levantou nem estendeu a mão a Ritter.

— Ora essa. Entretive-me a ler uma revista. Não tenho muito tempo para isso, com a vida que levo.

Beliscavam-se desde o primeiro momento.

— Então que andam os soviéticos a fazer?

— Senador, antes de abordar esse assunto, devo dizer-lhe uma coisa: tive de pedir ao presidente autorização para esta entrevista. As informações que eu lhe fornecer são apenas para o senhor. Ninguém mais, sir, pode ter acesso a elas. Ninguém. Ordens da Casa Branca,

— Há outras pessoas na minha comissão, Mister Ritter.

— Sir, se não me der a sua palavra de honra de que guarda segredo, não lhe revelarei nada. — Ritter disse isto com um sorriso. — São as ordens que tenho. Trabalho para o Executivo, senador. Recebo ordens do presidente.

Ritter esperava que a justificação do costume resultasse.

— Está bem — disse Donaldson, relutante.

Irritavam-no aquelas disparatadas restrições, mas agradava-lhe ser informado.

— Francamente, sir, não sabemos exactamente o que se passa — disse Ritter.

— Ah! Obrigou-me a jurar segredo para que eu não possa contar a ninguém que a CIA, mais uma vez, não sabe o que se passa!

— Eu disse que não sabíamos exactamente. Sabemos, de facto, algumas coisas. As nossas informações provêm, sobretudo, dos israelitas e também dos franceses. Soubemos por ambos os canais que aconteceu algo de muito grave na Marinha soviética.

— Isso também eu sei. Perderam um submarino.

— Pelo menos um, mas não é isso. Pensamos que alguém iludiu a direcção de operações da Esquadra do Norte soviética. Não posso garantir, mas creio que foram os polacos.

— Porquê os polacos?

— Não garanto que tenham sido eles, mas tanto os franceses como os israelitas têm boas ligações com os polacos, e os polacos têm com os soviéticos uma disputa de longa data. O que eu sei — pelo menos penso que sei — é que a coisa não partiu de nenhum serviço secreto ocidental.

— Afinal que se passa?

— Tanto quanto julgamos saber, alguém fez pelo menos uma id-sificação, talvez três, tudo com vista a desorientar a Marinha soviética... mas, fosse lá o que fosse, perderam-lhe o controle. Há muita gente aflita, sem saber como se vai safar, dizem os israelitas. Eu penso, é uma suposição, que eles conseguiram alterar a ordem de operações de um submarino e, depois, forjaram uma carta de um comandante, ameaçando disparar os seus mísseis. O espantoso é que os soviéticos embarcaram nisso. — Ritter franziu o sobrolho. — Mas isto são suposições. O que sabemos ao certo é que alguém, provavelmente os polacos, pregaram uma partida muito suja aos russos, uma coisa fantástica.

— Não fomos nós? — perguntou Donaldson, agressivo.

— Não, sir, absolutamente! Se tentássemos uma manobra dessas — mesmo que resultasse, o que é improvável — eles podiam retribuir. Pode-se desencadear uma guerra com uma manobra dessas, e bem sabe que o presidente jamais a autorizaria.

— Mas pode haver alguém na CIA que se esteja nas tintas para o que o presidente pensa...

—No meu departamento, não! Era a minha cabeça que estaria em jogo. Acha mesmo que seríamos capazes de lançar uma operação dessas sem ninguém saber? Quem me dera que fosse possível, senador!

— Mas porquê os polacos? Como é que podem fazer coisas dessas?

— Já há tempos que temos notícia da existência de uma facção dissidente nos Serviços Secretos polacos, pessoas que não morrem propriamente de amores pelos soviéticos. Razões não faltam. A inimizade histórica, antes do mais. E os russos parecem esquecer que os polacos são primeiro polacos e só depois comunistas. Para mim, o problema está mais na atitude do Papa do que na lei marcial. Sabemos que o nosso velho amigo Andropov resolveu recriar a história de Henrique H/Becket. O Papa deu à Polónia grande prestígio, fez coisas pelo país que até membros do partido apreciam. Ivan entrou e, ao fazê-lo, cuspiu na Polónia. Admira-se que tenham perdido a cabeça? Quanto à capacidade dos Serviços Secretos polacos, as pessoas não a têm na devida conta. Foram eles que descobriram o Enigma, em 1939, não os britânicos. São tremendamente eficazes e pela mesma razão que os israelitas. Têm inimigos a leste e a oeste, tipo de situação que faz bons agentes. Sabemos perfeitamente que têm muitas pessoas no interior da Rússia, trabalhadores que pagam a Narmonov o apoio económico dado pelos russos à Polónia. Também sabemos que há muitos engenheiros polacos trabalhando em estaleiros soviéticos. É um pouco insólito, bem sei, porque nenhum dos países tem grande tradição marítima, mas os polacos constróem grande parte dos barcos soviéticos. Os seus estaleiros são mais eficientes do que os russos e, ultimamente, têm prestado auxílio técnico, sobretudo no âmbito do controle de qualidade, aos estaleiros soviéticos.

— Portanto, os Serviços Secretos polacos pregaram uma partida aos soviéticos — resumiu Donaldson. — Gorshkov foi um dos mais ardorosos defensores de uma intervenção directa russa na Polónia, não foi?

—Foi, mas agora é um alvo como outro qualquer. O verdadeiro objectivo é colocar Moscou numa posição difícil. O facto de a operação visar a Marinha soviética não tem significado em si próprio. O objectivo consiste em desorientar os seus centros de comando, o mesmo é dizer, Moscou. Quem me dera saber o que realmente se passa! A avaliar pelos cinco por cento que conhecemos, a operação é uma obra de arte, o tipo de coisa que dá origem às lendas. Estamos a

tentar descobrir — tal como os ingleses, os franceses e os israelitas. Benny Herzog, do Mossad, parece que está furioso. Os israelitas costumam fazer esta graça aos seus vizinhos, regularmente. Oficialmente, dizem que só sabem o que nos contaram; talvez seja verdade... ou talvez tenham dado aos polacos alguma ajuda técnica. Sabe-se lá... A verdade é que a Marinha soviética constitui uma ameaça estratégica para Israel. Precisamos de mais tempo. Os israelitas, agora, não cooperam lá grande coisa.

— Mas vocês continuam sem saber o que se passa, o como e o porquê...

— É difícil, senador. Dê-nos algum tempo. Para já, se calhar nem queremos saber. Resumindo, alguém montou uma colossal operação de desinformação contra a Marinha soviética. O objectivo consistia provavelmente em atarantá-los, mais nada, mas não há dúvida de que tomou proporções insuspeitadas. Como e porquê, não sabemos. Uma coisa é certa: quem teve a ideia não se poupa a esforços para eliminar pistas. Se os soviéticos descobrem quem foi — Ritter queria que o senador se convencesse disto — vão reagir muito mal, pode crer. Dentro de semanas, já saberemos mais coisas. Os israelitas devem-nos favores e acabarão por se abrir connosco.

— Em troca de mais F15 e de um esquadrão de tanques — observou Donaldson.

— Vale o preço.

— Mas se nós não temos nada a ver com isso, porquê o segredo?

— Deu-me a sua palavra, senador — lembrou Ritter. — É simples: se isto se sabe, será que os soviéticos acreditam que não estamos envolvidos? É altamente improvável. Esforçamo-nos por civilizar a espionagem. Quero dizer, continuamos a ser inimigos, mas o conflito permanente entre os vários serviços secretos, além de queimar meios, é perigoso para ambas as partes. Por outro lado, se chegarmos a descobrir como tudo se passou, poderemos vir a tirar proveito disso.

— Essas razões são contraditórias.

— A espionagem é assim — respondeu Ritter, sorrindo. — Se descobirmos quem foi, poderemos utilizar essa informação em nosso proveito. Em qualquer caso, senador, deu-me a sua palavra, e o presidente será disso informado quando eu regressar a Langley.

— Muito bem. — Donaldson levantou-se, terminada a entrevista. — Espero que nos mantenha informados sobre o que se for passando.

— Nem poderia ser de outra maneira — disse Ritter, erguendo-se.

— Pois não. Obrigado por ter vindo. Despediram-se sem apertar as mãos, como à entrada.

Ritter saiu para o corredor sem passar pela antecâmara. Parou para olhar o átrio, em baixo, o Edifício Hart. Lembrou-se do Hyatt. Contra o costume, desceu pela escada e não pelo elevador até ao rés-do-chão. Com sorte, tinha resolvido um problema delicado. O carro esperava-o. Disse ao motorista que o levasse ao FBI.

— Não é uma operação da CIA? — perguntou Peter Henderson, o principal colaborador do senador.

— Não — disse Donaldson. — Acredito nele. É estúpido de mais para architectar uma história destas.

— Não sei por que é que o presidente não se vê livre dele — comentou Henderson, — Claro que, fazendo o que faz, talvez seja melhor ser incompetente.

O senador concordou.

De volta ao seu gabinete, Henderson ajustou a persiana na janela, embora o sol incidisse do outro lado do edifício. Uma hora mais tarde, o motorista de um táxi Black & White, de passagem, olhou para a janela e tomou mentalmente nota do que viu.

Henderson trabalhou noite fora. O Edifício Hart estava quase deserto, a maioria dos

senadores fora da cidade. Donaldson ficara para tratar de assuntos particulares e olhar pelos serviços; como presidente da Comissão Restrita para os Serviços Secretos, as suas incumbências eram superiores ao que desejaria naquela época do ano. Henderson desceu no elevador ao átrio principal. Todo ele ostentava a condição de colaborador principal do senador — fato cinzento com colete, pasta luxuosa de pele natural, cabelo impecavelmente penteado, porte respeitável. Um táxi Black & White dobrou a esquina e parou para largar um cliente. Henderson entrou.

— Watergate — disse.

Só voltou a falar passados alguns quarteirões.

Henderson tinha um modesto apartamento, de um quarto, no Edifício Watergate, ironia sobre a qual pensava muitas vezes. Chegado ao destino, não gratificou o motorista. Uma mulher entrou no táxi e ele dirigiu-se à entrada principal. Os táxis em Washington não têm mãos a medir ao fim da tarde.

— Universidade de Georgetown, por favor — disse ela, uma mulher jovem e bonita de cabelo louro, um maço de livros debaixo do braço.

— Aulas nocturnas? — perguntou o motorista, olhando pelo retrovisor.

— Exames — disse a rapariga, a voz pouco firme. — Psicologia,

— O melhor, quando se tem exames, é descontraír — aconselhou o motorista.

A agente especial Hazel Loomis ajeitou os livros e a bolsa caiu-lhe das mãos. “Oh...” Baixou-se para a apanhar—e a um minigravador que outro agente deixara sob o banco do motorista.

Quinze minutos depois, chegava à universidade. A corrida custava três dólares e oitenta e cinco. Loomis pagou com um nota de cinco e não quis o troco. Atravessou o campus e entrou num Ford que partiu em direcção ao Edifício J. Edgar Hoover. Tanto trabalho a preparar aquilo — e fora tudo tão fácil!

— É sempre, quando o urso vem ao nosso encontro. — O inspector que dirigia a investigação virou à esquerda, para a Pennsylvania Avenue. — Difícil é sermos os primeiros a encontrar o urso.

O Pentágono

— Meus senhores, convoquei-vos pelo facto de serem oficiais de informações conhecedores de submarinos e falarem russo — disse Davenport aos quatro homens sentados no seu gabinete. — Preciso de oficiais com a vossa qualificação. Peço voluntários. A missão pode envolver risco considerável... não sabemos bem. Outra coisa que vos posso dizer é que se trata de uma missão daquelas com que um oficial de informações sonha toda a vida... mas que não pode contar a ninguém. Estão habituados, não é verdade? — Davenport permitiu-se um sorriso. — Como se diz no cinema, se querem, muito bem; se não querem, ficamos por aqui e nunca nos vimos. Não posso pedir-lhes que executem uma missão potencialmente perigosa de olhos tapados.

Claro que ninguém saiu—os homens convocados não eram de fugir. Por outro lado, Davenport teria boa memória para os argumentos que pudessem empregar. Eram profissionais. Uma das compensações de usar uniforme e ganhar menos do que homens com igual talento na vida civil era a possibilidade de ser morto.

— Obrigado, meus senhores. Vão achar que vale a pena, tenho a certeza. — Davenport levantou-se e entregou a cada homem um sobrescrito grosso. — Em breve terão oportunidade de examinar um submarino soviético equipado com mísseis... por dentro.

Quatro pares de olhos piscaram ao mesmo tempo.

33N 75W

O USS Ethan Allen ocupava a sua posição havia mais de trinta horas. Cruzava um círculo de cinco milhas à profundidade de sessenta metros. Não tinha pressa. O submarino navegava à velocidade mínima para manter a rota, o reactor trabalhando apenas a dez por cento da sua capacidade. O primeiro-contramestre ajudava na cozinha.

— É a primeira vez que faço isto num submarino — disse um dos oficiais do Allen, desempenhando funções de cozinheiro, a mexer uma omeleta.

O contramestre suspirou imperceptivelmente. Deviam ter partido com um cozinheiro a sério, mas o que tinham era um garoto e os tripulantes agora a bordo contavam para cima de vinte anos de serviço. Os chefes eram todos técnicos, excepto o contramestre, que só era capaz de reconhecer um grelhador em circunstâncias especiais.

— Costuma cozinhar em casa, sir?

— Às vezes. Os meus pais tinham um restaurante em Pass Christian. Esta é a omeleta especial da minha mãe. Uma pena não termos peixe e limão. Com peixe e limão faço belos petiscos. Costuma pescar, chefe?

— Não, sir.

O pequeno complemento de oficiais e chefes trabalhava numa atmosfera informal, e o contramestre era um homem habituado à disciplina e a ocupar o seu lugar.

— Comandante, posso perguntar o que andamos a fazer?

— Se eu soubesse... No essencial, acho que estamos à espera de qualquer coisa.

— Mas de quê, sir?

— Sei lá! É capaz de me passar esses cubos de presunto? E de ver como está o pão no forno? Deve estar quase bom.

O “New Jersey”

O comodoro Eaton estava perplexo. O seu grupo de combate estacionava vinte milhas a sul dos russos. Não fizesse escuro e veria, da ponte, a imponente superestrutura do Kirov. Os seus navios-escolta ocupavam uma linha à frente do cruzador, procurando um submarino com o sonar activo.

Desde que a Força Aérea fingira atacar, os soviéticos comportavam-se como cordeiros, coisa singular neles, para não dizer pior. O New Jersey e os navios-escolta mantinham a formação russa sob constante vigilância. A recolocação dos vasos russos responsabilizara Eaton pelo grupo do Kirov. Isto agradava-lhe. Tinha as peças principais recolhidas, mas carregadas com granadas orientáveis de oito polegadas e os postos de tiro estavam guarnecidos. O Tarawa encontrava-se trinta milhas a sul, a sua esquadrilha de Harriers pronta a descolar em cinco minutos. Os soviéticos não podiam deixar de saber isto, mesmo que os seus helicópteros ASW não se aproximassem mais de cinco milhas de um barco americano nos últimos dois dias. Os bombardeiros Bear e Backfire que cruzavam os ares no vaivém para Cuba — poucos, e regressavam à Rússia mal podiam ser dispensados— informavam certamente do que viam. Os vasos americanos formavam em posição de ataque, os mísseis do New Jersey e dos navios-escolta

a ser continuamente alimentados com informações dos sensores. E os russos não faziam caso. Limitavam as emissões electrónicas à rotina dos radares de navegação. Estranho...

O Nimitz achava-se agora a alcance aéreo, após uma corrida de cinco mil milhas desde o Atlântico Sul; o porta-aviões e os seus navios-escolta nucleares, o Califórnia, o Bcánbridge e o Truxton, encontravam-se apenas quatrocentas milhas a sul, com o grupo do America a meio dia de marcha. O Kennedy estava a quinhentas milhas de distância, para leste. Os soviéticos podiam deixar de ter em conta o perigo representado por três esquadrilhas baseadas em porta-aviões nas suas costas e centenas de aviões baseados em terra, mudando sucessivamente de base, para sul. Talvez isto explicasse a docilidade soviética.

Os bombardeiros Backfire eram escoltados desde a Islândia, primeiro por Torneais da Marinha, da esquadrilha do Saratoga, depois por Phantoms da Força Aérea, operando a partir do Maine, que entregavam os aparelhos soviéticos aos Eagles e aos Fighting Falcons quando desciam a costa quase até Cuba, no sul. Era óbvio que os Estados Unidos não facilitavam, apesar de as unidades americanas já não acossarem activamente os russos. Ainda bem, pensava Eaton; nada se ganharia com isso e, no fim de contas, se preciso fosse, o seu grupo de combate sairia da paz para a guerra em cerca de dois minutos.

Apartamentos Watergate

— Desculpe... Acabo de me mudar para aqui e ainda não tenho o telefone ligado. Importa-se que faça uma chamada?

Henderson decidiu-se rapidamente. Um metro e sessenta, mais coisa menos coisa, loura, olhos cinzentos, esbelta, sorriso de estontear, trajo elegante.

— Claro! Seja bem-vinda a Watergate. Entre!

— Obrigada. Chamo-me Hazel Loomis. Sissy para os amigos — disse ela, estendendo a mão.

— Peter Henderson. O telefone é na cozinha. Eu mostro-lhe...

As coisas melhoravam. Acabava de pôr termo a uma antiga relação com uma das secretárias do senador. Custara a ambos.

— Não incomodo, pois não? Não tem cá ninguém, pois não?

— Não. Só eu e o televisor. É nova em Washington D.C.? A vida nocturna já não é tão louca como dantes. Pelo menos quando se tem de trabalhar no dia seguinte. Trabalha em... Solteira, não?

— Sou. Trabalho na DARPA. Sou programadora de computadores. Não dá para conversar muito, compreende...

Só boas notícias, pensou Henderson.

— Aqui tem o telefone.

Loomis olhou rapidamente em volta, como apreciando o trabalho do decorador. Procurou na bolsa e tirou uma moeda, que deu a Henderson. Este riu.

— A primeira chamada é grátis e pode usar o meu telefone sempre que quiser.

— Eu sabia que era melhor viver aqui do que em Laurel — disse ela, carregando nas teclas.

— Kathy? É Sissy. Acabo de me mudar, ainda não tenho telefone... Oh, um rapaz do mesmo corredor foi muito simpático e deixou-me telefonar... Está bem. Encontramo-nos amanhã, ao almoço. Adeus, Kathy.

Loomis olhou em redor.

— Quem lhe decorou a casa?

—Eu próprio. Estudei arte em Harvard e conheço ótimas lojas em Georgetown. Sabendo-se procurar, arranjam-se muito boas pechinchas.

—Oh! Quem me dera ter a minha casa assim! Quer mostrar-ma?

Claro! Começamos pelo quarto?

Henderson riu, para mostrar que não tinha segundas intenções, o que era mentira, embora fosse um homem paciente em tal matéria. A volta, que durou vários minutos, assegurou a Loomis que o apartamento estava realmente deserto. Um minuto depois, bateram à porta. Henderson resmungou e foi abrir.

— Peter Henderson?

O homem vestia fato; Henderson envergava jeans e uma camisa desportiva.

— Sim?

Henderson recuou, surpreendido, compreendendo o que lhe acontecia. O que ocorreu a seguir, porém, surpreendeu-o.

— Está preso, Mister Henderson — disse Sissy Loomis, identificando-se. — A acusação é espionagem. Não é obrigado a falar e tem direito a nomear um advogado. Se quiser falar, tudo o que disser será registado e poderá ser usado contra si. Se não tem advogado ou não tem posses para nomear um, arranjar-lhe-emos advogado. Compreende estes direitos, Mister Henderson?

Era o primeiro caso de espionagem de Sissy Loomis. Especializara-se durante cinco anos no combate aos assaltos a bancos, funcionando muitas vezes como caixa com um revólver 357 na gaveta.

— Quer renunciar a estes direitos?

— Não, não quero—respondeu Henderson em voz rouca.

— Vai querer, vai — disse o inspector. — Vai, vai. — Voltou-se para os três agentes que o acompanhavam. — Revistem tudo. Palmo a palmo e sem fazer barulho, meus senhores. Não queremos acordar ninguém. O senhor, Mister Henderson, vem connosco. Se quiser, mude de roupa. Agora escolha: ou não faz ondas ou... Se prometer colaborar, não o algemo. Se tentar fugir... vai arrepende-se, garanto-lhe.

O inspector estava no FBI havia vinte anos e nunca empunhara o revólver numa fúria, enquanto Loomis já tinha morto dois homens. Era um veterano do FBI e perguntava-se o que Mr. Hoover pensaria disso, para não falar já do novo director judeu.

O “Outubro Vermelho”

Ramius e Kamarov estudaram o mapa durante vários minutos, traçando rotas alternativas antes de se decidirem por uma. Os marinheiros não sabiam de nada. Nunca eram encorajados a perceber de mapas. O comandante dirigiu-se à antepara da popa e pegou no telefone.

— Camarada Melekhin — chamou, dizendo segundos depois: — Camarada, fala o comandante. Há mais problemas com os sistemas do reactor?

— Não, camarada comandante.

—Ótimo. Mantenha a vigilância por mais dois dias. Ramius desligou. Faltavam trinta minutos para a mudança de quarto.

Melekhin e Kirill Surzpoi, o engenheiro-adjunto, estavam de serviço às máquinas. Melekhin controlava as turbinas e Surzpoi os sistemas do reactor. Cada um deles dispunha de um míchman e de três marinheiros. Os engenheiros não tinham tido mãos a medir. Cada indicador e monitor

da casa das máquinas fora inspeccionado, parecia, e muitos haviam sido totalmente reconstruídos pelos dois oficiais mais qualificados, com a ajuda de Valintín Bugayev, o oficial de electrónica e génio flutuante que dava também as aulas de política à tripulação. Os tripulantes da casa das máquinas eram os mais sacrificados do barco. Todos sabiam da suposta contaminação — era impossível haver segredos num submarino. Para os aliviar, outros marinheiros compunham os quartos. O comandante considerava esta prática uma boa oportunidade para os treinar integralmente; a tripulação achava que era um bom processo de ser contaminada. A disciplina mantinha-se, evidentemente, em parte devido à confiança que os homens depositavam no seu comandante, em parte devido à sua preparação, mas sobretudo ao facto de saberem o que lhes aconteceria se não cumprissem as ordens com entusiasmo e rapidez.

— Camarada Melekhin — disse Surzpoi—, estou a detectar flutuação de pressão na serpentina principal, no indicador número seis.

— Já aí vou. — Melekhin correu e empurrou o michman para se abeirar do painel principal de controle. — Mais instrumentos em mau estado! Os outros apresentam valores normais. Nada de importante — disse o engenheiro-chefe, tranquilizador, para que todos pudessem ouvir.

Toda a tripulação de quarto viu o engenheiro-chefe murmurar qualquer coisa ao seu adjunto. Este abanou lentamente a cabeça, enquanto quatro mãos manobravam os controles.

Um besouro bifásico e potente começou a tocar, acompanhado de uma luz vermelha rotativa.

— SCRAM a pilha! — ordenou Melekhin.

— SCRAM! — Surzpoi carregou no botão de corte.

— Tudo para a proa! — ordenou Melekhin. Obedeceram sem hesitar.

— Não, você! Ligue as baterias aos motores do caterpillar, depressa! O oficial de quarto correu atrás para accionar os comandos, amaldiçoando a mudança de ordens. Gastou quarenta segundos.

— Já está, camarada!

— Embora!

O oficial de quarto foi o último homem a abandonar o compartimento. Certificou-se de que as escotilhas estavam bem fechadas, antes de correr para o centro de controle.

— Que se passa? — perguntou Ramius calmamente.

— Alarme de radiação no compartimento do transformador!

— Muito bem, vão à popa e tomem todos um duche. Dominem-se. — Ramius deu uma palmada amigável no braço do michman. — Já temos tido destes problemas. Você é um homem habilitado. Os tripulantes confiam em si.

Ramius pegou no telefone. Passou um momento antes que fosse atendido.

— Que aconteceu, camarada?

A tripulação do centro de controle não tirava os olhos do comandante. Admiravam a sua calma. Os alarmes de radiação haviam soado por todo o casco.

— Muito bem. Não nos restam muitas horas de bateria, camarada. Temos de estabilizar a profundidade de ventilação. Prepare-se para activar o diesel. Sim.

Desligou e disse à tripulação, em voz perfeitamente controlada:

— Atenção, camaradas. Houve um pequeno contratempo nos sistemas de controle do reactor. O alarme que ouviram não indica uma grande fuga de radiação, mas apenas uma falha nos sistemas de controle das pilhas. Os camaradas Melekhin e Surzpoi desligaram o reactor e não podemos operá-lo sem os controles principais. Teremos, portanto, de completar o nosso cruzeiro

a diesel. Para nos prevenirmos contra uma possível contaminação radiactiva, a zona do reactor foi isolada e todos os compartimentos, a começar pela casa das máquinas, serão ventilados quando subirmos. Kamarov, vá à popa accionar os controles de ambientação. Eu tomo o comando.

— Muito bem, camarada comandante!

Kamarov afastou-se. Ramius pegou no microfone para se dirigir à tripulação. Todos esperavam notícias. À proa, tripulantes murmuravam. Pequeno era uma palavra gasta e os submarinos nucleares não navegavam a diesel nem eram ventilados por causa de pequenos contratempos.

Tendo concluído a sua breve comunicação, Ramius mandou o barco subir.

O “Dallas”

— Não percebo, comandante — disse Jones, abanando a cabeça. — Cessaram os ruídos do reactor, as bombas foram travadas, mas continua à mesma velocidade, como antes. A bateria, suponho.

— Deve ser cá um sistema de baterias para mover uma coisa daquelas tão depressa! — observou Mancuso.

— Fiz um cálculo há umas horas — disse Jones, mostrando o bloco. — Baseado no Thyphoon com um coeficiente para o casco. Deve pecar por defeito.

— Onde aprendeste a fazer isso, Jonesy? .

— Mister Thompson encarregou-se dos cálculos hidrodinâmicos. Os eléctricos são bastante fáceis. O submarino deve ter algo de esquisito— células de combustível, talvez. Se navega com baterias vulgares, tem força que chegue para mover todos os carros de L. A.

— Não durará sempre — disse Mancuso, abanando a cabeça. Jones levantou a mão.

— Ruídos de casco... Parece que está a subir.

O “Outubro Vermelho”

— Subir ventilador — ordenou Ramius.

Olhando pelo periscópio, verificou que o ventilador subira.

— Não há mais barcos à vista. Ainda bem! Com certeza já perdemos os nossos perseguidores imperialistas. Subir a antena ESM. Certifique-se de que não há aviação inimiga com radares em funcionamento.

— Tudo limpo, camarada comandante. — Bugayev controlava o quadro ESM. — Nada, nem mesmo aviões comerciais.

— Despiámos, portanto, os nossos inimigos. — Ramius pegou novamente no telefone. — Melekhin, pode abrir a admissão principal e ventilar a casa das máquinas. Depois ligue o diesel.

Um minuto depois, todos a bordo sentiram a vibração, quando o potente motor diesel do Outubro arrancou, alimentado a bateria. O ar foi sugado da zona do reactor e substituído por ar introduzido através do ventilador que expedia o “contaminado” para o mar.

O diesel continuou a trabalhar por mais dois minutos. Todos aguardavam o ruído indicador de que tinha pegado e transmitia energia aos motores eléctricos. O telefone no centro de controle tocou. Ramius atendeu.

— Que se passa com o diesel, camarada engenheiro-chefe? — perguntou, severo, o

comandante. — Compreendo. Vou mandar-lhe homens... Oh... Espere.

Ramius olhou em redor, a boca fechada numa linha exangue. O jovem oficial de engenharia Svyadov encontrava-se ao fundo do compartimento.

— Preciso de um homem que perceba de motores diesel para ajudar o camarada Melekhin.

— 'Cresci numa quinta do Estado — disse Bugayev. — Comecei a brincar com tractores em rapazinho. — Há outro problema...

— Bem vejo, camarada comandante — disse Bugayev —, mas precisamos do diesel, não precisamos?

— Não esquecerei a sua dedicação — disse Ramius em voz calma.

— Depois oferece-me um rum em Cuba, camarada. — Bugayev sorriu corajosamente. — Gostava de conhecer uma camarada cubana, de preferência com cabelo comprido.

— Posso acompanhá-lo, camarada? — perguntou, ansioso, Svyadov. Preparava-se para entrar de quarto, quando, ao aproximar-se da escotilha do compartimento do reactor, fora empurrado por tripulantes em fuga.

— Primeiro vamos identificar o problema — disse Bugayev, olhando Ramius, à espera de confirmação.

— Sim, temos muito tempo. Bugayev, informe-me dentro de dez minutos.

— Muito bem, camarada comandante. Svyadov, ocupe o posto do tenente. — Ramius apontou para o quadro ESM. — Aproveite para se instruir.

O tenente fez o que lhe ordenavam. O comandante parecia muito preocupado. Svyadov nunca o vira assim.

DÉCIMO QUARTO DIA

Quinta-feira, 16 de Dezembro

Um “Super Stallion”

Voavam a cento e cinquenta nós e a seiscentos metros de altitude sobre o mar escuro. O helicóptero Super Stallion era antigo. Construído no fim da guerra do Vietname, fora primitivamente usado na detecção de minas à entrada do porto de Haiphong; arrastava uma espécie de grade e funcionava como draga-minas voador. Agora, o grande Sikorski era utilizado com outras finalidades, sobretudo missões de transporte de longo alcance. Os três motores de turbinas, montados no topo da fuselagem, desenvolviam considerável potência, e o aparelho podia levar um pelotão de tropas armadas a grande distância.

Naquela noite, além da tripulação normal, transportava quatro passageiros e uma vasta reserva de combustível nos depósitos exteriores. Os passageiros acotovelavam-se à popa, na zona de carga, conversando... ou tentando conversar, tal o barulho dos motores. A conversa era animada. Os oficiais de operações haviam esquecido o perigo que a missão envolvia—não adiantava insistirem nisso—e especulavam sobre o que iriam encontrar a bordo de um autêntico submarino russo. Pensavam nas histórias que, infelizmente, não poderiam contar a ninguém. Nenhum deles, todavia, expressava este pensamento. Somente um punhado de pessoas chegaria a saber como tudo se passara; as outras conheceriam apenas fragmentos desconexos que, mais tarde, seriam atribuídos a variadíssimas operações. Um agente soviético que tentasse descobrir qual era a missão depararia com múltiplos muros inultrapassáveis.

O perfil da missão era rigorosíssimo. O helicóptero voava numa rota pré-estabelecida em direcção ao HMS Invincible. Daí voariam para o USS Pigeon, a bordo de um Sea King da Marinha britânica. O desaparecimento do Stallion da Base Aérea de Oceana por poucas horas seria interpretado como uma ausência de rotina.

Os motores de turbina do helicóptero, trabalhando à velocidade máxima de cruzeiro, sorviam combustível. O aparelho estava agora a seiscentos e quarenta quilómetros da costa dos EUA e tinha ainda cento e trinta a percorrer. O voo para o Invincible não era directo, para despistar quem quer que pudesse ter captado a partida no radar. Os pilotos sentiam-se cansados. Quatro horas sentados numa carlinga acanhada é muito tempo, e os meios aéreos militares não se distinguem pelo conforto. Os instrumentos de voo emitiam uma luz vermelha mortiça. Os dois homens observavam com particular atenção o horizonte artificial; nuvens densas negavam-lhes um ponto fixo de referência e voar sobre a água de noite era hipnotizante. Não se tratava, porém, de modo algum de uma missão invulgar. Os pilotos tinham executado missões semelhantes muitas vezes e a atenção que patenteavam não era diferente da de um condutor experimentado numa estrada escorregadia. Os perigos existiam, mas não fugiam da rotina,

— Julieta 6, alvo zero-oito-zero, distância cento e vinte quilómetros— disse o Sentry.

— Pensarão que estamos perdidos? — perguntou o comandante John Marcks, rindo.

— Força Aérea...—respondeu o co-piloto. — Voar sobre a água não é com eles. Pensam que uma pessoa se perde por atalhos.

— É — concordou Marcks, rindo. — Por quem vais no jogo com o Eagles, esta noite?

— Pelo Oilers, três e meio.

— Seis e meio. O defesa de Philly ainda está lesionado.

— Cinco.

— Está bem, cinco dólares. Vou ganhar.

Marcks sorriu. Adorava jogar. No dia seguinte ao do ataque argentino às Malvinas, perguntara se alguém na esquadrilha queria apostar na Argentina.

Alguns metros acima e à popa, os motores trabalhavam a milhares de RPM, engrenando velocidades para mover o roto principal de sete pás. Não tinham processo de saber que se produzia uma fractura na caixa de transmissão, junto do orifício de verificação de fluido.

— Julieta 6, o seu alvo acaba de fazer descolar um caça para o escoltar. Encontro dentro de oito minutos. Aproximação de oeste.

— Simpático — disse Marcks.

“Harrier” 2-0

O tenente Parker pilotava o Harrier que escoltaria o Super Stallion. Um segundo-tenente sentava-se no banco de trás do caça da Marinha inglesa. O seu objectivo não era realmente escoltar o helicóptero até ao Invincible; era localizar, uma última vez, quaisquer submarinos soviéticos que pudessem ter detectado o Super Stdlion em voo e especulado sobre a sua missão.

— Alguma actividade na água? — perguntou Parker.

— Absolutamente nada.

O segundo-tenente manobrava o FLIR que varria a rota à esquerda e à direita. Nenhum dos homens sabia o que estava a passar-se, embora ambos tivessem especulado, incorrectamente, sobre o que fazia correr o seu porta-aviões pelo maldito oceano.

— Vê se avistas o helicóptero — disse Parker.

— Um momento... Já o vi. A sul da nossa rota.

O segundo-tenente carregou numa tecla e o quadro surgiu no écran do piloto. A imagem térmica provinha sobretudo dos motores no topo da fuselagem, envolta na luminosidade verde e mortiça das pontas quentes do rotor.

— Harrier 2-0, aqui Sentry Echo. O seu alvo encontra-se a leste, distância trinta e dois quilómetros. Escuto.

— Entendido. Temo-lo no nosso IR. Obrigado, terminado—Adisse Parker. — Utilíssimos, estes Sentries.

— O Sikorski não tem mais para dar. Olha para esta assinatura do motor.

O “Super Stallion”

Nesse instante, a caixa de transmissão estalou. Logo os galões de lubrificante se transformaram numa nuvem gordurosa atrás do cubo do rotor e as delicadas engrenagens começaram a encravar-se umas nas outras. Uma luz de aviso acendeu-se no painel de controle. Marcks e o co-piloto desligaram imediatamente os três motores. Tarde de mais. A transmissão quis imobilizar-se, mas a força dos três motores desconjuntou-a. O que aconteceu a seguir foi praticamente uma explosão. Peças destroçadas irromperam pelo invólucro de segurança e destruíram a parte da frente do aparelho. A aceleração do rotor fez rodopiar com violência o Stallion, que começou a cair rapidamente. Dois dos homens à popa, que haviam desapertado os

cintos, foram projectados dos assentos e rebolaram em frente.

— MAYDAY MAYDAY MAYDAY, aqui Julieta 6 — disse o co-piloto, emitindo a chamada de socorro.

O corpo do comandante Marcks caíra sobre os controles e apresentava uma mancha negra na base do pescoço.

— Estamos a cair, estamos a cair. MAYDAY MAYDAY MAYDAY.

O co-piloto tentava fazer qualquer coisa. O rotor principal rodava lentamente — lentamente de mais. O desacoplador automático que deveria permitir-lhe continuar a rodar e dar-lhe um mínimo de controle, falhara. Os controles já praticamente não funcionavam e o co-piloto montava uma lança que ia espetar-se no oceano escuro. O choque deu-se vinte segundos depois. O co-piloto tentou manobrar as aerofólios e o rotor da cauda para fazer rodar o aparelho. Conseguiu, mas demasiado tarde.

“Harrier” 2-0

Não era a primeira vez que Parker via homens morrer. Ele próprio roubara uma vida ao disparar um míssil Sidewinder contra o tubo de aspiração de um caça Dagger argentino. Não fora agradável; aquilo era pior. Os motores do Super Stallion desfizeram-se num chuveiro de faíscas. Não rebentou fogo, se de alguma consolação isso podia servir. Parker rezou para que o nariz levantasse. Levantou, mas não o suficiente. O Stallion chocou violentamente com a água. A fuselagem partiu-se pelo meio. A parte dianteira afundou-se num instante, mas a de trás flutuou por alguns segundos, como uma banheira, antes de começar a encher-se de água. Segundo a imagem fornecida pelo FLIR, ninguém se libertou antes do afundamento.

— Sentry, Sentry, viu o que aconteceu? Escuto.

— Vimos, Harrier. Já pedimos uma missão SAR. Pode orbitar?

— Entendido, podemos. — Parker mergulhou, acendendo as luzes de aterragem, e iluminando assim o sistema de TV de luminosidade reduzida. — Viste isto, lan? — perguntou ao companheiro.

— Parece-me que mudou de posição.

— Sentry, Sentry, temos um possível sobrevivente nas águas. Diga ao Invincible para mandar já um Sea King. Vou descer para investigar. Comunicarei.

— Entendido, Harrier 2-0. O seu comandante informa sobre um helicóptero a aproximar-se. Terminado.

O Sea King da Royal Navy chegou vinte minutos depois. Um paramédico de fato de borracha saltou para a água, a fim de passar um colar no único sobrevivente. Não havia mais ninguém, nem destroços, somente um rasto de combustível que se evaporava lentamente, na noite fria. Um segundo helicóptero prosseguiu as buscas, enquanto o primeiro regressava a toda a velocidade ao porta-aviões.

O “Invincible”

Ryan, na ponte, viu os paramédicos transportarem a maca para a superestrutura. Outro tripulante apareceu um momento depois, com uma pasta.

— Ele tinha isto, ar. É um capitão-de-mar-e-guerra. Chama-se pwyer. Uma perna e várias

costelas partidas. Está bastante mal, almirante.

— Obrigado.— White pegou na pasta. — Alguma possibilidade de haver mais sobreviventes?

O marinheiro abanou a cabeça.

— Não há, sir. O Sikorski deve ter-se afundado como uma pedra. — Olhou para Ryan. — Lamento, sir.

— Obrigado.

— Norfolk no rádio, almirante — disse um oficial de comunicações.

— Vamos, Jack.

O almirante White passou-lhe a pasta e levou-o ao centro de comunicações.

— O helicóptero afundou-se. Temos um sobrevivente a ser tratado— disse Ryan pela rádio.

Após um silêncio, perguntaram:

— Quem é?

— Dwyer. Levaram-no agora mesmo para a enfermaria, almirante. Está fora de combate. Avise Washington. Fosse qual fosse a operação, teremos de a reparar.

— Entendido. Terminado—disse o almirante Blackburn.

— Seja o que for que decidamos, terá de ser decidido depressa — disse o almirante White. — Temos de mandar o nosso helicóptero ao Pigeon dentro de duas horas para o termos de volta antes do amanhecer.

Ryan sabia exactamente o que isto significava. Havia só quatro homens no mar ao corrente do que se passava e suficientemente perto para poderem fazer qualquer coisa. Era o único americano entre eles. O Kennedy estava longe de mais. O Nimitz encontrava-se perto, mas recorrer a ele implicaria comunicar-lhe os dados via rádio, o que não agradava particularmente a Washington. A alternativa que restava consistia em reunir e enviar outra equipa de oficiais de informações. Só que não havia tempo.

— Vamos abrir esta pasta, almirante. Preciso de saber de que plano se trata.

Apanharam um mecânico a caminho do camarote de White. O homem demonstrou ser um excelente serralheiro.

— Meu Deus!—exclamou Ryan, lendo os papéis da pasta.— É melhor ver...

— Bem — disse White, minutos passados —, isto é inteligente.

— Notável, sem dúvida. Quem teria sido o génio que concebeu este plano? Já sei a quem vai tocar a missão... Vou pedir autorização a Washington para levar comigo alguns oficiais.

Dez minutos depois, estavam de novo no centro de comunicações. White mandou sair toda a gente. Jack falou pelo canal destinado a transmissões em linguagem clara. Oxalá as interferências funcionassem...

— Estou a ouvi-lo muito bem, senhor presidente. Já sabe o que aconteceu ao helicóptero?

— Já sei, já. Uma tragédia. Preciso que você salve a situação.

— Já calculava, sir.

— Não posso obrigá-lo, mas sabe o que está em jogo. Fará isso? Ryan fechou os olhos.

— Sim.

— Agradeço-lhe, Jack. Ai não!

— Sir, preciso da sua autorização para levar alguém comigo, alguns oficiais ingleses.

— Um — disse o presidente.

— Sir, preciso de mais.

— Um.

— Compreendo, sir. Partiremos dentro de uma hora.

— Sabe o que se pretende?

— Sei. O sobrevivente tinha com ele a ordem de operações. Já a li.

— Boa sorte, Jack.

— Obrigado, sir. Terminado. — Ryan desligou o canal de satélite e virou-se para o almirante White. — Ofereça-se uma vez e verá o que lhe acontece!

— Assustado? — perguntou White, nada divertido.

— Se estou! Empresta-me um oficial? Um homem que fale russo, de preferência. Sabe os riscos que corremos, claro...

— Vamos ver. Venha.

Cinco minutos depois, regressavam ao camarote de White, onde aguardaram a chegada de quatro oficiais. Eram todos tenentes com menos de trinta anos.

— Meus senhores — começou o almirante — este é o comandante Ryan. O comandante precisa de um voluntário que o acompanhe numa importante missão de natureza secreta e extremamente invulgar. Encerra algum perigo. Chamei-os aos quatro por falarem russo. E pronto.

— Para ir falar com um submarino soviético? — perguntou, bem-disposto, o mais velho. Sou o seu homem. Diplomei-me em russo e a minha primeira colocação foi no JÍMS Dreadnought.

Ryan perguntou a si próprio se seria honesto aceitar o homem antes de lhe dizer os riscos que corria. Fez um gesto de cabeça e White mandou sair os outros.

— Chamo-me Jack Ryan — disse, estendendo a mão.

— Owen Williams. Então que vamos fazer?

— O submarino chama-se Outubro Vermelho...

— Krazny Oktyabr — traduziu Williams, sorrindo. — E tenta desertar para os Estados Unidos.

— Sim? Então é isso... Esta manobra toda... O comandante do Outubro está de parabéns. Mas é mesmo verdade?

Ryan gastou vários minutos a fornecer-lhe as informações disponíveis.

— Transmitimos-lhe sinais de luzes e ele pareceu disposto a seguir as nossas instruções. Mas só depois de entrarmos a bordo saberemos ao certo. Há desertores que mudam de ideias. Acontece mais vezes do que pode imaginar. Ainda quer vir?

— Perder uma oportunidade destas? Como é que vamos entrar a bordo, comandante?

— Chamo-me Jack. Sou da CIA, não sou da Marinha. Ryan explicou-lhe o plano.

— Ótimo. Ainda tenho tempo de fazer a mala?

— Volte dentro de dez minutos — disse White.

— Muito bem, sir.

Williams perfilou-se e saiu. White pegou no telefone.

— Mande-me o tenente Sinclair. — O almirante explicou que era o comandante do destacamento de marines do Invincible. — Talvez precise de outro amigo.

O outro amigo era uma pistola automática FN de nove milímetros com carregador sobresselente e coldre de ombro que desaparecia perfeitamente sob o casaco. A ordem de operações foi rasgada e queimada antes de partirem.

O almirante White acompanhou Ryan e Williams à pista. Pararam na escotilha, olhando o Sea King que punha os motores a trabalhar.

— Boa sorte, Owen.

White apertou a mão do tenente, que fez a continência e se afastou.

— Cumprimentos à sua mulher, almirante. Ryan apertou-lhe a mão. White disse:

— Cinco dias e meio daqui a Inglaterra. Se calhar ainda a vê primeiro do que eu. Tenha cuidado, Jack.

Ryan ofereceu-lhe um sorriso amarelo e respondeu:

— É o meu raciocínio, não é? Se estiver certo, isto vai ser apenas [um passeio... se o helicóptero não cair.

— O uniforme fica-lhe bem.

Ryan não esperava o comentário. Perfilou-se e fez a continência, conforme aprendera em Quântico.

— Obrigado, almirante. Até breve.

White viu-o entrar no helicóptero. O chefe da tripulação correu a porta e um momento depois os motores do Sea King aceleravam. O helicóptero levantou na vertical, mergulhou sobre bombordo e curvou, subindo, para sul. Sem luzes, a forma escura desapareceu em menos de um minuto.

33N 75W

O Scamp encontrou-se com o Ethan Allen minutos após a meia-noite. O submarino colocou-se mil metros à popa do velho Ethan, descrevendo ambos um círculo vagorosamente, os sonares atentos à aproximação do um vaso a diesel, o USS Pigeon. Três peças estavam já no lugar. Mais vinham a caminho.

O “Outubro Vermelho”

— Não há outra solução — disse Melekhin. — Tenho de reparar o diesel.

— Deixe-nos ajudá-lo — disse Svyadov.

— E que percebe você de bombas diesel — perguntou Melekhin em voz cansada, mas amável. — Não, camarada. Surzpoi, Bugayev e eu tratamos do assunto. Não há razão nenhuma para o expormos também a si. Dentro de uma hora digo qualquer coisa.

— Obrigado, camarada. — Ramius desligou o altifalante. — Este cruzeiro só nos tem trazido problemas. Sabotagem! Nunca na minha carreira me aconteceu uma coisa destas! Se não conseguirmos reparar o diesel... Poucas horas mais temos de bateria e o reactor precisa de uma inspecção geral. Juro-lhes, camaradas, que se descobirmos o bandido que nos fez isto...

— Não deveríamos pedir auxílio? — perguntou Ivanov.

— Tão perto da costa americana? Talvez com um submarino imperialista a perseguir-nos? Que tipo de “ajuda” obteríamos? Camaradas, já pensaram que os nossos problemas podem não ser acidentais? Que podemos ser peões num jogo assassino? — Abanou a cabeça. — Não, não podemos correr esse risco. Os americanos não podem deitar a mão a este submarino!

Quartel-General da CIA

— Obrigado por ter vindo tão depressa, senador. Desculpe tê-lo acordado tão cedo. O juiz Moore recebeu Donaldson à porta e introduziu-o no seu espaçoso gabinete.

— Conhece o director Jacobs, não conhece?

— Qaro. Que faz reunir os chefes do FBI e da CIA ao amanhecer? — perguntou Donaldson com um sorriso.

Ia ser do melhor. Dirigir a comissão restrita era mais do que desempenhar um cargo; era o prazer, o verdadeiro prazer de ser dos poucos a estar por dentro das coisas.

A terceira pessoa na sala, Ritter, convidou uma quarta a levantar-se de uma cadeira de espaldar alto que a encobria. Era Peter Henderson. Viu Donaldson para grande surpresa sua. Henderson tinha o fato amarrotado como se tivesse passado a noite a pé. De súbito, a situação deixou de ser agradável. O juiz Moore disse, solícito:

— Conhece Mister Henderson, claro.

— Que significa isto? — perguntou Donaldson, a voz mais cordata do que seria de esperar.

— O senhor mentiu-me, senador — disse Ritter. — Prometeu-me que não revelaria a ninguém aquilo que lhe contei ontem, e já fazia tenção de contar a este homem...

— Não fiz tal coisa!

— ...que depois contou a um agente do KGB — continuou Ritter. — Emil?

Jacobs pousou o café.

— Há uns tempos que vigiávamos Mister Henderson. Foi o seu contacto que de início nos desorientou. Há coisas demasiado óbvias, não é? Muitas pessoas em D. C. utilizam regularmente o táxi. O contacto de Henderson era um motorista de táxi. Acabámos por descobrir.

— Foi através de si que descobrimos, senador — explicou Moore. — Há uns anos, tínhamos um agente muito bom em Moscovo, um coronel das Forças de Mísseis Estratégicos. Forneceu-nos boas informações durante cinco anos e preparávamo-nos para o tirarmos, a ele e à família, da União Soviética. Como sabe, procuramos sempre fazer isso. Os agentes não duram toda a vida e estávamos, de facto, em dívida para com este homem. Mas eu cometi o erro de revelar o nome dele à sua comissão. Uma semana mais tarde, o coronel desaparecia. Deve ter sido abatido, claro. A mulher e três filhas foram mandadas para a Sibéria. Ao que sabemos, vivem numa barraca, a leste dos Úrales. A instalação típica, sem água encanada, comida péssima, médico* nem pensar. E como são familiares de um traidor condenado, imagina com certeza o inferno em que vivem. Um bom homem morto e uma família destruída. Pense nisso, senador. A história é verdadeira, as pessoas são autênticas.

“De início, não sabíamos que tinha dado com a língua nos dentes. Tinha de ser o senhor ou um dos outros dois. Começámos a dar informações a membros da comissão. Levou seis meses, mas o seu nome apareceu três vezes. Depois disso, o director Jacobs mandou investigar todos os seus colaboradores. Emil?”

— Quando Henderson era director-adjunto do Crimson de Harvard, em 1970, foi mandado a Kent fazer uma reportagem sobre o morticínio. Lembram-se dos “Dias de Fúria”, após a incursão cambojana, aquele terrível confronto com a guarda nacional. Eu estava em cima disso, como é natural. Claro que Henderson ficou revoltado. Compreensível. Mas a sua reacção, não. Quando se formou e entrou para o seu gabinete começou a falar com os seus velhos amigos activistas acerca dessa história. A conversa levou a um contacto por parte dos russos, que pediram umas informações. Foi durante o bombardeamento do Natal... ele realmente não gostou. Começou a trair. Primeiro coisas sem grande importância, nada que não pudessem ler dias mais tarde no Post. Foi assim. Eles estenderam a isca, ele mordeu. Anos mais tarde, é óbvio, deram a volta ao anzol e ele já não podia fugir. Todos sabem como funciona este jogo.

“Ontem, colocámos um gravador no seu táxi. Não acreditaria se soubesse como foi fácil. Os agentes também se relaxam como todos nós. Resumindo, temo-lo a si na gravação, prometendo

não contar nada a ninguém e temos Henderson a fornecer as informações, menos de três horas depois, a um conhecido agente do KGB, também gravadas. O senhor não violou nenhuma lei, senador, mas Mister Henderson violou. Foi preso, ontem à noite, às nove horas. A acusação é espionagem, e temos provas.

— Não sei absolutamente nada disso — disse Donaldson.

— Nunca nos passou pela cabeça que soubesse — disse Ritter. Donaldson enfrentou o seu colaborador:

— Que tem a dizer?

Henderson não respondeu. Pensou em dizer quanto lamentava, mas como explicar as suas emoções? A sensação repugnante de ser um agente ao serviço de uma potência estrangeira misturava-se com a emoção de enganar toda uma legião de fantasmas do Governo. Ao ser desmascarado, estas emoções transformavam-se em medo do que lhe iria acontecer e em alívio por tudo ter acabado.

— Mister Henderson concordou em trabalhar para nós — disse Jacobs, animado. — Logo que o senhor abandone o Senado, claro.

— Que quer dizer? — perguntou Donaldson.

— Está no Senado há quanto tempo? Há treze anos, não é? Se a memória não me falha, entrou a substituir um senador que não completara o mandato — disse Moore.

— Experimente fazer chantagem comigo e verá qual a minha reacção.

— Chantagem! — Moore abriu os braços. — Meu Deus, senador, o director Jacobs já disse que o senhor não violou lei nenhuma; e o senhor tem a minha palavra de que isto não sai daqui. Se o Departamento da Justiça vai ou não processar Mister Henderson, isso já não é connosco. “Colaborador do Senado condenado por traição: o senador Donaldson alega desconhecer as actividades do seu colaborador.”

Jacobs continuou:

— Senador, a Universidade de Connecticut não lhe ofereceu aqui há uns anos a cátedra de Ciências Políticas? Por que não aceita?

— Ou Henderson vai para a cadeia. Quer pôr-me esse peso na consciência.

— É evidente que ele não pode continuar a trabalhar para si, como é evidente que se for demitido, após tantos anos de serviço exemplar no seu gabinete, a coisa será falada. Se, por outro lado, o senhor decidir abandonar a vida pública, já não causaria espanto que ele fosse incapaz de arranjar emprego semelhante no gabinete de outro senador. Ora, nós arranjamos-lhe um belo cargo na Repartição Geral de Contabilidade, onde continuará a ter acesso a todo o tipo de segredos. Só que, a partir de agora — disse Ritter —, nós é que decidiremos quais os segredos que ele vai passar.

— Em espionagem não há limitações — salientou Jacobs.

— Se os soviéticos descobrem... — disse Donaldson, logo se interrompendo.

Que lhe importava, afinal? Queria lá saber de Henderson, do pretense russo. Tinha uma imagem a salvar, prejuízos a evitar.

— Ganhou, juiz.

— Já calculava que concordasse connosco. Avisarei o presidente. Obrigado por ter vindo, senador. Mister Henderson vai chegar um pouco atrasado ao gabinete, esta manhã. Não tenha pena dele, senador. Se se portar bem, daqui por uns anos pode ser que o libertemos. Não seria a primeira vez. Tem é que o merecer. Bom dia, sir.

Henderson colaboraria; a alternativa era passar o resto da vida numa penitenciária de segurança máxima. Após ter ouvido a gravação da conversa no táxi, fizera uma confissão perante

uma estenógrafo do tribunal e uma câmara de TV.

O “Pigeon”

A viagem até ao Pigeon não tivera, graças a Deus, história. O casco catamarã do forco de salvamento dispunha de uma pequena plataforma para helicópteros, à popa, e o aparelho da Marinha britânica pairara a uns sessenta centímetros da pista para que Ryan e Williams saltassem. Foram imediatamente conduzidos à ponte e o helicóptero regressou à base, a nordeste.

— Bem-vindos a bordo, meus senhores — disse o comandante, amável. — Washington diz que têm ordens para mim. Café.

— Não terá chá? — perguntou Williams.

— Talvez se arranje.

— Vamos para onde possamos falar à vontade — disse Ryan.

O “Dallas”

O Dallas fazia já parte do plano. Alertado por outra transmissão BLF, Mancuso estabilizara por algum tempo à altura da antena, durante a noite. Ele próprio descodificava manualmente, no seu camarote, a mensagem, SÓ PARA. Descodificar não era o forte de Mancuso. Gastara nisso uma hora, enquanto Chambers comandava o Dallas, sempre atrás do contacto. Um tripulante que tinha passado pelo camarote do comandante ouvira um não abafado através da porta. Mancuso reaparecera com um sorriso amarelo. Também não era bom jogador de cartas.

O “Pigeon”

O Pigeon era um dos dois modernos barcos para salvamento de submarinos, concebidos com vista a localizar e atingir um submarino nuclear afundado com rapidez suficiente para salvar a sua tripulação. Dispunha de variado e sofisticado equipamento, sendo o principal o DSRV. Este barco, o Mystic, estava suspenso de um suporte entre os cascos catamarã gémeos do Pigeon. Havia também um sonar 3-d operando a baixa potência, sobretudo como sinalizador. O Pigeon descrevia círculos lentos algumas milhas a sul do Scamp e do Ethan Allen. Duas fragatas da classe Pery encontravam-se vinte milhas a norte, operando em conjunção com três Orions para manterem a zona limpa.

— Pigeon, aqui Dallas, ensaio rádio. Escuto.

— Dallas, aqui Pigeon. Ouço bem. Escuto — respondeu o comandante do barco de salvamento pelo canal rádio de segurança.

— Temos cá a encomenda. Terminado.

— Comandante, no Invincible foi um oficial que enviou os sinais de luzes. Sabe transmitir com luzes? — perguntou Ryan.

— Meter-me nisto? Está a brincar?

O plano era bastante simples, mas devia ser rigorosamente cumprido. Era óbvio que o Outubro Vermelho queria desertar. Era mesmo possível que todos a bordo quisessem desertar — muito improvável, todavia. Retirariam do Outubro Vermelho todos os que pretendessem

regressar à Rússia e, depois, fingiriam destruir o barco com uma das poderosas cargas de afundamento que se sabe os vasos russos transportam. Os outros tripulantes levariam então o submarino para noroeste, para o estreito de Sound, enquanto a esquadra soviética se retiraria convencida de que o Outubro Vermelho fora afundado, e com a tripulação para o provar. Que poderia correr mal? Mil coisas.

O “Outubro Vermelho”

Ramius olhou pelo periscópio. O único barco à vista era o USS Pigeon, embora a sua antena ESM captasse actividade de radar à superfície, a norte — duas fragatas vigiando na linha do horizonte. Era esse, portanto, o plano. Viu a luz piscar e foi traduzindo mentalmente a mensagem.

Centro Médico Naval de Norfolk

— Obrigado por ter vindo, doutor. — O oficial de informações instalara-se no gabinete do administrador-adjunto do hospital. — Parece que o nosso doente acordou.

— Há cerca de uma hora — confirmou Tait. — Esteve consciente durante uns vinte minutos. Tornou a adormecer.

— Será que sobrevive?

— É um sinal positivo. Falava coerentemente, por isso não sofreu danos cerebrais. Eu estava preocupado com essa possibilidade. Agora tem bastantes hipóteses, mas estes casos de hipotermia, de um momento para o outro... Continua em estado grave. — Tait interrompeu-se. — Queria fazer-lhe uma pergunta, comandante: por que será que os russos não estão satisfeitos?

— Que o leva a pensar isso?

— Nota-se. É verdade, Jamie descobriu aqui um médico que entende russo. Integrámo-lo na equipa que trata o rapaz.

— Por que não me disse?

— Os russos também não sabem. Foi uma decisão médica, comandante. Dispor de um médico que fala a língua do doente é apenas uma boa prática.

Tait sorriuf satisfeito consigo próprio por ter jogado a sua cartada de espionagem ser desrespeitar a ética profissional nem os regulamentos navais. Tirou um cartão do bolso.

— Bom... O doente chama-se André Katyskin. É cozinheiro, como supúnhamos. De Leninegrado. O nome do barco era Politowskiy.

— Parabéns, doutor.

O oficial de informações teve de apreciar a manobra de Tait, perguntando-se ao mesmo tempo por que motivo os amadores eram tão espertos quando metiam o nariz no que não lhes dizia respeito.

— Por que é que os russos não estão satisfeitos? — Tait não obteve resposta. — E por que é que você não tem um tipo lá em cima? Vocês estavam fartos de saber, não é? Sabiam de que barco ele escapara e o que afundara o barco... Portanto, se eles querem acima de tudo saber de que barco era o rapaz e se não gostam do que ouviram... significará isso que lhes desapareceu outro submarino por aí?

Quartel-General da CIA

Moore pegou no telefone.

— James, vem cá com Bob, imediatamente!

— Que foi, Arthur? — perguntou Greer um minuto depois.

— A última mensagem de CARDINAL. — Moore passou fotocópias de uma mensagem aos dois homens. — De quanto tempo precisamos para a entregar?

— Tão longe? De um helicóptero e pelo menos duas horas. Não pode ser. Tem de ser mais depressa — disse Greer.

— Não podemos pôr CARDINAL em perigo. Ponto final. Escreve uma mensagem e manda a Marinha ou a Força Aérea entregá-la pessoalmente.

Moore não gostava da solução, mas não tinha outra.

— Demorará muito tempo! — objectou Greer, irritado.

— Eu também gosto do rapaz, James, não percamos mais tempo com conversa. Vai lá.

Greer saiu, praguejando como o marinheiro de cinquenta anos que era.

O “Outubro Vermelho”

— Camaradas, oficiais e marinheiros do Outubro Vermelho, fala-vos o comandante.

A voz de Ramius era cordata, reparou a tripulação. O pânico incipiente nascido horas antes quase levava os homens à beira do motim.

— Os esforços para reparar os nossos motores falharam. As nossas baterias estão praticamente esgotadas. Encontrarão-nos muito longe de Cuba para pedirmos ajuda e não podemos esperá-lo da Rodina. Nem sequer dispomos de energia suficiente para operar os sistemas de controle ambiental por muito mais horas. Não temos por onde escolher. Devemos abandonar o barco.

“Não é por acaso que um barco americano se encontra perto de nós, oferecendo aquilo a que chamam assistência. Vou dizer-lhes o que aconteceu, camaradas. Um espião imperialista sabotou o nosso barco. Eles sabiam, como ignoro-o, quais eram as nossas ordens. Estão à nossa espera, camaradas, à nossa espera e à espera de porem as suas mãos sujas no nosso barco. Não o conseguirão! A tripulação será evacuada. Eles não entrarão no Outubro Vermelho! Os oficiais e eu ficaremos para armar as cargas de afundamento. A água, aqui, tem cinco mil metros de profundidade. Não apanharão o nosso submarino. Todos os tripulantes excepto os que estão de serviço devem reunir-se nas respectivas zonas. Mais nada — Ramius olhou em redor, no centro de comando. — Perdemos, camaradas. — Bugayev, envie as mensagens necessárias a Moscou e ao barco americano. Depois mergulharemos a cem metros. Não podemos correr o menor risco de que eles se apoderem do nosso submarino. Assumo inteira responsabilidade por esta... tragédia! Fixem isto bem, camaradas. A culpa é só minha.

O “Pigeon”

— Mensagem recebida: “SSS” — anunciou o radiotelegrafista.

— JÁ esteve num submarino, Ryan? — perguntou Cook.

— Nunca. Espero que seja mais seguro do que os aviões. Ryan tentava gracejar, mas sentia muito medo.

— Bem, vamos lá levá-lo ao Mystic.

O “Mystic”

O DSRV não passava de um conjunto de três esferas metálicas com uma hélice e placas protectoras das partes do casco que suportavam pressão. Ryan foi o primeiro a passar a escotilha, segundo de Williams. Sentaram-se e esperaram. Uma tripulação de três homens achava-se já em funções.

O Mystic estava pronto a operar. Os guinchos do Pigeon baixaram-no à água calma. O Mystic mergulhou imediatamente, os motores eléctricos mal se ouvindo. O sonar de baixa potência detectou logo o tavam pressão, ijyan foi o primeiro a passar a escotilha, seguido de Williams. Sentaram-se e esperaram. Uma tripulação de três homens achava-se já em funções.

O Mystic estava pronto a operar. Os guinchos do Pigeon baixaram-no à água calma. O Mystic mergulhou imediatamente, os motores eléctricos mal se ouvindo. Ó sonar de baixa potência detectou logo o submarino russo, a meia milha de distância, a uma profundidade de noventa metros. Os tripulantes haviam sido informados de que se tratava de uma missão normal de salvamento. Eram especialistas. Dez minutos depois, o Mystic pairava sobre a saída de emergência da proa do submarino nuclear.

As hélices direccionais colocaram os dois barcos em posição e um subalterno certificou-se de que o dispositivo de acoplagem estava firmemente apertado. A água no interior da ligação do Mystic ao Outubro Vermelho era forçada para uma câmara de baixa pressão no DSRV, o que estabelecia uma união firme entre os dois vasos. A água residual era escoada.

— Agora é a sua vez.

O tenente apontou a Ryan a escotilha no segmento intermédio.

— Pois é.

Ryan ajoelhou-se e bateu várias vezes com a mão na escotilha. Não obteve resposta. Bateu depois com uma chave inglesa. Passado um momento, ouviu três pancadas. Ryan rodou o volante da escotilha. Ao abrir esta, viu outra que já tinha sido aberta de baixo. A escotilha mais afastada, na perpendicular, estava fechada. Ryan respirou fundo e desceu a escada do cilindro pintado de branco, seguido de Williams. Ao fundo, bateu na escotilha.

O “Outubro Vermelho”

Foi imediatamente aberta.

— Meus senhores, sou o comandante Ryan, da Marinha dos Estados Unidos. Podemos ser-lhes úteis?

O homem com quem falava era mais baixo e pesado do que ele próprio. Ostentava três estrelas nos ombros, um farto conjunto de fitas no peito e uma lista larga dourada na manga. Era aquele, então, Marko Ramius...

— Fala russo?

— Não, sir, não falo. Qual é a natureza da emergência, sir?

— Temos uma grande fuga no sistema do nosso reactor. O barco está contaminado à popa

do centro de controle. Temos de o abandonar.

Ao ouvir as palavras fuga e reactor, Ryan sentiu um arrepio. Lembrou-se de como não se enganara ao imaginar a situação. Em terra, a mil quatrocentos e quarenta quilómetros, num belo gabinete aquecido, rodeado de amigos... bem, de não inimigos. Os olhares que lhe disparavam os vinte homens no compartimento eram mortíferos.

— Meu Deus! Muito bem, vamos sair então. Podemos levar vinte e cinco homens de cada vez, sir.

— Mais devagar, comandante Ryan. — Que vai acontecer aos meus homens? — perguntou Ramius em voz alta.

— Serão tratados como nossos hóspedes, claro. Se precisarem de cuidados médicos, tê-los-ão. Regressarão à União Soviética logo que seja possível. Pensava que os íamos encarcerar?

Ramius resmungou e falou em russo com os seus oficiais. No voo desde o Invencible, Ryan e Williams haviam decidido não revelar logo que o último falava russo. Williams vestia um uniforme americano. Estavam ambos convencidos de que os russos não dariam pela diferença de sotaque.

— Doutor Petrov — disse Ramius—, levará o primeiro grupo de vinte e cinco homens. Tome conta dos homens, camarada doutor! Não deixe os americanos falar-lhes individualmente nem permita que os homens se separem. Adapte as medidas convenientes, nem mais nem menos.

— Compreendo, camarada comandante.

Ryan viu Petrov contar os homens, à medida que estes passavam a escotilha e subiam a escada. Williams fechou primeiro a escotilha do Mystic e, depois, a do Outubro. Ramius mandou um michman verificá-la. Ouviram o DSRV soltar-se e afastar-se.

O silêncio que se seguiu foi longo e embaraçoso. Ryan e Williams mantínham-se a um canto do compartimento, Ramius e os seus homens em frente. Ryan recordou-se dos bailes do liceu, quando rapazes e raparigas se juntavam em grupos separados e havia uma terra-de-ninguém. Um oficial puxou de um cigarro e Ryan aproveitou para tentar quebrar o gelo.

— Importa-se de me oferecer um cigarro, sir?

Borodin sacudiu o maço e um cigarro saltou. Ryan pegou nele e Borodin acendeu-lho com um fósforo de cera.

— Obrigado. Eu deixei de fumar, mas... Debaixo de água, com um reactor avariado, não será demasiado perigoso?

A primeira experiência de Ryan com um cigarro russo não foi brilhante. O tabaco negro e forte entonteceu-o e acrescentou um cheiro acre ao ambiente que já era pesado, do suor, dos óleos e das hortaliças.

— Como foi que veio parar aqui? — perguntou Ramius.

— íamos para a costa da Virgínia, comandante. Afundou-se lá um submarino soviético, na semana passada.

— Sim? — Ramius apreciou a história falsa de Ryan. — Um submarino soviético?

— É verdade, comandante. Aquilo a que chamamos um Alfa. É tudo o que sei. Recolheram um sobrevivente que está agora no hospital naval de Norfolk. Posso saber como se chama, sir?

— Marko Aleksandrovich Ramius.

— Jack Ryan.

— Owen Williams. Cumprimentaram-se.

— Tem família, comandante Ryan? — perguntou Ramius.

— Tenho, sir. Mulher, um filho e uma filha. E o senhor? — Não, não tenho.

Ramius dirigiu-se em russo a um subalterno e disse-lhe:

— Leve o segundo grupo. Ouviu as instruções que dei ao doutor?

— Ouvi, camarada comandante!

Os motores eléctricos do Mystic gemiam sobre as suas cabeças. Passado um momento, ouviram o estalo metálico do cilindro encaixado no Outubro. Demorara quarenta minutos, mas parecera uma semana. “Meu Deus, e se o reactor estava mesmo avariado?”, perguntou-se Ryan.

O “Scamp”

A duas milhas, o Scamp parava a poucas centenas de metros do Ethan Allen. Os dois submarinos trocavam mensagens. Os técnicos de sonar do Scamp haviam detectado a passagem de três submarinos uma hora antes. O Pogy e o Dallas encontravam-se agora entre o Outubro Vermelho e os outros dois submarinos americanos, os operadores de sonar atentos a qualquer interferência, a qualquer barco que se intrometesse. A área de evacuação era bastante ao largo para não terem de se preocupar com o tráfego comercial e de petroleiros, mas isso não impedia que um navio saído de outro porto aparecesse inopinadamente.

O “Outubro Vermelho”

Quando o terceiro grupo de tripulantes saiu, vigiado pelo tenente Svyadov, um cozinheiro no extremo da fila retirou-se do seu lugar, alegando querer ir buscar um gravador de cassetes para cuja compra andara meses a fazer economias. Não regressou, mas ninguém deu pela sua falta, nem mesmo Ramius. Os tripulantes, incluindo os experientes michmannyy, empurravam-se para serem os primeiros a sair do submarino. Faltava apenas um grupo.

O “Pigeon”

No Pigeon, os tripulantes soviéticos foram conduzidos ao refeitório. Os marinheiros americanos observavam atentamente os seus colegas russos, mas ninguém falava. Os russos encontraram a mesa posta com café, toucinho fumado, ovos e torradas. Petrov sentiu-se aliviado; era fácil controlar homens desde que pudessem comer como lobos. Através de um subalterno servindo de intérprete, pediram mais toucinho. Os cozinheiros tinham ordens para encherem os russos de quanta comida quisessem. Estavam todos entretidos quando um helicóptero vindo de terra pousou com vinte homens a bordo, um dos quais correu para a ponte.

O “Outubro Vermelho”

“O último grupo”, murmurou Ryan consigo. O Mystic tornou a atracar. A última viagem demorara uma hora. Abertas as duas escotilhas, o tenente do DSRV desceu.

— Teremos de adiar um pouco a próxima transferência, meus senhores. As nossas baterias estão esgotadas e precisamos de noventa minutos para as recarregar. Algum problema?

— Seja como diz — respondeu Ramius.

Explicou a situação aos seus homens e ordenou a Ivanov que se encarregasse do último

grupo.

— Os restantes oficiais ficarão comigo. Temos que fazer. — Ramius apertou a mão do subalterno. — Se alguma coisa acontecer, diga-lhes, em Moscou, que cumprimos o nosso dever.

— Com certeza, camarada comandante — respondeu Ivanov em voz trémula.

Ryan viu os marinheiros sair. A escotilha de emergência do Outubro Vermelho foi fechada, depois a do Mystic. Passado um minuto, ouviu-se um estalo, indicando que o mini-submarino se desligara do Outubro. Ryan ouviu os motores morrendo à distância e sentiu as anteparas pintadas de verde fechando-se sobre ele. Viajar de avião era assustador, mas, pelo menos, o ar não ameaçava esmagar as pessoas. Ali estava ele, debaixo de água, a trezentas milhas da costa, no maior submarino do mundo, apenas com dez homens a bordo que sabiam manobrá-lo.

— Comandante Ryan — disse Ramius, perfilando-se —, os meus oficiais e eu pedimos asilo político aos Estados Unidos... e oferecemos-lhe este pequeno presente — acrescentou, apontando para as anteparas de aço.

Ryan já estudara uma resposta.

— Comandante, em nome do presidente dos Estados Unidos tenho a honra de satisfazer o seu pedido. Sejam bem-vindos à liberdade, meus senhores.

Ninguém sabia que o sistema de intercomunicação fora ligado. A lâmpada avisadora tinha sido retirada horas antes. Dois compartimentos à proa, o cozinheiro escutava, dizendo consigo que fizera bem em ter ficado para trás, duvidando do que ouvia. Que fazer? O seu dever. Parecia fácil, mas... lembrar-se-ia ainda de como o executar?

— Não sei que dizer, palavra... — Ryan apertou a mão de todos. — Vocês conseguiram! Vocês conseguiram mesmo!

— Desculpe, comandante — disse Kamarov. — Fala russo?

— Lamento, mas não. Aqui o tenente Williams fala. Quem devia estar aqui era um grupo de oficiais que sabiam falar russo e não nós, mas o helicóptero em que viajavam despenhou-se no mar, ontem à noite.

Williams traduziu. Quatro oficiais não sabiam inglês.

— E agora?

— Dentro de minutos, um submarino explodirá a duas milhas daqui. Um dos nossos, um velho submarino. Presumo que disse aos seus homens que ia afundar... Meu Deus, espero que não lhes tenha revelado o que ia realmente fazer?

— Para desencadear um motim? — Ramius riu. — Não, Ryan. E depois?

— Quando todos pensarem que o Outubro Vermelho foi afundado, rumaremos a noroeste, para a enseada de Ocracoke, e ficaremos à espera. O USS Dallase o Pogy escoltar-nos-ão. Estes homens serão capazes, sozinhos, de manobrar o submarino?

— Estes homens são capazes de manobrar qualquer barco do mundo! — Ramius disse isto primeiro em russo, e os oficiais sorriram. — Está então convencido de que os nossos homens não saberão do que foi feito de nós?

— Correcto. O Pigeon verá uma explosão subaquática. Como podem eles saber que não foi no Outubro! A nossa Marinha tem muitos barcos operando ao largo da costa, agora, sabia? Quando se forem embora, pensaremos na maneira de guardar este presente. Não sei onde será. Os senhores serão, evidentemente, nossos convidados. Há muita gente que quer falar convosco. Podem ter a certeza de que serão muito bem tratados... melhor do que poderão imaginar.

Ryan tinha a certeza de que a CIA daria a cada um deles uma considerável quantia em dinheiro. Não o revelou, por não querer insultar a coragem daqueles russos. Surpreendera-o saber que os desertores raramente esperam receber dinheiro, quase nunca o pedem.

— E quanto a educação política? — perguntou Kamarov.

— Tenente — disse Ryan, soltando uma gargalhada —, alguém lhe explicará como funciona o nosso país. Não demorará mais de duas horas. Depois, poderá começar imediatamente a dizer mal de nós. Se toda a gente pode, porque não haveria o senhor de poder? Mas eu, agora, não posso tratar disso. Podem crer que vão gostar, talvez mais do que eu. Nunca vivi num país que não fosse livre e provavelmente não aprecio o meu país tanto quanto os senhores apreciarão. Bem, agora acho que têm que fazer.

— Pois temos — disse Ramius. — Venham, meus novos camaradas. Também lhes daremos que fazer.

Ramius conduziu Ryan à popa, atravessando uma série de portas estanques. Minutos depois, Ryan estava na sala dos mísseis, um vasto compartimento com vinte e seis tubos verde-escuros emergindo através de duas cobertas. O centro nevrálgico do submarino, com mais de duzentas ogivas nucleares. A ameaça contida naquela sala foi suficiente para Ryan sentir os cabelos eriçados na nuca. Aquilo era real, não era nenhuma abstracção académica. A cobertura superior em que caminhava era uma grade; a inferior era compacta. Tendo atravessado mais um compartimento, chegaram ao centro de controle. O interior do submarino parecia um túmulo, fantasmagórico, silencioso. Ryan percebeu a razão pela qual os marinheiros são supersticiosos.

— Sente-se aqui — disse Ramius, indicando a Ryan o lugar do timoneiro, a bombordo.

— Para quê? — perguntou Ryan, sentando-se diante de um volante semelhante ao de um avião e de um complicado painel de instrumentos.

— Vai guiar o submarino, comandante. Já guiou um submarino? — Não. É a primeira vez que entro num.

— Mas o senhor é oficial da Marinha!

— Não, comandante — respondeu Ryan, abanando a cabeça.—Eu trabalho para a CIA.

— CIA? — Ramius repetiu a sigla num sopro, como se fosse venenosa.

— Eu sei, eu sei. — Ryan pousou a cabeça no volante. — Chamam-nos as Forças do Mal. Comandante, esta Força do Mal vai provavelmente vomitar antes de tudo acabado. Eu trabalho à secretária, e acredite que não há nada, mesmo nada, que eu mais aprecie do que estar em casa com a mulher e os filhos. Dava tudo por isso, agora, pode crer. Se eu tivesse juízo, tinha ficado em Annapolis a escrever os meus livros.

— Livros? Que livros?

— Sou historiador, comandante. Convidaram-me para a CIA há uns anos, como analista. Sabe o que isso é? Os agentes trazem os seus dados e eu vejo o que querem dizer. Meti-me nisto sem querer. Não acredita, pois não? Pois olhe que é verdade. Bom... Eu escrevia livros sobre história naval.

— Que livros — perguntou Ramius.

— Opções e Decisões, Águias Condenadas... Para o ano sairá outro, uma biografia do almirante Halsey. O primeiro que publiquei foi sobre a batalha de Leyte Gulf. O Morskoi Sbornika fez-lhe uma referência crítica, ao que sei. Aborda a natureza das decisões tácticas em condições de combate. Parece que existem alguns exemplares na biblioteca de Frunze.

Ramius fez um esforço de memória.

— Ah, eu conheço esse livro. Sim, li alguns capítulos. Engana-se, Ryan. Halsey agiu estupidamente.

— Vai dar-se bem no meu país, comandante Ramius. Já está a fazer crítica de livros. Capitão Borodin, oferece-me mais um cigarro?

Borodin deu-lhe um maço e fósforos. Ryan acendeu um. Terrível.

O “Avaten”

A quarta viagem do Mystic era o sinal para o Ethan Allen e o Scamp actuarem. O Avalon ergueu-se do seu suporte e cruzou as poucas centenas de metros que o separavam do velho submarino nuclear. O comandante reunia já os homens na sala dos torpedos. As escotilhas, as portas, as aberturas de limpeza, tudo fora aberto. Um dos oficiais dirigiu-se à proa, a ter com os outros. Arrastava um fio preto ligado a cada uma das bombas a bordo. O oficial ligou-o a um detonador de relógio.

— Tudo pronto, comandante.

O “Outubro Vermelho”

Ramius mandou os seus homens ocupar os respectivos postos. A maior parte dirigiu-se à popa, para manobrar os motores. Ramius tinha a amabilidade de falar em inglês, repetindo as ordens em russo para os que não entendiam aquela língua.

—Kamarov e Williams, vão à proa e fechem todas as escotilhas.

A Ryan explicou:

— Se algo correr mal — não correrá, mas... — não dispomos de homens em número bastante para proceder a reparações. Por isso, o melhor é selar o barco todo.

Ryan compreendeu. Pousou um copo vazio sobre o pedestal dos comandos, a servir de cinzeiro. Estava sozinho com Ramius no centro de controle.

— Quando partimos? — perguntou Ramius.

— Quando estiver pronto, Sir. Temos de chegar à enseada de Ocracoke com a maré cheia, cerca de oito minutos depois da meia-noite. Acha que conseguiremos?

Ramius consultou o mapa e respondeu:

— Sem dificuldade.

Kamarov levou Williams à proa, através do centro de comunicações. Deixaram a porta deste aberta e prosseguiram em direcção à sala dos mísseis. Desceram uma escada e atravessaram a cobertura inferior até à antepara da proa. Cruzaram a porta e entraram nos porões, verificando todas as escotilhas. Junto à proa, subiram por outra escada à sala dos torpedos, fechando atrás de si a escotilha. Depois, dirigiram-se à popa pela arrecadação de torpedos e o aquartelamento dos tripulantes. Experimentavam os dois a estranha sensação de se encontrarem a bordo de um barco sem tripulantes. Avançavam sem pressas, e Williams olhava para tudo e fazia perguntas a Kamarov. O tenente respondia de boa vontade na sua língua nativa. Eram os dois oficiais competentes, romanticamente apaixonados pelas suas profissões. Williams estava impressionadíssimo com o Outubro Vermelho e não se cansava de o dizer. Haviam prestado toda a atenção aos pormenores. A cobertura era ladrilhada. As escotilhas eram guarnecidas por espessas vedações de borracha. Quase não faziam barulho ao caminhar, verificando a estanquicidade do barco. Era óbvio que nada fora desprezado com vista a produzir um submarino silencioso.

Williams traduzia uma favorita história do mar em russo quando abriram a escotilha na cobertura superior da sala dos mísseis. Ao passar, atrás de Kamarov, Williams lembrou-se de que as fortes luzes da sala dos mísseis haviam ficado acesas. Ou não?

Ryan tentava descontraír-se, sem êxito. O assento era desconfortável e recordou a anedota russa sobre como moldavam o Novo Homem Soviético — com bancos de avião que contorciam um indivíduo em todas as posições, as mais impossíveis. À popa, o reactor começava a ser activado. Ramius falou pelo intercomunicador com o engenheiro-chefe antes de o ruído do refrigerante do reactor em circulação aumentar para produzir o vapor que accionaria os turboalternadores.

Ryan ergueu a cabeça. Foi como se tivesse sentido o som antes de o ter ouvido. Sentiu um arrepio na espinha e só depois o cérebro lhe disse o que tinha sido.

— Que foi isto? — perguntou automaticamente, sabendo já o que era.

— Quê?

Ramius encontrava-se três metros à popa, e os motores do caterpillar trabalhavam já. Um ruído estranho ecoou pelo casco.

— Ouvi um tiro... não, vários tiros.

— Deve ter ouvido os motores do caterpillar. Como disse, é a primeira vez que entra num submarino. A primeira vez é sempre difícil. Para mim também foi.

Ryan levantou-se.

— Talvez, comandante, mas eu sei o que é um tiro. Desapertou o dólman e tirou a pistola.

— Dê-me isso — ordenou Ramius, estendendo a mão. — No meu submarino não há pistolas!

— Onde estão Williams e Kamarov? Ramius encolheu os ombros.

— Demoram-se, é verdade, mas o barco é grande. — Vou à proa investigar.

— Fique onde está! — ordenou Ramius. — Faça o que lhe digo! — Comandante, acabo de ouvir o que me pareceram tiros e vou

à proa investigar. Já levou algum tiro? Eu já. Tenho cicatrizes no ombro para o provar. É melhor tomar conta do leme, sir.

Ramius pegou num telefone e carregou numa tecla. Falou em russo, rapidamente, e desligou.

— Vou mostrar-lhe que o meu submarino não tem almas... fantasmas, não é como se diz? Não há fantasmas aqui. — Apontou para a pistola. — E você não é nenhum espião, pois não?

— Comandante, acredite no que quiser. É uma longa história que um dia lhe contarei.

Ryan esperou pelo substituto que Ramius evidentemente pedira. O ruído do túnel de propulsão transformava o submarino num tambor.

Um oficial cujo nome Ryan não recordava entrou no centro de controle. Ramius disse qualquer coisa que provocou uma gargalhada— interrompida quando o homem viu a pistola de Ryan. Era óbvio que nenhum dos russos apreciava vê-lo armado.

— Se me dá licença, comandante... — disse Ryan, apontando para a proa.

— Faça favor, Ryan.

A porta estanque entre o centro de controle e o compartimento contíguo fora deixada aberta. Ryan entrou devagar no centro de comunicações, olhando à esquerda e à direita. Ninguém. Dirigiu-se à porta da sala dos mísseis, fechada. A porta, com cerca de um metro e vinte de altura e sessenta centímetros de largura, tinha um volante ao meio. Ryan rodou-o com uma das mãos. Estava bem oleado, tal como os gonzos. Entreabriu a porta lentamente e espreitou.

— Oh, merda — murmurou Ryan, acenando ao comandante para que se aproximasse.

A sala dos mísseis, com uns bons sessenta metros de comprimento, estava iluminada por apenas seis ou oito pequenas lâmpadas. Não estivera antes banhada em luz? Ao fundo, havia um clarão brilhante

junto à escotilha, dois vultos estendidos na grade. Imóveis. A luz a que Ryan os via brilhava perto do tubo de um míssil.

— Fantasmas, comandante? — sussurrou.

— É Kamarov.

Ramius murmurou mais qualquer coisa em russo. Ryan certificou-se de que tinha uma bala na câmara da FN e tirou os sapatos.

— É melhor deixar-me tratar do assunto. Fui tenente dos marines. E o meu treino em Quântico, disse consigo, não teve nada a ver com isto. Ryan entrou no compartimento.

A sala dos mísseis ocupava quase um terço do comprimento do submarino e tinha a altura de duas cobertas. A inferior era de metal compacto; a superior constituída por um gradeamento metálico. Floresta de Sherwood era como chamavam ao compartimento nos barcos americanos, designação bastante adequada. Os tubos dos mísseis, com cerca de três metros de diâmetro e pintados de verde mais escuro que o resto da sala, pareciam troncos de árvores enormes. Ryan fechou a escotilha atrás de si e avançou pela direita.

A luz parecia provir do tubo mais distante, a estibordo da cobertura superior. Ryan parou para escutar. Algo se passava. Ouvia um som de atrito e a luz movia-se como se fosse de uma lâmpada segura na mão. O som percorria as placas macias do casco ulterior.

“Porquê eu?”, murmurou consigo. Ter de ultrapassar treze tubos de mísseis para atingir a fonte da luz era pior que atravessar mais de sessenta metros de cobertura sem protecção.

Rodeou o primeiro tubo, a pistola na mão direita à altura da cinta, a esquerda no metal frio do tubo.

Já tinha a mão suada na coronha da pistola, revestida de borracha dura e rugosa. Por isso era rugosa, reflectiu. Entre o primeiro e o segundo tubos, olhou para bombordo, a fim de se certificar de que não havia ninguém e prosseguiu. Mais doze para passar.

A cobertura gradeada era constituída por barras de dezasseis centímetros de largura. Já lhe doíam os pés de caminhar sobre elas. Ao rodear lenta e cautelosamente mais um tubo, sentiu-se um astronauta a orbitar a Lua, a cruzar um horizonte infinito. Só que na Lua não havia ninguém à espera para lhe dar um tiro.

A mão de alguém no seu ombro. Ryan deu um salto e virou-se. Era Ramius. Ia a dizer qualquer coisa, mas Ryan encostou-lhe as pontas dos dedos aos lábios e abanou a cabeça. O coração batia-lhe tanto que poderia ter-se servido dele para enviar uma mensagem em Morse. Ouvia o seu próprio respirar. Porque não ouvira então o de Ramius?

Ryan indicou por gestos que avançaria pelo lado de fora dos tubos dos mísseis. Ramius indicou que seguiria por dentro. Ryan concordou de cabeça. Decidiu abotoar o dólman e levantar a gola. Tornar-se-ia assim um alvo mais difícil. Antes uma forma escura do que com um triângulo branco. Mais um tubo.

Ryan viu palavras pintadas nos tubos e inscrições gravadas no metal. O alfabeto era cirílico. Diziam provavelmente Não Fumar ou Viva Lenine, ou coisas igualmente inúteis. Via e ouvia tudo com grande acuidade, como se alguém tivesse estimulado os seus sentidos, tornando-os invulgarmente sensíveis. Passou o tubo seguinte, os dedos nervosamente cravados na coronha da pistola, desejando limpar o suor dos olhos. Não havia ninguém. A bombordo ninguém. Adiante...

Gastou cinco minutos para chegar a meio do compartimento, entre o sexto e o sétimo tubos. O ruído que vinha do extremo da sala era agora mais pronunciado. A luz movia-se, não havia dúvida. Não muito, porém. A sombra do tubo número um estremeceu ligeiramente. Era decerto uma luz pendurada na parede, um gancho ou lá como lhe chamavam nos barcos. Que estariam a fazer? Mexendo num míssil? Seria mais do que um homem? Porque não contara

Ramius os seus homens à entrada para o DSRV?

Por que não os contei eu? Ryan praguejou. Ainda seis tubos.

Ao rodear o seguinte, indicou a Ramius que havia provavelmente um homem no extremo da sala. Ramius acenou de cabeça para dizer que já chegara à mesma conclusão. Pela primeira vez reparou que Ryan tirara os sapatos. Achando boa a ideia levantou a perna esquerda para se descalçar. Os dedos, rígidos e desajeitados, não se entenderam com o sapato, que caiu num intervalo da grade, fazendo barulho. Ryan estacou, petrificado. A luz no extremo da sala moveu-se e apagou-se. Ryan correu para a esquerda e espreitou de trás de um tubo. Ainda cinco para ultrapassar. Viu parte de um rosto... e um clarão.

Ouviu o tiro e agachou-se quando a bala atingiu a antepara com um clang. Recuou depois, a abrigar-se.

— Vou atravessar para o outro lado — murmurou Ramius. — Espere até eu dizer.

Ryan segurou Ramius pelo braço e regressou ao lado de estibordo do tubo, pistola em punho. Viu o rosto e, desta vez, disparou primeiro. Tinha falhado, não o ignorava. No mesmo instante, puxou Ramius para a esquerda. O comandante correu para o outro lado e agachou-se atrás do tubo de um míssil.

— Você já não nos foge — disse Ryan, alto.

— Isso é o que pensa.

Era uma voz jovem e muito assustada.

— Que está a fazer? — perguntou Ryan.

— Que lhe parece, ianque?

A raiva era agora mais convicta. Deve estar a ver se consegue detonar uma ogiva, pensou Ryan. Bonito...

— Morrerá também — disse Ryan.

Não costumava a polícia dialogar com suspeitos barricados? Não dissera uma vez na TV um polícia de Nova Iorque: “Tentamos matá-los de chatice?” Mas isso era com criminosos. Com quem dialogava Ryan? Com um marinheiro que ficara para trás? Com um dos oficiais de Ramius, animado de segundas intenções? Um agente do KGB? Um agente do GRU disfarçado de tripulante?

— Morrerei — concordou a voz.

A luz mexeu. Fosse lá o que estivesse a fazer, não desistia. Ryan disparou duas vezes, ao rodear o tubo. Ainda quatro. As balas embatiam sonoras e inúteis na antepara. Havia a hipótese remota de que um ricochete... Não. Olhou para a esquerda e viu Ramius abrigado atrás dos tubos de bombordo. Não tinha arma. Por que não se armara?

Ryan respirou fundo e rodeou o tubo seguinte. O tipo esperava por este movimento. Ryan mergulhou na cobertura e a bala perdeu-se.

— Quem é você? — perguntou Ryan, ajoelhando-se e encostando-se ao tubo para recobrar fôlego.

— Um patriota soviético! Você é inimigo do meu país e não se apoderará deste barco!

Falava de mais, pensou Ryan. Ótimo. Provavelmente.

— Como se chama?

— O meu nome não é da sua conta.

— Tem família?

— Os meus pais orgulhar-se-ão de mim.

Um agente do GRU, estava Ryan certo. Não era o comissário alítico. Falava bem inglês. Se calhar um apoio para o comissário político. Enfrentava um agente treinado. Magnífico. Um

agente e, como dissera, um patriota. Não um fanático, mas um homem procurando cumprir o seu dever. Assustado, mas procurando cumpri-lo. E mandar pelos ares este maldito barco comigo cá dentro! Ryan ainda não estava, porém, completamente derrotado. O homem tinha uma coisa para fazer; Ryan precisava de o deter ou de o entreter. Passou ao lado de estibordo do tubo e espreitou com o olho direito. Não havia luz nenhuma naquele extremo do compartimento. Agora com o olho esquerdo... Ryan via-o mais facilmente do que o russo o poderia ver a ele.

— Não precisa de morrer, meu amigo. Se largasse a arma...

E depois? Acabar numa prisão federal? O mais provável será desaparecer. Moscou não poderá descobrir que os americanos têm o submarino.

— E a CIA não me matava, não? — disse a voz, escarninha, trémula. — Não sou parvo. Se tiver de morrer, morrerei ao serviço da minha pátria, meu amigo!

Então, a luz apagou-se. Ryan já se perguntava quanto tempo duraria aquilo. Teria acabado o que estava a fazer? Nesse caso, estariam prestes a ir pelos ares. Ou talvez o rapaz tivesse compreendido que a luz o tornava vulnerável. Agente treinado ou não, era um garoto, um garoto assustado, provavelmente com tanto a perder como Ryan. Como eu uma treta! Eu tenho mulher e dois filhos, e se não o agarro depressa fico sem eles.

Feliz Natal, meninos, o vosso pai acaba de ir pelos ares. Desculpem não haver corpo para enterrar — mas compreendem... Ryan lembrou-se de rezar... pedindo quê? Ajuda para matar outro homem? É assim, Senhor...

— Ainda está aí, comandante?

Era um novo motivo de preocupação para o agente do GRU. Ryan esperava que a presença do comandante obrigasse o homem a abrigar-se mais a bombordo do tubo. Mergulhou e correu a rodear o seu, também por bombordo. Faltavam três. Ramius avançava igualmente, pelo seu lado. Ryan disparou um tiro. Falhado.

Precisava de parar, de repousar.

Estava sem fôlego, agitadíssimo. Altura muito imprópria para tal. Fora tenente de marines — durante três meses, antes da queda do helicóptero — e, em princípio, deveria saber como agir! Comandara homens. Mas era muito mais fácil comandar quarenta homens armados de espingardas do que combater sozinho.

Pensa!

— Talvez possamos chegar a acordo — disse Ryan.

— Ah, sim, podemos decidir de que lado virá o tiro.

— Talvez você gostasse de se tornar americano.

— E os meus pais, ianque, que seria deles?

— Talvez possamos tirá-los de lá — disse Ryan, deslocando-se para a esquerda, à espera de resposta.

Saltou. Dois tubos o separavam agora do seu amigo do GRU que provavelmente tentava uma ligação directa nas ogivas e transformar meia milha cúbica de oceano em plasma.

—Morreremos juntos, ianque. Agora só um puskatel nos separa.

Ryan raciocinou rapidamente. Já não se lembrava de quantas vezes disparara, mas a pistola tinha treze balas. Restavam-lhe certamente as suficientes. Não precisaria do carregador suplementar. Poderia atirá-lo para um lado e avançar pelo outro, distraindo o rapaz. Resultaria? Merda! Resultava nos filmes. Se nada fizesse é que nada resultaria, isso...

Ryan segurou a arma na mão esquerda e procurou no bolso o carregador com a direita. Meteu o carregador na boca, enquanto destravava a pistola. Um pobre expediente de salteador... Pegou no carregador com a mão esquerda. Teria de o lançar para a direita e correr para a

esquerda. Resultaria? Resultasse ou não, pouco tempo lhe restava para se decidir.

Em Quântico aprendera a ler mapas, a avaliar o terreno, a enfrentar ataques aéreos e de artilharia, a manobrar os seus pelotões e grupos de combate com perícia — e ali estava encurralado num maldito canudo de ferro, a novecentos metros de profundidade, a dar tiros numa sala com duzentas bombas de hidrogênio!

Tinha mesmo de fazer qualquer coisa. Sabia o quê, não podia escolher... mas Ramius mexeu-se primeiro. Pelo canto do olho, surpreendeu o vulto do comandante, correndo para a antepara da proa. Ramius atirou-se contra a antepara e acendeu uma luz quando o inimigo disparou sobre ele. Ryan lançou o carregador para a direita e correu em frente. O rapaz virou-se para a esquerda, atraído pelo barulho, consciente, porém, de que a manobra era conjunta.

Enquanto Ryan cobria a distância entre os dois últimos tubos, viu Ramius cair. Ryan mergulhou para ultrapassar o míssil número um e aterrou sobre o lado esquerdo, ignorando a dor que lhe pôs o braço em fogo, ao rolar para junto do seu alvo. O homem voltava-se quando Ryan disparou seis tiros. Ryan gritou, mas não se ouviu. Duas séries de três tiros. O agente elevou-se e caiu pesadamente na cobertura.

Ryan tremia de mais para poder erguer-se de imediato. A pistola que empunhava ainda com força estava apontada ao peito da sua vítima. Ofegava e o coração saltava-lhe no peito. Ryan fechou a boca e tentou engolir em seco várias vezes; tinha a boca seca como algodão. Ajoelhou-se devagar. O agente estava ainda vivo, caído de costas, os olhos abertos. Respirava. Ryan teve de se apoiar numa das mãos para se pôr de pé.

O rapaz fora atingido duas vezes, verificou Ryan, uma no ombro esquerdo, outra mais abaixo, na região do fígado e do baço. Este último ferimento era um círculo vermelho destilante que o homem agarrava com ambas as mãos. Pouco mais teria que vinte anos e os seus olhos azuleiros olhavam para cima, enquanto tentava dizer qualquer coisa. A face rígida de dor, abriu a boca, mas dela só escapou um som ininteligível.

— Comandante — chamou Ryan —, está bem?

— Estou ferido, mas creio que não morrerei, Ryan. Quem é ele?

— Como raio hei-de saber?

Os olhos azuis fitaram o rosto de Jack. Fosse quem fosse, sabia que a morte se aproximava. A dor na face foi substituída por outra coisa. Tristeza, uma infinita tristeza... Continuava a esforçar-se por falar. Espuma rósea acumulava-se aos cantos da sua boca. Tiro no pulmão. Ryan acercou-se dele, pontapeando a arma e ajoelhando-se

— Podíamos ter feito um acordo — disse baixinho.

O agente tentou responder, mas Ryan não podia entendê-lo. Uma praga, uma saudade da mãe, algo de heróico? Jack nunca o saberia. Os olhos arregalaram-se de dor uma última vez. O último sopro sibilou através da espuma sanguínea e as mãos escorregaram pelo ventre. Ryan procurou a pulsação no pescoço. Não havia.

— Lamento.

Ryan fechou os olhos da sua vítima. Tinha pena — porquê? Gotículas de suor perlavam-lhe a fronte, e a força que reunira para disparar abandonara-o. Um enjoo súbito apoderou-se dele.

— Oh, meu Deus, eu...

Levou as mãos ao chão e vomitou em arrancos terríveis, o vômito escorrendo pela grade sobre a cobertura inferior, a três metros. O seu estômago contorceu-se por todo um minuto, já muito depois de vazio. Teve de cuspir várias vezes para tirar da boca o gosto, antes de levantar.

Tonto da tensão e da adrenalina que fora lançada no seu sistema, sacudiu a cabeça uma e outra vez, sempre a olhar para o morto a seus pés. Era tempo de olhar para a realidade.

Ramius fora atingido na coxa esquerda. Sangrava. Apertava a ferida com ambas as mãos, cobertas de sangue, mas não parecia em estado grave. Se a artéria femoral tivesse sido cortada, o comandante já estaria morto.

O tenente Williams fora atingido na cabeça e no peito. Respirava ainda, mas inconsciente. O ferimento na cabeça era apenas um arranhão. O do peito, junto ao coração, produzia um ruído de sucção. Kamarov tivera pior sorte. Um tiro atravessara-lhe o alto do nariz, e a nuca era uma massa sanguinolenta.

— Meu Deus, por que não vem ninguém socorrer-nos! — exclamou Ryan outra vez a raciocinar.

— As portas nas anteparas estão fechadas, Ryan. Há o... como é que vocês dizem?

Ryan olhou para onde o comandante apontava. Era o sistema de intercomunicação.

— Qual é a tecla? — Ramius ergueu dois dedos. — Centro de controle, fala Ryan. Preciso de socorros, o vosso comandante está ferido.

A resposta surgiu em russo excitado e Ramius respondeu alto para se fazer ouvir. Ryan olhou para o tubo do míssil. O agente usara uma gambiarra, como os americanos, uma lâmpada numa protecção metálica. No tubo do míssil estava aberta uma portinhola. Atrás dela, uma pequena escotilha, que levava, sem dúvida, ao míssil estava também aberta.

— Que fazia ele? Tentava rebentar com as ogivas?

— Impossível — disse Ramius, sofrendo visivelmente. — As ogivas... têm, como dizemos, segurança especial. As ogivas... não explodem por si.

— Então que fazia ele?

Ryan examinou outra vez o tubo do míssil. Na cobertura jazia uma espécie de ampola de borracha.

— Que é isto?

Pegou na ampola. Era de borracha ou material revestido a borracha, com uma armação de metal ou plástico no interior, um bico metálico numa das pontas e um bocal

— Ele estava a fazer qualquer coisa no míssil e tinha um dispositivo para escapar do submarino — disse Ryan.—Oh, Cristo! Um maquinismo de relógio.

Baixou-se para pegar na lâmpada e acendeu-a. Recuou e espreitou para o interior do compartimento do míssil.

— Comandante, que é isto aqui?

— É... é... o mecanismo de orientação. Tem um computador que diz ao míssil como voar. A portinhola... — Ramius respirava com crescente dificuldade — ...é para controle pelo oficial.

Ryan espreitou pela abertura. Viu um novelo de fios multicolores e circuitos integrados ligados de uma maneira que jamais encontrara. Meteu a mão por entre os fios na esperança de encontrar um relógio e cartuchos de dinamite. Nada.

Que fazer? O agente preparava alguma... mas quê? Teria acabado? Como saber? Impossível. Parte do seu cérebro exigia que fizesse qualquer coisa, outra avisava-o de que seria uma loucura tentar.

Ryan segurou entre os dentes o punho revestido a borracha da lâmpada e introduziu as duas mãos no compartimento. Puxou um molho de fios; só alguns se partiram. Concentrou-se noutro molho. Pedacos de cobre e de plástico soltaram-se. Insistiu com o primeiro molho. “Ahhh!” — gritou, ao receber um choque. Por um momento eterno, aguardou a explosão. Não houve. Tinha mais fios para puxar. Em menos de um minuto, arrancou todos os fios que viu, e uma meia dúzia de pequenos ligadores. Depois bateu com a armação da lâmpada contra tudo o que fosse de partir, até o compartimento parecer a caixa de brinquedos do filho — cheia de

fragmentos inúteis.

Ouviu passos entrando, a correr, na sala. Borodin vinha à frente. Ramius indicou-lhe Ryan e o agente morto.

— Sudets? — disse Borodin. — Sudets? — Olhou Ryan. — Era cozinheiro.

Ryan apanhou a pistola.

— Aqui tem o arquivo das receitas de cozinha. Penso que era agente do GRU. Tentou mandar-nos pelos ares. Comandante Ramius, e se lançássemos este míssil... só para nos vermos livres desta maldita coisa?

— Boa ideia. — A voz de Ramius tornara-se um murmúrio rouco. — Primeiro feche a escotilha de inspecção, depois... depois podemos dispará-lo do centro de controle.

Ryan retirou os fragmentos do compartimento do míssil. A escotilha deslizou perfeitamente, voltando ao seu lugar. A portinhola do tubo foi mais difícil. Era de pressão e muito mais pesada. Prendiam-na dois fechos de mola. Ryan bateu com ela três vezes. Das duas primeiras não se fixou, à terceira fechou.

Borodin e outro oficial transportavam já Williams para a popa. Alguém apertara um cinto na perna ferida de Ramius. Ryan pô-lo de pé e ajudou-o a caminhar. Ramius gemia de cada vez que deslocava a perna esquerda.

— Correu um risco tremendo, comandante — observou Ryan.

— É o meu barco... e não gosto do escuro. A culpa foi minha! Devíamos ter contado os homens à saída.

Chegaram à porta estanque.

— Eu passo primeiro.

Ryan transpôs a porta e ajudou Ramius a passar. O cinto alargara e a ferida sangrava outra vez.

— Feche a porta e tranque-a — ordenou Ramius.

Ryan assim fez sem dificuldade. Deu três voltas à roda e tornou a passar o braço do comandante pelo pescoço. Mais seis metros e entravam no centro de controle. O tenente ao leme estava cor de cinza. Ryan sentou o comandante numa cadeira a bombordo.

— Tem uma faca, sir?

Ramius procurou no bolso das calças e tirou um canivete, mais outro objecto.

— Tome isto. É a chave das ogivas. Sem isto não rebentam. Guarde-a.

Tentou rir. Tinha sido de Putin, no fim de contas...

Ryan pendurou-a ao pescoço, abriu o canivete e cortou as calças do comandante de cima a baixo. A bala atravessara-lhe o músculo da coxa. Ryan tirou um lenço lavado do bolso e pousou-o sobre o orifício de entrada. Ramius passou-lhe outro, que Ryan encostou ao orifício de saída, com cerca de um centímetro de diâmetro. Segurou depois os lenços com o cinto, apertando-o o mais possível.

— A minha mulher não aprovaria, mas não sei fazer melhor.

— A sua mulher? — perguntou Ramius.

— É médica. Cirurgiã dos olhos, mais propriamente. Quando levei o tiro ela fez-me a mesma coisa.

A perna de Ramius embranquecia. O cinto estava apertado de mais, porém Ryan não o aliviaria por enquanto.

— Então e o míssil?

Ramius deu uma ordem ao tenente que manobrava o leme, o qual a reproduziu pelo intercomunicador. Dois minutos depois, três oficiais entravam no centro de controle. Ryan estava

preocupado com o míssil, não sabendo ao certo se tinha destruído qualquer maquinismo instalado pelo agente. Cada um dos oficiais recém-chegados tirou uma chave do pescoço. Ramius fez o mesmo, entregando a sua segunda chave a Ryan. Apontou para estibordo do compartimento.

— Controle de mísseis.

Ryan devia ter adivinhado. Distribuídos pelo centro de controle havia cinco painéis, cada um deles com três filas de vinte e seis luzes e uma ranhura para a chave por baixo de cada conjunto.

— Introduza a sua chave no número um, Ryan.

Jack assim fez. Os outros imitaram-no. A luz vermelha acendeu e um besouro soou.

O painel do oficial de mísseis era o mais complicado. O oficial accionou um interruptor para inundar o tubo do míssil e abrir a escotilha número um. As luzes vermelhas do painel começaram a piscar.

— Rode a sua chave, Ryan — disse Ramius. — Isto dispara o míssil? Meu Deus, que vai acontecer?

— Não, não. O míssil tem de ser armado pelo oficial de mísseis. Essa chave faz explodir a carga de gás.

Poderia Ryan acreditar nele? Ramius era com certeza bom tipo, mas como poderia Ryan saber que ele dizia a verdade?

— Agora! — ordenou Ramius.

Ryan rodou a chave ao mesmo tempo que os outros. A luz amarela por cima da vermelha começou a piscar. A luz verde apagou-se.

O Outubro Vermelho estremeceu quando o SS-N-20 número um foi ejectado pela carga de gás. O ruído foi semelhante ao dos travões de ar de um camião. Os três oficiais retiraram as chaves. O oficial de mísseis fechou imediatamente a escotilha do tubo.

O “Dallas”

— Quê? — exclamou Jones. — Comandante, aqui sonar, o alvo acaba de inundar um tubo... um tubo de míssil! Deus todo-poderoso!

Por sua iniciativa, Jones ligou o sonar de busca sob gelo e começou a enviar pings de alta frequência.

— Que diabo está a fazer? — perguntou Mr. Thompson. Mancuso entrou passado um segundo.

— Que se passa?

Jones apontou para o écran.

— O submarino acaba de lançar um míssil, sir. Veja, comandante, dois alvos. Mas ficou ali, não tem ignição. Senhor!

O “Outubro Vermelho”

“Flutuará?”, perguntou-se Ryan.

Não flutuou. O míssil Seahawk foi projectado para estibordo pela carga de gás e perdeu força a quinze metros de altitude. A escotilha do mecanismo de orientação que Ryan fechara não

vedava bem. A água inundou o compartimento e o andar da ogiva. De qualquer modo, o míssil tinha uma apreciável fluutuabilidade negativa e o peso suplementar no seu nariz fê-lo mergulhar. Estas características aerodinâmicas deram-lhe uma rota excêntrica e o míssil desapareceu na água, rodopiando como o ramo de uma árvore. A três mil metros de profundidade, a pressão rachou os cones explosivos, mas o míssil, no resto intacto, manteve a sua forma até tocar o fundo.

O “Ethan Allen”

A única coisa que ainda funcionava era o cronometro. A tripulação dispunha de trinta minutos para embarcar no Scamp, que abandonava a zona a dez nós, tempo de sobra. O velho reactor fora completamente neutralizado; estava frio como pedra. Apenas algumas luzes de emergência permaneciam acesas, aumentadas pela energia residual das baterias. O cronometro comandava três circuitos detonadores para o caso de algum falhar; seriam accionados a um milésimo de segundo de intervalo, emitindo um sinal pelos fios de detonação.

Haviam colocado quatro bombas Pave Pat Blue no Ethan Allen. A Pave Pat Blue era uma bomba FAE (explosivo combustível-ar). A sua potência era aproximadamente cinco vezes a de um vulgar explosivo químico. Cada bomba tinha duas válvulas libertadoras de gás e só uma das oito válvulas falhou. Quando abriram, o propano pressurizado nas bombas expandiu-se violentamente. Num segundo, a pressão atmosférica no velho submarino triplicou e todo o volume do barco ficou saturado de uma mistura explosiva ar-gás. As quatro bombas enchiam o Ethan Allen com o equivalente a vinte e cinco toneladas de TNT regularmente distribuído pelo casco.

Os detonadores rebentaram quase simultaneamente e os resultados foram catastróficos: o rijo casco de aço do Ethan Allen estourou como um balão. Só o reactor não ficou totalmente destruído; soltou-se dos destroços e mergulhou rapidamente até ao leito oceânico. O casco desintegrou-se em múltiplos pedaços de formas surreais. O equipamento interior formou uma nuvem metálica dentro do casco destroçado e tudo se afundou, estendendo-se por uma vasta área durante a descida de quatro mil e oitocentos metros até ao fundo arenoso.

O “Dallas”

— Raios!

Jones arrancou os auscultadores e abriu a boca para libertar os ouvidos. Relês automáticos no sistema de sonar protegeram-lhe os ouvidos da força absoluta da explosão, mas o que lhe chegara fora o suficiente para que sentisse a cabeça como esmagada. Todos a bordo ouviram o estrondo.

— Atenção, fala o comandante. Não se preocupem com aquilo que ouviram. É tudo o que posso dizer.

— Meu Deus, comandante! — disse Mannion.

— Voltemos ao nosso contacto.

— Com certeza, comandante — disse Mannion, olhando Mancuso com uma expressão singular.

A Casa Branca

— Comunicou com ele a tempo? — perguntou o presidente.

— Não, sir — Moore deixou-se cair na cadeira. — O helicóptero chegou uns minutos atrasado. Talvez não haja motivo para preocupações. Naturalmente que o comandante teve o cuidado de evacuar toda a gente, tirando as pessoas da sua confiança. Estamos preocupados, claro, mas nada podemos fazer.

— Pedi-lhe pessoalmente que tratasse disso, juiz. Eu. Bem-vindo ao mundo real, senhor presidente, pensou Moore.

O presidente tinha sorte — nunca precisara de mandar ninguém para a morte — coisa fácil de admitir, enfim, menos fácil de uma pessoa a ela se habituar. Confirmara sentenças de morte num tribunal de apelação e não fora fácil — mesmo para homens que mereciam, sem dúvida, a sua sorte.

— Bem, agora só nos resta esperar, senhor presidente. A fonte de onde provêm estes dados é mais importante do que qualquer operação.

— Muito bem. E o senhor Donaldson?

— Aceitou a nossa sugestão. Esse aspecto da operação correu realmente muito bem.

— Está convencido de que os russos acreditam? — perguntou Pelt.

— Deixámo-lhes uma bela isca e vamos sacudir um pouco a linha para eles a verem. Dentro de um ou dois dias, já saberemos se a mordeam. Henderson pode vir a ser-nos muito útil, mas teremos de o vigiar de perto. Os nossos colegas do KGB têm um método muito directo para lidar com agentes duplos.

— Só o libertamos se ele merecer — disse, em voz fria, o presidente.

— Vai merecer, vai — disse Moore, sorrindo. — Mister Henderson está nas nossas mãos.

DÉCIMO QUINTO DIA

Sexta-feira, 17 de Dezembro

Enseada de Ocracoke

Não havia luar. O cortejo de três barcos entrou na enseada a cinco nós, pouco passava da meia-noite, para aproveitar a maré, excepcionalmente cheia. O Pogy comandava a formação por ter o calado mais baixo, e o Dallas seguia o Outubro Vermelho. Os postos da guarda-costeira de cada lado da enseada eram guarnecidos por oficiais da Marinha, em substituição dos “costeiros”.

Ryan fora autorizado a subir à torre, gesto humanitário de Ramius que muito apreciara. Após dezoito horas no interior do Outubro Vermelho, Jack sentia-se enclausurado e era bom tornar a ver o mundo, mesmo que o mundo não passasse de uma vastidão deserta e às escuras. O Pogy denunciava-se só por uma luz vermelha difusa que desaparecia quando olhada por alguns segundos. Jack via os rastos de espuma na água e as estrelas a brincar às escondidas com as nuvens. O vento de oeste soprava a vinte nós, agressivo, revolvendo o mar.

Borodin dava ordens concisas, monossilábicas, conduzindo o submarino por um canal que tinha de ser dragado com frequência, apesar do enorme pontão construído a norte. A travessia era fácil, a ondulação de sessenta ou oitenta centímetros não abalava minimamente o submarino de 30000 toneladas. Ainda bem, disse Ryan consigo. A água escura acalmou e, quando entraram em zona abrigada, um barco de borracha tipo Zodiac aproximou-se deles.

— Olá, Outubro Vermelho! — disse uma voz na escuridão. Ryan mal divisava a forma rômica e cinzenta do Zodiac diante de um leve rasto de espuma formada pelo trabalhar do motor fora-de-borda.

— Posso responder, capitão Borodin? — perguntou Ryan, obtendo como resposta um aceno afirmativo. — Fala Ryan. Temos dois feridos a bordo, um grave. Precisamos de um médico e de uma equipa cirúrgica imediatamente. Compreendeu?

— Dois feridos e precisam de um médico, muito bem. Ryan julgou ver um homem com algo encostado à cara, e ouvir o ruído débil de um rádio. Era difícil dizer, por causa do vento.

— Está bem. Vamos mandar imediatamente um médico, Outubro. O Dallas e o Pogy têm pessoal médico a bordo. Quer alguém!

— Claro que quero, e já! — respondeu Ryan.

— Está bem. Siga o Pogy por mais duas milhas e espere. O Zodiac inverteu a rota e desapareceu nas trevas.

— Graças a Deus! — exclamou Ryan.

— Você é... crente? — perguntou Borodin.

— Sou, pois. — Ryan não deveria ficar surpreendido com a pergunta. — Então, uma pessoa tem de acreditar em qualquer coisa.

— Porquê, comandante Ryan? — Borodin observava o Pogy através de um potente binóculo nocturno.

Ryan reflectiu antes de responder.

— Porque de outra maneira qual é o objectivo da vida? Sartre e Camus e toda essa gente terá razão? A vida é caos, não possui significado? Recuso-me a acreditar em tal. Se quiser uma resposta melhor, conheço uns padres que teriam muito gosto em conversar consigo.

Borodin não respondeu. Deu uma ordem pelo microfone e a rota foi alterada alguns graus para estibordo.

O “Dallas”

Meia milha à popa, Mancuso levava aos olhos um binóculo noturno luminoso. Mannion, a seu lado, esforçava-se por ver.

— Jesus Cristo! — murmurou Mancuso.

— Diz bem, comandante — respondeu Mannion, tremendo de frio. — Também não sei se deve acreditar. Aí vem o Zodiac.

Mannion passou ao comandante o rádio portátil usado para atracação.

— Ouvem-me?

— Fala Mancuso.

— Quando o nosso amigo parar, quero que transfiram dez homens para lá, incluindo o enfermeiro. Têm dois feridos a bordo que precisam de cuidados médicos. Escolha homens em condições, comandante. Precisam de ajuda para governar o barco. Homens que não dêem à língua, evidentemente.

— Está bem. Dez homens, incluindo o enfermeiro. Terminado. — Mancuso esperou que o Zodiac se afastasse do Pogy. — Quer ir, Pat?

— Se quero, Sir, Também vai? — perguntou Mannion.

— Chambers é capaz de comandar o Dallas por um dia ou dois, não acha? — respondeu Mancuso, judicioso.

Em terra, um oficial da Marinha falava pelo telefone com Norfolk. O posto da guarda-costeira estava apinhado de gente, sobretudo oficiais. Junto do telefone, havia uma cabina de fibra de vidro para que pudessem comunicar com o CINCLANT em segredo. Encontravam-se ali havia apenas duas horas e não tardariam a partir. Era preciso que nada fugisse à rotina. Fora, um almirante e dois capitães observavam as formas escuras através de binóculos noturnos. Comportavam-se tão solenemente como se estivessem na igreja.

Cherry Point, Carolina do Norte

O comandante Ed Noyes repousava na sala dos médicos do hospital naval da Base Aérea do Corpo de Marines de Cherry Point, na Carolina do Norte. Cirurgião qualificado, entrara de serviço para as próximas três noites e teria quatro dias de folga no Natal. A noite fora tranquila, mas tudo ia mudar.

— Doutor?

Noyes viu na sua frente um capitão de marines fardado de PM. O médico conhecia-o. A Polícia Militar trazia-lhe muitos acidentes. Pousou o *New England Journal of Medicine*.

— Olá, Jerry. Temos obra?

— Doutor, mandaram-me dizer-lhe para agarrar em tudo o que precisa para uma intervenção de urgência. Dentro de dois minutos levo-o ao aeródromo.

— Para quê? Que tipo de intervenção? — perguntou Noyes, levantando-se.

— Não me disseram, sir. Só me disseram que o senhor tem de voar, sozinho, para algures. Ordens do alto, é só o que sei.

— Bolas, Jerry! Tenho de saber que tipo de intervenção vou fazer! Levo comigo o quê?

— Leve tudo, sir. Eu conduzo-o ao helicóptero.

Noyes praguejou e entrou na sala de traumatizados. Esperavam-no dois marines. Meteu-lhes na mão quatro conjuntos esterilizados de instrumentos cirúrgicos. Lembrou-se de que poderia precisar de determinados medicamentos e pegou em vários, mais em duas unidades de plasma. O capitão ajudou-o a vestir o casaco. Cruzaram a porta e entraram num jipe. Cinco minutos depois, paravam junto de um Sea Stallion com os motores já a trabalhar.

— Então? — perguntou Noyes ao coronel da espionagem militar, não sabendo quem era o chefe da tripulação.

— Vamos sobrevoar o estreito — explicou o coronel. — Temos de o desembarcar num submarino com feridos a bordo. Disporá de dois enfermeiros para o ajudar... e é tudo o que sei. Certo?

Tinha de estar certo. Como poderia escolher? O Stallion descolou imediatamente. Noyes voara muitas vezes no helicóptero. Levava duzentas horas a pilotar helicópteros, mais trezentas em aviões. Noyes era o género de médico que descobrira tarde de mais a atracção do voo, tão fascinante como a da medicina. Voava sempre que podia. Para voar num Phantom F-4 dispunha-se a ir a qualquer lado prestar assistência médica. O Sea Stallion voava na verdadeira acepção da palavra.

Estreito de Pamlico

O Pogy estacionou quando o helicóptero descolava de Cherry Point. O Outubro alterara novamente a rota para estibordo e parara a seu lado, apontando a norte. O Dallas parou atrás. Passado um minuto, o Zodiac reapareceu junto do Dallase aproximou-se lentamente do Outubro Vermelho, quase soçobrando ao peso da carga humana.

— Olá, Outubro Vermelho!

Desta vez foi Borodin quem respondeu. Tinha sotaque, mas o seu inglês era perceptível.

— Identifique-se.

— Sou Bart Mancuso, comandante do USS Dallas. Tenho um enfermeiro comigo e mais alguns homens. Peço autorização para entrar a bordo.

Ryan viu o starpom fazer um trejeito. Pela primeira vez, Borodin enfrentava a situação tal qual era e não se lhe poderia exigir que reagisse sem hesitar.

— Autorização... sim.

O Zodiac encostou à curva do casco. Um homem saltou para bordo com um cabo para prender o barco. Dez homens desembarcaram e um deles dirigiu-se logo à torre do submarino.

— Capitão? Sou Bart Mancuso. Informaram-me de que tem feridos a bordo.

— Sim — respondeu Borodin. — O comandante e um oficial britânico, feridos a tiro.

— A tiro? — repetiu Mancuso, surpreendido.

— Explico-lhe depois — cortou Ryan. — Eles agora precisam é de médico.

— Está bem. Onde é a escotilha?

Borodin falou pelo microfone da ponte e, segundos mais tarde, um círculo de luz surgiu na coberta, ao pé da torre.

— Não trouxemos médico, mas um enfermeiro muito bom. O do Pogy não tardará a aparecer. Quem é você, já agora?

— É um espião — disse Borodin com patente ironia.

— Jack Ryan.

— E o senhor?

— Capitão Vasily Borodin. Sou o... imediato, não é como se diz? Venha, comandante. Desculpe, estamos todos muito cansados.

— Não são os únicos. — O espaço era pequeno e Mancuso empolleurou-se na braçola. — Capitão, quero que saiba que nos vimos e desejámos para o localizar. A sua competência profissional merece ser elogiada.

O cumprimento não suscitou a resposta esperada de Borodin.

— Conseguiram localizar-nos... como?

— Eu trouxe-o comigo. Já lho apresento. — Que vamos fazer agora?

— As ordens de terra são para esperar que o médico chegue e l mergulhar. Ficaremos no fundo até recebermos ordens para navegar.

Um dia ou dois, talvez. Acho que todos podemos repousar. Depois, vamos levá-los para lugar seguro e eu faço questão de lhe oferecer o melhor jantar italiano que alguma vez comeu. — Mancuso sorriu. — Têm comida italiana na Rússia?

— Não, e se está habituado a comer bem, o Krazny Oktyabr não lhe vai agradar.

— Talvez possamos resolver isso. Quantos homens tem a bordo?

— Doze. Dez soviéticos, o inglês e o espião — disse Borodin, olhando Ryan com um sorriso discreto.

— Está bem. — Mancuso procurou no casacão e tirou um rádio do bolso. — Fala Mancuso.

— Estamos aqui, comandante — respondeu Chambers.

— Arranje comida para os nossos amigos. Seis refeições para vinte e cinco homens. Mande também um cozinheiro. Wally, quero oferecer a esta gente um banquete a sério. Percebeu?

— Muito bem, comandante. Terminado.

— Tenho bons cozinheiros, capitão. Uma pena que isto não tenha acontecido na semana passada. Havia lasagna à moda da mamã. Só faltava o Chianti.

— Eles têm vodca — observou Ryan.

— Só para espiões — disse Borodin. — Duas horas após o tiroteio, Ryan tremia muito e Borodin oferecera-lhe uma bebida do armário dos remédios.—Consta-nos que os homens do seu submarino são estragados com mimos.

— É possível — respondeu Mancuso. — Mas andamos no mar aos setenta dias de cada vez. É duro, não acha?

— E se descêssemos? — propôs Ryan. Todos concordaram. Arrefecia.

Borodin, Ryan e Mancuso desceram. Os americanos estavam a um lado do centro de controle e os soviéticos a outro, tal como antes. O comandante americano quebrou o gelo.

— Capitão Borodin, é este o homem que o descobriu. Vem cá, Jonesy.

— Não foi nada fácil, sir — disse Jones. — Posso começar a trabalhar? Posso ver o vosso centro de sonar?

— Bugayev! — Borodin chamou o seu oficial de electrónica.

O capitão-tenente guiou Jones até à popa. O operador de sonar deu uma olhadela ao equipamento e murmurou: “Escória”. As placas frontais tinham todas escapes de calor. Senhor, ainda usam válvulas? Jones tirou uma chave de fendas do bolso para se certificar.

— Fala inglês, sir?

— Um pouco.

— Posso ver os diagramas dos circuitos, por favor?

Bugayev pestanejou. Nunca um marinheiro, somente um dos seus michmany pedira semelhante coisa. Jones desdobrou o diagrama e verificou, aliviado, que eram ohms em todo o mundo. Percorreu a folha com o dedo e depois retirou o painel de cobertura para examinar o circuito.

— Escória, maxi-escória!

Jones surpreendera-se o bastante para não ter tento na língua.

— Desculpe, que quer dizer “escória”?

— Oh, desculpe, sir. É uma expressão que usamos na Marinha. Não sei como se diz em russo. Desculpe... — Jones conteve um sorriso e tornou a estudar o diagrama. — Sir, isto aqui é um circuito de alta frequência de alimentação reduzida, não é? Usam-no para minas e coisa parecida, não é?

Foi a vez de Bugayev se surpreender.

— Conhece o equipamento soviético?

— Não, sir, mas tenho ouvido falar. — Então não se estava mesmo a ver? — Sir, isto é um circuito de alta frequência, mas de baixa potência. Para que outra coisa pode servir? Um circuito de FM de baixa potência usa-se para minas, para operar debaixo de gelo, para atracar, não é?

— Correcto.

— Tem um “gertrude”, sir?

— Gertrude?

— Telefone submarino, sir, para falar com outros submarinos. Mas aquele tipo não sabia nada de nada?

— Ah, sim, mas é no centro de controle e está avariado.

— Compreendo...—Jones tornou a estudar o diagrama. — Acho que posso montar um modulador neste brinquedo e transformá-lo num gertrude. Faz sempre jeito. O seu comandante estará interessado, sir?

— Eu pergunto-lhe.

Esperava que Jones o largasse, mas o jovem operador de sonar seguiu-o até ao centro de controle. Bugayev explicou a sugestão a Borodin, enquanto Jones falava com Mancuso.

— Têm um pequeno circuito de FM que parece daqueles velhos gertrudes que havia na escola de sonar. Como temos um modulador a mais, lembrei-me de o montar. Trinta minutos no máximo, sem pressas.

— Concorde, capitão Borodin? — perguntou Mancuso.

Borodin sentiu-se indevidamente pressionado, mas a sugestão era, de facto, boa.

— Sim, está bem.

— Comandante, quanto tempo vamos ficar aqui? — perguntou Jones.

— Um dia ou dois. Porquê?

— Sir, este barco precisava de ter mais uns confortozinhos... Se eu trouxesse um televisor e um gravador? Assim sempre viam qualquer coisa, sempre lhes dávamos uma breve imagem dos EUA...

Mancuso riu. Queriam descobrir tudo o que pudessem acerca daquele barco, mas tinham muito tempo e a ideia de Jones parecia um bom processo de quebrar a tensão. Por outro lado, não estava interessado em incitar ao motim no seu próprio submarino.

— Está bem, traz um da sala de oficiais.

— Sim, comandante.

O Zodiac trouxe o enfermeiro do Pogy minutos mais tarde, e Jones seguiu no barco para o Dallas. A pouco e pouco, os oficiais começavam a conversar uns com os outros. Dois russos

tentavam falar com Mannion, muito interessados no seu cabelo. Nunca tinham visto um negro.

— Capitão Borodin, tenho ordens para levar uma peça do centro de controle que identifique... quer dizer, qualquer coisa que pertença a este barco — disse Mancuso. — Posso levar aquele indicador de profundidade? Um dos meus homens substituí-lo-á.

O instrumento tinha um número.

— Para quê?

— Não sei. São as ordens que tenho.

— Está bem — respondeu Borodin.

Mancuso ordenou a um dos seus chefes que desmontasse a peça. O chefe tirou do bolso uma chave inglesa e retirou a porca, segurando na agulha e no mostrador.

— É um pouco maior do que os nossos, comandante, mas não muito. Acho que temos um sobresselente. Posso instalá-lo e gravar as marcas, está bem?

Mancuso passou-lhe o rádio.

— Diz a Jonesy que o traga. — Muito bem, comandante.

O chefe tornou a pôr a agulha no sítio, depois de pousar o mostrador na cobertura.

O Sea Stldlion não tentou aterrar, embora o piloto tivesse vontade. A cobertura quase tinha espaço suficiente. O helicóptero pairou, assim, poucos metros acima do convés dos mísseis e o médico saltou para os braços de dois marinheiros. Os seus apetrechos foram lançados um momento depois. O coronel ficou no aparelho e fechou a porta de correr. O helicóptero rodou lentamente para sudoeste, o seu enorme rotor levantando espuma nas águas do estreito de Pamlico.

— Terei visto bem? — perguntou o piloto pelo intercomunicador.

— Estava às avessas, não estava? Eu julgava que os mísseis, nos submarinos, eram instalados atrás da torre. Estes estão à frente, não estão? E o leme espetado, não era? — perguntou o co-piloto, confuso.

— Era um submarino russo! — disse o piloto.

— Quê? — Já estavam longe de mais, a duas milhas de distância, para observarem novamente o barco. — Era a nossa gente que se encontrava na cobertura, não eram russos.

— Filho da mãe! — praguejou o major.

E não podia dizer nada! O coronel da divisão de espionagem fora bem explícito: “Você não vê nada, não ouve nada, não pensa nada e, claro, não diz nada.”

— Sou o doutor Noyes — disse o médico a Mancuso no centro de controle.

Nunca antes estivera num submarino. Olhou em redor e viu instrumentos com indicações em língua desconhecida.

— Que barco é este?

— O Krazny Oktyabr — disse Borodin, aproximando-se. No boné, usava uma estrela vermelha reluzente.

— Mas que é isto? — perguntou Noyes. — Onde é que eu estou? Que se passa?

— Doutor — Ryan tomou-lhe o braço —, tem dois doentes à popa. Por que não se preocupa antes com eles?

Noyes seguiu-o até à enfermaria.

— Que se passa aqui? — insistiu mais calmamente.

— Os russos perderam um submarino — explicou Ryan — e nós tomamos conta dele. Se disser a alguém...

— Compreendo, mas não acredito.

— Nem precisa. Qual é a sua especialidade?

— Cirurgia torácica.

— Ótimo. — Ryan entrou na enfermaria. — Tem um ferido a tiro que precisa muito de si.

Williams jazia nu em cima da mesa. Apareceu um marinheiro carregado de material cirúrgico e pousou-o em cima da secretária de Petrov. O armário do Outubro dispunha de plasma congelado e os dois enfermeiros já haviam posto a correr duas unidades na veia do tenente. Um dreno, no peito, escoava para um frasco de vácuo.

— Tem uma bala de nove milímetros no peito — disse um dos enfermeiros, após se ter apresentado e ao colega. — Está com o dreno há dez horas. O ferimento na cabeça não é tão grave como parece. A pupila um pouco dilatada, nada de especial, porém. O peito está mal, sir. É melhor auscultar.

— Sinais vitais? — perguntou Noyes, procurando na maleta o estetoscópio.

— Pulso cento e dez, e filiforme. Tensão, oito-quatro.

Noyes aplicou o estetoscópio ao peito de Williams e franziu o sobrolho.

— O coração está fora do sítio. Temos um pneumotórax esquerdo. Deve haver aqui duzentos e cinquenta centímetros cúbicos de líquido. Disto à insuficiência congestiva vai um passo. — Noyes virou-se para Ryan. — Toca a andar. Tenho um peito para abrir.

— Cuide bem dele, doutor. É um bom rapaz.

— São todos — observou Noyes, tirando o dólman. — Vamo-nos lavar, pessoal.

Ryan perguntou a si próprio se uma oração ajudaria. Noyes comportava-se como um cirurgião. Oxalá fosse... Dirigiu-se ao camarote do comandante, à popa, onde Ramius dormia sob o efeito dos medicamentos que lhe haviam dado. A perna deixara de sangrar; um dos enfermeiros tomara providências. Noyes tratá-lo-ia a seguir. Ryan dirigiu-se à proa.

Borodin sentia-se desapossado do comando, o que lhe desagradara, mas também constituía um alívio. Duas semanas de tensão constante, mais a alteração dos planos, uma provação para os nervos, tinham-no abalado mais do que julgaria possível. A situação era desagradável — os americanos tentavam ser amáveis, mas eram tão dominadores! Bem, pelo menos os oficiais do Outubro Vermelho não corriam perigo.

Vinte minutos depois, o Zodiac estava de volta. Dois marinheiros descarregaram algumas dezenas de quilos de alimentos congelados e ajudaram Jones a transportar os seus aparelhos electrónicos. Gastaram alguns minutos a arrumar tudo, e o marinheiro que levou a comida à popa reapareceu trémulo, de ter visto dois corpos rígidos e um terceiro congelado. Não houvera tempo de remover as duas últimas baixas.

— Trouxe tudo, comandante — disse Jones, entregando ao chefe o indicador de profundidade.

— Para que é tudo isto? — perguntou Borodin.

— Capitão, trouxe o modulador para fazer o gertrude. — Jones mostrou uma pequena caixa. — Isto é um receptor de TV a cores, um gravador de vídeo e uns filmes. O comandante lembrou-se de que os senhores poderiam querer distrair-se um pouco e conhecer-nos um pouco melhor também.

— Filmes? — Borodin abanou a cabeça. — Filmes do cinema?

— Claro — respondeu Mancuso, rindo. — Que foi que trouxeste, Jonesy?

— Trouxe o E. T., o Star Wars, o Big Jake e o Hondo.

Jones tivera sem dúvida cuidado ao escolher os aspectos da América que mostraria aos russos.

— Desculpe, capitão. Jones tem um gosto muito limitado no que respeita a cinema.

Naquela altura, Borodin teria aceite o Couraçado Potemkin. A fadiga vencia-o realmente.

O cozinheiro chegou à popa com um braçado de mercearias.

— Terei café pronto dentro de momentos, sir — disse a Borodin, a caminho da cozinha.

— Gostava era de comer qualquer coisa. Há um dia inteiro que nenhum de nós come nada — disse Borodin.

— Comida! — pediu Mancuso.

— Já vai, comandante. Deixe-me só ver onde estão as coisas nesta cozinha.

Mannion olhou o relógio.

— Vinte minutos, sir.

— Temos a bordo tudo o que é preciso?

— Temos, sir.

Jones instalou o modulador sem implicar o controle de impulso do sonar. Foi mais fácil do que previra. Trouxera um rádio-microfone do Dallase tudo o mais que era preciso, e ligou-o ao circuito de sonar, antes de alimentar o sistema. Esperou que o circuito aquecesse. Jones não via tantas válvulas juntas desde que reparara televisores com o pai, havia muitos anos.

— Dallas, fala Jonesy, estão a ouvir-me?

— Sim. — O som era arranhado, como o de um rádio de táxi.

— Obrigado. Terminado. — Jones desligou. — Funciona. Foi fácil” não foi?

Marinheiro uma treta! E não percebe mesmo nada do equipamento soviético, claro! Ao oficial de electrónica do Outubro nunca passara pela cabeça que aquele circuito era uma cópia quase exacta de um obsoleto sistema de FM americano.

— Há quanto tempo é operador de sonar?

— Há três anos e meio, sir. Desde que saí da faculdade.

— Aprendeu isto tudo em três anos? — perguntou o oficial, agastado.

Jones encolheu os ombros.

— Qual é o problema, sir? Brinco com rádios e coisas dessas desde miúdo. Importa-se que ponha música a tocar, sir?

Jones decidira ser particularmente simpático. Só tinha uma gravação de um compositor russo, a suite “Quebra-Nozes”, e trouxera-a consigo, mais quatro Bachs. Jones gostava de ouvir música enquanto estudava diagramas de circuitos. O jovem operador de sonar estava nas suas sete quintas. Todos os circuitos russos que escutara durante três anos tinha-os ali, agora, em diagrama, o equipamento todo e tempo para o estudar. Bugayev não tirava os olhos pasmados de Jones, cujos dedos interpretavam nas páginas do manual a música de Tchaikovsky.

— Horas de mergulhar — disse Mannion no centro de controle.

— Muito bem. Com sua licença, capitão Borodin, ajudá-lo-ei com as válvulas dos tanques de lastro. Todas as escotilhas e aberturas estão... fechadas.

O quadro de mergulho usava o mesmo painel de luzes que os barcos americanos, reparou Mancuso.

Mancuso examinou a situação uma última vez. Butler e os seus quatro subalternos mais qualificados cuidavam já da “chaleira” nuclear, à popa. A situação era muito boa, atendendo às circunstâncias. O único risco era o de os oficiais do Outubro mudarem de ideias. O Dallas manteria o submarino russo sob constante observação de sonar. Se tentasse fugir, o Dallas possuía uma vantagem de dez nós em velocidade de ponta e bloquearia o canal.

— Parece-me que estamos prontos para mergulhar, capitão — disse Mancuso.

Borodin confirmou de cabeça e fez soar o alarme. Era um besouro, como nos barcos americanos. Mancuso, Mannion e um oficial russo manobravam os complexos controles de

inundação dos tanques de lastro. O Outubro Vermelho começou a lenta descida. Cinco minutos depois, pousava no fundo, com vinte e três metros de água sobre a torre.

A Casa Branca

Pelt falava ao telefone com a Embaixada soviética, às três da manhã.

— Alex, fala Jeffry Pelt.

— Como está, doutor Pelt? Os meus agradecimentos e os do povo soviético pelo que fez para salvar o nosso marinheiro. Informaram-me há minutos de que já está consciente e que se espera recupere completamente.

— Sim, também fui informado disso. Como se chama ele, já agora? Teria acordado Arbatov? Não parecia.

— André Katyskin, cozinheiro, de Leninegrado.

— Muito bem. Alex, informaram-me de que o USS Pigeon salvou quase toda a tripulação de outro submarino soviético ao largo das Carolinas. Chamava-se, evidentemente, Outubro Vermelho. Estas são as boas notícias, Alex. Agora as más: o submarino explodiu e afundou-se antes que pudéssemos salvar toda a gente. A maior parte dos oficiais soviéticos e dois dos nossos morreram.

— Quando foi isso?

— Ontem de manhã, muito cedo. Lamento o atraso da notícia, mas o Pigeon teve problemas com o rádio por causa da explosão subaquática, dizem-me. Sabe que estas coisas acontecem.

— Claro. — Pelt teve de admirar a resposta, sem o menor vestígio de ironia. — Onde estão eles agora?

— O Pigeon navega para Charleston, na Carolina do Sul. Os seus compatriotas voarão directamente de lá para Washington.

— E o submarino explodiu? Tem a certeza?

— Absoluta. Um dos tripulantes disse que tiveram um grave acidente com o reactor. Foi uma sorte o Pigeon encontrar-se nas imediações. Navegava rumo à costa da Virgínia, à procura do outro que vocês perderam. Acho que a vossa Marinha está a precisar de uma volta, Alex...

— Transmitirei para Moscovo a sua opinião, doutor — respondeu secamente Arbatov. — Pode dizer-nos onde foi que isso aconteceu?

— Posso dizer-lhe mais; temos um submarino a recolher os destroços. Se quiser, um dos vossos marinheiros pode voar para Norfolk e, depois, nós levamo-lo ao sítio para ele confirmar o afundamento, Serve?

— Diz que perderam dois oficiais? — Arbatov procurava ganhar tempo, surpreendido com a oferta.

— Perdemos. Da equipa de salvamento. Retirámos de lá uma centena de homens, Alex — disse Pelt, na defensiva. — Foi qualquer coisa.

— Se foi, doutor Pelt. Terei de pedir instruções a Moscovo. Voltaremos a falar. Está no gabinete?

— Estou. Adeus, Alex. — Pelt desligou e olhou o presidente. — Que tal?

— Esforce-se por ser um pouco mais sincero, Jeff. — O presidente estava estendido num sofá de couro, com um roupão por cima do pijama. — Acha que eles engolirão esta?

— Engolem, pois. É evidente que vão querer confirmar a destruição do submarino. O

problema é se conseguiremos enganá-los.

— Foster pensa que sim. A encenação é bastante plausível.

— Hum... Bom! Temo-lo, não temos?

— Temos. Parece-me que essa história do agente do GRU é uma grande história. Por que foi que não o evacuaram com os outros?

— Quero ver esse comandante Ramius. Jesus! Não admira que tivesse posto toda a gente a fugir do submarino, depois de lhes ter pregado um susto com o rector!

O Pentágono

Tyler encontrava-se no gabinete do CNO, tentando descansar numa cadeira. O posto da guarda-costeira na enseada tinha enviado, de helicóptero, para Cherry Point e daí, num caça Phantom, para Andrews, uma videocassete que estava agora nas mãos de um mensageiro, cujo automóvel acabava de parar à entrada principal do Pentágono.

— Tenho uma encomenda para entregar em mão ao almirante Foster— anunciou um segundo-tenente, minutos mais tarde.

O secretário de Foster indicou-lhe a porta. —'Bom dia, Sir! Isto é para o senhor — disse o segundo-tenente, entregando a Foster a cassete embrulhada.

— Obrigado. Pode retirar-se.

Foster introduziu a cassete no gravador sobre o aparelho de televisão. As imagens não tardaram a aparecer no écran; o gravador estava pronto a funcionar.

Tyler encontrava-se de pé junto do CNO.

— Sim, senhor...

— Sim, senhor... — repetiu Foster.

A imagem era indiscutivelmente de má qualidade. O sistema de televisão de luz reduzida não dava contraste, pois amplificava toda a luz ambiente na mesma medida; perdiam-se os pormenores. O que viam, porém, era suficiente: um enorme submarino equipado com mísseis, com a torre muito mais à popa do que nos barcos ocidentais. À sua beira, o Dallas e o Pogy pareciam anões. Apreciaram as imagens em silêncio durante quinze minutos. Não fora a oscilação da câmara, o filme seria tão convincente como a gravação de um teste.

— Bem — disse Foster no fim —, você ofereceu-nos um submarino russo.

— Que tal? — respondeu Tyler, sorrindo.

— Você ia comandar o Los Angeles, não ia? —Ia, Sir.

— Ficámos-lhe a dever muito, comandante. MUITÍSSIMO. Outro dia, fiz umas investigações...

Um oficial acidentado em serviço não tem necessariamente que se reformar, a menos que fique inquestionavelmente incapaz para o serviço. Um acidente sofrido quando regressava do seu barco pode considerar-se em serviço, creio, e já tivemos comandantes a quem faltava uma perna. Falarei pessoalmente com o presidente, meu filho. Significaria um ano de actualização, mas se ainda quiser o seu comando, garanto-lhe que lho arranjo!

Tyler sentou-se a reflectir. Teria de usar uma perna nova, coisa em que andava a pensar há meses, à qual demoraria umas semanas, poucas, a adaptar-se. Depois um ano — um ano pelo menos — a reaprender tudo o que precisava saber antes de ir para o mar... Abanou a cabeça.

—Obrigado, almirante. Não imagina o que isso significa para mim... mas não. Agora já não. Tenho outra vida, outras responsabilidades e só iria tirar o lugar a outro. Olhe, se me deixar dar uma olhadela a esse submarino já me considero bem pago.

— Isso posso garantir-lhe.

Foster ansiara por aquela resposta, quase tivera a certeza de como Tyler responderia. Mas era uma pena. Tyler seria um bom candidato à sua esquadra, não fora a perna. Enfim, sabia-se que o mundo era injusto.

O “Outubro Vermelho”

— Vocês parecem ter tudo sob controle — observou Ryan. — Importam-se que eu vá chonar aí para um sítio qualquer?

— Chonar? — repetiu Borodin. — Dormir.

— Ah, pode ir para o camarote do doutor Petrov, em frente ao consultório médico.

A caminho da popa, Ryan entrou no camarote de Borodin e procurou a garrafa de vodca que tinha sido posta à disposição de quem quisesse. Não possuía grande paladar, mas era suave. O beliche de Petrov era estreito e duro. Ryan não quis saber. Tomou um bom gole e deitou-se vestido—o seu uniforme estava já tão sujo, tão engordurado... Adormeceu em cinco minutos.

O “Sea Cliff”

O sistema de renovação do ar não funcionava devidamente, concluiu o tenente Sven Johnsen. Se a sua constipação durasse mais uns dias, talvez não se tivesse apercebido. O Sea Cliff ultrapassara os três mil metros e só poderiam reparar o sistema à superfície. Não era perigoso — os sistemas de controle ambiental possuíam tantos circuitos alternativos como o Space Shuttle; era apenas uma maçada.

— Nunca mergulhei tão fundo — disse o capitão Igor Kaganovich, ; conversador.

Fora complicado trazê-lo até ali. Primeiro, um helicóptero Helix do Kiev para o Tarawa, depois um Sea King da Marinha dos EUA para Norfolk. Outro helicóptero levava-o ao USS Austin, que se dirigia para 33N 75W a vinte nós. O Austin era uma doca-pista flutuante, um grande barco cuja popa consistia num poço coberto. Servia geralmente como pista de aterragem para helicópteros, mas transportava naquele dia o Sea Cliff, um submarino de três lugares embarcado em sWoods Hole, Massachusetts.

— Custa um bocado a habituar — disse Johnsen—, mas, depois, tanto faz cento e cinquenta metros como três mil. Uma fractura do casco mata a qualquer profundidade, só que aqui em baixo dava menos trabalho às equipas de salvamento.

— Belos pensamentos, sir — disse o maquinista de primeira classe Jess Overton. — Nada no sonar, ainda?

— Nada, Jess.

Johnsen trabalhava com a maquinaria havia dois anos. O Sea Cliff era a paixão de ambos, um pequeno e desconfortável submarino de pesquisa usado principalmente em missões oceanográficas, incluindo a colocação e reparação de sensores do SOSUS. Num submarino de três lugares não havia espaço para disciplinas rigorosas. Overton não era um modelo de delicadeza nem de ilustração — pelo menos não era delicadamente instruído. A sua competência a manobrar o mini-submarino era, porém, inultrapassável, e Johnsen de boa vontade lhe cometia o encargo. Ao tenente cabia a responsabilidade de dirigir a missão.

— O sistema de ar precisa de ser reparado — observou Johnsen.

— Os filtros já deram o que tinham a dar. Ia fazer isso para a semana. Podia tê-los substituído esta manhã, mas achei que o circuito alternativo de controle era mais importante.

— Também acho. Que tal se porta o novo brinquedo?

— Como uma virgem.

O sorriso de Overton reflectiu-se no grosso vidro Lexan frente ao banco do piloto. A forma esquisita do Sea Cliff tornava-o difícil de manobrar. Era como se soubesse o que queria fazer, mas não propriamente como.

— Que tamanho tem a área do alvo?

— Muito. O Pigeon diz que depois da explosão os bocados se espalharam a perder de vista.

— Acredito. A quatro mil e oitocentos metros e com uma corrente a puxá-los...

— O submarino chamava-se Outubro Vermelho, não era, capitão? Um submarino de ataque da classe Victor, não foi o que disse?

— É como vocês lhe chamam — respondeu Kaganovich.

— E os senhores? — perguntou Johnsen.

Não obteve resposta. Mas que mania! Que interessava o nome da classe em russo?

— Vou ligar o sonar de localização.

Johnsen accionou vários sistemas e o Sea Cliff começou a pulsar com o som do sonar de alta frequência montado no seu bojo.

— Cá está o fundo.

O écran amarelo mostrava os contornos do leito a branco.

— Alguma coisa à nossa espera, Sir? — perguntou Overton. — Hoje não, Jess.

Um ano antes, operavam a poucas milhas daquele local, quase se tinham espetado num barco Liberty1, afundado cerca de 1942 por um submarino alemão. O casco ficara no ar, alçado por uma pesada rocha. A colisão teria sido fatal e ensinara prudência aos dois homens.

— Estou a receber retornos. Mesmo em frente, para a esquerda e para a direita. Mais cento e cinquenta metros até ao fundo.

— Está bem.

— Hum... Há uma grande massa aí com nove metros de comprimento e três ou três e meio de largura, a ocidente, a trezentos metros. Vamos ver o que é.

— Virar à esquerda e acender luzes.

Seis holofotes de alta potência envolveram imediatamente o submersível num globo de luz. A luz não penetrava mais de dez metros de água, sendo em grande parte absorvida.

— Cá estamos no fundo, como dizia, Mister Johnsen — anunciou Overton.

Interrompeu a descida e verificou a flutuabilidade. Praticamente neutra. Ótimo.

— Com esta corrente, as baterias ir-se-ão embora depressa.

— Qual é a força?

— Nó e meio, talvez dois. Depende dos acidentes do leito. Tal como no ano passado. Aguentámos uma hora, hora e meia no máximo.

Os oceanógrafos não se entendiam quanto a esta corrente profunda que parecia mudar de direcção de tempos a tempos, imprevisível Estranho. Quantas coisas estranhas no oceano! Por isso Johnsen se diplomara em oceanografia: para descobrir os segredos do mar. Eis um objectivo ao qual valia a pena dedicar a vida. Para Johnsen, trabalhar a quatro mil e oitocentos metros de profundidade não era trabalho.

— Estou a ver qualquer coisa a reluzir à nossa direita. Apanho-a?

— Se puderes...

Ainda não podiam ver do que se tratava nos três écrans de TV do Sea Cliff que recebiam

imagens a partir da proa, quarenta e cinco graus para a direita e para a esquerda.

Overton manobrou com a mão direita o braço manipulador. Era insuperável a comandá-lo.

— Vês o que é? — perguntou, ajustando os comandos do televisor.

— Parece um instrumento... Pode apagar o holofote número um, sir, Está a cegar-me.

— Posso.

Johnsen desligou o interruptor. O holofote número um fornecia luz à câmara da proa, que deixou imediatamente de funcionar.

— Pronto, vamos lá a ver se estás quietinha, pequena...

O maquinista manobrou com a mão esquerda os comandos da hélice direccional e com a direita o braço manipulador. Só ele agora podia ver o alvo. A cara de Overton reflectia-se no vidro, sorridente. A mão direita agiu rapidamente.

— Apanhei-o!

O braço manipulador agarrou o indicador de profundidade que um mergulhador fixara magneticamente à proa do Sea Cliff antes de largarem da doca flutuante do Austin.

— Pode tornar a acender a luz, sír.

Johnsen assim fez e Overton exibiu a sua presa diante da câmara da proa.

— Está a ver? Que será?

— Parece um indicador de profundidade. Mas não é nosso — disse Johnsen. — Que lhe parece, capitão?

— Da — respondeu logo Kaganovich, soltando um fundo suspiro e esforçando-se por mostrar desânimo. — É nosso. Não consigo ler o número, mas é soviético, sim.

— Põe-no no cesto, Jess — disse Johnsen.

— Está bem. — Manobrou o braço, colocando o indicador num cesto acoplado à proa. — Estamos a apanhar areia. Vamos subir ;um pouco.

Muito perto do fundo, as hélices do Sea Cliff revolviam a areia, turvando a água. Overton aumentou a potência dos motores e estabilizou a seis metros de profundidade.

— Assim é melhor. Está a ver a força da corrente, Mister Johnsen? Dois nós, para mais. Não podemos ficar aqui muito tempo. — A corrente puxara a nuvem de areia para bombordo, rapidamente. — Onde estará o submarino?

— A cerca de cem metros. Chegamo-nos o mais possível para vermos bem.

— Certo. Avante... Há ali qualquer coisa... Parece uma faca... Apanhamo-la?

— Não, não interessa.

— Distância?

— Sessenta metros. Não tardaremos a vê-lo.

Os dois oficiais viram-no nos televisores ao mesmo tempo que Overton. Uma imagem espectral a princípio, diluiu-se depois para de novo aparecer. Overton foi o primeiro a reagir.

— Diabo!

Tinha mais de nove metros de comprimento e parecia cilíndrico. Aproximavam-se dele por trás. Viram-lhe a boca e, no interior, quatro pequenos cones saídos cerca de trinta centímetros.

— É um míssil, comandante. Um raio de um míssil nuclear russo!

— Aguenta aí, Jess. — Está bem.

Overton inverteu os motores. Johnsen disse ao soviético:

— O senhor disse que era um Victor.

— Enganei-me — respondeu Kaganovich com um trejeito.

— Vamos vê-lo mais de perto, Jess.

O Sea Cliff avançou e pôs-se ao lado do míssil. A inscrição em cirílico era inconfundível.

embora estivessem longe de mais para ler os números de série. Um novo tesouro para Davey Jones, um Seahawk SS-N-20 com as suas oito ogivas de quinhentas quilotoneladas.

Kaganovich reteve a inscrição no corpo do míssil. Haviam-no informado sobre as características do Seahawk imediatamente antes de voar para o Kiev. Como oficial de informações estava mais ao corrente das armas americanas do que das soviéticas.

Que sorte! Os americanos tinham-lhe permitido viajar num dos seus mais recentes submarinos de pesquisas, cujos equipamentos já decorara, e trabalhavam para ele. O Outubro Vermelho deixara de existir. Restava-lhe agora transmitir a informação ao almirante Stralbo, no Kirov, e a esquadra poderia abandonar a costa americana. Que apareçam no mar da Noruega a fazer aí as suas manobras sujas! Lá se verá quem ganha!

— Assinala a posição, Jess.

Overton carregou num botão para soltar um emissor de sonar que respondia apenas a um sinal de código americano. O aparelho guiá-los-ia de novo até ao míssil. Voltariam mais tarde para o rebocar até à superfície.

—O míssil é propriedade da União Soviética — lembrou Kaganovich. — Está em... debaixo de águas internacionais. Pertence ao meu país.

— Então venha cá buscá-lo! — resmungou o marinheiro americano que, suspeitava Kaganovich, era um oficial disfarçado. — Desculpe, Mister Johnsen.

— Tornaremos a buscá-lo — disse Johnsen.

— Não conseguirão iça-lo — disse Kaganovich. — É pesado de mais.

— Talvez tenha razão — concordou Johnsen, sorrindo. Kaganovich concedeu aos americanos a pequena vitória. Podia ser pior. Muito pior.

— Vamos continuar à procura de destroços?

— Não, acho que nos vamos embora — decidiu Johnsen. — Mas as suas ordens...

— As minhas ordens, capitão Kaganovich, eram para procurar os destroços de um submarino da classe Victor. Ora, nós encontrámos o túmulo de um submarino equipado com mísseis. Mentiu-nos, capitão, e não temos de lhe fazer mais favores. Creio que já tem o que pretendia. Voltaremos mais tarde, a buscar o que nós queremos.

Johnsen soltou a alavanca antilastro. O Sea Cliff adquiriu quinhentos quilos de flutuabilidade positiva. Não poderiam permanecer por mais tempo no fundo, mesmo que quisessem.

— Para casa, Jess.

— Muito bem, comandante.

O regresso à superfície decorreu em silêncio.

O USS “Austin”

Uma hora mais tarde, Kaganovich subia à ponte do Ausiin e pedia ; autorização para enviar uma mensagem ao Kirov. A facilidade fora antecipadamente combinada, caso contrário o comandante do Austin teria recusado. Já toda a gente sabia o nome do submarino afundado. O oficial soviético transmitiu uma série de palavras em código, acompanhadas do número de série do indicador de profundidade. A recepção da mensagem foi imediatamente acusada.

Overton e Johnsen assistiram ao embarque do russo no helicóptero, com o instrumento na mão.

— Não gostei nada dele. Mister Johnsen. Capitão Kaganovich. O nome cheira-me mal.

Levámo-lo à certa, não?

— Foi. Quem nunca jogará cartas contigo sou eu, Jess.

O “Outubro Vermelho”

Ryan acordou, seis horas depois, escutando música que lhe pareceu vagamente familiar. Permaneceu deitado no beliche, tentando identificá-la, por um minuto. Então enfiou os pés nos sapatos e dirigiu-se à sala de oficiais.

Era o E. T. Ryan chegou ainda a tempo de ver os agradecimentos a desfilar no écran de treze polegadas, na extremidade da mesa. A maior parte dos oficiais russos e três americanos tinham visto o filme. Os russos esfregavam os olhos. Jack pegou numa chávena de café e sentou-se na outra ponta da mesa.

— Gostou?

— É magnífico! — proclamou Borodin. O tenente Mannion disse, rindo.

— É a segunda vez que o passámos.

Um dos russos começou a falar depressa na língua nativa. Borodin traduziu.

— Ele pergunta se todas as crianças americanas se comportam com tal... Bugayev, svobodnol

— Liberdade — traduziu Bugayev, incorrectamente, mas dando ideia do que o companheiro queria dizer.

— Eu nunca fui assim — disse Ryan, rindo. — Bem, mas o filme foi feito na Califórnia e a gente de lá é meio maluca. Na verdade, não. Os miúdos não se comportam assim... pelo menos eu nunca vi... e tenho dois. Por outro lado, educamos as nossas crianças para serem mais independentes do que as soviéticas.

Borodin traduziu e deu a resposta do russo.

— Então nem todos os jovens americanos são marginais?

— Alguns são. A América não é perfeita, meus senhores. Cometemos muitos erros.

Ryan estava decidido a contar o mais possível a verdade. Borodin voltou a traduzir. As reacções em redor da mesa eram um tanto incrédulas.

— Explique-lhes que este filme é a história de uma criança e não deve ser tomado demasiadamente a sério. É isso, não é?

—É, sim, senhor — respondeu Mancuso, que acabava de entrar. — É uma história para miúdos, mas já a vi cinco vezes. Seja bem-vindo, Ryan!

— Obrigado, comandante. Está tudo a correr bem, não é verdade?

— É. Acho que todos podemos aproveitar para descansar. Vou ter de dar outro louvor a Jonesy. Foi realmente uma boa ideia. — Apontou para a televisão. — Temos muito tempo para trabalhar.

Noyes entrou.

— Como está Williams? — perguntou Ryan.

— Recuperará. — Noyes encheu o seu copo. — A operação demorou três horas e meia. O golpe na cabeça era superficial. Sangrou muito, claro; os ferimentos na cabeça são assim. Mas o peito estava mal. A bala fálhou o pericárdio por um cabelo. Capitão Borodin, quem prestou os primeiros socorros ao homem?

O starpoom apontou para um tenente.

— Ele não fala inglês.

— Diga-lhe que Williams lhe deve a vida. Aquele tubo no peito salvou-o. Sem ele, teria morrido.

— Tem a certeza de que escapa? — insistiu Ryan.

— Claro que escapa, Ryan. Para que é que eu trabalho? Vai passar um mau bocado, claro, e estaria melhor num hospital, mas não há problema.

— E o comandante Ramius? — perguntou Borodin.

— Está bem. Ainda dorme. O tempo que eu gastei a cosê-lo! Pergunte ao seu tenente onde aprendeu primeiros socorros.

Borodin assim fez.

— Diz que gosta de ler tratados de medicina. — Que idade tem ele?

— Vinte e quatro.

— Diga-lhe que se quiser estudar medicina eu o ajudarei. Se ele sabe fazer o que é preciso na altura exacta, porque não há-de seguir a profissão?

O jovem oficial exultou com o comentário e perguntou quanto ganhava um médico na América.

— Eu estou na tropa, portanto não ganho muito. Quarenta e oito mil dólares por ano, além das deslocações. Cá fora podia ganhar muito mais.

— Na União Soviética — informou Borodin — os médicos ganham mais ou menos como os operários fabris.

— Talvez isso explique a razão pela qual os vossos médicos não são bons — observou Noyes.

— Quando poderá o comandante reassumir as suas funções? — perguntou Borodin.

— Hoje não se levanta — disse Noyes. — Não quero que recomece a sangrar. Amanhã já poderá pôr-se a pé. Com cuidado. Não convém que faça força na perna. Ficarà bom, meus senhores. Está um pouco fraco da perda de sangue, mas recuperará por completo.

Noyes falava com a convicção de quem cita leis da física.

— Estamos-lhe muito agradecidos, doutor — disse Borodin. Noyes encolheu os ombros.

— É para isso que me pagam. Posso fazer uma pergunta, agora? Que diabo se passa aqui?

Borodin riu e traduziu a pergunta para os camaradas.

— Vamos todos passar a ser cidadãos americanos.

— E trazem um submarino convosco, não é? Ah, marotos... Cheguei a pensar que isto era qualquer coisa como... qualquer coisa... Mas que romance! Suponho que não o posso contar a ninguém...

— Supõe muito bem, doutor — disse Ryan, sorrindo.

— Uma pena — murmurou Noyes, regressando à enfermaria.

Moscou

— Portanto, camarada almirante, conseguimos, não é verdade? — perguntou Narmonov.

— É verdade, camarada secretário-geral — confirmou Gorshkov, olhando em redor da mesa no centro de comando subterrâneo.

Estava perante o núcleo do Poder soviético, mais os chefes militares e o director do KGB.

— O oficial de informações do almirante Stralbo, o capitão Kaganovich, foi autorizado pelos americanos a examinar os destroços de bordo de um submersível de pesquisa oceanográfica. Recuperaram um indicador de profundidade. Estes instrumentos são numerados e

o número foi imediatamente transmitido para Moscou. Não há dúvida de que pertence ao Outubro Vermelho. Kaganovich viu também um míssil que se soltou do submarino. Era um Seahawk, sem a menor dúvida, O Outubro Vermelho já não existe. A nossa missão foi cumprida.

— Por acaso, camarada almirante, por acaso — disse Mikhail Alexandrov. — A nossa esquadra falhou na sua missão de localizar e destruir o submarino. Penso que o camarada Gerasimov tem informações para nós.

Nikolay Gerasimov era o novo chefe do KGB. Havia já apresentado o seu relatório ao Politburo e ansiava por apresentá-lo aos pavões de uniforme. Queria ver as suas reacções. O KGB tinha contas a ajustar com aqueles homens. Gerasimov resumiu o relatório que recebera de Cassius.

— Impossível! — exclamou Gorshkov.

— Talvez — concedeu delicadamente Gerasimov. — Há fortes probabilidades de tudo isto não passar de uma bem architectada manobra de desinformação; está a ser investigada pelos nossos agentes. Há, contudo, uns pormenores interessantes que tornam credível esta hipótese. Permita-me passá-los em revista, camarada almirante.

“Primeiro, por que motivo os americanos deixaram um dos nossos homens entrar a bordo de um dos seus mais sofisticados submarinos de pesquisa? Segundo, porque colaboraram connosco, salvando a vida do nosso marinheiro do Politovskiy e pondo-nos ao corrente de tudo? Deixaram-nos ver o nosso homem imediatamente. Porquê? Por que foi que não se serviram dele, por que foi que não o eliminaram depois? Sentimentalismo? Não me parece. Terceiro, salvaram este homem quando as unidades aéreas e navais americanas apossavam a nossa esquadra da maneira mais agressiva e ostensiva. Ora bem; mudaram repentinamente de atitude e, um dia depois, não se poupavam a esforços para nos ajudar na nossa operação de “busca e salvamento”.

— Porque Stralbo, inteligente e corajosamente, decidiu não responder às provocações — respondeu Gorshkov.

— Talvez — concordou Gerasimov, mais uma vez delicadamente. — Foi de facto uma decisão inteligente da parte do almirante. Não é fácil a um oficial engolir o seu orgulho. Por outro lado, também é possível que por essa altura os americanos tenham recebido a informação que Cassius os forneceu. Penso mesmo se os americanos não terão receado que suspeitássemos de que haviam perpetrado toda a operação através da CIA. Sabemos hoje que vários serviços secretos imperialistas se interrogam quanto aos motivos desta nossa operação naval.

“Nos últimos dois dias, fizemos algumas rápidas investigações. Descobrimos — Gerasimov consultou os apontamentos — que existem vinte e nove engenheiros polacos no estaleiro de submarinos de Polyarnyy, sobretudo no controle de qualidade e na inspecção, que não há cuidados nenhuns com o correio e com as mensagens, e que o comandante Ramius, ao contrário da ameaça que fez na carta para o camarada Padorin, não conduziu o submarino para o porto de Nova Iorque, encontrando-se mil quilómetros para sul quando o submarino foi destruído.

— Ramius quis, sem dúvida, despistar-nos — objectou Gorshkov. — Ramius enganou-nos deliberadamente. Colocámos a nossa esquadra ao longo de todos os portos americanos.

— E nunca o descobrimos — observou calmamente Alexandrov. — Continue, camarada.

— Fosse qual fosse o porto para onde se dirigisse, Ramius encontrava-se a mais de quinhentos quilómetros de qualquer deles, e sabemos que poderia ter entrado em qualquer um em rota directa. Na verdade, camarada almirante, como disse a princípio, Ramius poderia ter alcançado a costa americana sete dias após se ter feito ao mar.

“Para tanto, como expliquei detidamente na semana passada, teria de navegar à velocidade máxima. Ora, os comandantes de submarinos equipados com mísseis não gostam de andar à

velocidade máxima — disse Gorshkov.

— Compreendo — disse Alexandrov — se nos lembrarmos do que aconteceu ao Politovskiy. Mas não me admiraria que um traidor da Rodina tivesse fugido como um ladrão.

— Para a armadilha que lhe montámos — respondeu Gorshkov.

— E que falhou — comentou Narmonov.

—Eu não digo que esta história seja verdadeira ou sequer verosímil neste ponto — disse Gerasimov, sempre em voz cínica—, mas existem a apoiá-la provas circunstanciais bastantes para que eu recomende uma investigação aprofundada pelo Comité para a Segurança do Estado de todos os aspectos deste caso.

— A segurança nos meus estaleiros compete à Marinha e ao GRU —disse Gorshkov.

— Competia. — Narmonov anunciou a sua decisão tomada duas horas antes. — O KGB investigará este vergonhoso acontecimento em dois sentidos. Um grupo investigará a informação do nosso agente em Washington; o outro partirá do princípio de que a carta do — alegadamente do — comandante Ramius era autêntica. Se foi uma conspiração de traidores, só pôde ser possível porque Ramius, ao abrigo dos regulamentos e práticas correntes, tinha autoridade para escolher os seus oficiais. O Comité para a Segurança do Estado informar-nos-á sobre a conveniência de manter esta prática, o grau de controle que os comandantes dos barcos têm sobre as carreiras dos seus oficiais e o controle da Marinha pelo Partido. Penso que vamos começar as nossas reformas permitindo aos oficiais mudarem de barco com maior frequência. Quando ficam muito tempo num barco, os oficiais podem, como é evidente, fazer grandes confusões em matéria de lealdade.

— O que sugere destruirá a eficiência da minha esquadra! — protestou Gorshkov, desferindo um murro na mesa, contra o que considerava um erro.

— A esquadra do Povo, camarada almirante — corrigiu Alexandrov.— A esquadra do Partido.

Gorshkov sabia de onde vinha a ideia. Narmonov ainda tinha o apoio de Alexandrov. Isto reforçava a posição do camarada secretário-geral e abalava a dos outros homens ao redor da mesa. Que homens?

Padorin revoltou-se contra a sugestão do KGB. Que percebem esses malditos espíões acerca da Marinha? Ou do Partido? Eram todos uns oportunistas corruptos. Andropov bem o demonstrara, e o Politburo deixava agora aquele cachorro do Gerasimov atacar as Forças Armadas, que defendiam a nação contra os imperialistas, que a haviam protegido da clique de Andropov, que sempre tinham sido o inabalável apoio do Partido. Mas tudo bate certo, não é verdade?

Tal como Khrushchev depusera Zhukov, o homem que tornara a sua sucessão possível quando Beria fora eliminado, aqueles patifes ! lançavam agora o KGB contra os homens uniformizados que lhes haviam garantido as posições.

— Quanto a si, camarada Padorin — continuou Alexandrov.

— Sim, camarada académico...

Não havia para Padorin fuga possível. A Administração Política aprovara em definitivo a nomeação de Ramius. Se Ramius era, de facto, um traidor, Padorin seria condenado por um tremendo erro de avaliação; se Ramius funcionara como peão inconsciente, Padorin |e Gorshkov tinham sido induzidos a uma acção precipitada.

Narmonov pegou na deixa de Alexandrov.

— Camarada almirante, concluímos que as suas provisões secretas para defender a segurança do submarino Outubro Vermelho foram executadas com êxito... ou então foi o

comandante Ramius, inocente, quem afundou o barco juntamente com os seus oficiais e os americanos que tentavam, sem dúvida, roubá-lo. Em qualquer dos casos, (e embora o KGB não tenha ainda examinado os destroços recuperados, tudo indica que o submarino não caiu em mãos inimigas.

Padorin pestanejou vezes seguidas. O coração batia-lhe aceleradamente e doía-lhe o lado esquerdo do peito. Estaria a ser poupado? [Porquê? Levou um segundo a compreender. Ele era o comissário (político, apesar de tudo. Se o Partido procurava restabelecer o controle [político sobre a Marinha — não, reafirmar o que nunca perdera—, então o Politburo não podia permitir-se demitir o representante do Partido no alto comando. Passaria a ser vassalo daqueles homens, [em particular de Alexandrov, mas poderia viver com essa situação. Situação que tornava a posição de Gorshkov extremamente vulnerável. Embora só dali por vários meses, Padorin tinha a certeza de que a Marinha russa iria ter um novo chefe, cujo poder pessoal não seria bastante para governar sem aprovação do Politburo. Gorshkov tornara-se demasiado grande, demasiado poderoso, e os chefes do Partido não queriam ter um homem com tanto prestígio pessoal no alto comando.

Salvei a cabeça, pensou Padorin consigo, espantado com a sua sorte.

— O camarada Gerasimov — continuou Narmonov — trabalhará com a Secção de Segurança Política do seu gabinete na revisão das normas pelas quais se tem regido e para oferecer sugestões com vista ao seu aperfeiçoamento. Ia, então, ser agora o espião do KGB no alto comando? Bem, conservava a cabeça, o gabinete, a dacha e o direito à reforma dali a dois anos. O preço a pagar era pequeno. Padorin estava mais do que contente.

DÉCIMO SEXTO DIA

Sábado, 18 de Dezembro

A Costa Leste

O USS Pigeon chegou à sua doca de Charleston às quatro da manhã. Os tripulantes soviéticos, aquartelados no refeitório, haviam-se tornado incontrolláveis. Por muito que os oficiais russos se esforçassem por limitar os contactos entre os seus homens e os salvadores americanos, o isolamento era impossível. Numa palavra, tinham sido incapazes de conter o apelo da natureza. O Pigeon atascara os seus visitantes de estufado e a casa de banho mais próxima ficava a uns metros de distância, à popa. No trajecto, os tripulantes do Outubro Vermelho encontravam-se com os marinheiros americanos, alguns dos quais eram oficiais conhecedores da língua russa disfarçados de marinheiros, outros especialistas em russo do contingente geral que haviam chegado de avião, mal os soviéticos tinham entrado a bordo. O facto de se encontrarem num barco putativamente hostil e de terem conhecido homens afáveis que falavam russo fora superior às forças de muitos deles. As suas observações eram registadas em gravadores ocultos para ulterior exame em Washington. Petrov e os três subalternos tinham demorado a aperceber-se, mas, quando se aperceberam, passaram a acompanhar os homens à casa de banho, por turnos, como pais protectores. O que não podiam era impedir um oficial de informações fardado de contramestre de fazer uma oferta de asilo: quem quisesse ficar nos Estados Unidos, ficava. Dez minutos depois já a informação correra todos os tripulantes.

Chegada a vez de a tripulação americana comer, os oficiais russos não podiam proibir o contacto e, praticamente, não comiam, tão ocupados estavam em vigiar as mesas. Para total surpresa dos seus homólogos americanos, viam-se obrigados a declinar repetidos convites para a sala de oficiais do Pigeon.

O Pigeon atracou cuidadosamente. Não havia pressa. Quando a escada do portaló foi lançada, a banda, no cais, tocou uma selecção de temas soviéticos e americanos para sublinhar o carácter solidário da operação. Os soviéticos esperavam uma recepção discreta, dada a hora do dia; enganavam-se. Quando o primeiro oficial soviético chegou a meio da prancha foi ofuscado por cinquenta holofotes de televisão e pelas perguntas dos repórteres ansiosos, tirados da cama para receberem o barco salva-vidas e, assim, poderem elaborar uma bela reportagem, naquela época, a do Natal, para os noticiários da manhã. Os russos nunca antes se tinham encontrado com jornalistas europeus e

o choque cultural foi um caos absoluto. Os repórteres apoderavam-se dos oficiais, barrando-lhes o caminho, para consternação dos marines que tentavam dominar a situação. Os oficiais fingiam, todos, não entender uma palavra de inglês... mas um repórter precavido trouxera consigo um professor de russo da Universidade de South Carolina, na Colúmbia. Petrov gaguejou meia dúzia de lugares-comuns politicamente aceitáveis perante uma colecção de câmaras, desejando que tudo aquilo não passasse de um sonho. Demorou uma hora a embarcar os marinheiros russos nos três autocarros alugados para o efeito que os conduziram ao aeroporto. Ao longo do trajecto, automóveis e carrinhas cheias de jornalistas acompanhavam os autocarros, continuando a importunar os russos com holofotes e perguntas que ninguém entendia. No aeroporto, a cena não foi muito diferente. A Força Aérea mandara um VC-135 e os

russos tiveram de abrir caminho até ele por entre um mar de repórteres. Ivanov viu-se confrontado com um especialista em línguas eslavas que falava russo com um sotaque horrível. O embarque demorou outra meia hora.

Uma dezena de oficiais da Força Aérea sentou toda a gente, e distribuiu cigarros e garrafas-miniatura de bebidas alcoólicas. Quando o transporte VIP atingiu os seiscentos metros, já toda a gente ia satisfeita. Um oficial explicou-lhes, pelo sistema de intercomunicação, o que se ia passar. Seriam todos submetidos a exame médico. A União Soviética mandaria um avião buscá-los no dia seguinte, mas confiava-se em que ficassem mais um dia ou dois para desfrutarem da hospitalidade americana. A tripulação excedeu-se, contando aos passageiros a história de cada lugar, aldeia, vila, cidade, auto-estrada e parque de estacionamento no percurso, proclamando, através do intérprete, o desejo dos americanos de manterem relações pacíficas [e amigáveis com a União Soviética, expressando a admiração profissional da Força Aérea pela coragem dos marinheiros soviéticos e lamentando as mortes dos oficiais que valentemente haviam ficado para trás, permitindo aos seus homens que abandonassem o submarino. Toda esta obra-prima de mistificação se destinava a impressionar os russos e já se viam os resultados.

O avião sobrevoou a baixa altitude os subúrbios de Washington, a caminho da Base da Força Aérea de Andrews. O intérprete explicou que sobrevoavam casas da classe média, pertencentes a funcionários públicos e operários. Na pista aguardavam-nos três autocarros. Em vez de seguirem pela circunvalação, os autocarros atravessaram a cidade. Oficiais americanos pediam desculpa pelos engarrafamentos, explicando aos passageiros que praticamente todas as famílias americanas possuíam carro, muitas delas mais do que um, e que as pessoas só utilizavam o transporte público para evitar a maçada de conduzir. A maçada de conduzir o próprio automóvel! — pensou o marinheiro soviético, pasmado. Os comissários políticos poderiam dizer-lhes mais tarde que era tudo mentira, mas como negar os milhares de carros nas ruas? De certo não se tratava de uma encenação montada com uma hora de antecedência para consumo de um grupo de marinheiros... Ao atravessarem o sudeste de D. C. repararam que os negros tinham automóvel — mal havia espaço para os estacionar a todos! O autocarro desceu o Mall, enquanto os intérpretes manifestavam a esperança de que os passageiros pudessem ver os muitos museus existentes. O Museu do Ar e do Espaço guardava uma rocha trazida da Lua pelos astronautas da Apollo... Os soviéticos viram os joggers do Mall e os milhares de pessoas passeando. Discutiam animadamente quando os autocarros viraram para Bethesda, a norte, entrando na zona mais bonita do noroeste de Washington.

Em Bethesda, esperavam-nos equipas de televisão, emitindo em directo pelos três canais, e médicos e enfermeiros da Marinha norte-americana, sorridentes e amigáveis, que os conduziram ao hospital para exames de rotina.

Dez funcionários da Embaixada estavam presentes sem saberem como controlar o grupo politicamente incapazes de protestar contra a atenção prestada aos seus homens, ao abrigo do espírito de degelo. Tinham vindo médicos de Walter Reed e de outros hospitais públicos para fazerem um rápido e completo exame médico, sobretudo para detectarem envenenamento por radiação. Cada russo acabava por se encontrar a sós com um oficial da Marinha dos EUA, que delicadamente lhe perguntava se queria ficar nos Estados Unidos, salientando que, em caso afirmativo, deveria anunciar pessoalmente as suas intenções a um representante da Embaixada soviética — e, sim, poderia ficar. Para grande raiva dos funcionários da Embaixada, quatro homens tomaram essa decisão, tendo um deles voltado atrás após uma discussão com o adido naval. Os americanos tiveram o cuidado de gravar em vídeo cada uma das conversas para mais tarde poderem refutar acusações de intimidação.

Terminados os exames médicos — felizmente, os graus de exposição a radiações eram mínimos —, os homens tomaram uma refeição e deitaram-se.

Washington, D.C.

— Bom dia, senhor embaixador — disse o presidente.

Arbatov reparou que, mais uma vez, o Dr. Pelt se encontrava de pé ao lado do presidente, atrás da vasta secretária de estilo. Ia preparado para um encontro nada agradável.

— Senhor presidente, estou aqui para protestar contra a tentativa de rapto dos nossos marinheiros pelo Governo dos Estados Unidos.

— Senhor embaixador — respondeu o presidente em tom seco—, aos olhos de um antigo procurador o rapto é crime vil e repugnante, e o Governo dos Estados Unidos não admite que o acusem de tal prática... pelo menos, não neste gabinete! Nunca raptámos e nunca raptaremos pessoas. Está entendido, sir?

— Além do mais, Alex — disse Pelt, não tão solene—, os homens a quem se refere estariam hoje mortos se não fôssemos nós. Perdemos dois dos nossos para os salvar. Devia, ao menos, estar agradecido pelos esforços que desenvolvemos para salvar a vossa tripulação e exprimir alguma simpatia pelos americanos que perderam a vida.

— O meu Governo reconhece o esforço heróico dos vossos dois oficiais e quer sinceramente exprimir o seu apreço e o do povo soviético pela operação de salvamento. Isso não obsta, meus senhores, a que eu proteste contra esforços deliberados para induzir alguns dos nossos homens a trair o seu país.

— Senhor embaixador, quando a vossa traineira salvou a tripulação do nosso avião-patrolha, no ano passado, oficiais das Forças Armadas soviéticas ofereceram-lhe dinheiro, mulheres e outros reбуçados se ela quisesse dar informações e ficar em Vladisvostok, não é verdade? Não me diga que não sabe. Sabe muito bem como as coisas se passam. Ora, nós não protestámos, pois não? Não, estávamos gratos ao Governo soviético por ter salvo os nossos seis compatriotas, que voltaram ao serviço, claro. Nunca esquecemos a gratidão devida pelas vossas preocupações humanitárias dirigidas a cidadãos americanos. Neste caso, os vossos homens foram individualmente informados de que poderiam ficar, se quisessem. Não forçámos ninguém fosse de que maneira fosse. Os que quisessem ficar teriam de informar disso um funcionário da vossa Embaixada para que este pudesse explicar-lhes o erro que cometiam. Não foi isto correcto, senhor embaixador? Não lhes oferecemos dinheiro nem mulheres. Não compramos pessoas e nunca raptamos ninguém. Raptores meti-os eu na cadeia. Condenei mesmo um à morte. Não torne a fazer-me semelhante acusação — concluiu o presidente, severo.

— O meu Governo insiste em que todos os nossos homens sejam repatriados — voltou Arbatov.

— Senhor embaixador, qualquer pessoa, nos Estados Unidos, independentemente da sua nacionalidade ou do modo como entrou no país, tem direito à protecção da nossa lei. Os nossos tribunais assim o decidiram em múltiplas ocasiões e, segundo a nossa lei, nenhum homem nem nenhuma mulher pode ser obrigado a fazer seja o que for contra a sua vontade, salvo por sentença. O assunto está encerrado. Agora tenho uma pergunta para si. Que fazia um submarino equipado com mísseis a trezentas milhas da costa americana?

— Um submarino equipado com mísseis, senhor presidente? Pelt pegou numa fotografia da secretária do presidente e passou-a a Arbatov. Tirada do gravador do Sea Cliff, mostrava o míssil

balístico SS-N-20.

— O nome do submarino é... era Outubro Vermelho — disse Pelt — Explodiu e afundou-se a trezentas milhas da costa de South Carolina. Alex, há um acordo firmado entre os nossos dois países, segundo o qual barcos desse tipo não podem aproximar-se a mais de quinhentas milhas, oitocentos quilómetros, da costa do outro país. Queremos saber o que fazia aqui o submarino. E não venha dizer-nos que este míssil é uma falsificação porque, mesmo que quiséssemos, não teríamos tido tempo de nos metermos em brincadeira de tanto mau gosto. Este míssil é vosso, senhor embaixador, e o submarino tinha mais dezanove como este. — Pelt citou de propósito um número errado. — E o Governo dos Estados Unidos pergunta ao Governo da União Soviética como pôde isto acontecer, em violação do nosso acordo e com tantos outros barcos soviéticos tão perto da nossa costa atlântica.

— Só pode ser o submarino que se perdeu—sugeriu Arbatov.

— Senhor embaixador — disse o presidente em voz calma —, o submarino só se perdeu na quinta-feira, sete dias depois de o senhor nos ter falado nisso. Em resumo, senhor embaixador, a sua explicação de sexta-feira não coincide com os factos que estabelecemos, com provas palpáveis.

— Está a acusar-nos de quê? — perguntou Arbatov rudemente.

— De nada, Alex. Se o acordo já não funciona, não funciona, pronto. Discutimos essa possibilidade na semana passada, creio. O povo americano ficará a saber ainda hoje o que se passou. O senhor já está suficientemente familiarizado com o nosso país para imaginar qual vai ser a reacção. Exijo uma explicação. Para já, não vejo motivo para a vossa esquadra assediar a nossa costa. A operação de “salvamento” foi concluída com êxito e a permanência da esquadra soviética aqui só pode ser vista como uma provocação. Gostaria que o senhor e o seu Governo imaginassem aquilo que os meus comandantes militares estão a dizer-me... ou, se preferir, aquilo que os vossos comandantes dirão ao secretário-geral Narmonov se a situação se inverter. Exijo uma explicação, caso contrário só posso chegar a uma de duas ou três conclusões... conclusões que eu preferiria rejeitar em bloco. Transmita esta mensagem ao seu Governo e diga-lhe que, como alguns dos vossos homens decidiram ficar cá, não tardaremos a descobrir o que realmente aconteceu. Bom dia.

Arbatov abandonou o gabinete e virou à esquerda para sair pela entrada ocidental. Um marine segurou-lhe a porta, gesto de delicadeza com má vontade. O motorista do embaixador, que o esperava ao lado de um Cadillac, abriu-lhe a porta do carro. O motorista era o chefe da Secção de Espionagem Política do posto daquela organização em Washington.

— Então? — perguntou, atento ao trânsito em Pennsylvania Avenue, antes de virar à esquerda.

— Então, a reunião correu exactamente conforme eu previa e ficámos a saber por que motivo querem raptar os nossos homens — respondeu Arbatov.

— E qual é, camarada embaixador?

O motorista ocultou a sua irritação. Anos atrás, aquele palerma não se atreveria a fornecer informações a conta-gotas a um qualificado funcionário do KGB. Terrível o que acontecera ao Comité para a Segurança do Estado, depois da morte do camarada Andropov. Mas as coisas voltariam ao sítio, tinha a certeza.

— O presidente acusa-nos apenas de termos enviado deliberadamente o submarino para a costa americana, em violação do acordo secreto de 1979. E ficam com os nossos homens para os interrogar, para lhes abrirem as cabeças, e assim descobrirem quais eram as ordens do submarino. Quanto tempo levará a CIA a fazer isso? Um dia? Dois? — Arbatov abanou a cabeça, furioso. —

Se calhar já sabem. Umhas drogas, umas mulheres, talvez, para lhes soltar as línguas... O presidente também convida Moscou a imaginar o que os loucos do Pentágono lhe dizem que pense! E que faça. Está-se mesmo a ver! Dizem-lhe que fazemos o ensaio de um ataque nuclear de surpresa — se calhar que é mesmo um ataque a sério! Como se nós não lutássemos mais do que eles pela coexistência pacífica! Idiotas desconfiados! Estão cheios de medo por causa do que aconteceu, e furiosíssimos. Sobretudo furiosos.

— E poderemos censurá-los, camarada? — perguntou o motorista, assimilando tudo, analisando, compondo o seu relatório para o Centro, em Moscou.

— E disse também que já não havia motivo para a presença da nossa esquadra ao largo da costa americana.

— Como foi que ele disse? Exigiu a retirada dos barcos?

— Não, as suas palavras foram muito cordatas. Mais do que eu esperava, o que me preocupa. Eles andam a tramar alguma. Prefiro ladrões de botas a ladrões em meias. Ele exige uma explicação. Que lhe vou eu dizer? Que foi que aconteceu realmente?

— Suspeito de que nunca viremos a saber.

O agente sabia — a história original, incrível como era. Que a Marinha e o GRU pudessem ter deixado que semelhante coisa acontecesse espantava-o. A versão do agente Cassius pouco menos inacreditável era. O motorista transmitira-a para Moscou. Seria possível que os Estados Unidos e a União Soviética fossem vítimas de uma terceira parte? Uma operação descontrolada e os americanos a tentar descobrir quem era o responsável e como actuara para eles próprios experimentarem? Sim, isso fazia sentido, mas o resto? Franziu o sobrolho. Tinha ordens do Centro: se aquilo era uma operação da CIA deveria pôr(tudo em pratos limpos imediatamente. Não era possível. Se fosse, a CIA descuidava-se muito em protegê-la. Seria, por outro lado, possível cobrir operação tão complexa? Não. De qualquer modo, ele e os seus colegas esforçar-se-iam durante semanas por furar uma eventual cobertura, por descobrir o que se dizia em Langley, enquanto outras secções do KGB fariam o mesmo através do mundo. Se a CIA se tinha infiltrado no alto comando da Esquadra do Norte, descobri-lo-ia. Disso não tinha dúvidas. Quase desejava que o tivessem feito. O GRU seria responsável pela tragédia e cairia em desgraça, depois de ter aproveitado da perda de prestígio do KGB, anos atrás. Se bem entendia a situação, o Politburo dava carta branca ao KGB em detrimento do GRU e dos militares para iniciar uma investigação autónoma do caso. Independentemente do que viesse a ser descoberto, o KGB colheria os louros e deixaria as Forças Armadas de calças na mão. De uma maneira ou de outra, a sua organização descobriria o que acontecera e se, com isso, pudesse prejudicar os seus rivais, tanto melhor...

Quando a porta se fechou sobre o embaixador soviético, o Dr. Pelt abriu uma porta lateral na Sala Oval. O juiz Moore entrou.

— Senhor presidente, há quanto tempo não escutava atrás das portas!

— Está mesmo convencido de que isto vai resultar? — perguntou Pelt

— Sim, agora estou.

Moore sentou-se confortavelmente num sofá de couro.

— Não será um pouco temerário, juiz? — perguntou Pelt. — Dirigir uma operação assim tão complexa?

— Aí é que está, doutor. Nós não dirigimos nada; os soviéticos encarregam-se disso por nós. Claro que teremos muitos dos nossos a fazer perguntas pela Europa de Leste. O mesmo acontecerá com os homens de Sir Basil. Os franceses e os israelitas já estão em campo porque lhes perguntámos se sabiam o que se passava com o míssil desgarrado. O KGB não tardará a

descobrir que nos mexemos e perguntar-se-á a razão pela qual os quatro principais serviços secretos do Ocidente andam a fazer as mesmas perguntas... em vez de se refugiarem nas suas conchas, como seria de esperar se fôssemos nós os autores da operação.

“Devemos ter em conta o dilema que os soviéticos enfrentam: têm de optar entre dois cenários, qual deles o menos atraente. Por um lado, acreditar que um dos seus oficiais mais dignos de confiança cometeu alta traição de uma maneira sem precedentes. Já viram a nossa ficha sobre o comandante Ramius. A versão comunista de um escuteiro, o genuíno Novo Homem Soviético. Além disso, uma conspiração deste tipo envolve necessariamente outros oficiais não menos dignos de confiança. Os soviéticos não conseguem admitir que homens deste género alguma vez pensem em abandonar o Paraíso dos Trabalhadores. É paradoxal, admito-o, dado os esforços extremos que desenvolvem para impedir que as pessoas saiam do país, mas é verdade. Perder um bailarino ou um agente do KGB é uma coisa; perder o filho de um membro do Politburo, um oficial com quase trinta anos de serviço imaculado, é outra, muito diferente. Um comandante da Marinha usufrui de muitos privilégios; uma deserção assim equivale à de um milionário vindo do nada que deixe Nova Iorque para viver em Moscou. Os soviéticos jamais poderão acreditar em semelhante coisa.

“Por outro lado, poderão acreditar na história que lhe vendemos através de Henderson, a qual, embora pouco atraente, também é apoiada por muitas provas circunstanciais, sobretudo os nossos esforços para convencermos os tripulantes soviéticos a desertar. Viram como eles ficaram furiosos, por causa disso. No entender deles, é uma violação grosseira das regras do comportamento civilizado. A reacção enérgica do presidente à nossa descoberta de que se tratava de um submarino equipado com mísseis reforça também a versão de Henderson.

— Afinal vão acreditar em quê? — perguntou o presidente.

— Isso, sir, é sobretudo uma questão de psicologia, e a psicologia soviética é para nós muito difícil de entender. Entre a traição colectiva de dois homens e uma conspiração externa, penso que optarão pela última. Acreditar que se tratou realmente de uma deserção obrigá-los-á a reexaminar as suas próprias crenças. Quem gosta de fazer isso? — Moore teve um gesto eloquente. — A última alternativa significa que a segurança deles foi violada por estranhos, mas ser vítima é mais suportável do que ter de reconhecer as contradições intrínsecas da filosofia porque se governam. E, acima de tudo, temos o facto de que será o KGB a dirigir a investigação.

— Porquê? — perguntou Pelt, entusiasmado com a argumentação do juiz.

— Em qualquer dos casos, uma deserção ou uma infiltração na segurança operacional naval, o GRU será o responsável. A segurança das forças navais e militares pertence ao GRU, ainda mais agora, depois da desorientação que a morte do nosso amigo Andropov causou no KGB. Os soviéticos não podem ter uma organização a investigar-se a si própria; a estrutura dos seus Serviços Secretos jamais o permitiria. Portanto, o KGB procurará derrotar o seu rival. Para o KGB, uma instigação do exterior é, de longe, a alternativa mais atraente; significa uma operação de outra envergadura. Se confirmarem a história de Henderson e convencerem toda a gente de que é verdadeira— e convencerão, claro—, sentir-se-ão com outro moral por a terem desmascarado.

— E confirmarão a história?

— Claro que confirmarão! No mundo da espionagem, quando se procura esforçadamente uma coisa acaba-se por descobri-la, quer exista quer não. Meu Deus, devemos a este Ramius mais do que ele poderá imaginar. Uma oportunidade como esta aparece uma vez de cem em cem anos! Não podemos perdê-la em absoluto!

— Mas o KGB sairá reforçado—observou Pelt—Isso é bom? Moore encolheu os ombros.

— Pode vir a ser. A deposição e, quem sabe, o assassinio de Andropov deu às Forças Armadas demasiado prestígio, tal como aconteceu com Beria, nos anos 50. Os soviéticos dependem do controle político dos seus militares tanto quanto nós... mais do que nós. Se o KGB tomar a seu cargo o trabalho sujo de envenenar o alto comando, tanto melhor. Teria de acontecer de uma maneira ou de outra; a nós compete aproveitar a oportunidade. Só nos resta fazer mais umas coisas.

— Como por exemplo?—perguntou o presidente.

— O vosso amigo Henderson vai dizer-lhes dentro de mais ou menos um mês que tínhamos um submarino a seguir o Outubro Vermelho desde a Islândia.

— Mas porquê? — objectou Pelt. — Assim ficarão a saber que estávamos a mentir, que todo o barulho que fizemos à volta do submarino era fictício.

— Não exactamente, doutor —Adisse Moore. — Um submarino equipado com mísseis tão perto da nossa costa constitui uma violação do acordo e, do ponto de vista deles, nós não temos maneira de saber as razões por que se encontrava aqui... antes de interrogarmos os tripulantes, que provavelmente nos dirão pouco. Os soviéticos estão convencidos de que não fomos absolutamente sinceros com eles neste caso. O facto de termos perseguido o submarino e de estarmos preparados para o destruir em qualquer altura demonstra-lhes a nossa duplicidade, aquilo de que têm andado à procura. Vamos também dizer-lhes que o Dallas registou o incidente com o reactor no sonar, o que explicará a proximidade do nosso barco de salvamento. Eles sabem, pelo menos suspeitam, de que lhes escondemos qualquer coisa. Isto iludi-los-á quanto àquilo que realmente lhes ocultamos. Os russos têm uma expressão para caracterizar estas situações... Carne do Lobo. Vão lançar uma operação em larga escala para se infiltrarem na nossa, seja qual for. Mas não descobrirão nada. As únicas pessoas na CIA que sabem realmente a verdade são Greer, Ritter e eu próprio. Os nossos operacionais têm ordens para descobrir o que se passa e mais do que isso não poderão revelar.

— E Henderson? — perguntou o presidente. — E quanta gente sabe do submarino?

— Se Henderson lhes revelar seja o que for, assinará a sua própria sentença de morte. O KGB não perdoa aos agentes duplos e não acreditará que convencemos Henderson a fornecer informações falsas. Ele sabe disso e, de qualquer modo, vigiá-lo-emos de perto. Quantas pessoas sabem do submarino? Uma centena, talvez. Número que aumentará um pouco... mas não se esqueçam de que eles pensam que se afundaram dois submarinos soviéticos ao largo da costa e de que têm todas as razões para acreditar que qualquer equipamento de um submarino soviético que apareça nos nossos laboratórios foi recuperado no leito oceânico. Vamos evidentemente reactivar o Glomar Explorer com esse objectivo. Desconfiariam se o não fizéssemos. Para quê desapontá-los? Mais tarde ou mais cedo, acabarão por perceber tudo, mas, por essa altura, já o casco nu estará no fundo do mar.

— Portanto, não poderemos guardar indefinidamente segredo? — perguntou Pelt.

— Indefinidamente é muito tempo. Temos de nos prevenir para o que der e vier. De momento, creio que o segredo pode ser razoavelmente guardado. Está apenas de posse de uma centena de pessoas, mais ou menos. Dentro de um ano, mais provavelmente dentro de dois ou três, talvez já eles tenham acumulado dados suficientes para suspeitarem do que aconteceu; nessa altura, porém, não disporão de provas físicas para exhibir. Além disso, se o KGB descobrir a verdade quererá revelá-la? Se for o GRU a descobri-la, certamente a revelará e o caos resultante no mundo da espionagem soviética só nos servirá de proveito. — Moore tirou um charuto de uma charuteira de couro. — Como disse, Ramius deu-nos uma oportunidade fantástica a vários níveis. E o mais fantástico é que não precisamos de nos cansar muito. Os russos farão todo o

trabalho, à procura de algo que não existe.

— E os desertores, juiz? — perguntou o presidente.

— Tomaremos conta deles, senhor presidente. Sabemos como se faz e raramente recebemos queixas da hospitalidade da CIA. Vamos levar uns meses a interrogá-los e, ao mesmo tempo, prepará-los-emos para a vida na América. Receberão novas identidades, serão reeducados, farão cirurgia plástica se necessário e nunca mais precisarão de trabalhar enquanto viverem... mas vão querer trabalhar. Quase todos eles. Espero que a Marinha os coloque como consultores pagos no Departamento de Guerra Submarina, por exemplo.

— Quero falar com eles — disse o presidente num impulso.

— Com certeza, sir, mas terá de ser um encontro discreto — preveniu Moore.

— Em Camp David será com certeza discreto. E, juiz, quero que Ryan trate disso.

— Muito bem, sir. Já o mandámos regressar sem demora. Terá um grande futuro connosco.

Tyuratam, URSS

A razão pela qual o Outubro Vermelho recebera ordens para mergulhar antes do alvorecer orbitava a terra a uma altitude de oitocentos quilómetros. Do tamanho de um Greyhound, o Albatroz 8 fora colocado no espaço onze meses atrás por um foguetão lançado do Cosmódromo de Tyuratam. O pesado satélite, chamado um RORSAT — satélite de radar de reconhecimento oceânico —, fora especificamente concebido para a vigilância marítima.

O Albatroz 8 passou sobre o estreito do Pamlico às 11 e 31 locais. O seu equipamento estava programado para detectar receptores térmicos sobre o horizonte visível, interrogando tudo à vista e registando qualquer assinatura que se integrasse nos seus parâmetros de busca. Quando passou sobre unidades da esquadra norte-americana, os aparelhos de interferência do New Jersey foram apontados para cima, a fim de perturbarem o seu sinal. Os sistemas de gravação do satélite registaram a interferência, que elucidaria, em parte, os operadores sobre os sistemas de guerra electrónica americanos. Quando o Albatroz 8 cruzou o pólo, o seu disco parabólico captou o sinal de outro satélite de comunicações, o Iskra.

Quando o satélite de reconhecimento localizou o seu primo, orbitando a maior altitude, o emissor laser transmitiu-lhe o conteúdo das gravações do Albatroz. O Iskra comunicou imediatamente a mensagem para a base de Tyuratam. O sinal foi também recebido por um disco de quinze metros localizado na China Ocidental, operado pela Agência Nacional de Segurança dos EUA, em cooperação com os chineses, que utilizavam os dados recebidos para os seus próprios fins. Os americanos transmitiram-nos através do seu próprio satélite de comunicações para o quartel-general, nos EUA, em Fort Meade, Maryland. Ao mesmo tempo, o sinal digital era examinado por duas equipas de peritos separadas por oito mil quilómetros.

— Bom tempo — resmungou um técnico. — Agora temos bom tempo!

— Goza-o enquanto puderes, camarada.

O seu vizinho na consola seguinte examinava dados de um satélite meteorológico geossincrónico que orbitava o hemisfério ocidental. O reconhecimento do tempo num país hostil pode ter grande valor estratégico.

— Há outra frente fria a aproximar-se da costa deles. O Inverno, lá, tem sido como o nosso. Oxalá estejam a gostar.

— Quem não gosta são os nossos homens no mar.

O técnico quase estremeceu só de se imaginar nas águas no meio de uma tempestade.

Navegara no mar Negro, no Verão anterior, e ainda sentia náuseas só de pensar nisso.

— Olá! Que é isto? Coronel! — Sim, camarada?

O coronel que supervisava a equipa de serviço aproximou-se rapidamente.

— Veja isto, camarada coronel. — O técnico percorreu com o dedo o écran de TV. — Isto é o estreito de Pamlico, na costa central dos Estados Unidos, Veja, camarada...

A imagem térmica da água no écran era escura, mas quando o técnico a ajustou nos comandos surgiu verde com duas listras brancas, uma maiordo que a outra. A que tinha um dedo de tamanho dividiu-se em dois segmentos. A imagem era da superfície da água e parte desta estava meio grau mais quente do que deveria estar. A diferença não era constante, mas impunha-se o suficiente para demonstrar que algo aquecia a água.

— O sol, talvez? — sugeriu o coronel.

— Não, camarada, o céu está limpo e permite que o sol incida sobre toda a área — disse calmamente o técnico.

Mostrava-se sempre calmo quando pensava ter descoberto alguma coisa.

— Dois submarinos, talvez três, trinta metros abaixo da superfície.

— Tem a certeza?

O técnico accionou o interruptor para obter a imagem de radar, que exhibia somente pequenas ondas, como um tecido canelado.

— Não há nada sobre a água que provoque este calor, camarada coronel. Deve ser, portanto, algo debaixo de água. Nesta época do ano não há acasalamento de baleias. Só podem ser submarinos nucleares, provavelmente dois, talvez três. É possível, coronel, que os americanos se tenham alarmado com a manobra da nossa esquadra, a ponto de procurarem abrigo para os seus submarinos nucleares. A base americana de submarinos equipados com mísseis fica a poucas centenas de quilómetros para sul. Talvez um dos seus barcos da classe Ohio se tenha abrigado aqui, protegido por um submarino de detecção, como acontece com os nossos.

— Então não tardará a mexer-se. A nossa esquadra recebeu ordens para regressar.

— Uma -pena. Seria bem perseguido. É uma rara oportunidade, camarada.

— Pois é. Parabéns, camarada académico.

Dez minutos mais tarde, os dados eram transmitidos para Moscovo.

Alto Comando Naval Soviético

— Não vamos perder esta oportunidade, camarada—'disse Gorshkov. — Mandamos regressar a nossa esquadra e deixaremos vários submarinos para trás, a fazer espionagem electrónica. Os americanos dar-nos-ão certamente várias oportunidades no meio da confusão.

— É muito provável — disse o chefe de operações.

— O Ohio navegará para sul, para a base de submarinos de Charleston ou Kings Bay. Ou para norte, para Norfolk. Temos o Konovalov em Norfolk e o Shabilikov ao largo de Charleston. Ficarão lá os dois por vários dias, penso. Temos de fazer qualquer coisa para mostrar aos políticos que possuímos uma Marinha a sério. Se formos capazes de seguir o Ohio, já não será mau.

— Transmitirei as ordens dentro de quinze minutos.

O chefe de operações achava uma boa ideia. Não gostara do relato da reunião do Politburo que Gorshkov lhe fizera... apesar de estar em boa posição para tomar conta do cargo se Sergey fosse afastado...

O “New Jersey”

A mensagem RED ROCKET chegara às mãos de Eaton momentos antes: Moscou acabava de transmitir uma ordem operacional, via satélite, à esquadra soviética. Os russos estavam agora verdadeiramente encurralados, pensou o comodoro. Tinham à volta deles três grupos de batalha com porta-aviões — o Kennedy, o America e o Nimitz — sob o comando de Josh Painter. Eaton podia vê-los e controlava operacionalmente o Tarawa, que se integrava, assim, no seu grupo de acção de superfície. O comodoro apontou o binóculo ao Kirov.

— Comandante, mande ocupar posições de combate.

— Muito bem.

O oficial de operações do grupo pegou no microfone do rádio táctico.

— Rapazes Azuis, aqui Rei Azul. Luz Âmbar, Luz Âmbar, executem. Terminado.

Eaton esperou quatro segundos pelo alarme geral no New Jersey. A tripulação correu a armar-se.

— Distância ao Kirov!

— Trinta e sete mil e seiscentos metros, sir. Estamos a medir regularmente a distância com raios laser. Temos solução de tiro, sir — disse o oficial de operações. — As torres principais estão ainda carregadas e a artilharia actualiza a solução de tiro de trinta em trinta segundos.

Um telefone tocou junto do posto de comando de Eaton, na ponte.

— Eaton.

— Todas as posições guarnecidas e prontas, comodoro—informou o comandante do couraçado.

— Muito bem, comandante — respondeu Eaton, olhando o cronometro. — Os nossos homens estão realmente bem treinados.

No centro de informação de combate do New Jersey os quadros digitais mostravam a distância exacta a que se encontrava o mastro grande do Kirov. O primeiro alvo lógico é sempre o navio-almirante inimigo. A única dúvida estava no nível de castigo que o Kirov podia absorver — e naquilo que o afundaria primeiro, as granadas ou os mísseis Totnahawk. O importante, não se cansava de dizer o oficial de artilharia, era afundar o Kirov antes que qualquer avião pudesse intervir. O New Jersey nunca afundara um barco sozinho. Quarenta anos era uma longa espera.

— Estão a virar — disse o oficial de operações.

— Sim... Veremos para onde.

A formação do Kirov estava apontada a leste quando o sinal chegou. Todos os barcos, dispostos em círculo, viraram para estibordo ao mesmo tempo. Interromperam a manobra na posição zero-quatro-zero.

Eaton pousou o binóculo.

— Vão para casa. Informe Washington e mantenha as posições de combate guarnecidas por mais algum tempo.

Aeroporto Internacional Dulles

Os soviéticos não descansaram enquanto não viram os seus homens fora dos Estados Unidos. O Illyushin IL-62 da Aeroflot foi retirado do serviço internacional e mandado de

Moscou para Dulles. Aterrou ao pôr do Sol. Praticamente igual ao VC-10 britânico, o avião de quatro motores estacionou numa área mais remota de serviço para reabastecimento. Juntamente com outros passageiros que não desembarcaram para estender as pernas, viajava uma tripulação substituta para que o avião pudesse regressar imediatamente à União Soviética. Dois autocarros partiram do terminal, a três quilómetros e meio de distância, em direcção ao aparelho. Pelas suas janelas, os tripulantes do Outubro Vermelho olhavam para a paisagem coberta de neve, sabendo que era a última visão que reteriam da América. Estavam tranquilos. Havia sido tirados da cama em Bethesda e transportados para Dulles de autocarro apenas uma hora antes. Desta vez não tinham jornalistas a incomodá-los.

Os quatro oficiais, os nove michmanny e os restantes marinheiros foram divididos em grupos ao embarcar. Cada grupo foi conduzido a uma secção do aparelho. Cada oficial e michman foi entregue a um agente do KGB, tendo-se o interrogatório iniciado mal o avião começou a rolar na pista. Quando o Illyushin atingiu a altitude de cruzeiro, os tripulantes do Outubro Vermelho perguntavam já a si próprios, na maior parte, porque não tinham decidido ficar nos Estados Unidos com os seus compatriotas desertores. As entrevistas eram decididamente desagradáveis.

— O comandante Ramius agiu de modo estranho? — perguntou um major do KGB a Petrov.

— Mas é evidente que não! — respondeu logo Petrov, na defensiva. — Não sabe que o nosso submarino foi sabotado? Muita sorte tivemos em escapar com vida!

— Sabotado? Como?

— Os sistemas do reactor. Não sou a pessoa indicada para lhe explicar isto, não sou engenheiro, mas fui eu quem detectou as fugas. Os distintivos de radiação acusavam contaminação, mas os instrumentos da casa das máquinas não. O reactor fora sabotado e não só o reactor; todos os instrumentos de medição de radiações tinham sido mexidos. Vi com os meus próprios olhos. O engenheiro-chefe Melekhin teve de reparar vários para localizar a fuga na serpentina do reactor. Svyadov pode explicar melhor o que se passou. Ele também viu.

O agente do KGB tomava notas.

— E que fazia o vosso submarino tão perto da costa americana? — Que quer dizer? Não sabe quais eram as nossas ordens?

— Quais eram as vossas ordens, camarada doutor? — perguntou o agente do KGB, fitando Petrov nos olhos.

O médico explicou-as, concluindo:

— Eu vi as ordens. Foram afixadas para todos verem, como de costume.

— Assinadas por quem?

— Pelo almirante Korov. Por quem havia de ser?

— Não achou as ordens um pouco estranhas? — perguntou o major, irritado.

— Costuma duvidar das ordens que recebe, camarada major? — perguntou Petrov, empertigando-se. — Eu não.

— Que aconteceu ao vosso comissário político?

Noutro sector, Ivanov explicava de que modo o Outubro Vermelho fora detectado por barcos americanos e britânicos.

— Mas o comandante Ramius despistou-os brilhantemente! Se não fosse o maldito acidente com o reactor, teríamos conseguido. Tem de descobrir quem nos fez isso, camarada capitão. Quero vê-lo morrer à minha frente!

O agente do KGB perguntou sem se emocionar:

— Qual foi a última coisa que o comandante lhe disse?

— Ordenou-me que tomasse conta dos meus homens, que não os deixasse falar com os americanos mais do que o necessário, e disse que os americanos nunca deitariam as mãos ao nosso submarino.

Os olhos de Ivanov encheram-se de lágrimas ao pensar no seu comandante e no seu barco, ambos perdidos. Era um jovem soviético orgulhoso e privilegiado, filho de um académico do Partido.

— Camarada — acrescentou —, o senhor e os seus homens têm de descobrir os patifes que nos fizeram isto!

— Foi tudo feito com grande perícia — explicava Svyadov a poucos metros de distância. — O próprio camarada Melekhin só à terceira tentativa descobriu, e jurou vingança sobre os autores da sabotagem. Eu vi tudo — disse o tenente, esquecendo-se de que realmente não vira nada, estendendo-se em pormenores, ao ponto de traçar um diagrama de como a sabotagem fora executada. — Do último acidente, não sei. Estava a entrar de serviço nessa altura. Melekhin, Surzpoi e Bugayev trabalharam durante horas na tentativa de pôr a funcionar os sistemas auxiliares de propulsão. — Abanou a cabeça. — Bem quis ajudá-los, mas o comandante Ramius proibiu-mo. Insisti, contra as ordens, mas o camarada Petrov não me deixou.

Duas horas mais tarde, sobre o Atlântico, os qualificados agentes do KGB reuniram-se à popa para compararem as notas.

— Portanto, se este comandante estava a fingir era um actor diabolicamente bom — disse o coronel encarregado dos primeiros interrogatórios. — As ordens que deu aos seus homens foram impecáveis. As ordens da missão foram anunciadas e afixadas, como é normal...

— Mas quem, de entre estes homens, conhece a assinatura de Korov? E não podemos interrogar o próprio Korov, pois não? — disse o major.

O comandante da Esquadra do Norte tinha morrido de hemorragia cerebral duas horas após o primeiro interrogatório, na Lubyanka, para desapontamento de todos.

— De qualquer modo, as ordens podem ter sido forjadas. Temos alguma base secreta de submarinos em Cuba? E a morte do zampolifí

— O médico está convencido de que foi um acidente — respondeu outro major. — O comandante pensava que ele tinha batido com a cabeça, mas, na realidade, tinha partido o pescoço. Fosse como fosse, deviam ter comunicado a pedir instruções, penso.

— Estavam obrigados a silêncio rádio — Adisse o coronel. — Já me informei. É absolutamente normal em submarinos equipados com mísseis. Esse comandante Ramius conhecia técnicas de combate corpo a corpo? Teria assassinado o zampolitl

— É possível — murmurou o major que interrogara Petrov. — Não, não fora treinado nessas técnicas, mas isso não quer dizer nada.

O coronel hesitou em concordar, perguntando:

— Temos alguma prova de que os tripulantes suspeitaram alguma vez de que se tramava uma deserção? — Todos abanaram negativamente a cabeça. — A rotina operacional do submarino foi normal?

— Sim, camarada coronel — respondeu um jovem capitão. — O oficial de navegação sobrevivente, Ivanov, diz que a fuga às unidades imperialistas de superfície e submarinas foi perfeita, realizada exactamente segundo as normas estabelecidas, brilhantemente executada por esse Ramius ao longo de doze horas. Por enquanto, não me atrevo sequer a sugerir que tenha havido traição.

Todos sabiam que os marinheiros iriam ser encarcerados em Lubyanka até ficarem com as

cabeças completamente ocas.

— Muito bem — disse o coronel. — Até agora, não temos nenhum elemento que aponte para traição dos oficiais do submarino, não é verdade? Também me parece. Camaradas, continuaremos os interrogatórios de uma maneira mais suave até chegarmos a Moscou. Agora deixem-nos descansar.

A atmosfera do avião tornou-se realmente mais agradável. Foi servida uma refeição leve, e vodka para soltar as línguas e encorajar a camaradagem com os agentes do KGB, que bebiam água. Todos os homens sabiam que seriam encarcerados durante algum tempo e aceitavam a sua sorte com um fatalismo que, para um ocidental, seria surpreendente. O KGB trabalharia durante semanas a reconstituir todos os acontecimentos do submarino, desde que largara de Polyarnyy até ao momento em que o último homem entrara no Mystic. Outras equipas de agentes trabalhavam já em todo o mundo para descobrir se aquilo que acontecera ao Outubro Vermelho fora arquitetado pela CIA ou por outro serviço secreto. O KGB acabaria por descobrir, mas o coronel encarregado do caso começava a desconfiar de que a resposta não estava naqueles marinheiros.

O “Outubro Vermelho”

Noyes deixou Ramius percorrer os cinco metros que separavam a enfermaria da sala de oficiais, acompanhado. O doente não tinha muito bom aspecto, principalmente porque precisava de se lavar e de se barbear, como toda a gente a bordo. Borodin e Mancuso ajudaram-no a sentar-se à cabeceira da mesa.

— Então, Ryan, como está hoje?

— Bem, obrigado, comandante Ramius.

Ryan sorriu, levando à boca a chávena de café. Sentia-se realmente muito aliviado; nas últimas horas, pudera entregar o comando do submarino a homens que realmente sabiam comandá-lo. Embora ansiasse por abandonar o Outubro Vermelho, pela primeira vez em duas semanas não se sentia enjoado nem assustado.

— Como está a sua perna, s/r?

— Bem. Tenho de aprender a não levar mais tiros. Acho que Ivanov disse que lhe devo a vida. Que todos nós lha devemos.

— Era a minha vida também — respondeu Ryan, um pouco embaraçado.

— Bom dia, sir, — Era o cozinheiro. — Toma pequeno-almoço. comandante Ramius?

— Tomo. Estou cheio de fome.

— Ótimo! Um pequeno-almoço à moda da Marinha dos Estados Unidos. Vou buscar café fresco.

Desapareceu na passagem. Trinta segundos mais tarde, voltava com café fresco e punha a mesa para Ramius.

— Daqui por dez minutos será servido, ar.

Ramius deitou café na chávena. No pires havia um saquinho.

— Que é isto?

— Natas para o seu café, comandante — disse Mancuso, sorrindo. Ramius abriu o saquinho, espreitou, desconfiado, para o ulterior, lançou o conteúdo na chávena e mexeu. — Quando partimos?

— Amanhã — respondeu Mancuso.

O Dallas subia à altura do periscópio periodicamente para receber ordens operacionais que transmitia por telefone ao Outubro.

— Soubemos há umas horas que a esquadra soviética está a recuar para nordeste. Ao anoitecer, já teremos uma ideia correcta do que se passa. Os nossos homens vigiam-nos de perto.

— Para onde vamos? — perguntou Ramius.

— Para onde lhes disse que ia? — perguntou Ryan. — Que dizia exactamente a sua carta?

— Como sabe da carta?

— Nós sabemos... isto é, eu sei da carta, mas não lhe posso dizer mais nada, sir.

— Disse ao tio Yuri que demandávamos Nova Iorque para oferecer de presente este submarino ao presidente dos Estados Unidos.

— Mas não rumou a Nova Iorque — objectou Mancuso.

— Claro que não. Eu queria entrar em Norfolk. Porquê procurar o porto civil quando há uma base naval tão perto? Acha que devia dizer a verdade a Padorin? — Ramius abanou a cabeça. — Porquê? A vossa costa é tão comprida.

Caro almirante Padorin, navego para Nova Iorque... Não admira que tivessem perdido a cabeça! — pensou Ryan.

— Vamos para Norfolk ou Charleston? — perguntou Ramius.

— Norfolk, penso — respondeu Mancuso.

— Não imaginava que eles iam mandar toda a esquadra atrás de si? — perguntou Ryan. — Por que foi que escreveu a carta?

— Para que eles soubessem — respondeu Ramius. — Para que eles soubessem. Não esperava que alguém nos localizasse. Vocês surpreenderam-nos.

O comandante americano esforçou-se por não sorrir.

— Detectámos o submarino ao largo da costa da Islândia. Tiveram mais sorte do que imagina. Se tivéssemos partido da Inglaterra conforme o previsto, estaríamos quinze milhas mais junto à costa e não me teria fugido. Desculpe, comandante, mas os nossos sonares e os nossos operadores são muito bons. Mais tarde conhecerá o homem que o detectou. Está agora a trabalhar com Bugayev.

— Sárshina — disse Borodin.

— Não é oficial? — perguntou Ramius.

— Não. Apenas um muito bom operador — disse Mancuso, surpreendido.

Para que queria alguém um oficial a tomar conta do equipamento de sonar?

O cozinheiro regressou. A sua ideia do pequeno-almoço da Marinha americana era um prato grande com presunto, dois ovos mexidos, carne picada com vegetais e quatro torradas com um frasco de compota de maçã.

— Se quiser mais é só pedir, sir — disse o cozinheiro.

— Isto é o pequeno-almoço normal? — perguntou Ramius a Mancuso.

— É vulgaríssimo. Eu prefiro filhos. Os americanos comem muito ao pequeno-almoço.

Ramius atacava já a sua refeição. Após dois dias sem comer normalmente e depois do sangue que perdera do ferimento na perna, o seu corpo suplicava comida.

— Diga-me, Ryan — pediu Borodin, acendendo um cigarro —, que será que mais nos vai surpreender na América?

Jack apontou para o prato do capitão.

— Supermercados.

— Supermercados? — perguntou Borodin.

— Eu, quando estive no Invincible, li um relatório da CIA sobre as pessoas que passam

para o nosso lado — Ryan não queria falar em desertores porque a palavra lhe soava, de certo modo, aviltante. — Parece que a primeira coisa que surpreende as pessoas da vossa região do mundo são os supermercados.

— Explique-me lá isso — pediu Borodin.

— É um edifício mais ou menos do tamanho de um campo de futebol... não, talvez um pouco mais pequeno. Entra-se pela porta principal e pega-se num carrinho. Os frutos frescos e vegetais estão do lado direito. Vai-se avançando pela esquerda, através das várias secções. Conheço os supermercados desde garoto.

— Disse frutos e vegetais frescos? Agora, no Inverno?

— Que tem o Inverno? — disse Mancuso. — São um pouco mais caros, mas há sempre produtos frescos. Sentimos muito a falta deles nos barcos. A nossa provisão de vegetais e leite fresco dura apenas cerca de uma semana.

— E carne? — perguntou Ramius.

— Toda a que quiser — respondeu Ryan. — Vaca, porco, carneiro, peru, galinha... Os agricultores americanos são muito eficientes. Os Estados Unidos não comem o que produzem. Bem sabe que a União Soviética nos compra cereais. Olhe que até chegamos a pagar aos agricultores para não produzirem tanto, para que os excedentes não ultrapassem determinado nível.

Os quatro russos mostraram-se desconfiados.

— E que mais? — perguntou Borodin.

— Que mais o irá surpreender? Quase toda a gente tem automóvel. A maior parte das pessoas possui casa própria. Se tiver dinheiro pode comprar quase tudo o que quiser. A família média, na América, ganha à volta de vinte mil dólares por ano. Estes oficiais ganham todos mais do que isso. A verdade é que, no nosso país, quando se é inteligente, e vocês são-no, e se quer trabalhar, e vocês querem, vive-se uma vida confortável, mesmo sem qualquer ajuda. Por outro lado, podem ter a certeza de que a CIA olhará bem por vocês. Não queremos que ninguém se queixe da nossa hospitalidade.

— E que será dos meus homens? — perguntou Ramius.

— Não sei exactamente, ar, porque nunca estive envolvido neste tipo de operação. Calculo que serão conduzidos a lugar seguro, a fim de descansarem. Funcionários da CIA e oficiais da Marinha vão querer conversar convosco demoradamente. Não há que admirar, pois não? Já lhe tinha dito. Daqui por um ano, estarão a fazer aquilo que quiserem.

— E quem quiser navegar connosco será bem-vindo — acrescentou Mancuso.

Ryan perguntou a si próprio se isto seria verdade. A Marinha não devia ter grande vontade de deixar entrar aqueles homens num barco da classe 688. Poderiam recolher informações suficientemente valiosas que lhes permitissem regressar à pátria e salvar a pele.

— Como é que um homem tão simpático se torna espião da CIA? — perguntou Borodin.

— Eu não sou espião, sir — lembrou Ryan, não podendo censurá-los por não o acreditarem. — Quando andava na universidade, conheci um rapaz que falou no meu nome a um amigo da CIA, o almirante James Greer. Há uns anos, convidaram-me a integrar uma equipa de universitários encarregada de estudar dados recolhidos pela CIA. Nessa altura, dedicava-me eu com entusiasmo a escrever livros sobre história naval. Em Langley, estive lá dois meses, durante o Verão, escrevi um relatório sobre o terrorismo internacional. Greer gostou e, há dois anos, pediu-me que ficasse lá a trabalhar a tempo inteiro. Foi um erro — disse Ryan sem convicção... ou com alguma? — Há um ano fui transferido para Londres, a fim de trabalhar numa equipa conjunta de avaliação de dados com o Serviço Secreto britânico. O meu trabalho consiste em sentar-me à

secretária e analisar o material que os agentes recolhem. Vi-me metido nisto porque calculei aquilo que o senhor queria fazer, comandante Ramius.

— O seu pai era espião? — perguntou Borodin.

— Não. O meu pai era oficial da polícia, em Baltimore. Morreu, com a minha mãe, num desastre de aviação, há dez anos. Borodin manifestou-lhe a sua simpatia e perguntou:

— E o senhor, comandante Mancuso, que foi que o trouxe para a Marinha?

— Queria ser marinheiro desde miúdo. O meu pai é barbeiro. Em Annapolis, entusiasmei-me pelos submarinos.

Ryan assistia a algo que nunca antes vira: homens de sítios diferentes e de culturas muito diversas tentando encontrar terrenos comuns de entendimento. Ambas as partes se empenhavam na exploração, procurando similitudes de carácter e experiência, construindo alicerces de compreensão. Era mais do que interessante; era comevedor. Seria muito difícil para os soviéticos? Provavelmente mais difícil do que tudo o que ele próprio, Ryan, já fizera — tinham as pontes cortadas.

Haviam-se separado de tudo o que conheciam, convictos de que aquilo que iam encontrar era melhor. Ryan desejou que não se enganassem, que fizessem a transição do comunismo para a liberdade. Nos últimos dois dias, compreendera quanta coragem era precisa para um homem fugir. Enfrentar uma arma na sala dos mísseis era insignificante ao lado da ruptura com toda uma vida. Era estranho o modo fácil como os americanos entendiam as suas liberdades. Que dificuldade não iriam ter aqueles homens que haviam arriscado a vida para se adaptarem a uma coisa que homens como Ryan só raramente apreciavam? Tinham sido pessoas assim as construtoras do sonho americano, eram pessoas assim que faziam falta para o manter vivo. Estranho que homens desses viessem da União Soviética. Ou talvez não tão estranho, pensou Ryan, escutando a conversa que prosseguia na sua presença.

DÉCIMO SÉTIMO DIA

Domingo, 19 de Dezembro

O “Outubro Vermelho”

“Mais oito horas”, murmurou Ryan consigo. Era o que lhe tinham dito. Oito horas até Norfolk. Tornara, a seu pedido, aos comandos do leme. Era a única coisa que sabia fazer e tinha de fazer qualquer coisa. O Outubro lutava com muita falta de pessoal. Quase todos os americanos operavam o reactor e os motores, à popa. Apenas Mancuso, Ramius e ele próprio conduziam o submarino. Bugayev, com a ajuda de Jones, controlava o equipamento de sonar, a poucos metros de distância, e o pessoal médico continuava à cabeceira de Williams, na enfermaria. O cozinheiro andava para trás e para diante com sanduíches e café, para desapontamento de Ryan, provavelmente estragado pelos mimos de Greer.

Ramius sentava-se sobre uma das pernas na balaustrada ao redor do pedestal do periscópio. A perna ferida não sangrava, mas doía mais do que ele queria admitir desde que deixara Mancuso tomar conta dos instrumentos e da navegação.

—Leme de través—ordenou Mancuso.

— Leme de través. — Ryan virou a roda para a direita, verificando o indicador do ângulo do leme. — Leme de través, rota um-dois-zero.

Mancuso franziu o sobrolho, estudando o mapa, enervado por ter de pilotar um submarino enorme de maneira tão improvisada.

— Precisamos de ter cuidado aqui. Formam-se bancos de areia a partir do litoral sul, e de tantos em tantos meses é preciso dragar a área. As tempestades, frequentes na zona, não têm ajudado muito.

Mancuso olhou de novo através do periscópio.

— Disseram-me que esta água é perigosa — observou Ramius.

— O cemitério do Atlântico — confirmou Mancuso. — Muitos barcos se têm afundado ao longo das Outer Banks. O tempo e as correntes são péssimos. Durante a guerra os alemães viram-se aflitos aqui. As nossas cartas não os mostram, mas há centenas de cascos espalhados pelo fundo. — Tornou à mesa dos mapas. — Bom, vamos fazer um desvio pelo largo e só rumaremos outra vez a norte a partir daqui — disse, traçando uma linha no mapa.

— São as suas águas — observou Ramius.

Navegavam numa formação a três, algo displicente. O Dallasera o primeiro, o Pogy fechava o grupo. Os três barcos seguiam submersos, as cobertas praticamente inundadas de água, sem ninguém na ponte. A navegação era toda feita por periscópio; os radares estavam parados. Nenhum dos três barcos produzia qualquer ruído electrónico. Ryan olhou casualmente para a mesa dos mapas. Já tinham ultrapassado a enseada propriamente dita, mas o mapa mostrava bancos de areia ao longo de várias milhas.

Também não usavam o sistema de propulsão Caterpillar do Outubro Vermelho. Era quase exactamente como o capitão Tyler dissera. Possuía dois conjuntos de impulsores, dois a cerca de um terço da proa e mais três a meio do barco, na direcção da popa. Mancuso e os seus engenheiros haviam examinado os planos com grande interesse e discutido depois longamente a qualidade da concepção do caterpillar.

Por seu turno, Ramius não queria acreditar que fora detectado tão cedo. Mancuso acabara por chamar Jones com o seu mapa pessoal onde estava assinalada a rota do Outubro que estimara desde a Islândia. Embora com algumas milhas de diferença relativamente ao diário de bordo, era demasiado sobreponível para se tratar de uma coincidência.

— O vosso sonar deve ser melhor do que supúnhamos — resmungou Ramius a pouca distância do posto de Ryan.

— É muito bom — concebeu Mancuso. — E melhor do que o nosso sonar é Jonesy. O melhor operador que já tive.

— Tão jovem e já tão habilitado...

— Temos muitos assim — disse Mancuso, sorrindo. — Nunca tantos quantos gostaríamos, mas, como são todos voluntários... Sabem o que fazem. Somos exigentes com os que escolhemos e, depois, preparamo-los a sério.

— Comandante, sonar. — Era a voz de Jones. — O Dallas está a mergulhar, sir.

— Muito bem. — Mancuso acendeu um cigarro e ligou, pelo intercomunicador, para os engenheiros. — Precisamos do Mannion à proa. Vamos mergulhar dentro de momentos.

Desligou e tornou a estudar o mapa.

— Ficam com eles por mais de três anos? — perguntou Ramius.

— Oh, sim. De outra maneira iam-se logo embora depois de terem recebido a preparação que recebem.

Por que não arranjava e conservava a Marinha soviética pessoas assim? — pensou Ramius. Conhecia muito bem a resposta. Os americanos alimentavam decentemente os seus homens, punham à sua disposição um refeitório em condições, pagavam-lhes como devia ser, confiavam neles... tudo coisas porque lutara durante vinte anos.

— Quer que comande as válvulas? — perguntou Mannion, entrando.

— Quero, Pat. Vamos mergulhar dentro de dois ou três minutos. Mannion olhou de relance a carta e dirigiu-se aos comandos das válvulas. Ramius aproximou-se, coxeando, da mesa dos mapas.

— Dizem-nos que os vossos oficiais são escolhidos na classe burguesa para poderem controlar os marinheiros da classe trabalhadora.

Mannion accionou os controles das válvulas. Eram múltiplos e ele passara duas horas, no dia anterior, a estudar o complexo esquema.

— É verdade, sir. Os nossos oficiais provêm, de facto, da classe dirigente. Basta olhar para mim para o verificar — disse, impávido.

A pele de Mannion era praticamente cor de café e o seu sotaque de Bronx, puro.

— Mas o senhor é um negro — objectou Ramius sem perceber o sarcasmo.

— Somos um barco verdadeiramente étnico. — Mancuso tornou a olhar pelo periscópio. — O comandante guinéu, um navegador negro e um operador de sonar maluco.

— Eu ouvi, sir! — gritou Jones em vez de usar o intercomunicador. — Mensagem telefónica do Dallas. Tudo em ordem. Esperam por nós.

— Muito bem. Finalmente tudo em ordem. Poderemos mergulhar quando quiser, comandante Ramius — disse Mancuso.

— Camarada Mannion, inunde os tanques de lastro—Adisse Ramius. O Outubro nunca tinha realmente subido à superfície e continuava preparado para mergulhar.

— Muito bem, sir.

O tenente accionou a primeira linha de interruptores dos controles hidráulicos.

Ryan pestanejou. O ruído fê-lo pensar num milhão de autoclismos descarregados ao mesmo tempo.

— Cinco graus para baixo nos hidroplanos, Ryan — disse Ramius.

— Cinco graus para baixo. — Ryan empurrou a alavanca.

— Desce devagar — observou Mannion, olhando pelo indicador de profundidade, pintado à mão, que substituíra o original. — É enorme...

— É — disse Mancuso.

A agulha ultrapassa os vinte metros.

— Hidroplanos neutros — disse Ramius.

— Hidroplanos em ângulo zero.

Ryan puxou para si a alavanca. O submarino demorou trinta segundos a estabilizar. Parecia responder muito lentamente aos comandos.

Ryan pensava que os submarinos respondiam tão rapidamente como os aviões.

— Reduza um pouco o peso, Pat. Basta o suficiente para manter a profundidade — disse Mancuso.

— Está bem.

Mannion franziu o sobrolho, verificando o indicador de profundidade. Os tanques de lastro estavam agora completamente inundados e a operação devia ser executada com os tanques de equilíbrio, muito pequenos. Gastou cinco minutos para obter o equilíbrio exacto.

— Desculpem, meus senhores. É grande de mais para responder depressa — disse, embaraçado.

Ramius estava impressionado, mas não queria mostrá-lo. Pensava que o comandante americano levaria mais tempo a executar a manobra do que ele próprio. Equilibrar um submarino desconhecido com tanta perícia à primeira tentativa...

— Muito bem, agora podemos rumar a norte — disse Mancuso. — Nova rota, zero-zero-oito, comandante.

Encontravam-se duas milhas adiante da última posição assinalada no mapa.

— Ryan, leme à esquerda, dez graus — ordenou Ramius. — Zero-zero-oito.

— Leme dez graus à esquerda — respondeu Ryan, um olho no indicador do leme, o outro na bússola giroscópica. — Está quase no oito...

— Cuidado, Ryan. O submarino vira devagar, mas uma vez entrado na rota marcada precisa de muito leme ao contrário...

— Oposto — corrigiu, delicadamente Mancuso.

— Sim. Oposto para o manter a direito.

— Está bem.

— Tem problemas com o leme? — perguntou Mancuso. — Quando o vinha a perseguir, apercebi-me de que o seu ângulo de viragem era bastante aberto.

— Com o Caterpillar é. O fluxo dos túneis atinge violentamente o leme. Se o apertarmos muito, o leme não se firma. Nos primeiros ensaios no mar tivemos problemas. É por causa do... como é que vocês dizem? Da junção do fluxo dos dois túneis do caterpillar.

— Isso afecta as hélices? — perguntou Mannion.

— Não. Só com o caterpillar.

Mancuso não ficou muito tranquilo, mas não interessava. O plano era simples e directo. Os três barcos seguiriam a direito para Norfolk, os dois americanos à frente, correriam a trinta nós, seguidos do Outubro, a vinte.

Ryan começou a aliviar o leme quando a proa deu a volta. Esperou de mais. A despeito dos

cinco graus no leme direito, a proa ultrapassou a rota prevista e a bússola estalou, acusadora, de três em três graus, até parar no zero-zero-um. Demorou mais dois minutos a estabilizar na rota devida.

— Desculpem... Zero-zero-oito — disse por fim. Ramius perdoou-lhe.

— Aprende depressa, Ryan. Talvez um dia venha a ser um marinheiro a sério.

— Não, obrigado. A única coisa que aprendi nesta viagem é que vocês merecem cada moeda que ganham.

— Não gosta de submarinos? — perguntou Mannion, sorrindo.

— Não têm espaço para correr.

— Lá isso... Se não precisar de mim, comandante, vou para a popa. A casa das máquinas está com uma terrível falta de pessoal — disse Mannion.

Ramius concordou de cabeça. “Mannion pertenceria à classe dirigente?”, perguntou-se o comandante.

O “V. K. Konovalov”

Tupolev rumava outra vez a ocidente. Todos haviam recebido ordens para regressar a vinte nós, menos o seu Alfa e outro submarino. Tupolev devia navegar para oeste durante duas horas e meia. Seguia agora a cinco nós, mais ou menos a velocidade máxima a que um Alfa poderia navegar sem fazer muito barulho. A ideia era deixar o seu submarino “esquecido” na manobra de regresso à base. Portanto, um Ohio dirigia-se a Norfolk — a Charleston, mais provavelmente. Em qualquer caso, Tupolev circularia em silêncio, à espreita. O Outubro Vermelho estava destruído. Isso sabia ele pela ordem de operações. Tupolev abanou a cabeça. Como podia Marko ter feito semelhante coisa? Fosse qual fosse a resposta, pagara a traição com a vida.

O Pentágono

— Ficaria mais tranquilo se tivéssemos mais cobertura aérea — disse o almirante Foster, encostado à parede.

— Concordo, sir, mas não podemos dar nas vistas, não é verdade?— observou o general Harris.

Dois P-3B voavam agora entre Hatteras e os cabos da Virgínia, aparentemente numa missão rotineira de treino. A maior parte dos outros Orions estava longe, sobre o mar. A esquadra soviética encontrava-se já quatrocentas milhas ao largo. Os três grupos de superfície haviam-se juntado e eram escoltados pelos submarinos. O Kennedy, o America e o Nimitz navegavam quinhentas milhas a leste, e o New Jersey ficara um pouco para trás. Os russos seriam vigiados durante todo o caminho. Os grupos de combate dos porta-aviões segui-los-iam até à Islândia a uma distância discreta e mantendo grupos aéreos no limiar da cobertura de radar, continuamente, para que eles soubessem que os Estados Unidos estavam atentos. Aviões baseados na Islândia acompanhá-los-iam o resto da viagem.

O HMS Invincible encontrava-se agora desligado da operação, mais ou menos a meio caminho de Inglaterra. Os submarinos de ataque americanos regressavam aos esquemas normais de patrulha, e todos os submarinos soviéticos se encontravam ao largo da costa, embora os dados sobre as suas posições fossem imprecisos. Navegavam em grupos soltos, e o barulho que

produziam tornava difícil o seu acompanhamento pelos Orions, que lutavam com falta de sonobóias. Fosse como fosse, a operação estava praticamente no fim, pensava o J-3.

— Vai para Norfolk, almirante? — perguntou Harris.

— Sim, estou a pensar em reunir-me com o CINCLANT para apreciarmos os resultados da operação — disse Foster.

— Compreendo, sir — disse Harris.

O “New Jersey”

O New Jersey navegava a doze nós, com um contratorpedeiro de cada lado. O comodoro encontrava-se no centro de informação de combate. Estava tudo acabado e nada acontecera, graças a Deus. Os soviéticos encontravam-se agora cem milhas à frente, ao alcance dos Tomahawk, mas fora do alcance de tudo o mais. Bem vistas as coisas, sentia-se satisfeito. A sua força comportara-se eficientemente com o Tarawa, que rumava agora a sul, em direcção a Mayport, na Florida. Oxalá eu possa participar noutra operação semelhante. Havia muito que um oficial-general num couraçado não tinha um porta-aviões sob o seu comando. Tinham mantido a força do Kirov sob permanente vigilância. Se tivesse havido batalha, Eaton não duvidava de que teriam derrotado Ivan. Mais importante, estava certo de que Ivan sabia disso. Agora limitavam-se a esperar a ordem de regresso a Norfolk. Seria bom estar de volta para o Natal. Achava que os seus homens o mereciam. Muitos dos homens do couraçado eram veteranos e quase todos tinham família.

O “Outubro Vermelho”

Ping. Jones anotou a hora no bloco e disse:

— Comandante, recebemos um ping do Pogy.

O Pogy navegava duas milhas à frente do Outubro e do Dallas. De dez em dez minutos, o Pogy enviava um ping pelo sonar activo para indicar que as doze milhas que o separavam do Outubro e as vinte ou mais milhas para a frente estavam livres. O Pogy reduzia então a velocidade, parava praticamente os motores, e, uma milha a leste do Outubro, o Dallas corria a toda a velocidade a investigar mais dez milhas.

Jones experimentava o sonar russo. O activo não era muito mau. Os sistemas passivos nem pensar. Quando o Outubro Vermelho se encontrava imobilizado no estreito de Pamlico, fora incapaz de detectar os submarinos americanos. Estes estavam quietos, com os reactores accionando apenas os geradores, era verdade, mas somente a uma milha de distância. Ficou desapontado por não ter sido capaz de os localizar.

O oficial que o acompanhava, Bugayev, era muito simpático. A princípio, mostrara-se um pouco arrogante — como se fosse um senhor e eu um servo, pensou Jones — até verificar como o comandante o tratava. Jones ficou espantado. Sabia pouco de comunismo, mas estava convencido de que todos eram tratados igualmente. Foi pelo menos o que aprendi ao ler Das Kapital num curso de Ciências Políticas, no primeiro ano da universidade. Era muito mais elucidativo ver o que o comunismo construía. Lixo, principalmente. Os marinheiros nem sequer tinham refeitório. Que desgraça! Comer no beliche!

Jones gastara uma hora — quando se supunha que dormisse — a explorar o submarino.

Mr. Mannion acompanhara-o. Tinham começado pelos aquartelamentos. Os armários individuais não possuíam chave — talvez para que os oficiais pudessem revistá-los. Jones e Mannion fizeram isso exactamente. Nada viram de interesse. Até a pornografia era de terceira classe. As poses não tinham graça nenhuma e as mulheres... bem, Jones crescera na Califórnia. Lixo. Não lhe custava nada compreender por que motivo os russos tinham querido desertar.

O míssil fora interessante. Ele e Mannion tinham aberto uma escotilha de inspecção para examinar o interior do míssil. Relativamente em bom estado. Fios soltos a mais, mas talvez isso facilitasse as inspecções. O míssil parecia tremendamente grande. É, portanto, isto o que os patifes têm apontado a nós! Iria a Marinha ficar com alguns? Se viesse a ser necessário disparar meia dúzia deles contra o velho Ivan, não seria má ideia incluir um ou dois russos. Que raio de ideias, Jonesy! A última coisa do mundo que queria era ver pássaros daqueles a voar. De uma coisa tinha a certeza: tudo o que havia ali seria desmontado, dissecado, montado novamente, testado — e ele era o perito número um da Marinha em sonar russo. Talvez o deixassem estar presente durante a análise... Valia bem a pena ficar mais uns meses na Marinha... Jones acendeu um cigarro.

— Quer um dos meus, Mister Bugayev? Estendeu o maço ao oficial de electrónica.

— Obrigado, Jones. Andou na universidade?

O tenente pegou num cigarro americano, que lhe apetecia, mas que o orgulho o impedia de pedir. Ia-se lentamente apercebendo de que aquele marinheiro estava tecnicamente ao seu nível. Embora não fosse oficial, Jones sabia operar e assegurar a manutenção do equipamento de sonar, tanto quanto como qualquer outro especialista que conhecesse.

— Andei, sir. — É sempre bom tratar os oficiais por sir, Jones sabia, principalmente os estúpidos. — No Instituto de Tecnologia da Califórnia. Seis semestres completos. Média A. Não acabei.

— Por que foi que saiu? Jones sorriu.

— Bem, sir, tem de compreender que Cal Tech é um sítio um bocado esquisito... Preguei uma partida a um dos meus professores. Ele estava a trabalhar com luzes estroboscópicas para fotografia de alta velocidade e eu liguei um pequeno interruptor para acender as luzes da sala a partir do estroboscópio. Infelizmente, houve um curto-circuito e desencadeou-se um pequeno incêndio. — Que destruíra o laboratório, três meses de dados e quinze mil dólares de equipamento. — Digamos que violei as regras.

— Estudava o quê?

— Engenharia electrotécnica com especialização em cibernética. Faltam-me três semestres. Hei-de fazê-los, depois o mestrado, depois o doutoramento, e voltarei a trabalhar para a Marinha, como civil.

— Por que é operador de sonar?

Bugayev sentou-se. Nunca antes tinha falado assim com um marinheiro.

— Porque gosto, sir! Quando se passa qualquer coisa... Sabe, manobras, a perseguição de um submarino, coisas assim... sou eu o comandante. O que o comandante faz é reagir aos dados que lhe dou.

— E gosta do seu comandante?

— Claro! É o melhor que já tive... e conheci três. O meu comandante é um bom tipo. Sabe do seu ofício e trata-nos bem. Quando temos uma coisa para lhe dizer, ouve-nos.

— Diz que volta para a faculdade. Com que dinheiro? A nós dizem-nos que só os filhos da classe dirigente vão para a universidade.

— Isso são tretas, sir. Na Califórnia, se tiver cabeça, pode perfeitamente ir para a

universidade. No meu caso, tenho andado a poupar dinheiro... Num submarino gasta-se pouco, não é... e a Marinha paga bem. Ganho o suficiente para fazer o mestrado. Que diploma tem?

— Frequentei uma escola superior naval. Como a vossa, em Annapolis. Gostava de me diplomar em electrónica — disse Bugayev, revelando o seu sonho.

— Não se aflija, que eu ajudo-o. Se for suficientemente bom para entrar em Cal Tech, digolhe com quem deve falar. Vai ver como gosta da Califórnia. É um sítio onde vale a pena viver!

—E gostava de trabalhar com um computador a sério — continuou Bugayev, melancólico. Jones riu.

— Compre um!

— Comprar um computador?

— Claro! Temos uns pequenos, os Apples, no Dallas. Custam aí cerca de dois mil dólares. Muito menos do que um automóvel.

— Um computador por dois mil dólares?

Bugayev passou de melancólico a desconfiado, convencido de que Jones se ria à sua custa.

— Ou menos. Por três mil já pode comprar uma coisa verdadeiramente a sério. Se você disser à Apple quem é, eles até são capazes de lhe oferecer um. Ou a Marinha. Se não quiser um Apple, há o Commodore, o TRS-80, o Atari... Todos os tipos. Depende daquilo para que o quiser. Olhe, só uma companhia, a Apple, já vendeu mais de um milhão deles. São pequenos, claro, mas são computadores a sério.

— Nunca ouvi falar desse... Apple.

— Sim, Apple. Andava eu no liceu quando dois tipos fundaram a companhia. Já venderam para aí um milhão de computadores, como lhe disse... e têm cá uma fortuna! Eu não tenho nenhum, não há espaço num submarino, mas o meu irmão tem o seu próprio computador o IBM-PC. Continua a achar que estou a brincar consigo?

—Um trabalhador com o seu próprio computador? É difícil de acreditar.

Esmagou o cigarro. O tabaco americano era brando de mais, achava.

— Bem, sir, pergunte a outra pessoa, a quem quiser. Como lhe disse, o Dallas tem dois Apples só para a tripulação. Há outros para controle de tiro, navegação, de sonar... Utilizamos os Apples para jogos... Vai adorar jogos de computador, aposto. Enquanto não experimentar o Choplifter não saberá o que é divertir-se! E outras coisas... Programas educativos, coisas assim. Palavra, Mister Bugayev, pode entrar em qualquer centro comercial e comprar um computador. Verá!

— Como é que usa o computador com o sonar?

— Isso leva um certo tempo a explicar, sir, e provavelmente terei de pedir autorização ao comandante.

Jones lembrou a si próprio que aquele tipo continuava a ser um inimigo. Uma espécie de inimigo.

O “V. K. Konovátov”

O Alfa navegava vagarosamente na orla da plataforma continental, umas cinquenta milhas a sudeste de Norfolk. Tupolev mandou reduzir a potência do reactor para cerca de cinco por cento do total, o suficiente para operar os sistemas eléctricos e pouco mais. Impôs também o silêncio quase absoluto no submarino. As ordens eram transmitidas de boca em boca. O Konovalov obedecia a uma estrita rotina silenciosa. Até a cozinha fora encerrada. Cozinhar significava raspar

com recipientes metálicos em superfícies metálicas. Até nova ordem, a tripulação teria de se contentar com sanduíches de queijo. Falavam num murmúrio, quando falavam. Quem fizesse barulho, atraía a atenção do comandante e todos a bordo sabiam o que isso poderia significar.

Controle SOSUS

Quentin analisava dados enviados pelo transmissor digital, a partir dos dois Orions. Um submarino equipado com mísseis avariado, o USS Georgia, navegava para Norfolk após uma falha parcial numa turbina, escoltado por dois submarinos de ataque. Tinham-no mantido ao largo, dissera o almirante, por causa da actividade russa junto da costa, e a ideia era fazê-lo regressar, repará-lo e pô-lo outra vez a navegar o mais depressa possível. O Georgia transportava vinte e quatro mísseis Trident, uma fracção apreciável da força dissuasora do país. A sua reparação constituía alta prioridade, agora que os russos tinham partido. O seu regresso não causava preocupações, mas queriam primeiro que os Orions verificassem se algum submarino soviético teria ficado para trás, na confusão geral.

Um P-3B voava a duzentos e setenta metros de altitude, umas cinquenta milhas a sudeste de Norfolk. O FLIR não mostrava nada, nenhuma assinatura térmica à superfície, e o MAD não detectava qualquer perturbação no campo magnético da terra, embora um dos aviões o levasse até cerca de cem metros da posição do Alfa, O casco do Konovalov era feito de titânio não magnético. Uma sonobóia lançada sete milhas a sul da sua posição também não conseguira detectar o ruído do reactor. Os dados, continuamente transmitidos para Norfolk, eram introduzidos no computador de Quentin pelo pessoal de operações. O problema estava em que nem todos os submarinos soviéticos tinham sido contados.

Não admira, disse consigo o comandante. Alguns dos barcos aproveitaram a oportunidade para se esgueirar da rota prevista. Havia a possibilidade, tinha avisado, de que um ou dois andassem ainda por ali; provas não as possuía, claro. Que pensaria o CINCLANT? Estava certamente satisfeitíssimo, quase eufórico. A operação contra a esquadra soviética decorrera lindamente — aquilo que dela vira — e havia o Alfa afundado. Quanto tempo demoraria o Glomar Explorer a sacudir as teias de aranha? Teria alguma possibilidade de observar os destroços? Que oportunidade!

Ninguém levava a operação muito a sério. E não admirava; se o Georgia navegava com um motor doente, navegava devagar, e um Ohio em marcha lenta fazia quase tanto barulho como uma baleia virgem decidida a não perder a virgindade. E se o CINCLANTe estivesse muito preocupado não confiaria a vigilância da operação a dois P-3B pilotados por reservistas. Quentin pegou no telefone e marcou o número das operações do CINCLANTLT para lhes dizer, mais uma vez, que não havia indicação de actividade hostil.

O “Outubro Vermelho”

Ryan olhou o relógio. Já tinham passado cinco horas. Tempo de mais para uma pessoa ficar sentada numa cadeira. Um olhar de relance ao mapa mostrou-lhe que o cálculo de oito horas tinha sido optimista... ou, então, ele não os tinha entendido bem. O Outubro Vermelho acompanhava a orla da plataforma e em breve começaria a virar para ocidente, em direcção aos cabos da Virgínia. Mais umas quatro horas, provavelmente. Muito depressa também não. Ramius

e Mancuso pareciam muito cansados. Toda a gente estava cansada. Mais do que todos, certamente, os homens na casa das máquinas... não, o cozinheiro. Passava a vida a distribuir café e sanduíches. Os russos pareciam particularmente esfomeados.

O “Dallas”

O Dallas passou o Pogy a trinta e dois nós, outra vez correndo, com o Outubro poucas milhas à popa. O capitão-de-corveta Wally Chambers, que comandava, não gostava de navegar às cegas durante trinta e cinco minutos, a despeito de o Pogy dizer que a zona estava livre.

O Pogy registou a sua passagem e virou-se para permitir ao sonar lateral a detecção do Outubro Vermelho.

— Já faz muito barulho a vinte nós — disse o chefe de sonar do Pogy aos companheiros. — O Dallas faz menos a trinta.

O “V. K. Konovalov”

— Ruído a sul — disse o ntichman.

— De quê, exactamente?

Tupolev não largava a porta havia horas, coagindo os técnicos de sonar.

— Ainda é cedo para dizer, camarada comandante. As coordenadas mantêm-se, no entanto. Vem para aqui.

Tupolev tornou ao centro de controle. Mandou reduzir mais a potência nos sistemas do reactor. Pensou em desligar completamente a instalação, mas os reactores levavam tempo a reentrar em funcionamento e não sabia a que distância estava o contacto. O comandante fumou três cigarros antes de voltar ao sonar. Não queria de modo algum enervar o michman. Era o seu melhor operador.

— Uma hélice, camarada comandante. Americana. Provavelmente um Los Angeles. Trinta e cinco nós. As coordenadas mudaram apenas dois graus em quinze minutos. Vai passar perto e... espere... Parou os motores.

O subalterno, de quarenta e um anos, encostou mais os auscultadores aos ouvidos. Ouviu o ruído de cavitação diminuir, depois cessar por completo, antes de perder o contacto.

— Parou para escutar, camarada comandante. Tupolev sorriu.

— Não nos ouvirá, camarada. Corre e pára... Ouve mais alguma coisa? Será que escolta outro barco?

O michman tornou a pôr-se à escuta e ajustou os comandos no painel.

— Talvez... Há muito ruído de superfície, camarada, e... espere... Parece haver outro ruído... O nosso último contacto estava na posição um-sete-um e este está... Um-sete-cinco. Muito fraco, camarada comandante... Um ping, só um ping no sonar activo.

— Muito bem. — Tupolev encostou-se à antepara. — Bom trabalho, camarada. Agora temos de ser pacientes.

O “Dallas”

O chefe Lavai anunciou que a área estava livre. Os receptores BQQ-5 nada revelavam, mesmo depois de ligado o sistema SAPS. Chambers manobrou a proa de modo a enviar o ping ao Pogy que, por sua vez, enviou o seu próprio ping ao Outubro Vermelho para ter a certeza de que o sinal fora recebido. Mais duas milhas livres. O Pogy navegava a trinta nós, seguido pelo moderno submarino da Marinha dos Estados Unidos.

O “V. K. Konovalov”

— Mais dois submarinos. Um de uma só hélice, o outro com duas, penso. Muito fraco... O submarino de uma só hélice vira muito mais rapidamente. Os americanos têm submarinos com duas hélices, camarada comandante?

— Sim, creio que sim.

Tupolev reflectiu. A diferença entre as características da assinatura não eram muito pronunciadas. Veriam, em qualquer caso. O Konovalov navegava a dois nós, cento e cinquenta metros abaixo da superfície. Fosse o que fosse, aproximava-se deles. Sempre iria dar uma lição aos imperialistas!

O “Outubro Vermelho”

— Alguém pode substituir-me ao leme? — perguntou Ryan.

— A precisar de estender as pernas? — perguntou Mancuso, aproximando-se.

— Sim. E também tenho de ir à retrete. O café está a dar-me cabo dos rins.

— Eu substituo-o, sr.

O comandante americano tomou o lugar de Ryan. Jack dirigiu-se à casa de banho mais próxima. Dois minutos depois, sentia-se muito melhor. De novo no centro de controle, fez algumas flexões para reactivar a circulação nas pernas e olhou rapidamente o mapa. Parecia estranho, quase sinistro, ver a costa dos Estados Unidos assinalada em russo.

— Obrigado, comandante.

— De nada — disse Mancuso, levantando-se.

— Não há dúvida de que você não é marinheiro, Ryan. Ramius tinha estado a observá-lo em silêncio.

— Também nunca disse que era, comandante — respondeu Ryan de bom modo. — Quanto falta para chegarmos a Norfolk?

— Mais quatro horas, no máximo — disse Mancuso. — A ideia é chegarmos depois do escurecer. Pensaram num sistema qualquer para entrarmos sem sermos vistos, mas não sei o que é.

— Deixamos o estreito de dia. E se alguém nos viu? — perguntou Ryan.

— Eu não vi nada, mas se estava lá alguém só poderia ver três torres de submarino sem qualquer número. — Haviam partido de dia para aproveitar uma aberta na cobertura do satélite soviético.

Ryan acendeu outro cigarro. A mulher não lhe perdoaria se soubesse, mas ele sentia-se tenso por se encontrar no submarino. Sentado ao leme, não podia fazer outra coisa senão fitar uma série de instrumentos. Era mais fácil manter o submarino estabilizado do que tinha pensado e a única curva radical que tentara mostrava como o submarino resistia a mudar de rota em

qualquer direcção. Trinta e tal mil toneladas de aço... Que admiração!

O “Pogy”/O “Outubro Vermelho”

O Pogy ultrapassou o Dallas como uma seta, a trinta nós, e continuou durante vinte minutos, parando onze milhas à frente... e a três milhas do Konovalov, cuja tripulação mal respirava agora. O sonar do Pogy, embora não dispondo do novo sistema de processamento de sinal BC-10/SAPS, era finíssimo, mas não podia ouvir fosse o que fosse — e o Konovalov nem respirava.

O Outubro Vermelho passou o Dallas às quinze horas, após ter recebido o último sinal de área livre. A sua tripulação estava cansada, ansiando pela chegada a Norfolk, prevista para duas horas depois do pôr do Sol. Ryan perguntou a si próprio a que horas teria avião para Londres. Receava que a CIA quisesse interrogá-lo demoradamente. Mancuso e os tripulantes do Dallas perguntavam a si próprios se iriam ter com as famílias. Não contavam com isso.

O “V. K. Konovalov”

— Seja o que for, é grande, muito grande, creio. A rota fá-lo-á passar a cinco quilómetros de nós.

— Um Ohio, como Moscou disse — comentou Tupolev.

— Parece um submarino de hélices gémeas, camarada comandante — disse o michman.

— O Ohio só tem uma hélice, bem sabe.

— Pois, camarada. Em qualquer caso, estará perto de nós dentro de vinte minutos. O outro submarino de ataque navega a mais de trinta nós. Se se mantiver assim, passará a quinze quilómetros da nossa popa.

— E o outro americano?

— Uns quilómetros ao largo, navegando devagar, como nós. Não sei a distância exacta. Podia obtê-la pelo sonar activo, mas isso...

— Sei muito bem quais são as consequências — resmungou Tupolev, regressando ao centro de controle.

— Diga aos engenheiros que se aprontem para responder aos alarmes. Todos os homens nos postos de combate?

— Sim, camarada comandante — respondeu o starpom. — Temos uma excelente solução de fogo para o submarino americano... o que está a andar, evidentemente. Como navega a alta velocidade, facilita-nos a missão. Poderemos localizar o outro dentro de segundos.

— Ainda bem, para variar. — Tupolev sorriu. — Está a ver o que podemos fazer quando as circunstâncias nos favorecem?

— E que devemos fazer?

— Quando o grande passar por nós, aproximamo-nos e pregamos-lhe um susto. Agora é a nossa vez de brincar. Mande aumentar a” potência. Precisaremos em breve da força máxima.

— Vamos fazer barulho, camarada...—preveniui o starpom.

— Pois vamos, mas não temos por onde escolher. Aumentar a potência em dez por cento. O Ohio não ouvirá e talvez o outro submarino também não.

O “Pogy”

— De onde vem isto? — O chefe de sonar ajustou os controles no painel. — Comandante, aqui sonar. Tenho um contacto, rota dois-três-zero.

— Pode classificá-lo? — perguntou imediatamente o comandante Wood.

— Não sei. Acabo de o apanhar. Ruídos de reator e de vapor, muito fracos, sir. Não consigo ler a assinatura... — Aumentou o volume ao máximo.— Não é nenhum dos nossos. Comandante, parece-me bem que temos aqui um Alfa.

— Ótimo! Avise imediatamente o Dallas!

O chefe tentou, mas o Dallas, navegando a trinta e dois nós, não recebeu os cinco rápidos pings. O Outubro Vermelho estava agora a oito milhas de distância.

O “Outubro Vermelho”

Jones semicerrou repentinamente os olhos.

— Mister Bugayev, diga ao comandante que acabo de ouvir uns pings.

— Uns?

— Mais do que um, mas não contei.

O “Pogy”

O comandante Wood tomou uma decisão. A ideia era enviar sinais de sonar de baixa potência e alta precisão, de modo a minimizar as possibilidades de revelar a sua própria posição. Mas o Dallas não os recebera.

— Potência máxima, chefe. Avise o Dallas de qualquer maneira.

— Muito bem.

O chefe aumentou ao máximo os comandos de potência. Passados alguns segundos, o sistema estava em condições de disparar um sinal de cem quilovátios.

Ping ping ping ping ping!

O “Dallas”

— Eh! — exclamou o chefe Lavai. — Comandante, aqui sonar. Sinal de perigo do Pogy!

— Tudo parado! — ordenou Chambers. — Silêncio absoluto.

— Tudo parado.

O tenente Goodman repetiu as ordens um segundo mais tarde. À popa, a equipa do reator reduziu o vapor e aumentou a temperatura. Os neutrões podiam assim libertar-se da pilha, abrandando rapidamente a reacção de fissão.

— Quando a velocidade chegar aos quatro nós, reduza para um terço — disse Chambers ao oficial de quarto, quando ia a caminho da sala de sonar. — Francês, preciso de dados imediatamente.

— Ainda vamos muito depressa, Sir — disse Lavai.

O “Outubro Vermelho”

— Comandante Ramius, penso que podemos abrandar — disse Mancuso judiciosamente.

— O sinal não foi repetido — respondeu Ramius, discordando.

O segundo sinal falhara o Outubro Vermelho, e o Dallas não retransmitira ainda o sinal de perigo porque manobrava demasiado depressa para localizar o Outubro.

O “Pogy”

— Pronto, sir. O Dallas desligou os motores. Wood mordeu o lábio inferior.

— Vamos lá então procurar esse tipo. Busca lanque, chefe, força máxima. — Tornou ao controle. — Guarnecer postos de combate.

O alarme soou dois segundos depois. O Pogy estava já em estado de alerta primário e, quarenta segundos mais tarde, todos os postos de combate estavam guarnecidos com o imediato, capitão-de-corveta Tom Reynolds, encarregue da coordenação de tiro. A sua equipa de oficiais e técnicos aguardava dados com que aumentar o computador Mark 117 de controle de fogo.

O cone do sonar à proa do Pogy disparara ondas sonoras na água. Quinze segundos após ter entrado em funcionamento, apareceu o sinal reflectido no écran do chefe Palmer.

— Comandante, aqui sonar. Temos um contacto positivo, rota dois-í-rês-quatro, distância seis mil metros. Classificação provável pela assinatura do reactor, classe Alfa — disse Palmer.

— Solução de fogo! — ordenou Wood imediatamente.

— Muito bem.

Reynolds vigiou a introdução de dados, enquanto outra equipa de oficiais desenhava na mesa de mapas um esquema de ataque; era necessário prever uma avaria no computador. Os dados surgiram no écran. Os quatro tubos de torpedo do Pogy continham dois mísseis Harpoon antibarco e dois torpedos Mark 48. Apenas os torpedos interessavam no momento. O Mark 48 era o torpedo mais poderoso que possuíam; electricamente orientado — e capaz de atingir o alvo com o seu sonar activo —, tinha uma velocidade superior a cinquenta nós e transportava uma carga de meia tonelada.

— Comandante, temos uma solução para os dois barcos. Daqui a quatro minutos e trinta e cinco segundos.

— Sonar, desligar o sonar activo — disse Wood.

— Sonar activo desligado, sir — respondeu Palmer, cumprindo a ordem. — Ângulo de elevação-depressão do leme prat a zero, sir. Está praticamente à nossa profundidade.

— Muito bem, sonar. Mantenha-o fixado.

Wood tinha agora a posição do alvo. O sonar activo apenas serviria para revelar a sua posição.

O “Dallas”

— O Pogy disparou um ping e recebeu o reflexo. Rota um-nove-um, mais ou menos —

disse o chefe Lavai.—Há outro submarino por aqui. Não sei qual, Ouço os ruídos de reactor e de vapor, mas não consigo obter a assinatura.

O “Pogy”

— O submarino equipado com mísseis continua a mergulhar, sir — anunciou o chefe Palmer.

— Comandante — disse Reynolds, tirando os olhos dos gráficos de rota — encontra-se entre nós o alvo.

— Ótimo! Um terço em frente, a toda a velocidade. Leme vinte graus à esquerda. — Wood dirigiu-se à sala de sonar, enquanto as suas ordens eram executadas. — Chefe, força máxima e prepare-se para disparar o sonar activo contra o submarino.

— Muito bem, sir. — Palmer manobrou os seus comandos. — Pronto, sir.

— Vá! Desta vez quero que receba mesmo o ping.

Wood examinou o indicador de direcção. O Pogy virava rapidamente, mas não tão rapidamente quanto lhe interessava. O Outubro Vermelho — só ele e Reynolds sabiam que era russo, a tripulação interrogava-se, desesperada, sobre a sua identidade — aproximava-se depressa de mais.

— Pronto, Sir.

— Agora!

Palmer accionou o controle de impulsos. Ping ping ping ping ping!

O “Outubro Vermelho”

— Comandante — gritou Jones. — Sinal de perigo! Mancuso saltou para o anunciador sem esperar pela reacção de Ramius. Ordenou: “Tudo parado.” Feito isto, olhou Ramius.

—’Desculpe, Sir.

— Muito bem.

Ramius examinou, preocupado, o mapa. O telefone tocou um momento depois. Ramius falou em russo durante alguns segundos, antes de desligar.

— Disse-lhes que tínhamos um problema, mas que ainda não sabíamos o que era.

— E é verdade.

Mancuso aproximou-se de Ramius, junto à mesa dos mapas. O ruído dos motores diminuía, embora não o bastante para satisfazer o americano. O Outubro estava silencioso para um submarino russo, mas ainda demasiado barulhento para Mancuso.

— Veja se o seu operador de sonar pode detectar alguma coisa — sugeriu Ramius.

— Está bem. — Mancuso deu uns passos em direcção à popa. — Jonesy, vê lá o que se passa.

— Está bem, comandante, mas não vai ser fácil com este equipamento.

Tinha já os sensores a trabalhar na direcção dos dois submarinos de ataque. Jones ajustou o volume dos auscultadores e começou a trabalhar com os controles de amplificação. Não tinha processadores de sinal nem SAPS, e os transdutores não valiam nada! Não era, porém, altura para se enervar. Os sistemas soviéticos tinham de ser accionados electronicamente, ao contrário daqueles a que estava habituado, controlados por computador. Lenta e cuidadosamente, alterou a

posição dos receptores direccionais do sonar da popa, a mão direita esmagando um maço de cigarros, os olhos fechados. Não viu que Bugayev se sentava junto dele, também à escuta.

O “Dallas”

— Então, chefe? — perguntou Chambers.

— Tenho uma rota e mais nada. O Pogy apanhou-o, mas o nosso amigo inverteu a marcha do motor logo após ter sido detectado e não o apanho. O Pogy recebeu um bom retorno. Deve estar muito perto, chefe.

Chambers era imediato havia apenas quatro meses. Era um oficial brilhante e experiente, candidato a um comando, mas tinha apenas trinta e três anos e quatro meses de submarinos. Ano e meio antes, fora instrutor de reactores em Idaho. Era exigente, como lhe competia nas funções de principal disciplinador em nome de Mancuso, mas a sua exigência mascarava mais insegurança do que estaria disposto a admitir. A sua carreira estava em jogo. Sabia exactamente a importância da missão. O seu futuro dependeria das decisões que tomasse.

— É capaz de o localizar só com um ping! O chefe de sonar reflectiu por um momento.

— Não chega para uma solução de fogo, mas sempre nos dará alguma indicação.

— Um ping, então.

— Muito bem.

Lavai manipulou o seu painel, ligando o sonar activo.

O “V. K. Konovalov”

Tupolev pestanejou. Agira demasiado depressa. Devia ter esperado que passassem... mas, se tivesse esperado tanto, não poderia ficar no mesmo sítio e tinha agora os três à sua volta, praticamente quietos.

Os quatro submarinos navegavam à velocidade mínima indispensável para a manutenção da rota. O Alfa russo apontava a sudeste. Os quatro barcos desenhavam aproximadamente um trapézio, aberto ao largo. O Pogy e o Dallas encontravam-se a norte do Konovalov, o Outubro Vermelho a sudeste.

— Alguém lhe enviou um ping — disse Jones calmamente. — A rota é mais ou menos noroeste, mas não faz barulho suficiente para o detectarmos. Sir, eu diria que está muito perto.

— Como sabes disso? — perguntou Mancuso.

— Ouvi o ping... Só um, para obter a distância, penso. Era de um BQQ-5. Depois ouvi o eco do alvo. Claro que há várias hipóteses, mas eu diria que ele está entre nós e os nossos amigos, um pouco a ocidente. É o melhor que se pode arranjar, sir.

— A dez quilómetros de distância, talvez menos — disse Bugayev. — Mais ou menos. De qualquer modo, é um ponto de partida

como outro qualquer. Há poucos dados. Lamento, comandante. Melhor do que isto... — observou Jones.

Mancuso concordou de cabeça e voltou ao controle.

— Então? — perguntou Ryan.

Os comandos dos hidroplanos estavam todos metidos dentro, para manter a profundidade. Ryan não tinha noção do que se passava.

— Anda por aí um submarino hostil.

— Que informação temos? — perguntou Ramius.

— Pouca. Há um contacto a noroeste. Distância desconhecida, mas provavelmente não muito longe. De certeza que não é nenhum dos nossos. Norfolk disse que a área estava limpa. Só temos uma solução. Vogamos?

— Vogamos — repetiu Ramius, pegando no telefone e dando algumas ordens.

Os motores do Outubro reduziram a potência para menos de dois nós de velocidade, o mínimo bastante para manter a rota, mas não o suficiente para manter a profundidade. Com a sua flutuabilidade ligeiramente positiva, o Outubro subia alguns metros por minuto, a despeito da posição dos hidroplanos.

O “Dallas”

— Vamos recuar para sul. Não me agrada nada ter esse Alfa mais perto do nosso amigo do que nós. Dois terços à direita, rota um-oito-cinco — ordenou Chambers.

— Muito bem — respondeu Goodman. — Quinze graus no leme direito, nova rota um-oito-cinco. Dois terços avante.

— Quinze graus no leme direito. — O timoneiro rodou o leme. — Sir, quinze graus no leme direito, nova rota um-oito-cinco.

Os quatro tubos de torpedo do Dallas estavam carregados com três Mark 48 e uma isca, um MOSS (simulador submarino móvel) que custava uma fortuna. Um dos torpedos fora apontado ao Alfa, mas a solução de fogo era vaga. O “peixe” teria de se orientar, em parte, sozinho. Os dois torpedos do Pogy estavam rigorosamente apontados ao alvo.

O problema era que nenhum dos barcos tinha autoridade para disparar. Os dois submarinos operavam ao abrigo das regras habituais. Só poderiam disparar em legítima defesa, e para defender o Outubro Vermelho teriam de utilizar o bluff e as astúcias. Saber o Alfa que o Outubro Vermelho navegava ali?

O “Konovalov”

— Avante em direcção ao Ohio — ordenou Tupolev. — Aumentar a velocidade para três nós. Temos de ter paciência, camaradas. Agora que os americanos sabem onde estamos, não tornarão a disparar pings. Vamos sair daqui sem fazer barulho.

A hélice de bronze do Konovalov começou a rodar mais rapidamente. Tendo desligado alguns sistemas eléctricos que não eram essenciais, os engenheiros conseguiram aumentar a velocidade sem aumentar a potência do reactor.

O “Pogy”

No Pogy, o submarino mais perto do Konovalov, o contacto perdeu força, prejudicando, de certo modo, a indicação direccional. O comandante Wood chegou a pensar em reconfirmar a posição através do sonar activo, mas mudou de ideias. Se usasse o sonar activo, a sua posição equivaleria à de um polícia perseguindo um gatuno com uma lanterna num edifício às escuras. Os

pings de sonar seriam mais elucidativos para o seu alvo do que para ele próprio. O emprego do sonar passivo era a rotina em casos semelhantes.

O chefe Palmer informou sobre a passagem do Dallasa bombordo. Wood e Chambers decidiram não utilizar o telefone subaquático para comunicar. Não podiam agora permitir-se fazer qualquer barulho.

O “Outubro Vermelho”

Navegavam lentamente havia meia hora. Ryan fumava cigarros uns atrás dos outros, no seu posto, e suava da palma das mãos, lutando embora para manter a compostura. Não fora treinado para aquele tipo de combate — preso num tubo de aço, incapaz de ver ou de ouvir fosse o que fosse. Sabia que andava por perto um submarino soviético e não ignorava quais eram as suas ordens. Se o comandante do submarino soviético descobrisse quem eram... Os dois comandantes mantinham uma calma espantosamente imperturbável.

— Os vossos submarinos podem proteger-nos? — perguntou Ramius.

— Disparar contra um submarino russo? — Mancuso abanou a cabeça. — Só se ele disparar primeiro... contra eles. Não podemos fazer nada, as regras proibem-no.

— Quê? — exclamou Ryan, atónito.

— Quer desencadear uma guerra? — perguntou Mancuso, sorrindo, como se achasse a situação divertida. — É o que acontece quando vasos de guerra de dois países começam a trocar tiros. Temos é que nos ver livre disto sem fazer asneiras.

— Calma, Ryan — disse Ramius. — Estamos habituados a este jogo. O submarino tenta descobrir-nos e nós tentamos não ser descobertos. Diga-me, comandante Mancuso, a que distância da Islândia nos ouviu?

— Não estudei atentamente o vosso mapa, comandante — disse Mancuso.—Talvez vinte milhas, trinta e tal quilómetros.

— Nessa altura, nós navegávamos a treze nós... O ruído aumenta mais depressa do que a velocidade. Penso que podemos navegar para leste, lentamente, sem sermos detectados. Ligaremos o Caterpillar. Velocidade, seis nós. Como sabe, o sonar soviético não é tão eficiente como o americano. Concorde, comandante? Mancuso concordou de cabeça.

— O barco é seu, sir. Posso sugerir a rota nordeste? Ficariamos atrás dos nossos submarinos dentro de uma hora, talvez menos.

— Está bem.

Ramius aproximou-se, coxeando, do painel de controle para abrir as escotilhas do túnel e pegou de novo no telefone. Deu as ordens necessárias. Um minuto depois, os motores do caterpillar começavam a funcionar e a velocidade aumentava lentamente.

—Dez graus no leme direito, Ryan — disse Ramius. — E alivie os hidroplanos.

—Leme direito, dez graus, sir. Hidroplanos aliviados.

Ryan executou as ordens, mais tranquilo por os ver fazer alguma coisa.

— A rota é zero-quatro-zero, Ryan — disse Mancuso à mesa dos mapas.

— Rota três-cinco-zero a passar a zero-quatro-zero.

Do posto do leme, Ryan ouvia a água correr no túnel de bombordo. Mais ou menos de minuto a minuto, escutava um ruído estranho que durava três ou quatro segundos. O indicador de velocidade avançou quatro nós.

— Assustado, Ryan? — perguntou Ramius, sorrindo. Jack praguejou consigo. Em voz

trémula, disse:

— E um pouco cansado também.

— Compreendo o que sente. Para um homem sem preparação, está a comportar-se muito bem. Chegaremos tarde a Norfolk, mas chegaremos, vai ver. Já andou num submarino equipado com mísseis, Mancuso?

— Claro. Descontraia-se, Ryan. É assim nos submarinos equipados com mísseis. Vem sempre alguém à nossa procura. A nós compete desaparecer.

O comandante americano levantou os olhos do mapa. Pousara moedas nas posições calculadas dos três submarinos. Pensou em marcar o mapa, mas mudou de ideias. O mapa tinha anotações muito interessantes como, por exemplo, posições programadas para disparo de mísseis. Os Serviços Secretos da Marinha iriam delirar com aquele tipo de informação,

O Outubro Vermelho navegava para nordeste, a seis nós. O Kono valov de sudeste, a três. O Pogy seguia para sul, a dois, e o Dallastambém para sul, a quinze. Os quatro submarinos encontravam-se agora num círculo de seis milhas de diâmetro, convergindo todos para o mesmo ponto.

O “V. K. Konovalov”

Tupolev exultava. Fosse lá pelo que fosse, os americanos tinham decidido uma manobra clássica que ele não esperava. Inteligente teria sido um dos submarinos aproximar-se e acozá-lo, deixando que o barco equipado com mísseis se esgueirasse com a sua escolta. Enfim, no mar nunca se repetiam exactamente duas tácticas. Tomou um gole de chá enquanto escolhia uma sanduíche.

O rúchman do sonar detectou um som estranho. Durou poucos segundos e desapareceu. Um ruído sísmico distante, pensou, a princípio.

O “Outubro Vermelho”

Tinham subido por causa da flutuabilidade positiva do Outubro Vermelho, e Ryan introduzira um ângulo para baixo de cinco graus nos planos de mergulho, a fim de descer a cem metros. Ouviu os comandantes discutir a ausência de termoclina. Mancuso explicou que era normal naquela zona, sobretudo depois de tempestades violentas. Concordaram que era uma pena. Uma camada térmica ajudá-los-ia a fugir.

Jones encontrava-se à entrada da popa do centro de controle, a esfregar as orelhas. Os auscultadores russos eram pouco confortáveis.

— Comandante, estou a ouvir qualquer coisa do norte. Vai e vem. Ainda não consegui a rota.

— Quem é? — perguntou Mancuso.

— Não sei, sir. O sonar activo não é mau, mas o passivo não presta, comandante. Não navegamos às cegas, mas quase.

— Está bem. Se ouvires qualquer coisa, avisa.

— Muito bem, comandante. Tem aí café? Mister Bugayev mandou-mo buscar.

— Já te mando uma cafeteira.

— Ótimo.

Jones regressou ao trabalho.

O “V. K. Konovalov”

— Camarada comandante, tenho um contacto, mas não sei o que é — disse o michman pelo telefone.

Tupolev voltou ao sonar, mastigando a sanduíche. Os Ohios eram tão raramente detectados pelos russos — haviam-no sido três vezes, em rigor, e de cada vez os russos tinham-nos perdido minutos depois — que ninguém estava treinado para identificar imediatamente as características de classe.

O michman passou ao comandante um par de auscultadores.

— Demorará algum tempo, comandante. Vai e vem...

A água ao largo da costa americana, embora quase isotérmica, não era absolutamente ideal para sistemas de sonar. Pequenas correntes e redemoinhos criavam obstáculos que reflectiam e canalizavam as ondas sonoras de uma maneira bastante imprevisível. Tupolev sentou-se e pôs-se pacientemente à escuta. Passaram cinco minutos antes que o sinal regressasse. O michman ergueu a mão.

— Agora, camarada comandante. Tupolev empalideceu.

— Rota?

— O sinal é muito fraco... Não tenho tempo para o fixar... Três graus à popa, mais ou menos, entre um-três-seis e um-quatro-dois.

Tupolev atirou com os auscultadores para cima da mesa e dirigiu-se à proa. Agarrou o comissário político e puxou-o para a sala de oficiais.

— É o Outubro Vermelho!

— Impossível! O comandante da esquadra disse que a sua destruição foi confirmada por inspecção visual dos destroços.

O zampolit abanava energicamente a cabeça.

— Fomos enganados. A assinatura acústica do caíerpillar é única, camarada. Os americanos apanharam-no. Vai ali a navegar. Temos de o destruir!

— Não. Vamos contactar com Moscú e pedir instruções.

O zampolit era um bom comandante, mas era também um oficial de barcos de superfície, não pertencia aos submarinos.

— Camarada zampolit, precisaremos de vários minutos para nos aproximarmos da superfície, talvez dez ou quinze para enviar uma mensagem a Moscú, mais trinta para receber uma resposta de Moscú... a pedir confirmação! Ao todo, uma hora ou duas ou três! Por essa altura, já o Outubro Vermelho terá desaparecido. Recebemos ordens explícitas para destruir o Outubro Vermelho e não há tempo para contactarmos com Moscú.

— Mas se está enganado?

— Não estou enganado, camarada! — sibilou o comandante. — Anotarei no diário de bordo o contacto e as minhas recomendações. Se me proibir de agir, anotarei também a proibição no diário! Não me engano, camarada. A sua cabeça é que estará em jogo, não a minha. Decida-se!

— Tem a certeza?

— Absoluta!

— Muito bem. — O zampolit suspirou fundo. — Como é que vai fazer?

— Vou actuar o mais rapidamente possível, antes que os americanos tenham possibilidade

de nos destruir. Vá para o seu posto, camarada.

Os dois homens regressaram ao centro de controle. Os seis tubos de torpedo à proa do Konovalov foram carregados com torpedos orientáveis Mark C de 533 milímetros. Só precisavam que lhes dissessem o que atingir.

— Sonar, busca à proa com todos os sistemas activos! — ordenou o comandante.

O michman carregou no botão.

O “Outubro Vermelho”

— Comandante!—exclamou Jones, virando a cabeça. — Estamos a receber pings. A bombordo, a meio do barco, talvez um pouco mais à popa. Não é nenhum dos nossos, sir.

O “Pogy”

— Comandante, aqui sonar. O Alfa detectou o submarino! Rota um-nove-dois.

— Dois terços avante — ordenou Wood imediatamente.

— Dois terços avante.

Os motores do Pogy aceleraram e logo a hélice começou a dilacerar as águas escuras.

O “V. K. Konovalov”

— Distância, sete mil e seiscentos metros. Ângulo de elevação zero — informou o michman.

Ali estava, pois, o submarino que haviam sido encarregados de perseguir. O michman colocara uns auscultadores com microfone que lhe permitia falar directamente com o comandante e com o oficial de tiro.

O starpom era o supervisor do controle de tiro. Introduziu rapidamente os dados no computador. Tratava-se de um simples problema geométrico.

— Temos uma solução para os torpedos um e dois.

— Preparar para disparar.

— Inundar os tubos. — O starpom accionou ele próprio os interruptores, sem recorrer ao subalterno. — Escotilhas exteriores dos tubos dos torpedos abertas.

— Reconfirmar solução de fogo! — ordenou Tupolev.

O “Pogy”

O chefe de sonar do Pogy foi o único homem a ouvir o ruído, breve.

— Comandante, aqui sonar. Contacto Alfa... O Alfa acaba de inundar os tubos, sir! Rota do alvo, um-sete-nove.

O “V. K. Konovalov”

— Solução confirmada, camarada comandante — disse o starpom. — Disparar o um e o dois — ordenou Tupolev.

— Disparar o um... Disparar o dois.

O Konovalov estremeceu duas vezes, quando as cargas de ar comprimido ejectaram os torpedos eléctricos.

O “Outubro Vermelho”

Jones foi o primeiro a ouvi-los.

— Torpedos de alta velocidade a bombordo! — disse em voz alta e clara. — Torpedos a bombordo!

— Ryl nalyeva! — ordenou Ramius automaticamente.

— Quê? — perguntou Ryan.

— Leme esquerdo! — disse Ramius, desferindo um murro na balaustrada.

— Leme esquerdo todo! — ordenou Mancuso.

— Leme esquerdo todo.

Ryan rodou completamente o leme, mantendo-o nessa posição. Ramius ordenava, entretanto, saída pelo flanco a alta velocidade.

O “Pogy”

— Dois peixes disparados — disse Palmer. — A rota passa da direita para a esquerda. Repito, a rota dos torpedos passa rapidamente da direita para a esquerda. Vêm apontados ao Outubro Vermelho.

O “Dallas”

O Dallas também os ouviu. Chambers ordenou o aumento de velocidade e rotação a bombordo. Com os torpedos disparados, as opções eram limitadas; fazia o que a prática americana lhe ensinara: esconder-se algures... muito depressa.

O “Outubro Vermelho”

— Preciso de uma rota! — exclamou Ryan.

— Jonesy, dá-me a rota! — gritou Mancuso.

— Três-dois-zero, sir. Dois peixes em aproximação — respondeu imediatamente Jones, manobrando os comandos para fixar a trajectória.

— Para estibordo, três-dois-zero, Ryan — ordenou Ramius —, se conseguirmos rodar tão rapidamente.

Obrigado, agradeceu Ryan mentalmente, furioso, vendo a bússula giroscópica saltar para três-cinco-sete. O leme resistia e, com o súbito aumento de velocidade dos motores do caterpillar, Ryan notava essa resistência na roda.

— Dois peixes aproximando-se. Rota três-dois-zero, repito, rota constante — anunciou Jones, mais calmo do que se sentia. — Lá vamos nós, rapazes...

O “Pogy”

O quadro tático mostrava o Outubro, o Alfa e os dois torpedos. O Pogy encontrava-se quatro milhas a norte da acção.

—Podemos disparar? — perguntou o imediato.

— Contra o Aljal — Wood abanou energicamente a cabeça. — Não, diabo! Que adiantaria?

O “V. K. Konovalov”

Os dois torpedos Mark C cortavam as águas a quarenta e um nós, velocidade baixa para a circunstância, de modo a poderem ser mais facilmente guiados pelos sistemas de sonar do Konovalov. Demorariam seis minutos a atingir o alvo e um minuto já passara.

O “Outubro Vermelho”

— Rota três-quatro-cinco, leme aliviado — disse Ryan. Mancuso manteve o silêncio. Ramius utilizava uma tática com a

qual não concordava muito: navegar de encontro aos torpedos. Oferecia um perfil mínimo de embate, mas permitiria ao inimigo uma solução de intercepção geométrica mais simples. Enfim, Ramius devia saber como funcionavam os torpedos russos. Mancuso, pelo menos, assim o esperava...

— Rota três-dois-zero estabilizada, comandante — disse Ryan, os olhos fixos na bússola giroscópica como se esta pudesse elucidá-lo sobre o que fazer.

Uma voz íntima felicitava-o por ter ido à casa de banho uma hora antes.

- Ryan, inclinação máxima para baixo nos hidroplanos de mergulho.

— Tudo para baixo.

Ryan executou a ordem. Estava aterrorizado, mais ainda por causa do risco de colisão. Devia presumir que os comandantes sabiam o que faziam. Não tinha por onde escolher. Uma coisa não ignorava: os torpedos guiados podem ser atraídos a um falso alvo. Tal como os sinais de radar dirigidos para terra, os impulsos de sonar podem ser confundidos, principalmente quando o submarino que tentam localizar está perto do fundo ou da superfície, áreas onde há tendência para a reflexão desses impulsos. Se o Outubro mergulhasse, beneficiaria de um campo opaco... desde que mergulhasse depressa.

O “V. K. Konovolov”

—O aspecto do alvo alterou-se, camarada comandante. O alvo é agora mais pequeno — disse o michman.

Tupolev reflectiu. Conhecia tudo sobre a doutrina de combate soviética — e sabia que Ramius era, em boa parte, o autor dela. Marko fará aquilo que nos ensinou, pensou Tupolev. Navegará ao encontro das armas para minimizar a área de embate, e mergulhará até ao fundo, com vista a perder-se na confusão dos ecos.

— O alvo tenta mergulhar até ao fundo. Mantenha-se alerta.

— Muito bem, camarada. Poderá ele chegar ao fundo com suficiente rapidez?—perguntou o starpom.

Tupolev procurou recordar-se das características do Outubro.

— Não. Não pode mergulhar assim tão rapidamente. Apanhámo-lo!

— Desculpa, meu velho amigo, mas tem de ser...

O “Outubro Vermelho”

Ryan contorcia-se de cada vez que o ping do sonar ecoava pelo casco duplo.

— Não é possível confundi-los? — perguntou.

— Paciência, Ryan — disse Ramius.

Nunca antes enfrentara torpedos a sério, mas estudara centenas de vezes a situação na sua carreira.

— Deixemo-lo, primeiro, convencer-se de que nos apanhou.

— Vocês têm iscas? — perguntou Mancuso.

— Temos quatro na sala dos torpedos, à popa... mas não temos pessoal.

Os dois comandantes mantinham uma calma olímpica, verificou Ryan, irritado, ele que sentia tanto medo. Nenhum estava disposto a ceder perante o outro. Tinham sido preparados para se comportarem assim.

— Comandante — disse Jones —, dois peixes. Rota constante, três-dois-zero... Acabam de ser activados. Repito, os peixes acabam de ser activados... Merda! Parecem 48. Comandante, parecem Mark 48.

Ramius já calculava.

— Sim, roubámos o vosso sistema de sonar dos torpedos há cinco anos, mas não roubámos os motores. Bugayev!

Na sala de sonar, Bugayev activara ao máximo o equipamento de interferência acústica, mal os torpedos haviam sido lançados. Ajustava agora, cuidadosamente, os impulsos, de modo a que coincidissem com os dos torpedos em aproximação. Os impulsos eram emitidos na mesma frequência e ao mesmo ritmo. O ajuste tinha de ser preciso. Enviando ecos ligeiramente distorcidos, criava alguns fantasmas. Não muitos, nem muito longe; poucos e perto. Podia, assim, confundir os operadores de tiro do Alfa atacante. Manobrou cuidadosamente o interruptor, enquanto mordida um cigarro americano.

O “V. K. Konovolov”

— Raios! Estamos a ser interferidos!

O michman, tendo recebido dois retornos desgarrados, mostrou o primeiro sinal de

emoção. O sinal do alvo era agora acompanhado de dois novos sinais, um a norte, perto, outro a sul, mais distante.

— Comandante, o alvo utiliza equipamento de interferência soviético.

— Está a ver? — disse Tupolev ao zampolit. — Cautela, agora — ordenou ao starpom.

O “Outubro Vermelho”

— Ryan, tudo para cima nos hidroplanos! — ordenou Ramius.

— Tudo para cima. — Ryan accionou os comandos, puxando a alavanca contra o peito e rezando para que Ramius soubesse o que estava a fazer.

— Jones, tempo e distância.

— Muito bem. — A interferência dava-lhes uma imagem de sonar nos écrans principais. — Dois peixes, rota três-dois-zero. Distância ao número um, dois mil metros; ao número dois, dois mil e trezentos... Ângulo de depressão no número um! O número um desceu um pouco, sir.

Talvez Bugayev não fosse tão estúpido quanto parecia, pensou Jones. Mas teriam de se aguentar com dois torpedos...

O “Pogy”

O comandante do Pogy estava furioso. As malditas regras impediam-no de fazer uma certa coisa, excepto...

— Sonar, um ping no filho da mãe! Força máxima!

O BQQ-5 do Pogy atingiu o Alfa com potentes ondas sonoras. O Pogy não podia disparar, mas talvez o russo não soubesse disso e talvez os pings interferissem com o sonar dos torpedos.

O “Outubro Vermelho”

— Um dos torpedos vai atingir-nos, sir. Não sei qual.

Jones tirou um dos auscultadores, tapando o ouvido com a mão. O sonar de um dos torpedos já os fixara. Más notícias. Se eram como os Mark 48... Jones sabia que coisas dessas não costumavam errar o alvo. Detectou uma alteração no comprimento de onda da vibração das hélices, quando um dos torpedos passou por baixo do Outubro Vermelho.

— Um falhou, sir. O número um falhou. O número dois aproxima-se. O intervalo dos pings reduz-se.

Estendeu a mão e bateu amigavelmente no ombro de Bugayev. Talvez ele fosse o génio que os russos proclamavam.

O “V. K. Konovalov”

O segundo torpedo Mark C cruzava as águas a quarenta e um nós. Entrando em linha de conta com a velocidade do alvo, navegava a cinquenta e cinco. O sistema de orientação e decisão era complexo. Incapazes de reproduzir o sistema computarizado do Mark 48 americano, os

soviéticos utilizavam o retorno de sonar do torpedo ao vaso lançador, através de um fio isolado. O starpom dispunha de vários dados de sonar para orientar os torpedos — os do sonar montado no submarino e os do sonar no próprio torpedo. O primeiro peixe fora iludido pelas imagens que a interferência duplicara na frequência do sonar. No segundo, o starpom utilizava o sonar da popa, de frequência mais reduzida. O primeiro falhara o alvo por pouco, já o sabia. Significava isto que o alvo era acusado pelo ping médio. Uma rápida alteração de frequência pelo michman limpou a imagem de sonar por uns segundos, antes que a interferência fosse ajustada. Friamente e com perícia, o starpom ordenou ao segundo torpedo que escolhesse o alvo central.

A carga de duzentos e cinquenta quilos atingiu o alvo a meio do barco, na direcção da popa, logo adiante do centro do controle. Explodiu um milionésimo de segundo mais tarde.

O “Outubro Vermelho”

A força da explosão arrancou Ryan da cadeira. Ryan bateu com a cabeça na coberta. Despertou de um momento de inconsciência com os ouvidos a zumbir no escuro. O choque da explosão provocara um curto-circuito em vários painéis eléctricos, e passaram vários segundos antes de as luzes vermelhas de alarme começarem a piscar. À popa, Jones tirara os auscultadores dos ouvidos no momento exacto, mas Bugayev, que tentara até ao último instante iludir o torpedo, não o fizera. Rebolava-se na coberta, sofrendo muito, um tímpano rebentado, totalmente surdo. Na zona das máquinas, os homens procuravam pôr-se de pé. Aí, as luzes não se tinham apagado e o primeiro gesto de Melekhin foi examinar o quadro de controle de danos.

A explosão verificara-se no casco exterior, uma placa de aço leve. Do lado de dentro, havia um tanque de lastro cheio de água e um conjunto de reflectores celulares com dois metros de largura. Atrás do tanque existiam câmaras-de-ar e alta pressão. A seguir, as baterias do Outubro e o casco de pressão interna. O torpedo atingira a placa de aço do casco exterior a vários metros de qualquer das junções. A força da explosão abrira um buraco de mais de três metros, destrocara os reflectores do tanque de lastro e rompera várias câmaras-de-ar. Muita da sua força, porém, já se dissipara, depois de provocar os últimos danos em trinta das grandes células das baterias de níquel-cádmio. Os engenheiros soviéticos haviam-nas colocado naquele sítio deliberadamente. Sabiam que dificilmente poderiam ser inspeccionadas e recarregadas e, acima de tudo, que ficariam expostas à contaminação da água do mar. Tudo isto tendo em vista o objectivo secundário de servirem como reforço adicional do casco. As baterias do Outubro salvaram-no. Sem elas, a força da explosão ter-se-ia libertado no casco de pressão. Assim, fora grandemente reduzida pelo sistema defensivo, que não tinha similar no Ocidente. No casco interior, abrira-se uma brecha e a água entrava no centro de comunicações como saída de uma mangueira de alta pressão; tirando isso, o casco aguentava-se perfeitamente.

No centro de controle, Ryan não tardou a voltar ao seu posto. Procurou logo verificar se os instrumentos ainda funcionavam. Ouvia a água a inundar o compartimento seguinte, à popa. Não sabia o que fazer. Sabia, contudo, que não era altura para entrar em pânico, por muito que lhe apetecesse fugir.

— Que faço?

— Ainda está vivo? — O rosto de Mancuso assumia uma expressão satânica às luzes vermelhas.

— Não, raios! Estou morto! Que faço?

— Ramius?

O comandante russo empunhava uma lanterna que retirara de um suporte na antepara da popa.

— Mergulhar para o fundo.

Ramius pegou no telefone e mandou parar os motores. Melekhin já tinha dado a ordem.

Ryan accionou os controles que lhe competiam. Num maldito submarino com um maldito buraco, mandam mergulhar!

O “V. K. Konovalov”

— Bom tiro, camarada comandante — disse o michman. — Os motores pararam. Ouço ruídos de casco. A profundidade aumenta.

Disparou mais uns pings, mas não obteve resposta. A explosão perturbava muito a água. Havia ecos da explosão inicial reverberando pelos mares. Triliões de bolhas de água tinham-se formado, criando uma “zona insonorizada” em redor do alvo que rapidamente o obscureceu. Os pings eram reflectidos pela nuvem de bolhas e o sonar passivo ressentia-se dos ruídos recorrentes. O michman sabia apenas que um dos torpedos atingira o alvo, provavelmente o segundo. Era um homem experiente, tentando identificar os ruídos e o sinal. Reconstituiu correctamente quase tudo o que se passara.

O “Dallas”

— Um a zero para aqueles bandidos — disse o chefe de sanar.

O Dallas navegava depressa de mais para poder utilizar com proveito o sonar, mas a explosão, essa não podia ter-lhe falhado. Todos os tripulantes a tinham ouvido através do casco.

No centro de ataque, Chambers anotou a posição, a duas milhas de onde o Outubro estivera. Os outros olharam os instrumentos sem emoção. Dez dos seus companheiros acabavam de ser atacados e o inimigo estava do outro lado da parede de ruído.

— Abrandar para um terço — ordenou Chambers.

— Um terço avante — repetiu o oficial de quarto.

— Sonar, preciso de dados — disse Chambers.

— Estou a tentar, sir.

O chefe Lavai esforçou-se por compreender o que ouvia. Demorou alguns minutos, enquanto o Dallas abrandava a velocidade para dez nós.

— Comandante, aqui sonar. O submarino foi atingido por um torpedo. Não ouço os motores... mas também não ouço ruídos de ruptura no casco. Repito, não ouço ruídos de ruptura no casco.

— Consegue ouvir o Alfa?

— Não, sir, há muita agitação na água.

Chambers fez uma careta. És um oficial, disse consigo, pagam-te para pensar. Primeiro, que se passa? Segundo, que podes fazer? Pensa e depois actua.

— Distância calculada ao alvo?

— Nove mil metros, mais ou menos, sir — disse o tenente Goodman, lendo a última solução de fogo no computador. — Deve estar no extremo da zona insonorizada.

— Descer a cento e oitenta metros.

O oficial de mergulho transmitiu a ordem ao timoneiro. Chambers reflectiu e tomou uma decisão. Desejou que Mancuso e Mannion estivessem presentes. O comandante e o navegador eram os outros dois membros do que se poderia chamar comissão de manobra táctica do Dallas. Precisava de trocar ideias com oficiais experimentados... mas não havia nenhum.

— Ouçam. Vamos descer. A perturbação provocada pela explosão vai manter-se ainda durante algum tempo. A modificar-se, será no sentido ascendente; portanto, nós vamos para baixo. Primeiro, precisamos de localizar o submarino. Se não o encontrarmos, é porque está no fundo. A profundidade aqui é apenas de duzentos e setenta metros, logo, o submarino pode estar no fundo com a tripulação viva. Esteja ou não esteja, temos de nos colocar entre ele e o Alfa.

E se o Alfa dispara? Nesse caso, disparo também e para o diabo com as regras! Tinham de trocar as voltas àquele tipo; como? Onde estava o Outubro Vermelho?

O “Outubro Vermelho”

O Outubro Vermelho mergulhava mais rapidamente do que o previsto. A explosão rompera também um dos tanques de equilíbrio, provocando maior flutuabilidade negativa do que aquela com que contavam.

A ruptura no centro de comunicações era grave; Melekhin, porém, reagira imediatamente perante a inundação do painel de controle de danos. Cada compartimento possuía a sua bomba eléctrica. A bomba do centro de comunicações, auxiliada por uma bomba geral, que também activara, mal conseguia competir com a inundação. Os rádios estavam já destruídos, mas ninguém planeava enviar mensagens.

— Ryan, tudo para cima e leme todo para a direita — disse Ramius.

— Leme todo para a direita, tudo para cima nos hidroplanos — disse Ryan. — Vamos bater no fundo?

— Tentaremos evitá-lo — disse Mancuso. — Se batermos, a brecha ainda abrirá mais.

— Bonito... — resmungou Ryan.

O Outubro Vermelho abrandou na descida, curvando a leste, para debaixo da zona insonorizada. Ramius queria esta zona entre o submarino e o Alfa. Mancuso estava convencido de que escapariam. Precisava de estudar bem os planos daquele barco.

O “Dallas”

— Sonar, dois pings de baixa frequência no submarino. Não quero que ninguém ouça, chefe.

— Muito bem.—O chefe Lavai ajustou os controles e enviou os sinais. — Comandante, aqui sonar. Apanhei-o! Rota dois-zero-três, distância dois mil metros. Não está, repito, não está no fundo, sir.

— Quinze graus no leme esquerdo, rota dois-zero-três — ordenou Chambers.

— Quinze graus no leme esquerdo! — repetiu o timoneiro. — Nova rota dois-zero-três, sir. Leme esquerdo a quinze graus.

— Francês, o submarino?

— Ouço, sir... ruídos de bombas, penso... Está a deslocar-se. Rota dois-zero-um. Estou a apanhá-lo no sonar passivo, sir.

— Thompson, calcule a rota do submarino. Mister Goodman, ainda temos o MOSS pronto para lançamento?

— Temos, sir — respondeu o oficial de torpedos.

O “V. K. Konovalov”

— Tê-lo-emos afundado? — perguntou o zampolit.

— Provavelmente — respondeu Tupolev sem saber ao certo. — É melhor aproximarmos para termos a certeza. Avante, devagar.

— Avante, devagar.

O “Pogy”

O Pogy encontrava-se agora a dois mil metros do Konovalov, disparando contra ele pings impiedosos.

— Está a andar, sir. Apanho-o no sonar passivo — disse o chefe Palmer.

— Muito bem, suspenda os pings — ordenou.

— Pings suspensos.

— Temos solução de fogo?

— Perfeitíssima — respondeu Reynolds. — Dentro de um minuto e zero segundos. Os dois torpedos prontos.

— Um terço avante.

— Um terço avante.

O Pogy abrandou. O comandante procurava uma desculpa para disparar.

O “Outubro Vermelho”

— Comandante, recebemos um ping de um dos nossos-sonares, a nor-nordeste. De baixa frequência, sir. Deve estar perto.

— Achas que podes falar com ele pelo telefone?

— Posso, sir!

— Comandante — perguntou Mancuso —, autoriza-me a comunicar com o meu barco?

— Autorizo.

— Jones, fala!

— Jones chama Francês. Ouvem-me? — O operador de sonar franziu o sobrolho. — Francês, responde!

O “Dallas”

— Comandante, aqui sonar. Tenho Jonesy ao telefone. Chambers pegou no telefone do centro de controle.

— Jones, fala Chambers. Qual a vossa situação? Mancuso tirou o microfone da mão do seu

operador.

— Wally, fala Bart — disse. — Apanhámos um a meio do barco, mas o casco aguenta-se. Pode fazer interferência?

— Posso. É para já! Terminado. — Chambers pousou o telefone. — Goodman, inundar o tubo do MOSS. Vamos seguir o MOSS. Se o Alfa disparar contra ele, reagimos. Dois mil metros a direito, depois desvio para sul.

— Muito bem. Escotilha exterior aberta, ar.

— Lançar!

— MOSS lançado, sir.

A isca partiu a vinte nós, em protecção do Dallas, cruzando a água a esta velocidade durante dois minutos; depois, abrandou. Possuía corpo do torpedo e transportava à frente um poderoso transdutor de sonar que accionava um gravador e transmitia os ruídos previamente registados de um submarino da classe 688. De quatro em quatro minutos, calava-se. O Dallas seguia mil metros atrás da isca e bastante abaixo dela.

O Konovalov aproximou-se da parede de bolhas cuidadosamente, com o Pogy navegando para norte.

— Dispara contra a isca, filho da mãe — disse Chambers baixinho. A tripulação do centro de ataque ouviu-o e sorriu em concordância.

O “Outubro Vermelho”

Ramius calculou que a zona insonorizada estava agora entre o seu submarino e o Alfa. Mandou inverter a marcha dos motores. O Outubro Vermelho continuou numa rota nordeste.

O “V. K. Konovalov”

— Dez graus no leme esquerdo — ordenou Tupolev calmamente. — Vamos rodear a zona de silêncio pelo norte, a ver se ele ainda mexe quando regressarmos. Primeiro, temos de isolar o ruído.

— Por enquanto, nada — disse o michman. — Não embateu no fundo. Não há ruídos de colapso... Novo contacto, rota um-sete-zero... Som diferente, camarada comandante. Uma hélice... Parece americano.

— Direcção?

— Sul, creio. Sim, ruma a sul... O som está a alterar-se. É americano.

— Uma isca de um submarino americano. Não fazemos caso.

— Não fazemos caso? — repetiu o zampolit.

— Camarada, se rumássemos a norte e fôssemos torpedeados viraria para sul? Sim, você viraria... Marko não. É demasiado evidente. Este americano lança-nos uma isca na tentativa de nos repelir. Pouco inteligente. Marko faria melhor. E navega para norte. Eu conheço-o, sei como pensa. Navega para norte, talvez nordeste. Não teriam disparado a isca se o Outubro Vermelho se tivesse afundado. Ficamos a saber que continua a navegar, embora atingido. Havemos de o descobrir e acabar com ele — disse Tupolev, sem se excitar.

De todo concentrado na perseguição ao Outubro Vermelho, Tupolev relembrou tudo o que aprendera. Demonstraria agora que era ele o novo professor. Tinha a consciência tranquila.

Tupolev cumpria o seu destino.

— Mas os americanos...

— Não dispararão, camarada — disse o comandante, esboçando um sorriso. — Se pudessem disparar já teríamos sido atingidos pelo que navega em direcção ao norte. Não podem disparar sem autorização. Têm de pedir autorização, tal como nós .. mas nós já temos essa autorização. Estamos, portanto, em vantagem. Encontramo-nos agora na zona onde o torpedo o atingiu; quando a perturbação cessar, tornaremos a encontrá-lo. E, nessa altura, não nos fugirá.

O “Outubro Vermelho”

Não podiam utilizar o caterpillar. Um dos lados fora destruído pelo torpedo. O Outubro navegava a seis nós, impelido pelas hélices, que faziam mais barulho do que o outro sistema. A situação equivalia a um exercício de protecção de um submarino equipado com mísseis. Mas o exercício pressupunha sempre que os barcos da escolta poderiam disparar para afastar os perseguidores...

— Leme esquerdo, inverter a rota — ordenou Ramius.

— Quê? — exclamou Mancuso, atónito.

— Penso, Mancuso — disse Ramius, observando Ryan para ter a certeza de que ele executava a ordem.

Ryan executou-a sem saber porquê.

— Pense, comandante Mancuso — repetiu Ramius. — Que aconteceu? Moscou mandou um submarino ficar para trás, talvez um barco da classe Politovskiy, um Alfa, como lhe chama. Eu conheço os comandantes deles. Todos jovens, agressivos, compreende? Sim, agressivos. Já deve ter descoberto que não nos afundou. Vai, portanto, continuar a perseguir-nos. Devemos pois recuar como uma raposa e deixá-lo passar.

Mancuso não concordava, bem via Ryan pela sua expressão.

— Não podemos disparar. Os seus homens não podem disparar. Não podemos fugir-lhe porque ele é mais rápido. Não podemos esconder-nos porque o sonar dele é melhor. Vai navegar para leste, tirando partido da velocidade e do sonar para nos detectar. Se navegarmos para oeste, teremos mais possibilidades de lhe fugir. Ele não contará com isso.

Mancuso continuava a discordar, mas tinha de admitir que se tratava de uma manobra inteligente. Extremamente inteligente. Tornou a olhar o mapa. Não era o seu submarino.

O “Dallas”

— O safado passou adiante. Ou ignorou a isca ou fez de conta que não a ouviu. Está de través em relação a nós. Não tardaremos a ser detectados — disse o chefe Lavai.

Chambers praguejou baixinho.

— Bonito! Quinze graus no leme direito.

Pelo menos o Dallas não fora ouvido. O submarino respondeu rapidamente às ordens.

— Vamo-nos pôr atrás dele.

O “Pogy”

O Pogy encontrava-se agora uma milha a bombordo do Alfa. Perseguia o Dallas no sonar e registou a sua mudança de rota. O comandante Wood não sabia simplesmente o que fazer. A solução mais fácil era disparar, mas não podia. Pensou em fazer fogo por sua própria conta; tudo nele o instigava a disparar... O Alfa perseguia americanos... não podia, contudo, ceder ao instinto. Em primeiro lugar, o dever.

Nada pior do que o excesso de confiança, disse consigo, amargurado. A operação fora delineada na presunção de que a rota estaria livre e de que, em caso contrário, os submarinos poderiam avisar o Outubro Vermelho antecipadamente. Estavam a aprender uma lição para o futuro, mas Wood achou que não era a altura indicada para reflectir nisso.

O “V. K. Konovalov”

— Contacto — disse o michman ao microfone. — À frente, quase parado. Navega com hélices a baixa velocidade. Rota zero-quatro-quatro, distância desconhecida.

— É o Outubro Vermelho? — perguntou Tupolev.

— Não sei, camarada comandante. Pode ser um americano. Vem na nossa direcção, penso.

— Raios!

Tupolev olhou em redor. Teriam ultrapassado o Outubro Vermelho! Poderiam já tê-lo afundado?

O “Dallas”

— Ele saberá onde estamos, Frenchie? — perguntou Chambers, de novo no sonar.

— Não sei, sir. — Lavai abanou a cabeça. — Estamos mesmo atrás dele. Só um momento...

— O chefe franziu o sobrolho. — Outro contacto, distante do Alfa. Deve ser o nosso amigo, sir. Meu Deus! Parece que vem para aqui. Navega com hélices, não aquela engenhoca...

— Distância ao Alfa!

— Menos de três mil metros, sir.

— Avante dois terços! Dez nós à esquerda! — ordenou Chambers. — Francês, enviava um ping, mas pelo sonar de alta frequência. A ver se o desorientamos. A ver se acredita que somos nós o Outubro Vermelho.

— Muito bem, sir!

O “V. K. Konovalov”

— Ping de alta frequência à popa! — disse o michman. — Não parece sonar americano, camarada.

Tupolev ficou subitamente perplexo. Teria um americano ao largo? O outro, a bombordo, era certamente americano. Não, tinha de ser o Outubro. Marko era uma velha raposa. Parara e deixara-os passar para poder disparar contra eles!

— Tudo para a esquerda, velocidade máxima!

O “Outubro Vermelho”

— Contacto!—anunciou Jones. — À frente, em silêncio. Um momento... Há um Alfa! Muito perto! Parece que dá a volta... Alguém lhe atira pings do outro lado. Meu Deus, está mesmo muito perto, Comandante, consigo distinguir o ruído do motor e da hélice.

— Comandante — disse Mancuso.

Os dois comandantes entreolharam-se e transmitiram-se uma ideia, como por telepatia. Ramius concordou de cabeça.

— Distância!

— Jonesy, um ping nesse patife!—ordenou Mancuso, correndo à popa.

— Muito bem.

Os sistemas foram activados ao máximo. Jones enviou um único ping.

— Distância mil e quinhentos metros. Ângulo de elevação zero, sir. Estamos ao mesmo nível.

— Mancuso, o seu operador que nos vá dando a distância e a rota! — disse Ramius, accionando vigorosamente o anunciador.

— Jonesy, és o nosso controle de fogo. Não o deixes fugir.

O “V. K. Konovalov”

— Um ping de sonar activo a estibordo, distância desconhecida, rota zero-quatro-zero. O alvo ao largo acaba de medir a distância — disse o michman.

— Qual é? — perguntou Tupolev.

— Muito longe, à popa, comandante. Estou a perdê-lo...

Um deles era o Outubro... mas qual? Poderia correr o risco de disparar contra um submarino americano? Não!

— Solução para o alvo da frente?

— Não é muito boa — respondeu o starpom. — Ele está a manobrar e a aumentar a velocidade.

O michman concentrou-se no alvo, a ocidente.

— Comandante, o contacto à frente não é, repito, não é soviético. O contacto à frente é americano.

— Qual deles? — gritou Tupolev.

— A oeste e a noroeste são ambos americanos. Alvo a leste desconhecido.

— Manter o leme todo à esquerda.

— Leme todo à esquerda — respondeu o timoneiro, segurando a roda.

—O alvo está atrás de nós. Temos de o fixar e disparar ao dar a volta. Raios, vamos depressa de mais. Reduzir para um terço.

O Konovalov era, em princípio, rápido a virar, mas a redução da velocidade fez que a sua hélice se comportasse como um travão, atrasando a manobra. Tupolev fazia, no entanto, o que devia fazer.

Devia apontar os seus torpedos para a rota do alvo e abrandar rapidamente para que o sonar lhe fornecesse informação de fogo rigorosa.

O “Outubro Vermelho”

— O Alfa continua a virar, agora da direita para a esquerda... Os ruídos de propulsão diminuíram um pouco. Reduziu a velocidade— disse Jones, observando o écran.

O cérebro de Jones trabalhava vertiginosamente, calculando a rota, a velocidade e a distância.

— A distância é agora de mil e duzentos metros. Continua a virar. Fazemos aquilo em que estou a pensar?

— Acho que sim.

Jones colocou o sonar activo em ping automático.

— Vamos lá a ver o que ele faz, sir. Se for esperto, continua para sul e desaparece.

— Então, reza para que não seja esperto — disse Mancuso na passagem.—Atrás dele!

— Atrás dele — disse Ryan, perguntando a si próprio se outro torpedo os afundaria.

— Continua a rodar. Estamos agora a estibordo, talvez a estibordo da proa. —Jones ergueu a cabeça. — Vai dar a volta primeiro. Cá estão os pings.

O Outubro Vermelho acelerou para dezoito nós.

O “V. K. Konovalov”

— Já o fixei — disse o michman. — Distância mil metros, rota zero-quatro-cinco. Ângulo zero.

— Aponte — ordenou Tupolev ao imediato.

— Terá de ser um tiro de ângulo neutro. Estamos a rodar depressa de mais — disse o starpom.

Apontou o mais depressa que pôde. Os submarinos aproximavam-se a mais de quarenta nós.

—Só pode ser o tubo cinco! Tubo inundado, escotilha... aberta. Pronto!

— Fogo!

— Fogo no cinco! — exclamou o starpom, carregando no botão.

O “Outubro Vermelho”

— Distância reduzida para novecentos metros. Hélices rodando a alta velocidade, em frente! Vem um torpedo em direcção a nós. Um peixe em direcção a nós!

— Deixa, não percas o Alfa!

— A rota do Alfa é dois-dois-cinco, a estabilizar. Temos de rodar um pouco para a esquerda, sir.

— Ryan, cinco graus para a esquerda, rota dois-dois-cinco.

— Cinco graus no lado esquerdo, rota dois-dois-cinco.

— O peixe aproxima-se rapidamente, sir — disse Jones.

— Deixa! Não largues o Alfa.

— Está bem. A rota continua a ser dois-dois-cinco. A mesma do peixe.

A velocidade combinada neutralizou rapidamente a distância entre os dois submarinos. O

torpedo aproximava-se do Outubro mais depressa ainda, mas tinha incorporado um mecanismo de segurança. Para que não explodissem na plataforma de lançamento, os torpedos só eram activados a uma distância de quinhentos a mil metros do barco lançador. Se o Outubro se aproximasse do Alfa suficientemente depressa, não seria danificado. O Outubro ultrapassara já os vinte nós.

— Distância ao Alfa setecentos e cinquenta metros, rota dois-dois-cinco. O torpedo está perto, sir. Mais alguns segundos...

Jones contraiu-se, lendo o écran.

Klonk!

O torpedo atingiu o Outubro Vermelho na proa hemisférica. O dispositivo de segurança precisava ainda de mais cem metros para ser activado. O impacte desfê-lo em três bocados que o submarino ignorou na sua marcha rápida.

— Não rebentou! — disse Jones, rindo. — Graças a Deus! O alvo continua na rota dois-dois-cinco, distância setecentos metros.

O “V. K. Konovalov”

— Não explodiu? — perguntou Tupolev.

— O dispositivo de segurança!

O starpom praguejou. A distância entre os dois submarinos era pequena de mais.

— Onde está o alvo?

— Rota zero-quatro-cinco, camarada. Constante — respondeu o núchman. — Reduz-se rapidamente.

Tupolev empalideceu.

— Leme todo à esquerda, velocidade máxima!

O “Outubro Vermelho”

— Está a virar da esquerda para a direita — disse Jones. — A rota é agora dois-três-zero, a abrir ligeiramente. Preciso de um pouco de leme direito, sir.

— Ryan, cinco graus no leme direito.

— Cinco graus no leme direito — respondeu Jack.

— Não, dez graus! — disse Ramius, contrariando a ordem de Mancuso.

Ramius, servindo-se de papel e lápis, reproduzira a rota do submarino atacante. Conhecia os Alfas.

— Dez graus no leme direito — disse Ryan.

— Efeito de aproximação, distância reduzida para quatrocentos metros, rota dois-dois-cinco ao centro do alvo. O alvo oscila para a esquerda e para a direita, sobretudo para a esquerda — disse Jones rapidamente. — Distância... trezentos metros. Ângulo de elevação zero, estamos ao mesmo nível. Distância duzentos e cinquenta, rota dois-dois-cinco ao centro do alvo. Já não podemos fugir, comandante.

— Vamos bater! — exclamou Mancuso.

Tupolev devia ter mudado de profundidade. Assim, dependia da aceleração e da manobrabilidade do Alfa, esquecendo-se de que Ramius as conhecia perfeitamente.

—Contacto à nossa frente... Tenho retorno instantâneo, szW

— Segurem-se, vamos colidir!

Ramius esquecera o alarme de colisão. Accionou-o apenas dez segundos antes do impacte.

O Outubro Vermelho atingiu o Konovalov a meio, mais na direcção da popa, num ângulo de trinta graus. A violência da colisão rasgou o casco da pressão de titânio do Konovalov e amolgou a popa do Outubro como se fosse uma lata de cerveja.

Ryan não se segurara com força bastante. Foi projectado para a frente e bateu com a cara no painel de instrumentos. À popa, Williams foi catapultado da cama e seguro por Noyes a tempo de não bater com a cabeça na coberta. Os sistemas de sonar de Jones avariaram-se. O submarino saltou por cima do Alfa, a quilha raspando pela coberta superior do barco mais pequeno, impelido para cima e para a frente pelo impacte.

O “V. K. Konovalov”

O Konovalov era, em princípio, estanque. Na realidade, dois compartimentos abriram-se imediatamente ao mar, e a antepara entre o centro de controle e a popa cedeu quase de imediato, devido à deformação do casco. A última coisa que Tupolev viu foi uma barreira de espuma branca entrando por estibordo. O Alfa rolou para bombordo, virado pela fricção da quilha do Outubro. Em segundos, estava invertido. Em toda a sua extensão, homens e equipamento desmoronaram-se como dados. Metade dos tripulantes afogava-se já. O contacto com o Outubro acabou aqui, quando o Konovalov inundado começou a mergulhar de popa. O último acto consciente do comissário político foi accionar o farol de alarme, inutilmente, porém: o submarino invertera-se e o cabo ensarilhou-se na torre. O único sinal do túmulo do Konovalov era uma massa de bolhas de água.

O “Outubro Vermelho”

— Ainda estamos vivos? — perguntou Ryan, a face sangrando profusamente.

— Hidroplanos para cima! — gritou Ramius.

— Tudo para cima.

Ryan executou a ordem com a mão esquerda, levando à cara a direita.

— Danos — disse Ramius em russo.

— O sistema do reactor está intacto — respondeu Melekhin imediatamente.— O painel de controle de danos acusa inundação na sala dos torpedos... creio. Abri o ar de alta pressão e a bomba foi activada. Devemos subir à superfície para avaliar os danos.

— Da!

Ramius dirigiu-se, coxeando, ao painel dos comandos dos tanques e começou a enchê-los todos de ar.

O “Dallas”

— Meu Deus — disse o chefe de sonar —, alguém bateu em alguém. Ouço ruídos de ruptura ascendentes e estouros de casco descendentes. Não sei a que submarino pertencem, sir.

Os dois motores estão parados.

— Subir à altura do periscópio, já! — ordenou Chambers.

O “Outubro Vermelho”

Eram 16 e 54, hora local, quando o Outubro Vermelho rompeu a superfície do oceano Atlântico pela primeira vez, quarenta e sete milhas a sudeste de Norfolk. Não havia outro barco à vista.

— O sonar não funciona, comandante. — Jones desligou todos os interruptores. — Tudo avariado. Temos os hidrofones laterais e mais nada, uma miséria... O som do sonar activo foi-se e o telefone subaquático também.

— Vai para a proa, Jonesy. Belo trabalho. Jones tirou o último cigarro do maço.

— Sempre que queira, sir... mas saio no próximo Verão. Saio mesmo.

Bugayev acompanhou-o, ainda surdo e chocado devido ao embate do torpedo.

O Outubro vogava à superfície, inclinado à proa e vinte graus para bombordo, devido aos tanques de lastro rasgados.

O “Dallas”

— E esta? — exclamou Chambers, pegando no microfone. — Fala o comandante Chambers. Afundaram o Alfa! Os nossos rapazes estão a salvo. Subiram à superfície. Alerta à equipa de salvamento e incêndios!

O “Outubro Vermelho”

— Está bem, comandante Ryan? — Jones virou a medo a cabeça. — Foi como se tivesse batido com a cara numa porta envidraçada, sir...

— Quando parar de sangrar é que vou ver como estou — disse Ryan, tonto.

— Pois é...—Jones enxugou-lhe os ferimentos com o lenço.— Oxalá nunca lhe torne a acontecer outra, sir.

— Comandante Ramius, posso comunicar com o meu barco, da ponte? — perguntou Mancuso.

— Com certeza. Vamos, talvez, precisar de ajuda.

Mancuso vestiu o dólman e certificou-se de que o seu pequeno rádio de atracar continuava no bolso onde o deixara. Trinta segundos depois, encontrava-se na ponte. Examinou o horizonte e viu o Dallas subindo à superfície. O céu nunca lhe parecera tão belo.

Não conseguia identificar o rosto, a quatrocentos metros de distância, mas tinha de ser Chambers.

— Dallas, fala Mancuso.

— Comandante, fala Chambers. Está tudo bem?

— Está! Mas precisamos de ajuda. Temos a proa metida dentro e apanhámos com um torpedo a meio do barco.

— Estou a ver, Bart. Olhe para baixo...

— Meu Deus!

O buraco, irregular, era à tona de água e o submarino inclinava-se para a proa. Mancuso admirou-se como flutuava ainda, mas não era altura para procurar razões.

— Venha cá, Wally, e traga a jangada.

— É para já. As equipas de salvamento e de incêndios estão a postos. Eu... Lá está o nosso outro amigo — disse Chambers.

O Pogy emergiu trezentos metros adiante do Outubro.

— O Pogy diz que a área está livre. Só cá nos encontramos nós. Já ouvi essa uma vez, não foi? — observou Chambers, rindo tristemente. — E se mandássemos uma mensagem rádio?

— Não. Vamos ver se resolvemos isto primeiro.

O Dallas aproximou-se do Outubro. Minutos mais tarde, o submarino de Mancuso encontrava-se setenta metros a bombordo, e dois homens numa jangada lutavam contra as ondas. Até então, apenas um punhado de homens a bordo do Dallas sabia do que se passara; agora, tudo era do conhecimento de todos. Mancuso via os seus homens apontando e conversando. Que romance!

Os danos não eram tão graves quanto haviam temido. A sala de torpedos não fora inundada, afinal — um sensor avariado pelo impacte dera uma falsa leitura. Os tanques de lastro, à popa, estavam abertos ao mar, mas o submarino era tão grande e os seus tanques de lastro tão subdivididos que apenas mergulhava cerca de três metros à proa. A inclinação para bombordo praticamente não contava. Em duas horas, a ruptura no centro de comunicações fora colmatada e, após uma longa discussão entre Ramius, Melekhin e Mancuso, decidira-se que podiam mergulhar novamente se mantivessem a velocidade baixa e não ultrapassassem os trinta metros. Iam chegar tarde a Norfolk.

DÉCIMO OITAVO DIA

Segunda-feira, 20 de Dezembro

O “Outubro Vermelho”

Ryan encontrava-se outra vez na ponte, graças a Ramius. O comandante russo achava que ele merecia. Em troca do favor, Jack ajudara-o a subir. Mancuso estava com eles. Havia agora uma tripulação americana no centro de controle e a equipa da casa das máquinas fora reforçada, aproximando-se já de um quarto normal. A fuga no centro de comunicações não fora ainda de todo dominada, mas estava acima da linha de água. O compartimento fora escoado e a inclinação do Outubro diminuirá para quinze graus. O submarino continuava inclinado para a proa, situação parcialmente compensada quando os tanques de ’astro intactos foram esvaziados. A proa amolgada dava ao submarino uma esteira bastante assimétrica, mal visível; o céu carregado de nuvens não deixava ver a Lua. O Dallase o Pogy continuavam submersos, ligeiramente à popa, atentos a novas interferências, rumando aos cabos Henry e Charles.

Mais afastado, à popa, um transporte de LNG (gás natural liquefeito) aproximava-se da passagem que a guarda-costeira tinha fechado ao tráfego normal, a fim de permitir à bomba flutuante viajar sem intromissões desde o terminal do LNG em Cove Point, Maryland... pelo menos era essa a versão oficial. Ryan perguntou a si próprio de que modo tinha a Marinha convencido o comandante do barco a fingir uma avaria no motor ou a atrasar fosse lá como fosse a chegada. Traziam seis horas de atraso. A Marinha devia ter sofrido enquanto não os viu subir à superfície quarenta minutos antes, imediatamente localizados por um Orion.

As luzes das bóias vermelhas e verdes saudavam-nos, dançando nas ondas. Ryan identificou adiante as luzes da ponte de Chesapeake Bay, mas não viu faróis de automóveis. A CIA encenara provavelmente um desastre qualquer para a encerrar, talvez um reboque ou dois cheios de ovos ou gasolina... Coisa bem pensada...

— Nunca estive na América, pois não? — perguntou Ryan para quebrar o silêncio.

— Não, nunca estive num país ocidental. Estive em Cuba uma vez, há muitos anos.

Ryan olhou para norte e para sul. Já deviam estar entre os cabos.

— Seja bem-vindo, comandante Ramius. Pessoalmente, sir, estou muito satisfeito por o ter aqui.

— E ainda mais satisfeito por estar aqui — observou Ramius. Ryan riu alto.

— Pode apostar! Mais uma vez obrigado por me ter deixado subir à ponte.

— Você merecia, Ryan.

— Trate-me por Jack, sir.

— Um diminutivo de John, não é? — perguntou Ramius. — John é o mesmo que Ivan, não?

— É, sir, creio que sim.

Ryan não compreendeu por que motivo Ramius se abriu num sorriso.

— Aproxima-se o rebocador — disse Mancuso.

O comandante americano tinha uma vista soberba. Ryan demorou um minuto a ver o barco pelo binóculo. Era uma sombra mais escura do que a noite, aí a uma milha de distância.

— Sceptre, aqui rebocador Paducah. Escuto. Mancuso tirou o rádio de atracar do bolso.

— Paducah, aqui Sceptre. Bom dia, sir. Falava com sotaque inglês.

— Ponha-se atrás de mim, por favor, comandante, e siga-me.

— Muito bem, Paducah. Terminado.

O HMS Sceptre era o nome de um submarino inglês. Devia estar longe, pensou Ryan, a patrulhar as Malvinas ou outra posição distante, e a sua chegada a Norfolk seria um acontecimento de rotina, vulgar, que não levantaria suspeitas. Preveniam-se, evidentemente, contra a desconfiança de algum agente, ao saber da chegada de um submarino estrangeiro.

O rebocador aproximou-se a poucas centenas de metros e começou a guiá-los, a cinco nós. No rebocador acendeu-se uma luz vermelha.

— Oxalá não deparemos com tráfego civil — disse Mancuso.

— Então a entrada do porto não está fechada? — perguntou Ramius.

— Pode andar por aí algum barquito à vela. As pessoas podem passar à vontade pelo porto para o canal de Dismal Swamp e ninguém as consegue apanhar no radar. Furam sempre, por aqui e por ali.

— Mas que loucura!

— Isto é um país livre, comandante — disse Ryan em voz tranquila. — Vai precisar de algum tempo para compreender o que significa a liberdade. É uma palavra que muitas vezes se usa a despropósito, mas acabará por reconhecer como foi sensata a sua decisão.

— Vive aqui, comandante Mancuso?

— Vivo. A minha esquadra está baseada em Norfolk. Tenho casa em Virgínia Beach, lá mais para baixo. Não estarei lá tão cedo. Vão mandar-nos outra vez para trás. Tem de ser. Enfim, mais um Natal que não passo em casa. Ossos do ofício.

— Tem família?

— Tenho, comandante. Mulher e dois filhos. Michael, de oito anos, e Dominic, de quatro. Estão habituados a não ver o pai.

— E você, Ryan?

— Um rapaz e uma rapariga. Espero passar o Natal em casa. Desculpe, comandante... Sabe, vi as coisas mal paradas... Depois de tudo composto, apetece-me comemorar de uma maneira muito especial.

— Vai ser cá uma conta de jantar! — gracejou Mancuso.

— A CIA paga!

— E que vai fazer a CIA connosco? — perguntou Ramius.

— Como lhe disse, comandante, daqui por um ano os senhores estarão a viver as vossas vidas onde quiserem, a fazerem o que quiserem.

— Mais nada?

— Mais nada. Orgulhamo-nos da nossa hospitalidade, sír. Se um dia eu for outra vez transferido para Londres, o senhor e os seus homens serão sempre bem-vindos a minha casa.

— O rebocador vai entrar no porto — disse Mancuso.

A conversa tornava-se demasiado sentimental para Mancuso.

— Dê a ordem, comandante — disse Ramius. Era, no fim de contas, o porto de Mancuso.

— Cinco graus no leme esquerdo — disse Mancuso ao microfone.

— Cinco graus no leme esquerdo — respondeu o timoneiro.

— Muito bem.

O Paducah entrou no canal principal, passou o Saratoga, que se encontrava debaixo de uma enorme grua, e dirigiu-se a um cais com o comprimento de uma milha no Estaleiro Naval de Norfolk. O canal estava absolutamente deserto; só o Outubro e o rebocador navegavam nele.

Ryan perguntou a si próprio se o Paducah teria uma tripulação normal ou constituída na totalidade por almirantes. Seria incapaz de apostar num ou noutro sentido.

Norfolk, Virgínia

Minutos mais tarde, chegavam ao seu destino. A Doca Oito-Dez era uma nova doca seca construída para a manutenção de submarinos equipados com mísseis balísticos da classe Ohio, uma monumental caixa de cimento com mais de duzentos e quarenta metros de comprimento, larguíssima, coberta com um telhado de aço, a fim de que os satélites espiões não pudessem saber se estava ocupada ou não. Fora construída na zona de segurança máxima da base e havia que passar várias barreiras com guardas armados — marines, não os habituais guardas civis — para chegar à doca, quanto mais para entrar nela.

— Tudo parado — ordenou Mancuso.

— Tudo parado.

O Outubro Vermelho abrandava a velocidade havia vários minutos, e duzentos metros adiante parou por completo. O Paducah rodou por estibordo, a fim de lhe colocar a proa. Os dois comandantes teriam preferido entrar sozinhos, mas a proa danificada tornaria a manobra perigosa. Um rebocador movido a diesel levou cinco minutos a alinhar a proa directamente apontada à doca cheia de água. Ramius deu as últimas ordens no seu submarino. Este cruzou a água escura, passando lentamente sob o amplo telhado. Mancuso ordenou aos seus homens que manobrassem os cabos lançados pelos marinheiros na orla da doca e o submarino parou exactamente no meio. Já a comporta que tinham atravessado se fechava e uma cobertura de lona do tamanho de uma vela grande a cobria. Só então as luzes foram acesas. De súbito, um grupo de cerca de trinta oficiais começou a gritar como fãs num jogo de futebol. Só faltava a banda.

— Desligar os motores — disse Ramius, em russo, à tripulação na sala de manobra, acrescentando depois em inglês, com uma nota de tristeza na voz. — Pronto. Cá estamos.

A grua avançou para eles e parou, a fim de levantar a prancha, que pousou cuidadosamente na cobertura do submarino, adiante da torre. Mal a prancha se imobilizou, dois oficiais com listras douradas quase até aos cotovelos atravessaram-na a correr. Ryan reconheceu o primeiro. Era Dan Foster.

O chefe das operações navais saudou o oficial de quarto ao chegar ao extremo da prancha, depois olhou a torre.

— Peço autorização para entrar a bordo, sir.

— Autorização...

— Concedida — adiantou-se Mancuso.

— Autorização concedida — disse Ramius em voz alta.

Foster saltou para bordo e subiu a correr a escada da torre. Não era fácil, porque o submarino estava ainda bastante inclinado para bombordo. Foster ofegava quando chegou ao centro de controle.

— Comandante Ramius, sou Dan Foster.

Mancuso ajudou o CNO a saltar a braçola da ponte. O centro de controle ficou subitamente à cunha. O almirante americano e o comandante russo cumprimentaram-se. Depois, Foster apertou a mão de Mancuso. Jack foi o último.

— Parece que o uniforme está a precisar de conserto, Ryan. E a cara também...

— Tivemos uns problemazitos...

— Estou a ver. Que aconteceu?

Ryan não esperou pela explicação. Desceu sem pedir desculpa. Não era aquela a sua comunidade. No centro de controle, os homens trocavam sorrisos, mas calados, como se temessem que a magia do momento se evaporasse num instante. Para Ryan, já se evaporara. Procurou a escotilha da coberta e atravessou-a, levando consigo tudo o que trouxera para bordo. Cruzou a prancha e nenhum dos que com ele se cruzaram lhe prestou atenção. Dois maqueiros transportavam uma maca. Ryan decidiu esperar na doca por Williams. O oficial britânico não assistira a nada; só recuperara a consciência nas últimas três horas. Ryan fumou o seu último cigarro russo. A maca com Williams deitado foi retirada. Noyes e os enfermeiros dos submarinos seguiam atrás.

— Como se sente? — perguntou Ryan, caminhando ao lado da maca, em direcção à ambulância.

— Vivo — respondeu Williams, pálido e magro.—E você?

— Sinto chão firme debaixo dos pés. Graças a Deus!

— O que ele vai sentir é uma cama de hospital. Gostei de o conhecer, Ryan — disse o médico. — Vamos embora.

Os maqueiros colocaram a maca numa ambulância estacionada junto dos portões enormes. Um minuto mais tarde, desaparecia.

— É o comandante Ryan, sir? — perguntou um sargento marine após fazer a continência.

Ryan correspondeu à saudação e respondeu:

— Sou.

— Tenho um carro à sua espera, sir. Quer fazer o favor de me seguir?

— Vamos lá, sargento.

O carro era um Chevy cinzento-azulado que o levou directamente à Base Aérea Naval de Norfolk. Ryan embarcou aí num helicóptero. Estava tão cansado que não distinguiria um helicóptero de um trenó puxado por renas. Durante a viagem de trinta e cinco minutos até à Base da Força Aérea de Andrews, Ryan sentou-se atrás, sozinho, os olhos fitos no espaço. Esperava-o outro carro que o conduziu directamente a Langley.

Quartel-General da CIA

Eram quatro da manhã quando Ryan entrou finalmente no gabinete de Greer. O almirante estava acompanhado de Moore e de Ritter. Ofereceu-lhe de beber — não café, mas um borbom Wild Turkey. Os três executivos apertaram-lhe a mão.

— Sente-se, rapaz — disse Moore.

— Extraordinariamente bem feito — disse Greer, sorrindo.

— Obrigado. — Ryan tomou um bom gole de álcool. — E agora?

— Agora vamos querer saber tudo — respondeu Greer.

— Não, sir. Agora vou para casa!

Os olhos de Greer brilharam quando tirou uma folha de papel do bolso do casaco e a pousou no regaço de Ryan.

— Tem lugar marcado no primeiro voo para Londres que sai de Dulles às 7 e 5 da manhã. Precisa de tomar banho, mudar de roupa e de ir buscar a sua Barbie Esquiadora.

Ryan tomou o resto da bebida. O súbito ardor do uísque trouxe-lhe lágrimas aos olhos; conseguiu, porém, impedir-se de tossir.

— Esse uniforme passou por um mau bocado — observou Ritter.

— Eu também. — Jack meteu a mão no bolso e tirou uma pistola automática. — E isto também.

— O agente do GRU? Não foi evacuado com o resto da tripulação? — perguntou Moore.

— Sabia da sua existência? Sabia e não me disse nada! Parece impossível!

— Acalme-se, meu filho — disse Moore. — Falhámos os contactos por meia hora. Pouca sorte... Bom, a verdade é que conseguiu! Isso é que conta!

Ryan estava fatigado de mais para gritar, para fazer fosse o que fosse. Greer alugou um gravador e pegou num bloco amarelo, cheio de perguntas.

— Williams, o oficial britânico, está mal — disse Ryan duas horas depois. — Mas o médico diz que escapa. O submarino não foge. Tem a proa metida dentro e um buraco enorme no sítio onde o torpedo o atingiu. Eles tinham razão acerca do Typhoon, almirante. Os russos construíram-no para aguentar tudo, graças a Deus. Sabe, é capaz de haver gente viva no Alfa...

— Uma pena... — observou Moore. Ryan acenou lentamente de cabeça.

— Pois... Não me agrada, sir, deixarmos morrer assim...

— A nós também não — disse o juiz Moore—, não costumamos fazê-lo, mas se lá fôssemos, então tudo o que... tudo aquilo por que você passou teria sido inútil. É isso que quer?

— Uma possibilidade em mil, de qualquer modo — ajuntou Greer.

— Não sei.

Ryan acabou de beber a terceira bebida e sentiu-a. Não esperava que Moore se manifestasse interessado em investigar o Alfa à procura de sobreviventes; Greer, esse surpreendia-o. O velho marinheiro deixara-se corromper por aquele caso — ou, simplesmente, por estar na CIA — a ponto de esquecer o código dos marinheiros. E que teria Ryan a ver com esse código?

— Não sei.

— Foi uma guerra, Jack — disse Ritter, mais amável do que o costume—, uma verdadeira guerra. Você comportou-se bem, rapaz.

— Numa guerra comportamo-nos bem quando chegamos vivos a casa — disse Ryan, levantando-se — e é exactamente isso, meus senhores, que vou fazer. Já.

— Tem as coisas na casa de banho. — Greer olhou o relógio. — Se quiser, ainda tem tempo para se barbear.

— Já me esquecia...

Ryan meteu a mão pelo colarinho, tirou a chave e passou-a a Greer.

— Uma coisinha insignificante, não é? Pode matar cinquenta milhões de pessoas com ela. “Chamo-me Ozymandias, rei dos reis! Vede a minha obra, oh, poderosos, e desesperai!”

Ryan foi à casa de banho, confiante de que só muito bêbado citaria Shelley.

Viram-no desaparecer. Greer desligou o gravador e olhou para a chave na mão.

— Ainda quer levá-lo ao presidente?

— Não, não é boa ideia — disse Moore. — O rapaz está muito amachucado e não admira. Meta-o no avião, James. Mandaremos uma equipa a Londres, amanhã ou depois, para acabar o interrogatório.

— Está bem. — Greer olhou o copo vazio. — É muito cedo para isto, não é?

Moore acabou o seu terceiro copo.

— Também acho. Mas foi um dia magnífico e o Sol ainda não nasceu. Vamos embora, Bob. Temos que fazer.

Estaleiro Naval de Norfolk

Mancuso e os seus homens embarcaram no Paducah antes do alvorecer, a caminho do

Dallas. O submarino da classe 688 partiu imediatamente e submergia antes do nascer do Sol. O Pogy, que não chegara a entrar no porto, completaria a sua missão sem o enfermeiro a bordo. Os dois submarinos tinham ordens para navegar durante mais trinta dias, durante os quais os tripulantes seriam encorajados a esquecer tudo o que tinham visto, ou ouvido, ou imaginado.

O Outubro Vermelho encontrava-se sozinho na doca seca, guardado por vinte marines armados. Não era uma situação invulgar na Doca Oito-Dez. Já um grupo seleccionado de engenheiros e técnicos inspeccionava o barco. As primeiras coisas retiradas foram os livros e as máquinas de cifra. Estariam na Agência Nacional de Segurança, em Fort Mead, antes do meio-dia.

Ramius e os oficiais, com os seus pertences, foram transportados de autocarro para o mesmo aeroporto que Ryan utilizara. Uma hora mais tarde, encontravam-se numa casa segura da CIA, nas colinas ondulantes a sul de Charlottesville, na Virgínia. Foram imediatamente para a cama — todos menos dois homens que ficaram a pé a ver televisão por cabo, entusiasmados já com o que podiam conhecer da vida dos Estados Unidos.

Aeroporto Internacional de Dulles

Ryan não deu pelo alvorecer. Embarcou num 747 da TWA, que partiu de Dallas às 7 e 5, exactamente à hora prevista. O céu estava coberto de nuvens, e quando o avião rompeu, banhando-se no sol, Ryan fez uma coisa que nunca antes fizera. Pela primeira vez na vida, Jack Ryan adormeceu no ar.

FIM